

**REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO  
E GEOGRÁFICO DE SÃO PAULO**

## DIRETORIA:

Presidente Perpetuo	<b>Dr. José Torres de Oliveira</b>
1.º Vice-Presidente	<b>Dr. Álvaro de Sales Oliveira</b>
2.º Vice-Presidente	<b>Dr. Frederico de Barros Brotero</b>
3.º Vice-Presidente	<b>Desembargador Julio Cesar de Faria</b>
1.º Secretario	<b>Prof. João Augusto de Toledo</b>
2.º Secretario	<b>Dr. Carlos da Silveira</b>
Suplentes do 2.º Secretario	<b>Prof. José de Oliveira Oriandi e</b> <b>Sr. Hermes Vieira</b>
Tesoureiro	<b>Prof. Dacio Pires Correia</b>
Orador oficial	<b>Dr. José Carlos de Ataliba Nogueira</b>

## COMISSÃO DE REDAÇÃO DA REVISTA:

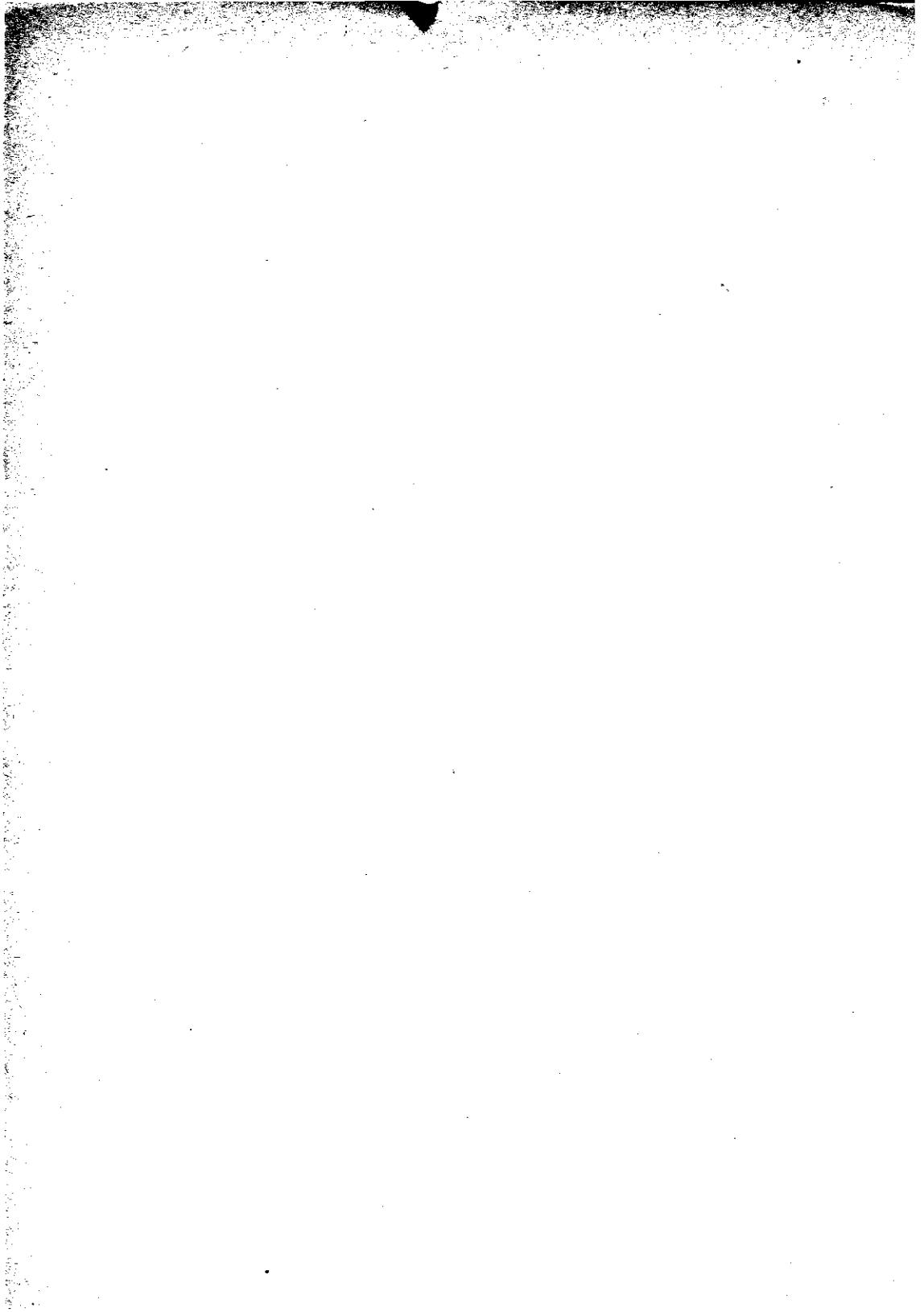
**Dr. Carlos da Silveira**  
**Prof. Nicolau Duarte Silva**  
**Dr. Américo Brasiliense Antunes de Moura**

# REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SÃO PAULO

FUNDADO EM 1.º DE NOVEMBRO DE 1894

VOLUME XXXVIII

EDIÇÃO DO  
INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SÃO PAULO  
JUNHO DE 1940



## Bacharéis de 1889

As 13 horas do dia 18 de novembro de 1939, realizou-se, no salão "Cardeal" do Automovel Clube de São Paulo, um almoço de confraternização, reunindo os sobreviventes da turma que recebeu grau na Faculdade de Direito de S. Paulo no ano de 1889.

Compareceram os seguintes bacharéis: Afonso José de Carvalho, desembargador aposentado da Corte de Apelação de São Paulo; Calimerio Nestor dos Santos, juiz de direito aposentado; Gabriel Vilela de Andrade; Hipólito Pacheco Alves de Araujo, embaixador; José Carlos Dias Torres de Oliveira, presidente perpetuo do Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo; Oduvaldo Pacheco e Silva, embaixador; Otavio Ferreira do Amaral e Silva, ex-secretario de Estado; Antonio Alberto de Almeida Correia, advogado; Artur Moreira de Castro Lima, diplomata; Ernesto Rudge da Silva Ramos e Horacio Leão Belfort Sabino, banqueiros.

Como convidado de honra, o sr. dr. Sebastião Soares de Faria, diretor da Faculdade de Direito de S. Paulo, abriu a serie dos discursos, improvisando a seguinte saudação:

"A Faculdade de Direito de São Paulo, cuja direção é hoje por mim exercida, rejubilando-se com esta solenidade, teve imensa satisfação de receber a visita dos seus antigos alunos às novas instalações, si bem que estas lhes tenham, naturalmente, causado certa magoa, certa saudade, pois não encontraram nas velhas e tradicionais Arcadas aqueles claustros do antigo Convento em cujo edificio tiveram a fortuna e a felicidade de formar e aprimorar os seus espíritos.

O SR. HORACIO SABINO — "Não resta dúvida, entretanto, que tudo está magnificamente substituído. (*Muito bem!*)

O SR. SOARES DE FARIA — "A direção das Arcadas, contudo, procurou conservar o que havia de mais tradicional e

de mais intensa significação, velando pelos símbolos históricos da Faculdade de Direito de S. Paulo. Quando se quer falar da nossa Faculdade, é comum dizer-se: "as tradicionais e gloriosas Arcadas". Por isso mesmo, as Arcadas foram conservadas, e esperamos que a ação do tempo se exerça e acentue sobre elas, para que, dentro em pouco, ao entrarmos na nova casa, possamos percorrê-la com a mesma impressão que nos legaram aqueles vetustos e tradicionais recantos dos tempos dos meus prezados colegas de 1889 e, também, dos meus saudosos tempos de aluno.

"As solenidades com que os bacharéis de 1889 relembram o passado têm, para nós, alta significação. E' comum, hoje, renegar-se o passado, como si fosse possível viver sem o passado (*Muito bem! Muito bem!*), tirar de nós aquilo que recebemos desde o início da nossa vida e que, inconscientemente, está em nós, porque a força extraordinária da nossa vida não é sinão o influxo do que adquirimos, do que herdamos. (*Muito bem!*)

"Não é possível realizar grandes coisas no futuro sem c amor, sem a devoção ao passado (*Muito bem!*), o qual é a fonte de onde saem todas as glórias do presente, e as forças propulsoras do futuro.

"Pensando assim, bem podeis imaginar o gaudío, a alegria, o entusiasmo com que todos os antigos colegas são recebidos na nossa velha Casa; e formulo votos para que essas visitas se amiudem e se incentive o culto à Faculdade de Direito, procurando-se sempre velar pelas tradições gloriosas das nossas vetustas Arcadas, que, hoje, renovadas, conservam sempre o mesmo encanto e fazem lembrar a mesma tradição histórica."

\*

\* \*

Em seguida, pede a palavra o dr. Artur de Lima e Castro, para fazer a seguinte declaração:

"Pediram-me colegas nossos que se formaram em 1889, — os drs. Américo Ludolf, Camilo Soares de Moura Junior, Edmundo Veiga, Edmundo Lins e Francisco Mendes Pimentel, — que eu declarasse neste almoço que eles estão mentalmente presentes e que, no Rio de Janeiro, onde se encontram, seguem o mesmo programa fixado para as nossas comemorações. Assim é que foram hoje à missa na matriz da Candelaria, visitaram depois o

túmulo de um companheiro que se formou conosco e, por fim, devem estar reunidos num dos restaurantes prediletos dos estudantes cariocas.

“Impossibilitados de comparecer, esses nossos dedicados companheiros se associam à nossa festa e dela compartilham em cerimônias semelhantes e simultâneas.”

\*  
\* \*

O dr. Ernesto Ramos lê, a seguir, telegramas, cartas e cartões dos drs. Paulo da Silva Prado, Barnabé de Carvalhais Sobrinho, Francisco Mendes Pimentel, Pedro da Mata Machado, Edmundo Veiga, Américo Ludolf, Luiz Barbosa Gonçalves Pena, Pânfilo da Assunção, Edmundo Lins e Francisco Brant, escusando-se por não poderem comparecer ao almoço e dando seu apoio ao programa comemorativo.

O telegrama do dr. B. F. de Carvalhais Sobrinho foi enviado de Pau, França, onde reside, e está assim redigido: “Abraço vivos. Choro mortos.”

O sr. Ernesto Ramos informa, ainda, que o dr. Carvalhais Sobrinho faria celebrar, naquela cidade francesa, no Santuário de Nossa Senhora de Lourdes, uma missa por intenção dos bacharéis falecidos.

\*  
\* \*

Passa, então, o desembargador dr. Afonso José de Carvalho, a ler o discurso oficial de que foi incumbido pela comissão promotora da comemoração:

“Meus amigos:

“José Torres de Oliveira bem merece que o saudemos com carinho, gratos por sua iniciativa e esforço na efetivação desta reunião cordial. Para congregar os bacharéis restantes de 1889, publicou ele de *motu proprio* uma notícia algo surpreendente para alguns das colegas ainda vivos, para os parentes de outros já falecidos, e até para alguns dos membros da comissão que nomeou. Interpelado sobre esses atos discricionários, respondeu calmamente que os tempos eram novos e não poderia ele reali-

zar com urgencia em novembro um ato desejado por todos os bacharéis sobreviventes de nossa turma, si estivesse com meias-medidas, a procurar informações previas e certas sobre os colegas espalhados por todos os recantos do país. Além do mais, si eliminara alguns amigos, ressuscitara outros em compensação.

“Razão teve, e grande, o ilustre presidente perpetuo do Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo. Todos nós desejávamos esta festa comemorativa. Mas só ele satisfez o nosso anseio, trazendo-nos a confessar implicitamente, com a reunião, uma idade que o vulgo chama de avançada e melhor diria valente, pois não é pequena façanha havermos defendido, durante sete décadas, esta coisa seria denominada vida, e carregado sem desfalecimento a responsabilidade do diploma recebido no nascedouro da República. Bem haja o nosso Torres! Bandeirante da saudade, ele aqui nos congrega, para contemplarmos do alto, em visão retrospectiva, a paragem distante onde vimos no original pessoas e coisas de que esta geração só logra noticia por leituras ou pela tradição oral. Sem dúvida não há mérito em havermos sido, ao menos até o ano de nossa matrícula, contemporaneos de Vitor Hugo, ou havermos visto de verdade as barbas brancas do segundo imperador do Brasil. Não se nos devem aplausos por termos admirado em carne e osso o nosso Carlos Gomes, quando ele, de cabeleira leonina, moreno, olhos refulgentes de gloria, em seu regresso do velho mundo, recebia as ovações do povo paulistano. De nós não dependeu o havermos nascido antes do último quartel do século passado. Mas, o caso não é de merecimento e sim de prerrogativas da idade, vantagem que a geração nova não nos tira. Por mais que imaginem, jamais poderão os novos ressentir a curiosidade satisfeita dos adolescentes de outrora, quando, ali por 1880, viam passar pela rua da Imperatriz o vulto garboso de Luiz Gama, o apóstolo da propaganda abolicionista, alto, espaduzado, de sobrecasaca parda, o rosto muito negro sob a cartola clara ou sob o chapéu castor a que aludia a musa brejeira de Raul Pompéia. Por mais que o queiram, eles não poderão gozar a emoção de ouvir a insigne Sarah Bernhardt no palco do antigo teatro do largo da Assembléia, ou de ouvir as deliciosas operetas estrangeiras vertidas para o vernáculo ou de ouvir as engraçadas zarzuelas em adaptações de Garrido e outros. Não aplaudiram os trágicos Emanuele e Rossi, nem escutaram a voz dos tribunos da propaganda abolicionista e republicana, como não ouviram as primicias do verbo



condoreiro de Brás Machado ou o ruflar dos primeiros vôos do estro alcantilado de Vicente de Carvalho. Só em fotografias poderão ver a cidadezinha antiga, o São Paulo das serenatas, a Paulicéia do entrudo e dos bondinhos de tração animal, a cidade dos túlburis e dos quiosques, das casinhas terreas com beiraís, do Canudo do Jardim e da Ilha dos Amores toda florida nos braços do Tamanduateí.

“Mas não é, caros colegas, para incutir inveja aos novos que aqui nos reunimos, e sim para lembrarmos a convivência de amigos e de mestres no decurso de 1885 a 1889, ao tempo em que este mesmo que ora nos reúne aparecia ao lado de seu irmão na esquina do largo de São Francisco, ambos altos e esguios, ambos de colarinho fechado e também alto, apertados em sobrecasacas, o *rond* daquele tempo, ambos de chapéu duro, enquanto um de nós proferia a frase costumeira: “Lá estão as duas torres.” Era esse o tempo em que, à porta da Academia, aguardando as badaladas de um velho sino, entretínhamo-nos em conversação alegre sobre coisas e fatos do momento. Um dos primeiros concorrentes à prosa era o Pânfilo da Assunção, de face redonda, moreno e gordo, envolvido em enorme capa espanhola, a dizer-nos com ênfase os progressos que ia realizando nas matérias do ano. Vinha também logo o Edmundo Lins, muito friorento, a tiritar no mês de junho, mãos enterradas nos bolsos do sobretudo, negando-se ao cumprimento do Deusdedit, sob pretexto de que as mãos estavam muito quentinhas, e de que, si ele fazia questão do aperto, pegasse-lhe o cotovelo. Muito assíduo era também o outro Edmundo, o Veiga, pouco falante, mas interrompendo sempre algum condiscípulo massante com lhe dizer de repente, fosse qual fosse o assunto da palestra: “Por falar nisso, dá cá um cigarro.” O saguão enchia-se de cavaqueadores. Víamos o Mata Machado, sempre de cabeça alta, algo solene, a perguntar-nos si não tínhamos lido ainda as *Notas Políticas da Gazeta de Notícias*. Frequentemente juntos, o Adail de Oliveira e o Francisco Brant projetavam fundações de clubes e jornais; o Isaías Vilaça e o Arlindo Carneiro combinavam ao lado algo contra os calouros; o Barnabé Carvahais, de grosso bigode e topete, comentava com um colega discursos parlamentares; protótipo da cortesia, o Vladimir Mata, muito alto, magro e moreno, apertava-nos efusivamente as mãos, perguntando-nos pela saúde da família, do papai, da “senhora sua mãe”, das irmãs, e assegurando-nos estimar deveras o bem-estar de todos

os nossos; todos os colegas certo se lembram do Luiz Rangel de Freitas, enrolado, como o Pãfilo, em ampla capa espanhola, mas ele menor que ela, e coberto por isso mesmo até aos pés, a referir, lá de dentro dela, episódios de operetas e a cantarolar os trechos mais apreciados das partituras. Permaneciam também no saguão o bigodudo Fernando Vilela de Andrade e o irmão, Gabriel Vilela de Andrade, o futuro fazendeiro; o João Luiz Alves e o Carlos Peixoto, já muito afeiçoados à política; o Castro Lima, de barba em ponta, e o elegante Pacheco e Silva, ambos já com ares de embaixadores; o Ernesto Ramos, sempre alinhado, guardando uma atitude fidalga, que levaria pela vida afora, até ao banqueiro de hoje, que todos prezamos; o Otavio Mendes, já então muito estudioso; o Castilho e o barbudo Matusalem, tal como apelidávamos o latinista Artur Cesar de Lima; o operoso Horacio Sabino, que nos taquigrafava as lições; o Afonso Arinos de Melo Franco, futuro brilhante narrador das *Lendas e Tradições*, e tantos e tantos outros, dos quais bem poucos ainda vivem para esta festa de confraternização.

Naquele tempo, vós bem o sabeis, a frequencia das aulas não era muito grande, e variava de sala em sala conforme a materia ensinada e conforme o professor. Parece-me que poucos apreciavam o Direito Commercial e preferiam ouvir os discursos retumbantes de Leite Moraes. Outros amavam a linguagem correta de Dutra Rodrigues, de Rubino e Dino Bueno, e outros, ainda, o sistema especial privativo de cada mestre. Não ouvimos as lições de Brasílio Machado, nem de João Monteiro, nem de Justino de Andrade, em vista de substituições e de alternativas havidas então em varias cadeiras. Muitos de nós levávamos cadernos para apontamentos de aula; mas, tais cadernos nem sempre continham anotações jurídicas. Julgo-o por mim, pois desgarrava por vezes das lições, para lançar impressões de momento. E permití que vos leia o que, em certo dia de junho de 1888, escreví a lapis na aula de Direito Commercial. Talvez algum de vós se lembre das pequeninas cenas aí traçadas e que só têm valor pela documentação da disposição de ânimo em que nos achávamos nesse dia. Eis os apontamentos:

"Isto não vai a matar. A cadeira está hoje muito cacete, e não se entende quasi nada, e o melhor é ver o que se passa em torno de mim. Faz frio, mas a sala parece ir amornando aos poucos. O Antonio Carlos fala hoje mais baixo que de costume e deixa ouvir o tique-taque do relógio lá atrás. As caras denotam

preguiça e sonolencia. O Pânsito, embrulhado em sua grande capa, não tira o olhar, através dos óculos, da testa luzidia do lente. Quem vê aquilo pensa que ele está prestando muita atenção, que está aprendendo de verdade. Por isso, o Antonio Carlos olha para ele de preferencia. Perto dele, o Pimentel escreve, sem parar, no caderno. Serão mesmo apontamentos jurídicos? Duvido. Creio mais que ele esteja descrevendo algum dos passeios de canoa dados com o Adjuto pelo Tietê abaixo. De mãos enterradas nos bolsos da calça, o Arlindo se descuida do chale-manto, e este lhe vai escorregando pelo ombro. A seu lado, o Bernardo Veiga, de olhos muito arregalados, mostra uma feição de quem hoje amanheceu na pindaíba. O Melo Franco bocejia. O Edmundo Veiga, *idem*. A cara do Aimberé está hoje única! Ele avança a cabeça para diante, com os olhos semi-mortos de sono, e faz um esforço heróico para prestar atenção. Atrás dele, o Vladimir Mata, encolhido no canto do banco, de braços cruzados, quasi encosta a cabeça na parede. Aquilo tambem é sono e do bravo. O Pimentel chamou-me hoje a atenção para a bigodeira do Carvalhais. Realmente, que profusão! E que seriedade! Mais grave que ele, só o Mata Machado, com suas costeletas compridas e o seu ar de magistrado feliz. Aquí, na minha frente, o Emiliano Pernetta, com o corpo em abandono e sua jaquetinha de 1842, já se voltou três vezes para olhar as horas no relógio de parede. Tem os olhos injetados de sangue, cheios de sono. Este rapaz não aguenta mais! Neste momento, o Martins diz alguma coisa ao ouvido do Sampaio, e ri-se muito, escondido por trás do colega da frente. Espio o que o Edmundo Lins está escrevendo a meu lado em seu caderno e só diviso umas figuras. Ouve-se um ruido. E' o Torres moço que deixou cair o guarda-chuva. Ele e o Vladimir abaixam-se ao mesmo tempo, afim de apanhá-lo, e entreolham-se com vontade de rir, sem poder. O Antonio Carlos voltou para o lado deles o olhar de papagaio. O Eduardo Guimarães, aquí, à direita, passa disfarçadamente a mão por trás das costas do Edmundo Veiga e faz-lhe cócegas em baixo do braço. O Veiga se encolhe todo, sem deixar de olhar para o lente, com medo de que ele perceba a brincadeira. A lição está terrivelmente cacete. O Edmundo solta um suspiro angustiado. O Pernetta assoa-se com estrondo e volta-se mais uma vez para o relógio da parede. Mostra um olhar apavorado! Eu tento prestar atenção à preleção. Esforço inutil."

Aquí paravam as notas do dia. E eu seria incapaz de imaginar que, meio século depois, viria lê-las num banquete para alguns dos queridos colegas nella's figurantes. E, si me animei a fazê-lo, foi porque esses condiscipulos não se mostraram na vida prática sonolentos e distraídos, e, pelo contrario, conseguiram galhardamente galgar a culminancia da magistratura da União ou dos Estados, e brilho nas letras nacionais, no alto magisterio, na política, na advocacia e em cargos de relevo e representação. As notas por mim tomadas revelam, ao mesmo tempo, que nós temíamos desagradar a nossos mestres, ocultando as brincadeiras inevitaveis, uma ou outra vez, durante as aulas. Aliás, nós não tínhamos queixa alguma de nossos lentes, que eram, em geral, competentes e bondosos, não obstante a aparente austeridade de alguns deles. Os meus amigos de-certo se lembram da fisionomia enérgica do Dutra Rodrigues, expositor de Direito Romano, com seus óculos, sua barba negra, quasi sem bigodes, a lhe darem o ar do conde Cavour. Ele, na cátedra, falava apressadamente, em linguagem correta, a cabeça sempre erguida, com altivez natural. Em certos momentos da preleção, dilatava um pouco as pálpebras, como que para dar mais realce ao argumento. O dr. Vicente Mamede, tambem austero, olhava por trás de óculos escuros, sob as grandes sobranceiras, curvado na cadeira, com a linha dos ombros como que saída dos ouvidos, desaparecido o pescoço. Dois grandes traços ao lado das asas do nariz pareciam dois soldados esguios a montarem guarda ao bigote forte de cossaco. O dr. Mamede ensinava bem, mas tinha o hábito de dar a palavra a cada autor que citava. "Agora, eu dou a palavra ao Conselheiro Ribas..." "Tem agora a palavra o Conselheiro Lafayette..." "Agora vamos ouvir Dalloz, para que refute o conselheiro..." O dr. Benevides, lente de Direito Natural, lembram-se por certo os colegas, usava cabeleira, era imberbe e gordo, sempre pálido. Inclina-se na cátedra, e falava depressa, com periodos curtos, incisivos. Nos intervalos da frase, apertava um pouco os labios e depois os desatava, mostrando a polpa um momento, e os recolhia de novo, como si tomasse o gosto a um confeito. Frequentemente abria parênteses para combater as idéias positivistas e republicanas então em voga. Ele não admitia inovações nos mundos político, social e religioso. Representava irredutivelmente a ordem conservadora das coisas. Suas proposições soavam no ambiente como decretos sem discussão. Eram afirmativas ou negativas em que abundava

o verbo *ser*. Isto era' isto, aquilo era aquilo... O dr. Benevides personificava o Dogma, o Absoluto, a fulgurar lá em cima, intangível, como norma política, jurídica e social. Nada de objeções, nada de rebeldias do pensamento. As coisas já haviam sido dispostas previamente e sabiamente, e não havia necessidade alguma de novo exame para inovações perniciosas. O positivismo era o Mal, o grande inimigo, e o dr. Benevides arrojava-lhe de vez em quando uma comparação candente. Lembro-me de que, certo dia, para mostrar as consequências prováveis para a sociedade humana da adoção das teorias comtistas, comparou a *agremiação futura dos homens positivos à sociedade dos cães vagabundos em plena liberdade de ação*. Nós gostávamos de ouvir essas invectivas, por vezes engraçadas, porque aqueciam de repente o ambiente esfriado pelos blocos de gelo dos preceitos dogmáticos. Nenhum de nós esquece também, por certo, a figura imponente do Leite Moraes, lente de Direito Penal, com seu topete, a sua ampla testa, a sua longa barba negra, fidalga como a dos tempos de Pedro Álvares Cabral. Discursava com ênfase na cadeira, a voz poderosa, trocando os *rr* por *ll*, em frases como esta, nos exemplos de delitos: "O homem que empunha uma *alma* de fogo e a *descalega* contra o seu desafeto..." E não perdia jamais o tom declamatorio, em qualquer assunto, arredondando os periodos, agradando sempre, em suma. Outro mestre era, sem dúvida, Rubino de Oliveira, moreno, meio calvo, algo *poseur*. Falava contraindo um pouco os labios, o que às vezes produzia o sibilar dos *ss*. Dição correta, porte cheio de dignidade, bondoso para com todos. Republicano histórico, ardoroso, não gostou, entretanto, da falta de reação popular contra a mudança de regime. De acordo com as praxes, tendo eu feito o meu exame oral no quinto ano, precisamente três dias após a proclamação da República, fui no dia seguinte à casa dele, levar-lhe agradecimentos e despedidas. Ele estava carrancudo, e, certo momento, deu-me a confiança de perguntar-me o que pensava dos acontecimentos. Respondi, supondo lisonjeá-lo, que a República parecia bem aceita, a julgar pelo aluvião de adesões procedentes de todos os pontos do país. E, com enorme surpresa minha, ele atirou-me irritado esta frase: "Qual adesões, qual nada! Isto, o que é, sei eu: é uma vergonha! Onde se viu mudar um regime político de tantos anos sem um protesto sequer, sem uma pequenina reação? Que confiança se pode ter num povo assim?"

E continuou por aí fora, a desabafar, enquanto eu me encolhia todo, calado, numa atitude de réu, como si fosse culpado de haverem expulsado facilmente o Imperador do Brasil.

“Lembremos ainda, meus amigos, as aulas de praxe de Dino Bueno, esse bem novo ainda no corpo docente, mas já mestre insigne, muito fluente, verdadeira torrente de palavras que nos impressionava. E lembremos também o Cônego Andrade, nosso lente de Direito Eclesiástico, envolto em sua negra batina, de larga testa, os cabelos corredios e lisos precipitados para uma das orelhas. A boca era também larga, e ele comia letras, substituiu os *jj* por *zz*, dizendo por exemplo *origem da igreja*, em vez de “origem da igreja”. Era cardíaco, irritadiço, impressionável. Prova-o o fato acontecido na aula, alguns dias depois da bomba atirada por um estudante contra uma banca examinadora da Escola Normal. Um negrinho, ajudante do jardineiro, que trabalhava nas eiras contiguas à grande sala, vendo, lá de fora, tanta gente a escutar atentamente um padre, entendeu de meter de repente a cabeça por uma janela baixa lateral, e pôs-se, de olhos muito arregalados, a fitar o cônego. Este, dando com o preto, recuou a cabeça e silenciou, com a respiração mais apressada, sem perder de vista o importuno. O negrinho retirou-se, e o padre ia recomeçar a preleção quando o garoto voltou a enfiar a cabeça pela janela. Então, foi um grande susto. O padre afastou instintivamente o busto para a direita, exclamando, em voz alta, a olhar de soslaio para a esquerda: “Que quererá este moleque comigo?” Felizmente, o negrinho desapareceu de vez. No fim do ano, por terem alguns moleques trepado em casuarinas no cemitério da Consolação, para ver melhor, por ocasião dos discursos em torno do túmulo de José Bonifácio, o mestre, confundindo-os com os alunos, desabafou no dia seguinte, que era o de prova escrita de Direito Eclesiástico. Havendo um dos examinados perguntado ao presidente da banca onde deveria lançar a sua assinatura, eie achou nisso o pretexto desejado e começou de menear a cabeça, enquanto murmurava: “E’ isto! Em vez de estudarem, andam a trepar pelas árvores, a saltar daqui para alí como bois!”

“Pela liberdade do ensino, irregularidade da frequência e, talvez, por outras causas, não se comunicavam muito as turmas umas com as outras, salvo em ocasiões de manifestações coletivas que reclamavam a solidariedade da classe acadêmica. Somente pelos periódicos, ainda numerosos, de estudantes, se conhecia, em nosso tempo, do movimento intelectual da Faculdade.

Nesse movimento, deveis lembrar-vos, predominava sobre a arte literaria a propaganda politica republicana e abolicionista, em contraste com os orgaos monarchistas, fundados em anos anteriores, como *O Constitucional*, *O Liberal* e *A Ordem*, verdadeiros guardioes da tradiçao. As ideias reformistas atraiam mais, como era natural, o espirito dos rapazes, de sorte que, em meio dos artigos-de-fundo conciliadores e graves de Morato, Urbano Marcondes, Sebastiao Medrado e tantos outros, pululavam as ideias revolucionarias de Diana Terra na *Sentinel*, de Veiga Filho na *Democracia*, de Joao Ribeiro Junior na *Revista Republicana*, de Herculano de Freitas, Paula Novais e Alfredo Pujol em varios periodicos, e mais de Alfredo Duarte, Artur Itabirana e Airosa na *Onda*, Pedro Afonso Junior no *Evolucionista*, Furtado Mendonca, Rodolfo Faria e Pereira das Neves em *A Pena*, Emiliano Pernetta e Artur de Castro Lima na *Vida Semanaria*, e ainda outros. Contra a incredulidade reagia Estevo de Almeida pela *Reaçao*, defendendo os postulados da fe catolica. Mas, ao lado desses campeoes politicos, havia a imprensa dedicada de preferencia a arte literaria, como essa *Vida Semanaria* dos nossos discipulos Pernetta e Castro Lima, a *Revista Literaria* de Rangel de Freitas e Horacio Sabino, tambem de nossa turma, a *Galeria Ilustrada* e a *Folha Academica*, ainda de nossa turma, com exceçao de Carvalho Mourao. Este periodico foi fundado por Adail de Oliveira, muito auxiliado por Francisco Brant, e eram redatores esses dois e mais o Edmundo Lins, Teodoro Machado, Carvalho Mourao e eu. Nao obstante a critica impiedosa de Alfredo Pujol, que pela *Galeria Ilustrada*, acusava a imprensa academica de falta de gramatica e decadencia, ele mesmo reconhecia aparecerem de vez em quando artigos politicos e literarios excelentes e versos bem regulares que se podiam ler, dizia ele, "sem receio de indigestao". Em verdade, havia em nosso tempo alguns bons estilistas na Academia, entre os quais Joao Augusto Fleury, cujos contos possuam trechos humoristicos de apurado gosto. Em um deles, por exemplo, falando do receio de um seminarista em ferias de reagir contra um rival corpulento que lhe tomara a namorada e o chamara de cachorro, ele pos na mente do ofendido estas consideracoes: "Cachorro! Ele disse que eu era um cachorro! Oh meu Deus! Jamais ouvi alguem chamar-me assim! O Marcos ja ia longe levando consigo a desolada Luizinha e eu quedava-me ainda tremulo, pensando no punho cerrado do Marcos,

calculando que aquele pulso era talvez muito forte e que minhas ventas eram certamente muito frageis!" Deveis tambem lembrar-vos do estro brejeiro de Pedro Cardim, dos versos fluentes de Eduardo Chaves, o grande latinista nosso contemporaneo, do qual dizia o Braguinha: "Aquele sujeito é coisa muito boa!" E era-o efetivamente. E o Ganganelli o descrevia como um rapaz alto, moreno, magro e narigudo, com muita gesticulação e a dizer: "Sou louco, rapaz, por um charuto!" Alguns de nossa turma pouco escreveram enquanto estudantes e se tornaram no entanto, posteriormente, legítimas glorias nas letras do país. Basta que nos lembremos de Paulo Prado, o futuro erudito historiador paulista, e de Afonso Arinos, o beletrista insigne, que, em minhas notas de aula, em 88, eu conhecia só pelo nome de Melo Franco. E deixai-me confessar um pecado: eu não me simpatizava muito, a principio, com esse nosso condiscípulo, por haver ele, certa vez, requisitado para a sala grande uma pequena mesa, afim de tomar sobre ela, como tomou de fato, as suas anotações de aula. Esse desejo simples de comodidade, eu o interpretei, naquele tempo, como intoleravel pretensão de privilegio sobre nós; e, durante muitos anos, interpunha-se, entre meu coração e os escritos do xará, a tal mesinha. E eu ficaria privado de conhecer os finos labores de Afonso Arinos, si um dia, por acaso, estando eu exercendo a judicatura em comarca longinqua deste Estado, não me caísse sob os olhos este maravilhoso trecho estampado em poliantéa mariana dedicada a Nossa Senhora de Lourdes: "No perigo, na dor, nas aflições, o nome de Nossa Senhora explode de nossos corações como gesto instintivo de defesa. E nessa exclamação que a todos se afigura apelido de socorro, não há sinão o sinal de presença divina em cada um de nós. No nosso grito inconciente chamando pela Virgem Maria, não somos nós quem fala: é Ela que nos desperta, pois Ela está sempre junto de nós, na partícula do coração que resta pura ou no ponto da consciencia que ainda não escureceu." Procurei depressa a assinatura: era de Afonso Arinos. E tratei, desde então, de adquirir as obras admiraveis do glorioso patricio.

"Eu desejava dizer-vos algo a respeito dos demais condiscípulos, com alguns traços característicos e episodios. Mas seria monopolizar o tempo e prejudicar as vossas evocações, onde, certo, como nas minhas, se entrelaçam lembranças não somente de companheiros da turma como dos que a ela se relacionavam. Nas notas de aula, por exemplo, que há pouco vos li, eu aludí ao



Garcia Adjuto, não de nosso ano, mas amigo íntimo do Mendes Pimentel. Era um rapaz talentoso, alto, magro, muito pálido, com órbitas profundas dentro das quais luziam dois olhos negros. Privava também com o João Fleury, do qual ouvi um episódio a respeito dele, que vos peço a permissão de referir. Certo dia, numa "república" de estudantes, um condiscípulo pertencente a distinta família perguntou de repente, à queima-roupa, ao Adjuto: "Porque será, ó Garcia, que lhe chamam de coruja?" Houve um silêncio diante da inconveniência, não só porque corria mesmo a notícia do apelido, devido àquela palidez e àqueles olhos, como porque todos sabiam que o Adjuto não deixava nada sem uma boa resposta. Mas essa resposta não veio depressa. O Adjuto começou a passear pela sala, de mãos atrás das costas, até que estacou diante do interpelante e atirou-lhe esta frase: "Olhe cá. Você é quem me está chamando de coruja. E eu lhe digo: si você se refere àquele benemérito educador, o José Álvares Pereira Coruja, cuja gramática anda pela mão de toda a juventude brasileira, eu me honro muito com o aparelido, fique sabendo. Mas, si você alude àquela ave agoirenta que mete medo de noite às crianças, então perdoe que lhe diga: coruja é a excellentíssima senhora sua avó."

"Mas, como ia dizendo, deixo-vos a vez de falar sobre o tempo em que possuíamos o cabelo negro, o buço ou bigode negro, ou ainda a barba negra como a do Matusalem, do Paranaguá, do Castro Lima, do Almeida Correia e de outros. Cabelos, barba, bigodes estão hoje transmudados em fios de prata ou em blocos de neve, que o tempo nos concedeu sem que o pedissemos, o que redundou em um imposto. Mas este é equitativo, consolador. Todos nós, uns mais, outros menos, pagamos tributo à idade. Mas reparai que não falo em velhice. Devemos evitar essa feia palavra, que muito menos se deve definir. Aquí, como no Direito Civil, a definição *periculosa est*. Si fôssemos obrigados a dar uma definição, somente deveríamos acolher a que Lavedan colocou na boca de um de seus personagens: "Velhice é a idade a que ainda não se chegou", definição resumida por um judicioso abade nestas palavras: "Velhice é o Amanhã, e mocidade é o Hoje." Pois bem; não cogitemos muito do dia de amanhã. Pensemos, antes, na relatividade e na periodicidade regular das coisas. Em 1889, quando fechávamos nossos colarinhos enormes, enfiávamos a sobrecasaca ou a simples jaqueta e púnhamos na cabeça o chapéu duro de duras abas, não nos passava

pela mente a idéia de um dia, em outro São Paulo, um São Paulo de arranha-céus, podermos celebrar o nosso jubileu de formatura. Ora, da mesma forma, esses valentes rapazes, que hoje se formam na Faculdade de Direito, não pensam que um dia, em 1989, poderão celebrar o transcurso de meio século de atividade. E, si o celebrarem, também poderão aludir à geração de 2039, época excelente, na qual os paulistanos tomarão a um canto do corredor um par de asas para ir dar um giro antes do almoço ao Rio de Janeiro, com a mesma facilidade de hoje, quando tomamos do chapéu e da bengala para uma volta pelo Triângulo. Não nos afadiguemos e nos consolemos. E, assim conformados, depois de havermos homenageado a memória dos companheiros queridos que tombaram, celebremos aquela mesma solidariedade acadêmica de outrora, solidariedade de todos os tempos, que há sido a força dos que viveram e dos que vivem na atmosfera saudavel das arcadas, na Faculdade de Direito de São Paulo.”

O orador, que proferiu o seu discurso com emoção, vê as suas últimas palavras abafadas por prolongada salva de palmas, sendo felicitado por todos os colegas.

\*  
\* \*

Encerrou o ágape comemorativo o dr. José Torres de Oliveira, cuja saudação, feita de improviso, foi a seguinte:

“Exmo. Sr. Dr. Diretor da Faculdade de Direito. Colegas.

“Graças a Deus! — começemos por estas palavras (*Muito bem!*) — conseguimos festejar o 50.º aniversario da nossa formatura! Devemos render especiais graças ao Senhor por este favor imenso de nos haver concedido a vida até ao dia de hoje. Já prestamos homenagens aos nossos mestres e aos nossos discípulos que tombaram na estrada da vida, e, agora, encerramos as comemorações com esta verdadeira festa, representada pelo banquete que neste momento nos reúne.

“Já li, algures, que nos banquetes são tomadas, às vezes, as decisões mais transcendentales para a direção da sociedade e das proprias nações. Posso ainda lembrar, sem irreverencia, que o proprio Cristo, Salvador do mundo, ao tratar de instituir o sa-

cramento, pelo qual ficou perpetuamente ligado aos homens, convocou o collegio apostólico para uma ceia. Foi, com efeito, no decurso da Ceia, que se instituiu o Santíssimo Sacramento da Eucaristia.

“Desejo convidar os meus colegas para um compromisso que seja o remate desta festividade. Todavia, antes de fazê-lo, quero lembrar que todos os nossos colegas vivos participam desta festividade, alguns pessoalmente, outros por delegação, outros por meio de cartas. Maurilio Fleury, que eu supunha residente em Goiaz, como desembargador do Tribunal de Justiça, acaba de enviar-me um cartão retificando o meu equívoco, pois que, há três anos, vive ele na Capital da República, como presidente aposentado do Tribunal de Justiça de Goiaz. O fato de ter sido enviada a circular de convite para aquele Estado fez com que Maurilio Fleury soubesse demasiado tarde das nossas comemorações. Mesmo assim, no cartão que me enviou, pergunta-me o que devia fazer para participar do nosso ágape. Não pude atender-lhe, mas devemos considerá-lo presente, pois presente estaria si não fossem estas circunstancias.

“Tambem o nosso prezado colega Benedito Castilho de Andrade não se encontra conosco neste almoço, mas assistiu à missa e nos acompanhou na visita que fizemos à Faculdade de Direito.

“Volto, agora, às minhas palavras relativas ao compromisso que, firmemente, sinceramente, irrevogavelmente, devemos tomar em torno desta mesa: *o de nos reunirmos em 1949, no mês de novembro, para festejarmos as bodas de diamante da nossa formatura.*

“E seja-me permitida outra referencia especial: devemos ter uma palavra de carinho para o ilustre diretor da Faculdade de Direito, Dr. Sebastião Soares de Faria, que tanto abrilhantou com sua presença as nossas festividades (*Palmas prolongadas*). Sua participação neste almoço muito nos honra e comove, e as palavras que pronunciou tocaram nossos corações. Agradeço-lhe, em nome de todos os colegas, a honra insigne de seu comparecimento e, pelo conforto que nos deram, as palavras com que lembrou a velha Academia, aquele templo augusto que bem poderia ter sido poupado pela força do progresso... Porém, ainda mais nos desconsoa a destruição da tradicional Igreja do Collegio, pois ali se fundara São Paulo, ali teve inicio a vida do Brasil. Como a Igreja, a Faculdade de Direito

devia também prestar seu sacrificio à marcha dos anos. Mas, à destruição do passado oponhamos a recordação da nossa vida acadêmica. Reverenciemos, com todo o fervor, esse passado distante que criou o presente para conquista do futuro.”

\*

\* \*

Finalmente, o dr. Horacio Sabino propõe que os sobreviventes da turma passem a reunir-se todos os anos e que o dr. José Torres de Oliveira tome a si o encargo de promover esses almoços anuais, no dia 18 de novembro.

A proposta foi acolhida com uma salva de palmas e marcou o encerramento do almoço comemorativo.

*(Taquiografia de A. Voigtlaender, pelo sistema Horacio Sabino).*

# Uma viagem a Goiás em 1867

*Frederico de Barros Brotero*

Publico a seguir, com algumas notas explicativas, varios documentos relativos à viagem a Goiás, empreendida em 1867 por meu pai, Dr. Frederico Dabney de Avelar Brotero, falecido em 9 de janeiro de 1900.

## DIARIO

Saí de São Paulo a 16 DE FEVEREIRO DE 1867, data em que foi entregue ao tráfego a estrada-de-ferro de Jundiáí. Cheguei à noite, em companhia de Vitorino de Brito (1), Ângelo Agostini (2), Américo de Campos e Pascau (3).

*Dia 17* — Falhei em Jundiáí e jantei com o médico Dr. Moisés.

*Dia 18* — Partí cedo e almocei em Rocinha (4), chegando a Campinas às 2 da tarde. Pousei no hotel de José Las Casas (Hotel Campineiro). Chegamos a Campinas debaixo de um sol abrasador. Meus companheiros de viagem: Vicente Pataco, Porfirio José de Moraes (de Santos), Ângelo Garcia de Sousa Ramos, João Xavier de Moraes. Conheci a artista Adelaide e Pedro Joaquim: moram no mesmo hotel. Encontrei-me

---

(1) Amigo de meu pai desde a infancia.

(2) Fundador e diretor dos primeiros jornais humorísticos de São Paulo, como o *Cabrião*, *Polichinelo*, *Diabo Coxo*, etc. Trabalhou depois na *Revista Ilustrada*, do Rio de Janeiro, onde se celebrou. Faleceu há anos na Capital Federal.

(3) Não descobri quem fosse.

(4) Era pouso obrigatorio para quem seguia de Jundiáí a Campinas. Quando fazenda, chamava-se Cachoeira (nome que até hoje conserva). Pertenceu a Joaquim da Silva Prado, depois ao seu genro Rodrigo Monteiro de Barros. Hoje pertence a d. Leontina, filha de Lucas Monteiro de Barros e neta de Rodrigo Monteiro de Barros. Logo que a estrada-de-ferro alcançou a fazenda e surgiu a estação, Lucas de Barros dividiu-a em lotes e formou uma vila que teve logo notavel incremento.

com o sr. Honorio Ferreira, que me pediu cem mil réis emprestados. Despesa no hotel: 13\$000.

*Dia 19* — Mudei-me para o hotel do Pedro Alexandre. Conta no hotel do Las Casas: 13\$000. Pala de brim pardo: 8\$000. Ao camarada: 2\$000. Despesa do trem de viagem: 38\$000. Capa para chapéu: 3\$000.

*Dia 20* — Falho em Campinas, à espera do meu companheiro de viagem, sr. Antonio Honorio Ferreira (5), inspetor da Tesouraria Geral, que me foi recomendado pelo Aureliano Tavares Bastos. Não chegaram os animais do Honorio, e tive de falhar ainda hoje, continuando no hotel do Pedro Alexandre. À noite, fui para o Teatro, onde se representava a "Graça de Deus", fazendo o papel de "Comendador" o Pedro Joaquim. Recebi uma carta de Papai, que pagou a conta do Rocha, uma letra de 402\$000 endossada pelo Correia de Sá.

*Dia 21* — Parto para a fazenda "Quilombo", do sr. Luiz de Queiroz, onde me era mais facil e econômica a espera. Ainda não chegaram os animais do sr. Honorio, e, como não posso continuar a fazer despesas no hotel e a maltratar os animais, depois do almoço vim para o "Quilombo" da fazenda do sr. Luiz de Souza Queiroz. Cheguei aí e não o encontrei, mas fui recebido com muito agrado pelo escrivão, sr. Leite. Sai da cidade de Campinas com o Joaquim Carlos, Vicente Pataco. Distancia da fazenda: três leguas. Trouxe o soldado Honorato.

*Dia 22* — Falho na fazenda. Levo duas bestas de sela, que custaram 320\$000, compradas ao Coronel Fortunato, de Faxina; três bestas de carga a 90\$000, arreadas — 270\$000, compradas ao sr. Antonio Prado, de Jundiá. Levo um camarada (Vicente), o moleque do mesmo nome e um soldado que deve me acompanhar até Minas. O Honorio, que devia ir até Sorocaba, voltou e seguiu para diante.

---

(5) Meu pai, que nunca saíra da cidade de São Paulo, com justa razão, receava fazer essa viagem longa sem um conhecido, sem uma pessoa de confiança, quando recebeu uma carta de seu amigo Tavares Bastos apresentando-lhe o sr. Honorio, que seguiria para Goiaz com a máxima urgencia, a fim de assumir o lugar de inspetor da Tesouraria da Fazenda, cargo hoje equivalente ao de delegado-fiscal. A viagem, que estava marcada para fevereiro, foi apressada para 16 de janeiro, não só porque meu pai contava, então, com um companheiro que trazia uma apresentação de Tavares Bastos, como porque meu avô insistia para que partisse o mais breve possível. O companheiro não era lá dos melhores, como sem demora veio revelar-se, oferecendo a meu pai muitos momentos desagradáveis.

*Dia 23* — Parto para a fazenda dos Três Irmãos (6), dos filhos do Queiroz Teles (Barão) (7), onde pousei e encontrei o sr. Honório. 4 leguas. Saimos cedo do “Quilombo” e fomos ter à fazenda dos Três Irmãos, que pertence aos filhos do Comendador Queiroz Teles. Aqui pousei, com longa prosa, até tarde. Encontro do moleque do Queiroz Teles, com um bilhete aberto em procura do moço ruivo que se tinha perdido na estrada da Limeira.

*Dia 24* — Saimos muito cedo e paramos algum tempo na cidade de Moji-Mirim; passamos o Moji-Guaçu em companhia do sr. Guerra, de Catalão, e um moço da Bagagem (8), e fizemos pouso em Santa Cruz, em casa de Antonio Joaquim de Siqueira.

*Dia 25* — Pouso na Lagoa (9), rancho do meio de João José da Rocha. Pela primeira vez, durmo em rede e em rancho aberto, em companhia de tropeiros. Até aqui, não tem chovido; o sol é escaldante.

*Dia 26* — Saimos à tarde e passamos no Aterrado, em casa de uma mulher barbada e pernóstica, Silvana de tal. Paramos na cidade de Casa Branca, em casa do Dr. Juiz Municipal, e fomos dormir fora da cidade, no rancho do Soares. Dei ao sr. Honório 61\$000; estamos quites de contas.

*Dia 27* — Almoço na Boa Vista, em casa de um sr. Mafra. Tínhamos tenção de passar na Boiada (10), mas, por

(6) Propriedade na atual estação de Ressaca. Pertencia aos irmãos Antonio de Queiroz Teles (depois Barão e Visconde de Parnaíba, Manuel de Queiroz Teles e José de Queiroz Teles.

(7) Trata-se do Barão de Jundiá, figura de realce da numerosa família do mesmo nome.

(8) Cidade importante do Triângulo Mineiro.

(9) Este pouso existe até hoje, perto da estação do mesmo nome na estrada-de-ferro Mojiana. E' muito frequentado pelos boiadeiros que procuram Moji-Guaçu, lugar de grandes invernadas e mercado de gado. Perto da estação há duas lagoas que nunca secam. Até aqui, a estrada ou roteiro seguido por meu pai foi mais ou menos acompanhando o atual traçado da linha Mojiana. Boa Vista já fica um pouco à direita do ramal de Ribeirão Preto, mas é porque a ferrovia se encaminha para a esquerda, enquanto a rodovia segue direção bem mais reta, rumo ao norte.

(10) Afluente do Rio Pardo, perto da estação Santos Dumont. Daqui, os itinerantes rumaram a estrada à direita, até alcançar Cajurú, cidade que até hoje não possui estrada-de-ferro. Desta localidade a estrada desvia-se de Batatais e encaminha-se diretamente para Franca. Aí há dois caminhos: um, direito a Bagagem e a Catalão; e outro, paralelo à Mojiana, que deixa a estrada geral. No arraial da Rifaina, hoje com estação da Mojiana, este último caminho foi abandonado por meu pai, que tomou o da direita, dirigindo-se para a cidade mineira do Sacramento.

engano do camarada, tivemos de fazer uma jornada de 9 1/2 leguas e pouso no Catingueiro, rancho de Miguel de tal. Noite horrível pelo mau pouso e, ainda mais, porque o moleque e o soldado João ficaram atrás, perdidos no mato próximo. Saimos de Casa Branca às 6 horas e chegamos às 10 no pouso da Boa Vista, pertencente ao sr. Mafra. Célebre almoço de peixe. Levantamos acampamento às 12 e meia, com intenção de ficarmos na Boiada. Os camaradas com as cargas tinham seguido para' diante, e tivemos necessidade de caminhar até 8 da noite. Passamos uma mata horrível. O moleque e o soldado João, tendo ficado atrás, para tocar os animais, erraram o caminho, e dormimos fora de nossa comitiva. Passamos no Catingueiro, em casa do sr. Miguel, rancho aberto, sujo, perseguido por porcos e pulgas. Frio insuportável, principalmente na rede onde dormi.

*Dia 28* — Tivemos de esperar o moleque, para encontrar duas bestas sumidas no mato. Levantamos o pouso às 5 da tarde e, às 6 mais ou menos, chegamos ao Cajurú. Encontramos uma grande comitiva, que acompanhava um casamento, e fomos convidados, para tomar alguma coisa, por um fulano Conceição, vulgo Pedro Mestre. Ficamos aí, no rancho de José Faustino. O estafeta do correio entregou-me uma carta do Rio, de Iaiá. Dei ao Honorio 50\$000.

**DIA 1.º DE MARÇO** — Saimos de Cajurú, cedo. Marcha de 5 leguas até o Servo, de João Garcia. Sol muito quente e o caminho de areia. Pouso na fazenda do mesmo Garcia. Parei na povoação para fazer um requerimento. O Honorio, apesar do calor e cansado, quis seguir logo para a fazenda, onde deveríamos pousar, daí a 1 legua. Eu fiquei, e mais tarde lá fui puxando o animal. Fazenda de João Garcia, velho "vinagre" que só fala em Paraguai, Lopez (processado).

*Dia 2* — Saimos do rancho velho de Joaquim Antonio de Macedo, onde fiquei só até 4 horas da tarde, com o soldado. Jantei às 4. Seguí para o Pitanguí, de um sr. Burití, ou coisa que o valha. No caminho, grande dificuldade, por causa de um atoleiro. Desgostei-me do meu companheiro. Não dormi no rancho, mas em casa de um alfaiate de Franca. Tive ocasião de conhecer o genio imperioso (e insolente) de meu companheiro, que me deixou por capricho.

*Dia 3* — Chegamos à cidade da Franca, e pousei em casa do sr. Juiz de Direito, Dr. Inacio Guimarães. Grande celeuma na cidade, por causa das designações de Guardas Nacionais



para a guerra. O Juiz de Direito fez uma reunião em sua casa, para tratar do assunto. Fiz um discurso animando o povo. Escreví para São Paulo. Vigário Cândido Martins da Silveira Rosa. Dei ao sr. Honorio 50\$000.

*Dia 4* — Falho na Franca. Começa a chover. Hospitalidade amavel do Dr. Guimarães. Encontrei o Martins da Cunha e sua mulher, d. Leopoldina. Grande questão de ajuste de camarada; finalmente, tomei a resolução de contratar um por minha conta.

*Dia 5* — Primeiro dia de chuva. Até aqui levamos calor e seca nunca vistos. Resolvemos, depois de muitas consultas, deixar a estrada de Uberaba e seguir pela Bagagem. Ajustamos um guia, Francisco José de Assiz, por 40\$000. Mais tarde reconhecemos o erro de nossa resolução. Com o intuito de encurtar a marcha, deixamos a estrada geral em busca da fazenda Monte Alto, de Joaquim Gomes Branquinho, onde chegamos tarde, com chuva, tendo errado o caminho duas ou três vezes. Fomos bem recebidos, mas deu-se um episodio cômico: o dono da fazenda cedeu-me a sua cama, e no dia seguinte declarou-me que estava muito doente, com umas sarnas gálicas, e, abrindo o peito da camisa, mostrou-me uma grande chaga. Estréia de meu ponche de borracha, problema sobre botas. Andamos hoje 7 leguas e paramos na fazenda Monte Alto. À chegada, à noite, desespero do sr. Honorio; aspecto fúnebre da fazenda; chuva continua.

*Dia 6* — Grande chuva; os animais não apareciam, e, quando montamos a cavalo, eram 11 1/2. Saimos tarde, e paramos em casa de João Damasceno Branquinho, e pouso no arraial de Santo Antonio da Rifaina, em casa de João Venancio de Moraes, que nada nos quis cobrar pela hospedagem. O arraial é pequeno e dominado pelo sr. Pereira Damasceno. Andamos 4 leguas.

*Dia 7* — Chegamos ao Rio Grande ao meio-dia. Tivemos de passar em balsas, com grande demora e maçadas e, ainda, com chuva. Passamos no porto da Rifaina. Pouso na fazenda do sr. Inacio da Silva, denominado "Rifaina". Nada cobrou. Paramos em casa do sr. Pereira. Compra de marmelada.

*Dia 8* — Grande "trovoada" do Honorio com o camarada Chiquinho. Saímos tarde e passamos a vau o córrego da Rifaina. Parada na povoação de Sacramento, em casa de uma pobre mulher que nos obsequiou com café, etc. Pouso na fazenda da "Taquara", dirigida por Joaquim Ribeiro. Casa pobre e

com doentes de sarna. Compra de milho. Muitos fazendeiros fazem mudança da estrada, só para venderem milho.

*Dia 9* — Saimos às 7 1/2 da manhã. Almoço em casa do sr. Manuel José Alves, ausente, mas fomos recebidos por sua mulher, rústica mas amável. Pousou na fazenda "Rio Claro" (11), do sr. Antonio Pedro da Cunha, e fomos recebidos pelo seu genro, o sr. João Dário Damasceno. Surpresa desagradável. Depois de 4 leguas, chegamos em casa do Manuel José Alves, quando o almoço ia para a mesa. Receberam-nos sua mulher e filhos. Episódio dos dentes postiços. Asseio nas casas mineiras. A negra que me chamou de patricio. À noite, mostrei meu album brincando com cartas. Persevejos.

*Dia 10* — Saimos tarde e paramos no Jatubá. Pousou na povoação de Ponte Nova do Rio das Velhas (12), em casa de José Machado Miranda. Queríamos sair muito cedo, mas foi preciso esperar o almoço de marmelada e pamonha. Dois caminhos: o Chapadão, mais longo e sem moradores, e por baixo, com vantagem das casas, porém caminho ruim, desigual, sem córregos. Votou-se pelo Chapadão.

*Dia 11* — Longa jornada e pousou na fazenda do sr. Antonio Barnabé José Cardoso. Insipidez do dia. 8 leguas. Grande tempestade à noite.

*Dia 12* — Andamos só duas leguas e pousamos na cidade da Bagagem, em casa de Francisco Antonio Guerra, nosso conhecido da estrada. Bom tratamento. A cidade tem de comprimento três leguas e é dividida em comercios. Bons predios. Diamante e emigração de gente ordinária. Era necessaria uma "madrinha". Pasto caro, a uma pataca por animal. Novo sortimento para o caminho.

*Dia 13* — Saimos depois do almoço e paramos em casa do sr. Pedro da Chapada. Pousou na fazenda de José da Silva Rezende, excelente homem. Depois de 4 1/2 leguas, paramos em casa do sr. Pedro da Chapada. A mulher, a principio, não nos quis receber nem dar hospedagem, prestando a ausencia do marido, até que, o sr. Honorio agradando as crianças, dando bonecas, etc., recebemos café. Dormimos na fazenda "Laginha", do sr. Rezende. Despesa de milho e café: 3\$000.

(11) É um ribeirão que se junta com o Pindaiba, desembocando no Rio das Velhas. Recebe na margem esquerda o córrego Guariba, que banha a actual estação de Palestina.

(12) Pequena povoação à margem do rio das Velhas.

*Dia 14* — Despedi meu camarada que trouxe da Franca, Francisco José de Assiz, pagando-lhe 40\$000. Passamos hoje o rio Parnaíba, no porto da Mão de Pau, e fomos almoçar em casa do sr. Tenente Manuel Cavalcanti da Silva Bezerra, administrador do Posto, pernambucano. Pouso em casa do sr. Alferes Joaquim Inacio Carneiro. Finalmente, pisamos em territorio goiano, saltando o rio Parnaíba. Ainda as barcas. O Tenente Bezerra e sua filha, que foi musa do Bernardo Guimarães e noiva do Coelho Bastos. Bom almoço. Saida por um caminho estreito, tendo pela frente um cavalo peado, que deu trabalho ao Cavalcanti. Admiravel a primeira vista o pernambucano por aquí, mas a pepineira...

*Dia 15* — Saida cedo, e fomos pousar na cidade de Catalão, primeira povoação de Goiaz, em casa do negociante Juca Guerra, com quem travamos relações em viagem. À noite, prosa com o Dr. João Coelho Bastos, juiz de direito. Marcha de 4 leguas, e fomos nos hospedar em casa de um negociante português, José Pereira Góuveia Guerra. Para estarmos a gosto, fomos dormir em uma casa defronte, com a nossa bagagem e camaradas. Prosa, tambem, com o juiz municipal Cavalcanti. Voltarete à noite. A cidade é pequena e feia.

*Dia 16* — Falhamos em Catalão e gastamos o dia inteiro em prosa com o juiz de direito. Voltarete. À noite, trovoadas e tempestade. Célebre aventura do ponche branco. Razão da falha: ferrar burros.

*Dia 17* — Pouso no Sal Queimado, em casa do Serafim. Casa pequena e suja. Armamos a rede sobre a palha de milho. 4 leguas. No caminho paramos em casa de uma velha, que nos obsequiou e citou-nos o *Monitor*. Observação que fiz sobre o espirito de opposição. Tomamos um camarada, um soldado bom e forte.

*Dia 18* — Andamos unicamente 3 leguas e viemos pousar na barra do Veríssimo. Grande chuva. A nossa bagagem passou o rio em canoa, e ficamos de outro lado. Por caiporismo, mandamos a bagagem para o outro lado, e justamente hoje é que a chuva nos veio visitar, carrancuda. Eu, que já previa, fiquei na margem oposta. Casa horrivel, pequena; por cima da cabeça, uma esteira com rapaduras que se derretiam e melaram todo o meu cobertor. Conversação entre o soldado e o estafeta. Privilegio curioso de uma negra sobre a passagem do rio. Passagem da boiada, canto dos carreiros. Despesa: Passagem do rio — 3\$000. Milho, café, queijo — 1\$600.

*Dia 19* — Passamos o rio às 11 da manhã, e andamos 5 leguas, pousando no arraial do Vaivem, em casa do professor público sr. Paulino Mamede. Para almoçar, tivemos necessidade de atravessar o rio, e fomos surpreendidos por forte chuva. Os camaradas foram se agasalhar debaixo dos couros e eu meti-me dentro de um carro: é uma arca de Noé, trazem a casa consigo. Aquí, conheci o Dr. Antonio Eusebio Martins Moura. Os animais tardaram em aparecer. Às 11 horas, montamos a cavalo, andando 5 leguas em 4 horas e chegando à freguesia do Vaivem. Não estava o vigário, e fomos pedir pouxada ao professor público. Ac chegar à povoação, um touro bravo atropelou-me a besta pampa. Presente de açúcar e boa hospedagem, sem despesas.

*Dia 20* — Pouso no Palmital, 5 leguas de marcha, casa do Capitão João Vaz da Costa. Aquí encontramos o vigário do Vaivem, Antonio Francisco Povoas, por quem saímos acompanhados e que se dizia muito serio, mas que nos queria desfrutar. Chegada, já à noite, de uma tropa. Ficamos como sardinha em tijelas, goteira em cima da minha cama. Noite de anedotas. Grande tempestade.

*Dia 21* — Constando-nos que um córrego próximo não dava passagem, por muito cheio, paramos até tarde. O vigário nos acompanhou grande parte do caminho. Passamos o ria Corumbá em uma balsa péssima, e pouso em casa de d. Eulalia Anhanguera. Encheram por tal forma os ribeirões, que tivemos necessidade de esperar até 2 horas. Andamos 3 leguas, passamos pelo rio Corumbá, lugar pitoresco e a balsa sofrível. Dormimos em casa de d. Eulalia Anhanguera, descendente do descobridor desta provincia, Amador Bueno, o Anhanguera, e que tem o privilegio concedido pela Assembléia Provincial de cobrar a passagem do rio. Aquí conheci o bicho "barbeiro". Projectamos sair adiante dos cargueiros até Bonfim, e lá esperar-mos a bagagem. Sem despesas.

*Dia 22* — Parada no Sumidouro, fazenda de Maria das Dores e Sousa. Caminho péssimo; 5 leguas, pouso nos Baús, de Antonio Gonçalves de Araujo Bastos, que nos recebeu com pouca hospitalidade. Fui dormir no Engenho. Dia de contratempos. Saimos cedo, e, logo adiante da casa do sr. Sobrinho, o sr. Honorio, ao passar um ribeirão, deu com as costelas nagua. Ficou burlada a ida ao Bonfim. Dia de chuva e sol. Encontro de coalhada e leite, na fazenda do Sumidouro, por um escravo, Joaquim. Pouso nos Baús, onde pela primeira vez deparamos uma

mulher cruel e que não nos quis dar agasalho. Com a chegada do irmão, sempre nos foi permitido armar a rede no engenho, juntamente com os escravos da casa. A mulher nada tinha, exceto pimenta.

*Dia 23* — Almoço no "Campo Aberto", casa de d. Jacinta. Pousou no Melo, marcha de 5 leguas.

*Dia 24* — Saimos cedo, pousou na cidade do Bonfim, em casa do Tenente-Coronel Francisco José da Silva. Marcha forçada de 8 leguas. O Tenente-Coronel, bom sujeito, de boa prosa, variada, espírito observador. O professor público, sr. Honorato, seu genro. A cidade é pequena, com grande excavações ao redor, porém bem situada.

*Dia 25* — Falha no Bonfim. Assistimos à festa e fomos ver um depósito de víveres comprados por ordem do governo para nossas forças no Coxim. Juiz de Direito, Nicolau Afonso de Carvalho. Ouví missa' (Domingo de Anunciação), e estive com o vigário, tipo original, estuporado, que canta a epístola de cadeira. O juiz de Direito tem a mania de horticultura e tem um lindo jardim e uma mobília de mogno. E' este o município que mais tem socorrido a desastrosa expedição do Coxim.

*Dia 26* — Parada no Piracanjuba e pousou no lugar denominado Dona Antonia, casa do João Antonio Ferreira. Episódio do chá, que não conhecia. Prosa prolongada.

*Dia 27* — Dia calamitoso. Marcha com chuva copiosa. Pousou na casa da viúva Godói, Três leguas debaixo de chuva sem cessar. Completamente molhados, e não houve remédio senão ficarmos completamente nus. A muito custo, um pouco de feijão. Peloticas, com grande susto dos caipiras. Pousou horrível, que aceitamos por ser já noite e não haver outro tão perto. Encontro com o sr. Cassiano, de Catalão.

*Dia 28* — Pousou na estalagem do sr. Joaquim Alves, que pertenceu a Luiz da Costa Teixeira. Grande engenho, mas abandonado; ruínas de uma grande propriedade. Entramos hoje no Mato-Grosso — grande mata de muitas leguas e acima de toda e qualquer descrição. A estalagem é um grande estabelecimento que denota o atraso e decadência desta Província. Um engenho monstro, casa imensa, hoje sem valor. Querem comprá-lo para aproveitar as telhas e madeira. Grande demora no jantar, e à noite grande quantidade de morcegos.

*Dia 29* — Continua' o mau tempo. Pousou no Sapezal, casa de Manuel José Louredo. Encontramos dois carros com marmelada de Santa Luzia. O caminho, medonho. Almoço de fei-

jão em casa de um rico fazendeiro. Brutalidade ou vinagreira?... Chuva que se torna mais desagradavel e perigosa no mato. Os caminhos cada vez peores. Há grande quantidade de carros, com 12, 14 bois, para atravessar esta mata; só no Brasil... Fazenda do Louredo em tempo de moer cana. Grande festa dos camaradas e grande quantidade de marmelada de Santa Luzia; 40 arrobas e cada caixa de 4 libras a 1\$200. Bom pouso; a-pesar-de estarmos no mato grosso, os pousos têm sido de primeira ordem.

*Dia 30* — Parada no Samambaia. Casa da viuva d. Vicencia da Costa. Córregos cheios; cargas na cabeça dos camaradas. Pouso no Retiro Viuva Maria Soares; tudo ruim. Ainda chuva. A viuva Vicencia, boa velha. Vi um idiota perfeito — a imagem de Quasímodo. Já tarde, quando paramos em casa de outra viuva: casebre indecente, onde, para entrar, é preciso pular uma cerca. Antes, tivemos necessidade de atravessar um ribeirão a nado, de sorte que chegamos cansados, furiosos. Boa cama, com mantas, coxinilhos, etc.

*Dia 31* — Mais um córrego a atravessar a nado. Almoço na Paciencia, de Miguel de tal. Sol abrasador. Pouso na fazenda do Monjolinho, de João Luiz Brandão, parente próximo da mulher do meu companheiro de viagem, Antonio Honorio Ferreira, casado na Capital. Engenho de açúcar. Excelente velho.

DIA 1.º DE ABRIL — Almoço na freguesia de Curralinho, em casa do alferes José Maria da Silva Caldeira. Aquí, falhamos.

*Dia 2* — Entrada em Goiaz.

Despesas feitas com a minha viagem para Goiaz: 3 bestas de carga compradas ao sr. Antonio Prado, 270\$000; 2 bestas de sela do Fortunato, da Faxina, 320\$000. Diversas despesas com preparos, 463\$000. Soma: 1:053\$000.

## NA CAPITAL DE GOIAZ

Sobre a chegada de meu pai a Goiaz, eis uma noticia do *Monitor*, jornal de opposição ao presidente da Provincia, o qual, depois de referir-se à chegada do Sr. Honorio Ferreira, prossegue:

No mesmo dia (2 de abril de 1867) chegou o sr. Dr. Frederico Dabney de Avelar Brotero, Juiz de Direito nomeado para a comarca do Paraná, companheiro de viagem do sr. Hono-

rio (Ferreira) na jornada de São Paulo a esta Capital. Prestará juramento no dia 4 do corrente.

A urbanidade e maneiras polidas deste senhor conquistaram nossas simpatias; com prazer lemos e transcrevemos do *Correio Paulistano* o seguinte:

“Moço distinto pela sua illustração, pelo seu carater, e delicadeza do trato, já conhecido como íntegro e honesto na carreira da magistratura, que iniciou nesta Capital com geral aplausos no emprego de Promotor Público, o sr. Dr. Frederico Brotero há de sem dúvida ser na Comarca do Paraná uma garantia do Direito e da Justiça.”

Nota do *Jornal do Governo*:

No dia 3 prestou juramento e entrou em exercicio do cargo de inspetor da Tesouraria da Fazenda, o sr. Honorio Antonio Ferreira.

No dia 4 prestou tambem juramento o sr. Dr. Frederico Dabney de Avelar Brotero, juiz de Direito nomeado para a comarca do Paraná.

São dois cavalheiros distintos pela sua intelligencia e seu carater, que hão de perfeitamente exercer os cargos para que foram nomeados.

---

## CARTA DE MEU PAI À SUA MÃE

Desculpa em forma de prólogo:

*La vie, l'isolement, l'abandon, sont des champs de bataille qui ont leurs héros: héros obscurs, plus grands parfois que les héros illustres... Nobles triomphes qu' aucun regard ne voit, qu' aucune renommée ne paie, qu' aucune fanfarre ne salue...*

(Victor Hugo — *Os Miseraveis*).

Como Mamãe sabe, ao sair de São Paulo, nutria o grandioso projeto de escrever-lhe uma minuciosa descrição da minha homérica jornada: em mente, já fantasiava um volume em oitavo, recheado de observações curiosas, de ditos picarescos, de dados estatísticos, com episodios galantes, acabado com esmero e arte; uma produção digna da luz da publicidade.

Mas qual! Si é agradável planejar castelos, é bem difficil realizá-los, e esse, delineado sobre a areia, bem depressa foi

varrido pelas brisas da tarde. Neste caso, a brisa consiste na minha decidida negação para escrever, mais desenvolvida nestas cálidas e longinquoas terras goianas, onde tudo será ardente, menos o amor ao trabalho. Não é caçoada, estou piamente convencido de que este diabólico clima exerce uma influencia deletéria e immediata sobre o físico do homem, e muito mais sobre as faculdades de espírito. Tudo convida e incita a levar-se uma vida de contemplação e indolencia, e creio mesmo que isto entrou nos planos da natureza, tanto que ella se incumbê de fornecer com mãos pródigas o suficiente para satisfazer as necessidades dos habitantes desta zona, já desconfiando de seu trabalho e actividade.

O goiano não precisa de tecidos para acautelar seu corpo das intemperies do tempo; o frio é uma entidade desconhecida e só invocada para desmamar crianças. A qualquer pobre diabo, si quizer saciar a fome, é bastante entrar no mato, e aí encontra caça e peixe de primeira qualidade; tem à sua disposição frutas nutritivas e saborosas: o jatubá, o jaracatiá, o jenipapo, que é magnífico, a manga, o ariticum — muito diverso do nosso de São Paulo —, coco de muitas especies, e, finalmente, para o *dessert*, as abelhas tomam a tarefa de lhe fornecer doce em grande quantidade. Si for epicurista e não quizer limitar-se ao vinho de Pai Adão, que jorra por toda parte em límpidos regatos, encontra uma especie de vinho Bordeaux, um pouco ácido, furando uma palmeira a que chama *buriti*.

A desastrosa expedição militar que foi para Miranda, mil e tantos homens, sustentou-se quasi um mês com jatubá e buriti... Este fato tenho ouvido narrar por pessoa de inteira confiança. À vista desta prodigalidade, destes elementos gratuitos para satisfazer as necessidades, como esperar indústrias ou esforço da parte do homem?

O goiano julga-se o ser mais ditoso deste planeta, possuindo um carro, alguns bois e dois escravos, e até é incapaz de compreender para que serve acumular trabalho.

A ambição, que dizem ser sentimento inato no coração humano, aqui apparece em muito pequena escala. Em Bonfim, encontrei um sujeito que, à minha vista, dava graças a Deus de estar arranjado, sem ter mais precisão de fazer roças. Supôs que teria uns 30 a 40 contos; afinal, soube que é senhor de um pequeno sitio, de algumas cabeças de gado, 7 filhos e 2 a 3 contos em dinheiro...



Não é defeito de raça: o goiano é vivo, inteligente, sempre animado, robusto e sadio, em nada inferior ao paulista ou mineiro; entretanto, as rendas desta Província descem todos os anos... Corta o coração ver tantas fontes de riqueza no mais completo abandono. Si os ianquis soubessem...

Alem destas razões gerais, há outras particulares, que me impedem de escrever *comme il faut*.

Sabe Mamãe que a habitação, a moradia, influe muito diretamente sobre a imaginação e genio do homem, e, provavelmente, tem presente na memoria aquella engenhosa teoria sobre as cores, explicada por Xavier de Maistre, em sua viagem "*autour de ma chambre*". Ai dizia ele, e com toda a razão, que muitas vezes a cor do cortinado decide da inspiração, e que, si não fosse a sua tão célebre poltrona, não se teria lembrado de escrever o seu livro, esse monumento de graça e de espírito. Pois bem, fique sabendo que o meu aposento é tudo o que se possa imaginar de mais prosaico e estúpido, sem um único objeto capaz de trazer ao espírito uma idéia risonha, uma lembrança agradável, e, si fosse, por um poder mágico, Mamãe visitá-lo de repente, muito encontraria para rir-se e admirar e, talvez, para chorar.

O meu quarto não é forrado; a lua e o sol penetram com o maior desaforo pelas frestas das telhas, como acontece neste momento. O vento diverte-se, atirando-me pelas faces estilhaços de cal ou suja poeira, e declarou guerra às velas acesas. O chão é de tijolo e meio preto, o que infunde um certo ar fúnebre e lúgubre. Nos primeiros dias, houve aqui uma cama de lona, porem com tal provisão de persevejos, que foi preciso condená-la a um desterro perpetuo para fora do territorio, e lá existe, na cozinha, exercendo as funções de sofá do Vicente. Para substituí-la, trouxe uma rede que me serve de leito, de poltrona, de mesa, de sofá, de tudo enfim. E' forçoso confessar que estou grande apologista deste traste. Na parede, existe um velho e torto cabide, onde tenho pendurado a minha roupa preta, as botas e o selim, meu companheiro inseparavel.

O meu *boudoir* consiste no espelho do estojo e na caixa de figos em que trouxe charutos, pregada na parede, e sobre a qual coloco pentes, escovas, cosméticos, uma garrafa de arnica para curar mordeduras de persevejos, um pequeno frasco d'agua de Colonia, alguns cigarros e moedas de cobre.

Não preciso de lavatório, traste pouco usado nestas alturas; faço o meu *toilette* ao ar fresco, na presença dos pássaros, das árvores, das nuvens, *coram populo*, como dizia Cícero.

Carrego a minha bacia e os apetrechos indispensáveis em tais ocasiões para a beira de um grande poço que temos no quintal, e aí, a meu gosto, sobre duro granito, com o maior sossego realizo as minhas abluções, dando graças à Providencia de ter com fartura agua e paciencia para aturar estas maçadas.

À noite, deito-me tranquilo como um pachá em minha rede, e nada impede que sonhe com São Paulo, com o sertão, e veja desfilar ante mim todas essas sombras do meu passado já morto... até que desperto ao som das modinhas de uma graciosa vizinha, que parece ter pretensões a passarinho, pois só a ouço ao romper do dia. Como a nossa casa está isolada, quasi no extremo da cidade, e não há perigo de assustar os vizinhos com meus gorgeios, muitas vezes dou resposta, entoando aquella tão conhecida canção de Beranger:

*Après les soins de son menage  
 À sa fenêtre elle s'assoit,  
 Place un dé d'ivoire à son doigt,  
 Chante et travaille à quelque ouvrage...*  
*Ah! ma voisine  
 Forme divine  
 Du paradis  
 Je vous cheris  
 Et je vous dis  
 Toujours: Vous serez mes amours,  
 Toujours, toujours...*

Para ela, isto é grego: tanto melhor, não poderá rir-se dos golpes que arrumo no idioma do célebre poeta.

As minhas canastras fazem o importante papel de cadeiras, e, si por acaso algum imprudente penetra neste delicioso recinto, o que é muito raro, vou logo dizendo com a maior arrogancia: "Meu caro senhor, puxe um assento, e recoste-se sem cerimonia." Ainda' espero ver um de pernas para o ar.

E' bem possível que Mamãe esteja ansiosa para perguntarme a razão por que o meu *chambrette* está reduzido a essa pobreza franciscana. Eu lhe satisfaço em duas palavras. Nesta cidade existe um único marceneiro, italiano estúpido e velho. Para fazer uma duzia de cadeiras ordinarias, leva' 2 a 3 meses, e por

cada uma pede 11\$000. Já vê que não é de repente, e nem qualquer pode ter sua casa bem arranjada. O sr. Honorio viu-se de calças pardas para conseguir uma pequena mobilia, verdadeira coleção de preciosidades arqueológicas, uma cadeira de sola de 1785, um sofá do tempo de el-rei, uma mesa redonda quebrada e ao gosto dos romanos, e, coisa inaudita, uma duzia de cadeiras americanas, que, si bem já usadas, custaram-lhe 120\$000. Para tornar mais sensível a veneranda veihice dos trastes, tem sobre a mesa um bonito lampeão a querosene, igual ao nosso da sala grande, único representante do progresso e do século das luzes.

Uma garrafa de querosene custa 1\$300; uma libra de velas, 2\$300. Note-se que isto mesmo foi preciso pedir a uns e outros, catar aquí e acolá, e como meter-me nessa despesa ou consentir que o Honorio a fizesse para obsequiar-me sem ter certeza de demorar-me aquí? Era perfeita sandice. Tive à minha disposição uma pequena mobilia, mas para quê, si tenho às ordens a sala para receber as visitas e o quarto é só destinado para dormitorio? Quanto ao luxo, nunca fiz timbre em ter o meu quarto em grande gala, e este tem a vantagem de ser independente, é um lance da casa. Entro quando quero, sem incomodar.

E' preciso fazer ponto nesta digressão e tirar a conclusão, que é a seguinte: desisto de meu plano primitivo, já não invoco as sombras de Lawrence Stern ou de Xavier de Maistre e outros viajantes de espírito para inspirar-me um raio de humor. Dar-me-ei por contente si tiver constancia para concluir o roteiro de minha longa peregrinação, para passar a limpo as notas de minha carteira, escritas às pressas, nos ranchos, a cavallo, à sombra de alguma frondosa árvore, às vezes com o espírito alegre e bem disposto, quasi sempre fatigado, aborrecido, excomungando o M. Francisco, a minha comarca, o interior do Brasil, a humanidade em peso.

Escrevendo-lhe, tenho em vista dois fins: mostrar-lhe que sua imagem não me deixa um só dia, e tenho a certeza de que há de ligar alguma importancia à minha tosca narração; provar-lhe que me considero um pequeno herói, tendo atravessado quasi sozinho 280 leguas, sem ter o hábito de viajar, sempre forte e animado, não com a esperança de recompensa, — sei que o meu sacrificio nunca será aplaudido nem reconhecido, — mas com essa resignação, filha do cumprimento de um dever e

que me veio revelar que sou um monstro de paciência. Não repare a metáfora.

Tenho necessidade de contar-lhe verdadeiras futilidades, e peço-lhe por favor que, depois de lido pela família, queime este escrito feito sem cuidado, deixando a pena correr, *la bride sur le cou*, como dizia Mme. de Sevigné.

Fevereiro 16 — Sendo hoje a primeira vez que a estrada-de-ferro funciona por conta do governo e tem de executar-se o regulamento, até então desconhecido do público e dos empregados, logo ao entrar na estação da Luz percebi a confusão: não sabiam como cobrar o frete e atrapalhavam-se até na venda dos bilhetes. Encontrei-me com 8 amigos que desejavam acompanhar-me até Jundiaí, e, como já tinham comprado passagem de terceira classe, não tive remedio sinão sujeitar-me a ir, *pê-le-mêle*, em um carro com trinta e tantos passageiros de todas as cores e condições.

E' preciso confessar que os vagões de terceira ordem, apesar-de serem em comum e os assentos de madeira, são muito mais frescos e, portanto, preferiveis, tanto que no caminho muitas pessoas de 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> classe passaram para o nosso, para evitar o calor que nessa tarde era insuportavel.

Na linha de São Paulo a Jundiaí, não há trabalho de arte digno de menção, exceto o tunel da Cachoeira, que atravessamos às escuras ainda, por descuido dos empregados, que não acenderam os lampeões, que há em todos os carros e na frente das locomotivas.

Não é possível imaginar impressão mais horripilante do que essa passagem súbita de dia pleno para as profundezas da terra. Estávamos condenados a sofrer os incômodos da escuridão, como vai ver.

O trem partiu da Luz muito depois da hora marcada na tabela, de sorte que chegamos já quando a noite cobria a terra, com o seu negro manto, para usar da frase do poeta. Como não contavam com essa demora, nem estava no programa, somente havia na estação de Jundiaí 3 lanternas, uma das quais agarrei, fundado no direito da propria defesa, para livrar-me de alguma cabeçada, que houve muitas, e para acautelar a minha propriedade dividida em pequenas parcelas, sacos, baús, etc., etc.

Alem dos passageiros — oitenta e tantos — algumas senhoras, o negociante Teixeira de Carvalho e família, o empregado Rosa e família, etc., o povo da cidade estava quasi todo reunido com música, foguetes, etc., para festejar a chegada do

trem. Para entregar-se a bagagem, é preciso reuni-la toda em uma sala, e, imagine, si puder, a balburdia, a desordem, a gritaria que reinou enquanto durava essa mudança. Sou incapaz de pintar essa cena (13); só me lembro que, de lanterna em punho, corria de um lado para outro, atrás de minha bagagem, dando pontapés, levando encontrões e ouvindo de toda parte: "isso é meu", "cuidado, que isso se quebra!", "ái, minha cabeça!", "viva a' estrada-de-ferro!", "quem quer carroça?"

O desembarque no Rio ou em Santos é um céu aberto, à vista do que nos aconteceu aquí. A-pesar-de minha vigilância e de mais 5 amigos que de boa vontade me quiseram auxiliar, já fui encontrar a minha bacia de folha-de-flandres em mãos de uma mulher que quis opor embargos à entrega, até que mostrei o F.B. nas costas, da bacia já se sabe. Fato inaudito, negligencia, incuria, estupidez, nem sei como classificar; edificaram a estação a 1/4 de legua da povoação, sem vantagem alguma e com muito prejuizo para o comercio, para os passageiros e para a cidade; isto tudo para economizar 50 contos, tal era o orçamento feito, uma companhia que gastou com prodigalidade a soma fabulosa de 20.000.000\$000. Só dando com um gato morto nas ventas do Aubertin e seu rancho.

Concluida a campanha do desembarque, recolhi-me a um hotel no largo da Matriz, esperando encontrar repouso e descanso. Mas, qual!

"Onde pode acolher-se o fraco humano,  
Que não se arme e indigne o céu sereno  
Contra um bicho da terra tão pequeno?"

Não havia cômodos, não se esperava tão grande concorrência, era preciso arrumar aos 5, aos 6, em cada quarto. Isto, em qualquer ocasião, é maçante; naquele dia, para mim, tornou-se intoleravel. Eu pedia solidão, sossego. Separava-me, talvez, para sempre da minha familia, dos meus amigos, do meu ninho onde vivi 27 anos; ainda estava meio tonto com a tempestuosa despedida que se desfechou sobre minha cabeça, sentia-me entorpecido, como nos acontece após um grande susto, e absolutamente não podia suportar prosa nem companhia. Fui

---

(13) A confusão reinante provem das festas comemorativas da inauguração da estrada-de-ferro até Jundiá. A estação, naquela época, tão distante da cidade, está hoje rodeada de grandes fábricas e ótimas moradias.

tratando logo de deitar-me, e eis sinão quando entram, pelo quarto a dentro, a banda de música, com estrépito infernal, e uma comissão que me vinha convidar para uma ceia que alguns cidadãos ofereciam em sinal de regozijo pela abertura da estrada. Lá fui. E, ainda por cima, tive necessidade de fazer um discurso agradecendo os brindes que me eram feitos, elogiando os amáveis cavalheiros e, de coração, desejando-lhes a caldeira de Pedro Botelho.

Despesas do dia: passagem, 4\$000; frete de bagagem, ... 13\$000; condução até ao hotel, 3\$000. Soma: 20\$000.

Bem cedo, ao romper do dia, comecei a receber visitas — a peor praga que pode atormentar um viajante, e, ainda, deitado. O sr. juiz municipal, daí há pouco o Queiroz Teies e o Dr. Moisés. Já eram 10 horas e eu não tinha jeito de vestir-me. Fui procurar o sr. Prado.

---

#### OUTRA CARTA

Goiaz, julho, 2, de 1868.

Mamãe

Estava resolvido a copiar de minha carteira de viagem algumas notas de um interessante passeio às margens do rio Araguaia, e isto mesmo creio que já lhe anunciei com o pomposo título de *Impressões de Viagem*; porem, como até agora não me apareceu a pachorra e não há tempo a perder, para aproveitar o portador seguro desta, o sr. José Rodrigues de Moraes Jardim, fica o tal projeto adiado para as calendas gregas, e contento-me em mandar-lhe esta chilra carta.

Em primeiro lugar, é preciso que fique bem ciente que não realizei este passeio por mero entretenimento, e nem valia a pena cavalgar 60 leguas, por maus caminhos, com a doce esperança de ver um rio, o sertão, e algumas tribus de indios selvagens. Seria uma excursão fecunda e proveitosa para um sabio que se internasse por essas brenhas, armado de barômetro etc., e fosse senhor dos segredos da botânica, geologia, ornitologia, e outras ciencias que, com pesar o digo, ignoro completamente. Para um simples amador como eu, as impressões se resumem na admiração, no êxtase, e isso mesmo não é para qualquer, o descrever *comme il faut* as grandes cenas que a natureza ostenta em seu estado primitivo, nem traduzir em

linguagem humana a admiração ante as magnificencias deslumbrantes do nosso esplêndido interior.

Não sendo sabio, nem tão pouco inclinado à vida selvagem, não seria capaz de lembrar-me de semelhante divertimento; todavia, como "alto" funcionario, não tive remedio sinão aceitar um convite do Dr. Couto de Magalhães, para assistir à inauguração da navegação a vapor no Rio Araguaia e seus afluentes. Assim mesmo, quis ver si me esquivava, mas... *noblesse oblige* e era preciso fazer um pequeno sacrificio para testemunhar um fato de tanto alcance e importancia para o futuro da Provincia. Pequeno sacrificio, digo mal... grande, enorme, pois, quando menos, estava ameaçado de voltar com as febres intermitentes, que nesta época assolam e devastam as margens paludosas do rio, e o termo da jornada era exatamente o peor lugar, o Presidio de Santa Leopoldina, aquí conhecido pela "Guiné Goiana".

O dever venceu o medo, e em 24 horas fiz os meus preparativos de viagem: uma rede, uma barraca, alforges com provisão de boca, a canastra com alguma roupa branca, e um revolver.

Da Capital ao Presidio, não se encontram moradores nem recursos; é preciso levar tudo. Deu-me agua pelas barbas o escolher um preventivo para combater as febres; pois, como sempre acontece, cada um quer espirrar a sua sentença, e, depois de ouvir muitas opiniões, resolví-me a adotar o sulfato de quina misturado com genebra, que produziu ótimo resultado.

Pela primeira vez, dormi 15 noites sob uma barraca, e a minha era de general: tinha 30 palmos de comprimento e 20 de altura no centro, formando o todo um triângulo. Ao comprido, armava a rede; ao lado, a canastra, servindo de mesa; e no teto, amarrados na cumieira, o selim, freio, botas, etc. Isto deu lugar a um dos episodios mais engraçados de toda a viagem, e, antes que me esqueça, lho vou contar.

Um padre, que ia em nossa comitiva para benzer o vapor, e que por sinal era muito burro e ignorante, uma noite do quarto dia de viagem, veio pedir-me licença para armar a sua rede dentro da minha barraca, o que de pronto consenti, sem refletir que os esteios eram muito fracos, e de-certo não poderiam resistir ao peso de um padre e um juiz, que em regra são criaturas bem pesadas. Acordei-me a deshoras e ouvi os estalos do pau que arrebentava, mas não fiz caso, supondo ser o vento, mas eis sinão quando o pau da cumieira salta fora das

forquilhas que o sustentavam e dá com o selim e botas bem em cima do pobre padre que roncava como um porco velho. Não tugiui nem mugiu, o que me assustou bastante.

— Então, “seu” padre, está muito machucado?

Nada me respondeu. Erguí a voz, já suando’ frio com o justo receio de um grande desastre.

— Pelo amor de Deus, — disse-me ele em voz sumida e suplicante, — não grite “seu” doutor, sinão estamos perdidos... São eles... e nós estamos perdidos... levaremos a breca... creio que a barriga está maltratada com o selim... mas deixe amanhecer o dia... e... cale-se.

— Eles, quem? “seu” padre! o sr. está doido?

— Não grite, são os bugres, isto é obra deles, já sinto a catinga...

Não pude conter-me, e tal foi a minha hilaridade, que o acampamento todo pôs-se em movimento para ver o acontecido. No meio de pilherias, risotas, vimos a aurora romper com seus dedos de rosas.

Não se faz idéia do medo e temor que há dos indios, e é este o maior perigo da viagem, mas raras vezes atacam. Encontramos, uma noite, um bando de vinte e tantos: não soubeamos a tribu, mas fugiram espavoridos e de longe começaram a assobiar, a imitar onças, macacos, etc. Ninguém dormia, exceto eu.

A nossa comitiva é composta do vice-presidente da Provincia, inspetor da Tesouraria, um médico, Dr. Teodoro Roiz de Moraes, dois engenheiros, um padre, o meu secretario, 14 músicos da Guarda Nacional, 2 militares, camaradas, ordenanças, etc. Já vê que a caravana é chibante em número e qualidade das pessoas. A viagem foi principiada no dia 22, sexta-feira, e desta vez realizou-se o tal prejuizo ou preconceito, pois uma serie de contratemos me aconteceu.

Logo no primeiro pouso, fugiu-me a besta de sela, e tive necessidade de montar em um cavallo trotão, que afrouxou no fim de 3 leguas, e o meu ordenança ficou atrás para campear o animal, e com ele os meus alforges, que tornei a avistar já na Capital. A perda da besta não me incomodou; tive a fortuna de encontrar logo outra e muito melhor; mas os alforges, sentí muito, pois vi-me forçado a sujeitar-me à cozinha do presidente, que era bem pouco confortavel. De manhã, carne seca com feijão; ao jantar, feijão com carne seca; à noite, seça carne e duro feijão, e isto para variar. Entretanto, atrás, em mãos do



ordenança, ficou boa marmelada, galinha, chá, ovos, açúcar, biscoito, etc., que, já se sabe, evaporou-se tudo por obra do Espírito Santo.

Gastamos três dias para chegar ao Presidio de Jurupensen, nas margens do rio Vermelho, 16 leguas da cidade, e aí fomos tratados a vela de libra pelo comandante, casado com uma irmã do vice-presidente. Tendo ficado atrás para evitar o sol, cheguei já à noite, e tive para ceia sopa de tartaruga, tartaruga assada, ensopada, tijelada de palmito amargo, que por aquí chamam gariroba, e que é bem saboroso, e doce de leite. A tartaruga encontra-se no rio Vermelho e, sobretudo, em quantidade espantosa, no Araguaia, e forma o sustento quasi que exclusivo da população, que não só aproveita a carne como os ovos. A tartaruga desova em outubro, época em que, estando as aguas baixas, existem não só praias suficientes, como também a atmosfera está impregnada do necessario calor para fazer germinar o ovo; sobe às ribanceiras, cava um buraco de cerca de 3 a 4 palmos de fundo, conduz agua nos recessos de sua dupla concha, umedece a areia, e deita os ovos. Ainda no meio destes, a natureza apresenta curiosidades. Os ovos são divididos em duas classes: uns que produzem o animal; outros que são cheios de óleo, que não têm gema, muito maiores em volume. Os primeiros circundam os de oleo.

Tratando de inquirir a causa desta diferença, que me pareceu notavel, soube que os de oleo são para o sustento dos filhotes. Como ao nascer o animal não teria força para romper a crosta de areia, que os cobre e defende, a natureza ali dispõe aquella alimentação com a qual pudesse esperar não só o acréscimo de fortidão como também o tempo que lhes é necessario para romper o buraco.

O volume da tartaruga no Araguaia é às vezes de uma braça de comprimento sobre 8 palmos de largura. A maior que vi tinha 5 palmos sobre 4. Cada ninhada tem 80 ovos, às vezes mais, que servem para preparar-se pratos de tão raro e delicado sabor que talvez não acredite.

Para fazer a digestão um pouco laboriosa dessa ceia selvagem, tive de aturar como companheiro de quarto um célebre engenheiro, doutor e major, que falou toda a noite. Para formar uma idéia aproximada dessa personagem digna do pincel de Walter Scott, é bastante dizer que tem cincoenta e tantos anos, usa dentes postiços, pinta a barba e o cabelo, é quebrado das virilhas, tem fumaças de fidalgo e, para cúmulo de desfru-

te, julga-se uma grande capacidade. E' maçante como o Clarrampio, de gloriosa memoria. Como tinha vexame de mostrar suas fraquezas e não podia por-se à fresca para dormir, assentou de falar, e falou que foi um desespero. Eu percebi a razão da prosa e, para animá-lo, pús-me logo nu; mas qual! Não fez efeito e suspirei pela barraca, a-pesar-dos pesares.

O Presidio de Jurupensen, fundado há poucos años, tem 100 habitantes, 30 e tantos ranchos cobertos de palha, 4 casas cobertas de telha, um engenho de serrar madeira, tocado por agua, algum gado, e mais não disse.

Já escarmentado com a cozinha presidencial, eu e o Major fizemos uma grande provisão para o resto do caminho, e então passamos uma vidinha de Lopez. Entre as manias de meu amigo Major, quer por força passar por um grande viajante, acautelado e providente, e, de fato, traz sempre consigo bons animais (possue o cavallo mais bonito de Goiaz) e nas marmitas ótima matelotagem. Não o perdi de vista o resto da viagem, o que ia custando bem caro. Na volta, já no último dia de jornada, largamos o resto dos companheiros para procurar um atalho que, segundo a sua opinião de homem profissional, encurtava 2 leguas, e o resultado foi o nos perdermos no meio do mato, sem atinarmos com o rumo. Não lhe posso pintar o meu desespero: o mato era baixo, que por aqui chamam "cerrado", muito sujo, cheio de espinhos, de cipós; a cada passo parecia-me ver surgir uma serpente, e nada de acharmos uma saída. Ah! sexta-feira! os outros, entregues ao instinto dos burros, já tinham chegado ao termo da viagem, e eu, fiado nas luzes de um Dr. de borla e capelo, gramei a pé 2 horas, atormentado por espinhos, mosquitos, abelhas e o diabo a catorze. O Dr. ficou tão envergonhado com a perda que me pediu não contasse a ninguem, o que cumprí em reconhecimento aos bons petiscos, bons para a ocasião.

Quando me perguntavam a razão da demora, respondia que assim foi necessario para nossas explorações no reino vegetal, auxiliado pela illustração do engenheiro botânico.

Esta carta vai muito sem nexos, sem ordem, há de desculpar, que não a escrevo com pretensões; quero somente dar-lhe uma prova de lembrança e ficarei contente.

..... "si em pago  
Me tornes do que escrevo, em vão pretendo  
O gosto de escrever, que vou perdendo."

(Camões)

Para chegar a Leopoldina, ainda gastamos 3 dias, 14 leguas e estas em perfeito sertão, onde não se encontra vestígio de trabalho humano. Seria fastidioso e sem interesse algum contar-lhe por miúdo a nossa jornada.

De manhã, era acordado por um moleque fedorento, cozinheiro do presidente, e que me trazia o café, e eu ainda continuava no quente da rede, à espera que chegassem os animais do pasto, o que é uma grande campanha, e raro é o dia que não aconteça alguma novidade. Os goianos fazem timbre em beber o melhor café do Brasil, e tem fundamento esse orgulho. Não há nesta Província fazendas de café; quando se colhem 200 arrobas de café, já é uma grande coisa, de sorte que a colheita é feita com grande esmero, escolhendo-se os bagos maduros um a um, e prepara-se com todo cuidado e capricho. De ordinario, em cada casa, na horta, há o café necessario para o gasto da família, e então torna-se facil prepará-lo com luxo, o que seria impossivel na fazenda do Senador Queiroz, que colhe 100 mil arrobas.

Na choupana mais pobre e asquerosa, encontra-se bom café; não haverá chécaras de porcelana nem açúcar refinado, mas lá está a bebida saborosa e aromática em uma cuia preparada com rapadura e oferecida com essa afabilidade propria dos brasileiros. Por causa do almoço e dos animais, nunca conseguimos levantar acampamento antes das 7 horas; de ordinario, fazíamos marchas de 5 a 6 leguas, debaixo de um sol terrivel e abrasador. Ao meio-dia, parávamos à sombra de alguma mata, para o jantar, que já vinha pronto nos alforques, e preparava-se o competente café. Às 5 da tarde mais ou menos, fazíamos pouso, escolhendo sempre a beira de algum córrego ou lagoa. No dia 25 de maio, pousamos em uma grande mata de palmeiras, aquí chamadas buri-tis (*Mauritia vinifera*, Martius), e que tem de extensão talvez mais de duas leguas. O buri-ti é lindo e superior em elegancia a todos os coqueiros que tenho visto; dizem que a fruta é saborosa e nutritiva, mas não provei. A casca, ou antes, o talo da palma serve para fazer rolhas de garrafas, e são geralmente usadas em toda a Província, onde as rolhas de cortiça custam 80 réis cada uma e são raras. A palha, pela sua consistencia e largura, serve e é geralmente adotada para cobrir as casas e ranchos; nessa noite, movido por uma justa curiosidade, para gozar das belezas do pouso, armei a minha rede entre dois troncos. Era aí fantástico o aspecto de nosso pouso; os fogos, acesos aquí e ali, desenhavam as formas

gigantescas dos buritís, que se me afiguravam colunas de um grande palacio; as camas eram redes amarradas pelos galhos das árvores em grupos curiosos. O aspecto selvagem dos soldados e camaradas ao redor das fogueiras, assando em grandes espetos a carne de uma formidável anta caçada na véspera, fazia-me recordar os quadros sombrios da vida dos saxões vagando nas florestas e que Walter Scott soube desenhar com tanto talento e graça.

À fé que a nossa caravana parecia mais um grupo de salteadores que de altos funcionarios e honrados cidadãos que iam assistir a uma grande festa civilizadora.

A noite ia pura e serena e todo esse painel melancólico me ficou daguerreotipado na cabeça, ainda agora me parece que estou vendo aquela cena de ópera, meio envolvido nos nevoeiros da noite, iluminada pelo clarão baço das fogueiras, ao rumorejar triste de um vento frio e úmido.

Nessa hora solitaria, dobram os encantos do deserto, e também a tristeza... a saudade. Si eu ali ficasse para sempre adormecido, ao som do cântico fúnebre e misterioso das palmeiras, a quem entregaria meu último alento? Ninguém... Julgava-me só e abandonado. Foi a derradeira vez, nunca mais quis repetir o tal romantismo de dormir ao relento tendo por teto o firmamento. Passei a noite em claro.

Agora, Mamãe pode bem calcular a repetição das mesmas cenas, *mutatis mutandis*, durante 15 dias, e estou dispensado de roubar-lhe o tempo em semelhante repetição.

### *Leopoldina*

As materias mais importantes da geografia do interior do Brasil, e aquela em que mais se anda às apalpadelas, são as latitudes e longitudes dos lugares. Na Provincia de Goiaz, tem-se feito muito poucas observações astronômicas, e acerca de longitude tudo é obscuridade, tanto que o proprio Barão de Eschwege, na sua excelente obra sobre o Brasil, onde apresenta uma larga tabela de latitudes, não se atreveu a marcar as longitudes, prova de que a esse respeito há muita incerteza. Em 1844, o Conde de Castelnau fez muitas observações que foram perdidas em poder de Mr. D'Osary, assassinado na República do Perú. Acabo de ler as obras deste viajante, e muito lhe recomendo como interessante e bem escrita. Peça ao Correia de Sá que lhe arranje a obra intitulada *Expédition*

*dans les parties centrales de l'Amérique du Sud, de Rio à Lima et de Lima a Pará, sous la direction de Francis de Castelnau.*

Não lhe posso dar, pois, com precisão, qual a posição geográfica do porto de Leopoldina, nem do rio Araguaia.

Esta provincia é banhada por três grandes rios: o Paranaíba, que divide e serve de limite com a provincia de Minas, corre de norte a sul, tomando mais tarde o nome de Paraná, unindo-se com o Paraguai e Uruguai, e despejando-se no Oceano com o nome de Rio da Prata; os rios Araguaia e Tocantins, que se unem em São João da Barra e vão desaguar na grande baía de Marajó, perto da cidade de Belem, no Pará.

E' calculado o curso do Araguaia em 400 e tantas leguas. Em Leopoldina, que está situada na foz do rio Vermelho, o Araguaia tem mais ou menos 484 metros (220 braças); na confluencia com o Tocantins, tem para cima de 2.200 metros (1.000 braças). A profundidade das aguas é superior a 1 metro (4 1/2 palmos), mesmo na seca. A velocidade da correnteza é pequena, achando-se somente de 30 a 50 centímetros por segundo — 2/3 a 1 milha por hora — na foz do rio Vermelho. Este rio Vermelho nasce na serra do Ouro Frio e corre pelo centro da cidade, que divide em duas partes.

Está vencida a maior difficuldade, que era trazer um vapor. Restam agora o deserto e as cachoeiras, que são de duas especies: de salto ou de correnteza ou corredeiras. Aquelas são as que, por differença grande de nivel do terreno a pique ou abatido em forma de degraus ou escada, deixam cair a agua a prumo. Tal é, por exemplo, a cachoeira do Niagara. Destas não há no Araguaia, e raríssimas vezes são navegaveis. As cachoeiras de correnteza ou corredeiras são planos inclinados do fundo do rio, onde as aguas pelo seu peso correm com maior velocidade. Estas são as que se encontram neste rio; são raras vezes perigosas, mas nas subidas dão muito trabalho, é preciso puxar os botes a sirga. Estas difficuldades, com o tempo e dinheiro, hão de ser vencidas; resta, porem, o deserto, isto é, o curso de quasi 400 leguas sem moradores e com hordas de indios que perseguem e fazem todo o mal possivel aos navegantes.

Estes selvagens têm tal esperteza que espanta. O vapor ainda não tinha saído do Rio Grande, onde foi reconstruido, e os indios da aldeia de Santa Maria, 120 leguas abaixo, já falavam na canoa de fogo que estava para descer. Como atrair esta gente ao gremio da civilização? Não será o único meio de catequese a bala e a pólvora? Eis outras tantas perguntas que

eu mesmo hesito em responder, e mais tarde discutirei estes pontos.

Vamos, porem, mudar de rumo... A carta já se vai tornando seria de mais, e eu o que tenho em vista é distraí-la. Chegamos à parte mais interessante e fecunda. E' preciso, porem, que conheça bem de perto o pequeno mundo que me cerca.

O presidente de Goiaz, Desembargador João Bonifacio, é um velho de 54 anos, modesto, pouco expansivo, espírito reto, pouco cultivado, atrasado de 20 anos em tudo, desde os colarinhos da camisa, e que diz com o maior sangue-frio que prefere 10 leguas nas costas de um burro a 100 em um vagão de 1.<sup>a</sup> classe.

O presidente de Mato Grosso, Dr. Couto, moço de 30 anos, espírito original e ilustrado, astuto, dizia-me com algum espírito: "Nada mais facil do que subir no Brasil: é bastante audacia, constancia e patacoada." Esta frase define bem o meu amigo e antigo colega.

O Dr. Teodoro Roiz de Moraes é tio do Desembargador, médico, ex-deputado geral, cirurgião do Exército, de 40 e tantos anos, espírito observador, sombrio, muito amigo do silencio, pois tem a desgraça de ser gago. Faz rancho à parte com seu genro, Dr. Joaquim Roiz de Moraes Jardim, engenheiro militar, de 30 e tantos anos, genio semelhante em tudo ao sogro, calado, sempre mastigando, tem viajado muito, esteve 3 anos no Amazonas.

O inspetor da Tesouraria é um espírito turbulento, ignorante, falador, inteligente e trapalhão, guloso, tagarela e, sobretudo, maldizente. A sua vida consiste em um riso eterno, entre a gargalhada humana e o zurrar de um burro, e encara este planeta através de um prisma negro e ridículo.

O Dr. R. L., engenheiro, de 50 anos para mais, tipo digno de figurar na galeria burlesca de Paulo de Kock. E' major e tem corrido todo o Brasil por ser burro. E' filho do Rio de Janeiro, viveu no Rio-Grande-do-Sul, ao depois em Alagoas, mais tarde no Espírito Santo, esteve 2 anos no Paraná e agora vive regaladamente com sua familia neste pequeno paraíso. Repete-me sempre com o olhar turvo e pensativo: "Hei de acabar meus dias na Suíça, berço da liberdade." Enquanto espera pela Suíça, só cuida e pensa nos cavalos.

Ora, bem, já conhece o círculo que me cerca. Prepare-se, agora, para ouvir as minhas impressões junto ao majestoso

Araguaia, aonde chegamos no dia 27 de maio, 11 horas e 25 minutos. Estou cansado, faço ponto. Seu filho

(a) Frederico.

Concluída na noite de 2 de julho de 1868, às 11 horas.

## REGRESSO A SÃO PAULO

### *Diario*

Parti de Goiaz no dia 19 DE JANEIRO DE 1869. Ajustei condução até Jundiá com o tropeiro João Batista Marques Fogça. Companheiros de viagem o Alferes Firmino Ponciano dos Santos e uma mulher, Honoria de Barros. Pousou nas Areias, rancho do Daví, 2 leguas.

*Dia 20* — Pousou no Curralinho. Rancho aberto e andamos 5 leguas.

*Dia 21* — Levantamos o pousou já tarde e viemos pousar no Monjolinho de José Luiz Brandão. 3 leguas e meia.

*Dia 22* — Parada em casa de João da Silva e no Retiro. Pousou na cachoeira de Maria Teófila, 6 1/2 leguas.

*Dia 23* — Parada no Samambaia, jantar em casa de Chico Sá. Pousou no Quatí, de Maria Petronilha, casa de palha. 4 leguas.

*Dia 24* — Parada no Cocal, casa do Quirino, e na estalagem do Joaquim Alves, onde já estive na vinda. Pousou em Santa Rita, "Raiz da Serra". O dono da casa, louco. 6 leguas.

*Dia 25* — Parada no Bom Jardim, casa de José Lemos de Moraes. Pousou no Reboleiro.

*Dia 26* — Parada no Joaquim Furiel e pousou na fazenda de Antonio de Araujo; chuva copiosa. 7 leguas.

*Dia 27* — Pousou no sitio da viuva de José Araujo. 6 leguas. Bom pousou.

*Dia 28* — Pousou na fazenda São José. 4 leguas.

*Dia 29* — Madrugada com chuva. Grande marcha de 6 1/2 leguas. Pousou no arraial do Pousou Alto, distante da Capital 40 leguas. Há três caminhos para aqui chegar: o de Mato Grosso, que seguimos; o de Campininhas, sitio do Major José Berbado; o do Barro Preto e Anicuns. O mais curto — o do Barro Preto — tem 35 leguas. Estive com o amavel vigario José Olinto.

*Dia 30* — A viagem é mal dirigida pelo Capitão Fogaça, que é indolente. Saimos sempre tarde. Pousou em casa do sr. José Ribeiro Quinto, fazenda do Morro Agudo, e muito bem recebidos. Aquí se deu um incidente desagradavel: a briga entre o Fogaça e o Firmino. 3 1/2 leguas.

*Dia 31* — Parada no Sapateiro. Pousou na vila de Morrinhos, em casa do sub-delegado Faria. Dia de eleições gerais. 6 leguas.

**DIA 1.º DE FEVEREIRO** — Andamos hoje 3 leguas. Pousou na Tijuqueira, de Maria Teresa. Pobreza.

*Dia 2* — Marcha com chuva. 3 leguas e pousou em rancho aberto, na Cachoeira, de d. Severina.

*Dia 3* — 6 leguas e pousou na Divisa, de João José Mineiro. Diversas paradas.

*Dia 4* — Passou para a Capital o Dr. Antonio Pereira de Abreu, formado em Pernambuco, e que nos deu a noticia do final da guerra do Paraguai. Marcha de 3 1/2 leguas. Pousou em Santa Rita, à margem do Parnaíba. Pousou em casa do sr. Hermenegildo, amavel e hospitaleiro. As cargas passaram para o territorio da Provincia de Minas e nós ficamos.

*Dia 5* — Falhamos à procura de um burro que fugiu. Passou o Desembargador João Bonifacio Gomes Siqueira. Longa palestra sobre os negocios da guerra, e contou-me um recado do Cons.º Paulino, Ministro do Imperio, a Papai; sobre a minha remoção para São Paulo. Passamos o dia em casa do sr. Hermenegildo Lopes de Moraes. Pousou em frente.

*Dia 6* — Passamos o rio em balsa e com muita chuva, e viemos pousar em Passa Três, de Inocencio Carvalho de Oliveira. 3 leguas.

*Dia 7* — 4 leguas e fomos pousar na fazenda do Lobo. Rancho aberto e longa parada no Pantano.

*Dia 8* — Saí só e cedo, e vim parar no arraial de Monte Alegre. Bonito aspecto e pousou na estrada em casa de Manuel da Abadia. Grande satisfação em ler jornais da Corte com data de 21 de janeiro.

*Dia 9* — Pousou na fazenda de João Crisóstomo de Oliveira. 4 1/2 leguas. Boa hospitalidade.

*Dia 10* — Grande volta para evitar o ribeirão Douradinho, que não dá passagem. Pequena marcha e pousou no Retiro, de José Alves Vieira Santiago. Aquí vimos grande quantidade de gado reunido.



*Dia 11* — Nova dificuldade na passagem do Ribeirão Sangá, defronte da fazenda de d. Rita. Passei a nado. A tropa ficou e deu uma grande volta. Chegamos às 5 horas no arraial de Santa Maria, feio e abandonado. Pousou em casa de Salomão de tal.

*Dia 12* — Marcha de 6 leguas; parada no Sobradinho. Pousou no Retiro do Major Candinho.

*Dia 13* — Sete leguas e com chuva. Pousou em casa miserável do "Cassú".

*Dia 14* — Duas leguas e chegada em Uberaba; bonita cidade. Estive na casa do juiz de Direito José Antonio Alves de Brito. Juiz Municipal, Francisco Teotônio de Carvalho.

*Dia 15* — Passamos o Rio Grande e pisamos em território paulista. Pousou em Santa Rita, em casa do vigário Zeferrino Batista Camo.

*Dia 16* — Falha pela fuga de um burro. Dia insípido em um arraial pobre e feio.

*Dia 17* — Errada no caminho. Só tarde chegamos ao pouso da Ponte Alta. 6 leguas.

*Dia 18* — Saí só e cedo e vim à fazenda do sr. João José de Sousa e Costa, ausente, mas fui recebido com agrado pela sua esposa d. Mariana Cândida Trindade. Perdi-me no caminho e cheguei tarde nas Covas, onde pernoitei a tropa, e, sendo perto, resolvi ir até a Franca. Nova errada e cheguei muito tarde e só. Fui à casa de meu conhecido Martins da Cunha.

*Dia 19* — Falha na cidade de Franca. Estive com o juiz de Direito Lourenço de Freitas.

*Dia 20* — Saimos cedo e passamos pelo "Palmital", do sr. Manuel Ferreira. Viemos depois ao Pitangui. Passagem difícil no Sapucaí. Pousou no rancho novo do Macedo.

*Dia 21* — Marcha de 7 leguas; parada em uma pequena povoação — "Mato-Grosso". Pousou no Retiro da Lage. Rancho aberto e grande tempestade.

*Dia 22* — Andamos 2 leguas e chegamos a Cajurú. Aqui o meu colega Dr. Galdino Mamede deu-me a notícia de minha remoção para a comarca de Constituição. Aqui ficamos.

Perdi as notas de viagem. Cheguei a São Paulo no dia 1.º de março e fui da estação da Luz à Academia ver o meu pai. Lá o encontrei.

Já estava copiado este diário de meu pai, quando encontrei, numa velha carteira de notas, depois da descrição resumida da volta para São Paulo, até 22 de fevereiro, o seguinte:

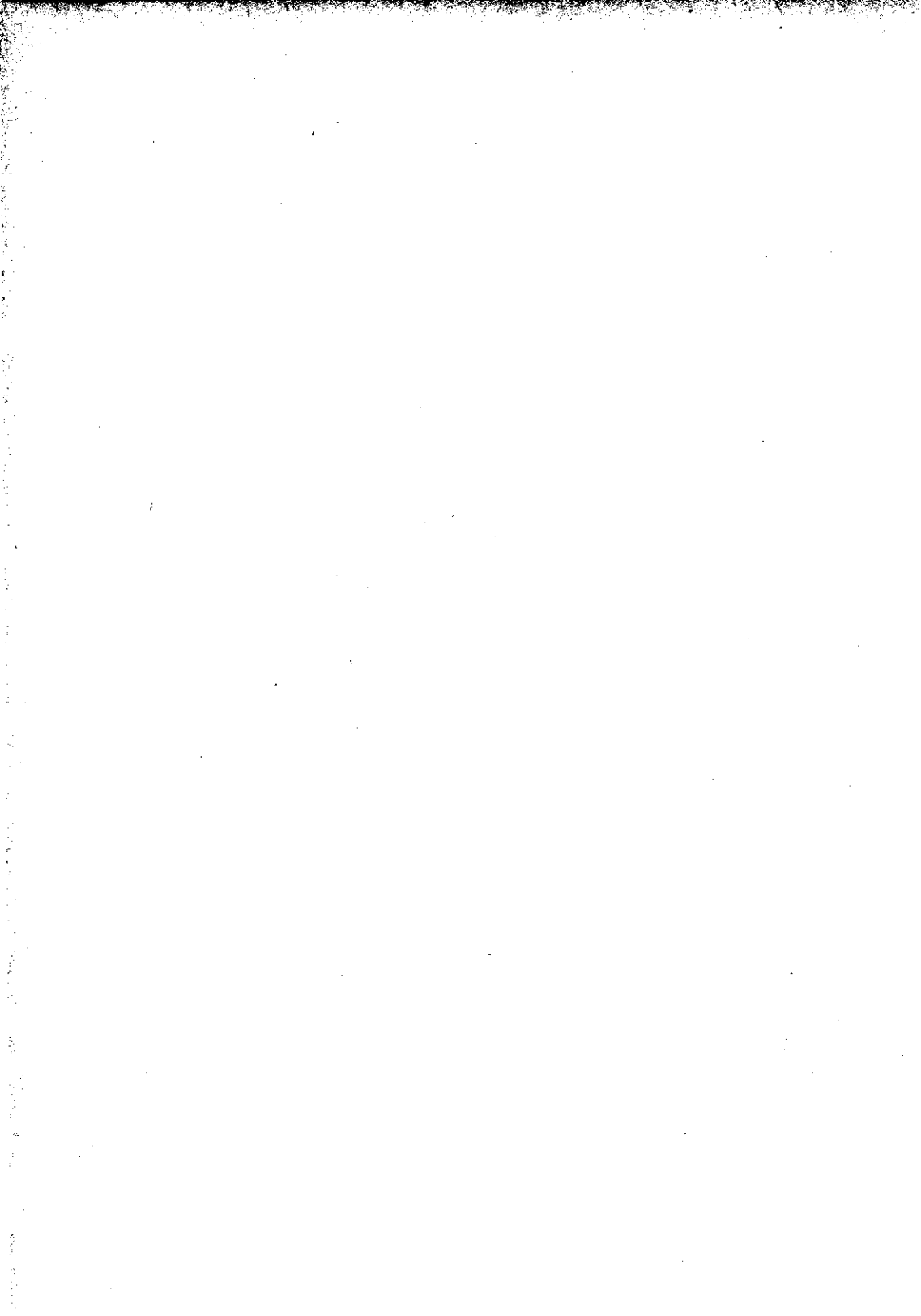
27 — P. na cidade de Campinas.

28 — P. no Capivarí, donde saí muito cedo e vim no trem das 8 horas para São Paulo. 1.º de Março.

### AUTO DA INAUGURAÇÃO DA NAVEGAÇÃO A VAPOR DO RIO ARAGUAIA

“Aos 28 dias do mez de Maio do anno de nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1868, 47.º da independencia e do imperio, á margem esquerda do rio Araguaya e a 30 leguas da capital de Goyaz, reunirão-se o Exmo. s.r D.r José Vieira Couto de Magalhães, presidente que foi desta provincia e por ella eleito deputado á assemblea geral legislativa, actualmente presidente da provincia de Matto Grosso, e o Ex.mo S.r desembargador D.r João Bonifacio Gomes de Siqueira, 1.º vice presidente da de Goyaz em exercicio, com muitos funcionarios publicos e grande numero de outros cidadãos que concorrerão para o fim de assistirem á cerimonia religiosa da benção do vapor Araguay-nerú-assú e a inauguração a vapor no rio Araguaya em consequencia de o haver communicado o mesmo Ex.mo S.r presidente da provincia de Matto Grosso ao desta provincia que dirigiu convites e fez publico este facto da mais subida importancia para engrandecimento e prosperidade da provincia de Goyaz. E achando-se surto no porto, em frente á foz do Rio Vermelho, o mencionado vapor, de que é commandante o capitão de fragata commendador Balduino José Ferreira de Aguiar, recolherão-se a bordo os Ex.mos S.rs presidentes das provincias de Matto Grosso e de Goyaz, acompanhados dos S.rs D.r Theodoro Rodrigues de Moraes, 3.º vice presidente; D.r Frederico Dabney de Avellar Brotero, chefe de policia da provincia; D.r João Luiz de Araujo Oliveira Lobo, inspector geral dos presidios; Antonio Honorio Ferreira, inspector da thesouraria de fazenda de Goyaz; D.r Joaquim Rodrigues de Moraes Jardim, engenheiro; capitão Luiz Gonçalves de Lima, engenheiro constructor; D.r João Thomaz de Carvalhaes, 1.º cirurgião do exercito; muitos outros funcionarios publicos e pessoas importantes. Em seguida, precedendo os necessarios exames e reconhecimentos, teve lugar a cerimonia religiosa do vapor, até então chamado Araguay-nerú-assú; officiando o Rev. B. da Costa e Oliveira, capellão do presidio Leopoldina, tendo-se antes assentado em mudar-se o nome do mesmo vapor que passou-se a chamar-se — Araguaya. Terminado o acto

religioso, erguerão-se vivas á religião do Estado, a Sua Magestade o Imperador, ao governo imperial, aos Ex.mos S.rs ministro da marinha, conselheiro Affonso Celso de Assis Figueiredo, e ministro da agricultura, conselheiro Manoel Pinto de Souza Dantas, e finalmente ao progresso da navegação a vapor no interior do Imperio. Logo depois o vapor suspendeu o ferro, largou do porto em direitura á margem opposta, atravessou o rio Araguaya, cruzou em differentes direcções ao som do hymno nacional, subio o rio Vermelho e voltando ao ancoradouro foi solemnemente proclamado achar-se installada a navegação a vapor no rio Araguaya, acto este que foi saudado entusiastamente por todas as pessoas que assistirão de bordo e das praias. Então o Ex.mo. S.r desembargador João Bonifacio Gomes de Siqueira levantou vivas ao Ex.mo S.r D.r José Vieira Couto de Magalhães, a quem se deve a reanimação da navegação do Araguaya e seus affluentes, a iniciativa da navegação a vapor que sustentou com tanta constancia e sacrificios, e acabava-se de ver realizada a despeito de todos os obstaculos e contrariedades a que sempre se mostrou superior. O Ex.mo S.r D.r Couto foi saudado e cumprimentado por todos por tão alto feito, recebendo as mais vivas demonstrações de gratidão e reconhecimento. Assim terminou-se a cerimonia da inauguração da navegação a vapor no rio Araguaya; e de tudo para memoria se lavrou o presente auto que vae por todos assignado e de que se extrahirão 6 copias para serem remettidas, a saber: duas aos Ex.mos S.rs Conselheiros ministros da marinha e agricultura, duas para a secretaria do governo da provincia de Matto Grosso e á camara municipal da capital da mesma e finalmente duas para as mesmas repartições de Goyaz. — Antonio Honorio Ferreira, o escrevi. — D.r José Vieira Couto de Magalhães. — D.r João Bonifacio Gomes de Siqueira. — Theodoro Rodrigues de Moraes. — Frederico Dabney de Avellar Brotero. — D.r João Luiz de Araujo Oliveira Lobo. — Antonio Honorio Ferreira. — Joaquim Rodrigues de Moraes Jardim. — Luiz Gonçalves de Lima. — João Thomaz Carvalhaes. — Confere, Antonio Honorio Ferreira.”



# Apontamentos de Historia

*Hildebrando Siqueira*

## INSTRUÇÃO PÚBLICA COLONIAL

Aí pelas alturas de 1768, teve necessidade o capitão-general d. Luiz Antonio de Sousa de procurar novos secretarios, pois os efetivos estavam licenciados por doença. Entretanto, não encontrou, em toda a capitania de S. Paulo, quem pudesse ocupar aqueles cargos. Não havia, aquí, pessoas que soubessem escrever:

“Não achei quem tivesse letra, — diz o referido governador em officio dirigido ao Conde de Oeiras, futuro marquês de Pombal, — e que, ao menos por remedio, pudesse supprir aquella falta.”

Resolveu, então, d. Luiz Antonio de Sousa, contratar um mestre para os meninos de Piratininga. As coisas, no terreno da intelligencia, não podiam continuar assim. Era uma vergonha não existir, na terra fundada sob a proteção de um colegio, uma pessoa siquer que “tivesse letra”.

No mesmo ano de 1768, o capitão-general elaborou os “estatutos que hão de observar os mestres das escolas dos meninos de São Paulo”. Haveria em São Paulo, segundo os estatutos, dois mestres e, nas cidades adjacentes, um apenas. Esses mestres não poderiam lecionar, no entanto, sem provisão ou licença. Os meninos somente seriam admitidos, nas escolas, mediante despacho do capitão-general. “E — ordenavam os estatutos — não poderão passar para outra escola sem preceder o mesmo despacho, e isto para que os Mestres os possam castigar livremente sem receyo de que seus pays os tirem por esse motivo, ou por outros frivolos, que comumente se praticão, e havendo de os quererem tirar para outro qualquer emprego,

darão fiança para apresentarem em tempo determinado certidão da Occupação, ou Officio, em que os tem empregado.”

Ninguém poderia passar a “estudos mayores” sem informação do mestre, pois era necessario, antes de tudo, saber ler, escrever, contar e conhecer os fundamentos da Religião Cristã e obrigações civis. O livro adotado seria o *Livro do Andrade*. Como leitura suplementar, adotar-se-ia o *Educação de hum menino nobre* ou a *Tradução das Obrigações Civis*, de Cícero. Finalmente, “hum vez cada anno em hum dia de N. Senhora que se eger por patrona, apparecerá o Mestre com todos os seus meninos na Salla do General, aonde fará hum acto publico, em que mostre o adiantamento que tem feito em os meninos com o methodo da sua escolla, não só para ser louvado o seu merecimento, como para lhe darem as providencias que forem necessarias.”

Foi esse, que eu saiba, o primeiro ato que regulamentou a instrução pública em São Paulo. Data de 12 de maio de 1768. (*Documentos Interessantes*, vol. XIX).

## EPIDEMIAS

A propósito de epidemias no Brasil, uma das mais antigas noticias que se conhecem é a de 1584. Está inserta nas *Enformações do Brasil e das suas capitánias*, que a *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* publicou. Contamos, entre outras coisas:

“E quando ha doenças geraes como ouve muitas de bexigas, priorizes e tabardilhos, camaras de sangue, etc. não ha descançar, e nisto se gasta quá a vida dos nossos có que se tem ganhado muitas almas ao Senhor.”

Esses flagelos, rezam as crônicas, se tornaram frequentes, ocasionando à colonia serios prejuizos. Como se pode ler nos *Registros das Embarcações (Publicações do Arquivo do Distrito Federal)*, a peste das bexigas, por exemplo, foi importada pelos navios negreiros, que principiaram a chegar ao Rio de Janeiro durante a governança de Rui Vaz Pinto (1617-1620).

O Rio de Janeiro tornou-se, mais tarde, perfeito ninho de febre amarela, o que proporcionou à encantadora cidade, até ao saneamento empreendido por Osvaldo Cruz e Pereira Passos, amarga e triste fama. Varias epidemias, algumas, até, de amplas proporções, se registaram, através dos tempos, aquí e ali.

Uma, porem, a que grassou na capital do país no século XVIII, se tornou interessante por causa do nome que recebeu.

Em 1776, o Rio foi assolado por molestia perigosa e de carater epidêmico. O historiador Joaquim Manuel de Macedo assim a descreve:

“Era uma febre de carater maligno, acompanhada de afecções cerebrais e da medula, e que, quando não terminava com a morte dos doentes, deixava a estes um legado cruel de paralisias e de enfermidades.”

Molestia tão violenta, como a batizou o povo? Simplesmente: *zamperini* ou *zamperina*. Porquê? Vamos ver. Zamperini (obra citada) foi uma cantora veneziana que andou pelo Rio a incendiar corações. Deu nome a penteados, vestidos e sapatos. A epidemia, que irrompeu, por essa altura, não conseguiu, pois, fugir à moda...

### A ESQUIVANÇA DOS PAULISTAS

Carradas de razão, possuia-as, não padece dúvida, o morgado de Mateus, quando, em sua volumosa correspondencia epistolar com o Reino, se referiu com insistencia ao temperamento esquivo e concentrado dos filhos de São Paulo. O grande inconveniente na vida do planalto de Piratininga — asseverou, certa feita, o perspicaz capitão-general — “he a falta de sociedade”. “Os homens — são, ainda, palavras de d. Luiz Antonio de Sousa — vivem fóra do povoado, mettidos pelos mattos, sem ouvirem mais que a familia.” E’ que, segregado do litoral por áspera barreira topográfica, que o afastava, quasi que completamente, da metrópole longinqua — como já o notou Paulo Prado — o paulista somente ponde, na época de sua formação social, contar consigo proprio para realização de obras empreendidas. Daí o feito moral que sempre o caracterizou e a vida calada e arredia que seguiu, longe dos aglomerados humanos, entregue, apenas, a ininterrupto trabalho.

São, não há negar, inúmeras as páginas da historia de São Paulo que relatam fatos comprobatorios da insociabilidade do paulista, mormente na idade colonial. Muitas vezes, era mister assumir atitudes enérgicas, afim de obrigar o nosso homem daquele tempo a comparecer a sessões da Câmara, recepções de autoridades e outros atos de carater official. Outras vezes, então, cargos de valor permaneciam vagos dilatados meses, por-

que ninguém, na cidade, queria ocupá-los. Antonio de Toledo Piza, em anotação inserta no volume XXIII dos *Documentos Interessantes*, conclue que a dispersão e esquivaça do paulista eram motivados pelo despotismo dos administradores públicos: “*Todos desejavam estar o mais longe possível das garras do governo e preferiam lutar com as feras dos sertões.*” Em parte, colhe a afirmativa do saudoso historiador.

No principio do século XVIII, a organização da Câmara Municipal de São Paulo preocupava seriamente o governo português. A gente bandeirante, concentrada e arisca, não desejava, em detrimento dos proprios interesses, assumir a direção dos interesses gerais. Esse fato levou, então, Dom João, rei de Portugal, a baixar, aos 17 de janeiro de 1715, provisão em que concedia foros de nobreza a todos quantos servissem a Câmara, uma vez que não estivessem incursos em penalidades impostas por devassas ou correições:

“*Sendome presente a representação, que me fizestes, sobre ser conveniente ao bom serviço da Republica dessa cidade aos que servirem na Camara della, nobreza e privilegios de cavaleiros para com elles obrigar os sujeitos de melhor capacidade, aservirem os officios da Republica, fui servido fazer mce. por resolução de sette do preste. mes e anno em conçulta do meu Conselho Ultramarino, aos Paulistas, de que todos os que, na cidade de São Paulo, servirem de juizes ordinarios, vereadores e procurador do Conselho, fiquem com a nobreza de Cavaleiros e logrem os privilegios delles, isto no cazo de nas devassas geraes que na forma da ordenação, tirão todos os annos os juizes ou nas da correição, não fiquem culpados.*”

Boa maneira, evidentemente, de “obrigar os sujeitos de melhor capacidade a servirem os officios da Republica”...

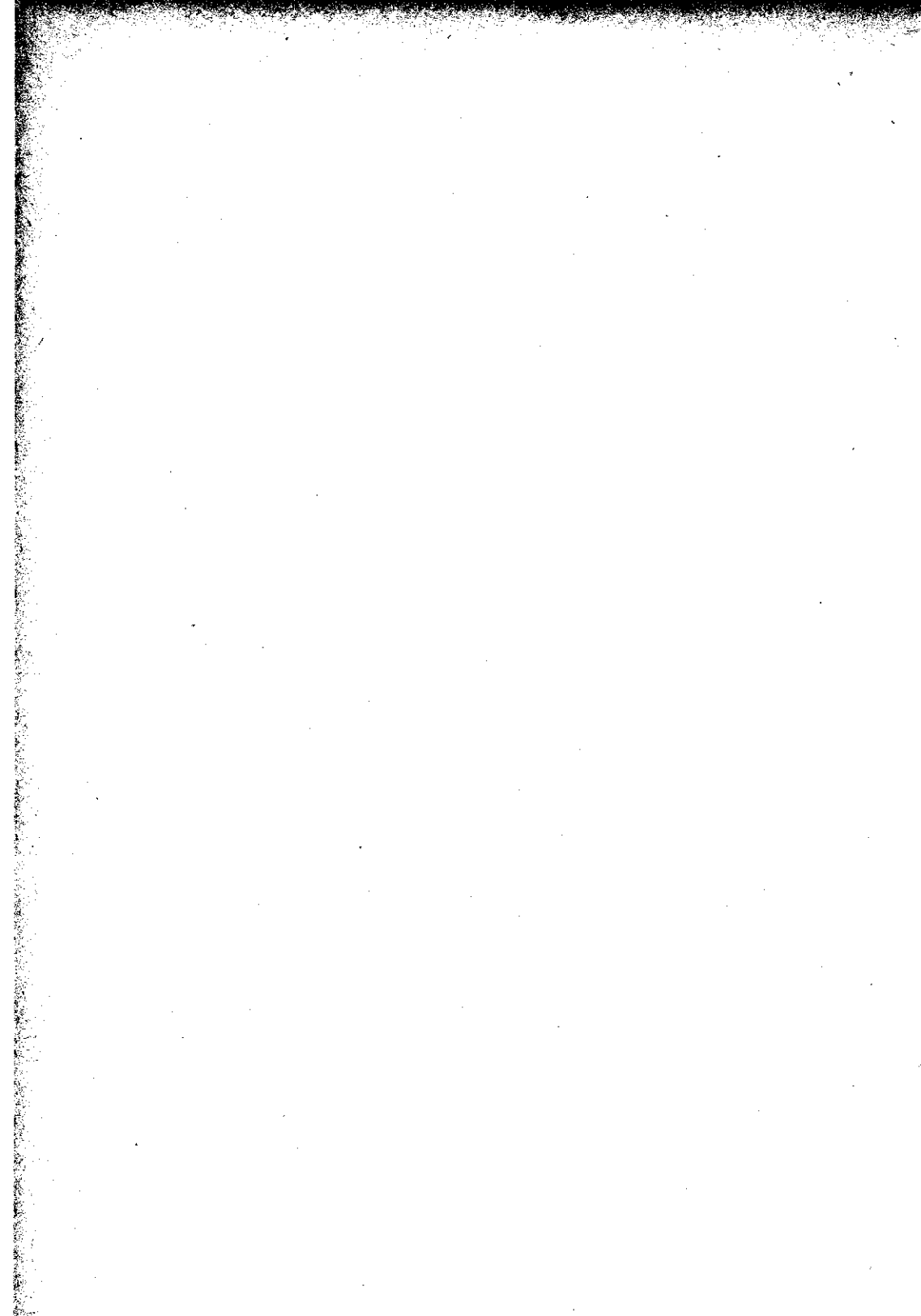
## POLÍTICA E MAGISTRATURA

Na colonia incipiente, a política invadia, de quando em vez, os dominios da magistratura. Certa feita — isto em 1705 — o severo ouvidor-geral de São Paulo, Antonio Luiz Peleja, teve de exercer em Santos a sua jurisdição. Era proibido, por éditos constantes, andar à noite “embussado em capote”. Pois, na linda cidade de Braz Cubas, um negro infringiu a lei: passeou, quanto quis, sob o céu estrelado, dentro de uma capa enorme. O ouvidor-geral applicou-lhe a penalidade legal, mandando açoit-



tá-lo. O governador da praça de Santos, que era Jorge Soares de Macedo, protestou, porem, contra o ato do ouvidor, e ameaçou prendê-lo. Tudo, porque o negro açoitado lhe pertencia...

No ano seguinte, entretanto, enviou o rei de Portugal ao desembargador João Saraiva de Carvalho, com jurisdição em São Paulo, uma provisão em que energicamente ordenava que "os governadores não se podem entremeter com os juizes" e "nem impedir que administrem justiça as partes". Era preciso garantir a magistratura! (Vide *Revista do Arquivo Municipal de São Paulo*).



## Ensaio Genealógico

**Os "Cabrais", que eram agigantados, possuem descendentes brasileiros, originários, não do descobridor Pedro Alvares Cabral, mas de outros membros de seu tronco paterno.**

*Aureliano Leite*

### COMO NASCEU EM MIM O DESEJO DE ESTUDAR ESTE ASSUNTO

Desde eu menino, lá em Minas Gerais, ouvia as pessoas de minha família narrarem que, pelo lado materno, entre os nossos inumeráveis antepassados mais remotos, figurava o descobridor do Brasil. Nunca emprestei ao caso melhor importancia até à minha emigração para São Paulo. Aquí, depois de adquirir, aos dezasseis anos, a estatura física de que hoje desfruto — 1 metro e 84 cents., sem sapatos, é que comecei a voltar o meu espírito para o esclarecimento dessa suposição.

Tenho vivo na memoria como nasceu a minha curiosidade.

Por mero acaso, um dia, no ginasio do refletido filólogo Silvio de Almeida, à alameda Ribeiro da Silva, predio em que reside hoje o Dr. Dario Ribeiro, reunimo-nos quasi uma duzia de próximos parentes consanguíneos.

Éramos Silvio, o Coronel Luiz Americano, Olimpio de Almeida, graduado funcionario do Ministerio da Agricultura, acompanhado, si a minha memoria não claudica, de seus filhos Volney e Americano, ambos hoje em Minas, respectivamente, como juiz e médico; Reinaldo de Almeida, diretor de um collegio em Pouso Alto; dois filhos de Silvio, Tales e Leandro, actualmente juizes no interior de São Paulo; Paulo Roberto, advogado em São Paulo; e, finalmente, eu, já então estudante de direito, a meio do curso.

De todos nós, não era o desconhecido autor deste ensaio, a despeito de seus quasi seis pés de altura, o mais crescido.

Naquele cavaco de pessoas velhas, maduras e moças, representando três gerações de um novo galho mineiro derivado de antigo tronco paulista, vieram à baila assuntos de genealogia e etnologia.

Verdadeiros quasi-gigantes, não constituiríamos positivamente uma anormalidade dentro de nossa estirpe. Essa estatura elevada parecia indicar um autêntico traço marcante, porque apresentava o carater de uma regra, sendo difficil encontrarem-se homens baixos na nossa familia, assim no presente, como no pretérito. No Rio de Janeiro, no interior de São Paulo, em Minas, enfim, em todas as regiões onde os paulistas, arroteando o sertão, lançaram as primeiras sementes de vida nova, podiam contar-se outros inúmeros exemplares de parentes de tanta extensão vertical como nós. Isto definia bem os traços de um tronco étnico que devia encontrar as suas raizes num passado mais distante, naquele passado paulista em que viveram esses homens, cuja observação mais detida deixou estupefato o espírito imparcial e arguto de Augusto de Saint-Hilaire, tentado, como confessou, a crer que essa gente pertencesse a uma raça de gigantes. No caso, claro, mais do ponto-de-vista moral.

E vinham a exame outras familias contemporaneas da região planaltina, como a dos Lemes, a dos Buenos, a dos Prados, etc., em que o fenómeno da elevada estatura se repetia, e cujas primitivas matrizes foram ligadas à nossa, nos séculos XVI, XVII e XVIII.

Passando-se a tal observação, mais geral, era-se obrigado a inferir que existia, espalhada pelo sul do Brasil, oriunda de São Paulo, uma corrente planaltina de quasi-gigantes, de homens pernaltas, daqueles que a tradição vicentina dizia andarem dez leguas, a pé, antes do almoço...

Onde a fonte primaria desses varios e estranhos grupos humanos espalhados dentro da gente mameluca paulista, a quem Quatrefages de Bréau e M. F. Denis, depois do velho Saint-Hilaire, como que defendendo o mestiço em geral das acusações de estudiosos como Gobineau, Laponge e outros, chegam a attribuir-lhe, alem de coragem indomavel, uma bela proporção física?

Derivada apenas do branco-ibero e do indio a massa populacional de nossa capitania (não havia então o negro na mestiçagem vicentina), não sairia certamente dos aborígenes, sem-

pre pequenos, nem tão pouco do portuguezs comum, que era meão, o porte notavelmente destacado de certa parte dos piratiniganos.

Não faltou quem se aventurasse à suposição poligenista de uma fonte no proprio continente americano. Bem poderíamos haver provindo dos primitivos patagões, que, como se sabia, apresentavam uma estatura pouco inferior à dos nórdicos da Europa, encontrando-se, às vezes, entre esses individuos da extremidade meridional da Argentina e do Chile, homens até de 1m,85 centímetros. O curioso é que essa estatura parece que não se transmitiu, nem se transmitirá aos habitantes da região, pois se apresentam quasi que inteiramente extintos esses selvagens, a ponto de se contarem pelos dedos os seus remanescentes. Veio confirmar isso o último livro do illustre Sr. Claudio de Sousa, *Terra do Fogo*.

Mas, objetava-se logo que nunca essas tribus, de região imensamente fria, quasi polar, mantiveram qualquer contacto com os nossos antepassados do Trópico ou do Equador. Sempre permaneceram tão longe dos nossos pequenos tupás e tapuias, como os suevos dos filhos da Líbia, ou como os fineses dos sirios. Evocou-se mesmo a opinião de Spix e Martius, os quais atestam que as migrações precolombianas, dentro da América, sempre se deram de Norte para o Sul. Destarte, a aceitar-se a origem dos patagões, pareceria mais sabio subirse ao Continente e procurar-se acolá, entre os seus troncados e membrudos tipos primitivos dos "mayas", "aztecas" e "incas", o nosso ascendente continental.

Então, outros lembraram as descobertas paleontológicas desse famoso Peter Wilhelm Lund, emigrado com apenas 24 anos, da remota e supercivilizada Dinamarca para a provincia central de Minas Gerais, trazido por uma aspiração científica, ou, como mais tarde haveria de imaginar o sr. Roquette Pinto, batido por um amor frustrado num possível romance com alguma esguia e loura escandinava... Pois não encontrara esse arrojado filho de Copenhague e patricio do cismático Hamlet, em certa caverna ligada à Lagoa Santa, esqueletos fossilizados do homem quiçá americano, mostrando dimensões anatômicas fabulosas?

— Não, não era real a última parte, contestou-se logo. Tais quais não pareciam verosimeis as informações do Padre Manuel Aires Casal, na sua *Corografia Brasílica*, de haverem sido achadas ossadas de gigantes, na margem do rio das Contas, no Estado da Baía. Da mesma forma, não se cria em um

semelhante boato, corrente nos meios científicos de Filadélfia, repetido em livro do paraense Cândido Costa, com relação à ilha dos Mortos (*sic*), no rio Cubatão, onde os restos humanos não passavam, porventura, dos célebres *sambaquis*...

Todavia, no que tocava aos estudos do sapiente e misterioso Lund, ficou desde logo esclarecido que ele próprio, em comunicados ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (os quais se reproduziriam mais tarde nas obras de Anibal de Mattos), impugnara a suposição do encontro de ossadas de gigantes em Minas Gerais. Naquilo em que a ignorância audaciosa ou a invencionice pueril via colossos humanos, ele, o estudioso, o especialista da matéria, topava apenas espécies desaparecidas de "mastodontes", ou equivalentes irracionais monstros.

Na verdade, existiram naquela caverna dois esqueletos humanos de mais velha idade que outros, denotando estaturas anormais, mas anormais em relação ao nosso pequeno índio da época colombiana. Podiam ter pertencido a botocudos, que, no geral, apresentavam maior porte, ou a remotíssimos patagões, os quais transitaram pelo país em épocas anteriores, muito antes das migrações dos nossos tupis e tapuias.

Admitido que os botocudos, índios do grupo Gê, possuissem maior desenvolvimento físico que as demais ramificações dos tapuias e tupis, a sua entrada na composição racial dos mamelucos do Sul não explicaria o fenômeno que atraía a nossa curiosidade, porque a estatura dos homens daquela tribo regulava com a do europeu comum, que era meio. Extraordinários devem com efeito considerar-se os botocudos, mas tão somente em relação aos demais tipos dos selvícolas brasileiros.

Banida por essa forma uma origem americana (fossem ou não os ameríndios produto de migração) para a estatura elevada de certos mamelucos de S. Paulo, e assentado afinal, por acordo geral, que o aborígene, que se cruzou com os invasores ibéricos, jamais passou de um minguido porte, baralhamo-nos na deblateração que, mal conhecedores do assunto, levantamos em torno de novas hipóteses e fantasiosas conjecturas.

Silvio, cego de um olho e surdo dos dois ouvidos, procurava, sem proferir palavra, acompanhar o debate.

Num dado momento, ele interveio. Muito tímido, mas mecidamente respeitado por todos nós, que o amávamos fundamentalmente, na sua bondade e no seu saber, ele falou:

— Tenho aqui uns livros que podem não aclarar de vez a tese, mas abrir uma vereda para a solução...

Foi até ao seu pequeno escritório, adaptado na caixa-da-escada, e voltou sobraçando varios volumes. Eram, a *Genealogia Paulistana*, de Luiz Gonzaga da Silva Leme, e outro autor cujo nome não me ocorre.

Pela primeira vez, eu divisava aquela obra, editada em 1903.

Silvio, que já a estudara, pôs-nos sem demora, sob os olhos, a materia que interessava à nossa discussão. E pudemos beber então, nos títulos “Ribeiras”, “Furquins”, “Pretos” e “Garcia Velhos”, a nossa ascendencia, dada por Silva Leme, em parte, como oriunda da família de Pedro Álvares Cabral.

Resumia-se nisto a investigação ali mesmo alcançada: “Descendentes de Amador Bueno, pela sua filha Mariana, éramos também descendentes do “Governador Pedro Alvares Cabral”, que, casado com Susana Moreira, filha do Cap.-mor Jorge Moreira, tivera o seu neto Sebastião Preto Moreira casado com essa Mariana Bueno”.

A intervenção de Silvio tornara-se deveras surpreendente, mas parecia-nos nada adiantar ao nosso objetivo de momento, que era encontrar uma hipótese razoavel, no fundo dos séculos, para as nossas estaturas...

Silvio compreendeu a nossa advertencia e, com certeza, já a esperava, porque sorriu, naquele sorriso doce que iluminava o seu rosto de surdo, ensombreado pela barba grisalha e pelos vidros negros de seus óculos, acudindo:

— Vejam agora esta outra obra... (referia-se àquela de que não guardei o nome). Sabem quem era o pai do descobridor? Era Fernão Cabral, cognominado o “Gigante da Beira”, tão grande e robusto ele se mostrava. Deixou fama pelo porte anormal... E o seu filho, Pedro Álvares Cabral, também foi assim... Lembro a todos que, em Portugal, como no Brasil (Silvio era filho de primos-irmãos e se casara com prima-irmã), sempre foram comuns, nas velhas famílias, os consorcios entre consanguíneos (1), o que veio facilitar a apuração e perpetuação de certas características físicas, como a da elevada estatura. Posso mesmo informações pessoais de que os proprios Cabrais modernos têm sido corpulentos...

A primeira parte do que Silvio nos informou estava nessa obra, talvez portuguesa, que ele folheou e nos fez deletrear. Com relação ao “Descobridor”, narrava o volume, a exumação dos

(1) Disso o hábito de tratamento (nas velhas famílias luso-brasileiras) entre consortes, de “primo” e “prima”, reciprocamente.

seus restos mortais na igreja da Graça, em Santarem, e falava no tamanho desproporcionado dos seus ossos, dos seus fêmures...

Na estatura desmesurada daqueles nossos ascendentes, parecia-lhe ver levantada uma ponta do véu para o esclarecimento que nos preocupava. Em falta de outra porta, convidava-nos a penetrar por ela...

Não podia eu ficar com a minha curiosidade inteiramente satisfeita. Silvio, reafirmando (e agora estribado nos livros de Silva Leme, que quasi ninguem conhecia) a nossa ascendencia cabralina, abria-nos, com relação ao assunto da origem da nossa estatura anormal, no Brasil, apenas uma pista.

Todavia, por muito tempo, estaquei no ponto em que Silvio de Almeida me deixara.

Sem folga nem gosto, então, para tais estudos, só depois de meu exilio em Portugal, após a revolução de 1932, voltando de novo a minha curiosidade para assuntos da nossa historia primeva, tratei de aproveitar a vereda que o saudoso Silvio de Almeida me apontara.

E três questões se me apresentaram ao espírito: I — Seriam de fato agigantados os "Cabrais"?; II — Possuiriam realmente os "Cabrais" parentes entre as velhas familias paulistas da Colonia?; III — Mas seriam esses "Cabrais", fundadores dessas velhas familias, descendentes do "Descobridor"?

— I —

## SERIAM DE FATO AGIGANTADOS OS CABRAIS?

Para o exame da 1.<sup>a</sup> questão: "Seriam de fato agigantados os Cabrais?", os passos iniciais deverão ser no sentido dos que trataram, a-pesar-de incidentemente, dessa característica.

Lastimavelmente, deixei de conservar na lembrança o autor, certamente português, de quem Silvio de Almeida se servira. Esse precioso livro não hesitava na afirmação da desmesurada estatura de Pedro Álvares Cabral, que, por sua vez, a herdara de Fernão Cabral, o célebre "Gigante da Beira".

Mas, nem por isso, se deixará de chegar a resultado de certa forma compensador, invocando-se as fontes de que hoje disponho. O Visconde de Sanches de Baena, por exemplo, na sua memoria apresentada, em 1896, à Academia das Ciencias



de Lisboa, e que mereceu um prefacio do 2.º visconde de Castilho, estudando a figura desse belo moço de 30 anos, a quem o Brasil deve a anexação à civilização, e destrinchando a sua nobre linhagem, desde Álvaro Gil Torreal — coevo do Mestre de Aviz, de quem recebera as alcaidarias de Belmonte — até aos dias modernos — Sanches de Baena, confirma a alcunha popular, dada a Fernão Cabral, de “Gigante da Beira”.

Depois disso, em 1900, Faustino da Fonseca, publicista luso tambem, a quem aquinhoara o nosso José Francisco da Rocha Pombo (vol. I da sua alentada *Historia do Brasil*) com os elogios de “impertérito mestre” e “quasi sempre irrefutavel e categórico”, declarava que, tendo sido autenticados o jazigo e a ossada de Pedro Álvares Cabral, se reconheceu que era de avantajada estatura, como dizia a tradição. E acrescentava que já seu pai era chamado o “Gigante da Beira”.

Já antes, Augusto Soares Barbosa de Pinho Leal, no seu trabalho *Portugal Antigo e Moderno*, (que, a-pesar-de atacado no atabalhoamento da feitura por Pinheiro Chagas, é considerado fonte honesta e de comprovado valor), na palavra “Belmonte”, informa: — “E’ tradição constante na vila Belmonte que Fernão Cabral, *pelo seu agigantado corpo e forças herculeas*, era cognominado, no seu tempo, o “Gigante da Beira”, e que no castelo da mesma vila, ainda há pouco, se conservava *uma massa de ferro com o peso de uma arroba, por ele manejada nos combates.*”

Tambem Jaime Cortesão, no seu claro estudo sobre a *Expedição de Cabral*, no 2.º volume da *Historia da Colonização Portuguesa*, fornece fidedignas noticias a respeito. E não se limita a citar Pinho Leal, na confirmação da “*tam avantajada estatura*” de Fernão Cabral, mas remonta até ao poeta Fernão da Silveira, capitão de cavalaria (posto então conhecido por coudel-mor) e contemporaneo do famoso pai do famoso “Descobridor”. Alguns versos desse homem, íntimo da corte real do seu tempo, figuram no *Cancioneiro* de Garcia Rezende. De lá, naturalmente, tirou Jaime Cortesão estes, em que Fernão Silveira epigrama Fernão Cabral, comparando-lhe a braveza no campo de guerra e a justiça com que julgava — pois foi corregedor das Beiras — à sua grandeza física:

“Mycer gualante Cabral

. . . . .  
sois em côrte feo, grande,  
e no campo outro tal.”

Acrescenta logo em seguida "o fidalgo tropeiro", insistindo na característica daquele "*metedor de alvoroço entre moças de pandeiro e soalheiro*", que tanto impressionava:

"Um Mancias sois segundo,  
Por servir damas tornado,  
E dos gualantes sois dado  
Por espelho nesse mundo..."

Ora, esse Mancias, da imagem do poeta quatrocentista de Évora, não passava de Elvio Mancia, orador romano (90 anos antes de Cristo), que teve por adversario o grego Estrabão. Foi célebre "*per la bruttezza del volto e per le strane smorfie che faceva perorando; smorfie che suscitarono ilarità irresistibile in C. Strabone, suo avversario in una lite*", dizem os italianos.

Por onde se vê que Fernão Cabral era tão grande e feio que chegaria a fazer medo, si lhe não compensasse a maldade da natureza com a galantaria do trato e o equilíbrio do espírito.

Pedro Álvares Cabral, o quinto filho, na irmandade de onze herdeiros deixados pelo "Gigante da Beira": 5 varões e 6 fêmeas (expressão usada pelos linhagistas lusos), manteve provavelmente a corpulencia paterna.

Jaime Cortesão, referindo que ele tirara de seu pai a estatura desmedida, acrescenta: "como se constatou ao destapar-lhe a sepultura".

Quis o autor português, como fizera Faustino da Fonseca, aludir ao longo episodio que começara em 1839, quando o nosso visconde de Porto Seguro, na ignorancia do local certo do túmulo de Pedro Álvares Cabral, esquecido pelos portugueses e brasileiros, foi descobri-lo na igreja gótica da Graça, na lendária cidade de Santarem, que fica sobranceira ao largo Tejo.

Esse episodio, que teve varias cenas, terminou em Santarem, a 6 de agosto de 1882, com uma vistoria oficial na humílima sepultura rasa do "Descobridor". Perante numerosa comissão, de que fazia parte o fidalgo Senhor Dom José Maria de Figueiredo Cabral da Câmara, tido então como o autêntico herdeiro da casa e varonia do "Descobridor", além do governador civil do distrito, Visconde d'Andaluz, e à vista "*de se espalhar com apparencias de verdade, por ocasião da visita feita, há poucos anos, a esta cidade por um illustre personagem (referiam-se a Porto Seguro?) que haviam desaparecido do res-*

*pectivo sepulcro os restos mortais do inclito navegador português, etc.*”, é para avaliar o crédito dessas informações, resolveu-se verificar si “*naquela campa existem ossadas que, pelo seu estado e condições, possam dar a certeza moral de que entre elas devem estar as cinzas do nosso grande navegador*”.

Na verdade, para merecer-se a condição de informador leal, é-se obrigado a declarar que da ata dessa verificação oficial, transcrita textualmente por Sanches de Baena e outros publicistas, não consta nenhuma alusão ao avantajado da estatura do navegante. Antes, pareceu difícil à comissão distingui-lo entre duas das ossadas oriundas dos dois cadáveres ali depositados mais remotamente que um terceiro.

Porem, existiam nesse sepulcro três despojos: o de Pedro Alvares, o de seu filho Antonio e o da esposa daquele e mãe deste, colocado no carneiro varios anos depois dos dois primeiros. Entretanto, o que se não logrou destacar foi o esqueleto do pai do esqueleto do filho. Ora, sem forçar o argumento, o laudo admite a conjectura de que o filho Antonio seria tão alto e robusto quanto o seu glorioso pai, o que não espanta, mas antes afigura-se natural e lógico. De um pai grande, um filho grande. De tal árvore não podia nascer menor ramo.

Como se vê, isto não desmente a Jaime Cortesão, cuja autoridade ressalta da propria colaboração em obra severa e grande, como veio a ser a *Historia da Colonização Portuguesa*. Transmite ou repete o autor luso uma velha noticia, cuja fonte talvez seja o depoimento oral das proprias testemunhas que, em Santarem, no dia 6 de agosto de 1882, presenciaram o acontecimento espetacular da abertura da sepultura do navegante, fechada, havia quasi quatrocentos anos. Acresça-se que o trabalho de Jaime Cortesão, o qual, antes de ser historiador, já se afirmara por outros estudos e como poeta ilustre de *Gloria Humilde*, é novo, pois se publicou pela época do primeiro centenario da independencia do Brasil, e eu já ouvira muito antes, ou seja, pelo ano de 1908, a mesma informação de Silvio de Almeida, de começo citado.

De onde, de que livro viria a este saudoso educador essa afirmação?

Naturalmente, alguns outros publicistas lusos, alem dos que aqui refiro, terão mencionado essa particularidade do “Descobridor”, visto como, a-pesar-do meu esquecimento em rela-

ção à obra invocada por Silvio, afianço não haver sido nenhuma das que agora manuseio.

Na minha longa temporada de exílio em Portugal, quando da visita que me levou à curiosa Santarem, pelas inesquecíveis festas centenarias de 3 de maio de 1933, escutei a varias pessoas do lugar repetirem que, segundo a tradição, nos sobejos da familia Cabral, os ossos eram tão grandes que até pareciam de boi...

Não é só. Na observação da iconografia cabralina, ficou-me a impressão de que o seu vulto tem sido intencionalmente representado por pintores e escultores em tamanho avantajado, quer em grupos, com outras figuras, quer sozinho. Assim é, por exemplo, na tela de nosso conhecido patricio Aurelio de Figueiredo, em que Pero Caminha lê, perante o frei Guardião Henrique de Coimbra e outras figuras de sua expedição, a célebre carta a D. Manuel. Assim é, também, no quadro de outro talentoso artista nacional, Vitor Meireles, *A Segunda Missa no Brasil*. Assim se repete no trabalho de outro estimavel pincel brasileiro, Pedro Peres: *O Hastear da Cruz em Porto Seguro*. A mesma constante parece-me ver nas suas estatuas, inclusive na esculpida pelo notavel méxico-brasileiro Rodolfo Bernardelli, sob as opulentas árvores da Gloria, na Capital Federal. Em seus retratos individuais, a particularidade se patenteia até no proprio medalhão do claustro dos Jerônimos, em Lisboa, quanto mais nos outros varios, em todas as posições, como o da *Historia Universal*, de Cesare Cantu, o do folheto de José Parmela, o que abre o vol. II da *Historia da Colonização*, o do livro *Duas Américas*, de Cândido Costa, até ao mais vulgar deles, ou seja, o que se costuma reproduzir da obra, de 1817, *Retratos e Elogios de Varões e Donas*...

Em remate, ocorre-me outro argumento valioso em favor da anormalidade de Pedro Álvares. Quando se inumava um morto antigamente — e até hoje — em cova de alvenaria, o comprimento desta obedecia ao comprimento do ataude, como o deste ao do cadaver. Ora, a cova do "Descobridor" era constituída de "um amplo carneiro de dois metros e quarenta centímetros de comprimento por um metro e vinte centímetros de largo e noventa centímetros de profundo". Assim reza, textualmente, a ata atrás referida da exumação procedida em Santarem. Isto indica que não se tratava de um homem normal, pois os despojos de um homem normal não exigiriam um carneiro adrede

preparado de dois metros e quarenta centímetros de comprimento (2) ...

(2) Claro que não atribuo ao "Navegante" a estatura do bom São Cristovão, também chamado "Hércules Cristão" e que levou a vida a baldear peregrinos através de um largo rio, nem também a do russo Machov, que atingiu 2 metros e 85, nem a do rei dos teutões — Teutobod, derrotado pelo consul romano Mario, junto a *Aquae Sextiae*, na Gália Meridional, nem mesmo a do imperador romano Maximino, que chegava a 2 ½ metros, ou ainda a daquela negra Abomat, a qual visitou São Paulo, em 1910, e que possuía os seus 2 metros e 25, ou então a daqueles africanos de Hotentotia e do Congo, onde afirmam haver existido uma raça de autênticos gigantes.

Muito menos a daqueles monstros humanos ou figuras fantásticas que os poetas criaram: Hesiodo, primeiro; muito depois, Ludovico Ariosto e Luiz Pulci; no século imediato, Camões:

"..... uma figura  
Se nos mostra no ar, robusta e válida,  
De disforme e grandíssima estatura,  
O rosto carregado, a barba esqualida;  
Os olhos encovados e a postura  
Medonha e má, e a cor, terrea e pálida,  
Cheios de terra e crespos os cabelos,  
A boca negra, os dentes amarelos."

E Gargantua, da sátira genial do patriarca do riso... E o Almoural, das altas cavalaria da *Palmerium* da Inglaterra... E Fafner, aquele personagem de Wagner no poema musical *Siegfried*... Há também os dos livros bíblicos, onde se celebrizou Golias, de 6 côvados e 1 palmo de altura e que vestia, para os combates, uma couraça de bronze pesando 5.000 siclos, o que não impediu que o derrubasse com um tiro de funda, Davi, rei de Israel... Mas, falando de Golias, não quero lembrar os primeiros seres da criação descritos pelos in-folios sagrados e comentados pelos doutores da Igreja, como Santo Agostinho, na *Cidade de Deus*, o qual chega a declarar que inúmeros viveram 1.000 anos, e descrevendo-os com as próprias palavras do nobilíssimo Vergílio, o mais notável dos poetas pagãos, afirmou que, nesse povo de gigantes, existiam os seus gigantes... E o ingenuo filho de Santa Mônica informa, em abono disso, a descoberta em Útica, por ele mesmo, testemunhado por outros, de um dente molar humano "*si extraordinaire que divisée suivant des proportions reduites de notre chetive humanité, elle eût pu faire cent de nos dents actuels*"... segundo a tradução coroada pela Academia de França.

No reino da mitologia, nem evocar, para comparação, Anteu e Hércules, seu rival e assassino, a quem, por sinal, não respeitava a maldicência humana, pois Quixote segreda a Sancho que dele "*se cuenta que fué lascivo e muelle*"... E Prometeu, que plasmou o homem do barro e o animou com o fogo furtado do céu... Sempre que aludo a esta figura, recordo-me de Assiz Brasil, que o endiabrado Sr. Álvaro

Não me preocupa, entretanto, uma investigação meticolosa de quem, por sua vez, o "Gigante da Beira", Fernão Cabral, pai de Pedro Álvares, teria herdado o seu vulto, também anormal, em Portugal, onde o homem era como Bocage: "meão na altura" (3) ... Não volto, porem, as costas aos que se apartam de Eugène Pittard, em *Les races et l'histoire*, quando levantam a dúvida de que os "visigodos", que dominaram a Iberia, por dois séculos, apenas dessa massa nórdica apresentassem talvez o nome... Já Oliveira Viana, em *Raça e Assimilação*, baseado em estudos de análise antropológica dos lusos Ferraz de Macedo e Mendes Correia, em Portugal, e dos catelhanos Hoyos Saiz, Oloriz e Aranzadi, na Espanha, contestou essa tese de Pittard, ao afirmar este cientista não existir nenhum traço de presença de elementos de tipo germânico nas terras peninsulares. E o estudioso sociólogo brasileiro chama a atenção ainda para os dados encontrados por etnólogos americanos entre os recrutados de origem portuguesa e espanhola, quando das expedições para a Conflagração Européia, em 1917, desgraçadamente a repetir-se neste ano de aflições e adversidades

---

Moreira, seu conterraneo, chamou de *prometeu* com *p* minúsculo, porque esse estadista levava toda a longa existencia a *prometer* sem nada criar... Repetiu, mais ou menos, o conceito, em suas memorias póstumas e maldosas, Oliveira Lima... Mas não desejo desfiar aqui toda a lista dos Titãs rebeldes que tentaram destronar Júpiter... Citarei deles mais e apenas Briaréu, que, sendo pagão, era tão do gosto de Rui Barbosa cristão e do Padre Antonio Vieira, o qual, na sua *Arte de Furtar*, se aproveita das cem mãos do monstro para deliciosa imagem mais viva agora do que nunca...

Basta, porem, de tantos gigantes celebrados! Nem ser gigante verdadeiro conviria ao heróico e destemido "Descobridor", pois se assegura, a-pesar-das lendas em contrario, que os entes assim sofrem de indolencia mórbida, têm fraca virilidade, não correspondendo a sua força e inteligencia à grandeza do porte fisico.

Aliás, não foi para decantar gigantes, sinão para apurar a sua existencia, que peguei desta rude pena.

Nem o tempo é de gigantes. O Dr. Alexis Carrel, no seu popularríssimo livro *L'homme, cet inconnu*, chega a observar que a genialidade dos dois últimos séculos reside na estatura media: Napoleão, Mussolini. Mas a estes se podiam acrescentar agora: Hitler, Daladier, o rei da gloriosa Italia... No Brasil, então, o momento baixou até aos rivais das criaturas de seis polegadas da cruel ficção de Swift...

(3) Nos dados recentes fornecidos por Mendes Correia e Ferraz de Macedo, acrescidos pelos que encontraram, na Espanha, Hoyos-Saiz e Aranzadi, a estatura media, em todo o territorio comprehendido pela velha Iberia, oscila entre 1 metro e 63 e 1 metro e 67 cents.

para todos nós. Entre lusos, 5 % apresentavam caracteres germânicos, ou do *Homo Europæus*. Entre castelhanos, 10 %.

Na verdade, dos bárbaros que invadiram a Iberia e a Lusitania: suevos, visigóticos e álanos, só estes últimos não pertenciam aos germanos.

Fernão Cabral seria, assim, de uma família representativa daqueles homenzarrões suevos e godos, que, “embora varridos histórica e politicamente da Península, lá ainda remanecem pela imortalidade do sangue, explodindo aqui e ali, em imprevistas revivências atavísticas”.

Na verdade, o que me tenta é concluir que o traço particular da avantajada estatura do “Gigante da Beira” se transmitira a seus filhos e, por eles, trouxera a certos galhos paulistas uma acentuada corpulência.

Não me venham alegar que Martim Lems, Cornelio de Arzan, Claudio Furquim e Henry Barewell, povoadores também do planalto piratiningano, não eram portugueses, mas de Flandres, da Lorraine e da Inglaterra, com possibilidade, assim, de estatura mais para alta, o que aliás se passa com os Lemes e Furquins atuais... (4).

Adiante-se que uns e outros destes últimos descendem também dos “Cabrais”. Sem negar, porém, aquela possibilidade, não posso entretanto aceitá-la como explicação do fenômeno em debate, visto como não existe desde muito tempo, no mundo, homogeneidade em raça nenhuma, mesmo na tão orgulhosa grei nórdica.

Assim concluíram os cientistas mais modernos da matéria. Entre eles, vale a pena destacar o autor de *The races of Europe*, Ripley, que, coligindo observações antropométricas verificadas na maioria dos países do mundo de onde irradiam a sua civilização atual, autoriza essa generalização.

A frase espirituosa de Topinard, pois, a que alude Oliveira Viana: “Em França há franceses, mas não raça francesa!”, estender-se-á, querendo-se, sem forçar-se a verdade sã, tanto à Alemanha como à Inglaterra, assim como à China e ao Congo, quanto mais a Flandres e à Lorena...

---

(4) Em *Populações Meridionais do Brasil*, o talentoso sociólogo Sr. Oliveira Viana entende que os povoadores de São Paulo tinham características nórdicas pronunciadas, o que o eminente historiador Sr. Afonso de Taunay contesta, em *A Grande Vida de Fernão Dias Pais*, assinalando a predominância absoluta e em massa considerável, entre os brancos, dos espanhóis e lusos.

Entre os emigrados desta última procedencia, que poderiam ser celtas ou mesmo autênticos iberos e, portanto, individuos do tipo *homo meridionalis*, provavelmente de estatura meã; e de outro lado, exemplares provadamente de uma familia anormal de quasi gigantes, porventura originarios de elementos visigóticos ou suevos: qualquer espirito prudente e sensato terá de optar pela segunda hipótese. Entre uns, que podiam ser altos e grandes, e outros, que o eram de fato, como os membros da stirpe Cabral, só por capricho se ficaria com aqueles.

E' o que não faço. Mas, confesso que essa tese só se tornará aceitavel si se conseguir patentear a existencia, entre os primeiros povoadores de São Vicente, de representantes da nobre e conhecida gente dos de Belmonte.

Estou certo de demonstrá-lo.

— II —

POSSUIRIAM REALMENTE OS "CABRAIS" PARENTES ENTRE AS VELHAS FAMILIAS DA COLONIA?

Sem contar os varios "Cabrais" vindos ao Brasil, tal como o filho de Nunes Fernandes Cabral, Fernando Cabral, alcaide-mor de Belmonte, senhor de Azurara, despachado governador para uma das nonas capitancias, o qual administrou efemeramente Pernambuco, onde, aos 1688, morreu de peste, três meses depois de chegado, e que a historia afirma ter-se mostrado mais parcial da clemencia que do rigor; sem contar D. Vasco Manuel de Figueiredo Cabral da Câmara de Belmonte, 10.º morgado de Belmonte, que acompanhou o rancho real de D. Maria-a-Louca ao Brasil e com ele voltou para o seu agitado Portugal, distinguindo-se, no Rio de Janeiro, por conservar-se numa casa alheia, contra a vontade do dono, dez anos consecutivos, o que aliás se tornou comum entre os fidalgos que acompanharam a aventura bragantina; e não só por isso distinguuiu-se D. Vasco, mas tambem pelo oferecimento a D. João de 10.000 cruzados, com que auxiliou as despesas para sufocação da Revolução Pernambucana de 1817; sem contar, mais recentemente, D. Antonio Bernardo da Costa Cabral, 1.º Marquês de Tomar, que foi ministro plenipotenciario no Rio de



Janeiro (5), junto ao Senhor D. Pedro II; sem contar mesmo o filho de Fernando Cabral, acima, daquele outro Pedro Álvares Cabral, o qual, incompatibilizado com a rainha D. Isabel de Farnesio, mulher de Filipe V, ia fazendo o seu amo, D. João V, atirar-se à nova guerra com a Espanha e que, antes, em 1720, nomeado governador de São Paulo, em seguida à separação de Minas Gerais, não chegou a vir tomar posse do seu alto posto (6); muito antes, pelos primórdios de nossa vida colonial, provadamente, fixaram-se no planalto piratinigano e aqui constituíram lares e se radicaram de vez, dando os seus despojos à terra adotiva, três figuras lusas dos "Cabrais": *Manuel da Costa Cabral, Pascoal Leite Furtado e Pedro Álvares Cabral.*

Quanto à primeira figura, repetindo a Pedro Taques, diz Luiz Gonzaga da Silva Leme (vol. 7.º, título "Costa Cabrais", pág. 343): — "Foi progenitor desta família, na Capitania de São Paulo, o Capitão Manuel da Costa Cabral, natural da ilha de São Miguel, descendente da ilustre casa do senhor de Belmonte, como se vê no brasão de armas passado em Lisboa, em 1709, a seu sobrinho Gaspar de Andrade Columbreiro, natural da ilha de Santa Maria e que foi registado, em 1762, na Câmara de São Paulo."

Quanto à segunda figura, ainda é o mesmo Silva Leme, sempre apoiado em Pedro Taques, quem informa, no vol. III, título "Prados", pág. 91:

Pascoal Leite Furtado, que veio para São Paulo, em 1599,

---

(5) Aludindo ao episódio que se passou entre esse embaixador português e a corte de D. Filipe V, o qual quasi levou D. João V a declarar guerra a este e chegou a atirar o governo de Buenos Aires contra o Brasil, a *Enciclopedia Internacional* abre uma porta para a maledicência posterior vir a pensar nalguma paixão, tornada em odio mortal, entre a enérgica rainha Da. Isabel de Farnesio e o homónimo e parente de Pedro Álvares Cabral.

Mas, Rodolfo Garcia, em desenvolvida nota à *Historia Geral do Brasil*, do visconde de Porto Seguro, vol. 5.º, pág. 51, relata minuciosamente o incidente (aliás entre a policia de Madrid e lacaios de libré do diplomata) que se originou e se desenvolveu sem que apparecesse aí qualquer rabo de saia...

(6) Gabriel Soares de Sousa, no *Tratado Descritivo do Brasil*, numa relação da industria de açucar, já existente na Baía, antes de 1587, menciona um Fernão Cabral de Ataíde, que possuía um engenho de agua no rio Jaguaribe. Forçosamente se trata de pessoa da casa de Belmonte, que aquí, como porventura varios outros "Cabrais", viveu ignorada.

no séquito faustoso do 7.º governador-geral, D. Francisco de Sousa (que, aliás, aquí havia de morrer em estado paupérrimo, sem jamais haver mitigado a sua sede de outro), e ao serviço da Coroa, casou-se na terra com Da. Isabel do Prado, foi pai de numerosa prole e morreu em Pinheiros.

Era 4.º neto de Da. Violante Cabral.

Esta "*Violante Cabral*", mulher de D. Luiz da Cunha, senhor de Santar, de Senhorim e de outros herdamentos, diz Sanchez de Baena, era filha do "Gigante da Beira" e, portanto, irmã do "Descobridor". (O "Descobridor do Brasil Pedro Álvares Cabral", cap. I, pág. 20).

Quanto à terceira figura, Pedro Álvares Cabral, de quem se origina o segundo Pascoal Moreira Cabral, descobridor de Mato-Grosso, em 1711, levantam-se dúvidas, que exigem esclarecimentos. Responsavel por essa situação afigura-se-me a redação de Silva Leme, à pág. 429 do seu vol. 7.º, título "Garcias Velhos", repetida em vol. 6.º, título "Furquins", pág. 237.

Assim narra o esforçado linhagista, textualmente:

"Foi Susana Moreira casada tambem (não sabemos si 1.ª ou 2.ª vez) com o "*Governador Pedro Álvares Cabral*", natural da ilha de São Miguel, o qual pelejou em África, onde recebeu uma cutilada que lhe deixou no rosto indelevel marca. Foi este Pedro Álvares Cabral descendente da Casa de Belmonte (à qual pertenceu o almirante do mesmo nome, o descobridor do Brasil) e foi governador da Capitania de São Vicente."

Mas, esta informação envolve absurdos inqualificaveis (protesta o Sr. Américo de Moura, em seu apreciavel trabalho sobre os povoadores da Capitania), pois o governador de São Vicente, Pedro Álvares Cabral, a que alude Silva Leme, obteve nomeação só 100 anos depois da época referida (aliás, 150 depois, visto como Susana Moreira deve ter-se casado em 1570 e a nomeação se deu aos 1721, em sucessão ao Conde de Assumar) e não veio ao Brasil receber o alto cargo!

Entretanto, si Silva Leme não attribuisse aquela qualidade de "*governador de São Vicente*" a esse Pedro Álvares, homônimo do "Navegante", não se levantaria a contradita, porque o mesmo Sr. Américo de Moura fornece dados, tirados dos velhos assentamentos municipais, de que, em 1581, houve em São Paulo um "*Pedro Álvares*", casado com Susana Moreira e morador em Ibirapuera, das bandas do Cap.-Mor Jorge Moreira. E ainda mais: esse "*Pedro Álvares*" foi vereador, juiz ordinario, etc., de 1585 a 1596.

Tratava-se, pois, evidentemente, de pessoa de alta qualidade, de fina linhagem, que merecera a mão da filha desse Jorge Moreira de Melo Pinto, capitão-mor e ouvidor na capitania de São Vicente.

O mal único consistiu em dar-lhe Silva Leme (o que não fez Pedro Taques (?), nem outro genealogista antigo) o título de "governador de São Vicente". Governador fora "Pedro Álvares" (não de São Vicente), interinamente, por três meses, apenas do território de Angola, colocado também no Oceano Atlântico, bem em frente da região da Baía e cortada pelo mesmo paralelo de latitude austral. Situava-se, desse modo, a meia rota da navegação de Lisboa a São Salvador. Dessa nesga de África é que partiam continuamente para a primeira capital do Brasil os navios negreiros.

Aí, nas rúpidas paragens, um século antes, descobertas por seu patricio Diogo Cão, recebera o homônimo do "Descobridor" a cutilada que lhe marcara indelevelmente o rosto e de que tanta ufania devera mostrar. Dalí rumou, sem saudades, para o Brasil.

Silva Leme trocou, evidentemente, um lugar pelo outro. E para aumentar a confusão em Angola também existe um São Paulo... Vem esclarecer tudo o melhor conhecimento das velhas matrizes das famílias paulistas reveladas pela *Nobiliarquia Brasiliense*, de Roque Luiz Macedo Leme da Câmara, cujo acesso o incansável Sr. Afonso de Taunay acaba de facilitar, estampando-a nos volumes XXXII e XXXIII, da *Revista do Instituto Histórico de S. Paulo*.

No vol. XXXII, pág. 167, afirma Leme da Câmara:

"... capm. mór Pedro Álvares Cabral, q. foi Govor. intirino em Angola nat. da ilha de S. Miguel da nobre fama, dos Cabraes daquela ilha que prossedem por linha recta dos Cabraes Snres. Alcaides Mores de Belmonte e de s. mr. Susana Moreira, nal de S. Paulo, q. foi filha de Jorge Moreira, nal de Rio Tinto, cide. do Porto, Capm-mór e Ouvor. da Capita. de S. Vicente, etc."

No volume XXXIII, pág. 223, tratando dos antepassados de Ana Ribeiro da Luz, que era, por outro lado, neta de Amador Bueno, repete com segurança a informação, dando, por inteiro, o nome de Jorge Moreira: "Jorge Moreira de Melo Pinto".

Não deixarão, porem, de estranhar os amadores deste assunto o fato desse "Pedro Álvares Cabral", marido de Susa-

na Moreira e homônimo e parente colateral do "Descobridor", não se assinar, nem ser chamado sinão "*Pedro Álvares*"...

Mas, outrora, muito mais do que agora, a tendência, talvez pela escassez da pena de pato, da tinta e do papel, e por mal se escrever, era para usarem-se nomes curtos, dois apenas. Não me alongarei em exemplificá-lo, porque o fato parece de todos sabido. Releve-se-me apenas lembrar que Amador Bueno, conhecido na historia como "*Amador Bueno da Ribeira*", nunca foi chamado ou se assinou sinão "*Amador Bueno*". O mesmo sucedeu a seu pai, Bartolomeu Bueno.

Na propria metrópole, passava-se a mesma coisa, e principalmente na família dos "Cabrais". Em relação ao proprio "Descobridor" e a seus filhos, encontram-se referencias às suas pessoas sem o "Cabral", ou seja, traçadas assim: "*Pedro Álvares*", "*Fernão Álvares*", etc.

Na *Memoria de Sanches de Baena*", pág. 120, para onde se trasladaram cartas de mercês reais a filhos e netos do grande navegante, o fato se repete. Também na *Historia da Colonização*, vol. II, pág. 20, pode-se verificar com relação ao "Descobridor" a mesma coisa, na missiva do formidável Afonso de Albuquerque, o qual era seu tio-afim, quando este, que viria a merecer um lugar no *Calendario Positivista* de Augusto Comte, escreveu de Calicut ao deshumano monarca D. Manuel, rogando de novo a admissão a seu real serviço de "*Pero Álvares*", "*que he homem que eu sey certo que terá vosalteza contentamento de sua pesoa e de todas cousas honrradas que nele ha...*"

Bem cabe aqui, antes da conclusão da materia deste parágrafo, frisar-se não existir razão para chamar-se ao navegante — "*Pedro de Gouveia*", como o estudioso Sr. Assiz Cintra, tomado de inexplicavel implicancia por esse vulto, porque sua veneranda progenitora fosse D.<sup>a</sup> Isabel de Gouveia, teima em fazer acreditar...

O único documento firmado pelo "Descobridor", até hoje encontrado, mantinha-se guardado na Torre do Tombo, em Lisboa, no *Corpo Cronológico*, parte 2.<sup>a</sup>. Trata-se de um recibo da quantia de 200\$000, passado a favor de um Fuão "*Antonio do Porto*", perante o "*escrivam dos escravos, nuno mascarenhas*". Aí, em data de 10 de janeiro de 1514, ele, já em plena maturidade, pois contava cerca de 44 anos, se assinava, numa aparatosa firma: "*Pedro Álvares Cabral*".

Confessar precisa-se que o erudito Capistrano de Abreu, na sua tese para concurso prestado aos 1883, a qual constitue hoje a sua obra *O Descobrimento do Brasil*, editada postumamente, em 1929, citando "*a carta da Capitania moór e poderes que levou quando foi enviado ás Indias per Capitam*", já alludira ao fato de Pedro Álvares Cabral ser também conhecido por "*Pedro de Gouveia*".

Todavia, o publicista luso Aires de Sá, no seu livro *Fr. Gonçalo Velho*, donde Capistrano extraira essa informação, explica que o navegante usou esse nome apenas no começo de sua vida. Filho segundo, não se sentira obrigado a tomar o apelido paterno, havendo adotado o de Da. Isabel de Gouveia. Mais tarde, passou a usar, também legitimamente, o nobre nome de seu pai.

De resto, todos os ascendentes do "Descobridor", sem nenhuma exceção, mantiveram o apelido "Cabral". Da mesma forma, todos os seus descendentes, até os seus tetranetos, mesmo depois da quebra da linha de varonia, o conservaram. No proprio escudo de suas armas heráldicas, que figura no teto artesoado e brasonado da pomposa "Sala dos Veados", do castelo de Sintra, mandado construir pelo "Venturoso", lá está, "*em campo de prata, as duas "cabras" passantes de pura vestidas*".

De almirante, sim, ao contrario do favorito Vasco da Gama, que recebeu o título de "Almirante da India", "*com todas honrras, priminencias, liberdades, juridiçam, rendas, foros e direytos, que com o dicto almyrante por direyto deve aver e as tem o nosso almyrante destes reynos*", Pedro Álvares jamais alcançou a dignidade. Dizem, mas disso não existe nenhum fundamento documental, que a diferença do trato real levou mesmo Cabral a atirar-se, num duelo, contra o seu estimadíssimo rival.

Em compensação, a historia castiga hoje a ingratidão costumaz de D. Manuel, que dsprezara o Brasil pelas Indias (7), salientando que no famoso beirense "concorreram, com a antinomia das sensibilidades mais ricas e perfeitas, um quê de

---

(7) Não passava o Brasil então, voltado o interesse de D. Manuel apenas para as especiarias orientais, da "*terra dos papagaios*", por causa das lindas especies dessas aves que os lusos levavam para a Europa. Nos mapas da época, era esse o nome da Vera-Cruz. Na *Carta Marina*, de Waldesemuller, de 1516, por exemplo.

forte e ingenuo, de bravo e enternecido, de grandioso e humilde, de magnanimidade aparatosa e modesta esquivança, que trazem à memória o Condestavel, e extremando-o dos demais capitães contemporâneos, o alevantaram acima da moral comum da época."

Mas, pelo exposto antes disto, não sinto nenhum escrúpulo em identificar "*Pedro Alvares*", dos primitivos povoadores paulistas, como dos autênticos "Cabrais" portugueses.

Pode-se, assim, concluir pela existencia entre as velhas famílias paulistas, notadamente dos "Prados", "Garcias Velhos", "Buenos", "Furquins", e "Costas Cabrais", de descendentes da primitiva casa lusa de Belmonte, que manteve o seu altaneiro castelo de vasta e quadrangular torre de menagem recortada de ameias, com janelas romanas, na vila do mesmo nome, em Beira-Baixa, situado dentro do vale chamado da Cova-da-Beira e dominando a planície verde por onde rola o caudaloso e prateado Zezere, que, derivando de mofinas e sombrias lagoas, ao sopé da serra da Estrela, vai jogar-se no heróico Tejo, de aguas lamacentas e salobras.

— III —

MAS SERIAM ESSES "CABRAIS", FUNDADORES DAS MAIS ANTIGAS FAMILIAS PAULISTAS, DESCENDENTES DO "DESCOBRIDOR"?

Quando, em fins de maio de 1939, na companhia de algumas outras distintas pessoas, estive de residencia forçada em certo predio da rua do Paraíso, na avidez com que liamos os jornais, dei com um telegrama de Portugal ao *Diario de São Paulo*, o qual noticiava, a propósito da familia do "Descobridor", que o seu "*único descendente vivo era agora o jovem D. João Brum da Silveira de Vasconcelos e Sousa, aluno do Collegio Militar de Lisboa*".

O despacho não se limitava a isso, mas debulhava, geração a geração, toda a genealogia de Pedro Álvares Cabral, até ao seu esperançoso rebento actual, que deve possuir o título de conde de Castelo-Melhor, nome conhecido no Brasil, pois tinha a mesma posição João Rodrigues de Vasconcelos e Sousa, que nos governou de 1649 a 1654.

Já em 1900, por ocasião de entusiásticas e universais comemorações no Brasil do 4.º centenário do "Descobrimento",

Portugal nos mandara informação semelhante, com a diferença apenas de que, então, o lugar ocupado pelo colegial de Lisboa pertencia ao hoje falecido seu pai, ainda um menino de dez anos apenas e que se assinava com este pomposo e longo nome: *Bernardo Manuel da Silveira de Vasconcelos e Sousa Câmara Caminha Faro e Veiga de Lima e Brito Nogueira*.

Divulgou, na época, esse esclarecimento a revista *Brasil-Portugal*, em trabalho assinado por Julio Mardel, que ocupava o cargo de secretario do Conselho Superior dos Monumentos Nacionais. Assentara, aliás, o seu escrito — e isto declarou — em Sanches de Baena e Aires de Sá.

Mas, a noticia do *Diario de São Paulo*, provinda, por signal, de fonte governamental, parece verídica em tudo, menos talvez em que D. João Brum seja o único descendente vivo de Pedro Álvares Cabral. Será esse esperançoso moço o herdeiro da alcaidaria de Belmonte, o senhor dessa velha e nobre casa, mas nunca o exclusivo descendente do "Descobridor".

Isto mesmo — pertencer-lhe a alcaidaria de Belmonte — si agora se mostra pacífico em Portugal, e mesmo official, nem sempre o foi. Os ascendentes de D. João Brum tiveram pela frente outros membros da familia cabralina, os quais lhe disputaram a varonia. Pode mencionar-se, entre outros, o Conde de Belmonte, D. José Maria de Figueiredo Cabral da Câmara, que, em 1882, como já se referiu, figurou representando a casa do "Descobridor" no ato da exumação dos seus restos mortais, em Santarem, na igreja da Graça. E o illustre D. José Maria, que aliás não descendia de Pedro Álvares Cabral, mas de um irmão deste, morreu sem se conformar com a sua preterição, como se vê deste trecho de carta, estampado pela *Historia da Colonização*, vol. II, pág. 24:

*"Na descrição dos encargos e despesas destes morgados "Belmonte", há "uma pensão" pela qual claramente se deduz que a casa e varonia de Pedro Álvares Cabral continuaram, por morte de seus filhos, no ramo direto de seu sobrinho Fernão Cabral, donde procedem os atuais Cabrais, representados pelo Sr. D. José Maria de Figueiredo Cabral da Câmara, 4.º Conde de Belmonte: Francisco Cabral, 5.º sobrinho de Pedro Álvares Cabral, o Descobridor do Brasil e herdeiro da Casa de Belmonte, por morte de seus irmãos Fernão, Luiz e outros, instituiu uma capela com a pensão de um cirio para alumiar cotidianamente a imagem de N. S. da Esperança, que há no convento dos Padres Terceiros, junto de Belmonte."*

Por tudo quanto conheço do assunto, tenho para mim que, com relação à genealogia cabralina, o autor mais minucioso e de maior autoridade, em Portugal, a despeito de pequenos equívocos, como quando confunde Luiz Álvares Cabral com o filho, é inquestionavelmente o Visconde de Sanches de Baena. Si outros antes dele existiram, como, por exemplo, o vetusto D. Antonio de Sousa, com a sua *Historia Genealógica da Casa Real*, e o velho Antonio de Vilasboas e Sampaio, com a sua *Nobiliarquia Portuguesa*, estas obras contêm apenas os troncos matrizes.

E' Sanches de Baena quem, podendo-lhes ir buscar, na frase de Jaime Cortesão, "origens tam remotas como a propria monarquia lusa", se limita, todavia, calcado em documentação incontestavel, a trazê-las desde Gil Cabral, que, ao entrar o rei de Castela, D. João, em Portugal, lhe bateu a cara com as portas do Castelo da cidade de Guarda, ainda mais, ficando "com as atalaias de vigia e os besteiros a postos". E vindo Baena com ele, desce pelo bisavô, avô e pai de Pedro Álvares Cabral e chega até ao ano de 1892, em que vivia ainda a 4.<sup>a</sup> Marquesa de Castelo Melhor (D.<sup>a</sup> Helena Luiza Xavier de Lima) e seus 4 filhos, de onde se origina o atual jovem D. João Brum, aluno do Colegio Militar de Lisboa.

Mas, não deve ser esse moço, repito, o único descendente vivo de Pedro Álvares Cabral, pois que, a despeito da escassa profliferidade da familia, varios outros galhos, menos remotamente, dela rebentaram. Noticiam-se até gerações ilegítimas, como a que derivou de D. João de Vasconcelos e Sousa Câmara Caminha Faro e Veiga (tio-bisavô do jovem D. João Brum), falecido em 1878.

Pelo exposto, si reconheço caber ao illustre colegial de Lisboa a chefia atual da Casa de Belmonte, duvido que seja ele, entre homens e mulheres, o único descendente vivo do grande navegante que nos revelou ao mundo civilizado, ou por acaso, ou porque isso estivesse nos seus propósitos, como opinam hodiernamente o Sr. Ricardo Severo e outros.

No Brasil, porem, ao contrario do que muita gente supõe (e eu mesmo imaginara), é que não existe nenhuma vergontea cabralina vinda através das nossas primeiras familias coloniais. Para que isso acontecesse, seria necessario haver se dado que qualquer dos "Cabrais" dos séculos XVI e começos de XVII, que aquí se estabeleceram, promanassem do "Descobridor".



Ora, nenhum deles apresenta essa qualidade, como passo a demonstrar.

Está seguramente averiguado que, na prole do "Navegante", onde havia 4 mulheres, três faleceram solteiras, como freiras, por sinal que a mais velha se tornou priora do convento da Rosa, em Lisboa. A quarta, casada com D. Nuno Furtado de Mendonça, não gerou filhos. Dos dois varões, Antonio e Fernão, o primeiro morreu adolescente e sem prole.

Fernão, que continuou a familia, teve quatro filhos, entre os três seguintes: Pedro Álvares Cabral, que desapareceu solteiro, sem geração; Rui Dias Cabral, casado, mas sem prole; e Da. Maria Noronha, que se tornou dama da rainha de Castela, mulher de D. Filipe, segundo de Espanha e primeiro de Portugal, de cujo consorcio o único rebento, o desgraçado príncipe D. Carlos, que Da. Maria Noronha aninara em seu colo, morreu depois de lhe roubar a noiva Da. Isabel de Valois, uma formosa menina de 15 anos, filha de Henrique II. Ora, Da. Maria Noronha não tomou nupcias, restando, pois, como exclusivo continuador da estirpe do "Descobridor", em segundo grau, o quarto filho de Fernão, D. João Gomes Cabral.

D. João Gomes Cabral, neto do "Descobridor", morreu ao lado do imberbe e assomado D. Sebastião, na batalha histórica de Alcacér-Quibir, havendo deixado cinco sucessores. Destes, quatro não possuiram prole, mas apenas Fernão Álvares Cabral.

Fernão Álvares Cabral, bisneto do "Descobridor", teve apenas duas filhas, uma das quais faleceu sem tomar estado. Destarte, só pela primeira, Da. Maria Cabral de Noronha (que partiu a varonia da familia, dando lugar a que outros, como o já duas vezes citado D. José Maria, venham opor os seus direitos hereditarios da casa de Belmonte aos descendentes desta), seguiu-se a estirpe de Pedro Álvares Cabral, "o Navegante".

Da. Maria Noronha, trineta do "Descobridor", que se casou, em 1622, com D. João Luiz de Vasconcelos e Menezes, deu o ser apenas a uma filha: D. Joana Cabral de Vasconcelos e Menezes.

Esta Da. Joana, tetraneta do "Descobridor", casou-se duas vezes: a primeira, com o Conde Almaraz, e a segunda, com o 9.º Visconde de Vila Nova de Cerveira. De ambos teve geração. No entanto, a linha de herança da casa de Belmonte continuou com os rebentos do segundo consorcio.

Mas, já estamos em fins do século XVII.

Para o escopo em vista, que é o de demonstrar que nenhum dos povoadores da estirpe "Cabral", apontados no capítulo III e encontrados no Brasil, em São Paulo, pelo século XVI e começos do século XVII, provem do "Descobridor", eu me demasiaria em prosseguir.

Manuel da Costa Cabral, Pascoal Leite Furtado e Pedro Álvares Cabral, antigo governador de Angola, os três chefes de família que figuram na *Genealogia Paulistana*, emigraram para a Capitania de São Vicente muito antes dos fins do século XVII, e nenhum deles, como se viu, deriva daquele que D. Manuel esqueceu.

Não lhes cabe, pois, a gloria de descendentes do "Descobridor", mas sim do seu mesmo tronco, indo com o valoroso navegante todos se reunirem na veneranda casa de Belmonte, a quem não falta nem nobre sangue, nem dilatada idade, muito menos reto procedimento.

Fundada foi ela no ano de 1300 e muito, por Álvaro Gil Cabral, quando o Mestre de Aviz, então apenas regente e defensor do reino, lhe fez mercês das alcaidarias dos castelos da Guarda e de Belmonte, bem assim das terras de Azurara e Valhelhas, às quais ainda acrescentou as de Manteigas e Tavares... Depois, havendo Álvaro Gil Cabral de ir a Torres, por onde andava el-Rei, os ferozes castelhanos lhe caíram em cima e lhe arrancaram das mãos a azêmola, com tudo que carregava, inclusive com os seus títulos de propriedade. Mas o Rei, que lhe mostrava tanta gratidão, mandou passar-lhe novas doações, aditando-lhes o direito de as vender, doar, dar e escambar...

---

Afinal, acredito que as sensatas presunções a que cheguei, enquanto não se demonstrar o contrario, me permitam adotar, como chave deste apoucado ensaio, a tese lançada inicialmente:

"Os "Cabrais", que eram agigantados, possuem descendentes brasileiros, originarios, não do descobridor Pedro Álvares Cabral, mas de outros membros de seu tronco paterno."

#### BIBLIOGRAFIA

- Afonso Taunay — *Historia Geral das Bandeiras Paulistas — A grande Vida de Fernão Dias Pais.*  
Aires de Sá — *Fr. Gonçalo Velho.*  
Alexis Carrel (Dr.) — *L'Homme, cet Inconnu.*

- Alfredo Elis — *Os Primeiros Troncos Paulistas e o Cruzamento Euro-Americano.*
- Álvaro Moreira — *Para Todos.*
- Américo de Moura — *Primeiros Povoadores Paulistas.*
- Anibal Matos — *Monumentos Históricos, Artísticos e Religiosos de Minas Gerais.*
- Antonio Caetano de Sousa (D.) — *Historia Genealógica da Casa Real.*
- Antonio de Vilasboas Sampaio — *Nobiliarquia Portuguesa.*
- Antonio Vieira (Padre) — *Arte de Furtar.*
- Assiz Cintra — Artigo no *Diario Popular.*
- Augusto de Saint-Hilaire — *São Paulo nos Tempos Coloniais*, trad. de Leopoldo Pereira.
- Cândido Costa — *As Duas Américas.*
- Capistrano de Abreu — *O Descobrimento do Brasil.*
- Carlos Malheiros Dias, Ernesto Vasconcelos e Roque Gameiro — *Historia da Colonização Portuguesa no Brasil.*
- Cesare Cantú — *Historia Universal.*
- Claudio de Sousa — *Terra do Fogo.*
- Couto de Magalhães — *O Selvagem.*
- Enciclopedia e Dicionario Internacional.*
- Enciclopedia Illustrata Vallardi.*
- Eugène Pittard — *Les Races e l'histoire.*
- Faustino da Fonseca — *A Descoberta do Brasil.*
- Frank H. Hankins — *La Race dans la Civilisation.*
- Gabriel Soares de Sousa — *Tratado Descritivo do Brasil.*
- Gaspar da Madre de Deus (Frei) — *Memorias*, etc.
- H. Handelman — *Historia do Brasil.*
- J. B. von Spix e C. F. P. von Martius — *Viagem pela Capitania de S. Paulo* — separata da *Revista do Museu Paulista.*
- Jacques Soustelles — *Les Nouvelles Littéraires.*
- Jaime Cortesão — *Pedro Alvares Cabral — Historia da Colonização Portuguesa no Brasil.*
- João de Barros — *Décadas.*
- João Ferreira A. d'Almeida (Padre) — *Biblia Sagrada*, trad. do hebraico.
- João Ribeiro — *Historia do Brasil e Historia Universal.*
- José Feliciano — *O Descobrimento do Brasil.*
- Jules César — *Commentaires sur la Guerre des Gaules.*
- Julio Mardel — *Brasil-Portugal*, revista de Lisboa.
- Luiz Amaral — *Historia Geral da Agricultura Brasileira.*
- Luiz Gonzaga da Silva Leme — *Genealogia Paulistana.*
- Madison Grant — *Le Declin de la Grande Race.*
- Manuel Aires Coral (Padre) — *Corografia Brasileira.*
- Max Fleiuss — *Apostilas de Historia do Brasil.*
- Mendes Correia — *Antropologia Aplicada — Povos Primitivos da Lusitania.*
- Miguel Cervantes — *D. Quijote de la Mancha.*
- Montesquieu — *De la Grandeur des Romains e de leur Decadence.*
- Oliveira Lima — *Memorias.*
- Oliveira Viana — *Raça e Assimilação — Populações Meridionais do Brasil.*

- Pedro Taques de Almeida Pais Leme — *Nobiliarquia Paulistana*.  
Pinho Leal — *Portugal Antigo e Moderno*.  
Plinio Airoso — *São os Americanos Produtos de Imigração?* — *Rev. Inst. Hist. de S. Paulo*.  
Plutarco — *Les Vies des Hommes Illustres*.  
Porto Seguro (Visconde) — *Historia Geral do Brasil*, com notas de Capistrano de Abreu e Rodolfo Garcia.  
Quatrefages de Bréau — *Études des Races Humaines*.  
*Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*.  
*Revista do Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo*.  
Ricardo Severo — Artigos na *Revista Portuguesa*, de S. Paulo.  
Ripley — *The Races of Europe*.  
Rocha Pombo — *Historia do Brasil*.  
Rodolfo Garcia — Notas à *Historia Geral do Brasil de Porto Seguro*.  
Roque Luiz Macedo Leme da Câmara — *Nobiliarquia Brasiliense*.  
Roquette Pinto — Trabalho na *Ilustração Brasileira*.  
Saint Augustin — *Cité de Dieu*, trad. de L. Moreau.  
Sanches de Baena (Visconde) — *O Descobridor do Brasil Pedro Alvares Cabral*.  
Tobias Monteiro — *Historia do Imperio*.

# Vereadores Tieteenses

*Benedito Pires de Almeida*

## I

### PERIODO DA MONARQUIA

(1.<sup>a</sup> Legislatura - 1845 a 1848)

1 — Tenente Joaquim de Almeida Leite e Moraes. 2 — Antonio Correia da' Silveira. 3 — Cap. José Joaquim Correia de Arruda. 4 — João Alves de Araujo. 5 — Francisco Teixeira da Silva. 6 — Cap. Antonio José Leite da Silva. 7 — Tenente Antonio Teixeira de Assunção.

#### 1 — TENENTE JOAQUIM DE ALMEIDA LEITE E MORAIS — 1.<sup>o</sup> Presidente

O tenente de Milicias Joaquim de Almeida Leite e Moraes nasceu em Porto Feliz, em dezembro do ano de 1795. Era filho do Major de Ordenanças Manuel José Correia Leite de Moraes e dona Maria Luiza de Almeida.

Residia em Tietê, para onde passou-se em principios do ano de 1827 para formar a sua fazenda de cana de açúcar, denominada então PALMEIRAS, hoje TRÊS CAROLINAS, no bairro do Ribeirão da Onça; foi negociante de tropas soltas por muitos anos, comprando-as no Rio Grande do Sul e vendendo-as no Rio de Janeiro; esteve destacado na Barra' de Santos, em frente à fortaleza, em fins de 1822 e parte do ano de 1823, em um contingente de tropas das antigas milicias, que então se denominou "DIVISÃO AUXILIADORA de SERTANEJOS de SOROCABA", (Alm. Moraes - Notas Genealógicas).

Casou-se em primeiras nupcias em 26 de junho de 1827 com dona Carolina Correia de Moraes; em segundas nupcias,

em 1830, em Porto Feliz, com Isabel Rodrigues da Silva, e, em terceiras, com a irmã desta, Maria Leite de Moraes, em 9 de março de 1849.

Exerceu o cargo de Juiz de Paz antes e depois da Lei de 3 de dezembro de 1841. Eleitor da Paroquia, em 1844.

Feita a eleição para vereadores da primeira Câmara de Pirapora, hoje Tietê, obteve o Tenente Joaquim de Almeida Leite e Moraes 147 votos, empatando com os srs. Antonio Correia da Silveira e Cap. Antonio José Leite da Silva, pelo que a Câmara de Porto Feliz, a quem cabia diplomar o Presidente, na sessão de 16 de outubro de 1844, resolveu tirar a sorte a quem caberia a Presidência da Câmara de Pirapora. Esta favoreceu o Tenente Joaquim de Almeida Leite e Moraes que exerceu o cargo com muito criterio, no quadriênio de 1845 a 1849, sendo a Câmara solenemente instalada a 9 de janeiro de 1845. Foi portanto o Tenente Leite e Moraes o primeiro Presidente da atual cidade de Tietê.

Entre os seus filhos, do segundo leito, contam-se os seguintes: Dr. Joaquim de Almeida Leite e Moraes, bacharel em direito, lente, deputado provincial e Presidente de Goiaz em 1880 e o Coronel Francisco Correia de Almeida Moraes, que foi vereador, Juiz de Paz, Delegado de Policia, Secretario da Câmara Municipal e negociante em Tietê e mais tarde Presidente da Câmara Municipal de Santos e comissario de café na mesma cidade.

O Tenente Joaquim de Almeida Leite e Moraes faleceu em Tietê a 29 de junho de 1857, com 59 anos de idade.

## 2 — ANTONIO CORREIA DA SILVEIRA — O Silveirão

Do legitimo consorcio do Alferes Antonio Correia de Moraes Leite, com dona Maria da Silveira Leite, nasceu o sr. Antonio Correia da Silveira, também conhecido pela alcunha de "O SILVEIRÃO".

Residia na fazenda de cana situada no bairro Juaquara que houve por herança de seu pai, tendo em 1816, em Porto Feliz, contraído matrimonio com Ana Correia de Toledo.

Político, em 1844 já desempenhava o cargo de eleitor da Paroquia, tendo sido eleito em 7 de setembro do mesmo ano para vereador à Câmara Municipal de Pirapora na primeira legislatura de 1845 a 1848, cabendo-lhe a Vice-Presidencia da Câmara.

“Foi fazendeiro de muita nomeada por seu tino de administração e pelo seu expediente.” (Alm. Moraes — *Notas Geneal.*).

Faleceu com 61 anos de idade e foi sepultado a 12 de fevereiro de 1853.

### 3 — CAP. JOSÉ JOAQUIM CORREIA DE ARRUDA

Era o Cap. José Joaquim Correia de Arruda natural de Porto Feliz e filho de dona Maria de Arruda Leite e do Major José Joaquim Correia da Rocha, que possuía fazenda de cana neste município.

O Major Correia da Rocha, seu progenitor, tinha sólida instrução e ocupou diversos cargos de nomeação do Governo e de eleição popular. Foi Juiz na demarcação de sesmarias, tais como do Banharão e de Araraquara.

O Cap. José Joaquim Correia de Arruda nasceu em 10 de setembro de 1815. Casou-se com dona Ana Joaquina de Almeida, filha do Alferes Joaquim Mariano de Almeida, não deixando descendência.

Prestou relevantes serviços ao Município, ocupando o cargo de vereador nos quatriênios de 1845 e 1848 e de 1853 a 1856. Foi suplente de Juiz Municipal em 1858 e Inspetor de aulas de primeiras letras.

Revelou alguma instrução obtida com o seu próprio esforço. Faleceu em Tietê a 24 de julho de 1880.

### 4 — JOÃO ALVES DE ARAUJO

Era natural de Porto Feliz, onde nascera em 1794, sendo filho de Caetano Alves de Araujo e de dona Ana Pinheiro da Silva.

Em 8 de abril de 1820, casou-se na Vila de Porto Feliz com dona Joana Alves Rodrigues, filha de Joaquim Rodrigues Leite e de dona Bernarda Alves Araujo.

Fez parte, como vereador, da primeira Câmara Municipal eleita em 7 de setembro de 1844 para o quatriênio de 1845 a 1848.

Desapareceu do número dos vivos em 13 de janeiro de 1878, com 83 anos e meio, segundo declara o seu assento de óbito.

Entre os seus netos contam-se o Coronel João Alves Correia, prematuramente falecido e que foi político de raro prestígio, e Joaquim Porfírio Alves, propagandista da República.

## 5 — FRANCISCO TEIXEIRA DA SILVA

Francisco Teixeira da Silva era filho do Alferes Matias Teixeira da Silva e de d. Francisca Maria de Paula. Seu progenitor foi um dos primeiros povoadores de Pirapora, tendo a sua fazenda de cana situada no bairro do Pirapora.

Casou-se em 1837 Francisco Teixeira da Silva, em Porto Feliz, com dona Teresa Teixeira do Amaral.

Foi eleito vereador para a primeira Câmara no quadriênio de 1845 a 1848, exercendo antes, em 1844, o cargo de Eleitor da Comarca.

Não nos foi possível obter informações sobre o seu falecimento.

## 6 — CAP. ANTONIO JOSÉ LEITE DA SILVA

Nasceu o Cap. Antonio José Leite da Silva, em Porto Feliz, no ano de 1789, do casamento de dona Maria Rodrigues Leite com o Cap.-Mor de Porto Feliz Antonio José Leite da Silva, que "em 1818 hospedou em sua casa o governador de Mato Grosso, Tenente-General Francisco de Paula Megessi Tavares de Carvalho, quando para aquela capitania foi por via fluvial, recebendo-o em sua casa em 1821 quando de regresso. Nessa ocasião ficou em Porto Feliz o notavel e saudosíssimo tenente de milicias Joaquim Pimenta Ferreira de Laet, mudando-se logo para o bairro das Pederneiras, do Cap. Antonio José Leite da Silva, em companhia de quem residiu por espaço de 18 anos, na sua importante fazenda de cana de açúcar. Este Pimenta Ferreira de Laet foi pai de outro de igual nome e por este avô do Dr. Carlos Maximiniano Pimenta de Laet, muito conhecido em todo o Brasil pelo seu talento e erudição." (Silva Leme, *Gen. Paulista*.)

O Tenente Pimenta de Laet residiu em companhia do Cap. Antonio José Leite da Silva, até o seu falecimento em 30 de maio de 1839, época da epidemia de febre de mau carater e que foi denominada "peste grande".

Em 1815, consorciou-se o Cap. Antonio José Leite da Silva, na Vila de Porto Feliz, com dona Ana Alves Rodrigues.

Foi eleito em 7 de setembro de 1844 para vereador à primeira Câmara Municipal da Vila de Pirapora, que se instalou em 9 de janeiro de 1845 na casa que servia de sua residencia, existente até hoje na rua Porto Geral, esquina da Travessa Municipal e onde funcionou até 7 de janeiro de 1853.



Faleceu o Cap. Antonio José Leite da Silva, em 6 de janeiro de 1852, com a idade de 63 anos.

7 — TENENTE ANTONIO TEIXEIRA DE ASSUNÇÃO

Filho do Major Luiz Antonio de Assunção e de dona Maria Teixeira Pinto, nasceu Antonio Teixeira de Assunção em Porto Feliz, a 1.º de novembro de 1813.

No ano de 1837, a 1.º de abril, em Porto Feliz, contraiu casamento com dona Augusta de Almeida Campos, filha do Tenente Domingos de Almeida Campos e de dona Maria Inacia.

Militando na política de Porto Feliz e residindo em Pirapora, era já em 1844 eleitor da Paroquia.

Candidato a vereador à primeira Câmara Municipal de Pirapora, no quatrienio de 1845 a 1848, foi eleito, e depois novamente no quatrienio de 1853 a 1856. Foi ainda suplente de Juiz Municipal, Membro da Comissão Inspetora das Aulas de Primeiras Letras e Comandante do primeiro batalhão de cavalaria da Guarda Nacional formado em Pirapora.

Faleceu a 3 de janeiro de 1893, com 80 anos de idade.

2.ª LEGISLATURA — 1849 a 1852

8 — Francisco de Assiz Cruz, Presidente. 9 — Joaquim da Silva Leite. 10 — Antonio Dias de Aguiar. 11 — Antonio Antunes de Sousa. 12 — Antonio Correia da Silveira Sobrinho. 13 — Antonio Teixeira Pinto Junior. 14 — Manuel Correia de Toledo.

8 — FRANCISCO DE ASSIZ CRUZ — 2.º Presidente

Era Francisco de Assiz Cruz filho do Cap. Joaquim Francisco da Cruz, natural de Itú e de dona Ana Teixeira Pinto, com quem se casara em 1807, filha de dona Maria Luiza de França e do Alferes Antonio Teixeira Pinto, natural de São Gonçalo do Amarante, Arcebispado de Braga, em Portugal.

Assiz Cruz nasceu em Pirapora a 3 de outubro de 1815 e aí se casou a primeira vez, no dia 6 de dezembro de 1836, com dona Francisca Leite de Moraes, e a segunda vez, com dona Ana Joaquina da Rocha, também em Pirapora, no dia 11 de março de 1846.

Foi eleito Vereador-Presidente da Câmara Municipal para o quatrienio de 1849 a 1852, segunda legislatura.

Faleceu em Tietê, a 7 de janeiro de 1877.

## 9 — JOAQUIM DA SILVA LEITE

Filho do Cap. Antonio José Leite da Silva e de dona Ana Alves Rodrigues, nasceu Joaquim da Silva Leite em Pirapora.

Casou-se duas vezes sendo a primeira com dona Maria Correia da Silveira e a segunda, com dona Gertrudes Correia da Silveira, irmã da sua primeira mulher.

Exerceu em 1844 o cargo de Eleitor da Paroquia, sendo eleito vereador, para o 2.º quatrienio de 1849 a 1852, e empossado em 7 de janeiro de 1849.

## 10 — ANTONIO DIAS DE AGUIAR

Era filho de João Dias de Aguiar e de dona Gertrudes de Almeida Lima.

Casou-se a primeira vez em 13 de junho de 1840, em Porto Feliz, com dona Carolina Leopoldina de Assunção, filha do Major Luiz Antonio de Assunção e de dona Maria Teixeira Pinto. A segunda vez casou-se com dona Isabel de Arruda Leite Penteado.

Foi eleito Procurador da Câmara no ano de 1847. Vereador nos quatrienios de 1849 a 1852 e no de 1857 a 1860. Exerceu também os cargos de 6.º suplente de Juiz Municipal em 1857 e 1.º suplente de Delegado de Polícia no ano de 1864.

## 11 — ANTONIO ANTUNES DE SOUSA

Antonio Antunes de Sousa era filho de José Antunes Moreira e de dona Francisca de Sousa, naturais de Sorocaba.

Casou-se em Pirapora a 6 de novembro de 1835 com dona Serafina de Almeida.

Foi Procurador da Câmara, empossando-se em julho de 1849 e depois, vereador no quatrienio de 1849 a 1852.

Faleceu a 5 de junho de 1858, sendo o seu corpo sepultado no Cemiterio Velho.

## 12 — ANTONIO CORREIA DA SILVEIRA SOBRINHO

Neto paterno de um dos fundadores de Pirapora, o Alferes Antonio Correia de Moraes Leite, sendo filho de Joaquim Correia da Silveira e de dona Isabel da Silva Leite, filha do Capitão-Mor de Porto Feliz, Antonio José Leite da Silva.

Possuía Antonio Correia da Silveira Sobrinho (para ser distinguido do seu tio — o Silveirão) fazenda de cana em Pirapora, e era casado com dona Gertrudes Correia da Silva, filha do Cap. Antonio José Leite da Silva.

Foi vereador no segundo quatrienio de 1849 a 1852.

Faleceu no dia 27 de agosto de 1854, aos 45 anos de idade.

13 — ANTONIO TEIXEIRA PINTO JUNIOR

Cremos fosse natural de Porto Feliz, sendo filho de outro de igual nome e de dona Francisca de Almeida Leite.

O seu pai, possuidor de uma fazenda em Pirapora, era liberal extremado, tomou parte saliente na revolta de 1842, para cujo triunfo muito trabalhou; o que foi a sua atuação nesse episodio da nossa Historia está narrado no parecer aprovado pela Câmara Municipal de Porto Feliz, em 1844, documento que consta das Atas daquela Municipalidade.

Antonio Teixeira Pinto Junior foi casado com dona Isabel de Toledo Piza, filha de Joaquim de Toledo Piza e sua primeira mulher Rita de Almeida.

Faleceu em Pirapora, no dia 17 de janeiro de 1868.

14 — MANUEL CORREIA DE TOLEDO

Residia na sua fazenda de fabricação de açúcar, antigamente denominada "Roça Perdida".

Era filho do Cap. Salvador Correia de Moraes e de dona Isabel de Toledo Piza, sendo o seu pai um dos primeiros povoadores deste municipio, residindo no bairro do Capivari-mirim.

Casou-se em Pirapora com dona Ana Francisca de Almeida, filha do alferes Joaquim Pires de Almeida e de dona Luiza Miquelina de Moraes.

Foi eleito vereador em 7 de setembro de 1848 à Câmara Municipal, em sua 2.<sup>a</sup> legislatura de 1849 a 1852.

Faleceu com 79 anos nesta cidade de Tietê, em 29 de fevereiro de 1888.

---

3.<sup>a</sup> LEGISLATURA — 1853 a 1856

15 — José Correia de Toledo, 3.<sup>o</sup> Presidente. 16 — Antonio Teixeira de Assunção. 17 — Mateus Alvares Bueno. 18 — Francisco da Silva Leite. 19 — Joaquim do Amaral Gurgel. 20 — José Joaquim Correia da Rocha. 21 — Dr. José Correia Leite Moraes.

15 — JOSÉ CORREIA DE TOLEDO — 3.<sup>o</sup> Presidente

Nasceu José Correia de Toledo em Porto Feliz, sendo filho do Cap. Salvador Correia de Moraes e de Isabel de Toledo Piza, no ano de 1801. Seu pai foi um dos fundadores de Tietê

sendo um dos primeiros moradores residindo no bairro Capivará-mirim, onde possuía engenho de cana de açúcar.

Casou-se José Correia de Toledo a primeira vez, no ano de 1823, com dona Ana Joaquina de Abreu Leite, filha do Cap. Joaquim Correia Leite e Morais e sua primeira mulher Francisca Simões da Rocha, na Vila de Porto Feliz. Em segundas nupcias, casou-se no ano de 1842, a 15 de setembro, na mesma Vila, com Gertrudes Correia de Toledo, filha de José de Toledo Piza e Ana Francisca de Morais.

Residindo em Pirapora e militando no Partido Liberal, estava no exercício do cargo de Juiz de Paz quando, estourando a rebelião de Sorocaba e em obediência às ordens vindas de Porto Feliz, afixou a proclamação de Rafael Tobias de Aguiar, concitando os paulistas à revolução. Dessa incumbência deu ele conta à Câmara de Porto Feliz por meio de uma carta, do seguinte teor:

“Recebi o officio de V. S. comunicando-me a deliberação da Câmara Municipal, aceitando a proclamação de S. Excia. o Snr. Presidente interino da Provincia, e sendo este mesmo o voto, o anelo dos Povos desta Freguesia, como único meio que nos salvará da escravidão, foi proclamado o reconhecimento com tanto entusiasmo como ordem e tranquillidade, à exceção de alguns absolutistas caprichosos tão raros como imprudentes, que ousaram murmurar. Deus guarde a V. S.”

Eleito vereador Presidente da Câmara no quadriênio de 1853 a 1856, tomou posse a 7 de janeiro de 1853, tendo sido anteriormente suplente de vereador no quadriênio de 1845 a 1848.

Foi durante o seu quadriênio que se deu a criação do termo civil com conselho de jurados, vitoria grandiosa, pois ressalta da leitura dos documentos da época que Porto Feliz muito trabalhou para inutilizar a pretensão dos habitantes de Pirapora. Espírito independente, disse José Correia de Toledo, a esse respeito, no relatório lido por ocasião da transmissão de poderes ao seu sucessor, em 7 de janeiro de 1857:

“Congratulo-me convosco, Senhores! dizendo-vos que enfim Pirapora, depois de estar por tanto tempo sujeito ao jugo de Porto Feliz, respira hoje o tão almejado e vivificante ar da liberdade: o Pirapora já não é mais a colonia de Porto Feliz, é sim um termo reunido: já tem seus empregados, tem seu foro, tem seu Conselho de Jurados: não precisa mais mendigar Justiça à sua vizinha que, em outros tempos felizes, lhe foi tão

cara: possam os meus votos e os desta Câmara fazer com que o Pirapora, de mais a mais florente, trilhe sempre a senda gloriosa da civilização e do progresso!... O Pirapora, de algum tempo a esta parte, tem melhorado muito; tem se construído nesta Vila muitas casas sólidas e elegantes, e acham-se presentemente em construção muitas outras que nada desmerecem das primeiras."

Faleceu aos 29 de maio de 1864, com 63 anos de idade.

#### 16 — ANTONIO TEIXEIRA DE ASSUNÇÃO

(Vide n.º 7 — 1.ª legislatura).

#### 17 — MATEUS ÁLVARES BUENO

Foi negociante muitos anos em Tietê. Era casado com dona **Gabriela Fausta de Góis Pacheco**, pertencente a família ituana.

Foi vereador suplente, serviu ao quatrienio de 1849 e 1852, sendo eleito vereador na 3.ª legislatura de 1853 a 1856.

Em 10 de março de 1858 foi empossado no cargo de 4.º suplente de Juiz Municipal.

Faleceu a 1.º de fevereiro de 1868.

Por mais que procurássemos não nos foi possível obter outros informes a respeito de Mateus Álvares Bueno.

#### 18 — FRANCISCO DA SILVA LEITE

Era filho do Capitão-Mor Antonio José Leite da Silva e de dona Maria Rodrigues Leite, sendo residente em sua fazenda de cana de açúcar no bairro Capivari-Grande.

Natural de Porto Feliz, casou-se em 1825, a primeira vez, naquela cidade, com dona Maria Joaquina de Abreu Rocha, e, a segunda vez, também em Porto Feliz, em 24 de maio de 1847 com dona Luiza Alves Rodrigues.

Vereador, serviu no terceiro quatrienio de 1853 a 1856.

Faleceu em Tietê, e foi sepultado no Cemiterio Velho, com 70 anos, a 16 de fevereiro de 1866.

#### 19 — JOAQUIM DO AMARAL GURGEL

Era filho do Tenente Rafael de Moura Campos, natural de Sorocaba, e de dona Emilia de Arruda Campos, com quem se casara em Porto Feliz, no ano de 1809. O Tenente Rafael de Moura Campos foi um dos primeiros povoadores de Pirapora estabelecendo grande fazenda e engenho de açúcar no bairro Capivari-Mirim.

Político, militava nas fileiras do Partido Liberal, tendo sido preso em consequencia da rebelião de Sorocaba, metido em grossas correntes foi obrigado a marchar até Santos, de onde embarcou com outros companheiros para o Rio de Janeiro, onde continuou recluso. (*Genealogia Paulistana*, S. Leme).

Em Pirapora, foi sempre negociante, falecendo solteiro, em 10 de novembro de 1875, deixando um nome respeitado.

20 — JOSÉ JOAQUIM CORREIA DA ROCHA  
(Vide n.º 3 — 1.ª legislatura).

21 — DR. JOSÉ CORREIA LEITE MORAIS

Cremos foi nascido em Capivari, pois era filho do Cap. José Correia Leite e Moraes, que possuia fazenda de cana no bairro do Itapeva, daquele municipio, e de dona Maria Alves de Almeida Lima, filha do Capitão Lourenço de Almeida Lima e sua mulher Manuela Batista Aranha.

O Dr. José Correia Leite Moraes estudou medicina na Universidade de Bruxelas, na Bélgica, onde se diplomou em 1848.

Regressando ao berço patrio, depois de consorciar-se com dona Isabel de Campos Arruda, fixou sua residencia em Pirapora, sendo eleito vereador em 7 de setembro de 1852, para o quatrienio de 1853 a 1856, e empossado em 7 de janeiro de 1853.

Criado o termo civil anexo ao de Porto Feliz, com Concelhos de Jurados, foi nomeado primeiro suplente de Juiz Municipal por ato do Presidente Francisco Diogo Pereira de Vasconcelos, tendo dado a sua primeira audiencia em 19 de fevereiro de 1857 instalando-se nessa data o termo civil.

Foi tambem o primeiro Delegado de Policia de Pirapora, em cujo cargo foi investido pela Câmara em sessão ordinaria do dia 27 de dezembro de 1856.

A 7 de setembro de 1868, foi novamente eleito vereador para o quatrienio de 1869 a 1872.

Em sua residencia, que, segundo informações, era no predio localizado na esquina da rua do Comercio e 10 de Abril, onde está hoje a Loja Brasileira, realizou-se a primeira sessão de Juri em outubro de 1858.

De Pirapora transferiu-se para Jaú, onde clinicou e possuia fazenda de café e cana e onde repousam os seus restos mortais.

4.<sup>a</sup> LEGISLATURA — 1857 a 1860

22 — Cap. Antonio Correia de Moraes Silveira, Presidente. 23 — Antonio José Correia de Arruda. 24 — Antonio Dias de Aguiar. 25 — Luiz Antonio dos Reis. 26 — Teodoro José da Silveira. 27 — Joaquim Vieira de Arruda. 28 — Antonio Joaquim de Almeida Lima.

## 22 — CAP. ANTONIO CORREIA DE MORAIS SILVEIRA

Era o Cap. Antonio Correia de Moraes Silveira natural de Pirapora, sendo filho de Antonio Correia da Silveira' — o Silveirão — e de dona Ana Correia de Toledo.

Casou-se em Pirapora a 29 de julho de 1848, com dona Maria Luiza de Almeida, filha do Alferes Joaquim Pires de Almeida e de dona Luiza Miquelina de Moraes.

Foi eleito vereador Presidente da Câmara para o quatrienio de 1857 a 1860, 4.<sup>a</sup> legislatura, e, mais tarde, eleito vereador, novamente, no quatrienio de 1865 a 1868. Esteve sempre em evidencia na política, ocupando tambem o cargo de Delegado de Policia, sendo empossado em 1.<sup>o</sup> de janeiro de 1861, depois, em 1874, foi nomeado e empossado a 2 de novembro desse ano como 2.<sup>o</sup> Suplente de Juiz Municipal, nomeação que foi renovada a 20 de março de 1876, e mais tarde empossado a 15 de abril de 1878, no cargo de 1.<sup>o</sup> Suplente de Delegado de Policia.

De sua gestão de Presidente da Câmara não deixou relatorio.

“Gozou de muita estima e alta consideração, mormente pela classe desfavorecida, a quem acudia com a sua medicina e com as suas esmolos.” (Almeida Moraes — *Notas Genealógicas*).

Faleceu em São Paulo no ano de 1900, onde se achava em virtude da febre amarela reinar em Tietê.

## 23 — ANTONIO JOSÉ CORREIA DE ARRUDA

Antonio José Correia de Arruda era filho de um dos primitivos moradores de Tietê, o Cel. José Joaquim Correia da Rocha e de dona Maria' de Arruda Leite, e nasceu em Porto Feliz.

Casou-se com dona Dulcelina Maria Leite, filha de Manuel Ferraz do Amaral e dona Francisca Eufrosina Correia de Moraes.

Serviu no cargo de vereador no quatrienio de 1857 a 1860.

Faleceu em Tietê no dia 26 de junho de 1894, com 80 anos de idade.

24 — ANTONIO DIAS DE AGUIAR

(Vide n.º 10 — 2.ª Legislatura).

25 — LUIZ ANTONIO DOS REIS

Nasceu em Porto Feliz, sendo filho de Antonio Manuel dos Reis e de dona Gertrudes Maria de Melo.

Era casado com dona Ana Jacinta dos Reis.

Serviu como vereador no quadriênio de 1857 a 1860, para cujo cargo foi eleito a 7 de setembro de 1856.

Faleceu a 18 de fevereiro de 1869, em Tietê, com sessenta e tanto anos de idade.

A família Antonio dos Reis foi sempre notável pela longevidade de diversos de seus membros.

26 — TEODORO JOSÉ DA SILVEIRA

Filho de Rafael da Silveira Leite e dona Maria da Silveira Leite, também era natural de Porto Feliz e casou-se em Tietê, no dia 20 de maio de 1840, com dona Francisca Pereira de Almeida.

Como vereador prestou serviços ao município na 4.ª Legislatura, de 1857 a 1860.

Faleceu a 20 de julho de 1864, com 53 anos.

27 — JOAQUIM VIEIRA DE ARRUDA

Veio à luz na terra das Monções, Porto Feliz, filho do respeitável cidadão José de Arruda Penteado e de dona Mariana do Rego.

Casou-se em Tietê, com dona Maria Higina de Arruda, filha do ajudante José Manuel de Arruda e dona Maria Inácia Fernandes.

Serviu como suplente de vereador no quadriênio de 1853 a 1856 e como vereador no quadriênio seguinte de 1857 a 1860.

Progenitor de José Joaquim de Arruda, um dos propagandistas da República em Tietê.

Faleceu em Tietê, com 80 anos, a 7 de Abril de 1895.

28 — ANTONIO JOAQUIM DE ALMEIDA LIMA  
(O Calomba)

Era natural de Sorocaba, filho de Estanislau de Almeida Lima e dona Maria Feliciano de Camargo.



Casou-se, em Tietê, com dona Francisca Correia da Silva Leite, filha de Francisco da Silva Leite e dona Maria Joaquina de Abreu Rocha.

Foi vereador no quatrienio de 1857 a 1860.

Faleceu a 21 de agosto de 1866.

#### 5.ª LEGISLATURA — 1861 a 1864

29 — Braulio de Campos Melo, Presidente. 30 — Dr. Joaquim Mariano de Almeida Morais. 31 — Bento Dias Ferraz do Amaral. 32 — Francisco Antonio Domingues de Assunção. 33 — Francisco Correia da Silva. 34 — Joaquim Correia de Morais Abreu. 35 — Alferes Francisco Correia de Almeida Morais.

#### 29 — BRAULIO DE CAMPOS MELO — 5.º Presidente

Nasceu Braulio de Campos Melo na Vila de Porto Feliz, sendo filho de dona Luiza Branca de Toledo e de Mancio de Almeida Campos. Era seu pai liberal de convicções, que tomou parte relevante na revolta de 1842, ao lado de Rafael Tobias de Aguiar, tendo prestado serviços inestimaveis à causa revolucionaria. Serviu como official nas hostes rebeldes.

O que foi a sua atuação nessa memoravel campanha de 42 conta-nos o parecer transcrito das atas da Câmara de Porto Feliz e relativas ao ano de 1844.

Braulio de Campos Melo mudando-se para Pirapora onde possuia lavoura casou-se em 18 de novembro de 1853, com dona Francisca Martins de Melo, filha de José Antonio de Almeida e de dona Ana Teresa de Melo.

Em 7 de setembro de 1860, foi eleito vereador Presidente da Câmara Municipal para o quatrienio de 1861 a 1864. 5.ª Legislatura, deixando de comparecer às sessões por muito tempo no final do seu quatrienio, talvez por questões politicas, que ignoramos.

Faleceu com 47 anos, em Tietê, a 17 de outubro de 1881.

#### 30 — DR. JOAQUIM MARIANO DE ALMEIDA MORAIS

O Dr. Joaquim Mariano de Almeida Morais era natural de Tietê, onde nasceu a 6 de julho de 1829, sendo filho do Alferes Joaquim Mariano de Almeida, um dos primeiros povoadores do municipio e de dona Maria Jacinta de Morais.

Estudou primeiras letras com Eleuterio José Moreira, e Latim com o Pe. Francisco da Costa Araujo e Melo. Foi para São Paulo em 1850, matriculando-se, em 1853, depois dos necessarios preparatorios, no 1.º ano do Curso Jurídico da Faculdade de Direito, recebendo o grau de Bacharel juntamente com os Drs. Joaquim de Almeida Leite e Moraes, Domingos de Almeida Campos e Luiz Carlos de Assunção, em 19 de novembro de 1857.

Durante o curso acadêmico fez parte da redação do *Ipiranga*, jornal dirigido por Gabriel José Rodrigues dos Santos e colaborou no *Correio Paulistano*.

Em 1858 voltou para Tietê, dedicando-se à advocacia, e tendo recusado as nomeações para os cargos de Promotor Público de Taubaté e Juiz Municipal de Atibaia.

Criada naquele mesmo ano a Comarca de Constituição, hoje Piracicaba, foi nomeado Promotor Público, tomando parte na instalação da Comarca e na 1.ª sessão do Juri.

Ainda em 1858 foi eleito deputado provincial para o bienio de 1858-1859 e reeleito no bienio seguinte de 1860-1861.

A 13 de dezembro de 1860, consorciou-se em Tietê com dona Carolina Dias de Aguiar.

A 26 de dezembro de 1852 era empossado no cargo de 1.º suplente de Juiz Municipal de Pirapora, porem foi logo obrigado a exonerar-se em virtude de sua eleição para deputado provincial, na 15.ª legislatura de 1862-1863.

Foi eleito vereador à Câmara Municipal de Pirapora, para o quatrienio de 1861 a 1864, tendo exercido interinamente, por diversas vezes, a Presidencia da Câmara.

Como Juiz de Paz esteve no quatrienio de 1865 a 1868 e em 1866 foi nomeado suplente de Juiz Municipal.

No quatrienio de 1883 a 1886 foi chamado a servir na Câmara Municipal, na qualidade de vereador suplente. Apresentou nessa ocasião à corporação um projeto de lei estabelecendo medidas em favor dos escravos.

Desgostoso e contrariado com a direção dos negocios públicos, dirigidos pelo Partido Liberal, do qual era graduado correligionario, declarou-se francamente republicando, fundando com mais 8 companheiros um Clube Republicano em Tietê.

Proclamada a República, foi nomeado para fazer parte do 1.º Conselho de Intendencia empossado a 21 de janeiro de 1890.

Nomeado Juiz Municipal de Tietê, foi empossado em 24 de julho de 1891, exercendo-o até agosto de 1892.

Eleito em 30 de agosto de 1892, vereador à 1.ª Câmara Constitucional, renunciou a sua cadeira por ter sido nomeado Juiz de Direito, sendo empossado perante a Câmara Municipal em sessão especial realizada a 29 de setembro daquele ano.

Em 8 de março de 1896, foi aposentado pelo Governo do Estado.

O Dr. Joaquim Mariano colaborou em inúmeros jornais, publicando artigos políticos e doutrinários, sendo cultor da poesia e literatura dramática.

Era socio correspondente do Instituto Histórico de São Paulo.

A sua atuação na Assembléa Provincial foi profícua em benefício do nosso município.

Faleceu em S. Paulo, a 8 de maio de 1903.

### 31 — BENTO DIAS FERRAZ DO AMARAL

Filho de Manuel Martins Bonilha e de dona Maria Dias Ferraz do Amaral, nasceu em Porto Feliz.

Casou-se em Tietê, a 20 de julho de 1859, com dona Alexandrina de Castro, filha de José Joaquim da Rocha e Castro.

Serviu no cargo de vereador no quadriênio de 1861 a 1864.

Em um alistamento eleitoral de 1878, acha-se anotada a sua mudança em 1877 para Faxina, de onde se transferiu para Botucatu, lá falecendo a 12 de agosto de 1904.

### 32 — FRANCISCO ANTONIO DOMINGUES ASSUNÇÃO

Membro de importante família, era filho do Major Luiz Antonio de Assunção, um dos primeiros povoadores de Pirapora, e de sua digna consorte dona Maria Teixeira Pinto.

Nasceu em Porto Feliz, e lá constituiu família, consorciando-se a 12 de dezembro de 1857 com dona Manuela Inocência de Almeida Lima.

Operoso vereador, serviu no quadriênio de 1861 a 1864. Faleceu a 24 de janeiro de 1871, em Tietê.

### 33 — FRANCISCO CORREIA DA SILVA

Neto do valoroso Cap. Antonio José Leite da Silva, era filho de Francisco da Silva Leite e de dona Maria Joaquina de Abreu Rocha.

Casou-se com dona Luiza Correia da Silveira, filha do Cap. Joaquim José Leite da Silva.

Foi vereador no quatrienio de 1861 a 1864.

Cremos, mudou-se de Tietê para lugar por nós ignorado, acompanhando-o por esse modo inúmeros parentes que também emigraram.

#### 34 — ALFERES FRANCISCO CORREIA DE ALMEIDA MORAIS

Francisco Correia de Almeida Moraes nasceu em Tietê, em 30 de agosto de 1837, sendo filho do Tenente Joaquim de Almeida Leite e Moraes e dona Isabel Rodrigues da Silva.

Estudou primeiras letras com o Professor Regio, Eleuterio José Moreira, depois do que transferiu-se para Porto Feliz em 1848, afim de estudar latim e francês, no externato do Padre Francisco de Assiz Pinto de Carvalho, estudando de 1850 a 1853, naquela mesma cidade, com o Pe. José de Arruda.

Em 1853, dirigiu-se a São Paulo afim de completar os seus estudos, porem, com o falecimento do seu venerando pai em 1854, viu-se forçado a abandonar os estudos e dedicou-se ao ensino particular.

Casou-se em Tietê, a 26 de janeiro de 1858, com dona Leopoldina Augusta de Moraes, filha do Ten.-Cel. Francisco Correia de Moraes e dona Maria Cecilia de Moraes.

Em Tietê, estabeleceu-se com negocio de fazendas.

Em setembro de 1860 foi eleito vereador na 5.<sup>a</sup> Legislatura do quatrienio de 1861 a 1864. A 17 de outubro de 1865, foi empossado como Delegado de Policia. Novamente foi eleito vereador para o quatrienio de 1877 a 1881, tendo sido Juiz de Paz no quatrienio anterior de 1873 a 1877.

Foi também secretario da Câmara de 8 de janeiro a abril de 1861 e, de 8 de janeiro de 1881 até julho de 1886, tendo, a 10 deste mês, transferido a sua residencia para Santos, onde se estabeleceu com casa comissaria, fazendo parte da firma Almeida Melo & Cia.

Em Santos, depois do advento da República, foi nomeado suplente de Juiz de Direito e depois Presidente do Conselho de Intendencia Municipal de 1890 a 1891.

Foi eleito vereador no trienio de 1896 a 1899, ocupando neste último ano a Presidencia da Câmara, sendo nova-

mente eleito para o trienio de 1900 a 1902, e reconduzido à Presidencia da Câmara.

Em 25 de outubro de 1895 foi nomeado socio correspondente do Instituto Histórico de São Paulo.

O Cel. Almeida Moraes escreveu: *Notas Genealógicas*; um opúsculo sobre a historia de Braz Cubas e fundação de Santos, e tambem uma *Breve Notícia Histórica sobre o município de Tietê*, única até hoje feita.

Faleceu em Santos a 13 de dezembro de 1913.

### 35 — JOAQUIM CORREIA DE MORAIS ABREU

*Inhô do Garcia*, como era mais vulgarmente conhecido, era filho do Major José Joaquim Correia da Rocha e de dona Maria de Arruda Leite, sendo natural de Porto Feliz.

Possuia fazenda e engenho de moer cana no bairro Mandissununga.

Foi casado com dona Teresa de Campos Melo, filha do Tenente Domingos de Almeida Campos e de dona Maria Inacia Leite.

Foi vereador no quatrienio de 1861 a 1864.

Entre os seus filhos, conta-se o Dr. Domingos Correia de Moraes, illustre engenheiro e estadista notavel, que foi Vice-Presidente do Estado de São Paulo, exercendo a Presidencia com acerto.

Faleceu em Tietê, a 11 de maio de 1886.

## 6.<sup>a</sup> LEGISLATURA — 1865 a 1868

36 — Cap. Evaristo de Campos Leite, Presidente. 37 — Alferes Antonio Correia Leite e Moraes. 38 — Dr. Domingos de Almeida Campos. 39 — Tenente Bernardino de Sena Mota Magalhães. 40 — Prudente Floriano da Costa. 41 — José Teixeira da Silva Pinto. 42 — Antonio Correia de Moraes Silveira.

### 36 — CAP. EVARISTO DE CAMPOS LEITE

#### 6.<sup>o</sup> Presidente

Natural de Porto Feliz onde nasceu em 26 de outubro de 1836, era filho do Cap. Francisco Luiz Coelho e de dona Gertrudes Fernandes Leite.

Aos vinte anos, em 1856, contraiu casamento, em Capivari, com dona Isabel Correia de Toledo, filha do Cap. Salvador Correia de Toledo e dona Ana de Toledo Piza.

Em Tietê era comerciante.

Em 11 de abril de 1864 foi empossado pela Câmara Municipal, no cargo de 3.º suplente de Juiz Municipal.

Eleito vereador Presidente da Câmara Municipal, foi empossado em 7 de janeiro de 1865 para o quadriênio de 1865 a 1868.

Em 1877, transferiu sua residencia para Belem do Descalvado, de onde se mudou para Ribeirão Preto, lá residindo 3 anos. Mudou-se novamente, indo para Batatais em 1898, onde faleceu a 17 de setembro de 1902.

### 37 — ALFERES ANTONIO CORREIA LEITE E MORAIS

Foram seus pais o tenente-coronel Francisco Correia de Moraes e dona Cecília de Moraes.

Casou-se em Tietê com dona Gertrudes Leopoldina de Almeida Moraes.

Serviu ao município como vereador na 6.ª legislatura de 1865 a 1868.

Faleceu em São Vicente em 4 de abril de 1882.

### 38 — DR. DOMINGOS DE ALMEIDA CAMPOS

O Dr. Domingos de Almeida Campos nasceu no mês de julho de 1833, em Porto Feliz, sendo filho do Tenente Domingos de Almeida Campos e de dona Maria Inacia Leite.

Matriculando-se na Faculdade de Direito de São Paulo, após um curso brilhante, bacharelou-se a 19 de novembro de 1857, juntamente com os Drs. Luiz Carlos de Assunção, Joaquim de Almeida Leite e Moraes e Dr. Joaquim Mariano de Almeida Moraes.

Casou-se no ano de 1858, em sua cidade natal, com a sua sobrinha dona Maria Dulcelina de Toledo, filha de José de Toledo Piza e Maria Dulcelina de Campos, mudando-se logo para Tietê, onde abriu banca de advogado.

Em 1863, foi eleito Deputado à Assembléia Provincial para o bienio de 1864-1865, sendo em seguida eleito vereador municipal no quadriênio de 1865 a 1868.

No bienio de 1881 a 1882 foi eleito Juiz de Paz.

Novamente foi eleito e serviu como Juiz de Paz, já no período republicano, para o triênio de 1902 a 1904.

Foi um dos fundadores, em 1908, do Partido Governista que subsistiu até 1930, sendo membro do Directorio até o seu falecimento.

“Cultivou os estudos jurídicos até os seus últimos dias de vida, tendo prestado, desinteressadamente, valiosíssimos serviços a todos quantos invocaram a sua intervenção em pleitos judiciais desta e de outras comarcas. Era homem cujos atos pautavam pelo desejo de fazer o bem, de realizar a justiça, escusando-se sempre de aceitar posições de destaque na sociedade.”

Faleceu à 1/2 hora do dia 28 de junho de 1911.

#### 39 — TENENTE BERNARDINO DE SENA MOTA MAGALHÃES

Natural de Porto Feliz, e filho de Candido José da Mota e de dona Maria Felizarda Nogueira da Mota, pertenceu a uma notabilíssima familia que deu diversos e devotados estadistas à República.

Exerceu sempre a profissão de boticario; em um dos livros da nossa Câmara Municipal, acha-se registada a autorização do Governo Imperial para o funcionamento da sua BOTICA em Pirapora, no ano de 1862.

Era casado com dona Emilia Olimpia Cora da Mota.

Republicano, tomou parte na “CONVENÇÃO DE ITÚ” em 1872, como representante de Porto Feliz.

Deveria ter falecido em Porto Feliz, onde, há alguns anos, estava estabelecido com farmacia.

#### 40 — PRUDENTE FLORIANO DA COSTA

Nasceu em Sorocaba, no ano de 1818, sendo filho de João Floriano da Costa.

Casou-se a 1.<sup>a</sup> vez, em Sorocaba, com dona Ana Paulina da Costa, lá falecida e em segundas nupcias, a 29 de março de 1867, com dona Senhorinha Maria da Costa.

Foi comerciante em Tietê toda a sua existencia.

Militando na política, serviu como suplente de vereador no quadriênio de 1861 a 1864 e como vereador na Legislatura seguinte de 1865 a 1868.

Foi um dos fundadores da Irmandade de São Benedito e da sua igreja, para cuja construção muito trabalhou juntamente com o Padre Costa.

Faleceu a 4 de janeiro de 1893 em Tietê.

#### 41 — JOSE' TEIXEIRA DA SILVA PINTO

Neto do Alferes Matias Teixeira da Silva, morador do bairro Praia Grande, quando se deu início à nossa cidade, e filho de Mancio Pinto Teixeira e de dona Ana dos Reis, devia ele ter nascido em Porto Feliz, pois nos livros de Tietê não está registado o seu nascimento.

Foi casado com dona Isabel da Silva Leite, filha de Joaquim Correia da Silveira (o Pararaca) e de dona Ana Correia da Silveira.

Exerceu o cargo de vereador na legislatura de 1865 a 1868.

Faleceu em Tietê a 22 de setembro de 1867.

#### 42 — CAP. ANTONIO CORREIA DE MORAIS SILVEIRA (Vide n.º 22. 4.ª Legislatura)

#### 7.ª LEGISLATURA — 1869 a 1872

43 — João Pedro de Moraes Silveira, Presidente. 44 — Dr. Luiz Teixeira Pinto. 45 — Francisco Domingues de Assunção. 46 — Joaquim Rodrigues Alves de Araujo. 47 — José Correia Leite de Moraes. 48 — José Correia da Silva. 49 — Matias Teixeira da Silva Pinto. 50 — Luiz Augusto Teixeira de Assunção. 51 — Francisco Antunes de Almeida.

#### 43 — JOÃO PEDRO DE MORAIS SILVEIRA

7.º Presidente

Nasceu João Pedro de Moraes Silveira, em Pirapora, a 26 de março de 1840, sendo sexto filho de Antonio Correia da Silveira (o Silveirão) e de dona Ana Correia de Toledo.

Foi negociante de fazendas, em Tietê, muitos anos.

Casou-se a primeira vez com dona Cecilia Maria da Rocha, e a segunda vez, com dona Francisca Correia da Rocha, ambas filhas de Antonio Correia de Abreu e de dona Maria Joaquina de Almeida.

Foi eleito vereador e Presidente da Câmara Municipal para a 7.ª legislatura de 1869 a 1872.

Faleceu em Tietê a 28 de agosto de 1872.



## 44 — DR. LUIZ TEIXEIRA PINTO

Natural de Tietê, aqui nasceu a 29 de setembro de 1836, sendo filho de Antonio Teixeira Pinto e de dona Francisca de Almeida Leite.

Formou-se em medicina.

Casou-se, a 16 de junho de 1868, com dona Maria Luiza Teixeira, filha de Antonio Teixeira Pinto Jr. e Isabel de Toledo Piza.

Foi proprietario da atual Fazenda Canal Torto. (1931).

Militou ativamente na politica, exercendo os cargos de vereador no quatrienio de 1869 a 1872; 1.º Suplente de Delegado empossado a 26 de novembro de 1881 e Delegado de Policia, empossado a 12 de fevereiro de 1883.

Mudou-se para Avaré, em 1890 e lá faleceu. .

## 45 — FRANCISCO DOMINGUES DE ASSUNÇÃO JR.

Deveria ter nascido em Porto Feliz, pois está registado nos assentos de batizados da Paroquia de Tietê. Foram seus pais Francisco Domingues de Assunção e dona Manuela Inocencia de Almeida Lima.

Casou-se em Botucatu, com dona Guilhermina de Alvarenga Peixoto.

Lavrador e depois negociante, exerceu o cargo de vereador no quatrienio de 1869 a 1872.

Terminado o seu mandato, mudou-se para Araraquara, onde residiu alguns anos, e depois para São Paulo, falecendo a 31 de agosto de 1895 em São José dos Campos.

## 46 — JOAQUIM RODRIGUES ALVES D'ARAÚJO

Porto-felicense, era filho de João Alves de Araujo e de dona Joana Alves Rodrigues.

Foi casado três vezes: a 1.ª com Luiza Correia de Toledo, viuva de Antonio de Arruda Pais; a 2.ª, com Francisca Correia de Toledo, viuva de Joaquim Rodrigues Natel; e a 3.ª, com dona Umbelina Inocencia Alves.

Exerceu o mandato de vereador no quatrienio de 1869 a 1872.

Em 1877 mudou-se para o municipio de Porto Feliz, onde faleceu com 62 anos, sendo seu corpo transportado para Tietê e inumado no cemiterio Municipal a 10 de março de 1887.

## 47 — ALFERES JOSE' CORREIA LEITE DE MORAIS

Nasceu na antiga Pirapora de Curuçá, a 7 de março de 1833, do consorcio do Tenente Joaquim de Almeida Leite de Moraes, um dos seus primeiros povoadores, e de dona Isabel Rodrigues da Silva.

Casou-se em Tietê, a 13 de abril de 1852 com dona Carolina Leopoldina de Moraes, filha de Joaquim da Silva Leite e dona Maria Jacinta de Moraes Abreu.

Possuia lavoura de café no bairro do Laranjal, que se tornou hoje em florescente cidade.

Como vereador, serviu no quatrienio de 1869 a 1872.

## 48 — JOSE' CORREIA DA SILVA

Era neto do Cap. Antonio José Leite da Silva, um dos primeiros povoadores de Pirapora, e filho de Francisco da Silva Leite e dona Maria Joaquina de Abreu Rocha.

Nasceu em Tietê, aos 15 de julho de 1837.

Casou-se com dona Dulcia Correia da Silva, filha de Antonio da Silveira e dona Gertrudes Correia da Silva.

Como vereador serviu no quatrienio de 1869 a 1872.

Foi negociante em Tietê, onde faleceu a 27 de outubro de 1893, com 56 anos de idade.

## 49 — MATIAS TEIXEIRA DA SILVA PINTO

Filho de Mancio Pinto Teixeira e dona Ana dos Reis. Não nos foi possível obter outros informes a respeito deste vereador.

## 50 — LUIZ AUGUSTO TEIXEIRA DE ASSUNÇÃO

A 27 de maio de 1843, veio à luz do mundo em Tietê, sendo filho de Antonio Teixeira de Assunção e dona Augusta de Almeida Campos.

Em sua terra natal, também se casou a 30 de junho de 1868, com dona Francisca Querubina de Moraes, filha do Cel. Joaquim Pires Correia.

Foi vereador no quatrienio de 1869 a 1872.

Desapareceu prematuramente, contando apenas 32 anos de idade, a 8 de maio de 1875.

Entre os demais dizeres da lápide do seu túmulo, no Cemiterio Municipal, lê-se a seguinte quadra:

O pranto por ti vertido  
Estas letras apagarão  
Mas nunca da familia  
As saudades extinguirão.

## 51 — FRANCISCO ANTUNES DE ALMEIDA

Era tieteense, tendo nascido a 28 de maio de 1844. Foram seus pais Antonio Antunes de Sousa e dona Serafina de Almeida.

Casou-se em Tietê a 2 de maio de 1863, com dona Francisca Correia da Silveira, filha de Joaquim Correia da Silveira (o Pararaca) e de dona Ana Correia da Silveira.

Exerceu o mandato de vereador no quadriênio de 1869 a 1872.

Foi negociante de fazendas, mudando-se para Botucatu e lá faleceu em 16 de março de 1898.

## 8.ª LEGISLATURA — 1873 a 1876

52 — Teotonio Rodrigues de Lara Campos, Presidente.  
53 — José Joaquim de Arruda. 54 — Antonio Teixeira de Assunção Junior. 55 — Rafael Augusto de Moura Campos.  
56 — Manuel Alves de Almeida Falcão. 57 — José Joaquim Correia da Rocha. 58 — Rodolfo Teixeira Pinto. 59 — José Correia de Toledo. 60 — Dr. Luiz Carlos de Assunção.

## 52 — TEOTONIO RODRIGUES DE LARA CAMPOS

Teotonio Rodrigues de Lara Campos nasceu em Tietê, no dia 2 de dezembro de 1843, sendo filho de Antonio Rodrigues de Lara e de dona Maria Jacinta de Vasconcelos, casados em 1801, em Porto Feliz.

Ainda menino, dedicando-se à vida comercial, empregou-se como caixeiro de Mateus Álvares Bueno. O escasso ordenado que recebia pelo seu trabalho applicava-o no sustento da sua veneranda mãe, que enviuvara não há muito, e, conseguindo formar um pequeno peculio, transportou-se para Lençóis, onde se estabeleceu negociando já por conta propria.

Aos 11 de julho de 1864, na Matriz de Tietê, casou-se com a sra. dona Francisca Xavier de Góis Lara, passando a residir nesta cidade, onde possuia loja de fazendas, tornando-se, dentro de pouco tempo, negociante de largos capitais.

Militando na política, pertenceu ao Partido Liberal, tendo sido membro do seu directorio, desfrutando grande prestigio.

Eleito vereador-Presidente para o quadriênio de 1873 a 1876, e, reconduzido no mandato de 1883 a 1886, exercendo novamente a Presidencia da Câmara, deixou o seu nome ligado a numerosos melhoramentos na terra que lhe serviu de berço.

De suas iniciativas destaca-se o Teatro Carlos Gomes, que sob o seu patrocínio e administração foi construído.

No bienio de 1881 a 1882, serviu como Juiz de Paz.

“Como político distinguiu-se sempre pelo seu espírito de tolerancia e de Justiça” — disse alguém a seu respeito.

A Santa Casa dedicou muitos carinhos do seu afetuoso coração, sendo Provedor da Diretoria, cargo que exerceu com elevado altruísmo desde 1898 até por ocasião de sua morte em 1908.

Por sua conta própria dotou o antigo hospital com um bem montado necroterio.

A Igreja Matriz não seria o soberbo templo que hoje orgulho nos causa, si não fosse a dedicação de Teotônio Rodrigues de Lara Campos, que custeou a construção da Capela-Mor.

Faleceu em São Paulo a 30 de setembro de 1908.

Em sua memoria, a Câmara Municipal deu o nome “Lara Campos” à antiga rua Direita, uma das principais da cidade.

#### 59 — JOSÉ CORREIA DE TOLEDO

José Correia Toledo, filho de outro de igual nome e de dona Gertrudes Correia Toledo, nasceu em Tietê, em 17 de junho de 1844.

Seu pai era liberal extremado e, na qualidade de Juiz de Paz de Pirapora, afixou a proclamação de Rafael Tobias de Aguiar, incitando os paulistas à revolta de 1842.

Casou-se a primeira vez em 21 de setembro de 1862, com dona Ana Esmeria de Arruda, filha de Francisco Correia de Toledo e de dona Ana Esmeria de Arruda. A segunda vez, casou-se também em Tietê, no dia 24 de julho de 1886, com dona Adolfina Eulália de Campos Lima, filha de Antonio Ferraz e de dona Guilhermina Maria de Campos.

Por muitos anos, residiu em Conchas, no bairro do Baguari, onde possuía fazenda de café.

Foi eleito vereador para o quatrienio de 1873 a 1876, e em 1878, a 15 de abril, era empossado no cargo de 3.º suplente de Delegado de Policia.

Em 1883, juntamente com Joaquim Floriano de Toledo, José Joaquim de Arruda, João Alves Correia, Joaquim Porfirio Alves, Dr. Joaquim Mariano de Almeida Morais, José Mariano da Costa, José Alves de Almeida Lima e João Leite de Oliveira Caçapava, fundava em Tietê um "CLUBE REPUBLICANO", que fez intensa propaganda das novas idéias.

Assinou o ata da constituição do governo provisorio republicano de Tietê, em 16 de novembro de 1889.

Proclamada a República e resolvendo o Governo Provisorio do Estado aumentar o número de membros do Conselho de Intendencia de 5 para 7 membros, foi um dos nomeados, em 9 de maio de 1890 e empossado em 2 de junho do mesmo ano, juntamente com José de Toledo Piza.

Tendo se dado na capital do Estado o golpe contra Américo Brasiliense, o povo de Tietê, secundando a ação desenvolvida em S. Paulo, em reunião popular que se realizou no dia 19 de dezembro de 1891, depôs o Conselho de Intendencia e aclamou outro, que confirmado pelo novo Governador de São Paulo, foi empossado em 2 de janeiro de 1892. Desse novo Conselho fazia parte José Correia de Toledo.

Eleita a Câmara constitucional, em outubro de 1892, e empossada a 29 de setembro, logo depois, o vereador João Alves Correia de Toledo renunciou a sua cadeira, sendo eleito e empossado em sua vaga, no dia 24 de novembro de 1892, José Correia de Toledo.

Exerceu o cargo de Intendente, mais tarde substituido pelo titulo de Prefeito, de 9 de dezembro de 1892 a 3 de abril de 1894.

Em 5 de abril de 1902 tomou posse do cargo de Procurador da Câmara Municipal, exercendo-o com muita proficiencia até 8 de abril de 1912, quando foi, a pedido, substituido pelo seu filho Antonio Correia de Toledo.

O seu passamento deu-se no dia 6 de setembro de 1915, causando a sua morte imensa consternação aos seus inúmeros amigos.

#### 60 — DR. LUIZ CARLOS DE ASSUNÇÃO

Era natural de São Paulo, onde nasceu na Freguesia de Santa Ifigenia, a 1.º de novembro de 1833, sendo filho do Dr. Luiz Antonio de Assunção e de dona Rita Amalia.

Formado em ciências sociais e jurídicas pela Faculdade de Direito de São Paulo, em 1857, foi companheiro de turma dos Drs. Joaquim de Almeida Leite e Morais, Dr. Domingos de Almeida Campos e Dr. Joaquim Mariano de Almeida Morais.

Depois de formado fixou residência em Limeira, onde adogou transportando-se logo para Tietê, onde fixou a sua residência definitiva.

Casou-se a primeira vez, em Porto Feliz, no dia 5 de fevereiro de 1857 com dona Maria Dias de Assunção e a segunda vez, em Tietê, a 23 de setembro de 1851, com dona Ana Carolina Dias de Assunção.

Adepto do Partido Liberal, do qual era soldado dedicado, exerceu cargos públicos tais como: Juiz de Paz, no quatrienio de 1865 a 1868; vereador no quatrienio de 1873 a 1876 e no bienio de 1881 a 1882.

Foi Deputado Provincial nas legislaturas 14.<sup>a</sup>, de 1860 a 1861; na 24.<sup>a</sup>, de 1880 a 1881; e na 27.<sup>a</sup>, de 1886 a 1887.

Distinguido com a nomeação para 5.<sup>o</sup> Vice-Presidente da então Província de São Paulo, exerceu esse cargo de 29 de março a 4 de setembro de 1884.

“Verdadeiro adepto da abolição, amante da liberdade, dizia-se — quando se tratava do elemento servil — que seus lábios se queimavam ao pronunciar a palavra ESCRAVO.”

O Dr. Luiz Carlos, na pia batismal, libertava os filhos dos seus escravos, e libertos também declarou os seus servidores maiores de 50 anos.

Proclamada a República, aceitou o novo regime e dando por encerrada a sua carreira política retirou-se para a vida privada, dedicando-se exclusivamente aos cuidados da sua família da qual era chefe exemplaríssimo.

Faleceu em Tietê, a 20 de novembro de 1912, estando os seus restos mortais descansando no solo tietense, para cuja grandeza muito se desvelara.

#### 9.<sup>a</sup> LEGISLATURA — 1877 a 1880

61 — Dr. Antonio de Campos Toledo, Presidente. 62 — Domingos Teixeira de Assunção. 63 — Augusto Manuel Correia de Toledo. 64 — André Teixeira Pinto Junior. 65 — Francisco Pereira do Vale. 66 — Joaquim Alves Correia de Toledo. 67 — Francisco Correia de Almeida Morais. 68 —

Francisco de Almeida Prado. 69 — Padre Francisco da Costa Araujo e Melo.

61 — DR. ANTONIO DE CAMPOS TOLEDO

9.º Presidente

Do consorcio de José de Toledo Piza com dona Maria Dulcelina de Campos, nasceu em Porto Feliz, a 2 de janeiro de 1842, o Dr. Antonio de Campos Toledo.

Estudou primeiras letras com Monsenhor Francisco de Paula Rodrigues, o "Padre Chico", o grande orador sacro, com quem se aperfeiçoou no latim.

Matriculou-se na Faculdade de Direito de São Paulo, em 1859, *bacharelando-se em dezembro de 1862, juntamente com Campos Sales, Bernardino de Campos, Prudente de Moraes e Silveira Bulcão.*

Logo depois da formatura, veio iniciar em Tietê a sua carreira de advogado, abrindo banca juntamente com o seu tio Dr. Domingos de Almeida Campos, sem nunca desejar cargos na magistratura.

Casou-se em Tietê, a 26 de janeiro de 1869, com dona Josefina Carolina de Moraes, filha de Joaquim Correia de Moraes Abreu e dona Teresa de Campos Melo.

Exerceu o cargo de vereador suplente no quatrienio de 1865 a 1868 e Juiz de Paz no quatrienio de 1873 a 1876.

Em 1876 foi eleito vereador Presidente da Câmara Municipal, para o quatrienio de 1877 a 1880, cujo mandato não terminou por ter transferido a sua residencia para São Paulo, em 1879.

Pertencendo ao Partido Liberal, foi também Deputado à Assembléa Provincial nas legislaturas de 1868 a 1869, 1880 a 1881 e 1884 a 1885, tendo desempenhado com bastante brilho o mandato que lhe fora outorgado.

Ao ser proclamada a República, ocupava o cargo de Inspetor Geral de Terras e Colonização, tendo sido mantido no cargo pelo Governo Provisorio. Nomeado lente catedrático de legislação sobre direito privado, 3.ª cadeira da 3.ª serie de ciencias, por decreto de 21 de março de 1891, tomou posse a 27 de abril; logo pediu e obteve a exoneração, por decreto de 1.º de agosto do mesmo ano.

Nomeado, pelo Dr. Américo Brasiliense, Procurador Geral Interino, na primeira organização judiciaria do Estado, não aceitou a nomeação.

Dedicando-se à vida comercial e bancaria, entrou para a diretoria do Banco de Comercio e Industria, como membro do Conselho Fiscal, tornando-se membro efetivo, Diretor Interino e depois Diretor-Secretario na vaga do Barão de Piracicaba, tendo sido reeleito na última eleição que antecedeu à sua morte.

Eleito membro do Conselho Fiscal da Companhia Paulista de Estradas-de-Ferro, não aceitou o cargo, por ser parente do Dr. Domingos Correia de Moraes, um dos diretores daquela companhia.

Pertenceu ao Conselho Diretor do Instituto da Ordem dos Advogados de São Paulo e à Diretoria da Santa Casa de Misericórdia.

Foi também incumbido pelo Dr. Américo Brasiliense para, em comissão com o Dr. Oliveira Escorel, dar parecer sobre o Projeto do Código do Processo Criminal do Estado.

O Dr. Campos Toledo distinguiu-se notavelmente nas letras jurídicas, sobressaindo como consultor abalizado que era, sendo os seus pareceres grandemente procurados e acatados pelos mais consumados mestres de Direito.

Faleceu em Tietê a 22 de julho de 1902.

A Câmara dos Deputados Estaduais, a que pertencera o Dr. Campos Toledo em outros tempos, em sessão de 23 de julho daquele ano, prestou-lhe significativa homenagem, por iniciativa do Dr. Rubião Junior e do Dr. Cândido Mota, suspendendo-se a sessão daquele dia em sua memoria.

## 62 — DOMINGOS TEIXEIRA DE ASSUNÇÃO

Nasceu em Tietê aos 19 de maio de 1846, sendo o nono filho do Tenente Antonio Teixeira de Assunção e de dona Augusta de Almeida Campos.

Casou-se em primeiras nupcias a 4 de julho de 1868, em Tietê, com dona Maria Luiza de Moraes Assunção, e em segundas nupcias, com dona Luiza de Moraes Assunção, viuva do Dr. Alvaro Teixeira de Assunção, também em Tietê, no dia 17 de janeiro de 1895, sendo ambas filhas do Cap. Antonio Correia de Moraes Silveira e de dona Maria Luiza de Almeida.

Exerceu o cargo de vereador no quatrienio de 1877 a 1880 e foi depois Delegado de Polícia, em cujo cargo foi empossado em 16 de setembro de 1881.

Mudando-se de Tietê, residiu em Piracicaba e depois em São Paulo, onde faleceu.



## 63 — AUGUSTO MANUEL CORREIA DE TOLEDO

Filho de Manuel Correia de Toledo e de dona Ana Francisca de Almeida, nasceu no dia 21 de maio de 1849, na antiga Vila de Pirapora, hoje Tietê.

A 28 de junho de 1872, casou-se com dona Maria Augusta de Morais, filha de José Correia de Morais Silveira e de dona Augusta de Campos, e depois, a segunda vez, com dona Ana Augusta Correia, irmã da sua primeira mulher.

Serviu como vereador no quatrienio de 1877 a 1880.

Foi o 11.º Delegado de Policia sendo empossado em 24 de setembro de 1883.

Foi sempre residente em Tietê onde era negociante e posteriormente no bairro de Laranjal, depois distrito e municipio do mesmo nome.

## 64 — ANDRÉ TEIXEIRA PINTO JR.

Tieteense, aquí nasceu, quando Pirapora do Curuçá, em 17 de abril de 1848, sendo filho de André Teixeira Pinto e dona Gertrudes Leopoldina de Aguiar.

Casou-se a 13 de fevereiro de 1872, com dona Luiza Correia Vaz de Almeida, filha de Elias Vaz de Almeida e de dona Ana Francisca Leite. A 2.ª vez, em 5 de março de 1889, com dona Maria Augusta da Cruz, filha de Manuel Inocencio da Cruz.

Como vereador, serviu no quatrienio de 1877 a 1880.

No ano de 1878 mudou-se para Capivarí, de onde, após alguns anos de residencia, voltou a Tietê.

Proclamada a República, foi eleito vereador à primeira Câmara Constitucional no periodo de 1892 a 1895.

Faleceu em Tietê, sendo sepultado no dia 15 de novembro de 1897.

## 65 — FRANCISCO PEREIRA DO VALE

Natural de Tietê, onde nasceu em 3 de julho de 1851, era filho de Francisco Pereira do Vale e de dona Ana Joaquina de Arruda.

Casou-se em sua terra natal no dia 9 de novembro de 1874, com dona Rita Carlina de Morais, filha de Francisco Fernandes de Morais Gordo e de dona Carolina Alves.

Serviu como vereador no quatrienio de 1877 a 1880.

Mudando-se de Tietê, há muitos anos, faleceu em Santos, na primeira quinzena de julho de 1930, como funcionario da Associação Comercial daquela cidade.

## 66 — CEL. JOAQUIM ALVES CORREIA DE TOLEDO

Era o Cel. Joaquim Alves Correia de Toledo natural de Porto Feliz, onde nasceu a 14 de fevereiro de 1853, ali passando alguns anos da sua meninice, vindo depois para Capivari, dali saindo em 1868, com 15 anos, para residir em Tietê, onde passou o resto de sua longa existencia.

Era filho do Cel. Francisco Correia de Toledo e de dona Cândida Alves de Araujo.

O Cel. Joaquim Alves casou-se em Tietê, no dia 8 de março de 1873; com dona Vitalina Leopoldina de Camargo, filha de José Braulio de Camargo e dona Francisca Leopoldina de Moraes.

Em setembro de 1876, foi eleito vereador para o quatrienio de 1877 a 1880.

Foi propagandista da República, tomando parte no movimento que a implantou nesta cidade, sendo um dos signatarios da respectiva ata.

Exerceu o cargo de Juiz de Paz na primeira legislatura republicana de 1892 a 1895, tendo sido, antes, 1.º Suplente de Juiz Municipal, em cujo cargo foi empossado a 6 de outubro de 1890.

Escolhido 3.º suplente de Delegado de Policia, prestou compromisso em 12 de fevereiro de 1892 e depois a 1.º de fevereiro de 1905 foi empossado como Delegado de Policia e reconduzido no mesmo cargo em 23 de janeiro de 1907.

Voltou a ocupar o cargo de Juiz de Paz na 3.ª Legislatura de 1902 a 1904.

Fez parte dos diretorios politicos do Partido Republicano, ocupando sempre a Presidencia, até a sua morte.

Foi um dos fundadores do Tiro de Guerra n.º 90, de Tietê, que aqui se instalou em 1910, sendo o Cel. Joaquim Alves seu primeiro Presidente.

Exerceu mais os cargos de Presidente da Comissão de Agricultura e Suplente de Juiz Federal.

“Sua vida, tanto particular como pública, é um exemplo a seguir, não só pelos seus descendentes mas por todos quantos o conheceram. NHÓ QUIM, como nós o conhecíamos, era o exemplo vivo do trabalho, da nobreza de carater e do coração magnânimo que vibrava de indignação diante da injustiça e sensibilizava-se, em extremo, ante a miseria encarnada desses entes que perambulam as nossas ruas, de porta em porta, em busca de um pedaço de pão.

“Bafejado pela fortuna, era homem de boas posses; nunca o vil metal empanara o brilho do seu caráter austero, nem lhe embotara os sentimentos filantrópicos de seu grande coração.

“Altivo, mas modesto, atendia a todos que o procuravam, com a mesma cortesia e solicitude, sem fazer distinção de posição social.

“Ótimo chefe de família, foi esposo amantíssimo e pai amoroso, criando e educando seus filhos, na mesma escola enérgica de costumes em que vivera.”

Sua vida, como político, é a expressão fidedigna da honestidade, não se encontrando, em toda ela, um ato sequer que manchasse sua reputação como homem público.

Faleceu em Tietê, no dia 12 de abril de 1919.

67 — FRANCISCO CORREIA DE ALMEIDA MORAIS  
(Vide n.º 34 da 5.ª Legislatura)

68 — FRANCISCO AUGUSTO DE ALMEIDA PRADO  
Nasceu em Tietê, no ano de 1852, sendo filho do Cap. João de Almeida Prado e de dona Carolina Ferraz do Amaral.

Casou-se a 28 de junho de 1870, em sua terra natal, com dona Ana Guilhermina, filha do Cap. Antonio de Camargo Pentead e de dona Maria da Anunciação.

Serviu como vereador no quatriênio de 1877 a 1880.

Mudou-se de Tietê para Jaú.

69 — PADRE FRANCISCO DA COSTA ARAUJO  
E MELO

O padre Costa, como era por todos conhecido e cujo nome provoca, hoje, em todos que a ele se referem, saudosas recordações, nasceu no ano de 1817, na cidade de Cuiabá, capital de Mato Grosso. Foram seus pais o Cap. Caetano da Costa Araujo e Melo e dona Ana da Costa. O cap. Caetano, seu pai, pertencia a importante família matogrossense, que forneceu heróicos combatentes na campanha do Paraguai.

A sua família, transportando-se de Mato Grosso para São Paulo, onde fixou residência, matriculou o menino nos cursos eclesiásticos da época, onde, após brilhantes estudos, recebeu o Padre Francisco da Costa Araujo e Melo as ordens sacerdotais. Ordenado Padre, foi nomeado vigário de Pirapora de Curuçá, naquele tempo simples freguesia, empossando-se a 13 de setembro de 1842, cargo em que esteve até 1863, por espaço de vinte longos anos.

Apesar-de deixar o pároquiato, continuou a residir em Tietê — servindo sempre como pró-pároco.

Político, pertencia ao Partido Conservador, servindo como suplente de vereador nos quatriênios de 1861 a 1864 e de 1865 a 1868 e como vereador no quatriênio de 1877 a 1880, sendo reeleito para o bienio seguinte de 1881 a 1882.

Foi membro da Comissão Inspetora de Aulas de las. le- tras em 1846 e Diretor Municipal do Censo, em 1851, para o recenseamento da população.

Proclamada a República, aderiu incontinentemente ao novo regi- me, tendo sido nomeado membro do 2.º Conselho de Intenden- cia, sendo empossado a 28 de agosto de 1891 e eleito Presi- dente do novo Conselho.

Por terem sido os membros deste Conselho nomeados por Américo Brasiliense, foram depostos pelo povo em 19 de de- zembro de 1891, por ocasião do golpe de Estado contra aque- le Governador de São Paulo.

Devido aos seus esforços e do sr. Prudente Floriano da Costa é que foi fundada a Irmandade de São Benedito e leva- da a termo a construção da Igreja do seu patrono.

Depois de possuir muitos bens de fortuna, morreu pobre aos 84 anos, sendo sepultado no dia 8 de novembro de 1901.

#### 10.ª LEGISLATURA — 1881 a 1882

70 — Teófilo Correia de Abreu, Presidente. 71 — Ra- fael Pompeu de Moura Campos. 72 — Rafael Augusto de Sousa Campos. 73 — Joaquim Antonio Correia. 74 — Fran- cisco Correia de Toledo Piza. 75 — Hermes Ernesto Alves de Lima. 76 — Padre Francisco da Costa Araujo e Melo. 77 — Salvador Martins Bonilha Sobrinho. 78 — Dr. Luiz Carlos de Assunção.

#### 70 — TEÓFILO CORREIA DE ABREU

##### 10.º Presidente

Nasceu em Tietê, a 28 de maio de 1850, sendo filho de Antonio Correia de Abreu e de dona Maria Joaquina de Al- meida.

Casou-se a 12 de novembro de 1878, com dona Ana Joa- quina Correia de Moraes, na velha Igreja Matriz de Tietê.

Em setembro de 1880 foi eleito vereador-Presidente da Câmara Municipal para o bienio de 1881 a 1882. A sua eleva-

ção à Presidência foi uma surpresa para si e para o Partido Liberal ao qual pertencia.

Teófilo de Abreu era candidato a vereador pelo seu Partido. O partido Conservador, vendo que o seu candidato não alcançaria a votação para o cargo de Presidente, que caberia ao mais votado, e não desejando que o cargo fosse confiado ao candidato escolhido pelo Partido Liberal, descarregou em Teófilo de Abreu grande número de votos, elevando-o assim à cadeira da Presidência aos trinta anos.

A 19 de dezembro de 1891, por ocasião do golpe de Estado contra Américo Brasiliense, foi escolhido em reunião do povo tieteense para um dos componentes do Conselho de Intendencia, sendo esta escolha homologada pelo Presidente do Estado, dando-se a 2 de janeiro de 1892 a posse daquele Conselho, presidido pelo Dr. José Augusto Correia.

A 11 de novembro de 1894, foi empossado no exercicio do cargo de Delegado de Policia.

Escolhido candidato a vereador e eleito para a 5a. legislatura de 1905 a 1907, tomou posse em 7 de janeiro de 1905.

Figura de relevo do Partido Hermista de Tietê, fez parte do seu directorio, eleito em 24 de maio de 1910, juntamente com o Dr. José Augusto Correia, Dr. Cantidiano Vaz de Almeida, Cél. Joaquim Alves Correia de Toledo, Luiz Alves Correia de Toledo, Cantidio Camargo e Hermano Pires Fleury.

Faleceu em Tietê, a 6 de julho de 1922.

#### 71 — RAFAEL POMPEU DE MOURA CAMPOS

Filho de Antonio Pompeu de Campos e de dona Maria Carmelita Correia Pacheco, segundo apontamento constante da *Genealogia Paulistana* (Vol 6.º Pág. 206), não nos foi possível obter dados sobre o lugar e data do seu nascimento.

Serviu como vereador no bienio de 1881 a 1882 e juiz de Paz, no trienio de 1883 a 1886.

Mudou-se de Tietê para Jaú e depois para Itú, onde faleceu, segundo informação que tivemos.

#### 72 — RAFAEL AUGUSTO DE SOUSA CAMPOS

Rafael Augusto de Sousa Campos era tieteense, tendo nascido a 16 de dezembro de 1849, sendo filho de João Batista de Sousa e de dona Salomé de Arruda Campos.

Feitos os estudos preliminares em sua terra natal, matriculou-se no célebre Collegio S. Luiz, em Itú, depois do que se

matriculou na Faculdade de Direito de São Paulo, abandonando os estudos no 3.º ano.

Casou-se em Tietê, no dia 14 de julho de 1874, com dona Emilia Augusta de Sousa Campos, filha de Joaquim Bento de Sousa e dona Augusta Alves de Campos.

Desde a mocidade revelou gosto para a política, sendo valioso auxiliar de seu pai, chefe de grande prestigio do Partido Conservador, no antigo regime.

Inúmeros foram os cargos que ocupou, tanto de eleição como de nomeação.

Em 20 de abril de 1875 foi empossado no cargo de 1.º suplente de Delegado de Policia, primeiro que exercia, e em setembro de 1880 era eleito vereador para o bienio de 1881 a 1882.

Em 8 de abril de 1886 prestava compromisso de 3.º suplente de Juiz Municipal sendo tambem, nesse mesmo ano, Inspector Literario, cabendo-lhe a honra' insigne de acompanhar S. M. Imperial D. Pedro II, quando aqui esteve em novembro de 1886, na visita às escolas locais.

Tomou parte saliente na proclamação da República em Tietê, sendo o único orador que, na assembléia popular de 16 de novembro, propôs ao povo a aclamação de um triunvirato para governar o municipio até que o governo provisorio republicano deliberasse em definitivo. Esse triunvirato foi composto de: Dr. Adolfo Botelho de Abreu Sampaio, Joaquim Antonio Correia e Cel. Indalecio Ferreira de Camargo.

Na qualidade de suplente de Juiz de Paz foi convocado em 1890, servindo até as eleições de 1892.

Com a renuncia do vereador José Correia de Arruda, na primeira legislatura republicana, foi eleito e empossado em sua cadeira no dia 8 de agosto de 1893.

Em 1894 foi eleito para a Câmara dos Deputados Estaduais, na 3.ª legislatura de 1895 a 1897, desempenhando o seu mandato com brilhantismo, tendo uma dedicação exclusiva para ver desenvolvido o progresso da sua terra natal.

Durante o tempo que serviu como Deputado, o Cel. Rafael Batista desistiu dos seus subsidios em favor dos cofres públicos.

No trienio de 1899 a 1901, exerceu o cargo de Juiz de Paz, sendo eleito vereador para o trienio seguinte de 1902 a 1904. Não terminou o seu mandato de vereador, pois espontaneamente não compareceu às sessões da Câmara, que decretou a perda do mandato juntamente com Donato da Silva Castro.

A 3 de fevereiro de 1907 foi empossado no cargo de 1.º suplente de Delegado de Polícia e a 4 de junho de 1912, juntamente com Donato da Silva Castro e João Batista de Camargo Barros tomaram assento na Câmara Municipal, nas cadeiras vagas de Joaquim Antonio Correia, José Garcia Correia e José Rodrigues da Costa, que haviam perdido o mandato conforme resolução da Câmara.

Exerceu o cargo de Prefeito Municipal de 2 de julho a 28 de agosto de 1912.

Prestou relevantísimos serviços à Santa Casa de Misericórdia, da qual era socio benemérito e de cuja 2.ª diretoria fez parte, de 1900 a 1901, como Secretário, e cujo predio se assenta em terreno por ele doado, além de valiosos donativos em dinheiro.

Foi um dos fundadores do Partido Republicano Paulista, que surgiu em 1909 e de cujo directorio fez parte até à sua morte.

Gozava de um prestígio enorme junto aos próceres da política paulista.

Inúmeras vezes serviu como Promotor Interino da Comarca.

“O Coronel Rafael Augusto de Sousa Campos era possuidor de um coração bondosíssimo.

“Chegou-se a dizer um dia — e nós testemunhamos — que a sua casa era a “caixa forte” da pobreza, e quem o disse, um pobre membro do proletariado, tinha razão: ele proprio, segundo nos confessou, recebia do venerando tietense uma boa mensalidade para que pudesse viver. Como este, muitos outros viviam à custa da generosidade do ilustre extinto.

“Mesmo nos tempos em que modestamente exercia a profissão de advogado provisionado, nunca deixou de socorrer, com sua bolsa ou com a sua palavra, os infelizes necessitados.

“A sua palavra, quer na tribuna parlamentar, quer na tribuna judiciária, quer na Câmara Municipal, sempre foi exteriorizada desinteressadamente.

“Era um forte. Ninguém o viu, um dia sequer, dar mostra de desânimo. Pelo contrario. Poucos o excederiam em energia. Disponha de uma vasta capacidade administrativa e grande cultura intelectual. Todos o queriam, o veneravam, o respeitavam. E extraordinariamente.”

Faleceu em 13 de janeiro de 1913, às 10 e 1/2 da manhã, quando se preparava para assistir à sessão ordinária da Câmara Municipal, da qual fazia parte.

O seu desaparecimento causou imensa consternação a todo povo tietense, em todo o 4.º distrito, onde era conhecidíssimo pelas suas finas qualidades de político.

Na Câmara dos Deputados, por ocasião de sua morte, o Dr. Julio Prestes, seu grande amigo, pronunciou um formoso discurso sobre a sua personalidade e requereu um voto de pesar que a Câmara inteira aprovou.

A memória de Rafael Augusto de Sousa Campos é imperecível e jamais será olvidada pelos tietenses.

### 73 — JOAQUIM ANTONIO CORREIA

Era filho do Cap. Antonio Correia de Moraes Silveira e de Dona Maria Luiza de Almeida, tendo nascido em Pirapora no dia 2 de setembro de 1850.

A 22 de dezembro de 1871, casou-se com dona Maria Cândida de Toledo, filha de Manuel Correia de Toledo e de dona Ana Francisca de Abreu.

Em setembro de 1880 foi eleito vereador para o bienio de 1881 a 1882.

Em 24 de novembro de 1883 foi empossado como 1.º suplente de Delegado de Polícia e a 11 de maio de 1885 era novamente empossado, já no cargo de Delegado de Polícia.

Em setembro de 1886 foi eleito vereador para a última legislatura do Imperio de 1887 a 1890 e que não terminou em virtude da proclamação da República.

Tomou parte na implantação do regime republicano, sendo aclamado pelo povo para, juntamente com Indalecio Ferreira de Camargo e Dr. Adolfo Botelho de Abreu Sampaio, comporem o triunvirato que governou o município de 16 de novembro de 1889 até 21 de janeiro de 1890.

Na qualidade de 3.º suplente de Delegado de Polícia foi compromissado em 25 de novembro de 1889 e como 1.º suplente em 11 de setembro de 1897.

A 29 de outubro de 1901 era reconduzido ao cargo de Delegado de Polícia.

Fez parte da Câmara Municipal na 7.ª legislatura republicana, trienio de 1911 a 1913, sendo empossado a 15 de janeiro de 1911, porem perdeu o mandato em virtude de resolução da Câmara Municipal em sessão de 8 de abril de 1912,



juntamente com José Garcia Correia Junior e José Rodrigues da Costa, que formavam a bancada oposicionista, após o acordo político de 1910.

Mudou-se de Tietê, para Santos, onde faleceu em fevereiro de 1929.

#### 74 — FRANCISCO CORREIA DE TOLEDO PIZA

Filho de José Correia de Toledo e de dona Gertrudes Correia de Toledo, nasceu em Porto Feliz aos 18 dias de dezembro de 1851.

Casou-se com dona Maria Cândida de Toledo, filha de Francisco Correia de Toledo e dona Cândida Alves de Araujo. Serviu como vereador no bienio de 1881 a 1882.

Francisco Correia de Toledo Piza faleceu em Tietê, no dia 12 de agosto de 1915.

#### 75 — HERMES ERNESTO ALVES LIMA

Natural de Tietê, aqui nasceu a 14 de julho de 1854, sendo filho do Comendador Antonio Manuel Alves e de dona Maria Leopoldina de Almeida Lima.

O seu pai foi deputado provincial na legislatura de 1888-1889 e na Constituinte de 1891.

Foi seu avô o Guarda-Mor Manuel Alves de Almeida Lima, deputado à Assembléia provincial na legislatura de 1850-1851 e auxiliar do Duque de Caxias na repressão da revolta de 1842 em Sorocaba.

Aos vinte anos, a 23 de novembro de 1874, casou-se com a sua prima Josefina Umbelina de Almeida Lima, filha do seu tio Manuel Alves de Almeida Lima e de dona Francisca de Campos Leite.

Eleito vereador serviu no bienio de 1881 a 1882 e depois, novamente, na última legislatura de 1887 a 1890, que precedeu a República.

Foi nomeado 3.º suplente de Delegado de Policia, empossado a 11 de junho de 1886, e depois 2.º suplente de Delegado em 21 de setembro de 1897.

Possuia grande fazenda de café no municipio de Laranjal. Faleceu em São Paulo.

#### 76 — PADRE FRANCISCO DA COSTA ARAUJO E MELO

(Vide n.º 69 da 9.ª Legislatura)

## 77 — SALVADOR MARTINS BONILHA SOBRINHO

Devia ter sido natural de Capivarí, sendo filho de José Martins Bonilha e dona Ana Martins de Toledo.

Casou-se em Capivarí com dona Ana Francisca de Toledo, filha de Joaquim de Toledo Piza e Almeida e dona Ana Francisca de Toledo.

Serviu como vereador na Legislatura de 1881 a 1882.

Salvador Martins Bonilha Sobrinho mudou-se de Tietê para Piracicaba e de lá para Capivarí, onde faleceu.

## 78 — DR. LUIZ CARLOS DE ASSUNÇÃO

(Vide n.º 60 da 10a. Legislatura)

## 11.ª LEGISLATURA — 1883 a 1886

79 — Teotonio Rodrigues de Lara Campos, Presidente, 80 — Otaviano Pires Correia. 81 — Cantidio Cantidiano de Almeida. 82 — Antonio Correia da Silveira. 83 — José de Arruda Campos. 84 — João de Moura Campos. 85 — Dr. Galdino Tobias de Lemos. 86 — Tomaz Teixeira de Assunção. 87 — Urbano de Sousa Campos.

## 79 — TEOTONIO RODRIGUES DE LARA CAMPOS

11.º Presidente

(Vide n.º 52 da 8.ª Legislatura)

## 80 — OTAVIANO PIRES CORREIA

Oriundo de importante família, era filho de Francisco Pires Correia e de dona Isabel Correia da Silveira. Neto paterno do Alferes Joaquim Pires de Almeida e materno de Antonio Correia da Silveira, sendo ambos os avós primitivos moradores de Pirapora. Nasceu em Tietê, no dia 18 de maio de 1859.

A primeira vez, foi casado com dona Maria de Queiroz Assunção, filha de Lucas de Queiroz Assunção e de dona Maria Antonia de Assunção. A segunda vez, casou-se em Tietê, no dia 18 de março de 1893, com dona Maria Hortensia Gusmão.

Serviu como vereador na 11.ª legislatura de 1883 a 1886.

Possuía fazenda de café em Laranjal, onde faleceu a 6 de setembro de 1907.

## 81 — CANTIDIO CANTIDIANO VAZ DE ALMEIDA

O major Cantidio Cantidiano Vaz de Almeida, pertencente a família de um dos iniciadores da nossa cidade, era filho de Elias Vaz de Almeida e de dona Ana Alves Fernandes.

Nasceu em Tietê, a 16 de dezembro de 1851.

Foi eleito vereador para o quadriênio de 1883 a 1886, exercendo mais tarde, em 1894, o cargo de 3.º suplente de Delegado, sendo empossado a 11 de novembro desse mesmo ano.

O Major Cantidio Vaz, que era solteiro, possuía um belíssimo caráter, tendo falecido à 1 hora do dia 26 de junho de 1922, em Tietê, em cujo Cemitério Municipal descansa para sempre.

## 82 — ANTONIO CORREIA DA SILVEIRA (MANICO)

Era natural de Tietê e filho de Manuel da Silveira Leite e de dona Branca Leopoldina de Morais.

Casou-se a 12 de outubro de 1858, com dona Ana Correia da Silveira, filha de José da Silveira e de dona Luiza Correia.

Serviu como vereador no quadriênio de 1883 a 1886.

Faleceu em Tietê.

## 83 — JOSÉ DE ARRUDA CAMPOS

Era natural de Porto Feliz e filho de Antonio de Arruda Campos e de dona Isabel de Campos Melo.

Casou-se em Tietê, com dona Luiza Miquelina de Morais, filha de Francisco Pires Correia e de d. Ana Delmira Fleury, no dia 22 de maio de 1883.

Foi eleito vereador para o quadriênio de 1883 a 1886. Quando vereador, foi incumbido da comissão de construir o atual Cemitério Municipal, concluído em 1885.

Exerceu por muitos anos o cargo de Coletor Estadual.

Fez parte da diretoria da Santa Casa de Misericórdia eleita em 19 de dezembro de 1909, como mordomo, para o biênio de 1910 a 1911.

Em 1914 transferiu a sua residência para São Paulo.

## 84 — JOÃO DE MOURA CAMPOS JR.

Nasceu em Tietê a 25 de novembro de 1856, sendo filho de João de Moura Campos e de dona Ana Cândida de Sousa.

Casou-se duas vezes, sendo a primeira, a 8 de janeiro de 1876, com Eulalia Amelia de Sousa Campos, e a segunda em 15 de outubro de 1881, com Batistina A. de Sousa Campos,

ambas filhas de João Batista de Sousa e dona Salomé de Sousa Campos.

Exerceu o cargo de vereador no quatrienio de 1883 a 1886.

Transferindo a sua residencia para Botucatu, lá faleceu em 1896 mais ou menos.

#### 85 — DR. GALDINO TOBIAS DE LEMOS

Natural de Santana, na Baía, era o Dr. Lemos, como era aquí conhecido, filho de Manuel de Lemos Ribeiro.

Formou-se em medicina pela Faculdade da Baía, depois do que, vindo para São Paulo, fixou residencia em Tietê.

A 28 de dezembro de 1869, contraiu casamento nesta cidade com a exma. sra. dona Amalia Augusta Alves, filha do Comendador Antonio Manuel Alves e dona Maria Leopoldina de Almeida.

Militando na política, pertenceu ao Partido Conservador ao lado do seu saudoso sogro Comendador Antonio Manuel Alves, tendo ocupado cargos de nomeação e eleição.

Em 2 de fevereiro de 1871, foi nomeado suplente de Juiz Municipal; a 7 de janeiro de 1883, empossado vereador para o quatrienio de 1883 a 1886 e novamente empossado 2.º suplente de Juiz Municipal em 22 de outubro de 1885.

Exercia a profissão de médico, com bastante humanidade, sendo muitíssimo estimado.

Com a mudança da familia Alves Lima para São Paulo, transferiu-se também para a Capital em 1890 mais ou menos, onde faleceu a 23 de Agosto de 1904.

#### 86 — TOMAZ TEIXEIRA DE ASSUNÇÃO

Filho do Tenente Antonio Teixeira de Assunção e de dona Augusta de Almeida Campos, que diversos servidores deu ao municipio de Tietê, nasceu Tomaz Teixeira de Assunção a 20 de abril de 1852.

Casou-se em primeiras nupcias em 20 de outubro de 1877 com Francisca Querubina de Moraes, viuva de Luiz Teixeira de Assunção, e, em segundas, a 19 de maio de 1894, com dona Augusta Querubina de Moraes, filha de Joaquim Pires Correia e dona Querubina Miquelina de Moraes.

Exerceu o mandato de vereador no quatrienio de 1883 a 1886 e também o de 2.º suplente de Juiz Municipal, sendo empossado a 7 de julho de 1884.

Transferindo-se desta cidade, residiu em Piracicaba muitos anos e faleceu em São Paulo.

### 87 — URBANO DE SOUSA CAMPOS

Filho do respeitavel casal João Batista de Sousa e de dona Salomé de Sousa Campos, nasceu a 2 de novembro de 1852, em Tietê.

Era pertencente ao Partido Conservador, do qual seu pai era chefe de grande prestigio.

Fez parte da Câmara Municipal no quatrienio de 1883 a 1886, como vereador, sendo empossado na vaga com a renuncia de José Garcia Correia, por ser cunhado de outro vereador, Cantidio Cantidiano de Almeida, que tambem fazia parte da Câmara nessa legislatura.

Republicano, tomou parte na constituição do governo provisório de Tietê.

Faleceu solteiro, em 5 de outubro de 1909, em Tietê.

### 12.<sup>a</sup> LEGISLATURA — 1887 a 1890

88 — José Rodrigues do Amaral, Presidente. 89 — Joaquim Antonio Correia. 90 — Augusto Teixeira de Campos Assunção. 91 — José de Toledo Piza. 92 — Antonio Antunes Ribeiro. 93 — Donato da Silva Castro. 94 — Hermes Ernesto Alves de Lima. 95 — Adolfo Manuel Alves. 96 — Olimpio de Camargo Penteado.

### 88 — JOSÉ RODRIGUES DO AMARAL

#### 12.<sup>o</sup> Presidente

José Rodrigues do Amaral, filho do Cap. Manuel José Vaz do Amaral (Alferes Maneco) e de dona Ana Rodrigues Leite, filha do ajudante João Rodrigues Leite e de dona Gertrudes Maria Leite, era filho de Capivari.

Mudou-se para Tietê, quando aqui adquiriu uma fazenda, sendo casado com dona Gertrudes Alves do Amaral, sua sobrinha e filha de José Rodrigues Alves do Amaral e dona Isabel Alves Rodrigues.

Serviu de vereador-Presidente, no último quatrienio do Imperio, 12.<sup>a</sup> legislatura, de 1887 a 1890.

Logo depois da proclamação da República, transferiu a sua residencia para São Manuel onde possuia fazenda e onde faleceu.

89 — JOAQUIM ANTONIO CORREIA  
(Vide n.º 73 da 10.ª Legislatura)

90 — AUGUSTO TEIXEIRA DE CAMPOS  
ASSUNÇÃO

Filho de Antonio Teixeira de Assunção e de dona Augusta de Almeida Campos, nasceu na lendaria Porto Feliz, em 16 de setembro de 1841.

Seu pai foi um dos primeiros moradores de Tietê e tronco de uma grande e importante familia.

Augusto Teixeira casou-se duas vezes: a primeira, em 6 de março de 1867, com dona Ana Paulina da Costa, filha de Prudente Floriano da Costa e dona Ana Paulina da Costa; e a 2.ª vez, em 5 de junho de 1889, com dona Maria Dulcelina de Toledo, filha de José de Toledo Piza e Augusta Antonia de Arruda.

Serviu o municipio, ocupando o cargo de Juiz de Paz no quatrienio de 1887 a 1890 e o de vereador no quatrienio de 1887 a 1889.

Faleceu em Tietê no dia 20 de maio de 1929.

91 — JOSÉ DE TOLEDO PIZA

Pertencente a tradicional familia de Porto Feliz, lá nasceu a 24 de setembro de 1836. Era filho de José de Toledo Piza e de dona Maria Dulcelina de Campos.

Casou-se em 1865, em Porto Feliz, com dona Augusta Antonina de Arruda, filha do ajudante José Manuel de Arruda e Abreu e de sua primeira mulher Honorata de Campos Melo.

Mudando-se para Tietê, aqui se estabeleceu com uma máquina de beneficiar algodão.

Eleito Juiz de Paz para o quatrienio de 1877 a 1880, recebeu novamente o voto popular sendo eleito vereador para a 12.ª legislatura de 1887 a 1890 e que não foi completa em virtude da proclamação da República.

Aderiu ao novo regime sendo em 9 de maio de 1890 contemplado com a nomeação para o cargo de membro do Conselho de Intendencia, cujo número de membros fora elevado de 7 para 9, juntamente com José Correia de Toledo, e empossado a 2 de junho do mesmo ano.

A 28 de agosto de 1891 foi empossado como membro do Conselho de Intendencia, presidido pelo Padre Francisco da Costa Araujo e Melo. Este Conselho foi deposto em reunião.

popular de 19 de dezembro de 1891, em consequencia do golpe de Estado contra Américo Brasiliense.

Foi Vice-Presidente deste Conselho de Intendencia.

Faleceu em Tietê no dia 10 de agosto de 1915.

## 92 — ANTONIO ANTUNES RIBEIRO

Nenhuma informação pudemos obter a respeito deste vereador que serviu no último quatrienio o regime monárquico.

## 93 — DONATO DA SILVA CASTRO

Era de Tatuí, onde nasceu a 16 de abril de 1849, sendo filho de Joaquim Manuel da Silva e dona Gertrudes Carlos de Castro, tendo estudado primeiras letras, em sua terra natal, no ano de 1857.

No ano de 1877, consorciou-se em Tatuí, com dona Cândida de Macedo Castro.

Mudou-se para Tietê em 1881.

Em 2 de maio de 1885, foi empossado no cargo de 2.º suplente de Delegado de Polícia e em 1886 foi eleito vereador a Câmara Municipal, para a 12.ª legislatura, última do Imperio, de 1887 a 1890, sendo eleito pelos seus pares Vice-Presidente da Corporação, cabendo-lhe presidir a sessão de posse do 1.º Conselho de Intendencia, em 20 de janeiro de 1890, nomeado pelo Governo Provisorio de São Paulo, logo após a proclamação de República.

Como Presidente Substituto fez a primeira comemoração da lei de 13 de maio.

Aderiu incontinentemente à República, sendo um dos signatários do auto de constituição do governo provisorio de Tietê, em 16 de novembro de 1889. Após a proclamação da República, retraiu-se da política, voltando à atividade em 1895, quando foi eleito vereador para a 2.ª legislatura republicana de 1896 a 1898, renunciando, porem, em junho de 1896 o mandato.

Em 1901, foi novamente eleito para o trienio de 1902 a 1904, porém, abandonou a cadeira, juntamente com o Cel. Rafael Augusto de Sousa Campos, tendo a Câmara, em sessão de 8 de julho de 1902, decretado a perda do mandato.

Em 8 de abril de 1912, tendo a Câmara decretado a perda do mandato dos vereadores Joaquim Antonio Correia, José Rodrigues da Costa e José Garcia Correia Junior, foi Donato da Silva Castro eleito juntamente com o Cel. Rafael Augusto

9.<sup>a</sup> LEGISLATURA — 1877 a 1880

- 29 — Manuel Alves de Almeida Falcão
- 30 — Otaviano Augusto Alves de Lima
- 31 — Olegario Alberto de Camargo Penteado.

10.<sup>a</sup> LEGISLATURA — 1881 a 1882

- 32 — Evaristo Manuel Alves.

11.<sup>a</sup> LEGISLATURA — 1883 a 1886

- 33 — Benedito de Azevedo Marques
- 34 — João Manuel Correia de Toledo
- 35 — Lucas de Lima
- 36 — Antonio José da Cruz
- 37 — Dr. Joaquim Mariano de Almeida Morais.

12.<sup>a</sup> LEGISLATURA — 1887 a 1889

- 38 — Francisco Antonio de Sousa Campos
- 39 — Rafael de Moura Campos.

. . . . .

## 1 — CAP. TIBURCIO JOSÉ RIBEIRO

Não era tieteense, parecendo-nos ser oriundo de Porto Feliz e casado com dona Iria Ribeiro.

Era um cidadão benquisto e possuidor de alguns haveres.

Serviu como vereador suplente no 1.<sup>o</sup> quatrienio de 1845 a 1849, sendo mais tarde empossado no cargo de 2.<sup>o</sup> suplente de Delegado de Policia em 11 de junho de 1864 e em 30 de abril de 1869 empossado nas funções de 3.<sup>o</sup> suplente de Juiz Municipal.

Por ocasião da terminação da Guerra do Paraguai fez parte da Comissão de Festejos.

Faleceu em Tietê a 30 de dezembro de 1878.

## 2 — JOSÉ CORREIA DE TOLEDO

(Vide n.<sup>o</sup> 15 do tempo do Imperio)

## 3 — MATEUS ALVARES BUENO

(Vide n.<sup>o</sup> 17 do tempo do Imperio)

## 4 — ELEUTERIO JOSÉ MOREIRA

Devia ter nascido em Porto Feliz, vindo muito moço residir em Pirapora.



Foi o primeiro professor público da antiga Freguesia da Santíssima Trindade de Pirapora, para cuja escola foi nomeado e empossado em 24 de maio de 1841, em caráter interino, por não ter 21 anos completos, sendo mais tarde efetivado em sua cadeira, conquistada por meio de exame feito no Paço Provincial perante Banca Examinadora formada pelos srs. Francisco Maria Goulart, José Marcelino de Vasconcelos, Joaquim Inácio Râmálio e Dr. Joaquim Antonio Pinto Junior e presidida pelo Brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar, Presidente da Provincia.

Em 27 de abril de 1846 foi nomeado e empossado como Procurador da Câmara, exercendo esse cargo até outubro de 1847.

Serviu como vereador suplente na legislatura de 1849 a 1852.

Foi o segundo Secretario da Câmara Municipal, em cujo cargo foi empossado em 8 de janeiro de 1849, exercendo-o durante o quatrienio da 2.ª legislatura, isto é, até 1852.

Até essa ocasião (1852) era solteiro, registando o alistamento eleitoral da época essa qualidade e a idade de 30 anos.

Em maio de 1844 foi Eleuterio José Moreira preso como recruta pelo Delegado de Policia Luiz Bernardo Pinto Ferraz, conforme registam as atas da Câmara de Porto Feliz, parecendo-nos ser uma vingança por parte daquela autoridade e motivada por questões políticas.

Mais tarde, Eleuterio José Moreira transferiu a sua residência de Tietê, pois não foi possível obterem-se informações a respeito de sua morte.

#### 5 — JOAQUIM VIEIRA DE ARRUDA

(Vide n.º 27 do tempo do Imperio)

#### 6 — ANTONIO JOSÉ DE ARRUDA

Nasceu em Porto Feliz, sendo filho do Tenente José Manuel de Arruda e de dona Maria Inacia Fernandes.

Casou-se em Tietê no dia 14 de abril de 1857, com dona Ana Vieira de Arruda, filha de Joaquim Vieira de Arruda e de dona Maria Higina de Arruda.

Foi o primeiro secretario da Câmara Municipal, empossado na data da sua instalação no dia 9 de janeiro de 1845 e exercendo o cargo até janeiro de 1849.

Serviu como vereador suplente da legislatura de 1853 a 1856, e novamente eleito vereador para a 4.<sup>a</sup> legislatura de 1857 a 1860, renunciou a cadeira por ter sido nomeado agente da Coletoria das Rendas Gerais de Porto Feliz, em Tietê.

Em 27 de dezembro de 1856, foi empossado no cargo de 3.<sup>o</sup> suplente de Juiz Municipal e 2.<sup>o</sup> suplente de Delegado de Polícia, por ocasião da instalação do termo civil anexo.

Faleceu com 45 anos de idade, em 5 de novembro de 1865.

#### 7 — FRANCISCO PEREIRA DO VALE

Filho de Joaquim do Vale Pereira e de dona Ana Rosa da Silveira, nasceu em Porto Feliz.

Casou-se em Tietê, com dona Ana Joaquina de Arruda, filha de Joaquim José de Arruda e de dona Margarida de Jesus, no dia 16 de outubro de 1847.

Serviu como vereador suplente nos quatriênios de 1853 a 1856; 1857 a 1860 e 1861 a 1864 e como 3.<sup>o</sup> Delegado de Polícia empossando-se em 22 de fevereiro de 1862 e 2.<sup>o</sup> suplente de Juiz Municipal empossado em 11 de abril de 1863.

Faleceu em 10 de setembro de 1875.

#### 8 — FRANCISCO PEREIRA DO VALE

(Vide n.<sup>o</sup> anterior)

#### 9 — MANUEL DE CAMPOS PENTEADO E MELO

Não nos foi possível obter informações a respeito deste vereador.

#### 10 — CAP. JOÃO DE ALMEIDA PRADO

Era natural de Itú, onde nasceu a 16 de fevereiro de 1824, sendo filho do Capitão-Mor João de Almeida Prado e de sua 2.<sup>a</sup> mulher dona Ana Brandina de Lara Góis e Aranha.

Casou-se em Porto Feliz no dia 15 de setembro de 1845 com dona Carolina Ferraz do Amaral, filha do Cap. Manuel Ferraz do Amaral e de dona Francisca Eufrosina Correia de Moraes.

Serviu como vereador suplente de 1857 a 1860 e como 2.<sup>o</sup> suplente de Delegado de Polícia, empossando-se a 10 de março de 1862.

De Tietê mudou-se para Piracicaba, onde faleceu.

#### 11 — FRANCELINO DE ALMEIDA LISBOA

Porto-felicense, era filho de Malaquias Antonio Lisboa e de dona Francisca de Almeida Leite.

Casou-se em Tietê no dia 14 de julho de 1859 com dona Dulcelina Leopoldina de Camargo, filha do Cap. Joaquim de Camargo Penteado e de dona Flora Maria de Sousa.

Era negociante de fazendas de largos recursos, sendo os seus artigos adquiridos por ele no Rio de Janeiro, para onde sempre viajava.

Vereador suplente no quatrienio de 1857 a 1860 e 6.º suplente de Juiz Municipal empossado em 27 de agosto de 1860.

Fez parte da Comissão encarregada de promover os festejos pela terminação da Guerra do Paraguai.

#### 12 — ANTONIO RODRIGUES DA COSTA

Era natural de Tatuí, transferindo-se para Pirapora muito moço e onde sempre se dedicou à lavoura.

Foi o primeiro Procurador da Câmara Municipal, empossando-se a 9 de janeiro de 1845.

#### 13 — Pe. FRANCISCO DA COSTA ARAUJO E MELO (Vide n.º 69 do tempo do Imperio)

#### 14 — ANTONIO MARIANO CORREIA DE MORAIS

Era natural de Tietê e filho do Alferes Joaquim Mariano de Almeida e de dona Maria Jacinta de Moraes Abreu.

Casou-se com dona Elisa Ambrosina Alves de Moraes, filha do Tenente-Coronel Joaquim Manuel Alves e de dona Maria Umbelina Dias de Toledô.

Serviu como vereador suplente nos quatrienios de 1861 a 1864 e de 1865 a 1868; Juiz de Paz, no quatrienio de 1873 a 1876 e 1.º suplente de Juiz Municipal empossado em 6 de maio de 1878.

Residiu muitos anos em Arataquara, para onde havia transferido a sua residencia e onde faleceu em 2 de setembro de 1905.

#### 15 — EVARISTO MANUEL ALVES

Era porto-felicense e filho do Guarda-Mor Manuel Alves de Almeida Lima e de dona Maria Teresa.

Casou-se com dona Clara Josefina Alves, filha de José Custodio de Assunção e de dona Maria Dias de Toledo.

Serviu como vereador suplente no quatrienio de 1861 a 1864, e mais tarde no bienio de 1881 a 1882.

Em 19 de outubro de 1861 foi empossado no cargo de 4.º suplente de Delegado de Policia e em 15 de maio de 1886 no de 3.º suplente de Delegado.

Faleceu em Tietê no dia 14 de junho de 1886.

16 — FRANCISCO PEREIRA DO VALE

(Vide n.º 7 desta secção)

17 — TENENTE JOAQUIM DE ALMEIDA MELO

Era sorocabano, não sendo possível obterem-se informes seguros a respeito, sendo casado com dona Manuela Vaz de Almeida.

Serviu como vereador suplente nos quatrienios de 1861 a 1864 e de 1865 a 1868.

Faleceu em Tietê no dia 26 de novembro de 1871.

18 — PRUDENTE FLORIANO DA COSTA

(Vide n.º 40 do tempo do Imperio)

19 — LUIZ DINIZ DA COSTA

Natural de Porto Feliz, era filho de José Diniz da Costa, tendo tambem em sua terra natal casado no dia 16 de julho de 1846 com dona Maria Leite da Silva.

Serviu como vereador suplente nos quatrienios de 1861 a 1864 e de 1865 a 1868, sendo eleito Juiz de Paz para a legislatura seguinte de 1869 a 1872, servindo tambem como Agente da Coletoria de Porto Feliz.

Propagandista da República. Premiando os seus esforços foi nomeado Agente do Correio após o advento republicano, sendo empossado nesse cargo perante a Câmara Municipal no dia 14 de janeiro de 1890.

Faleceu em Tietê no dia 19 de julho de 1894 com 74 anos de idade.

20 — JOÃO DE MOURA CAMPOS

Era filho do Tenente Rafael de Moura Campos e de dona Emilia de Arruda Campos, um dos primeiros moradores de Pirapora, sendo natural de Porto Feliz.

Casou-se em Tietê, no dia 27 de setembro de 1833 com dona Ana Cândida de Sousa, filha do Alferes Francisco Antonio de Sousa e de dona Ana Cândida Alves Lima.

Foi o 1.º Juiz de Paz no 1.º Quatrienio de 1845 a 1849 e mais tarde empossado 3.º suplente de Juiz Municipal em 27 de agosto de 1860.

Serviu como vereador suplente na legislatura de 1861 a 1864.

Faleceu em 20 de novembro de 1870.

21 — Pe. FRANCISCO DA COSTA ARAUJO E MELO  
(Vide n.º 69 do tempo do Imperio)

22 — ANTONIO MARIANO CORREIA DE MORAIS  
(Vide n.º 14 desta secção)

23 — DR. ANTONIO DE CAMPOS TOLEDO  
(Vide n.º 61 do tempo do Imperio)

24 — COMENDADOR ANTONIO MANUEL ALVES

Era o Comendador Antonio Manuel Alves natural de São João de Capivari e filho do Guarda-Mor Manuel Alves de Almeida Lima e de dona Maria Teresa.

Casou-se a 1.ª vez com dona Maria Leopoldina de Almeida, filha de Joaquim Bento Raimundo de Almeida Lima e de Dona Maria Luiza de Toledo Lima; e a 2.ª vez com dona Maria Luiza de Assunção, filha de José Custodio de Assunção e de dona Maria Dias de Toledo.

Foi o Comendador Antonio Manuel Alves um prestigioso chefe do Partido Conservador, sendo muito estimado em todas as camadas sociais.

Ocupou inúmeros cargos de eleição e nomeação, tais como os seguintes: em 10 de março de 1856 foi empossado como 5.º suplente de Juiz Municipal; serviu como vereador suplente no quadriênio de 1865 a 1868; 2.º suplente de Juiz Municipal, empossado em 30 de abril de 1869; 1.º suplente de Delegado de Policia em 1.º de novembro de 1870 e novamente 3.º suplente de Juiz Municipal em 7 de dezembro de 1874 ocupando outra vez o mesmo cargo em 20 de março de 1876.

Em 1887 foi eleito Deputado pelo 4.º distrito para o biênio de 1888—1889 cujo mandato não terminou em virtude da proclamação da República, à qual deu seu apoio, sendo eleito Deputado à Constituinte Paulista de 1891.

Foi distinguido pelo Imperador Dom Pedro II com o título de Comendador pelos seus serviços prestados à Patria, sendo que na residencia do Comendador Antonio Manuel Alves que aquele grande soberano foi hospedado por ocasião da visita que fez a Tietê, em 1886.

O Comendador Antonio Manuel Alves faleceu em São Paulo no dia 27 de janeiro de 1900.

25 — JOAQUIM DE ALMEIDA MELO  
(Vide n.º 17 desta secção)

26 — JOAQUIM DO AMARAL BARROS

Era natural de Porto Feliz e filho de Policarpo Joaquim do Amaral Barros e de dona Ângela de Barros.

Foi casado três vezes: a 1.ª, com dona Ana Leduina de Almeida; a 2.ª, em Tietê, no dia 21 de julho de 1867 com dona Maria Nuncia de Camargo, e a 3.ª também em Tietê, no dia 5 de dezembro de 1869 com dona Olimpia de Camargo.

Serviu como vereador suplente no quadriênio de 1865 a 1868 e 2.º suplente de Delegado de Policia, empossado em 11 de outubro de 1869.

Mudou-se de Tietê, onde possuia fazenda, para Botucatu onde passou a residir e onde faleceu.

27 — LUIZ DINIZ DA COSTA  
(Vide n.º 19 desta secção)

28 — CAP. ANTONIO DE ARRUDA PAIS

Era o Cap. Antonio de Arruda Pais natural de Porto Feliz e filho de Francisco de Arruda Pais e de dona Rita de Arruda Leite, sendo neto do Alferes José Antonio Pais, um dos fundadores de Tietê.

Casou-se em Tietê, no dia 21 de março de 1857, com dona Maria Dias de Arruda, filha de Antonio de Arruda Leite e de dona Leopoldina de Arruda.

Serviu como vereador suplente no triênio de 1869 a 1872.

29 — MANUEL ALVES DE ALMEIDA FALCÃO  
(Vide n.º 56 do tempo do Imperio)

30 — OTAVIANO AUGUSTO ALVES DE LIMA

Era tietense e filho do saudoso comendador Antonio Manuel Alves e de dona Maria Leopoldina de Almeida.

Muito moço, foi para o Rio de Janeiro onde se dedicou à vida comercial empregando-se como caixeiro de importante casa comercial.

Voltando para Tietê, aqui casou-se com dona Isabel de Arruda Leite, viuva de Antonio Dias de Aguiar e filha de José de Arruda Leite Penteado.

Serviu como vereador suplente no quatrienio de 1877 a 1880; como 2.º suplente de Delegado de Policia, empossado em 6 de agosto de 1885, e, como Juiz de Paz na última legislatura do Imperio, de 1887 a 1889.

Mudando-se para a República Argentina, fixou residencia em Buenos Aires onde fundou o já célebre CAFÉ PAULISTA que grandes beneficios trouxe para o desenvolvimento do comercio exterior do café paulista.

Faleceu em São Paulo no dia 15 de julho de 1921.

### 31 — OLEGARIO ALBERTO DE CAMARGO PENTEADO

Era filho de José Bueno de Camargo Penteado e de dona Rita da Rocha Anhaia, tendo nascido em Tietê no dia 6 de julho de 1842.

Casou-se em sua terra natal no dia 24 de junho de 1867 com dona Maria Luiza Rodrigues, filha de Joaquim Pereira Rodrigues e dona Maria Rodrigues Leite.

Em 11 de outubro de 1869 foi empossado no cargo de 3.º suplente de Juiz Municipal, servindo no quatrienio de 1877 a 1880 como vereador suplente e mais tarde serviu como Juiz de Paz no quatrienio de 1883 a 1886.

Proclamada a República aderiu ao novo regime, fazendo parte do 1.º Conselho de Intendencia, empossado em 21 de janeiro de 1890, exonerando-se em novembro desse mesmo ano.

Posteriormente, fez parte do 2.º Conselho de Intendencia que se empossou em 28 de agosto de 1891.

Faleceu em Tietê a 1.º de novembro de 1895.

### 32 — EVARISTO MANUEL ALVES (Vide n.º 15 desta secção)

### 33 — BENEDITO DE AZEVEDO MARQUES

O Cap. Benedito dos Santos Azevedo Marques devia ser natural de São Paulo.

Casou-se em 1.ªs. nupcias com dona Maria Gertrudes de Azevedo Marques e em segundas com dona Josefa de Azevedo Marques.

Serviu como vereador suplente no quatrienio de 1883 a 1886.

Faleceu na cidade de Amparo no dia 27 de março de 1907, com oitenta anos de idade.

Entre os seus filhos contam-se: João Marques, Augusto Marques e Virgínio Marques, pioneiros da imprensa em Tietê.

#### 34 — JOÃO MANUEL CORREIA DE TOLEDO

Natural de Tietê, aquí nasceu no dia 6 de agosto de 1857, sendo filho de Manuel Correia de Toledo e de dona Ana Francisca de Almeida.

Casou-se em primeiras nupcias no dia 12 de outubro de 1881 com dona Ana Esmeria de Arruda e em segundas com dona Maria Correia Leite de Morais.

Em 6 de outubro de 1870 foi empossado no cargo de 2.º suplente de Juiz Municipal, sendo mais tarde na legislatura de 1883 a 1886 eleito vereador suplente.

Após a proclamação da República foi nomeado 1.º suplente de Juiz Municipal empossado em 20 de abril de 1892.

Posteriormente, serviu como membro do 2.º Conselho de Intendencia empossado em 28 de agosto de 1891.

Mudou-se de Tietê.

#### 35 — LUCAS DE LIMA

Era natural de Tietê e filho de Benedito Antonio de Lima e de dona Maria Luiza de Lima.

Casou-se em Tietê com dona Genoveva Clementina de Azevedo Marques, no dia 2 de setembro de 1882.

Serviu como vereador suplente no quadriênio de 1883 a 1886 e como 2.º suplente de Delegado de Policia, sendo empossado em 25 de junho de 1889.

Lucas de Lima revelou grande intelligencia, demonstrando-se um homem de letras, sendo apaixonado cultor da arte dramática, da qual era fino intérprete e escritor inspirado e interessante.

Deixou inúmeras peças — comedias, dramas, etc. — entre as quais conta-se a comedia DIABRURAS DE PEDRO, representada com grande successo na inauguração do Teatro "Carlos Gomes" em 1886.

Foi organizador e ensaiador de diversos gremios dramáticos que fizeram a delicia dos nossos antepassados.

Faleceu nesta cidade no dia 8 de agosto de 1892.

#### 36 — ANTONIO JOSÉ DA CRUZ

Era natural de Tietê e filho de Antonio Fernandes da Cruz.



Casou-se duas vezes, sendo em las. nupcias, em Tietê, no dia 9 de fevereiro de 1878, com dona Maria Teresa de Toledo Lara, e em 2as. nupcias em Sorocaba, com dona Bráulina Loureiro.

Serviu como vereador suplente no quatrienio de 1883 a 1886.

Mudando-se para Sorocaba lá viveu muitos anos e ali faleceu a 27 de janeiro de 1915, com 64 anos.

37 — DR. JOAQUIM MARIANO DE ALMEIDA MORAIS  
(Vide n.º 30 do tempo do Imperio)

38 — FRANCISCO ANTONIO DE SOUSA CAMPOS  
Natural de Tietê. Nasceu aos 15 de setembro de 1851, sendo filho de João Batista de Sousa e de dona Salomé de Arruda Campos.

Casou-se aquí, em 22 de agosto de 1871, com dona Ana Cândida de Sousa.

Foi eleito vereador suplente para a última legislatura do Imperio de 1887 a 1889.

Faleceu a 10 de maio de 1928.

39 — TENENTE RAFAEL DE MOURA CAMPOS

Natural de Tietê, era descendente do Tenente Rafael de Moura Campos e de dona Emilia de Arruda Campos, um dos primeiras povoadores de Pirapora, hoje Tietê.

Casou-se a primeira vez com dona Ana Joaquina de Camargo, filha do Cap. Joaquim de Camargo Penteadado e de dona Flora Maria de Sousa Lima; a 2.ª vez, com dona Maria Eulalia de Camargo, filha de Manuel de Camargo Penteadado e de D. Ana Joaquina de Andrade.

Serviu como 5.º suplente de Delegado de Policia, sendo empossado em 22 de fevereiro de 1862 e posteriormente como vereador suplente no quatrienio de 1887 a 1889, último do Imperio.

Faleceu a 17 de março de 1913, com a idade de 84 anos.

---

#### GOVERNO PROVISORIO

TRIUNVIRATO: 1 — Dr. Adolfo Botelho de Abreu Sampaio. 2 — Cel. Indalacio Ferreira de Camargo. 3 — Joaquim Antonio Correia.

## 1 — DR. ADOLFO BOTELHO DE ABREU SAMPAIO

Era natural da cidade de São Carlos do Pinhal, onde nasceu no dia 12 de março de 1860, sendo filho de Joaquim José de Abreu Sampaio e de dona Eulália de Abreu Sampaio.

Estudou primeiras letras em Campinas, onde fez todo o curso de humanidades, depois do que entrou na Faculdade de Direito, obtendo o grau de bacharel em direito no ano de 1882.

Nesse mesmo ano casou-se com dona Augusta de Assunção Sampaio, filha de Lucas Queiroz de Assunção e de dona Maria Antonia Teixeira de Assunção.

Por ocasião da proclamação da República, o Dr. Adolfo Botelho de Abreu Sampaio era residente em Tietê, onde possuía a fazenda Três Ilhas, onde se localiza atualmente a Usina Guedes. Tomou parte saliente nos acontecimentos que se desenrolaram em Tietê, ocupando a Presidência do Triunvirato Governativo aclamado em 16 de novembro de 1889.

Pouco tempo depois retirou-se para a Capital, ocupando mais tarde uma cadeira de Deputado ao Congresso Paulista, o cargo de Diretor do Ginásio do Estado em Campinas e posteriormente foi Diretor da Repartição de Estatística e Arquivo do Estado, cargo em que foi aposentado.

O Dr. Adolfo Botelho pertencia a tradicional família paulista, gozando sempre de largo círculo de relações e amizades dadas as suas qualidades de caráter e coração.

Faleceu na Capital do Estado no dia 14 de abril de 1933.

## 2 — CEL. INDALECIO FERREIRA DE CAMARGO

Vide n.º 15 do período republicano.

## 3 — JOAQUIM ANTONIO CORREIA

Vide n.º 73 do tempo do Império.

## 1.º CONSELHO DE INTENDENCIA

(10 de janeiro de 1890 a 28 de agosto de 1891)

4 — Dr. José Augusto Correia. 5 — Dr. Joaquim Mariano de Almeida. 6 — José Correia de Arruda. 7 — Francisco de Toledo Campos Piza. 8 — Olegario Alberto de Camargo Penteado. 9 — Joaquim Porfirio Alves. 10 — José de Toledo Piza. 11 — José Correia de Toledo. 12 — José Alves de Almeida Lima. 13 — Teófilo Correia de Abreu.

## 4 — DR. JOSÉ AUGUSTO CORREIA

Vide n.º 14 do periodo republicano.

## 5 — DR. JOAQUIM MARIANO DE ALMEIDA MORAIS

Vide n.º 30 do tempo do Imperio.

## 6 — JOSÉ CORREIA DE ARRUDA

Vide n.º 5 do periodo republicano.

## 7 — FRANCISCO DE TOLEDO CAMPOS PIZA

Vide n.º 35 do periodo republicano.

8 — OLEGARIO ALBERTO DE CAMARGO  
PENTEADO

Vide n.º 31 da relação dos vereadores suplentes.

## 9 — JOAQUIM PORFIRIO ALVES

Era filho de Joaquim Alves Rodrigues de Araujo e de dona Luiza Correia de Toledo e natural de Tietê, onde nasceu a 22 de fevereiro de 1851.

Casou-se no dia 22 de março de 1873, com dona Hortensia Pires Correia, filha de Francisco Pires Correia e dona Isabel Correia da Silveira.

Republicano histórico, fundou juntamente com Joaquim Floriano de Toledo, José Correia de Toledo, José Joaquim d'Arruda, João Alves Correia, Dr. Joaquim Mariano de Almeida Moraes, José Mariano da Costa, José de Almeida Lima e João Leite de Oliveira Caçapava, o primeiro clube republicano de Tietê, no ano de 1883.

Tendo sido anulada por decreto de 24 de fevereiro de 1890 a nomeação de Francisco de Toledo Campos Piza para Intendente, por ser incompatível com o cargo de Juiz de Paz que ele exercia, foi nomeado para substituí-lo e empossado a 7 de abril do mesmo ano o sr. Joaquim Porfirio Alves.

Em 2 de janeiro de 1892, foi novamente empossado como membro do 3.º Conselho de Intendencia, conselho este aclamado pelo povo em 19 de dezembro de 1891, por ocasião da deposição do Presidente Américo Brasiliense.

## 10 — JOSÉ DE TOLEDO PIZA

Vide n.º 91 do tempo do Imperio.

## 11 — JOSÉ CORREIA DE TOLEDO

Vide n.º 59 do tempo do Imperio.

## 12 — JOSÉ ALVES DE ALMEIDA LIMA

Foram seus pais José Alves de Almeida Lima e dona Maria Cândida de Melo, tendo nascido em Tietê, no dia 13 de julho de 1848.

Casou-se em 1.º de fevereiro de 1873, com dona Felicíssima Pinto de Assunção.

Em 1883, juntamente com mais oito companheiros decididos, constituíram o Clube Republicano de Tietê, por eles fundado e que grande propaganda fez das idéias republicanas.

Fez parte do 1.º Conselho de Intendencia, sendo empossado juntamente com Teófilo Correia de Abreu, como intendente, nas vagas do Dr. Joaquim Mariano de Almeida Moraes e Olegario Alberto de Camargo Penteado.

Em 19 de dezembro de 1891, por ocasião dos acontecimentos da deposição de Américo Brasiliense, foi aclamado Intendente ao 3.º Conselho empossado em 2 de janeiro de 1892, último que precedeu à 1.ª legislatura republicana.

Faleceu em Tietê, em sua fazenda da Parada José Alves, hoje estação de Maristela, no dia 25 de agosto de 1902.

## 13 — TEÓFILO CORREIA DE ABREU

Vide n.º 70 do tempo do Imperio.

## 2.º CONSELHO DE INTENDENCIA

(28 de agosto de 1891 a 2 de janeiro de 1892)

14 — Padre Francisco da Costa Araujo e Melo. 15 — Francisco José da Costa. 16 — Olegario Alberto de Camargo Penteado. 17 — Antonio José Alves do Amaral. 18 — José de Toledo Piza. 19 — João de Toledo.

14 — PADRE FRANCISCO DA COSTA ARAUJO  
E MELO

Vide n.º 69 do tempo do Imperio.

## 15 — FRANCISCO JOSÉ DA COSTA

Nasceu em Portugal, na vila de Sinfães, sendo filho de Domingos José da Costa e de dona Maria Cardoso de Jesús.

Em 1874 veio para o Brasil, apenas com 20 anos de idade, fixando residencia em Tietê onde foi caixeiro no comercio e mais tarde comerciante forte, de grandes recursos.

Aquí casou-se no dia 2 de janeiro de 1892, com dona Augusta de Arruda Campos, filha de Francisco Manuel de Arruda e de dona Dulcia de Arruda Campos.

Fez parte do 2.º Conselho de Intendencia empossado em 28 de agosto de 1891.

Em 21 de outubro de 1897 prestou compromisso no cargo de 3.º suplente de Delegado de Policia.

Possuia um coração generoso, tendo feito grandes doativos à Santa Casa de Misericordia de Tietê, da qual foi grande benfeitor, e por ocasião de sua morte deixou legados para todos os seus afilhados.

Faleceu no dia 5 de maio de 1919, em quarto particular da Sociedade de Beneficencia Portuguesa de São Paulo, da qual tambem era benfeitor, sendo a seu pedido sepultado em Tietê, para onde o seu corpo foi transportado.

16 — OLEGARIO ALBERTO DE CAMARGO  
PENTEADO

Vide n.º 31 da relação dos vereadores suplentes.

17 — ANTONIO JOSÉ ALVES DO AMARAL

Não pudemos obter informações a respeito deste Intendente.

18 — JOSÉ DE TOLEDO PIZA

Vide n.º 91 do tempo do Imperio.

19 — JOÃO DE TOLEDO

Vide n.º 34 da relação dos vereadores suplentes.

3.º CONSELHO DE INTENDENCIA

(2 de janeiro de 1892 a 29 de setembro de 1892)

20 — Dr. José Augusto Correia. 21 — João Leite de Oliveira Caçapava. 22 — José Correia de Arruda. 23 — José Alves de Almeida Lima. 24 — Teófilo Correia de Abreu. 25 — José Correia de Toledo. 26 — Joaquim Porfirio Alves. 27 — Dr. José Elias Vaz de Almeida.

20 — DR. JOSE' AUGUSTO CORREIA

Vide n.º 14 do periodo republicano.

21 — JOÃO LEITE DE OLIVEIRA CAÇAPAVA

Vide n.º 3 do periodo republicano.

22 — JOSÉ CORREIA DE ARRUDA  
Vide n.º 5 do periodo republicano.

23 — JOSÉ ALVES DE ALMEIDA LIMA  
Vide n.º 12 da serie Conselhos de Intendencia.

24 — TEÓFILO CORREIA DE ABREU  
Vide n.º 70 do tempo do Imperio.

25 — JOSÉ CORREIA DE TOLEDO  
Vide n.º 59 do tempo do Imperio.

26 — JOAQUIM PORFIRIO ALVES  
Vide n.º 9 da serie Conselhos de Intendencia.

27 — DR. JOSÉ ELIAS VAZ DE ALMEIDA  
Vide n.º 1 do periodo republicano.

# Silva Leme e o povoamento do Brasil central pelos paulistas

*Afonso de E. Taunay*

## I

Jamais será assaz encarecido o imenso trabalho por Luiz de Gonzaga da Silva Leme realizado, ao rever e ao recompor as velhas linhagens paulistas. E esforço feito com a mais absoluta honestidade e verdadeira intelligencia dos fatos.

Que penoso labor! Só quem conhece a intimidade de nossos acervos arquivais está em condições de avaliar o que deve ter custado a recomposição de tantos e tantos velhos fios genealógicos. Maltratadíssimos, truncados, desbaratados, semi-devorados pelos insetos, viviam os nossos autos de filiação amontoados, a esmo, nos desvãos dos cartorios e dos pomposamente chamados "arquivos".

Quão desagradavel o exame destes documentos, a cada passo convertidos em blocos durísimos, argamassados pelas secreções dos curculionideos e outros coleópteros da fauna papirofágica!

Com inesgotavel paciencia percorreu Silva Leme esta imensa mole de papéis. Servido por admiravel memoria especializada, nele como que revivia a alma de Pedro Taques, seu primo longinquo.

Não se limitou a seguir docilmente as indicações do predecessor. Examinou-lhe as deduções, discutiu, analisou-lhe as asseverações. Dele frequentemente divergiu apresentando quadros novos dos fastos da disseminação dos povoadores primevos.

E' geralmente sabido que da imensa obra genealógica de Pedro Taques três quartas partes se perderam. Apenas se co-

nhecem hoje 24 de seus capítulos ou títulos genealógicos. Mais cinquenta e quatro apontou Antonio de Toledo Piza, de cujo paradeiro tudo se ignora. E menções ainda a vinte e um novos títulos também desaparecidos descobrimos nós ao estudar a vida e a obra do cronista dos bandeirantes.

Com infatigável persistência e singular argúcia conseguiu Silva Leme recompor as linhagens referentes a numerosos capítulos da genealogia paulista. Referem-se por vezes a milhares e milhares de pessoas, como no caso dos *Camargos*. A outras reviu com a maior abundância, quando Taques as deixara sobremodo lacunosas como quanto à família dos Buenos sucedeu.

E a única satisfação que à singeleza e modestia permitiu foi assinalar aos seus leitores as descobertas das filiações que fizera contentando-se em lhes pospor as simples letras q. d. (que descobrimos).

Assim, com notável faro de pesquisador, pôde reconstruir numerosíssimas ascendências dos nossos mais velhos casais. Tal se deu com os títulos dos Oliveira, Camargo, Baião Parente, Arzão, Cordeiro Paiva, Furquim, Tenorio de Aguiar, etc., etc.

Assim a sua *Genealogia Paulistana*, além de toda a reverência pela probidade dos informes, merece caloroso aplauso graças à valia documental que representa.

Encerra naturalmente erros e senões. Nem por menos podia ser, versando dilatadíssimo assunto, referente à existência de dezenas de milhares de pessoas.

Estirando os fios genealógicos que procedem dos primeiros patriarcas vicentinos, procurou Silva Leme tramar a rede colossal que abrange não só o povoamento de São Paulo como o de todo o Brasil colonizado pelos paulistas.

Lacunas, e vultosas, forçosamente surgem neste trabalho imenso. Aos genealogistas de hoje compete preenchê-las, desenvolvendo as linhagens interrompidas graças ao afastamento dos povoadores que se apartaram do seu núcleo central e se foram a dilatar a fé e o imperio lusos, para os sertões do Rio de Janeiro e de Minas-Gerais, Goiaz e Mato-Grosso, Paraná, Santa Catarina e Rio-Grande-do-Sul.

A afiliação das famílias atuais vivendo sobre a enorme área de disseminação colonial que foi a paulista, a sua ligação aos troncos primevos vicentinos, têm exigido os mais aturados esforços de varios genealogistas cujos trabalhos merecem todo o encomio.



Assim citemos, entre os de obra impressa, Francisco de Paula Dias Negrão, com a sua extensa e esplêndida *Genealogia Paranaense*, José de Mendonça, com a sua larga *Genealogia Cuiabana*, José Bonifácio de Siqueira, com o seu estudo sobre as linhagens de Goiás, General Dr. João Borges Fortes com os seus valiosos *Troncos seculares* do Rio-Grande-do-Sul, Artur Vieira de Rezende e sua *Genealogia mineira*, Mario de Carvalho e sua *Nobiliarquia rio-grandense*, etc.

E entre os que preparam obras de grande vulto, lembremos o Coronel Aurelio Porto e o Major Samuel Soares de Almeida para quem as velhas linhagens do Rio-Grande-do-Sul e as de Minas-Gerais quasi não apresentam segredos.

Está bem claro que me refiro a autores de obras de conjunto, pois monografistas os há numerosos e valorosos em todo o Brasil.

Uma pergunta desde muito me vive à flor dos labios: quantos serão os brasileiros de hoje descendentes dos velhos troncos vicentinos? Quantas centenas de milhares, quiçá quantos milhões?

E mais particularmente, quantos os que directamente procedem de determinados casais martim-afonsinos?

Incontavel geração, absolutamente abraâmica, provem de João Ramalho, e de Isabel, a filha de Tibiriçá, a nossa Pocaontas do Sul, assim como Paraguassú é a da Baía, e a filha de Arco Verde a de Pernambuco. E', aliás, mais curial dizer-se que Pocaontas é a Paraguassú da América Septentrional.

Quantos brasileiros de hoje procederão, pois, de Tibiriçá? Dezenas de milhares, centenas de milhares? Provavelmente mais centenas do que dezenas. E entre eles quantos de nossos patricios illustres!

De outros povoadores não menor descendencia se poderá recensear. Assim da do casal de Estevão Ribeiro Baião Parente e Madalena Fernandes Feijó de Madureira, da de Salvador Pires e Mecia Fernandes, ou Meciusú na linguagem brasílica, esta já avermelhado pela ascendencia guaianaz de seu avô Pequero-bí; da de Antonio de Oliveira e Genebra Leitão de Vasconcelos, a de Domingos Luiz o *Carvoeiro*, e Ana Camacho, da de João do Prado e Filipa Vicente, etc., etc.

Mais recentemente, bem mais próximo de nós não estão aí as famosas "Três Ilhoas", emigradas, segundo parece, lá por 1715, para a Comarca do Rio das Mortes e de quem descendem

inúmeros mineiros, fluminenses, goianos, paulistas, seus nomes, no entanto, quasi ninguem os sabe. Envolve-os um como que anonimato coletivo.

Creio que quem lhes fixou os apelidos foi o excelente e erudito amigo Major Samuel Soares de Almeida, que os descobriu mercê de aturadas e penosas pesquisas. A titulo de curiosidade aquí os cito.

Julia Maria da Caridade, Catarina de São José e Maria Teresa de Jesús, açorianas, nascidas em Horta, ilha do Faial, filhas legítimas de Manuel Gonçalves da Fonseca e de Antonia da Graça.

Enfim, seja como for, embrionarios como geralmente são ainda os estudos da genealogia brasileira, há neste ramo da nossa heurística imenso campo de desenvolvimento. Procuram, pois, os especialistas agir com certa rapidez porque infelizmente continuam os nossos acervos arquivais geralmente maltratadíssimos. A grande maioria de seus serventuarios não lhes vota o menor interesse. E a luta contra o *Dorcatoma brasiliensis* de Pedro Severiano de Magalhães e seus congêneres é em geral coisa de que ninguem cogita.

Os antigos, estes mostravam a cada passo o maior desleixo em fazer as averbações sumarias dos termos do registo civil quando de tal eram exclusivamente encarregadas as autoridades eclesiásticas.

Assim, nos velhos registos paroquiais, existem as maiores lacunas a preencher. Numerosos vigarios acumulavam apontamentos sobre apontamentos relativos a batizados, casamentos e óbitos em papeluchos que deviam ser trasladados às páginas de seus registos e depois deixavam de cumprir tal obrigação. Os melhores arquivos de nossas velhas paróquias quando muito atingem o final do século XVIII.

Peor ainda quando se trata de documentos existentes nos lugares de clima cálido, onde o papel oferece repasto aos cupins e onde se fazia a limpeza periódica dos livros bichados, entregando-se os códices às chamas purificadoras dos braseiros.

Assim se deu por exemplo com os registos de Santos.

Informou-me Alfredo de Carvalho que não há um só registo de óbito do Recife anterior a 1780!

Em S. Paulo, onde o clima é frio e onde os malditos roedores de papel menos vicejam, assim mesmo foi imenso o desbarato dos registos paroquiais.

Do século XVI nada subsiste, do século XVII apenas restam umas poucas folhas dos livros de casamentos, batizados e óbitos. Só do terceiro quartel do século XVIII em diante é que começam a avultar os documentos. Assim mesmo quanta lacuna, quanta solução, enorme por vezes, de continuidade!

Nunca será assaz digno de encarecimento, pois, o trabalho formidável determinado pelo Sr. Arcebispo D. Duarte Leopoldo e Silva para a preservação do arquivo preciosíssimo de sua arquidiocese.

Maravilha conseguiu, salvando acervo enorme cujo restauro foi confiado ao projecto arquivista Comendador Francisco de Sales Collet e Silva, dedicadíssimo ao seu *age quod agis*.

Também que resultados esplêndidos alcançou! Quem viu o que eram antes, aqueles autos antigos, reduzidos a verdadeiros paralelepípedos compacíssimos e hoje os manuseia com a maior facilidade é o único capaz de avaliar o que foi o serviço dos restauradores de tantos papéis preciosos, catalogados numa bateria de índices realmente formidável.

Mas o caso da arquidiocese de S. Paulo continua a ser excepcional, quer nos parecer, no conjunto brasileiro. Desapareceram em geral os velhos códices do nosso registo civil e continuam deteriorados os relativamente pouco distantes de nós.

Assim os genealogistas que se apressem. Mais alguns anos de demora e terão perdido o que ainda hoje lhes será de leitura relativamente fácil. Foi o que pude pessoalmente verificar em cartórios paulistas onde ainda há trinta annos poude Silva Leme encontrar e deletrear papéis hoje inutilizados.

## II

Voltemos porem aos trabalhos deste insigne linhagista continuador de Pedro Taques. Com o mais notável faro estabeleceu ele os liames entre os diversos títulos em que se subdivide a genealogia paulistana. E sob este ponto-de-vista encontrou ótimo colaborador noutro apaixonado da pesquisa das antigas linhagens: Augusto de Siqueira Cardoso a quem se deve excelente trabalho de concordancia entre a *Nobiliarquia Paulistana* de Taques e a *Genealogia Paulistana* de Silva Leme e das duas obras, consigo mesmas, o que lhes facilita imenso a consulta.

Acha-se parte deste trabalho divulgado na reedição do primeiro volume de *Nobiliarquia* e pelo Instituto Brasileiro.

Limitou-se Silva Leme a estudar os cartórios do Estado de S. Paulo. Já isto constituiria serviço ingente para um ho-

mem que na primeira mocidade encetasse tal empresa. E no entanto só na idade madura pudera ele dedicar-se ao que constituía a paixão de sua vida.

Demos-lhe em largos traços a biografia:

Nascido a 3 de agosto de 1852, em Bragança, fez os estudos de humanidades no Seminário Episcopal de S. Paulo, matriculando-se na Faculdade de Direito paulista em 1872. Aí se bacharelou em 1876. Mas pouco pendor sentia pelas letras jurídicas. Assim resolveu estudar engenharia e se foi para os Estados Unidos a cursar as aulas do Instituto Politécnico de Troy, no Estado de Nova York. Aí, em junho de 1880, recebeu o grau de engenheiro civil.

Destacando-se, como estudante, tivera a espontanea e honrosa indicação de seu nome feita por seus mestres para um cargo de engenheiro ajudante da grande Comissão do Governo Federal, incumbida dos melhoramentos do curso do rio Missouri, no Estado de Nebraska.

Incumbiram-no de trabalhos geodésicos e tomou parte ativa, sobretudo, no levantamento da carta hidrográfica do grande caudal, afluente do Mississippi.

Ainda era acadêmico quando serviu na turma encarregada da triangulação e sondagens. Depois de formado, ocupou o lugar de chefe de secção na construção de uma estrada-de-ferro na Flórida. Mas intensa nostalgia o dominava. Assim, voltou à Patria onde, continuando a carreira de engenheiro, serviu sob a chefia do Dr. Antonio F. de Paula Sousa na construção da Estrada-de-Ferro do Rio Claro a S. Carlos do Pinhal, realizando depois a exploração do trecho de S. Carlos a Araraquara.

Deixando esta via ferrea passou a ser engenheiro chefe-construtor da Estrada-de-Ferro Bragantina, hoje incorporada à São Paulo Railway. Desta via ferrea foi, durante catorze anos, o Inspetor Geral ao mesmo tempo que realizava obras importantes em Pirapora com a reconstrução do Santuario do Senhor Bom Jesús, e levantamento de importante edificio colegial hoje Seminario da Arquidiocese. Mas a grande paixão de sua vida continuava a ser a promoção do esclarecimento das velhas linhagens paulistas.

Desde que ao Brasil chegara, de volta, dos Estados Unidos, empregara todos os lazeres em acumular material para a sua futura *Genealogia Paulistana*. De 1891 em diante, pode, notavelmente, aumentar o seu acervo documental. Homem de larga fortuna, conseguiu afinal, de 1898 em diante, entregar-se, de

corpo e alma à confecção de sua obra. Começou a imprimi-la em 1901 terminando-a em 1905.

Constitue nove tomos com perto de cinco mil páginas in 4.º e é talvez a mais notavel obra genealógica jamais escrita no Brasil moderno.

Teve Silva Leme alguns colaboradores que o auxiliaram muito eficientemente. Dentre eles faz especial menção do Dr. José de Almeida Prado (1858-1900), outro apaixonado das pesquisas genealógicas, esclarecido, culto e incansavel rebuscador dos arquivos paulistas, onde colheu enorme massa de apontamentos.

Tinha Silva Leme belo aspecto, apresentando um todo de inconfundivel respeitabilidade. Grave, distintíssimo de maneiras, comedido de expansões, embora afável e sobremodo cortês, era destes homens que no rosto trazem estampadas a honestidade, a limpidez dos sentimentos, a lealdade absoluta e a felicidade decorrente de uma longa vida preenchida pela prática da dignidade.

Com verdadeira saudade dele me recordo, pois imenso lhe apreciava o convívio de homem da maior honorabilidade, critério e cortesia. *Católico fervoroso*, distinguiu-o Leão XIII com a comenda de São Gregorio Magno e a cruz *Pro ecclesia et pontifice*.

Depois de publicada a sua *Genealogia Paulistana*, prosseguiu Silva Leme os seus estudos promovendo a extensão de seus capítulos, por meio de suplementos.

Não se sentisse envelhecido, disse-me varias vezes, iria encetar o exame dos arquivos de Mato-Grosso, Goiaz, "seguido as pegadas dos bandeirantes". "E bem mais comodamente agora", comentava a sorrir.

"Era serviço para moços", continuava, esta análise dos fatos do povoamento dos paulistas, pelo Brasil afora.

Nunca o vi gabar-se do que fizera, do trabalho imenso realizado. E por vezes a tanto o provoquei fazendo-lhe calorosos elogios à obra. Calava-se com a maior distinção e discrição.

Com o mais sincero pesar vi-o desaparecer, quasi subitamente, a 13 de janeiro de 1919, aos 67 anos incompletos, robusto ainda, e bem disposto.

Era verdadeiro ornamento das nossas letras históricas e da sociedade brasileira o cavalheiro e o erudito que a morte naquele dia colhera.

Como demonstração do alto critério de suas investigações, basta lembrar o cuidado com que examinou os origens dos títulos genealógicos de Pedro Taques.

Apoiado pela autoridade do autor da *Nobiliarquia Paulistana*, poderia ter se contentado em reproduzir *ipsis verbis* as afirmações dos linhagistas do século XVIII e prosseguido no desenvolvimento da sua obra.

Entendeu porem dever fazer-lhes a revisão acurada pelo cotejo das diversas fontes, aliás bem minguadas, ao seu dispor.

Assim, ao encetar a impressão da *Genealogia Paulistana*, valeu-se do antigo manuscrito descoberto pelo Dr. Ricardo Gumbleton Daunt, para redigir o seu capítulo básico, *Cruzamento da raça européia com a indígena de São Vicente e São Paulo*.

Ao terminar a obra entendeu, com a lealdade visceral que o caracterizava, expor aos leitores a transformação que se operara em seu espírito a propósito da descendencia do mais notavel dos povoadores, João Ramalho.

Tal reforma de julgamento procedia do exame de documentos novos que lhe haviam chegado ao conhecimento, provenientes do arquivo do Tenente-General José Arouche de Toledo Rendon.

Esta nova contribuição levava-o a fazer grandes alterações na linhagem do famoso patriarca europeu da gente de São Paulo.

Assim, estava sempre pronto a fazer correções e adendos ao seu trabalho, como aliás o demonstra o tomo IX e último de sua obra.

Torna-se penoso o manuseio das duas grandes genealogias, a de Taques e a de Silva Leme, pela falta de índices adequados. O que Silva Leme organizou é sobremodo insuficiente, muito sumario mesmo. Para a *Nobiliarquia Paulistana* nenhum existe.

Ora, com a instabilidade dos nossos nomes portuguezes, é difficilimo ao estudioso acompanhar as sequencias genealógicas.

Títulos há em que, de geração em geração, e por varonia, mudam-se os patronimicos, do modo mais arbitrario e inesperado.

Para o exemplificarmos, sigamos uma destas varonias, a de Antonio Rodrigues de Alvarenga, colono vicentino do século XVI e dos mais prestigiosos da era martim-afonsina. Seu filho chamava-se Luiz Monteiro e seu neto Antonio Monteiro de Alvarenga. E já o bisneto vinha a ser Antonio Pinto e o terno Joaquim Pedroso Pinto.

Casos deste os há incontáveis. Aparecem e desaparecem os nomes, que deviam estar fixos, como succede em França ou em países germânicos onde sabemos que um Dupont, um Wilson, um Schneider descenderão por varonia de outros Dupont, Wilson e Schneider, pelos séculos afora.

Nos países ibéricos, pelo contrario, os nomes paternos não se mantinham. Só se estabilizaram a partir de um século para cá, si tanto. Assim, com este sistema, vemos os mesmos apelidos de familia, de hoje, pertencerem a pessoas presas por longinquo parentesco ou até sem ligação alguma de familia.

Para que as obras de Taques e Silva Leme possam prestar o serviço de que são capazes torna-se necessario que se faça um dicionario dos nomes que nelas ocorrem. Só assim poderão os pesquisadores colher as indicações necessarias ao esclarecimento requerido pelos consultores.

### III

Volvamos porem ao caso da espalha dos paulistas pelos territorios meridionais do Brasil.

Num país imenso como o nosso, onde os nucleos de população estavam ilhados por enormes distancias e a dificuldade extrema das comunicações, desde o momento que um casal se afastasse para o sertão ficavam os genealogistas, localizados em São Paulo, incapazes de continuar o assentamento de sua progenie.

Operou-se a disseminação dentro de areas colossais. Si por um lado era a prolificidade dos colonos imensa, tambem, mau grado a extraordinaria mortalidade infantil de outrora, a multiplicação dos povoadores foi vultosa. E os sertões encheram-se de gente proveniente dos primeiros troncos vicentinos e paulistas.

O descaso pelo apuro das origens era e foi sempre geral. De quantas e quantas pessoas cultas sabemos nós cujos conhecimentos genealógicos, proprios, se limitam à ciencia dos nomes dos quatro avós? Para trás tudo ignoram. Nem procuram esclarecer o desinteressante assunto.

Com o avanço da cultura muito se modificaram estas idéias. Daí a recrudescencia dos estudos genealógicos, hoje assaz consideraveis em todo o país.

Entre os paulistas sempre reinou bastante fortemente tal pendor. Recordo-me da surpresa que me causou esta sua feição

quando, ao sair da adolescência, passei a viver entre eles. Entre fluminenses e mineiros jamais verificara semelhante feitio de espírito, e ninguém nunca vira cogitar de tais indagações; assim não pude deixar de achar curioso e pitoresco este modo de ser. Grande impressão me trouxe travar relações com numerosas pessoas que, com extraordinária agilidade de memória, descreviam suas árvores genealógicas até às gerações dos primeiros anos coloniais.

E mais: mostravam conhecer, com toda a segurança, as ligações existentes entre as diversas famílias antigas de S. Paulo de modo a descrever prontamente qual o parentesco reinante entre elas.

Percebi quanto devia tal pendor ser atávico e compreendi que Pedro Taques nada mais seria do que uma expressão cultural de sua gente e do seu tempo. Assim como Silva Leme ainda representava, modernamente, um pendor ancestral das velhas gerações da terra vicentina.

Foram ambos os serviçais da codificação da história do povoamento do Sul do Brasil pelos bandeirantes e seus netos hoje paulistas, mineiros, fluminenses, goianos, matogrossenses, rio-grandenses, catarinenses e paranaenses oriundos da colossal expansão da Capitania de S. Paulo por mais de três milhões de quilômetros quadrados.

Desde que alguém consiga estabelecer um entroncamento nas velhas linhagens vicentinas, por parte de personagens descendentes de paulistas emigrados para os sertões, poderá garantir que surgirão milhares de brasileiros atuais filiados à grei das primeiras levas martim-afonsinas.

Assim se deu no meu caso pessoal. Pertencente pelo lado materno a uma família fluminense, oriunda de mineiros emigrados para o vale do Paraíba, atraídos pelas vantagens do plantio do café, nada sabia de positivo acerca da ligação das nossas gerações de Minas Gerais com os troncos de S. Paulo e São Vicente.

Apenas ouvira de meu querido avô materno, Francisco José Teixeira Leite, Barão de Vassouras, que ele descendia de portugueses e paulistas. Mas morreu o meu informante quando eu ia completar oito anos de idade...

Tudo me levava a crer que tal liame existisse. Uma velha família de Minas Gerais, existente na Comarca do Rio das Mortes, desde os princípios do século XVIII, devia fatalmente ter



ascendencia entre a gente provinda de S. Paulo para aquele territorio ao tempo da primeira mineração. Mas qual seria? Foi o que o muito esforço de pesquisas infrutíferas não me permitiu por muito tempo desvendar. Pareceu-me até o caso insolúvel ante o mutismo dos arquivos paroquiais destroçados.

Levada a procura das gerações avoengas até ao limite extremo de irrefragável documentação, através de duas gerações fluminenses e três mineiras, chegara, graças ao servilismo do distintíssimo genealogista mineiro, o Sr. Major Samuel Soares de Almeida, ao assinalamento de um casal de paulistas, existente em 1720 em S. João d'El-Rei, como o de meus longínquos antepassados.

Mas como os afiliar aos troncos de S. Paulo? Foi o que inesperadamente pude fazê-lo, mercê de documentos do arquivo da Curia Arquiepiscopal de S. Paulo, os autos de casamento deste casal, Antonio Vieira de Moraes e Ana Pires.

Com verdadeira surpresa percebi então que Silva Leme partindo das primeiras camadas dos povoadores quinhentistas até elas levava o desenvolvimento de suas linhagens. Tivera porém de o interromper por não saber que este par fora residir no centro das Minas Gerais. Assim lhe perdera as pegadas através das deficiências dos registos eclesiásticos.

Ao operar a concordância das pesquisas do genealogista de S. Paulo com as que o Major Soares e eu proprio realizáramos, tive a impressão de que reunira duas galerias de tunel.

E graças a este achado posso agora incorporar à *Genealogia Paulistana* alguns milhares de nomes mais constantes da descendência imensa de Antonio Vieira de Moraes e de Ana Pires, paulistas, casados em 1720 e falecidos entre 1742 e 1753 na Comarca do Rio das Mortes.

Prole enorme e que se espalha pelos territorios de Minas Gerais, S. Paulo, Distrito Federal e do Estado do Rio de Janeiro, sobretudo.

Maior ou menor coleta de nomes é mera questão de paciência na reunião de dados facilmente arranjavaes.

Abrange ela a mais variada coleção de patronímicos mas onde predominam, ao que saiba, os nomes de Teixeira Leite, Leite Ribeiro, Ferreira Leite, Martins Ferreira, Ribeiro de Almeida, Ribeiro do Vale, Leite Guimarães, Sá Leite, Aquino Leite, Leite de Barros, Almeida Magalhães, Furquim de Almei-

da, Leite Pinto, Vidal, Leite Alves, Gomes Leite de Carvalho, Monteiro de Barros, Martins de Almeida, etc.

O prevaecimento do nome Leite provem dos patronímicos do sargento-mor José Leite Ribeiro (1723-1801) marido de Escolástica Maria de Jesús Correia (1745-1823) neta do casal de paulistas acima citado, cujo matrimonio Silva Leme registou no tomo oitavo (pág. 515) de sua obra monumental. Sem que porem, como já lembrei, nada pudesse dizer da inumeravel progenie destes patriarcas setecentistas do Brasil central.

#### IV

Provavelmente vindo na frota de povoamento de Martim Afonso de Sousa, cruzara o Atlântico Antonio de Oliveira, Cavaleiro da Casa d'el-Rei D. João III, disposto a servir a coroa lusitana nas terras da nova conquista, cujo litoral tão longamente explorara o Navegador do Ocidente e do Oriente, mais tarde Vice-Rei da India.

Permaneceria no Brasil, para todas as ocasiões do real serviço. Incluem-no Frei Gaspar da Madre de Deus e Pedro Taques na lista dos primeiros povoadores vicentinos.

Rol aliás imperfeito e quiçá jamais irreconstituivel, mercê sobretudo da insanía de Manuel Vieira Colaça, juiz ordinario seiscentista, de S. Vicente, de que nos fala Pedro Taques.

Desvairado graças ao indeferimento de uma pretensão matrimonial, recorreu a um desforço pelas armas, sendo porem batido ele e sua gente, pelo troço do opulento Rafael de Carvalho, de quem pretendia ser genro.

Lamentosamente exclama o gravibundo e hierático genealogista:

"Entre aquelles hoje bem necessarios, excellentes moveis, reduzidos á cinzas, só lamentamos o livro grande chamado "Tombo", porque nelle se achava escripto, com pureza da verdade, o dia, mez e anno, da fundação daquella villa, a chegada de seu primeiro fundador dito donatario Martim Affonso de Souza, com as forças, que trouxera do reino, para a conquista dos barbaros indios, habitantes dos sertões do sul, o numero dos navios, em que, com elle tinham passado os primeiros e nobres povoadores, fazendo-se menção dos merecimentos e qualidades de cada um delles, e dos sujeitos que vinham já casados e suas

famílias atraídas do reino de Portugal pelo convite do donatário Souza, que tinha consagrado esta transmigração com o real agrado do Sr. Rei D. João III, de cujos créditos com o fôro de cavalleiros fidalgos vieram muitos sujeitos, que propagaram famílias nobres em S. Vicente, derramados por S. Paulo.”

Em relação a Antonio de Oliveira pouca documentação encontrou Frei Gaspar da Madre de Deus.

“Foi o segundo loco-tenente do Donatario e o primeiro feitor da Fazenda Real da Capitania de S. Vicente, por mercê del-Rei D. João Terceiro.”

Depois de concluir o seu governo, em 1542, voltou a Portugal, separado que estava da família, havia dez anos.

Tanto se afeiçoara ao Brasil que para o nosso país trouxe a mulher, Genebra Leitão de Vasconcelos, e varios filhos.

Do seu casal incontavel descendencia espalhar-se-ia pelo Brasil meridional hodierno.

Com seu filho, Tristão de Oliveira, começa a cruzar euro-americana de sua gente, ao desposar ele Joana Ferreira, quarta-rona de sangue vermelho, filha do Capitão-mor de S. Vicente Jorge Ferreira e de Joana Ramalho, filha de João Ramalho, o grande patriarca branco de S. Paulo e do sul do Brasil e de sua mulher Isabel Dias, a filha de Tibiriçá, o famoso cacique goianaz, de Inhampuambucú.

De Tibiriçá se poderá dizer que é o Abraão Brasileiro, cujos rebentos são hoje incontaveis quasi como os grãos de areia praiana.

Desde o primeiro século fixou-se a descendencia de Antonio de Oliveira de preferencia nas terras do altiplano, cujo clima era muito mais agradável a europeus recém-transmigrados do que o da faixa costeira com o seu calor elevado e úmido.

Assim dentro em breve se afazendava em torno da vila paulistana entregue ao desvelo dos trigais e dos pequenos rebanhos.

E produziu aquelas safras de marmelada que com a farinha de trigo foi dos primeiros gêneros de exportação descidos das lombadas da Paranapiacaba aos Cubatões, ponto de embarque para a Vila do Porto de Santos.

Prosperaram os netos do capitão-mor vicentino, companheiro de Martim Afonso de Sousa; tornaram-se abastados e surgiram frequentes nas listas das pautas dos homens bons do

peso da governação da vila procurando servir a Deus e a Sua Majestade a quem Deus guardasse.

E este enriquecimento tinha naturalmente uma de suas principais fontes no *pêché mignon* das Américas, todas suas contemporaneas no "remedio do Sertão" eufemismo com que se disfarçava o convite *por la razón ó la fuerza* ao gentio da terra a que descesse de suas brenhas para o convívio da gente civilizada e o gremio da Igreja.

Não como escravos, que as leis de Sua Majestade o proibiam, terminantemente! Mas como *serviços forros*, outro eufemismo cômodo, que rotulava a condição "daquelle gentio barbaro do sertão, convertido a nossa Santa Fé, pela industria, valor e força das armas com que os seus futuros administradores os haviam conquistado em seus reinos e alojamentos na patria do seu gentilismo" conforme o dizer saboroso dos velhos cronistas.

Com o trabalho destes homens ocupados em dilatadas culturas os seus administradores, nunca senhores! que senhores só o podiam ser das peças do gentio da costa de Guiné — tinham todos os anos abundantes colheitas de trigo, feijão e algodão, número grande de gados vacuns e animais cavallares.

A sua abundancia sabiam generosos empregá-la nas occasiões do real serviço, em apertos de guerra, sob a forma de socorros de farinhas, carnes e feijões que, instantes, amiude, lhes pediam os Senhores Governadores Gerais do Estado do Brasil para o abasto da cidade e presidio d'O Salvador, cabeça do Estado, e o serviço das expedições pesquisadoras de minas.

De Tristão de Oliveira, homem bom e de peso da "governação da terra" vereador da Câmara de S. Paulo em 1599 e de sua legítima mulher, Joana Ferreira, a neta de João Ramalho, nasceria o primeiro Matias de Oliveira Lobo, juiz ordinario da vila piratiningana, em 1595 e 1610. Desposaria Isabel da Cunha, filha de outro povoador vicentino de grande prole, Henrique da Cunha, emigrado com Martim Afonso de Sousa em 1531 e juiz ordinario de S. Paulo em 1576.

Morreram Isabel, em 1616 e Matias em 1628. Seus testamentos e inventarios existem no Arquivo do Estado de S. Paulo.

Subiu a avaliação do monte de Isabel a Rs. 186\$136, o que para o tempo, em S. Paulo, indicava abastança. O Cresco contemporaneo, Gaspar Barreto, o maior capitalista da Capitania deixaria menos de um conto e quinhentos mil réis.

Possuía o casal casas de taipa de pilão cobertas de telha, sítio onde plantava algodão, mandioca, milho e feijão, trinta e sete "peças do gentio da terra, forro, entre adultos e menores, e já sua casa estava bem governada de roupa de casa e branca, louça branca e estanhos. A abastança se revelava pelos saios e saia, gibões finos e chapéus de Valença. Um espelho, cousa rara, adornava a casa de visitas onde havia seis cadeiras de estado".

Contemporaneamente a Matias de Oliveira Lobo vivia em S. Paulo o português Francisco de Siqueira que fora, em 1606, capitão dos índios e em 1629 vereador à Câmara paulistana.

Desposando Ana Pires de Medeiros aliara-se a um dos mais importantes clãs piratininganos, pois seu sogro Salvador Pires, juiz ordinario em 1573 e pessoa principal no governo da República vivia muito abundante com grandes lavouras e numerosos trabalhadores delas, quais eram os índios católicos de sua redução e administração.

Era sua mulher Messia Fernandes, vulgarmente chamada no idioma brasileiro *Messiuçú*, o que queria dizer, Messia a grande, dona do mais elevado prestígio, neta de Antonio Rodrigues o famoso socio de João Ramalho, e da índia Antonia, batizando do Veneravel José de Anchieta e filha do ilustre cacique Pequerobí, maioral de Ururáí, famoso nos primitivos anos paulistanos e igualmente avoengo de incontáveis brasileiros de hoje.

Um outro casal, contemporaneo de Matias Lobo, representava a velha tradição reinol, aristocrática. Era o de Baltasar de Moraes de Antas e Brites Rodrigues Anes. Personagem conspicuo, fora dos primeiros emigrados à capitania vicentina e, transplantando-se à América, entendera ressuscitar no Novo Mundo as velhas práticas heráldicas e genealógicas reinóis.

E assim fora o primeiro que em terras de S. Paulo resolvera fazer prova de sangue limpo, por meio de inquirição de *nobilitate probanda*, processado, no Reino e na Ilha da Madeira.

Toda esta papelada levou-a à transcrição no *Registo Geral da Câmara de S. Paulo*.

De Matias de Oliveira e Isabel da Cunha, nasceu Juliana de Oliveira, mulher do português Manuel Francisco Pinto, falecido em São Paulo em 1528.

De Juliana e Manuel Francisco, procedeu Salvador Francisco de Oliveira Lobo, personagem influente e em 1713, primeiro juiz ordinario eleito após a elevação da antiga vila do

campo de Piratininga à categoria de cidade, capital da nova capitania de S. Paulo e Minas do Ouro.

Este Salvador de Oliveira parece ter sido pessoa de certas letras. Assim pelo menos as *Atas da Câmara de São Paulo*, revelam, de sua parte, positivos dotes verbosos. Na sessão de 6 de janeiro de 1701, vemo-lo, como procurador do Concelho, pedir a seus pares serias providencias contra a alta excessiva dos preços dos gêneros alimentícios. A propósito da subida da carne verde representava veementemente:

“Sua Majestade que Deus guarde nos deu este pequeno poder para sermos conservadores desta praça (cidade), e sermos paes de nossa patria e sem o corte de carne ficamos sendo tyrannos e destruidores.”

A perorar apontava quanto a desidia da corporação a que pertencia podia torná-la “perjura com notavel culpa da consciencia faltando a confiança que S. Majestade fazia de seus Ministros”. A 2 de julho immediato retomava a palavra para expor aos seus pares o grande bramo que ia pelo povo constangido da necessidade. E’ que como a descoberta das Minas-Gerais e o enorme êxodo dos homens para as regiões auríferas reinava tremendo desequilibrio econômico não só na cidade como na capitania. Daí a alta excessiva dos preços.

Casando-se em 1679 com Ana Pires, filha de Antonio de Siqueira e Maria Afonso, deste consorcio nasceria Matias de Oliveira Lobo, homônino de seu bisavô. Este Matias, em 1699, desposou Ana de Moraes Madureira, que como um dos bisavós paternos tinha a Baltasar de Moraes Antas e era filha de Francisco Velho de Moraes, falecido em 1679 e homem do mais acentuado papel na política paulistana.

Com Antonio Raposo Tavares, em 1641, promovera a reintegração de S. Paulo no nucleo lusitano proclamando a realeza de D. João IV. Juiz ordinario da vila em 1658, no momento mais grave da guerra civil dos Pires e Camargos, fora à Baía, deputado pelo seu partido, o dos Camargos, a entender-se com o Governador Geral sobre aquele terrivel dissidio que quasi aniquilou a vila paulistana.

Filho de um homem irrequieto e genro de outro pugnaz como Francisco Velho de Moraes, não parece Matias de Oliveira Lobo ter sido sinão um bom burguês. Nos papéis officiais da municipalidade de sua cidade natal pouco são os vestigios de sua atuação.

Faleceu em S. Paulo em 1745.

## V

Do casal de Matias de Oliveira Lobo e Ana de Moraes Madureira procede, extraordinariamente fecundas como eram as brasileiras de antanho, enorme prole.

Ao reconstituir o título Oliveira, cujo progenitor fora, em S. Paulo, o capitão-mor Antonio de Oliveira, conseguiu Silva Leme, com a tenacidade inteligente e a honestidade de seu penoso labor, arrolar doze filhos de tal casal.

De muitos não aponta descendencia por não ter podido descobrir-lhes os inventarios. E' que por aquella época começara a grande dispersão dos paulistas "arrastados pelas conveniencias para a grandeza das fertilidades das minas", como se diria em estilo de cronista.

Era o que, por exemplo, se daria com a penúltima de suas filhas chamada Ana Pires em homenagem à avó paterna, emigrada para o territorio aurífero.

Na sua primeira mocidade, presenciara Matias de Oliveira Lobo o grande *rush* do ouro para as minas dos Cataguás de onde haviam voltado varios de seus concidadãos cheios de riquezas rapidamente adquiridas como se dera com José de Góis e Moraes, Dionisio da Costa, João Lopes de Lima, os irmãos Francisco Rodrigues Penteado e Manuel Correia Penteado, Baltasar de Godói, Francisco do Amaral, etc.

Naquela legião de aventureiros cheios de apetite das riquezas à flor do solo, estava o português Antonio Vieira Dourado, natural de S. José de Oliveira. Em sua companhia levou uma mulher, a paulista Francisca de Macedo e um filho na primeira infancia Antonio Vieira de Moraes. Os escassos papéis documentadores deste matrimonio estão hoje deploravelmente truncados. A poucas laudas conseguiu salvar o zelo inteligente do incansavel arquivista paulistano Collet e Silva.

Teve Silva Leme, em mãos, estes autos e deles dá noticia em sua jamais assaz louvada *Genealogia Paulistana* (vol. VIII. p. 515).

Partira Antonio Vieira Dourado logo que se haviam feito os primeiros descobrimentos do ouro e estabeleceu-se, para sempre, na comarca do Rio das Mortes. De lá, em 1720, voltava Antonio Vieira de Moraes a casar-se em S. Paulo com Ana Pires. Regressou logo depois a viver ao lado dos pais nas terras auríferas.

Imensa descendencia de seu casal proviria: inúmeros povoadores do territorio mineiro, no século XVIII, do fluminense, no século XIX, com a descida dos mineiros para as terras do café e depois, por meio do refluxo, novamente localizados em terras de S. Paulo, mas aí já para o último quartel do século XIX, com a abertura das grandes lavouras de café do oeste da Provincia.

Só uma filha deste casal Maria de Assunção Moraes, (1721-1763) mulher do Sargento-Mor Lourenço Correia Sardinha e depois de outro português, Manuel Marinho de Moura, viria a ser o tronco de uma progenie que hoje conta certamente muitos milhares de pessoas em Minas-Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo e no Distrito Federal.

Onde teriam minerado Antonio Vieira Dourado e seu filho Antonio Vieira de Moraes, é o que todo não sabemos.

No Rio das Mortes Pequeno, no das Mortes Grande ou no proprio Rio-Grande? O que nos parece positivo é que se estabeleceram nas vizinhanças de S. João d'el-Rei, provavelmente com casa na zona rural e na vila.

Voltando à comarca do Rio das Mortes jamais regressou Antonio Vieira de Moraes a residir em sua terra natal de São Paulo.

Dele pouco se sabe. Em 1736 residia em S. Miguel do Cajurú, distrito de S. João d'el-Rei. Foi morador no Rio-Grande perto de Turvo onde minerava e tinha lavoura.

Ana Pires para o fim da vida passou a assinar-se Ana Pires de Oliveira recordando um dos patronímicos paternos.

Faleceram ambos antes de 1753.

## VI

De seus diversos filhos um apenas podemos com segurança identificar. Maria de Assunção Moraes nascida em 1723. Os demais dois nossos conhecidos apenas nos aparecem em referencias testamentárias: Ângela de Moraes e José Moraes de Oliveira.

Maria de Assunção Moraes desposou em 1739 o Sargento-Mor Lourenço Correia Sardinha, português, natural de Fajão de Ovilha, termo de Arganil, diocese de Coimbra, e filho legítimo de Pedro Correia e Isabel Sardinha.



Devia ser muito mais velho do que a jovem esposa pois já em 1714 o encontramos agraciado com a elevada patente milicianiana.

Era parente, filho, ou sobrinho, de Antonio Correia Sardinha, cujo nome surge frequente entre os dos mais velhos sesmeiros das Minas-Gerais.

Por patente de D. Braz Baltasar da Silveira, Capitão-General da Capitania de S. Paulo e Minas do Ouro, foi a 25 de agosto de 1718 nomeado Sargento-Mor das Ordenanças do Distrito de Vila de Nossa Senhora do Monte do Carmo (hoje Mariana). Emigrara para o Brasil provavelmente desde os primeiros anos da descoberta das Minas.

Faleceu Lourenço Correia Sardinha em São João d'el-Rei (onde era abastado proprietário e possuidor da fazenda do "Jacaré" na paragem do Rio Grande) a 22 de junho de 1747, deixando um espolio de Rs. 3:157\$283.

Contraíu Maria da Assunção Moraes, em 1749, segundas nupcias com Manuel Marinho de Moura também português, e faleceu aos quarenta anos apenas, em S. João d'el-Rei, a 20 de fevereiro de 1763, montando o seu inventario a Rs. 9:270\$218, soma consideravel para as Minas-Gerais de seu tempo e correspondente hoje a um milheiro de contos de réis.

Filha de Lourenço Correia Sardinha e Maria de Assunção Moraes nasceu Escolástica Maria de Jesús Correia, em São João d'el-Rei, no ano de 1745. Casou-se, a 9 de janeiro de 1764, com o Sargento-Mor José Leite Ribeiro, português, nascido em 1723, filho legítimo de Francisco Leite Ribeiro e Isabel Ferreira e natural de Santa Eulália de Barroso, termo de Guimarães, arcebispado de Braga.

Emigrando para o Brasil, com o irmão mais velho, Manuel Leite Ribeiro (falecido em São João del-Rei em 1773) teve José Leite Ribeiro lavras de ouro no Rio das Mortes, lavouras de cana e cereais e fazenda de criar.

Foi algum tempo socio do Capitão Francisco José Teixeira (1750-1787) também português. Em 1799 ainda minerava como "mineiro da fabrica avultada" tendo como socio seu filho o Capitão Manuel Ferreira Leite e o Tenente Joaquim do Rego Barros. Requereram naquele milésimo sessenta datas no veio do Rio Preto e no de diversos ribeirões deste afluente, com quadras e sobre-quadras, o que lhes foi deferido pelo Guarda-

Mor do Distrito do Rio do Peixe, Francisco José Alves, a 13 de novembro de 1799.

Faleceu opulento em S. João d'el-Rei, a 4 de outubro de 1801. Tanto ele como D. Escolástica foram dos maiores benfeitores da linda igreja de S. Francisco de Assiz em S. João d'el-Rei.

Faleceu D. Escolástica em S. João d'el-Rei a 25 de junho de 1823. Tanto ela como o marido foram sepultados na Igreja de S. Francisco. Do seu consorcio ficaram treze filhos dos quais muitos sobressairam na primeira fila dos maiores promotores do grande *rush* no Vale do Paraíba, no Rio de Janeiro e Minas-Gerais.

Constituíram familia tendo hoje largas descendencias oito dentre os filhos José Leite Ribeiro, o moço (n. em 1764); Manuel Ferreira Leite (1766); Joaquim Leite Ribeiro (1772); Antonio Leite Ribeiro (1773); Francisco Leite Ribeiro (1780); Custodio Ferreira Leite, Barão de Aiuruoca (1782); Anastacio Leite Ribeiro (1787); Floriano Leite Ribeiro (1790). Alem destes ainda tivera o casal o Padre João Ferreira Leite Ribeiro (n. em 1769) e Domingos Ferreira Leite (nascido em 1783) tendo este último falecido solteiro estudando no Rio de Janeiro.

Três senhoras casaram-se deixando também enormes descendencias. Ana Maria de Jesús Leite Ribeiro, casada com o português José Maria da Silva e falecida na primeira mocidade. Maria Custodia de Assunção Leite Ribeiro (nascida em 1776) casada com o Alferes Francisco Pinto de Magalhães e Francisca Bernardina do Sacramento Leite Ribeiro, Baronesa de Itambé (1781-1864) casada com Francisco José Teixeira, Barão de Itambé (1780-1866).

O filho mais velho do Sargento-Mor José Leite Ribeiro faleceu muito jovem. Ainda o mesmo se deu com o terceiro Joaquim, que tinha assombrosa atividade e comerciava largamente, entre S. João d'el-Rei e o Rio de Janeiro. Morrendo, em 1809, aos 37 anos de idade, já prosperara muito.

Quanto aos outros, salvo quanto ao Padre João Ferreira Leite, que se deixou ficar em São João d'el-Rei, junto de sua mãe, os demais cinco foram dos primeiros mineiros a abrir lavouras grandes nas terras do vale do Paraíba na "matta do Rio", como então todos diziam.

O grande promotor deste êxodo de familia foi o futuro Barão de Aiuruoca, de cuja atuação, como propagandista da lavoura cafeeira, já largamente falei em meus *Subsidios para*

a *historia do café no Brasil colonial*. Primeiro esteve no vale do Turvo em terras da Barra Mansa com o irmão Manuel. Passou-se depois a Pirai e Vassouras com seus jovens sobrinhos José Eugenio e Francisco José Teixeira Leite, filhos de sua irmã Francisca, futura Baronesa de Itambé. Frequentou depois Valença, onde se afazendaram seus irmãos Floriano e Anastacio (este em Conservatória). Ele proprio se estabeleceu em Mar de Espanha tendo ao lado o irmão Francisco Leite Ribeiro, os sobrinhos José Eugenio e Antonio Carlos Teixeira Leite e em lugar que não sabemos localizar, outro irmão, Antonio Leite Ribeiro.

Atrás destes Leite Ribeiro vieram numerosíssimos primos-irmãos, como os Azevedo, filhos dos dois irmãos portugueses Francisco e Domingos de Azevedo casados com suas duas tias Ana Maria e Margarida estabelecidos sobretudo no vale do Rio Preto em S. Isabel, Porto de Flores, S. Teresa de Valença, ou em Minas, no vale do Paraibuna.

Todos eles se prendiam pelo mesmo patronímico Leite, constituindo grande quantidade de ramos fluminenses, mineiros, paulistas Leite Ribeiro, Teixeira Leite, Ferreira Leite, Leite Guimarães, Leite de Barros, Leite Pinto, Leite de Abreu, Paula Leite, Gonçalves Leite, Vidal Leite Ribeiro, Araujo Leite, Aquino Leite, Almeida Leite, Almeida Magalhães, Ribeiro de Almeida, Ribeiro do Vale, Martins de Almeida, Martins Ferreira, Martins de Andrade, etc.

Pelas vizinhanças de 1850 numerosíssimos eram estes mineiros ou filhos de mineiros fazendeiros de café na Provincia do Rio de Janeiro e na Mata de Minas. Familia enorme sobremodo prolifera notava-se que prosperava notavelmente com a decisão de haver descido do planalto pobre dos cereais e da pecuaria para as terras do café.

Muitas das mulheres deste verdadeiro clã se aliaram a cafezistas importantes, parentes e não parentes.

A muitas dezenas de parentes do centro mineiro fez o Barão de Aiuruoca transplantar-se para a Provincia do Rio de Janeiro e a Mata de Minas, e é com toda a justiça que dele podemos dizer foi dos mais notaveis pioneiros do café na época imperial.

Mas que estes diversos Leite hajam provindo das terras de Aiuruoca, como afirma o Dr. Honorio Silvestre, em seu estudo inserto num dos volumes do *O café* (1927), nada menos

exato. Procediam todos de S. João d'El-Rei e imediações, Conceição da Barra, Madre de Deus, Prados, Turvo, Nazaré, etc.

Alguns de seus primos persistiram nas velhas terras de sua gente, entre eles dois que se tornaram ricos: Antonio Francisco de Azevedo, este até opulento, e Bonifacio Joaquim de Azevedo.

Um terceiro irmão destes dois fazendeiros, José Francisco de Azevedo, também enriqueceu no commercio de gado. De seus filhos e sobrinhos muitos vieram para as lavouras de café fluminense, sobretudo no vale do Rio Preto.

# Addenda à "Genealogia Paulistana" de Silva Leme

**Título "Oliveiras" - Tomo VIII, pág. 515 (5-11)**

*Nota previa e sumaria sobre os Leite Ribeiro, Teixeira Leite, Ferreira Leite, de Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo, e seus aliados*

*Afonso de E. Taunay*

**ANTONIO VIEIRA DE MORAIS E ANA PIRES, ALIÁS  
ANA PIRES DE OLIVEIRA (5-11) E SUA  
DESCENDENCIA**

Ana Pires, que também se assinava Ana Pires de Oliveira, paulista, filha de Matias de Oliveira Lobo e de Ana de Moraes Madureira, casou-se a 20 de dezembro de 1720 com Antonio Vieira de Moraes, paulista, emigrado muito em moço para as Minas-Gerais, comarca do Rio-das-Mortes, com seus pais Antonio Vieira Dourado, português de S. João da Oliveira, e Francisca de Macedo, paulista, como alegou nos autos de preparo de seus papéis matrimoniais (Arquivo da Curia Arquiepiscopal Metropolitana de S. Paulo, Est. 4 — Gav. 2, liv. 9, Proc. 1). Passaram Antonio Vieira de Moraes e Ana Pires a morar em S. João d'El-Rei. Tiveram diversos filhos, dos quais descobrimos três nos arquivos mineiros, graças a documentos fornecidos pelo douto genealogista, de Minas-Gerais, Samuel Soares de Almeida. Em 1736, era Antonio Vieira de Moraes afa-zendado em S. Miguel do Cajurú, perto de Turvo, onde tinha lavouras e minerava. Tanto ele como a mulher faleceram antes de 1753.

Cap. I — Maria de Assunção Morais.

Cap. II — Ângela de Morais.

Cap. III — José de Morais de Oliveira.

## CAPÍTULO I

*Maria de Assunção Morais*, nascida em S. João d'El-Rei em 1721. Casou-se, em 1737, com o sargento-mor Lourenço Correia Sardinha, que, por patente de D. Braz Baltasar da Silveira, Capitão-General da Capitania de S. Paulo e Minas-do-Ouro, de 25 de agosto de 1718, foi nomeado sargento-mor da Ordenança do Distrito da Vila de Nossa Senhora do Monte do Carmo. Era natural da freguesia de Feijão da Ovilha (Arganil, Coimbra) e filho legítimo de Pedro Correia e Isabel Sardinha.

Faleceu Lourenço Correia Sardinha a 22 de junho de 1747 em S. João d'El-Rei.

Casou-se Maria de Assunção Morais novamente com o português licenciado Manuel Marinho de Moura, parente de seu marido, natural da Freguesia de Santa Maria, termo de Amarante, arcebispado de Braga, filho legítimo de Antonio de Almeida Leitão e de D. Isabel de Moura Marinho. Faleceu Maria de Assunção Morais a 20 de fevereiro de 1763.

Do primeiro matrimonio teve Maria de Assunção Morais:

§ 1 — Florentino, nascido em 1738, falecido na infancia.

§ 2 — Romão Correia, nascido em 1740.

§ 3 — Ana Maria do Rosario Correia, nascida em 1743.

§ 4 — Margarida de Jesús Correia, nascida em 1744.

§ 5 — Escolástica Maria de Jesús Morais, nascida a 22 de dezembro de 1745.

§ 6 — Catarina Vitoria da Assunção Correia (filha póstuma), nascida em 1748.

Do segundo matrimonio teve Maria de Assunção Morais:

§ 7 — Antonio Marinho de Moura, nascido em 1752.

§ 8 — Luzia Perpetua de Moura, nascida em 1754.

§ 9 — Manuel de Moura Marinho, nascido em 1756.

§ 10 — Josefa Joaquina de Moura, nascida em 1759.

Sobrevivendo Manuel Marinho de Moura a Maria de Assunção Morais, contraiu segundas nupcias com Margarida Clara de Azevedo e morreu em 1798 em Aiuruoca.

Deste casamento só teve um filho, morto criança.

## § 2.º

*Romão Correia* — Morreu muito moço ainda, em 1760 antes do falecimento de sua mãe, como ela o declarou, em seu testamento, não deixando descendencia.

## § 3.º

*Ana Maria do Rosario Correia* — Casou-se a 30 de maio de 1759, na capela da Madre de Deus, S. João d'El-Rei, com Domingos Francisco Machado de Azevedo, natural da Freguesia de Santa Leocadia de Paradela, termo da vila de Barcelos, arcebispado de Braga, filho legítimo de Domingos Francisco de Azevedo, e Damiana João. Com enorme descendencia.

## § 4.º

*Margarida Maria de Jesús Correia* — Casou-se a 30 de maio de 1759, no mesmo local que a irmã, com Francisco João Machado de Azevedo, irmão de Domingos João e, como ele, natural de Santa Leocadia. Faleceu Margarida em 1833, na Ponte do Turvo, onde residia. Deixou oito filhos que tem hoje enorme descendencia e dos quais descobrimos:

- 1 — 1 — Antonio Francisco de Azevedo, c.d.
- 1 — 2 — Bonifácio Antonio de Azevedo, c.d.
- 1 — 3 — Maria Joaquina de Azevedo, c.d.
- 1 — 4 — Inacia Cândida de Jesús de Azevedo, casada com Bento José Ferreira de Guimarães, filho legítimo de Domingos Ferreira e Rosaria Cândida de Barros, português, natural da freguesia de S. Lourenço, arcebispado de Braga; falecida em 1793.
- 2 — 1 — José Bento Ferreira da Silva Guimarães, n. em 1798, c. em 1818 com sua prima Mariana Carlota de Almeida Leite Guimarães (1805-1862), filha legítima do sargento-mor Joaquim Leite Ribeiro (1772-1809) e de D. Jacinta Maria de Almeida (1774-1846).
- 3 — 1 — Joaquim Leite Ribeiro Guimarães, n. em 1820, c. com D. . . . ., c. d.
- 3 — 2 — Major José Bento Ferreira Leite Guimarães, n. em 1823, f. em 1907, c. com sua prima D. Constança de Almeida Magalhães (1840-1913), c. d.

- 3—3—D. Maria Jacinta Guimarães Leite Ribeiro, Viscondessa de Araxá (1825-1880), c. com seu primo Dr. Domiciano Leite Ribeiro, Conselheiro de Estado e Visconde de Araxá (1812-1881).
- 3—4—Custodio Ferreira Leite Guimarães (1825-1888), c. com sua prima D. Isabel Teixeira Leite Guimarães.
- 3—5—D. Francisca Carolina Leite Guimarães (1828-1915) f. s. d.
- 3—6—Dr. Francisco Leite Ribeiro Guimarães (1831-1897), c. com sua prima D. Emilia Dorner Teixeira de Almeida, c. d.
- 3—7—D. Mariana de Almeida Leite Guimarães (1832-1880), f. s. d.
- 3—8—D. Ana Alexandrina Teixeira Leite, baronesa de Vassouras (1834-1880), c. com seu primo Francisco José Teixeira Leite, barão de Vassouras (1804-1884), c. d.
- 3—9—D. Luiza Augusta Guimarães de Almeida (1839-1899), c. com seu primo Batista Caetano Teixeira de Almeida, c. d.

## § 5.º

*Escolástica Maria de Jesús Morais* — Nascida a 22 de dezembro de 1745, casada a 9 de janeiro de 1764 com o sargento-mor José Leite Ribeiro, português, filho legítimo de Francisco Leite Ribeiro e Isabel Ferreira, natural de Santa Eulalia do Barroso, termo de Guimarães, arcebispado de Braga, n. em 1723, e grande minerador de ouro no Rio das Mortes. Falecido em São João d'El-Rei a 4 de outubro de 1801. Faleceu D. Escolástica em S. João d'El-Rei a 25 de junho de 1823.

- 1—1—José Leite Ribeiro, n. a 2 de dezembro de 1764, casado com . . . , com descendencia.
- 1—2—Capitão Manuel Ferreira Leite, n. em 1766, casado em 1792 com Josefa de Sousa Monteiro (irmã do Barão de Itambé), com grande descendencia.
- 1—3—Ana Maria de Jesús Leite Ribeiro, n. em 1768, casada com o português José Maria da Silva, com grande descendencia.



- 1 — 4 — Padre João Ferreira Leite, n. a 14 de junho de 1769 e falecido em 1840. Juiz de órfãos de S. João d'El-Rei, cavaleiro professo na ordem de Cristo.
- 1 — 5 — Sargento-mor Joaquim Leite Ribeiro, n. a 27 de dezembro de 1772, falecido em 1809, casado com Jacinta Maria de Almeida, com grande descendencia.
- 1 — 6 — Capitão Antonio Leite Ribeiro, n. em 1773, casado com Bernardina Constança de Barros, falecido em 1848, com grande descendencia.
- 1 — 7 — Maria Custodia da Assunção, nascida em 1776, casada em 1794 com Francisco Pinto de Magalhães (1765-1820), com grande descendencia.
- 1 — 8 — Francisco Leite Ribeiro, n. a 13 de agosto de 1780, casado com Teresa Vidal, com grande descendencia.
- 1 — 9 — Custodio Ferreira Leite, Barão de Aiuruoca, n. a 3 de dezembro de 1782, f. em 1859, a 17 de novembro, casado com Teresa de Magalhães Leite (+ 1868), com descendencia. Personalidade de alto relevo filantrópico e civilizador, popularíssimo nas provincias de Minas-Gerais e Rio de Janeiro. Com descendencia.
- 1 — 10 — Domingos Ferreira Leite Ribeiro, n. a 10 de abril de 1783, falecido em moço, solteiro, quando estudava no Rio de Janeiro, em 1801.
- 1 — 11 — Teresa, n. a 11 de agosto de 1784, f. na infancia.
- 1 — 12 — Comendador Anastacio Leite Ribeiro, n. a 15 de agosto de 1787, casado com D. Maria Esmeria Ferreira Leite, com grande descendencia.
- 1 — 13 — Floriano Leite Ribeiro, n. a 1.º de março de 1790, casado com Ana Josefa Teixeira e Sousa, com grande descendencia.
- 1 — 14 — Francisca Bernardina do Sacramento Leite Ribeiro, Baronesa de Itambé, nascida em S. João d'El-Rei, a 4 de junho de 1781, aí casada a 13 de setembro de 1802, falecida em Vassouras, a 6 de setembro de 1864. Seu marido Francisco José Teixeira, Barão de Itambé por carta imperial de 15 de novembro de 1846, nasceu em S. João d'El-Rei, freguesia da Conceição da Barra, na fazenda da Ilha, pertencente a seus pais. faleceu em Vassouras, a 29 de março de 1866. Era o barão de Itambé filho do Cap. Francisco José Teixeira, minerador de fábrica consideravel no Rio das

Mortes, português, natural de S. Tiago de Cuxila, comarca de Guimarães, arcebispado de Braga (1750-1788) e de D. Ana Josefa de Sousa, nascida em 1758 em S. João d'El-Rei e aí falecida a 23 de janeiro de 1808; neto paterno de Belchior Gonçalves, natural de S. Tiago de Cuxila e Helena Teixeira, natural de Santa Maria de Vieda, neta materna de André Martins Ferreira, português, nascido em 1730, e de D. Maria de Sousa Monteiro, natural de S. João d'El-Rei.

Esta última era filha legítima de Domingos Monteiro Lopes, português, e de D. Mariana de Sousa Monteiro, brasileira.

- 2—1— Comendador José Eugenio Teixeira Leite, nascido na Conceição da Barra, a 28 de julho de 1803, casado a 25 de janeiro de 1835 com sua prima Maria Guilhermina Cândida Teixeira Leite. Falecido a 31 de janeiro de 1873, em sua fazenda do Mar-de-Espanha, com descendencia.
- 3—1— José Eugenio Teixeira Leite Filho, f. s. d.
- 3—2— Francisco Leopoldo Teixeira Leite, f. s. d.
- 3—3— D. Maria Teixeira Leite, c. com seu primo Carlos Artur Teixeira Leite, c. d.
- 3—4— João Teixeira Leite, f., s. d.
- 3—5— D. Francisca Teixeira Leite, primeira mulher de seu primo-irmão João Evangelista Teixeira Leite, c. d.
- 3—6— D. Ana Teixeira Leite, segunda mulher de João Ev. Teixeira Leite, c. d. hoje extinta.
- 2—2— Comendador, de Cristo e da Rosa, depois Dignitario da Rosa, Francisco José Teixeira Leite, Barão de Vassouras, por carta imperial de 17 de maio de 1871, grande do Imperio por carta imperial de 18 de novembro de 1874. Nasceu na fazenda da Ilha, Conceição da Barra, S. João d'El-Rei, Minas-Gerais, a 13 de novembro de 1804, e faleceu em Vassouras a 12 de maio de 1884, Casou-se a 22 de fevereiro de 1830 com sua prima-irmã D. Maria Esmeria Teixeira Leite (nascida a 14 de dezembro de 1814 e falecida em Vassouras a 11 de novembro de 1850), filha do Comendador Anastacio Leite Ribeiro, e de D. Maria Esmeria Leite Ribeiro. Desposou em segundas nupcias, a 2 de julho de 1851,

sua prima em segundo grau Ana Alexandrina Teixeira Leite (nascida em Barra Mansa a 11 de maio de 1834, e falecida no Rio de Janeiro a 22 de novembro de 1880), filha do Cap. José Bento Ferreira da Silva Guimarães (1798-1842) e de D. Mariana Carlota de Almeida Leite Guimarães (1805-1862). Teve o Barão de Vassouras do primeiro matrimonio:

- 3 — 1 — D. Ambrosina Teixeira Leite, nascida em 1830, casada em 1846, com o Dr. Caetano Furquim de Almeida (1816-1879), falecida em 1853; com grande descendencia.
- 3 — 2 — D. Maria Paulina Teixeira de Almeida (1835-1907), segunda mulher (em 1853) do Dr. Caetano Furquim de Almeida, com descendencia.
- 3 — 3 — Joaquim Américo Teixeira Leite, falecido solteiro em S. Paulo, onde cursava a Faculdade de Direito (1839-1856).
- 3 — 4 — Carlos Artur Teixeira Leite, casado com sua prima-irmã D. Maria Teixeira Leite (1846-1896), filha de 2—1, com descendencia (1840-1888).
- 3 — 5 — Francisco Carlos Teixeira Leite (1837-1912), casado com sua prima Leopoldina Vidal Teixeira Leite (1843-1891), neta de 1—8, com descendencia. Faleceu em 1912.
- 3 — 6 — Custodio Alfredo Teixeira Leite (1843-1892), casado com D. Isabel Pinto Ferraz (1850-1889), sem descendencia.
- 3 — 7 — Anastacio Teixeira Leite (1844-1912), casado com D. Maria José Barcelos Teixeira Leite (1852-1927), sem descendencia.

Teve o Barão de Vassouras do segundo matrimonio:

- 3 — 8 — Coronel Alfredo Carlos Teixeira Leite (1852-1897), casado com D. Francisca Alves Barbosa Teixeira Leite (1857-1896).
- 3 — 9 — Dr. Eugenio Teixeira Leite (1853-1927), casado com D. Ambrosina Alves Barbosa Teixeira Leite.

- 3 — 10 — D. Cristina Teixeira Leite d'Escragnolle Taunay, Viscondessa de Taunay (1854-1938), casada com o Dr. Alfredo d'Escragnolle Taunay, Senador do Imperio e Visconde de Taunay (1843-1899), com descendencia.
- 3 — 11 — Afonso Teixeira Leite (1855-1874), falecido estudante.
- 3 — 12 — Dr. Leopoldo Teixeira Leite (1859-1932), casado com D. Inez Figueira de Melo Teixeira Leite (1868-1927), com descendencia.
- 3 — 13 — D. Eugenia Teixeira Leite da Silva Teles, (1865-1934), casada com o Dr. Augusto Carlos da Silva Teles (1851-1923), com descendencia.
- 3 — 14 — Francisco José Teixeira Leite Junior (1870-1885), falecido estudante.
- 3 — 15 — D. Margarida Teixeira Leite Penido, casada com o Dr. Feliciano Duarte Penido (1859-1904), com descendencia.
- 2 — 3 — Comendador João Evangelista Teixeira Leite, nascido na Conceição da Barra, S. João d'El-Rei, a 15 de maio de 1807, casado a 26 de outubro de 1837 com sua prima D. Ana Bernardina de Carvalho Leite (1816-1851), filha dos primeiros Barões do Amparo, Comendador Manuel Gomes de Carvalho e D. Francisca Bernardina Leite Gomes Carvalho (1800-1875); faleceu o Comendador João Evangelista Teixeira Leite em Vassouras, a 16 de março de 1861.
- 3 — 1 — João Evangelista Teixeira Leite, c. com suas primas-irmãs Francisca e Ana Teixeira Leite, c. d.
- 3 — 2 — Francisco Augusto Teixeira Leite, f. s. d.
- 3 — 3 — D. Amelia Teixeira Leite de Carvalho, segunda baronesa do Amparo, c. com seu tio Joaquim Gomes Leite de Carvalho, segundo barão do Amparo, c. d.
- 3 — 4 — D. Francisca Teixeira Leite Soares de Sousa, c. com o Conselheiro Francisco Belisario Soares de Sousa, c. d.

- 3—5—D. Ana Teixeira Leite Rodrigues Torres, viscondessa de Torres, c. com o Dr. Cândido Rodrigues Torres, visconde de Torres, com descendencia, hoje extinta.
- 2—4—Mariana Alexandrina Teixeira de Almeida, nascida em Conceição da Barra, a 18 de dezembro de 1808, falecida em S. João d'El-Rei, a 28 de junho de 1842, casada a 2 de setembro de 1827 com Batista Caetano de Almeida, nascido a 3 de maio de 1797 e falecido a 24 de junho de 1839.
- 3—1—D. Mariana Teixeira de Almeida, c. com seu tio coronel Carlos Teixeira Leite.
- 3—2—D. Emilia Dorner Leite Ribeiro Guimarães, c. com seu primo Dr. Francisco Leite Ribeiro Guimarães, c. d.
- 3—3—Batista Caetano Teixeira de Almeida, c. com sua prima D. Luiza Augusta Guimarães de Almeida, c. d.
- 3—4—Manuel Furquim Teixeira Leite de Almeida, f. s. d.
- 2—5—Comendador Antonio Carlos Teixeira Leite, nascido a 26 de julho de 1810, na Conceição da Barra, e falecido a 20 de outubro de 1877. Casado em primeiras nupcias com sua prima-irmã D. Mariana Jesuína Teixeira Leite, e em segundas com a irmã desta, D. Umbelina Cândida Teixeira Leite (1823-1873); com descendencia de ambos os casamentos.
- 3—1—Dr. Carlos Alberto Teixeira Leite, c. com sua prima D. Mariana de Abreu Teixeira Leite, c. d. hoje extinta.
- 3—2—Jorge Luiz Teixeira Leite, c. com D. Julia P. da Silva Teixeira Leite, s. d.
- 3—3—Luciano Arnaldo Teixeira Leite, f. s. d.
- 3—4—João Olímpio Teixeira Leite, f. s. d.
- 3—5—Antonio Carlos Teixeira Leite, c. com . . .  
..... s. d.
- 3—6—Custodio Teixeira Leite Sobrinho, c. com sua prima D. Francisca de Brito Teixeira Leite, c. d.
- 3—7—D. Umbelina Teixeira Leite dos Santos Silva, baronesa de São Geraldo, c. com o Dr.

Joaquim José dos Santos Silva, barão de São Geraldo, s. d.

- 3—8—D. Ernestina Teixeira Leite, c. com o seu primo Dr. Alfredo Leite Ribeiro, s. d.
- 2—6—Dr. Joaquim José Teixeira Leite, nascido na Conceição da Barra, a 6 de fevereiro de 1812, casado com D. Ana Esmeria Correia de Castro Teixeira Leite, filha dos Barões de Campo Belo, a 15 de agosto de 1847; falecido no Rio de Janeiro, a 14 de novembro de 1872.
- 3—1—D. Francisca Teixeira Leite, f. s. d.
- 3—2—D. Eufrasia Teixeira Leite, f. s. d.
- 2—7—Coronel Carlos Teixeira Leite, nascido a 28 de julho de 1814, casado com D. Mariana Alexandrina Teixeira Leite, sua sobrinha, filha de 2—4, a 6 de setembro de 1844, e novamente com sua prima D. Carlota Augusta do Couto Teixeira Leite, a 18 de outubro de 1858. Falecido em Vassouras, a 27 de março de 1873.
- Do 1.º matrimonio:
- 3—1—D. Mariana T. L. de Almeida Magalhães, c. com seu primo Dr. Guilherme de Almeida Magalhães, c. d.
- 3—2—Carlos Teixeira Leite, f., s. d.
- 3—3—Luciano Teixeira Leite, c. com D. Ana de Sales Cunha, c. d.
- Do 2.º matrimonio:
- 3—4—D. Francisca Teixeira Leite Bruhns, c. com Manuel Pedro da Silva Bruhns, c. d.
- 3—5—Francisco José Teixeira Leite, f. s. d.
- 3—6—Ernesto Teixeira Leite, f. na infancia.
- 3—7—D. Julieta Teixeira Leite, f. na infancia.
- 3—8—D. Estefania Teixeira Leite, f. na infancia.
- 2—8—D. Ana Jesuina Cândida Teixeira Leite, nascida a 10 de dezembro de 1815, casada com seu primo-irmão Comendador Luciano Leite Ribeiro, falecida em Vassouras, a 7 de setembro de 1899, sem descendencia.
- 2—9—D. Maria Gabriela Teixeira Leite, nascida a 28 de setembro de 1817, casada com seu primo Comendador Francisco José Teixeira e Sousa (1800-1871). Faleceu a 21 de agosto de 1883.

- 3—1—D. Francisca Teixeira Leite Furquim de Almeida, c. com o Dr. José Caetano Furquim de Almeida, c. d.
- 3—2—D. Emilia Teixeira Leite de Carvalho, baronesa do Rio Negro, c. com seu primo Manuel Gomes de Carvalho, barão do Rio Negro, c. d.
- 3—3—D. Isabel Teixeira Leite Guimarães, c. com seu primo Custodio Ferreira Leite Guimarães, c. d.
- 3—4—D. Mariana Teixeira Leite Cintra, c. com o Comendador Joaquim Arsenio Coelho Cintra, c. d.
- 3—5—Dr. Artur Teixeira Leite, c. com sua prima D. Cecilia Marcondes Teixeira Leite, c. d.
- 2—10—Comendador Custodio Teixeira Leite, nascido em 1819, falecido em Nice, a 1.º de fevereiro de 1882. Foi casado com sua prima Teresa Vidal Teixeira Leite, de quem houve dois filhos falecidos na adolescencia.
- 2—11—Pedro Teixeira Leite, nascido a 20 de julho de 1823, f. na primeira infancia.

## § 6.º

*Catarina Vitoria de Assunção Correia* — Filha póstuma de Lourenço Correia Sardinha, c. com Inacio da Rocha Porto.

## § 7.º

*Antonio Marinho de Moura.*

## § 8.º

*Luzia Perpetua de Moura* — Casou-se com o Dr. Joaquim da Silva Tavares, primo de seu pai, português, com grande descendencia.

## § 9.º

*Manuel de Moura Marinho.*

## § 10.º

*Josefa Joaquina de Moura.*

## CAPÍTULO II

*Angela de Morais* — E' mencionada no testamento de seu cunhado Lourenço Correia Sardinha.

## CAPÍTULO III

*José de Morais de Oliveira* — E' mencionado no inventario de sua irmã Maria de Assunção e Morais como tendo sido tutor dos seus sobrinhos filhos desta.

## OBSERVAÇÕES

Encontra-se no tomo VIII, página 515 da *Genealogia Paulistana*, de Luiz Gonzaga da Silva Leme, título "Oliveiras", uma referencia seca, pura e simples, ao consorcio de Antonio Vieira de Morais e Ana Pires, esta filha de Matias de Oliveira Lobo e Ana de Morais Madureira, paulistas, aquele filho de Antonio Vieira ou Antonio Vieira Dourado, português, e Francisca de Macedo, paulista.

Os autos de casamento deste casal, restaurados em parte, mas assaz truncados e deteriorados, pertencem ao Arquivo da Curia Arquiepiscopal Metropolitana de S. Paulo (Estante 4, gaveta 2, livro 9, processo 1). Realizou-se o casamento a 20 de dezembro de 1720.

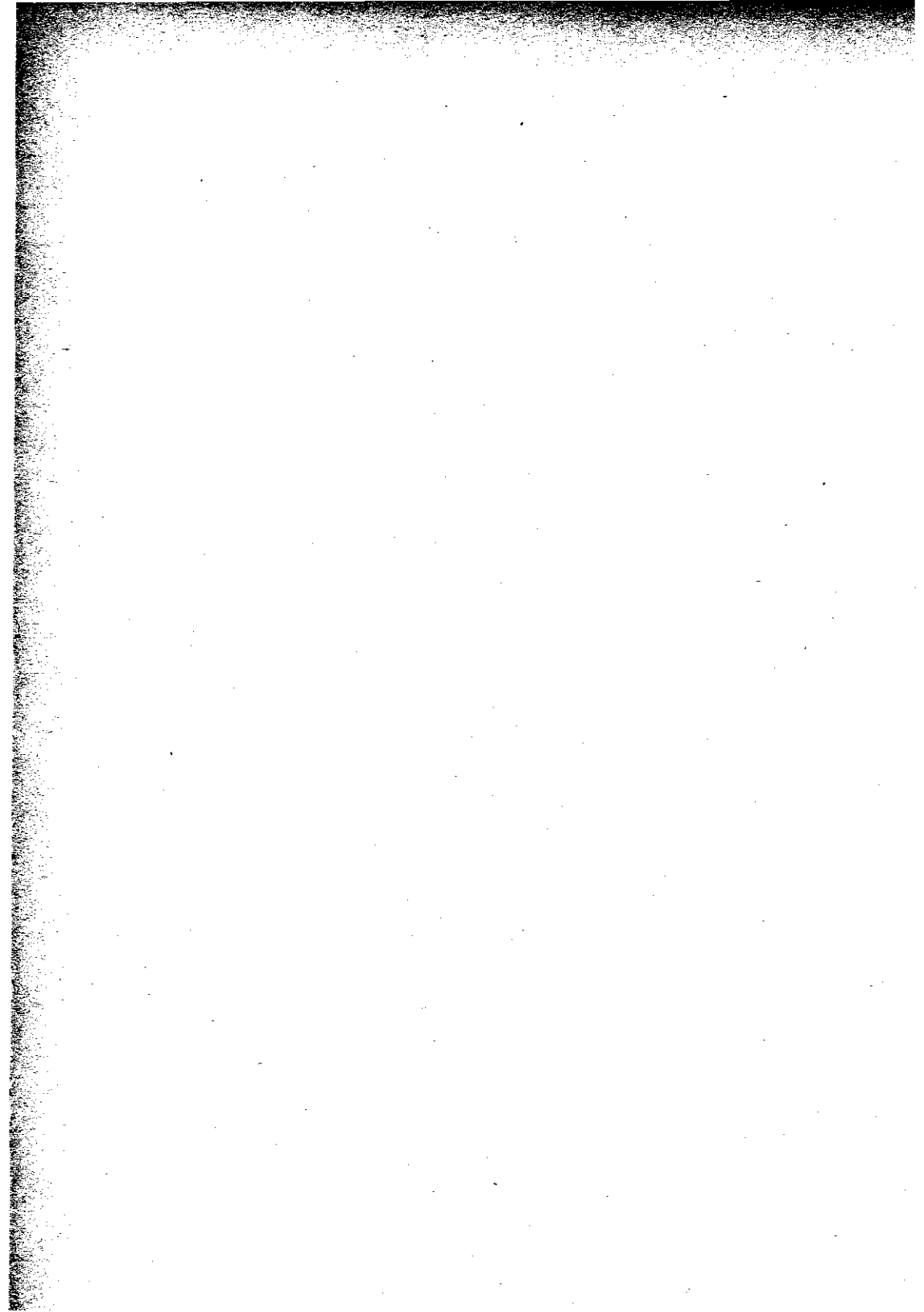
Foram eles que nos permitiram a recomposição da ascendencia dos dois nubentes, graças aos trabalhos de Silva Leme e Pedro Taques. Assim, sabemos que Antonio Vieira de Morais era filho de um português emigrado para as Minas-Gerais, comarca do Rio-das-Mortes, em principios do século XVIII, e estabelecido na vila de S. João d'El-Rei. Quando nasceu e quando morreu, é o que não sabemos. Sua mulher, Francisca de Macedo, a quem desposou em 1692 e em S. Paulo parece filiar-se, pelo nome, ao tronco dos Ramalhos, conforme observação do douto genealogista Dr. Américo de Moura, cuja autoridade com relação às velhas linhagens paulistas é digna do máximo acatamento.



Não será filha, sobrinha ou prima da Francisca que Silva Leme (I, 44) diz ser filha de Ascenço Dias de Macedo, neto ou bisneto de João Ramalho, falecido em Taubaté em 1669, e de sua mulher Ana Maria de Freitas?

Assim, pouco sabemos da ascendencia de Antonio Vieira de Moraes. Em compensação, a de sua mulher se prende à historia do primeiro povoamento vicentino.

O fato de nada haver Silva Leme dito a respeito da descendencia de Antonio Vieira de Moraes e Ana Pires de Oliveira, explica-se pelo fato de que, assim como aconteceu a tantos milhares de paulistas povoadores do centro e do Sul do Brasil, os descendentes do casal se mantiveram nas terras centrais, na mineração do ouro e depois transmigraram para as terras fluminenses do vale do Paraíba, para aí abrirem lavouras de café. Assim perdeu o genealogista o contacto com as gerações subsequentes do casal. De Antonio Vieira de Moraes e Ana Pires de Oliveira há enorme descendencia. Só da sua neta Escolástica Maria de Jesús Correia, mulher do sargento-mor José Leite Ribeiro, há talvez mais de cinco mil descendentes, atualmente, espalhados em Minas-Gerais, Rio de Janeiro e S. Paulo, das familias Leite Ribeiro, Ferreira Leite, Teixeira Leite, Almeida Magalhães, Ribeiro do Vale, Leite Guimarães, Sá Leite, Vidal Leite, etc., e seus aliados.



# Um caso de improbidade científica

(*A propósito de uma memoria do Prof. Julio Duhem, da Escola Normal de Montpellier, sobre Bartolomeu de Gusmão e publicada no número de 1936 de Thalès, órgão oficial do Instituto de Historia das Ciencias e das Técnicas, da Universidade de Paris*)

Afonso de E. Toumay

## I

Há longos anos trabalho, sabem-no bem os leitores do *Jornal do Comercio*, na codificação de quanto se escreveu de valioso e importante sobre a biografia e o invento do Padre Bartolomeu de Gusmão (1685-1724) inventor do aerostato de ar quente e primeiro inventor nascido no Novo Mundo.

Neste sentido publiquei na edição literaria hebdomadaria do *Jornal do Comercio*, dos domingos, nada menos de 76 longos artigos, outros tantos capitulos de minha obra, dos quais 9 em 1932, 29 em 1933, 19 em 1934, 7 em 1935, etc.

Em 1934 imprimi o primeiro dos meus dois volumes sobre o assunto, sob o título *A vida gloriosa e trágica de Bartolomeu de Gusmão*. Apareceu no *Anuario da Escola Politécnica de São Paulo*, para 1934, e em separata, S. Paulo — 1934 — Escolas Profissionais Salesianas, pp. 218 (265 m/m 170 m/m).

No ano seguinte, 1935, saiu a segunda parte da obra; *Bartolomeu de Gusmão e sua prioridade aerostática*, tambem no *Anuario da Escola Politécnica de São Paulo*, para 1935 e em separata (S. Paulo — 1935 — Escolas Profissionais Salesianas, pp. XII, I — 293; (265 m|m 170 m|m) com o resumo da biografia do inventor e documentos traduzidos para o francês, inglês e alemão (pp. 275-292).

Havendo-se esgotado estas duas tiragens aos dois volumes imprimiu o Museu Paulista em seus *Anais* (tomos VIII e IX) e em separata ambos em 1938.

(1938 — Imprensa Oficial do Estado de S. Paulo, pp. 521 e VI (160 m|m 235 m|m) e (1938 Imprensa Oficial do Estado de S. Paulo, pp. 524 e VI; 160 m|m 235 m|m).

Estas segundas edições resultaram da ampliação considerável da matéria das primeiras, com bastantes novidades de valia e correção de diversos erros cometidos nas primeiras tiragens.

O meu principal trabalho foi com o maior cuidado reunir o enorme material publicado sobre Gusmão e sua obra, sobretudo em Portugal e no Brasil.

Tive então o auxilio generoso e desinteressado de numerosos eruditos de alto valor. Entre eles citarei no primeiro plano o Marquês de Faria, de tão saudosa memoria, a mim sobremodo grata, pois o auxilio recebido deste amigo generoso, a quem nunca vi, foi o mais consideravel.

Entre os brasileiros citarei o douto Rodolfo Garcia, diretor da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, os eminentes escritores Embaixador Luiz Guimarães Filho, Alberto Rangel e Ministro Caio de Melo Franco que a meu pedido pesquisaram, frutuosamente, nos arquivos do Vaticano, franceses e holandeses.

Entre os portugueses os prestigiosos eruditos e autores Carlos Alberto Ferreira, arquivista da Torre do Tombo; Coronel Gustavo T. Correia Neves, Professor Joaquim de Carvalho, Drs. Artur de Magalhães Basto, A. Lopes da Silva, A. G. da Rocha Madahil. Na Inglaterra auxiliou-me Lord S. Gaselee, do Foreign Office; na Alemanha o Conde de Klinckowstroem, na Italia o douto P. Galileu. Venturini, o Diretor Vichi, da Biblioteca Nacional de Roma, diretores Zanella de Florença, Buraggi de Turim, etc.

Timbrei sempre em todas as páginas de meu trabalho, de praticar com o maior rigor o *suum cuique* agradecendo sempre as generosas e preciosas coadjuvações, recebidas de colaboradores graciosos do Brasil e da Europa.

Por minha parte realizei pesquisas longas conseguindo bastantes novidades e de real valor no Arquivo da Curia Arquiepiscopal de São Paulo, na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, etc., examinando com o maior afincio a documentação antiga e recente, a confrontá-la com todo o cuidado possivel.

E da aproximação dos documentos que ainda não se fizera, por estarem sobremodo esparsos, conseguí demonstrar que a famosa estampa chamada de *Passarola*, nefasta aos créditos do inventor, não passa de verdadeira mistificação. Coisa que ainda não se fizera, declarou Magalhães Basto, na imprensa do Porto.

Em 1936, o eminente professor francês, da Sorbonne, Sr. Henri Häuser, então a fazer um curso na Universidade do Brasil, visitou o Museu Paulista. Pediu-me então que comunicasse os meus trabalhos a seu amigo e discípulo Professor Jules Duhem, da Escola Normal do Montpellier, de quem jamais ouvira eu falar até aquele dia.

Estava ele a compor grande obra sobre os primórdios da aerostação e aviação, comunicou-me.

Prontifiquei-me a fazê-lo logo e remeti os dois volumes de minhas primeiras edições, ao Professor Duhem de quem imediatamente recebi as mais laudatorias cartas das quais a primeira datada de 25 de julho de 1936.

Rogou-me logo de início o Professor Duhem, encarecidamente, que nada deixasse de publicar sobre o assunto Gusmão que lhe não remettesse.

Em sua carta de 25 de outubro de 1938 o Professor Duhem pediu-me licença para me chamar seu mestre tendo em vista o que me devia em relação ao seu trabalho para o esclarecimento do enigma máximo da historia aeronáutica: a questão Gusmão. (*Permettez-moi de vous donner ce titre de Maître en considération de ce que je vous dois dans mes travaux, spécialement pour l'éclaircissement de l'enigme majeure en histoire aéronautique: la question Gusmão*).

Já a 25 de julho de 1936 me escrevera que o Professor Häuser lhe enviara o meu "precioso livro": *Bartolomeu Lourenço de Gusmão e a sua prioridade aerostática*.

E comentava: "E' preciso haver estudado apaixonadamente a questão como faço desde muito tempo (a historia dos precursores da navegação aerea) para atribuir o justo valor a uma interpretação histórica, tão perfeita dos documentos confrontados. Sinto-me feliz por ter sempre ao meu alcance o seu excelente livro e lastimo não poder assistir às suas conferencias sobre este grande assunto. No caso em que o Sr. haja realizado sobre a questão Gusmão alguma descoberta nova, ainda não citada no seu livro, tenha a bondade de ma comunicar.

"A como que solidariedade que une os estudiosos me autoriza a vos endereçar este pedido que, estou certo, será bem acolhido."

*(Il faut avoir étudié passionément cette question, comme je la fais, depuis longtemps, pour apprécier à sa valeur une aussi parfaite interprétation historique des documents, que vous confrontez. Je suis heureux d'avoir toujours à ma portée votre excellent livre, mais je regrette de ne pouvoir suivre les conférences que vous donnez sur ce grand sujet.*

*Au cas où vous auriez opéré sur la question Gusmão ou quelque découverte nouvelle que ne fut pas citée dans votre ouvrage, ayez la bonté de m'en faire part. L'espèce de solidarité que unit les gens d'étude m'autorise à vous adresser cette demande, qui sera bien accueillie, j'en suis sûr).*

Surpreso de encontrar no meu volume a reprodução de uma estampa italiana de 1709 cujo conhecimento eu devia à amabilidade do Marquês de Faria e ele dizia haver comprado na Italia, indagava o Professor Duhem:

"Permita-me perguntar-lhe qual a fonte do grande *fac simile* da pág. 194 de seu livro: *Estampa italiana anônima*. Comprei em Roma em 1934 o original desta estampa realmente curiosa. Talvez o Sr. já a conhecesse antes."

*(Permettez-moi de vous demander quelle est la source du grand fac simile (page 194) de votre ouvrage: Estampe italienne anonyme. J'ai acheté à Rome en 1934 l'original de cette pièce vraiment curieuse. Vous aviez pu être une communication de cette figure auparavant).*

Redobrando de amabilidades, escrevia-me novamente o Professor Duhem, a 12 de janeiro de 1937, sempre de Montpellier, que estivera doente. Mas como já se achasse bem melhor os médicos lhe haviam permitido continuar o seu trabalho.

"A melhora sensível que começa a se manifestar em meu estado vai me permitir a leitura do seu segundo volume, de pena em punho, como entendo fazê-lo, afim de aproveitar de todas as suas luzes sobre a grande questão Gusmão.

"Não sei porem si terei forças para haurir-lhe a substancia de um só esforço, pois uma vista d'olhos rápida me faz perceber coisas novas que exigem muita atenção."

*(Le mieux sensible que commence à se manifester dans mon état va me permettre d'en entreprendre la lecture, la plume à la main, comme j'entends le faire, afin de profiter de toutes*

*vos lumières sur la question Gusmão. Je ne sais pourtant si j'aurai la force d'en épuiser la substance que exigent beaucoup d'attention).*

E acrescentava — “O Sr. Henri Hauser mandou-me gentilmente um recorte de jornal muito util, pois me informa acerca de suas últimas descobertas relativas a Gusmão. Si lhe aprouver mandar-me notas novas sobre o assunto, anticipo-lhe a minha gratidão.” (*Monsieur Henri Houser m'a bienveillamment envoyé une coupure fort utile pour moi parce qu'elle m'a renseigné sur vos dernières decouvertes relatives à Gusmão. S'il vous plaît de me faire parvenir des notes nouvelles sur Gusmão, d'avance je vous en exprime toute ma gratitude.*)

Dizia-me então o Professor Jules Duhem que meus trabalhos seriam profusamente citados em sua *Bibliothèque Préaéronautique*, e, ao mesmo tempo, pedia licença para se referir, pura e simplesmente, a meu nome sem outra fórmula de cortesia, como devia e podia razoavelmente fazê-lo “quando se tratava de invocar autoridade tão eminente quanto a minha” (sic!).

*(Je désire vous demander la permission de vous citer (à cause de la fréquence) en vous nommant sans autre formule de courtoisie que votre nom seul comme on doit et comme on peut raisonnablement le faire quand il s'agit d'invoquer une autorité aussi éminente que la vôtre (sic!).*

Por fim voltava o Professor Duhem à carga a propósito da estampa italiana a me repetir que possuía o original desta peça, reproduzida à pág. 194 de meu segundo volume (*Je possède l'estampe anonyme italienne que fait l'objet du fac simile de la page 194 de votre bel ouvrage: Bartolomeu de Gusmão e a sua prioridade aerostática. Cette pièce est vraiment remarquable*).

Nesta mesma carta avisava o Professor Duhem que me ia remeter alguns artigos de sua lavra, esparsos em diversas revistas. E anotava:

“Perdoe-me a mediocridade de tal remessa. Para o futuro irá coisa melhor”. (*Excusez la médiocrité d'un tel envoi, je ferai mieux à l'avenir.*)

Vieram com efeito diversas destas publicações enriquecidas das mais encomiásticas dedicatorias.

A 25 de setembro de 1938 escrevia-me novamente o Professor Duhem, agora de Vic-sur-Cère: “Senhor e caro mestre

(sic!). Permita-me atribuir-lhe este título de mestre pelo que lhe devo para os meus trabalhos (sic) especialmente para o aclaramento do máximo enigma da historia' aeronáutica: a questão Gusmão.

"Aqui recebi, nas solidões da Auvergne, a segunda edição de sua bela obra e quero exprimir-lhe toda a minha gratidão. Conhece o Sr. o lugar eminente que ocupa na galeria dos sabios (sic!) de cujas obras, me valho. Meus trabalhos sobre a pre-aeronáutica estão terminados. A minha "*Biblioteca aeronáutica anterior a Montgolfier*" compõe-se de três volumes: I — Das origens a Leonardo da Vinci; II — De Leonardo da Vinci a Bartolomeu de Gusmão; III — De Bartolomeu de Gusmão a Montgolfier.

"Vê o Sr. que, rompendo com a tradição que concedia exagerada importancia a Lana, é Gusmão quem, a meu ver, fixa o começo do terceiro periodo."

*(Monsieur et cher maître. Permettez-moi de vous donner ce titre de maître en consideration de ce que je vous dois dans mes travaux, spécialement pour l'éclaircissement de l'énigme majeure en histoire aeronautique: la question Gusmão.*

*J'ai reçu ici, dans les solitudes de l'Auvergne, la seconde édition de votre bel ouvrage et je vous exprime toute ma reconnaissance.*

*Vous savez quelle place éminente vous occupez dans la galerie des savants dont j'ai utilisé les ouvrages. Mes travaux sur la pre-aéronautique sont terminés. Ma Bibliothèque aéronautique avant Montgolfier est constituée par trois volumes ainsi composés: I — Des origines à Leonard da Vinci. II — De Leonard da Vinci à B. de Gusmão. III — De B. de Gusmão à Montgolfier. Vous voyez que rompant avec une tradition qui accordait une importance exagérée à Lana c'est Gusmão qui marque selon moi le commencement de cette troisième période.)*

Em principios de 1939, recebi um volume de *Thalès*, a grande e tão prestigiosa revista francesa, órgão official do *Institut d'Histoire des Sciences et des Techniques de l'Université de Paris* e do *Centre d'Études de Philosophie et d'histoire de la Philosophie dans leurs rapports avec les sciences*.

Era o relativo a 1935, segundo ano, publicado por Felix Alcan em 1936, em Paris.



A pág. 106 se me deparou um artigo da lavra do Professor Duhem: *Les aérostats au moyen âge d'après les miniatures de cinq manuscrits allemands*.

Ao alto da pág. 106 vinha a seguinte dedicatória que não discrepou do tom laudatorio das cartas já conhecidas do leitor: "Ao Sr. Afonso de E. Taunay em testemunho de gratidão e admiração. Montpellier, 20 de março de 1939. (a) J. Duhem. (*À Monsieur Affonso de E. Taunay, témoignage de reconnaissance et d'admiration. Montpellier, le 20 Mars 1939. J. Duhem*).

Pouco depois me chegava uma carta do Professor Duhem datada de Montpellier a 28 de março de 1939.

Informava-me de que ainda não acabara a sua *Biblioteca Aeronáutica*.

E mais uma vez me enchia de amabilidades.

"Sabe o Sr. o grande apreço que me merecem os seus trabalhos tão atraentes e tão reveladores. Em minha obra de tal faço solene praça depois de os ter frequentemente citado nos artigos esparsos que apareceram em diversos periódicos. Acabo de aproveitar as novidades publicadas na nova edição de seus dois grandes livros sobre Gusmão. E' para mim uma obrigação agradecer-lhe, em nome de todos aqueles que lhe são gratos por haver, afinal, feito luz sobre o enigma Gusmão. Quantas vezes invoquei o seu depoimento em discussões relativas ao Voador!

"Peço-lhe que aceite a homenagem de algumas pequenas publicações minhas, numeros de revistas, que contém algumas amostras de meus trabalhos. E' pouca coisa relativamente aos dois magníficos livros que o Sr. tão benevolamente me enviou, após me haver já presenteado com os exemplares das primeiras edições."

*(Vous savez le grand prix que j'attache à vos travaux si attrayants et si révélateurs. J'en rends solennellement témoignage dans mon ouvrage paru en différents périodiques. Je viens de faire état des additions publiées, dans la nouvelle édition de vos deux grands ouvrages sur Gusmão. Et c'est une obligation pour moi de vous remercier au nom de tous ceux qui vous sont reconnaissants d'avoir enfin fait la lumière sur l'enigme Gusmão.*

*Que de fois, j'ai invoqué votre témoignage dans les discussions relatives au Voador!*

*Je vous prie d'agréer l'hommage de quelques petites publications séparées, numeros de revues, qui contiennent quelques*

*echatillons de mes travaux. C'est peu de chose en comparaison des deux magnifiques ouvrages que vous m'avez si bienveillamment adressés, après m'avoir déjà fait présent des premières éditions.)*

E insistindo sobre um assunto que visivelmente o preocupava (e contrariava) dizia o Professor Duhem: "Sabe o Sr. que eu possuo o único original da gravura italiana *Barca che naviga per l'aria*, de que o Sr. deu uma boa reprodução? Comprei-a na Italia há quatro anos" (*Savez-vous que je possède l'unique original de la gravure italienne (Barca che naviga), dont vous donnez une bonne réproduction? Ja l'ai acquise en Italie il y quatre ans*).

Procurando de algum modo retribuir tanta efusão cordial a tantas finezas, anunciei na introdução da segunda tiragem do meu: *Bartolomeu de Gusmão e sua pruridade aerostática* (pág. 12) que o "douto autor francês Sr. Professor Julio Duhem, da Escola Normal de Montpellier, vinha realizando sobre os primórdios da aerostação colossal trabalho de pesquisa."

Ao estalar a guerra em setembro de 1939 apressei-me em escrever ao Professor Duhem, visitando-o e apresentando-lhe os meus votos mais cordiais.

Respondeu-me por carta de 24 de janeiro de 1940, muito grato e anunciando-me que suspendera em virtude do estado de guerra, o inicio da publicação de sua obra.

Em fins de 1939, contou-me o meu excelente amigo Dr. Francisco Venancio Filho, o incansavel paladino da difusão da cultura no Brasil e douto catedrático do nosso Instituto de Educação, que um seu amigo, há tempos, lera, em Paris, na revista *Thalès*, longo trabalho do Professor Duhem, em que este autor fizera excelente atualização do caso Gusmão, à luz de vultosos documentos modernos. E desta leitura lhe ficara a impressão de que o autor apenas de relance se referira aos meus ensaios, parecendo ignorar a existencia dos meus volumosos livros.

Respondi ao meu douto informante — homem de cordialidade e de lealdade perfeitas — que deveria haver engano de informação. Comigo mantinha o Professor Duhem as melhores relações, enchia-me dos mais rasgados e imerecidos elogios e acima de tudo dava-me a impressão de pessoa da maior boa fé e probidade. Com certeza o informante lera por alto o artigo sobre os cinco aerostatos alemães onde não havia motivo algum para referencias às minhas pesquisas.

Em março próximo passado apareceu-me o Dr. Francisco Venancio em São Paulo trazendo-me o número de *Thalès* que conseguira obter de seu amigo.

Com a generosidade do homem inexcelsivelmente leal e reto que é exprimiui-me as suas dúvidas sobre a lisura do procedimento do Prof. Duhem.

Causou-me logo à primeira vista real estranheza o fato do volume de *Thalès* ser antigo, datava de 1936, impresso porém em 1938, com atraso portanto de dois anos. Por que razão teria deixado o Professor Duhem de me mandar de presente esta revista de 1938, já antiga?

Quando me enviara o número anterior com a dedicatória de 28 de março de 1939, já estava o de 1938, velho, nas livrarias, o número III de *Thalès*. E depois de tal oferta encerrara-se o Professor Duhem em completo mutismo sobre a suas atividades pelas colunas de *Thalès*...

A razão era única, simples e clara como a luz meridiana da clássica frase feita:

E' que neste número de 1938 publicara o seu longo trabalho: *La machine volante de Gasmão d'après une figure unique de 1709*, doze páginas de grande formato apresentando aos leitores do órgão oficial do Instituto de Historia das Ciências e das Técnicas, a atualização do caso Gasmão, a *mise au point* do caso Gasmão, fruto de "longas pesquisas" graças à qual ele, Duhem, reunira as peças essenciais à revelação de que o papel do *Voador* é extraordinario, capital na historia da aeronáutica. Assim coligira: "documentos fundamentais sobre o homem, sua vida, os escritos que ele deixou e suas experiencias aeronáuticas".

*"Une longue enquête nous a fait réunir les pièces essentielles à cette révélation, documents fondamentaux sur l'homme, sur sa vie, sur les écrits qu'il a laissés, sur ses experiences aeronautiques"*.

E dominado pelo aborrecimento de haver achado a tal estampa italiana e não a haver revelado ao público em primeira mão, ainda afirma que de todos os seus achados a peça mais preciosa era a gravura única que tivera a felicidade de descobrir na Italia. (*La pièce la plus precieuse est une gravure unique que nous avons eu le bonheur de decouvrir en Italie*).

Percorri o longo artigo do Sr. Duhem e desde logo percebi que seu grande, o seu capital, o seu único empenho era esconder

aos leitores de *Thalès* e ao público francês a existencia daqueles malsinados volumes do seu *nègre* literário brasileiro que ao autor de *Alem Mar*, a quem tão altisonantemente elogiara, a esse, valera as exaltadas manifestações de sua gratidão transbordante ainda a 28 de março de 1939, um ano após o seu golpezinho de perfeita perfidia...

Más seria demasiado que nem sequer uma vez mencionasse o nome de seu, particularmente, tão gabado informante.

Assim três vezes aparece o nome do mesmo, uma vez como publicador de desenhos do Padre Himalaia, outra como "gusmanólogo" e afinal outra como "sabio gusmanólogo brasileiro", isto a propósito de uma referência de insignificante valor sobre o aspecto teratológico da famosa estampa mistificatoria da Passarola.

Há ainda uma quarta: um quinau que o Sr. Duhem prega em "Taunay e outros gusmanólogos" a propósito de uma alusão literaria que ele descobrira e eu aliás nunca cogitara em desvendar.

Ora perante o público francês, perante os leitores franceses, que valor pode ter esta referencia "ao sabio gusmanólogo Afonso de E. Taunay" *tout court?* Que lhes diz este nome a eles totalmente ignoto? Nada, absolutamente nada! o que sobressai são as novidades apresentadas pelo Sr. Duhem como fruto de suas "longas pesquisas", de que provieram os tais documentos fundamentais e a famosa estampa italiana.

A meu ver, acostumado a respeitar escrupulosamente o direito alheio e a honradez da pesquisa histórica, devia o Sr. Prof. Duhem ter tido a hombridade de declarar onde se habilitou a fazer as "longas pesquisas" que lhe valeram as relações com o Prof. Hauser, a estada deste mestre no Brasil e a correspondencia com o autor dos dois volumes. Nestes, graças a seu conhecimento excelente do português, poude encontrar o prato feito para a sua "*longue enquête*" limitada quasi que só à leitura muito atenta dos dois livros brasileiros.

Quer me parecer que uma noção de ética elementar, sobretudo depois das manifestações que me fizera, o deveria ter levado a começar o seu artigo com a apresentação das fichas bibliográficas:

a) Afonso de E. Taunay — Da Academia Brasileira. *A vida gloriosa e trágica de Bartolomeu de Gusmão*. São Paulo — 1934. Escolas Profissionais Salesianas — pp. 218; 265 m|m. 170 m|m.

b) Afonso de E. Taunay — Da Academia Brasileira — *Bartolomeu de Gusmão e a sua prioridade aerostática* — São

Paulo — 1935. Escolas Profissionais Salesianas, pp. XII, I — 293; 265 m|m. 170 m|m.

c) Afonso de E. Taunay — *A vida gloriosa e trágica de Bartolomeu de Gusmão* — 1938 — Imprensa oficial do Estado de São Paulo, pp. 524 — VI; 160 m|m. 235 m|m.

d) Afonso de E. Taunay — *Bartolomeu de Gusmão e a sua prioridade aerostática* — 1938 — Imprensa oficial do Estado — São Paulo — pp. 524 — VI; 160 m|m. 235 m|m.

E não seria nada censurável, pelo contrário! que o Sr. Prof. Duhem houvesse ainda inculcado aos seus leitores que no segundo e no quarto destes volumes havia resumos em francês, inglês e alemão, da biografia de Gusmão e a tradução nestas linguas dos documentos que esteiam os seus direitos à prioridade aerostática.

Os processos de impecável probidade dos eruditos e dos sábios de França aí estavam para lhe indicar o caminho da lealdade e da retidão.

## II

No número de *Thalès* (que como já disse é órgão oficial e prestigioso do Instituto de Historia das Ciências e das Técnicas da Universidade de Paris), número que corresponde aos trabalhos anuais de 1936, mas que só em 1938 foi impresso, pela livraria Felix Alcan, aparece uma monografia, da lavra do Prof. Jules Duhem, da Escola Normal de Montpellier, cujas demonstrações de apreço a meu respeito tão excessivas por vezes se mostraram.

Este artigo intitula-se *La machine volante de Gusmão d'après une figure unique de 1709*.

Recebi, como disse, a prestigiosa revista por intermedio de meu prezadíssimo amigo Prof. Francisco Venancio Filho, o indefesso propugnador de nossa cultura a que não se contenta em crescer com os altos ensinamentos da cátedra e das obras didáticas, ensaios científicos e pedagógicos, além do culto comovedor consagrado à memoria de um dos maiores escritores brasileiros.

Percebeu o meu prezado amigo, logo à primeira vista, conhecido perfeito que é dos meus trabalhos sobre B. de Gusmão, como procedera o professor da Escola Normal de Montpellier.

E assim a sua amizade não só o levou a me estranhar, por carta, o inesperado procedimento do Prof. Duhem como a me entregar, pessoalmente, em S. Paulo, o número de *Thalès* causador de toda esta questão.

Si ela é verdadeira tempestade em copo d'água, não deixa de ser pitoresca afirmação de quanto o bímiliário e famosíssimo *Sic vos non vobis*, do imortal mantuano, continua a encontrar adeptos por este vasto Universo.

Isto sem exceção da bela capital do departamento do Hérault, a formosa cidade, patria de São Roque e de Augusto Comte, entre outras celebridades, famosa pela sua Faculdade de Medicina e sede da Escola Normal Superior onde professa o Sr. Julio Duhem, o mais perfeito pesquisador de todos os tempos, acerca da vida e da obra de Bartolomeu de Gusmão, em longas, aturadas e sobretudo probas pesquisas.

Assim a parafrasear (embora quebrando-o) o famoso verso vergiliano, posso plenamente exclamar: *Hosego libros feci, tui alter honores!*

Li a monografia do Prof. Duhem com a mais viva curiosidade. Suas primeiras linhas encantaram-me. Verifiquei que compartilha de minha firme convicção de que a prioridade aerostática cabe irrefragavelmente ao imortal filho de Santos a quem tão consideravelmente defendo.

Assim declara o Sr. Duhem que dois homens dominam a historia da conquista dos ares pelo homem: "Leonardo da Vinci, precursor da aviação, Bartolomeu de Gusmão, realizador do aerostato."

"O prestigio de seus trabalhos, o misterio de seus destinos requerem longa pesquisa e rigoroso exame."

"Para Leonardo, realizou-se a obra da ressurreição. Gusmão, o voador, ainda espera pela justiça e a verdade."

E depois deste intróito, escreve S. S.: "*Longas pesquisas valeram-nos coligir as peças essenciaes a tal revelação, documentos fundamentais sobre o homem, sua vida, escritos de sua lavoura e experiencias aeronáuticas que realizou.*"

Depois desta declaração ocorre outra relativa a uma estampa anônima italiana de 1709 em que S. S. declara ter tido a felicidade de descobrir na Italia e da qual dá, em seu artigo, a mesma reprodução que eu já fizera em 1935 na minha obra: *Bartolomeu de Gusmão e a sua prioridade aerostática*, aí de-

clarando aliás que já não era inédita, pois o Marquês de Faria (que ma comunicara) já a divulgara em Portugal. E além de tudo, dela havia noticia no *Bibliófilo Romano* (boletim trimestral do antiquário C. E. Rappaport, Roma, 1934, ano 27, n. 78, p. 2).

Mas deixemos de lado por enquanto esta historia da estampa italiana que o Sr. Prof. Duhem "teve a felicidade de descobrir na Italia". Voltemos para outro caso que é pitoresco.

Li pois com a maior atenção a monografia do professor de Montpellier, certificando-me daquilo que o Sr. Prof. Henri, da Sorbonne (o seu apresentador a mim), já me dissera saber: compreenderia S. S. perfeitamente o português dos dois tomos alentados de que eu lhe fizera presente. Não lhe seria quasi preciso valer-se das páginas do resumo biográfico em francês, nem da tradução que eu fizera dos documentos esteadores dos direitos do *Voador*, textos franceses existentes nas páginas finais do meu livro.

Assim o Sr. Prof. Julio Duhem inculcou aos seus leitores franceses e não franceses de *Thalès* magnífico apanhado biográfico de Bartolomeu de Gusmão, acompanhado das mais estudadas minucias.

Tanta erudição lhe afeta contudo a memoria, abolindo-lhe a lembrança da existencia da abundante fonte onde a adquirira: os dois volumes de seu outrora tão elogiado correspondente, o obscuro brasileiro a quem pedira licença para chamar "Sr. e caro mestre", depois de lhe declarar que na sua opinião ele decifrara o enigma Gusmão.

Um dever de elementar probidade científica (e cavalheirismo), quer me parecer, devia forçá-lo a assinalar aos seus leitores, desde logo, desde o principio do seu artigo, a existencia dos dois volumes brasileiros onde encontrara o prato feito, as tais *longas pesquisas*, que lhe haviam determinado a revelação da prioridade de Gusmão.

Longe disto! Ocultou, e com o mais extremo cuidado, aos seus leitores, onde fora buscar aquele manancial copioso de exame da documentação luso-brasileira e estrangeira, aquela consolição por mim feita dos trabalhos ingentes de tantos paladinos consagrados à causa da defesa dos direitos do *Voador*.

E graças a Deus sempre com a inflexível citação da materia coligida e examinada do absoluto respeito ao *suum cuique*...

Não fui eu o único atingido, e sim sobretudo muitos dos mais ilustres nomes da bibliografia portuguesa e brasileira: Freire de Carvalho, Augusto Filipe Simões, F. Recreio, Visconde de S. Leopoldo, Varnhagen, Visconde de S. Romão, Inocencio F. da Silva, J. de Brito Rebelo, Camilo Castelo Branco, Manuel M. Rodrigues, Vieira Fazenda, M. Gomes Himalaia, Marquês de Faria, B. Calisto, Gustavo T. Correia Neves, A. Magalhães Basto, Julio Dantas, A. B. da Costa Veiga, Joaquim de Carvalho e quantos mais?

E não só portugueses e brasileiros, ainda alemães, franceses, italianos, ingleses, como Baltasar Wilhelm, o Conde de Klinckowstroem, F. Denis, Galileu Venturini, S. Gaselee.

Grande trabalho me deu reunir toda esta bibliografia. Facilitou-me este labor a larga doação de livros, opúsculos, etc., sobre o *Voador*, feita pelo Marquês de Faria, espontanea e generosissimamente.

Tambem penso que jamais deixei de indicar uma só vez que fosse, no milheiro de páginas de meus dois volumes, a procedencia de todas as descobertas e opiniões de autores cujos achados procurava amalgamar aos frutos de minhas pesquisas proprias, por vezes frutuosas e as de meus amigos, já citadas no meu primeiro artigo.

Mas o Sr. Duhem entendeu agir de modo diverso. Em todo caso, lembrando-se prudentemente de que era o possuidor de sua calorosa literatura epistolar, achou que convinha lembrar aos seus leitores a vaga existencia do seu correspondente brasileiro.

Não como o creador principalissimo da fonte de "suas lougas pesquisas", mas como "gusmanólogo", coisa que nada dizia ao seu público ignorante por completo de quem poderia ser este vago *gusmanólogo*: o pobre *nègre littéraire* de S. S., que com tamanha boa fé lhe mandara de presente os volumes solicitados e acolhidos com tamanha explosão de gratidão... epistolar.

Tal a generosidade de S. S. que obstinadamente ocultando a existencia de meus volumes em todo caso se deixou levar ao gesto magnânimo de me chamar uma vez "*savant gusmanologue brésilien*" para contar que eu achara qualquer coisa de folclórico no aspecto teratológico da famosa estampa apócrifa da *Passarola!* Pitoresco! Importante caso!

Depois deste grande rasgo de gratidão contou ainda que eu publicara uns tantos desenhos do Padre Himalaia.



Por último teve o ensejo de citar-me dando-se o prazer de me pregar um "quinau" "a mim e a outros gusmanólogos", isto a propósito de um tópico do relato de Soares da Silva sobre as experiências do Voador. Tópico de que jamais cogitei com empenho, pois a deixa' positiva da bibliografia espanhola é claríssima e o Sr. Duhem não terá precisado de "longas pesquisas" para atingir o fim colimado.

Este "Taunay e outros gusmanólogos" são uma prova da solidez da *Gusmanologia* do Sr. Duhem.

Como poderiam os "outros gusmanólogos" que não eu conhecer o documento que se mantivera inédito até fins de 1934, ano em que o Coronel Costa Veiga o revelou ao público, e o aproveitei logo depois?

Entretanto o Sr. Duhem *esqueceu-se* de dizer donde proviera "certo documento curioso, recentemente desvendado, soterrado desde 1720 nas obras do poeta italiano Pier Jacopo Martello".

Documento descoberto pelo douto Galileu Venturini que dele não pudera utilizar-se por deficiência de conhecimentos da bibliografia gusmânica luso-brasileira, e tive a felicidade de fazer, pelo seguimento natural das coisas no decorrer da confecção de meus livros.

Para dar ares de maior erudição à sua monografia, fala o Sr. Duhem, acompanhada de notas por baixo das páginas, por vezes longas e refertas de citações, notas que o leitor desprevenido poderá tomar como o fruto das tais "longas pesquisas" de Sua Senhoria.

São treze nas treze grandes páginas do artigo de *Thalès*.

Destas trezes notas, só a três cabe ao Sr. Duhem a paternidade legítima. As demais são coisas extraídas dos meus textos e poderiam perfeitamente ser incluídas no corpo da monografia. Mas assim não a enfeitariam aos olhos dos leitores maravilhados de tamanha erudição...

Três delas (1, 2 e 3 da pág. 58) destinam-se a dar idéia ao público do que S. S. realizou, das suas longas pesquisas em bibliotecas alemãs, quando não passam do aproveitamento do trabalho do Conde de Klinckowstroem, como citei rigorosamente (cf. *B. de Gusmão e sua prioridade aerostática*, pp. 191, 193, 197) quando o Sr. Duhem cuidadosamente cala o nome deste fidalgo erudito. A nota 4 da pág. 58 do Sr. Duhem é quasi *ipsis litteris* o que Filipe Simões escreveu e eu transcrevi à pág. 48 do volume de minha primeira edição.

A nota da pág. 59 era desnecessaria. Refere-se a uma descoberta do Marquês de Faria, que eu citei no mesmo volume à pág. 183. Assim também a nota da pág. 63 o leitor a encontrará ainda no mesmo meu livro à pág. 105.

A primeira nota das págs. 64, desnecessaria ao leitor francês, não passa do resumo de minhas págs. 17 e 18. As duas grandes notas das págs. 56 e 57 são da mesma natureza (págs. 153-154, 29 *et pass.* minhas).

A última nota do Sr. Duhem (pág. 66) origina-se de minhas páginas (p. 346). Assim, pois, das treze notas do sabio gusmanólogo de Montpellier, apenas três procedem "de suas longas pesquisas."

.....

Examinemos agora o corpo do texto do Prof. Duhem, o essencial de sua erudição gusmanológica e oriundo de "suas longas pesquisas".

O seu artigo ocupa as páginas 55 a 67 de *Thalès*, de 1938, convem frisar ao leitor.

As suas páginas 55-59 constituem um conjunto de informações cerradas, demonstrativas de quanto se valeu dos meus dois livros. Assim quanto às descobertas por mim realizadas no Arquivo da Curia Arquiepiscopal de S. Paulo, nos autos de ordenação do Voador e o que reuní às pesquisas antigas e atuais de Baltasar Wilhelm, Venturini, Costa Veiga, Filipe Simões, Marquês de Faria, etc.

Nas págs. 62-65, o Sr. Duhem acompanha-me do modo mais docil a analisar os sete depoimentos existentes sobre as experiências do Voador. Segue servilmente a ordem que adotei e encampa *in totum* a importancia que atribuí a estas diversas peças (cf. obra citada p. 103 *et pass.*).

Tão servil esta copia que S. S. tratando do sexto depoimento se *esquece* de lembrar que a sua primeira divulgação foi a minha, pois mereci do eminente arquivista da Biblioteca da Ajuda, em Lisboa, Dr. Carlos Alberto Ferreira, a comunicação desta peça importante, que ele descobrira no precioso acervo sob sua guarda (p. 109 de meu livro).

Assim sendo só por intermedio do meu trabalho poderia o Sr. Duhem tê-lo achado, no decorrer de suas "longas pesquisas" onde tanta preciosidade armazenou, à custa de formidável esforço.

Mas os famosos "grous de Ibycus" não são apenas uma reminiscência histórica material, recordando a inesperada e providencial superveniência de testemunhos em favor da verdade e da justiça.

Também ocorrem a cada passo os *grous de Ibycus* literários para confundir os aproveitadores do trabalho alheio.

Aparecem agora para apanhar em flagrante o Sr. Prof. Julio Duhem.

*Valeu-se S. S. tão esforçadamente do fruto de suas longas pesquisas... nos meus volumes... que na sua monografia chegou a incluir erros que eu cometera nas primeiras edições das duas obras, as de 1934 e 1935, e corrigi nas imediatas, as de fins de 1938, as que o Sr. Duhem não pôde "aproveitar", pois o seu estudo saiu antes de conhecer os volumes destas tiragens.*

E' deveras pitoresco o caso e o flagrante da armadilha em que S. S. caiu. Leia-me o bondoso leitor atentamente:

A págs. 56, 63, refere-se o Sr. Duhem ao "nuncio Firrao", representante da Santa Sé junto ao Governo de D. João V: "*le nonce Firrao, ambassadeur apostolique en Portugal*".

Porquê? Porque assim lera e em varios lugares no segundo volume de minha primeira edição (pp. IX, 278, 284, 290, etc.).

Depois da impressão do meu livro, havendo eu verificado o grave erro cometido, corrigi-o. O nuncio não era Monsenhor Firrao e sim o Cardeal Conti, mais tarde Papa Inocencio XIII de 1721 a 1723.

Tratei de retificar tão serio engano, como se pode verificar no volume da segunda edição a págs. XI (sobretudo), 102, 105, 106, 453, 456, 466, 473, 476, etc. E eis o motivo pelo qual neste volume encontra o leitor o retrato de Inocencio XIII. Cabe-me agora pedir ao Sr. Prof. Duhem que justifique a sua afirmativa de que o nuncio em Lisboa em 1709 era Monsenhor Firrao. Vai ele derrotar-me graças aos resultados de suas "longas pesquisas". À pág. 425 da segunda edição do meu segundo volume poderão os leitores ver a effigie do Papa Inocencio XIII pendente de uma parede da Sala B. de Gusmão no Museu Paulista.

O final da monografia do Sr. Duhem é um resumo de numerosos capítulos de meus dois volumes (resumo aliás bem feito de umas duas centenas de páginas).

Mas para este resumo encontrou ele mil facilidades não só no seu conhecimento do português como sobretudo no proprio

resumo de minha lavra que *em francês* se acha no fim do meu segundo volume (pp. 275 *et pass.*) da primeira edição.

Seja como for, uma coisa devo reconhecer: da "longa pesquisa" do Sr. Duhem, decorreu excelente apanhado de tudo quanto escreví de essencial em meus dois alentados volumes.

Passemos agora ao último caso: o da famosa estampa italiana de 1709, de cuja divulgação o Sr. Duhem não se consola de não ter sido o autor, como os leitores terão percebido pelo conhecimento dos tópicos de suas diversas cartas a mim, transcritas no meu primeiro artigo.

Para dar grande importancia e relevo à monografia "fruto de suas longas pesquisas" entendeu o Sr. Duhem atribuir a tal estampa extraordinaria valia.

Pretende assinalar aí mais uma vez a profundeza de seus conhecimentos. Certo "sabio antiquario italiano" lhe fornecera a peça, mas não soubera dar-lhe a justa valia.

Começa por esconder quem é este sabio e misterioso antiquario, a quem vamos identificar. Trata-se do Sr. C. E. Rappaport, que, alem de antiquario, é mercador de antiquilhas e sobretudo de livros e estampas raras, publicando a respeito de seus estoques excelentes catálogos que todos os bibliófilos de certo valor e do Universo de sobra conhecem (16, Piazza Trinitá dei Monti em Roma). A estampa do Sr. Duhem, divulgada no *Bibliófilo Romano* redigido pelo Sr. Rappaport (no número 78, pág. 2, 1934), foi publicada logo depois em Portugal pelo Marquês de Faria, de quem a recebí aproveitando-a aqui em 1935 em meu *Bartolomeu de Gusmão e sua prioridade aerostática* (pág. 194).

Eis por terra a prioridade da revelação pretendida pelo Sr. Duhem através de uma ambiguidade de palavras e atitudes que a ninguem engana.

Para fazer valer a sua pseudo-descoberta atribue-lhe o Sr. Duhem importancia que, a meu ver, está muito longe de possuir.

Si o sabio antiquario romano (que realmente o é) nada sabia a respeito das relações entre a estampa e as experiencias de Gusmão, é prova de que os atos do Voador não o haviam ainda interessado.

Quem, por pouco que seja, se acha ao corrente dos fatos, imediatamente compreende a situação.

Para tanto basta ler o cabeçalho da estampa e ver como ele se reporta às promessas da petição do Voador...

*Barca che naviga per l'Aria seicenta miglia per giorno, inventata l'Anno presente in Portogallo per trasportar ogni merce,* é o seu título: "Barca que nos ares percorre diariamente seiscentas milhas e inventada no presente ano, em Portugal, para transportar qualquer especie de mercadorias."

Ora, o nosso Voador prometia em sua petição a D. João V voar duzentas leguas; ora duzentas leguas são seiscentas milhas. Confere portanto. Assim também ainda prometia o transporte de dinheiro, víveres, munições: confere mais uma vez.

Assim a estampa é a nosso ver relativa ao balão do Voador e só a ele, já que ainda por cima a caracteriza a declaração: invenção feita em Portugal.

Como, de que modo aconteceu que esta estampa haja sido feita na Italia? indaga o Sr. Duhem. No seu entender deve ser a copia, sem malicia, de um desenho acaso vindo de Lisboa na primavera de 1709.

E' possível! mas tudo isto não passa de mera conjectura do autor francês: Pensamos que se enquadra antes no gênero meramente gaiato, no gênero caricatural (cf. *Bartolomeu de Gusmão e sua prioridade aerostática*, pgs. 341-343).

Neste meu volume tive a lealdade de fazer uma declaração a propósito do Sr. Duhem e seu achado (cf. p. 343):

"O Sr. Prof. Jules Duhem encontrou e adquiriu o original desta peça raríssima acerca da qual Magalhães Basto escreveu a 13 de março de 1936, no *Primeiro de Janeiro*, o grande jornal do Porto, para ele chamando a atenção do público português.

"Pensa o Sr. Prof. Duhem, que tem em preparo adiantado obras exhaustivas: *Bibliothèque et musée pré aéronautique et essai sur les précurseurs de la navigation aérienne*, que tal estampa se imprimiu em Nápoles."

Assim, agora fica o público informado de que o Dr. Magalhães Basto reproduziu, a 13 de março de 1936, em Portugal, a estampa que aos seus leitores de *Thalès* pretendeu o Sr. Duhem inculcar em 1938 como primícia de inestimável valia...

E tem tal estampa importância relativa, porque não é a única no gênero.

O Marquês de Faria, reproduzindo a Paulo Picca, divulgou duas interpretações um tanto diferentes do invento de Gusmão, gravuras que ilustram os *Versi e prose*, e o poema *Degli occhi di Gesù*, de autoria de Pier Jacopo Martello. Foram estas fi-

guras publicadas em 1710 em Roma: a primeira reproduz a estampa corrente da Passarola, a outra uma outra *Passarola* com algumas modificações.

A estampa a que o Sr. Duhem tanto exalta, tem, como iconografia, tanto valor quanto em prosa a "maravilhosa viagem do Navio Voador que em 24 de junho de 1709 veio de Portugal a Viena com o seu inventor".

Moxinifada gaiata que o Marquês de Faria, com a sua impecavel correção, citando o conde de Klinckowstroem, traduziu para o francês e publicou em 1913.

Não passa de uma destas numerosíssimas lucubrações que a navegação aerea provocou sempre por parte dos cérebros escaudados pela idéia da conquista dos ares, sobretudo antes desta se realizar.

.....

Expondo os argumentos da reivindicação dos meus direitos e dos alheios, daqueles a quem me ufano de haver escrupulosamente respeitado, essa falange de trabalhadores, de varias nações, cujas obras compulsei, afim de biografar, honestamente, o meu compatriota imortal, Bartolomeu de Gusmão, e, honestamente, defender os seus direitos à prioridade aerostática, posso vangloriar-me de uma linha de conduta inflexível, do extremo cuidado com que sempre me reportei ao que representa o trabalho alheio e de que me utilizara.

Assim não procedeu o Sr. Duhem. Acabo de prová-lo do modo mais exuberante, desafiando-o a que desmintá a sinceridade das minhas afirmativas.

Tenho longa experiencia da vida para saber que jamais se arrancará da Humanidade este pendor que, há dois mil anos, levava Vergilio ao famoso *Sic vos non vobis*. Só mesmo incommensuravel ingenuidade me conduziria a pensar em tal disparate.

Si venho a público protestar contra o procedimento do professor de Montpellier, é que a tanto me leva sobretudo a repulsa a uma deslealdade absolutamente incrível!

E'-me o Sr. J. Duhem apresentado pelo seu eminente mestre o professor Hauser. Deseja os meus volumes e eu lhos remeto. Imediatamente. Mando-lhe os livros e adminículos solicitados. Dele recebo as mais laudatorias cartas em termos que chegam ao tom da lisonja. Ei de repente (disto passados dois anos), venho a descobrir que se apropriou do meu trabalho com a sem-cerimo-

nia daqueles tempos já remotos do molieresco "*Je prends mon bien partout où je le trouve*", que a ética moderna repudia.

Outro autor (?) fosse, que acaso, apanhando os meus livros, os houvesse saqueado, pouco me revoltaria.

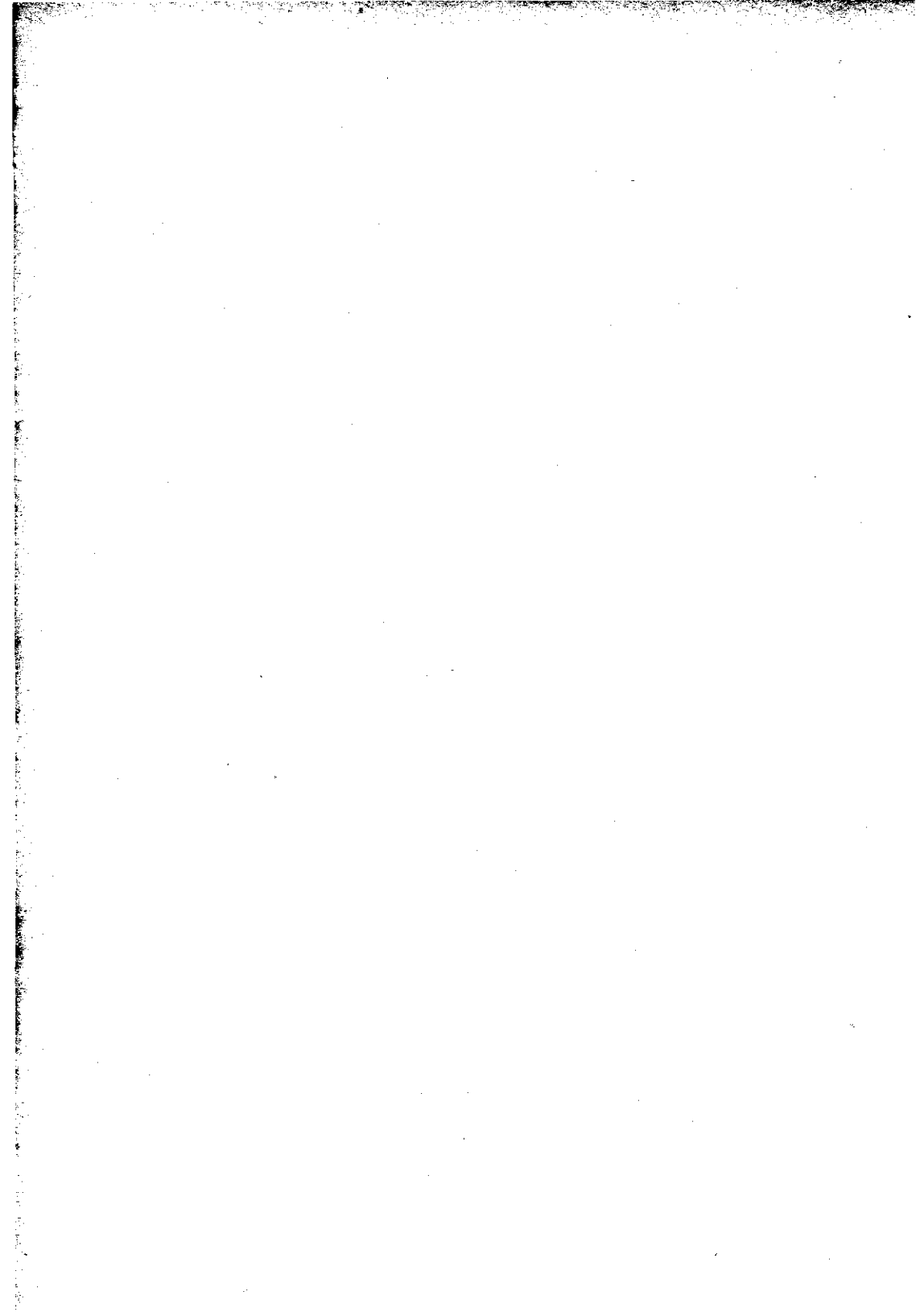
Não seria a primeira vez, diria comigo mesmo, a refletir, o *sic vos non vobis* continua vivaz, aquem e alem Atlântico.

Mas a altíssima opinião que faço da honestidade dos processos dos eruditos e cientistas franceses, o enorme apreço em que tenho a probidade da literatura científica da França e o espírito de perfeita correção que inspira o Instituto de Historia das Ciências e a Universidade de Paris e a direção da sua prestigiosa revista, me leva a trazer a público o procedimento do Sr. Duhem.

Prepara S. S. a sua historia da *pré aeronáutica*...

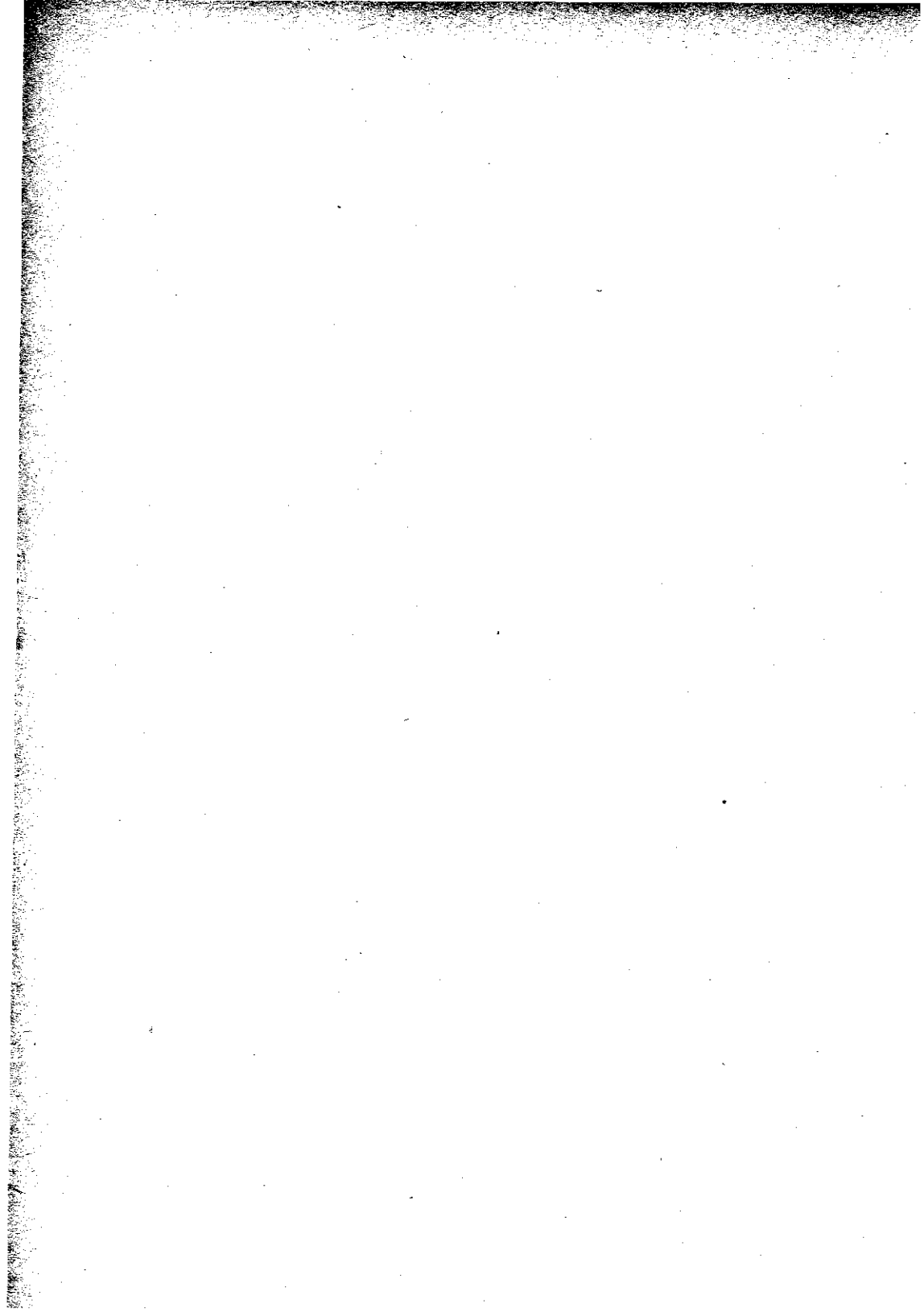
Si com os demais autores, cujas obras compendiou, agiu do modo pelo qual se houve com o seu *ndgre* literario brasileiro, é de crer que este volume em via adiantada de publicação constituirá formidavel repositorio de frutos... no gênero das "longas pesquisas" que S. S. realizou, como as que lhe valeram tamanha erudição, tão completa exação sobre a vida e a obra de Bartolomeu de Gusmão.

E ainda será o Sr. Duhem capaz de lhe dar como epígrafe o famoso dístico montaigneano: *Cecy est un livre de bonne foy*... O que comigo praticou me autoriza a aventar tal hipótese...





**Instituto Histórico e Geográfico  
de São Paulo**



## Relatorio de 1939

Srs. consocios:

Ao reiniciarmos os trabalhos sociais, cumpre-nos apresentar-vos o relatorio da atividade do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo no periodo compreendido entre 25 de janeiro e 1.º de novembro de 1939, ao completar esta instituição o seu 45.º ano de existencia.

FUNDAÇÃO DE SÃO PAULO. — Em sessão inaugural de 25 de janeiro, comemorou o Instituto a passagem do 385.º aniversario da fundação de São Paulo. Alem de grande número de associados, destacou-se, na seleta assistencia, a presença de representantes das autoridades civis, militares e eclesiásticas deste Estado. Usou da palavra o Dr. Felix Guisard Filho, socio correspondente, que produziu, de improviso, longa e substanciosa oração alusiva à data.

NOVOS ESTATUTOS. — Tendo sido restabelecidos, por decisão da assembléia de 5 de outubro de 1938, os estatutos aprovados em 20 de maio de 1932, com algumas modificações, foi a nova redação aprovada em 6 de fevereiro de 1939. A publicação foi feita em folhetos e no volume XXXV da *Revista*. Já se fez, igualmente, o competente registro, na forma da lei.

REVISTA. — Aham-se publicados os volumes XXXV e XXXVI. Está no prelo o volume XXXVII e em preparação os volumes XXXVIII e XXXIX. Neste último, aparecerá o 2.º volume da *Nobiliarquia Paulista*, de Pedro Taques de Almeida Pais Leme, com um prefacio do Dr. Afonso de Escagnolle Taunay. Cogita ainda o Instituto de publicar os volumes esgotados ou raros da *Revista*.

VISITAS. — Foram feitas visitas de cordialidade aos Srs. Drs. Afonso de Escagnolle Taunay, Álvaro de Sales Oliveira, Frederico de Barros Brotero e Julio Cesar de Faria, o primeiro, presidente honorario do Instituto, e os três últimos, respectivamente, 1.º vice-presidente, 2.º e 3.º. Tambem foram visitados, em carater de cordialidade, os socios honorarios D. Francisco de Aquino Correia, arcebispo de Mato-Grosso, por ocasião de sua recente passagem por São Paulo, e D. José Gaspar de Afonseca e Silva, por motivo de sua elevação ao arcebispado de São Paulo. Em virtude de se terem achado enfermos, foram ainda visitados os Srs. Drs. Teodoro Braga, José Francisco de Queiroz Teles e Prof. Dacio Pires Correia.

SUBVENÇÃO. — O Instituto recebeu, no mês de julho, a subvenção de Rs. 100:000\$000 (cem contos de réis), dada pelo Governo do Estado. Para esse fim, muito contribuiu a boa vontade sempre manifestada pelas autoridades para com o Instituto, cumprindo destacar-se

o nome do Dr. José de Moura Rezende, então secretario da Interventoria e atualmente secretario da Justiça e Negocios do Interior.

**LEGADO TESTAMENTARIO.** — Recebeu ainda o Instituto, recentemente, das mãos do Dr. Francisco Morato, testamenteiro do finado Coronel Julio Conceição, a quantia de Rs. 5:000\$000. A respeito, o Dr. José Torres de Oliveira, presidente perpetuo, enviou ao Dr. Francisco Morato um officio, já publicado pela imprensa, pedindo-lhe se dignasse de "apresentar à familia do illustre extinto, especialmente à sua nobre viuva, os nossos mais vivos agradecimentos por mais esse ato de generosidade, que se veio juntar aos muitos com que esse egregio paulista sempre revelou seu apreço e devotamento a esta instituição, que há muito tem seu nome inscrito no quadro de seus socios beneméritos".

**ATAS.** — Como sabeis, a publicação das atas das sessões do Instituto esteve por muitos anos interrompida, o que constituia serio embaraço aos que desejavam colher dados relativos aos nossos trabalhos. Assim é que nenhuma ata aparece impressa entre os volumes XX e XXXI, pois naquella se encontram as atas de 1915 e somente neste a publicação se reinicia com as de 1916. Essa tarefa está agora, em vias de completarse, com o aparecimento do volume XXXVIII, no qual se incluirão as atas referentes ao periodo de 1934 a 1936.

**SESSÕES.** — O Instituto realizou, no decurso do ano social findo, 13 sessões, uma das quais, extraordinaria, em 25 de março, foi especialmente consagrada à cerimonia de posse do novo socio honorario, General Cândido Mariano da Silva Rondon, cujo discurso foi publicado, na integra, nas páginas da *Revista*, juntamente com a saudação que lhe dirigiu o Dr. José Torres de Oliveira, presidente perpetuo.

**SOCIOS FALECIDOS.** — Em sessão magna de 1.º de novembro, pela palavra erudita e eloquente do orador official, Dr. José Carlos de Ataliba Nogueira, manifestou o Instituto o seu pesar pelo falecimento dos seguintes associados: D. Duarte Leopoldo e Silva, Dr. Francisco Ferreira Ramos, Dr. Joaquim Francisco de Assiz Brasil, Oscar Pereira da Silva, Dr. Herculano Crispim de Carvalho, Cônego Dr. José Valois de Castro, Dr. Rodolfo von Ihering, Comendador Leoncio do Amaral Gurgel e Dr. José de Paula Leite de Barros. O discurso necrológico, que constitue magnifica peça histórico-literaria, será publicado no próximo volume da *Revista*.

**NOVOS SOCIOS.** — São os seguintes os novos socios do Instituto, eleitos no transcurso de 1939: honorarios, General Cândido Mariano da Silva Rondon, D. José Gaspar de Afonseca e Silva, D. Francisco de Aquino Correia e Dr. Gastão Galhardo Madeira; efetivos, Prof. Antonio Piccarolo, Dr. Rui Bloem, Dr. Aroldo de Azevedo, Roberto Carregal Pompilio Talyer, Comendador Giuseppe Castruccio, Comendador Francesco Pettinati, Dr. Gastão Ferreira de Almeida, Dr. Eurípedes Simões de Paula, Dr. Astrogildo Rodrigues de Melo, Dr. José Bueno de Oliveira Azevedo Filho e Dr. Álvaro Soares de Oliveira; e correspondentes, Dr. Estevão Pinto, Prof. Juan Francisco Recalde, Desembargador José de Mesquita, Cônego Luiz Castanho de Almeida e Prof. Umberto Pranzini.

**PRESIDENTE HONORARIO.** — Após um largo periodo de três décadas, pois data de 1908 a eleição de Rui Barbosa, volta o Instituto a preencher, com o nome fulgurante do Dr. Afonso de Escragnolle Tau-nay, a categoria de presidente honorario. A eleição do egregio consocio

resultou da aprovação, em assembléa de 5 de maio de 1939, de uma proposta subscrita por todos os membros da Diretoria e por elevado número de associados, num total de 71 assinaturas. E' o Dr. Afonso de Escragnoille Taunay o quarto presidente honorario do Instituto, em 45 anos de existencia da Instituição. Foram seus antecessores, em igual posto: Prudente José de Moraes Barros, eleito em 1894; José Maria da Silva Paranhos (Barão do Rio Branco), em 1901; e Rui Barbosa, em 1908.

**COMISSÕES PERMANENTES.** — Por proposta do Dr. José Torres de Oliveira, presidente perpetuo, em sessão de 25 de abril, foi a Comissão de Genealogia e Etnologia, que havia sido criada por decisão de assembléa de 25 de outubro de 1938, desdobrada em duas, continuando como membros da de Genealogia os socios anteriormente nomeados e incluindo-se na de Etnologia os Srs. Drs. Antonio Ferreira Cesarino Junior, Herbert Baldus e Plinio Airosa. A Comissão de Sindicancia e Admissão de Socios passou, igualmente, por uma modificação, em virtude da exoneração concedida ao Dr. Plinio de Barros Monteiro, que foi substituído por portaria de 16 de outubro, em carater interino, pelo Sr. João Batista de Campos Aguirra.

**ORADOR OFICIAL.** — Em sessão de 25 de abril, o Dr. José Torres de Oliveira, presidente perpetuo, comunicou haver nomeado o Dr. José Carlos de Ataliba Nogueira para exercer, interinamente, o cargo de orador oficial do Instituto, por não ter, até então, assumido essas funções o socio eleito em 25 de outubro de 1938. Ulteriormente, na sessão de encerramento dos trabalhos sociais de 1939, tomou-se, por proposta do Sr. Presidente, a deliberação de considerar-se vago, para efeito de nova eleição, o referido cargo.

**SEDE SOCIAL.** — Ainda não foi resolvido o incidente relativo à nossa nova sede. Continuamos, porem, devidamente alojados, e é à Prefeitura que, com o alargamento da rua Benjamin Constant, interessa dar solução conveniente ao assunto, afim de que se faça a demolição do predio atual. Os entendimentos a esse respeito continuam, sempre com o objetivo de salvaguardar os interesses do Instituto, sem criar entretanto dificuldades às autoridades municipais.

**CORRESPONDENCIA E PUBLICIDADE.** — A correspondencia do Instituto está em dia, tendo sido o seguinte o movimento durante o ano de 1939:

<i>Correspondencia Recebida</i>		<i>Correspondencia Expedida</i>	
Cartas .....	134	Agradecimentos de ofertas .....	331
Cartões .....	58	Ofícios .....	178
Ofícios .....	46	Cartas .....	44
Circulares .....	41	Telegramas .....	7
Telegramas .....	7		

A publicidade relativa ao Instituto foi, igualmente, mais ou menos consideravel, no decurso do ano findo, tendo sido publicadas cerca de 50 noticias na imprensa diaria desta Capital.

O Instituto continua a manter as melhores relações com as sociedades congêneres e outras, do pais e do estrangeiro.

**BIBLIOTECA E ARQUIVO.** — O Instituto vem corrigindo aos poucos as falhas existentes na organização destes dois departamentos, os quais vão tendo aumentada a sua frequencia, quer da parte dos socios, quer da parte de estranhos, especialmente professores e alunos de nossos

gimásios e faculdades. Doações valiosas têm sido feitas e a sua relação completa aparece nos volumes XXXVI, já publicado, e XXXIX, em preparação, da nossa *Revista*. Cerca de 300 volumes foram encadernados, e esse trabalho será intensificado no corrente ano. Proceder-se, na medida do possível, à reorganização dos fichários, cujas lacunas são ainda bastante sensíveis. E' regular e muito eficiente o serviço de permutas com as instituições culturais do Brasil e do exterior.

TESOURARIA. — Jamais foi tão próspera a situação financeira do Instituto, cujo prestigio muito lhe tem valido para que o auxiliem as autoridades e os homens de fortuna. O balancete respectivo dar-vos-á uma idéia mais concreta do movimento de nossa tesouraria.

DOCUMENTAÇÃO PARA A HISTORIA DE SÃO PAULO. — Dificuldades de ordem material, estranhas à nossa vontade, têm contribuído para deixar sem concretização as negociações que vêm sendo, de longa data, entabuladas entre o Instituto e o Dr. Artur da Mota Alves, de Lisboa, para a copia de documentos históricos que nos possam interessar nos arquivos portugueses. A esse respeito, a Diretoria mantém com aquele pesquisador assidua correspondencia, da qual espera, finalmente, poder tirar, em breve, uma conclusão prática que solucione o assunto.

TRABALHOS APRESENTADOS E CONFERENCIAS. — Leram trabalhos em sessões do Instituto ou em sua sede realizaram conferencias, durante o ano de 1939, entre outros, os Srs. Dr. Felix Guisard Filho, sobre *São Paulo de Ontem, de Hoje e de Amanhã*, a propósito de 384.º aniversario da fundação de São Paulo; Dr. Geraldo Rúffolo, sobre *Machado de Assis*, em comemoração do centenario do seu nascimento, e sobre o 88.º aniversario da Lei n.º 10, de 7 de Maio de 1851, promulgada pelo Cons. Dr. Vicente Pires da Mota, que instituiu o Cronista da Provincia; Dr. Plínio de Barros Monteiro, sobre *A Origem dos Povos Ameríndios*; Prof. Antonio Piccarolo, sobre *A Economia do Gêtio Brasileiro na Interpretação da Historia*; Dr. Álvaro Soares de Oliveira, sobre *Varnhagen*, a propósito do 61.º aniversario do seu falecimento; Dr. Luiz Filipe Castilhos Goicocheia, sobre *A Questão Acreana*; Dr. Claudio Guns, sobre *Mauá*, a propósito do cincoentenario do seu falecimento; Dr. Adelino da Silva d'Azevedo, sobre *Homo Atlanticus (Pela Prioridade de uma Civilização Ocidental)*; Dr. Francisco Marcondes Vieira, sobre o tema — *Em torno de um Velho Tema de Higiene Mental*; etc., etc.

TEODORO SAMPAIO. — Numa das salas da sede social, inaugurou o Instituto, em 16 de outubro, o retrato a oleo de Teodoro Sampaio, comemorando assim a passagem do 2.º aniversario de sua morte. Estiveram presentes ao ato os Srs. Dr. José Torres de Oliveira, presidente, e Prof. Dacio Pires Correia, tesoureiro, alem de varios socios e funcionarios.

CONGRESSO DAS ACADEMIAS DE LETRAS DO BRASIL. — Tendo sido especialmente convidado para fazer-se representar nesse Congresso, que se realizou no Rio de Janeiro, em dias do mês de junho, teve o Instituto, na pessoa do Dr. Cristovão Camargo, socio correspondente, um delegado brilhante e eficiente, que honrou as nossas tradições de cultura.

GASTÃO MADEIRA. — A exemplo do que fizera em 1903 com Santos Dumont, eleito socio honorario, resolveu o Instituto prestar igual

homenagem ao Dr. Gastão Galhardo Madeira, cujos trabalhos sobre a navegação aerea, publicados em 1892, tiveram plena confirmação ulterior. Esses trabalhos aparecem reproduzidos no volume XXXVII de nossa *Revista* e em luxuosa separata com 150 páginas e amplamente ilustrada, da qual se tiraram 200 exemplares, sendo 100 para o Instituto e as outras 100 para o homenageado.

**GALERIA DE RETRATOS.** — Foi iniciada pelo Instituto a reparação de varias falhas sensíveis existentes em suas galerias de retratos a oleo, especialmente na que se acha localizada no salão nobre como uma homenagem às personalidades dos seus fundadores, presidentes efetivos e presidentes honorarios.

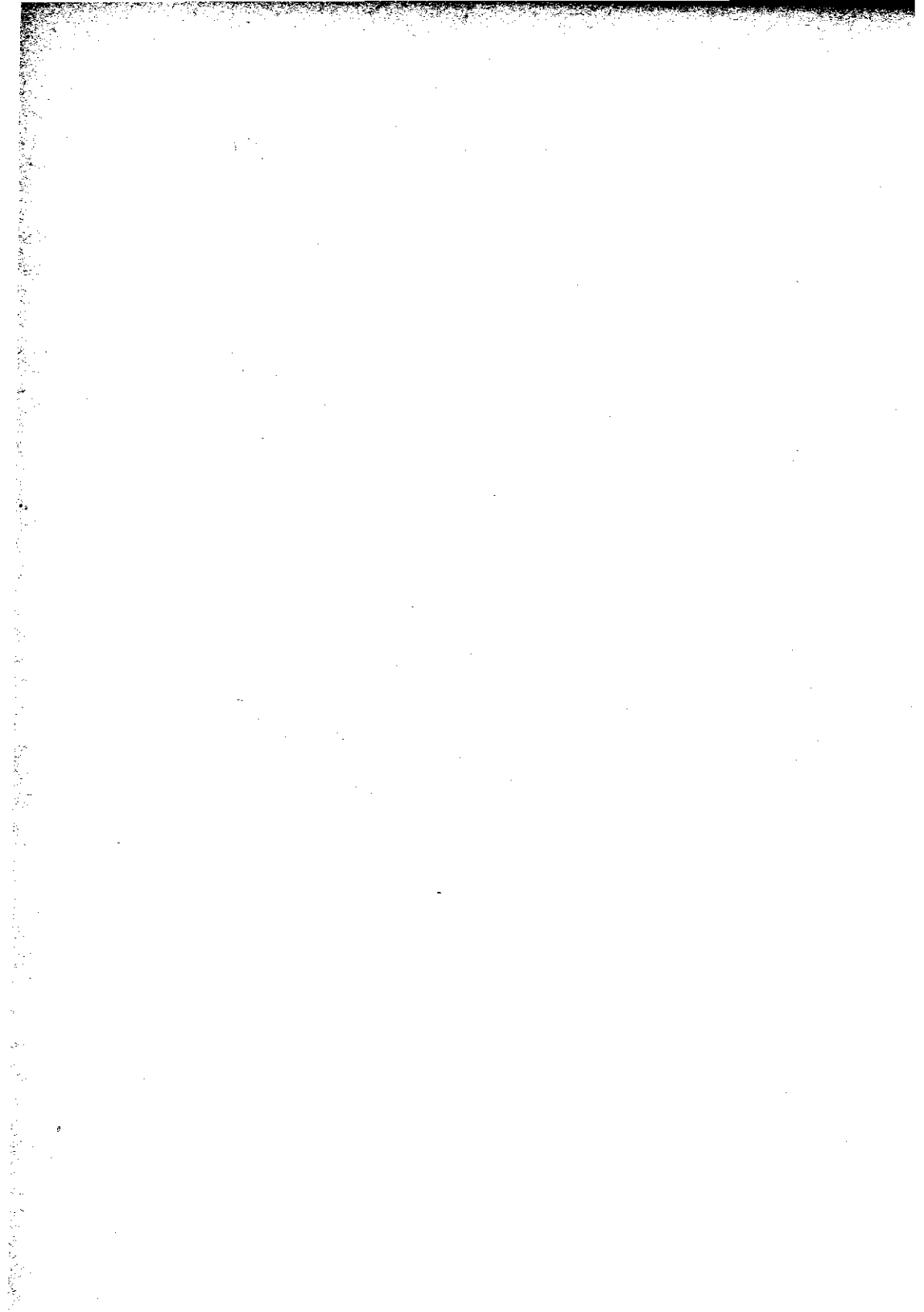
**FICHARIO BIOGRÁFICO.** — Está sendo organizado o fichario biográfico de todos os socios do Instituto, a partir de sua fundação, em 1894. As fichas devem conter, alem da fotografia, nome e categoria do socio, varios outros dados relativos à sua personalidade, tais como naturalidade, data de nascimento, profissão, estado civil, residencia, méritos, etc.

**DISTINTIVOS E CARTEIRAS DE IDENTIDADE.** — Foram cunhados, para uso dos socios, 200 distintivos de prata, que são vendidos mais ou menos ao preço de custo, à razão de Rs. 5\$000 (cinco mil réis) cada um. Dois outros distintivos, de ouro, são de propriedade do Instituto e se destinam ao presidente efetivo e ao presidente honorario. Alem disso, confeccionaram-se 200 carteiras de couro, para efeito de identidade, as quais devem conter, alem de um cartão da tesouraria, um outro com a fotografia, o nome e a categoria do socio.

São esses, prezados consocios, em rápido retrospecto, os fatos essenciais que constituíram a nossa vida administrativa no transcurso do ano social de 1939. Teremos muita satisfação em prestar-vos, caso o desejeis, outros esclarecimentos que porventura considereis necesarios para completar ou melhorar o presente relatorio.

São Paulo, 25 de janeiro de 1939.

A DIRETORIA





# Cadastro Social

(Em junho de 1940)

## PRESIDENTE PERPETUO

José Torres de Oliveira

## PRESIDENTE HONORARIO

Afonso de Escragnoille Taunay

## SOCIOS BENEMÉRITOS

Carneiro, Luiz  
Guimarães, Manuel Pereira  
Ribeiro, Samuel  
Soares, José Carlos de Macedo

## SOCIOS HONORARIOS

Aires, Leopoldo (Padre)  
Arantes, Altino  
Araujo, Deusdedit (Cônego)  
Azevedo, José Vicente de (Conde)  
Barros, Maria Pais de  
Bevilaqua, Clovis  
Camargo, Laudo Ferreira de  
Campos, Pedro Dias de (Coronel)  
Carvalho, Afonso José de  
Carvalho, João Batista de (Padre)  
Chevelon, Hipólito (Padre)  
Colbacchini, Antonio (Padre)  
Correia, Francisco de Aquino (D.)  
Danti, José (Padre, S. J.)  
Egas, Eugenio  
Ferrero, Guglielmo  
Gama, Noemia Nascimento  
Gonçalves, Alberto José (D.)  
Guimarães, José Maria Moreira (General)  
Krug, Edmundo

Leite, Serafim (Padre, S. J.)  
 Lisboa Junior, José Maria  
 Madeira, Gastão Galhardo  
 Magalhães, José Augusto de  
 Manso, Manuel da Costa  
 Marrey Junior, José Adriano  
 Mesquita Filho, Julio de  
 Mota, Cândido Nazianzeno Nogueira da  
 Nazaré, Carlos de Sousa  
 Neri, José de Castro (Padre)  
 Pinto, Gastão Liberal (D.)  
 Prado, Paulo da Silva  
 Queiroz, Carlota Pereira de  
 Queiroz, José Pereira de  
 Rennotte, Marie  
 Rio, José Pires do  
 Rocha, Sinesio  
 Rodrigues, João Lourenço  
 Rondon, Cândido Mariano da Silva (General)  
 Silva, José Gaspar de Afonseca e (D.)  
 Silveira, Maria Imaculada Xavier da  
 Sola, Ugo  
 Sousa, Washington Luiz Pereira de  
 Tibiriçá, Ana de Queiroz Teles

#### SOCIOS EFETIVOS

Aguirra, João Batista de Campos  
 Aires Neto, José  
 Airoso, Plinio Marques da Silva  
 Almeida, Antonio Paulino de  
 Almeida, Galeno Martins de  
 Almeida, Gastão Ferreira de  
 Almeida, Guilherme de  
 Almeida, Joaquim Canuto Mendes de  
 Almeida, Marcelo de Toledo Piza e  
 Almeida, Tácito de  
 Andrade, Carlos de Moraes  
 Andrade, Edmundo Navarro de  
 Andrade, Mario de  
 Aranha, Cassio Egidio de Queiroz  
 Araujo, Rui Calasans de  
 Ascoli, Haroldo Renato  
 Assiz, José Eugenio de Paula  
 Assunção, Laerte Teixeira de  
 Azevedo, Aroldo Edgar de  
 Azevedo Filho, José Bueno de Oliveira  
 Baldus, Herbert  
 Barros, Rivaldavia Dias de  
 Bloem, Rui

Braga, Cincinato  
 Braga, Teodoro  
 Brotero, Frederico de Barros  
 Bueno, Bento  
 Caiubi, Amando Franço Soares  
 Camargo, Antonio Pompea de  
 Camargo, Odecio Bueno  
 Campos, Cândido de Sousa  
 Campos, Cantidio de Moura  
 Campos Filho, Paulo Barbosa de  
 Cardim, José da Mata  
 Cardoso, João Pedro  
 Carmilo, Edvard  
 Castruccio, Giuseppe  
 Cesarino Junior, Antonio Ferreira  
 Cintra, Antonio Felix de Araujo  
 Coimbra, Alvaro da Veiga  
 Correia, Dacio Pires  
 Correia, Paulo de Lima  
 Cortez, João Gomes d'Oliveira Mendonça  
 Coutinho, Ulisses  
 Cruz, José Maria Marques da  
 Daunt, Ricardo Gumbleton  
 Dias, Teodomiro  
 Drummond, Antonio Augusto de Menezes  
 Elis Junior, Alfredo  
 Faria, Julio Cesar de  
 Fernández, José Alarcón  
 Ferraz, Manuel Carlos de Figueiredo  
 Ferreira, Inacio da Costa  
 Florence, Amador  
 Fonseca, Antonio Carlos da  
 Fonseca, José Manuel de Barros  
 Forjaz, Djalma  
 Franco, Francisco de Assiz Carvalho  
 Freire, Paulo Aurisol Cavalheiro (Padre)  
 Freitas Junior, Afonso Antonio de  
 Godói, Firmino Augusto de (Major)  
 Gonzaga, Augusto  
 Granato, Lourenço  
 Guedes, Henrique Jorge  
 Isoldi, Francisco  
 Laurito, Domingos  
 Leite, Aureliano  
 Lion, Ricardo  
 Magalhães, Paulo Ribeiro  
 Magro, Omar Simões  
 Melo, Américo Brasiliense de Almeida  
 Melo, Astrojildo Rodrigues de  
 Melo, Felix Soares de

Melo Neto, José Joaquim Cardoso de  
Mendes, Persio Pereira  
Mesquita, Francisco  
Monteiro, Plínio de Barros  
Morais, Rubens Borba Alves de  
Morato, Francisco Antonio de Almeida  
Moreira, Roberto dos Santos  
Moura, Américo Brasiliense Antunes de  
Moya, Salvador de (Tenente-Coronel)  
Nogueira, José Carlos de Ataliba  
Nunes, Carlos Alberto da Costa  
Oliveira, Alípio Leme de  
Oliveira, Álvaro de Sales  
Oliveira, Álvaro Soares de  
Oliveira, Armando de Sales  
Orlandi, José de Oliveira  
Paula, Eurípedes Simões de  
Penteado, Fausto de Almeida Prado  
Pereira, Armando de Arruda  
Pestana, Sinesio Rangel  
Pettinati, Francisco  
Piccarolo, Antonio  
Pinto, Leonardo  
Pinto, Raul de Frias Sá  
Piza, Lelio  
Portugal, Silvio Pimentel  
Prado, Fabio da Silva  
Prado, João Fernando de Almeida  
Prado Junior, Martinho da Silva  
Queiroz, Amadeu de  
Reis, Mario Meireles  
Rezende, José de Moura  
Rezende Filho, Gabriel de  
Ribeiro, Clovis  
Rubião, José Vicente Alvares  
Rúffolo, Geraldo  
Sales, Dagoberto  
Salgado, José Augusto Cesar  
Sanctis, Mario de  
Santos, Amílcar Salgado dos (Major)  
Santos, Francisco de Paula  
Seabra, Demétrio Justo  
Silos, Honorio de  
Silva, Antonio Carlos Pacheco e  
Silva, Aristides Monteiro de Carvalho e  
Silva, José Pinto e  
Silva, Nicolau Duarte  
Silva Junior, Vitor Freire da  
Silveira, Carlos da  
Silveira, Enzo  
Simonsen, Roberto  
Soares, José Cassio de Macedo

Sousa, Alcindo Muniz de  
Sousa Filho, João Batista de  
Stella, Jorge Bertolaso  
Stevenson, João Penteadado Erksine  
Teles, Goffredo Teixeira da Silva  
Thiollier, René  
Thut, Roberto  
Toledo, João Augusto de  
Toledo, José de  
Tomaz, Luiz Sergio  
Trípoli, Cesar  
Vale, Luiz Ribeiro do  
Vidal, Bento de Abreu Sampaio  
Vidal, Joaquim de Abreu Sampaio  
Vidigal, Gastão  
Vieira, Hermes  
Vieira, João Lelis  
Vilares, Jorge Dumont  
Wendel, Guilherme  
Whitaker, Artur Pequerobi de Aguiar  
Whitaker, José Maria

## SOCIOS CORRESPONDENTES

Almeida, Luiz Castanho de (Cônego)  
Alves, Artur da Mota  
Barbosa, Plinio Gomes  
Boiteux, Henrique  
Calmon, Pedro  
Camargo, Celso Ferraz de  
Camargo, Cristovão de  
Campos, Higino (Monsenhor)  
Cardoso, Dulcideo Espírito Santo (Tenente-Coronel)  
Carli, Felix di  
Carvalho, Teófilo Feu de  
Castro, Eugenio Teixeira de (Comandante)  
Caviglia, Buenaventura  
Coarací, Vivaldo  
Correia Filho, Vergilio  
Devoto, Juan S. Pivel  
Doca, Emilio Fernandes de Sousa (Coronel)  
Doria, Luiz Gastão d'Escagnolle  
Duarte, Rafael  
Fleuss, Max  
Garcia, Rodolfo  
Goicocheia, Luiz Filipe Castilhos  
Guimarães, Arquimedes Pereira  
Guisard Filho, Felix  
Hurley, Henrique Jorge  
Lamego, Alberto Frederico de Moraes  
Magalhães, Basilio de  
Matos, Anibal de

Melo, Mario  
Menezes, Rodrigo Otavio Langaard  
Mesquita, José de  
Minhoto, Laurindo Dias  
Moutinho, Murilo (Padre, S. J.)  
Nardy Filho, Francisco  
Oliveira, José Feliciano de  
Oliveira, Sebastião Almeida  
Pinto, Estevão  
Pranzini, Umberto  
Rangel, Alberto  
Recalde, Juan Francisco  
Rego, Manuel Hipólito do  
Ribeiro, Manuel Braga  
Rivet, Paul  
Schroeder, Celso M.  
Silva, Manuel Cícero Peregrino da  
Silva, Paulo Eleuterio Álvares da  
Siqueira, Hildebrando  
Soares, José Eduardo de Macedo  
Soares, José Roberto de Macedo  
Sousa, Bernardino José de  
Souto, Luiz Filipe Vieira  
Venturino, Augustin

# ATAS

Janeiro de 1934 — Novembro de 1936

PRIMEIRA SESSÃO REGIMENTAL EM 25 DE JANEIRO DE 1934 — *Presidência do dr. José Torres de Oliveira* — 1.º Secretário: dr. Plínio Marques da Silva Airoso — 2.º Secretário: sr. Nicolau Duarte Silva. — Com a presença dos socios srs. drs. José Torres de Oliveira, Marcelo Piza, Artur Vautier, José Francisco de Queiroz Teles, João Batista de Campos Aguirra, Edmundo Krug, Afonso José de Carvalho, Domingos Laurrito, Antonio Paulino de Almeida, Leonardo Pinto, Plínio Airoso, Dacia Pires Correia e Nicolau Duarte Silva, realizou o Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo, no dia 25 de janeiro de 1934, às 21 horas, em sua sede social, à rua Benjamin Constant n.º 40, a primeira sessão regimental do corrente ano. Os trabalhos foram dirigidos pelo presidente perpetuo dr. José Torres de Oliveira, assistido pelos primeiro e segundo secretarios, respectivamente, dr. Plínio Airoso e sr. Nicolau Duarte Silva. Abrindo a sessão, o sr. presidente nomeou uma comissão composta dos socios srs. drs. Afonso José de Carvalho, Edmundo Krug e Antonio Paulino de Almeida, para introduzir no recinto os novos socios srs. drs. monsenhor Gastão Liberal Pinto, Dagoberto Sales, Sebastião de Almeida Oliveira e Álvaro de Sales Oliveira, que tomariam posse das cadeiras para que haviam sido eleitos, sendo os dois primeiros na classe de socios assistentes, o terceiro na de correspondente e o dr. Sales Oliveira na de efetivo. Depois de prestar um preito de gratidão e saudade aos vultos de Domingos Jaguaribe, Antonio de Toledo Piza e Estevão Leão Bourroul, que foram os fundadores do Instituto, o sr. presidente referiu-se aos esforços dispendidos para que a associação se desobrigasse da tarefa que se há imposto, de estudar e divulgar os fastos da nossa terra, para o seu melhor conhecimento e defesa das suas glórias. E frisou que, dando posse aos novos socios, fazia-o animado da confiança de que desde logo poderia contar com a intelligência, applicação e boa vontade dos mesmos, naquella obra de puro patriotismo, naquêle apostoiado para o bem de S. Paulo. A seguir, usou da palavra monsenhor Gastão Liberal Pinto, produzindo bella oração, em que agradeceu, no seu e em nome dos seus distintos companheiros, as referencias elogiosas feitas às suas pessoas pelo dr. José Torres de Oliveira, detendo-se na descrição do episodio da fundação de São Paulo, cuja gloriosa efeméride occorria naquella dia, recordando quanto se honrava o seu saudoso progenitor, o illustre dr. Adolfo Augusto Pinto, de pertencer ao quadro dos socios do Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo, e prometendo tudo fazer para corresponder aos desejos e esperanças dos que o recebiam em seu gremio. A oração do distinto

sacerdote e homem de letras produziu grande efeito na assistência, sendo monsenhor Gastão Liberal Pinto muito aplaudido. Lidas e aprovadas as atas das sessões de 25 de outubro e de 1.º de novembro de 1933, passou-se ao expediente, que constou do seguinte: carta do dr. José Augusto de Magalhães, de Marselha, 13 de dezembro de 1933 — idem do Ministro Costa Manso, do Rio de Janeiro, 7 de novembro de 1933 — idem do dr. José Roberto de Macedo Soares, de Roma, 25 de dezembro de 1933, agradecendo a comunicação de haverem sido eleitos socios do Instituto; do Instituto Histórico y Geográfico del Uruguay, de Montevideú, 3 de janeiro de 1934, sobre permuta de publicações; e do socio Capitão Amílcar Salgado dos Santos, de S. Paulo, 28 de novembro de 1933, protestando contra a eleição de um socio na classe dos correspondentes. Foram acusadas as seguintes ofertas, destinadas às secções do Arquivo e Museu e Biblioteca e Mapoteca do Instituto; tomos n.º 3 (volume n.º 2), tomo 4 (n.º 1), tomo 8 e tomo 9 da "Revista del Instituto Histórico y Geográfico del Uruguay"; "Ibero-América y Alemania", do Ibero-Amerikanisches Institut, de Berlim; "Deus e Patria", do socio dr. A. Pompeu; "Na Ilha das Flores — Revolução paulista de 1932", de Agenor Lopes de Oliveira; 4.º trimestre do XIII ano da "Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul"; volume 9.º, de 1933, dos "Anais da Faculdade de Medicina de S. Paulo"; separata do "Diario Oficial", federal, de 27 de maio de 1932, com o "relatorio sobre o litigio de limites entre os Estados de Minas Gerais e S. Paulo", dádiva do socio dr. Eugenio Egas; e uma patente de major, passada ao alferes Manuel Claudiano Ferreira Martins, em 1873, por d. Pedro II, dádiva do socio dr. Antonio Constantino, de Franca. Passando-se à primeira parte da ordem-do-dia, foram encaminhadas as propostas de novos socios, que se encontravam sobre a mesa. Por motivo de força maior, não pode ser apresentado o relatorio dos fatos e occorrencias mais importantes do ano social de 1933, sendo entretanto feita uma exposição sobre o estado da tesouraria e comunicado que, em vista da renuncia do primeiro tesoureiro sr. dr. Artur Vautier, por motivos de saude, fora escolhido titular interino o sr. Dacio Pires Correia, devendo-se proceder a novas eleições na próxima reunião. A propósito desta alteração na diretoria do Instituto, o sr. presidente encareceu os serviços prestados pelo socio benemérito dr. Artur Vautier, lamentando que causas estranhas à vontade de todos viessem interrompê-los e mandando lançar em ata um voto de louvor pela sua gestão. Procedeu-se, ainda à leitura da lista geral dos socios do Instituto e comunicou-se que se esperava poder distribuir, dentro de pouco tempo, mais um volume da *Revista* do Instituto, estando para isso sendo dados os necessarios passos. Foi aprovado um voto de pesar pelo falecimento do socio honorario, sr. José Artur Boiteux, sugestão do socio efetivo dr. Plinio Airosa, que declarou ter ciencia da triste noticia por intermedio do consocio dr. Afonso de E. Taunay. Encerrando os trabalhos, por volta das 22 horas e meia, o sr. presidente anunciou que o dr. Plinio Airosa continuava inscrito para prosseguir no seu interessante estudo sobre: "Palavras de origem tupi que ingressaram no vocabulario nacional", e que na próxima reunião, marcada para as 21 horas do dia 5 de fevereiro, deviam tomar posse as socias honorarias exmas. sras. d.d. Olivia Guedes Penteado, Maria Xavier da Silveira, Ana Tibiriçá e Maria Pais de Barros, que seriam saudadas pelo orador official do Instituto, sr. dr.



José Soares de Melo. E, para constar, foi lavrada a presente ata por mim, Nicolau Duarte Silva, segundo secretario, conferida.

(aa.) José Torres de Oliveira  
Plínio Airosa  
N. Duarte Silva

2.ª SESSÃO REGIMENTAL EM 5 DE FEVEREIRO DE 1934.  
— *Presidencia do sr. dr. José Torres de Oliveira.* — 1.º Secretario: dr. Plínio Marques da Silva Airosa. — 2.º Secretario: sr. Nicolau Duarte Silva. — Com a presença dos socios srs. drs. José Torres de Oliveira, Afonso José de Carvalho, Francisco Isoldi, Edmundo Krug, Domingos Laurito, Fausto de Almeida Prado Penteado, Leonardo Pinto, Marcelo Piza, Américo Brasileiro, José Francisco de Queiroz Teles, Armando de Arruda Pereira, Antonio Paulino de Almeida, José da Mata Cardim, Felix Soares de Melo, Plínio Airosa, Nicolau Duarte Silva, Afonso de E. Taunay, José Soares de Melo e Frederico de Barros Brotero, alem de muitas pessoas gradas, entre as quais muitas senhoras e senhoritas, realizou o Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo, no dia 5 de fevereiro de 1934, às 21 horas, em sua sede social, à rua Benjamin Constant, n.º 40, a segunda sessão regimental do corrente ano. Os trabalhos foram dirigidos pelo presidente perpetuo, dr. José Torres de Oliveira, assistido pelos primeiro e segundo secretarios, respectivamente, dr. Plínio Airosa e sr. Nicolau Duarte Silva. Iniciando a sessão, o sr. presidente nomeou uma comissão composta dos socios srs. drs. Afonso de E. Taunay, Afonso José de Carvalho e Américo Brasileiro, afim de introduzir no recinto os novos socios exmas. sras. d. d. Olivia Guedes Penteado, Ana de Queiroz Teles Tibiriçá e Maria Xavier da Silveira, e os srs. José de Alarcón Fernandez e Capitão Amílcar Salgado dos Santos, que tomariam posse das cadeiras para que haviam sido eleitos, sendo as três primeiras na classe dos honorários, o sr. Alarcón Fernandez na dos assistentes, e o sr. Capitão Salgado dos Santos na dos efetivos. Também foi dada posse à exma. sra. d. Maria Pais de Barros, na classe de honoraria, embora sem a sua presença, por assim o julgar acertado o sr. presidente, diante de uma carta recebida daquela distinta historiadora patricia e em atenção à sua idade, não inferior a 80 anos. Saudando os recipiendarios, o sr. presidente acentuou o brilho e importância daquela noite, por motivo da posse de três ilustres representantes da intelectualidade feminina paulista, cujos nomes estavam tão profundamente ligados à historia da nossa terra, já nas epopéias bandeirantes, já nos cargos de administração pública, já nas letras e nas artes. As figuras dos dois outros consocios também eram dignas de referencias, pelos serviços prestados às nossas letras históricas, cabendo especial menção ao sr. capitão Amílcar Salgado dos Santos, que, possuidor de apreciavel bagagem literaria, ainda se havia imposto à nossa admiração, pela attitude tomada na memoravel revolução de 1932, batendo-se nas trincheiras constitucionalistas. E, com referencia à exma. sra. d. Maria Pais de Barros, disse o sr. presidente que ainda estava bem viva na memoria de todos o interessante trabalho, "Historia do Brasil", há alguns meses lançado no nosso mercado pela distinta intellectual, que assim revelara ao público os seus dotes de inteligencia e operosidade.

Por tudo isso, pois, declarou o sr. presidente, era cada vez maior a sua confiança nos destinos do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, contando ele, como podia contar, com tão apreciáveis colaboradores, na sua obra de exaltação e devotamento a São Paulo. Seguiu-se com a palavra o orador oficial do Instituto, sr. dr. José Soares de Melo, que produziu admirável peça oratoria, em que teve oportunidade de ventilar o valor moral, intelectual e artístico da mulher paulista, aliás reconhecido e proclamado por notáveis estrangeiros que visitaram o Brasil, e que, sem favor nenhum, antes com justiça, a colocaram em formoso pedestal, ao lado das figuras mundialmente apreciadas. E, acentuou o dr. Soares de Melo, que diram eles si houvessem acompanhado a ação da mulher paulista nos dias de julho, agosto e setembro de 1932! Por mais de uma vez interrompido por vibrantes salvas de palmas, o orador terminou o seu discurso dando as boas vindas aos recipiendarios, cujas qualidades havia tido ocasião de proclamar no decorrer da sua oração. Falaram ainda: a exma. sra. d. Maria Xavier da Silveira, que, em breve, mas expressivo discurso, visivelmente emocionada, agradeceu no seu e em nome das distintas confrades a honra da recepção, prometendo cooperar para a grandeza da nossa terra, no seio do Instituto; e os srs. José de Alarcón Fernandez e capitão Amílcar Salgado dos Santos, ambos fazendo profissão de fé de amor a São Paulo, apesar de nascidos em outras terras, mas fortemente ligados a nós por laços de coração e de sangue. O primeiro frisou que, percorrendo o Brasil de norte a sul, aqui viera sentir palpitar-lhe o coração — que São Paulo era bem o coração do Brasil. O segundo discorreu sobre a sua formação intelectual, para acentuar que aqui viera constituir família, ligando-se a uma paulista, e ser pai de três paulistas. Daí considerar-se um amigo de São Paulo; daí a sua natural disposição de servir a nossa terra, embora a custa do sacrificio da sua vida. Todas estas orações produziram agradável efeito na assistencia, sendo os oradores muito aplaudidos. Foi, a seguir, lida e aprovada a ata da sessão anterior, passando-se ao expediente, que constou da leitura de uma carta dirigida ao Conde de Afonso Celso, de congratulações pelo restabelecimento da sua saúde; de cartas das exmas. sras. dd. Ana Tibiriçá e Maria Pais de Barros, agradecendo a comunicação de haverem sido eleitas socias do Instituto; e de uma carta do socio sr. José Francisco de Queiroz Teles, capeando três documentos sobre o decreto de d. Pedro II conferindo a comenda da Rosa ao sr. Antonio de Queiroz Teles, mais tarde Barão de Jundiá. Além dos referidos documentos, oferecidos pelo consocio sr. Queiroz Teles para assinalar a posse da socia honoraria exma. sr. d. Ana Tibiriçá, descendente do illustre Barão de Jundiá, documentos sobremodos valiosos e que passavam a figurar no já riquíssimo arquivo do Instituto, foram accusadas mais as seguintes ofertas: um retrato a pastel da saudosa socia benemerita d. Lídia de Sousa Rezende, dádiva do socio dr. Afonso de E. Taunay; "Calvino — Sua vida e sua obra", do socio dr. Vicente Ternudo Lessa; "A Sala da Capela", de Vivaldo Coaraci, remessa do mesmo por intermedio do socio sr. Duarte Silva; "Fritz Mueller", "O Doutor Blumenau", "A colonização do Vale do Itajaí" e "Calendario Blumenauense", de J. Ferreira da Silva, remessa do autor; e três exemplares do vol. XXXII, de 1933, da "Revista Militar Brasileira". Passando-se à primeira parte da ordem-do-dia, o sr. presidente comunica o não comparecimento dos socios srs. major Firmino Augusto de Godói e dr. Alberto Penteado,

por motivo de força maior, e o adiamento da leitura do relatório dos trabalhos sociais de 1933 e eleição de novo tesoureiro, em vista do adiantado da hora. Encaminhadas as propostas de novos socios que se encontravam sobre a mesa, foram postas em discussão e votação as que haviam merecido parecer favorável das comissões respectivas, de que resultou serem escolhidos socios, na classe dos correspondentes o sr. professor Hildebrando Siqueira, de Serra Negra, e na dos efetivos os srs. drs. Paulo de Lima Correia e comendador Antonio de Barros Ramalho Ortigão, por unanimidade de votos. Encerrando a primeira parte dos trabalhos, o socio efetivo dr. José Soares de Melo refere-se ao curso de Historia Paulista, que está sendo realizado no Clube Atlético Bandeirante, à rua de S. Bento n.º 47, todas as quintas-feiras, às 20 horas e meia. E aproveita a oportunidade para convidar os presentes a ouvir a próxima preleção, que está a cargo do dr. José Torres de Oliveira, presidente do Instituto, sobre a "Chegada de Martim Afonso de Sousa e a fundação de S. Vicente". A segunda parte da ordem-do-dia foi ocupada pelo socio efetivo dr. Plinio Airoso, que prosseguiu no seu interessante estudo sobre: "Palavras de origem tupi que ingressaram no vocabulario nacional". O orador tratou dos termos *aracati* e *apicum*, citando autores e exemplos e justificando as conclusões a que o levaram as suas investigações sobre o assunto. E, nada mais havendo a tratar, foram suspensos os trabalhos, às 23 horas, ficando marcada nova reunião para o próximo dia 20, às 21 horas. E, para constar, foi lavrada a presente ata, por mim, Nicolau Duarte Silva, segundo secretario, conferida, tendo a acrescentar na relação dos socios presentes o nome do dr. Teodoro Braga.

(aa.) José Torres de Oliveira.  
N. Duarte Silva.  
Edmundo Krug.

3a. SESSÃO REGIMENTAL EM 20 DE FEVEREIRO DE 1934  
— *Presidencia do sr. dr. José Torres de Oliveira* — 1.º Secretario: sr. Nicolau Duarte Silva — 2.º Secretario: dr. Edmundo Krug. — Com a presença dos socios srs. drs. José Torres de Oliveira, Edmundo Krug, Domingos Laurito, Ana de Queiroz Teles Tibiriça, Amílcar Salgado dos Santos, Frederico de Barros Brotero, Américo Brasileiro, José Francisco de Queiroz Teles, João Batista de Campos Aguirra, Nicolau Duarte Silva, Antonio Paulino de Almeida, Álvaro de Sales Oliveira e Geraldo Ruffolo, realizou o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, no dia 20 de fevereiro de 1934, às 21 horas, em sua sede social, à rua Benjamin Constant n.º 40, a terceira sessão regimental do corrente ano. Os trabalhos foram dirigidos pelo presidente perpetuo dr. José Torres de Oliveira, servindo de primeiro o segundo secretario sr. Nicolau Duarte Silva e de segundo o socio efetivo dr. Edmundo Krug. Iniciando a sessão, o sr. presidente comunicou o não comparecimento do primeiro secretario, dr. Plinio Airoso, por motivo de força maior. Lida e aprovada a ata da sessão anterior, passou-se ao expediente que constou de cartas dos srs. Conde de Afonso Celso, Agustin Venturino, Bliexer dos Santos Saraiva, Sociedade Radio Educadora Paulista e Instituto Geográfico e Histórico da Baía. Foram acusadas

as seguintes ofertas: "Irradiações — Campanha Constitucionalista", do Padre João Batista de Carvalho; "A Grande Política — Balanço do Imperio no Reinado Atual", de Tito Franco de Almeida, dádiva do socio sr. Campos Aguirra; n.º XXIX, de 1933, da "Revista da Faculdade de Direito de São Paulo"; n.º 7, de Abril de 1933, da "Revista Nacional de Educação"; e n.º 24, de 1933, dos "Anais da Escola de Minas de Ouro Preto". Passando-se à primeira parte da ordem-dia, o sr. presidente referiu-se ao falecimento do rei Alberto, da Bélgica, mandando que se consignasse em ata um voto de profundo pesar pelo infausto acontecimento, e que se enviassem ao consul da Bélgica nesta capital as condolencias do Instituto. A propósito dessa resolução, usou da palavra o socio efetivo sr. Geraldo Rúffolo, que, enaltecendo os méritos do "Rei-Soldado", apoiou as providencias sugeridas, no sentido de o Instituto compartilhar da dor que affligia o heróico povo belga. Procedendo-se à eleição do cargo de primeiro tesoureiro, vago com a renuncia do dr. Artur Vautier, por motivos de saude, foi escolhido, por unanimidade de votos, o socio efetivo sr. Dacio Pires Correia. Seguiu-se a leitura do relatório dos fatos e occurencias mais importantes do ano social de 1933, resolvendo o sr. presidente que esse documento permanecesse sobre a mesa, por algum tempo, para ser examinado pelos consocios e demais pessoas interessadas. Encaminhadas as propostas de novos socios que se encontravam sobre a mesa, foram postas em discussão e votação as que haviam merecido parecer favoravel das comissões respectivas, de que resultou serem escolhidos socios, por unanimidade de votos, o dr. Vivaldo Coaraci, do Rio de Janeiro, na classe dos correspondentes, e o dr. Pedro Vicente de Azevedo Junior, na dos assistentes. Nada mais havendo a tratar, foram suspensos os trabalhos, à 22 horas e meia, sendo marcada nova reunião para o próximo dia 5, às 21 horas. E, para constar, foi lavrada a presente ata por mim, Nicolau Duarte Silva, segundo secretario, conferida.

(aa.) José Torres de Oliveira.  
Plínio Airosa  
N. Duarte Silva.

4a. SESSÃO REGIMENTAL, EM 5 DE MARÇO DE 1934 —  
*Presidencia do sr. dr. José Torres de Oliveira.* — 1.º Secretario: dr. Plínio Marques da Silva Airosa. — 2.º Secretario: sr. Nicolau Duarte Silva. — Com a presença dos socios srs. drs. José Torres de Oliveira, Alberto Penteado, Padre Leopoldo Aires, Nicolau Duarte Silva, Edmundo Krug, Afonso José de Carvalho, José Francisco de Queiroz Teles, Álvaro de Sales Oliveira, Ramon Roca Dordal, José Soares de Melo, Américo Brasileiro, Amilcar Salgado dos Santos, Domingos Laurito, João Batista de Sousa Filho, Fausto de Almeida Prado Penteado, Afonso de E. Taunay, José Pires do Rio, João Penteado E. Stevenson, Geraldo Rúffolo, e Plínio Airosa, realizou o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, no dia 5 de março de 1934, às 21 horas, em sua sede social, à rua Benjamin Constant, n.º 40, a quarta sessão regimental do corrente ano. Os trabalhos foram dirigidos pelo presidente perpetuo dr. José Torres de Oliveira, assistido dos primeiro e segundo secretarios, respectivamente, dr. Plínio Airosa e sr. Nicolau Duarte Silva. Abrindo a sessão, o sr. presidente nomeou uma

comissão composta dos srs. drs. José Soares de Melo, Afonso de E. Taunay e João Batista de Sousa Filho, afim de introduzir no recinto o socio correspondente sr. dr. Felix Guisard Filho, que tomava posse da cadeira para que fora eleito. Dando as boas vindas ao recipiendario, o sr. presidente encareceu os trabalhos que o mesmo vinha produzindo sobre a historia de Taubaté, os quais haviam imposto o seu nome como o de um pesquisador incansavel, probo e culto. Daí a satisfação com que o Instituto o recebia em seu seio, contando-o entre um dos seus melhores valores. O sr. dr. Felix Guisard Filho respondeu agradecendo e prometendo cooperar para a maior grandeza da obra do Instituto de São Paulo. Estudioso da historia, nos seus detalhes, vinha preocupando-se, de há muito tempo, em elucidar muitos e muitos fatos da vida de Taubaté. Felizmente, como disse, quisera o destino que lhe fossem parar às mãos milhares de documentos, alguns de incalculavel valia, pela leitura dos quais podia corrigir muitos senões existentes na nossa historia. Alguma coisa, nessa obra de reconstituição do passado, lhe fora possivel realizar, através de artigos divulgados pela imprensa e por meio de pequenas publicações. E, detendo-se a examinar alguns episodios que mereciam ser novamente descritos, à vista da documentação inédita em seu poder, mostrou quanto precioso era o seu arquivo particular e quanto as informações que iria entregar ao público, dentro de algum tempo, contribuiam para esclarecer episodios da historia das bandeiras, da guerra dos emboabas, etc. Seguiu-se com a palavra o sr. dr. Afonso de Escagnolle Taunay, que produziu interessante oração, pondo de manifesto a obra que o dr. Felix Guisard Filho vinha realizando dia a dia. Deu as suas impressões de uma visita que fizera ao arquivo do distinto confrade de Taubaté e elogiou o escrípulo com que o mesmo trabalhava, fiel às lições dos grandes mestres. Os oradores colheram muitas palmas da assistencia. Lida e aprovada a ata da sessão anterior, passou-se ao expediente, que constou de cartas dos srs. drs. Pedro Vicente de Azevedo Junior, Paulo de Lima Correia, Rui Calasans de Araujo, Hildebrando Siquira, Silvio Vasconcelos e Jorge de Azevedo. Foram acusadas as seguintes ofertas, destinadas às secções de Arquivo e Museu e Biblioteca e Mapoteca do Instituto: uma fotografia de d. Pedro II, de fins do século XIX, e respectiva chapa, dádiva do sr. Jorge de Azevedo, feita por intermedio do socio dr. Fausto de Almeida Prado Penteado e em homenagem à memoria do coronel Luiz Gonzaga de Azevedo; três moedas, sendo duas de cobre e uma de níquel, dádiva do socio sr. Ramon Roca Dordal; "Historia do Comercio", do dr. Francisco Isoldi; "Santos na Epopéia Paulista", do padre dr. João Batista de Carvalho; "Discurso" do prof. Belfort Roxo em homenagem à memoria de Paulo Frontin; "Problemas da Amazonia", do dr. Raimundo Pereira da Silva; e n.º 4, referente ao 4.º trimestre de 1933, da "Revista Numismática", de São Paulo. A propósito do valioso donativo feito pela familia Gonzaga de Azevedo, usou da palavra o socio efetivo dr. Fausto Penteado, que, encarecendo o ato, informou a casa das diligencias que empregara para que o Instituto se tornasse possuidor do mesmo. Trata-se, como informou o orador, de um original negativo obtido em São Paulo, quando de uma das visitas do Imperador, pelo primeiro fotógrafo que operou em nossa terra, o sr. Militão Afonso de Azevedo. E doando-o ao Instituto, quiseram os descendentes desse artista homenagear a memoria do coronel Luiz Gonzaga de Azevedo, prestando, por outro lado, um preito de

admiração à nossa terra e à Historia que no nosso Instituto se cultua. Passando-se à primeira parte da ordem-do-dia, foram encaminhadas as propostas de novos socios que se encontravam sobre a mesa, sendo postas em discussão e votação as que haviam merecido parecer das respectivas comissões. Foi aprovada a proposta de transferencia da classe de socio assistente para honorario, de monsenhor Gastão Liberal Pinto. Justificada a ausencia do primeiro tesoureiro, sr. Dacio Pires Correia por motivo de força maior, o sr. presidente trata das comemorações que se projetam para o próximo dia 19, que assinala o quarto centenário do nascimento do veneravel José de Anchieta. Informa que tendo o Instituto se incorporado à comissão promotora das festas que se vinnham realizando na Curia Metropolitana e afim de não dispersar energias, o mesmo deixaria de tomar qualquer iniciativa isolada para esse dia. Convidava, portanto, os presentes para assistir à conferencia que no salão da Curia seria pronunciada, no dia 19 deste mês, pelo ilustre consocio dr. Altino Arantes, e que constituiria o encerramento das festividades anchietanas. E propôs que fosse enviado um officio à Federação das Congregações Marianas, apoiando a sua iniciativa de obter feriado para o dia 19 de março deste ano, assim como a substituição do nome da actual Praça João Pessoa para Praça José de Anchieta, ou, mesmo, o restabelecimento do antigo nome de Largo do Collegio. A sugestão foi aprovada unanimemente, ficando tambem resolvido que se officiasse ao sr. governador da cidade, quanto à denominação proposta para a actual Praça João Pessoa. Segue-se com a palavra o socio efetivo dr. Plínio Airoso, que propõe a substituição do nome da actual Avenida São João para Avenida das Bandeiras, e a organização de uma comissão de membros do Instituto para examinar a possibilidade de ser erigido, num local da mesma avenida, um monumento de carácter nacional às bandeiras. A sugestão provoca animados debates, em que tomam parte, alem do dr. Plínio Airoso, os srs. drs. José Torres de Oliveira, Afonso de E. Taunay, José Pires do Rio e Afonso José de Carvalho. Ficou finalmente resolvido que a proposta fosse estudada por uma comissão composta dos socios srs. drs. Plínio Airoso, Afonso de E. Taunay, José Pires do Rio, Alvaro de Sales Oliveira e Afonso José de Carvalho, a qual, por lembrança do dr. Pires do Rio, procuraria conhecer os projetos existentes sobre a Avenida São João, e em que estiveram interessados os srs. drs. Prestes Maia, Silva Teles e Bento Bueno. E nada mais havendo a tratar, foram suspensos os trabalhos, às 23 horas e meia, sendo marcada nova reunião para o próximo dia 20, às 21 horas. E, para constar, foi lavrada a presente ata.

(aa.) José Torres de Oliveira.  
Edmundo Krug.  
Marcelo Piza.

5a. SESSÃO REGIMENTAL, EM 20 DE MARÇO DE 1934 —  
*Presidencia do dr. José Torres de Oliveira* — 1.º Secretario: dr. Edmundo Krug — 2.º Secretario: dr. Marcelo Piza. — Com a presença dos socios srs. drs. José Torres de Oliveira, Afonso José de Carvalho, Félix Soares de Melo, Marcelo Piza, Domingos Laurito, capitão Amílcar Salgado dos Santos, Edmundo Krug, Antonio Paulino de Almei-

da e João Batista de Campos Aguirra, e numerosas pessoas gradas, realizou o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, no dia 20 de março de 1934, às 21 horas e meia, em sua sede social, à rua Benjamin Constant, n.º 40, a quinta sessão regimental do corrente ano. Os trabalhos foram dirigidos pelo presidente perpetuo dr. José Torres de Oliveira, servindo, a convite deste, de primeiro e segundo secretários, respectivamente, os srs. drs. Edmundo Krug e Marcelo Piza, por não terem comparecido, com causa participada, os srs. primeiro e segundo secretários efetivos. Abrindo a sessão, o sr. presidente nomeou uma comissão composta dos srs. drs. Afonso José de Carvalho, J. B. de Campos Aguirra e Amílcar Salgado dos Santos, afim de introduzir no recinto o socio sr. dr. Sinesio Rangel Pestana, que tomava posse da cadeira para que fora eleito. Dando as boas vindas ao recipiendario, o sr. presidente enalteceu o valor do consocio que acabava de ser empossado, e este agradeceu a saudação, sendo ambas as alocações muito aplaudidas. Lida e aprovada a ata da sessão anterior, passou-se ao expediente que constou de duas circulares, uma do Centro Gaucho, desta Capital, e outra do diretor da Escola Normal Livre de Araraquara, e de dois cartões, um do segundo secretario sr. Nicolau Duarte Silva, ausente em Poços de Caldas, e outro do sr. dr. Samuel Ribeiro, oferecendo ao Instituto a tela representando Anchieta em Iperoig, da autoria do brilhante pintor paulista Lopes de Leão. As ofertas constaram, alem da referida tela, das seguintes obras: "Bibliografia Americana", "Salario Racional e Custo da Subsistencia", "Trabalho do sr. Otto Niemeyer", enviadas pelo dr. Mario Cardim; vol. 31 da "Revista do Instituto Arqueológico Histórico e Geográfico Pernambucano"; vols. 8.º e 9.º do "Boletim do Museu Nacional"; vols. 1.º e 2.º do ano XXIV da "Revista do Arquivo Público Mineiro"; "Ouro Fino", Bosquejo Histórico por Pompeu Rossi, "Anchieta, escritor e poeta", conferencia do dr. Afonso de Carvalho. Neste momento compareceu o 1.º secretario dr. Plínio Airosa. Aberta a primeira parte da ordem-do-dia, são submetidos à discussão e unanimemente aprovados, pareceres da comissão de sindicancia e admissão de socios relativos aos srs. drs. Cassio Egidio de Queiroz Aranha e Inacio da Costa Ferreira, na categoria de assistentes, e ao dr. Julio de Mesquita Filho, na de honorario. Inscreveram-se para ler trabalhos nas próximas sessões, os srs. drs. Edmundo Krug e Antonio Paulino de Almeida. O primeiro dissertará sobre o tema "Influencia do Germanismo nos nossos Usos e Costumes", e o segundo iniciará a leitura do seu volumoso trabalho sobre "A Cidade de São Sebastião do Litoral Paulista, através da Historia". A pedido de d. Chiquinha Rodrigues, vice-presidente da "Bandeira Paulista de Alfabetização", então presente, o sr. presidente comunicou que essa patriótica associação paulista receberá com muito agrado a cooperação que ao seu programa quiseram dar os socios do Instituto, oferecendo a cada conferencista uma passagem de estrada-de-ferro, da Capital ao ponto de destino, e garantindo a hospedagem pela prefeitura local. A seguir comunicou o sr. presidente que, com o duplo fim de vulgarizar o conhecimento da historia paulista e formar um patrimonio, cuja renda ponha o Instituto livre de quaisquer subvenções officiais, estava oferecendo, a cada uma das municipalidades do Estado, uma coleção completa da *Revista* do Instituto, mediante a módica contribuição de 200\$000, e que a sua proposta estava sendo aceita com muito agrado por todas as prefeituras, sendo que as cinco primeiras que

responderam ao apelo, foram as de Jundiá, Ribeirão Preto, Araras, Cachoeira e Botucatu; com o que o sr. presidente se manifestou muito satisfeito. Interpelado pelo consocio dr. Afonso de Carvalho, disse o sr. presidente que nada ainda lhe constava sobre a medida solicitada ao sr. prefeito municipal, relativa à mudança do nome do antigo Largo do Colegio e Largo do Palacio para Praça José de Anchieta, mas que estava certo de que o sr. prefeito municipal atenderia a esse desejo unânime do povo paulista, comprometendo-se, ele presidente, a empregar os seus bons officios junto da prefeitura até que essa medida fosse decretada. Por sugestão do consocio capitão Amílcar Salgado dos Santos, o sr. presidente tambem se comprometeu a pleitear perante a prefeitura para ser dado a uma das vias públicas da cidade o nome de Manuel de Freitas Novais, o brilhante official paulista que com tanto denodo se bateu, em 1932, pela causa de São Paulo. Passando-se à segunda parte da ordem dos trabalhos, o sr. presidente, depois de lamentar a ausencia, por motivo de força maior, do orador official do Instituto, dr. José Soares de Melo, que devia proferir uma conferencia comemorativa do IV centenário natalicio de José de Anchieta, deu por inaugurada a linda tela "Anchieta o poeta de Iperoig", da autoria do festejado pintor paulista Lopes de Leão, oferecida ao Instituto pelo dr. Samuel Ribeiro. O sr. presidente fez referencias muito elogiosas ao trabalho do artista patricio, e a notavel individualidade do doador, sempre pródigo em belos gestos de generosidade e patriotismo, e fez uma longa exposição sobre a missão de Iperoig, que é o episodio máximo da vida do excelso taumaturgo americano. E, nada mais havendo a tratar, foram suspensos os trabalhos, às 23 horas, sendo marcada nova reunião para o próximo dia 5 de abril às 21 horas. E, para constar, foi lavrada a presente ata.

(aa.) José Torres de Oliveira.

Plínio Airosa.

Edmundo Krug.

6a. SESSÃO REGIMENTAL, EM 5 DE ABRIL DE 1934 —  
*Presidencia do dr. José Torres de Oliveira* — 1.º Secretario: dr. Plínio Marques da Silva Airosa — 2.º Secretario: dr. Edmundo Krug. — Com a presença dos consocios srs. drs. José Torres de Oliveira, Plínio Airosa, Edmundo Krug, J. B. de Campos Aguirra, Ministro dr. Julio de Faria, capitão Amílcar Salgado dos Santos, Américo Brasileiro, Domingos Laurito e Antonio Paulino de Almeida, alem de varios visitantes, realizou o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, em sua sede social, à rua Benjamin Constant, n.º 40, no dia 5 do corrente, às 21 horas, a sexta sessão regimental do corrente ano. Presidiu aos trabalhos o sr. dr. José Torres de Oliveira, servindo de 1.º e 2.º secretarios, respectivamente, os srs. drs. Plínio Airosa e Edmundo Krug, este a convite do sr. presidente, por continuar ausente, em tratamento de saude, o 2.º secretario efetivo, sr. Nicolau Duarte Silva. Lida e aprovada a ata da sessão anterior, passou-se ao expediente, do qual constou, dentre outros papéis, uma carta do escritor Vivaldo Coaraci, agradecendo sua eleição para socio do Instituto e prometendo vir tomar posse de sua cadeira na primeira oportunidade. Entre varias



ofertas, constou o 1.º número da "Revista do Professor", órgão do Centro do Professorado Paulista. Na primeira parte da ordem-do-dia o sr. presidente propõe e justifica, longamente, votos de pesar pelo falecimento dos consocios coronel Jesuino da Silva Melo, correspondente, dr. Álvaro Augusto da Costa Carvalho, efetivo e dr. Alberto Penteado, benemérito. Ocupando-se do primeiro nomeado, que foi seu professor de História no antigo Collegio Moretz-Shon, o sr. presidente reproduziu varios trechos do artigo que, sobre aquella notavel individualidade, publicou, na edição de *O Estado de São Paulo*, de 29 de março próximo passado, o brilhante escritor e poeta Silvestre de Lima. Depois de enaltecer o valor pessoal e as virtudes cívicas do dr. Alberto Penteado, que, por atos de destacado devotamento e generosidade, tinha sido inscrito no quadro dos socios beneméritos da associação, o sr. presidente deu a palavra ao dr. Julio Cesar de Faria, que proferiu uma brilhante alocução, comemorando, com afeto e carinho, o passamento do illustre confrade, que tinha sugerido e apadrinhado a sua candidatura a socio do Instituto. Comunicou mais o sr. presidente que, não tendo podido comparecer pessoalmente, por motivos de força maior, aos funerais, tinha sido o Instituto representado pelo dr. Edmundo Krug, e determinou que se officiasse à familia do extinto, transmitindo os sentimentos de profundo pesar da sociedade pelo infausto acontecimento. A seguir comunicou o sr. presidente que continuava a merecer o mais lisonjeiro acolhimento a proposta que fizera às municipalidades do Estado, a respeito das coleções da *Revista* do Instituto, sendo que, naquele dia mesmo, tinham chegado cheques e pedidos de remessa das Prefeituras de Limeira, Jaboticabal e Ibitinga. Continuando, o sr. presidente referiu-se a uma detalhada noticia, dada pela *Gazeta* daquele dia, sobre a resolução tomada pelo sr. Prefeito Municipal, de mandar publicar uma Revista do Arquivo do Municipio, contendo a reprodução dos valiosísimos documentos originaes existentes naquella repartição, e propõe, o que foi aprovado, que se officiasse ao dr. Antonio Carlos de Assunção, louvando calorosamente seu patriótico e bem inspirado empreendimento. Foram lidas e encaminhadas às respectivas comissões, para dar parecer, propostas para a eleição de novos consocios. Por proposta do consocio capitão Amílcar Salgado dos Santos, aprovada pela Casa, foi inserido na ata um voto de regozijo pelo regresso do exilado coronel Basilio Taborda, que com tanto heroísmo se bateu pela causa de S. Paulo, embora não fosse paulista. A segunda parte da ordem-do-dia foi preenchida pelo dr. Antonio Paulino de Almeida, que iniciou a leitura de seu interessante e alentado trabalho sobre "A Cidade de S. Sebastião, do litoral paulista, através da História". Continua mantida a inscrição deste consocio para continuar a leitura de seu trabalho nas próximas sessões, assim como a do dr. Edmundo Krug, que dissertará sobre "A influencia do germanismo sobre as nossas superstições e os nossos costumes". A sessão foi encerrada às 23 horas, ficando marcada a seguinte para o dia 20 do corrente, às 21 horas. E, para constar, foi lavrada a presente ata por mim, Nicolau Duarte Silva, segundo secretario, conferida.

(aa.) José Torres de Oliveira.  
Plinio Airoso.  
N. Duarte Silva.

7a. SESSÃO REGIMENTAL, EM 20 DE ABRIL DE 1934 — *Presidência do dr. José Torres de Oliveira* — 1.º Secretario: dr. Plínio Marques da Silva Airosa — 2.º Secretario: Nicolau Duarte Silva. — Com a presença dos socios srs. drs. José Torres de Oliveira, Plínio Airosa, Antonio Paulino de Almeida, Amílcar Salgado dos Santos, Domingos Laurito, Nicolau Duarte Silva, Edmundo Krug, João B. de Campos Aguirra e João Penteado E. Stevenson, realizou o Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo, no dia 20 de abril de 1934, às 21 horas, em sua sede social, à rua Benjamín Constant, n.º 40, a sétima sessão regimental do corrente ano. Os trabalhos foram dirigidos pelo presidente perpetuo dr. José Torres de Oliveira, assistido dos primeiro e segundo secretarios, respectivamente, dr. Plínio Airosa e sr. Nicolau Duarte Silva. Lida e aprovada a ata da sessão anterior, passou-se ao expediente, que constou de uma carta do sr. Luiz Castellari, de Salto, e de officios das prefeituras municipais de Cunha, Campinas e Itararé. Foram acusadas as seguintes ofertas, destinadas às secções de Arquivo e Museu e Biblioteca e Mapoteca do Instituto: Selo comemorativo do 1.º Congresso Nacional de Aeronáutica, dádiva do socio dr. Mario de Sanctis; o n.º de 27 de março de 1934 do jornal *O Comercio do Porto*, remessa do sr. comendador Norberto Jorge; “Curso de Historia Paulista” — “Os primitivos habitantes de São Paulo”, de Plínio Airosa, dádiva desse socio; “O mais antigo marco colonial do Brasil”, de L. da Câmara Cascudo; vol. XXX, de janeiro a março de 1934, da “Revista da Faculdade de Direito de São Paulo”; o vol. VIII, de 1933, da “Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará”; e “A Santa Casa de Misericórdia de São Paulo e sua cooperação na obra de profilaxia da Lepra, 1779-1933”. Na primeira parte dos trabalhos, o sr. presidente justificou a ausencia dos consocios srs. drs. Afonso de E. Taunay, Armando de Arruda Pereira, Dacio Pires Correia e major Firmino de Godói; tratou do falecimento do socio honorario sr. dr. João Ribeiro, tendo palavras de veneração e saudade à memoria do mesmo e propondo o lançamento, em ata, de um voto de profundo pesar por tão infausto acontecimento, o que foi aprovado unanimemente; e sugeriu, mais, que o Instituto manifestasse o seu regozijo aos consocios srs. drs. monsenhor Gastão Liberal Pinto, José Soares de Melo e Vicente de Paula Vicente de Azevedo, por meio de officios endereçados aos mesmos, por motivo de haverem eles sido distinguidos, respectivamente, o primeiro com as honras de bispo coadjutor do arcebispado de São Carlos, o segundo com o titulo de juiz de direito e presidente do Tribunal do Juri, e o dr. Vicente de Azevedo com o cargo de chefe de policia da Capital. Justificando a sua proposta, que foi aprovada por unanimidade de votos, o sr. presidente pôs em destaque as qualidades e o valor dos referidos consocios, que foram guindados áqueles elevados postos pelos seus méritos pessoais. Passando-se à segunda parte dos trabalhos, occupam a tribuna os socios efetivos srs. drs. Antonio Paulino de Almeida e Edmundo Krug, que produzem interessantes estudos. O primeiro tratou da fundação de São Sebastião, desenvolvendo o tema: “A cidade de São Sebastião, do litoral paulista, através da historia”, ao passo que o dr. Edmundo Krug discorreu sobre: “A influencia do germanismo sobre as nossas superstições e os nossos costumes”. Ambos os trabalhos causaram boa impressão no auditorio, tendo o sr. presidente declarado que esses oradores continuavam inscritos para prosseguir nos seus estudos, na próxima reunião. E, nada mais havendo

a tratar, foram suspensos os trabalhos, às 23 horas, sendo marcada nova sessão para o próximo dia 5, às 21 horas. E, para constar foi lavrada a presente ata por mim, Nicolau Duarte Silva, segundo secretario, conferida.

(aa.) Afonso José de Carvalho.  
N. Duarte Silva.  
Edmundo Krug.

8a. SESSÃO REGIMENTAL, EM 5 DE MAIO DE 1934 —  
*Presidente: dr. Afonso José de Carvalho* — 1.º Secretario: sr. Nicolau Duarte Silva — 2.º Secretario: dr. Edmundo Krug. — Com a presença dos socios srs. drs. Afonso José de Carvalho, José Francisco de Queiroz Teles, Edmundo Krug, Amilcar Salgado dos Santos, Nicolau Duarte Silva, Dacio Pires Correia, Domingos Laurito, João Batista de Campos Aguiar, Afonso de Escagnolle Taunay, Álvaro de Sales Oliveira e Geraldo Rúffolo, realizou o Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo, no dia 5 de maio de 1934, às 21 horas, em sua sede social, à rua Benjamin Constant n.º 40, a oitava sessão regimental do corrente ano. Os trabalhos foram dirigidos pelo vice-presidente ministro Afonso José de Carvalho, servindo de primeiro o segundo secretario sr. Nicolau Duarte Silva, e de segundo o socio efetivo dr. Edmundo Krug. Justificada a ausencia do sr. presidente perpetuo, por motivo de doença, e a do sr. primeiro secretario, por força maior, passou-se à leitura da ata da sessão anterior, que foi aprovada. O expediente constou de cartas e officios das seguintes pessoas: do secretario do sr. general Agustin Justo, presidente da Argentina; da familia do saudoso consocio dr. Alberto Penteadó; dos socios srs. drs. Antonio de Barros Ramalho Ortigão, Hildebrando Siqueira, F. Nardy Filho e Domingos Laurito; e do sr. Casimiro Brites Figueiredo. Foram acusadas as seguintes ofertas: tomo sexto dos "Anais do Museu Paulista"; primeiro numero do "Anuario de Jundiá", de 1928, organizado por J. B. Figueiredo e Alceu F. Pontes; "A Prehistoria", "A Independencia do México", "Colombo e o descobrimento do Novo Mundo", "Indús" e "Apostilas de Historia", de A. Cesarino Junior, dádiva do mesmo; "La Chiesa della B. V. del soccorso", de Gardellini, dádiva do socio dr. Francisco Isoldi; dois volumes da obra "La Vuelta al Mundo" (1861 e 1865), oferta do socio dr. Domingos Laurito; "Reflexões Clínico-Naturistas", "O Naturismo e a Ciencia" e "Corporativismo Integralista" do dr. Artur de Vasconcelos; n.º 20, de abril de 1934, do "Boletim da Sociedade Filatélica Paulista"; e ns.º 8 e 9 da "Revista Nacional de Educação", do Rio de Janeiro. Passando-se à primeira parte da ordem-do-dia, foi dada a palavra ao socio efetivo dr. Afonso de Taunay, que manifestou o pesar do Instituto pelo falecimento dos distintos consocios srs. drs. Artur Vautier, Antonio Alves Lobo e João Pandiá Calógeras, sugerindo que constasse da ata um voto de profundo sentimento por tão infausta occorrença. Associando-se a essas homenagens, o socio efetivo sr. capitão Amilcar Salgado dos Santos propôs que tambem constasse da ata um voto de pesar pela morte trágica do capitão aviador Mota Lima, que, durante a Campanha Constitucionalista, demonstrara ser um dedicado amigo de São Paulo. Ambas as

propostas foram aprovadas por unanimidade de votos. No enterro do socio benemérito dr. Artur Vautier, o Instituto esteve representado pelos socios efetivos, srs. Dacio Pires Correia e João Batista de Campos Aguirra. Ainda foi aprovada uma sugestão do socio efetivo sr. Nicolau Duarte Silva, para que fosse inserto, em ata, um voto de profunda saudade à memoria de Nestor Rangel Pestana, o grande jornalista e nosso consocio, cujo primeiro aniversario de falecimento ocorrera no dia 28 de abril último. Foram, a seguir, encaminhadas as propostas de novos socios, que se encontravam sobre a mesa, sendo postas em discussão e votação as que tinham parecer favoravel das comissões técnicas, do que resultou serem proclamados socios do Instituto, por unanimidade de votos: o dr. Antonio Ferreira Cesarino Junior, na classe dos efetivos; o dr. Samuel Ribeiro, na dos beneméritos; e o rev. padre Murilo Moutinho, na dos assistentes. A segunda parte dos trabalhos foi occupada pelo socio efetivo dr. Edmundo Krug, que concluiu o seu interessante estudo sobre: "A influencia do germanismo sobre as nossas superstições e os nossos costumes". O sr. vice-presidente em exercicio agradeceu ao orador a atenção que dispensou ao Instituto, fazendo com que o mesmo tivesse as primicias de um assunto que, certamente, não deixaria de suscitar a atenção dos estudiosos. E, nada mais havendo a tratar, foram suspensos os trabalhos, às 23 horas, sendo marcada nova sessão para o próximo dia 21, às 21 horas. E, para constar, foi lavrada a presente ata por mim, Nicolau Duarte Silva, segundo secretario, conferida.

(aa.) José Torres de Oliveira.  
Plinio Airoso.  
N. Duarte Silva.

9a. SESSÃO REGIMENTAL, EM 5 DE JUNHO DE 1934 —  
*Presidencia do dr. José Torres de Oliveira* — 1.º Secretario: dr. Plinio Marques da Silva Airoso — 2.º Secretario: sr. Nicolau Duarte Silva. — Com a presença dos socios srs. drs. José Torres de Oliveira, Francisco Isoldi, Djalma Forjaz, Cândido de Sousa Campos, José Francisco de Queiroz Teles, Amílcar Salgado dos Santos, Antonio Felix de Araujo Cintra, Domingos Laurito, Antonio Paulino de Almeida, Nicolau Duarte Silva, Álvaro de Sales Oliveira, João Fernando de Almeida Prado, João Batista de Campos Aguirra, Dacio Pires Correia, Afonso de Escagnolle Taunay e Plinio Airoso, alem de grande número de visitantes, realizou o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, no dia 5 de junho de 1934, às 21 horas, em sua sede social, à rua Benjamin Constant, n.º 40, a nona sessão regimental do corrente ano. Os trabalhos foram presididos pelo sr. dr. José Torres de Oliveira, presidente perpetuo do Instituto, assistido dos primeiro e segundo secretarios, respetivamente, dr. Plinio Airoso e sr. Nicolau Duarte Silva. Abrindo a sessão, o sr. presidente nomeou uma comissão composta dos socios srs. drs. Domingos Laurito, Djalma Forjaz e Antonio Paulino de Almeida, afim de introduzir no recinto os novos socios, srs. drs. Cassio Egidio de Queiroz Aranha, Antonio Ferreira Cesarino Junior e Americo de Moura, que tomaram posse das cadeiras para que haviam sido eleitos. Ao dar posse aos recipiendarios, o sr. presidente

dirigiu-lhes uma saudação declarando que o Instituto confiava na inteligência, dedicação e operosidade dos mesmos, para levar *avante* a sua obra de exaltação a São Paulo. Seguiu-se a leitura da ata da sessão anterior, que foi aprovada. E para não alongar os trabalhos, resolveu-se adiar a leitura do expediente e a relação das ofertas feitas às secções de Arquivo e Museu e Biblioteca e Mapoteca do Instituto. Ainda na primeira parte da ordem-do-dia, o sr. presidente propõe o lançamento em ata de um voto de pesar pelo falecimento do coronel Elói Pompeu de Camargo, que era pai do socio efetivo dr. Antonio Pompeu de Camargo; sugere o envio de um officio à socia honoraria sra. D. Olívia Guedes Penteado, cujo estado de saude inspira cuidados, fazendo votos de pronto restabelecimento; comunica haver representado o Instituto na solenidade da sagração episcopal do socio honorario bispo Gastão Liberal Pinto; manifesta o contentamento com que soube de uma noticia, ainda não confirmada, da nomeação do primeiro secretario, dr. Plínio Airoso, para reger a cadeira de tupi-guarani, recentemente criada na Universidade de São Paulo; e considera inscrito para oportunamente ocupar a tribuna, para desenvolver o tema: "Quando São Paulo homenageará aos heróis de Laguna?", o socio efetivo capitão Amílcar Salgado dos Santos. Ambas as propostas feitas pelo sr. presidente foram aprovadas por unanimidade de votos. Passando-se à segunda parte dos trabalhos, o dr. José Torres de Oliveira, depois de apresentar ao auditorio o revmo. dr. Serafim Leite, distinto membro do Instituto Português de Archeologia, Historia e Etnografia, e que ora se encontra, incumbido pela sua ordem, de escrever a "Historia da Companhia de Jesús no Brasil", dá a palavra ao mesmo, para que discorresse sobre fatos dos primeiros tempos de São Paulo, à vista de valiosa documentação inédita. O distinto pesquisador da nossa historia, a quem já se devem diversas divulgações de valor, entre as quais a preciosa "Primeira biografia inédita de Anchieta, escrita em 1598 pelo padre Quiricio Caixa, por ordem do padre provincial Pero Roiz", começou a sua conferencia referindo-se aos investigadores do nosso passado, para logo depois tratar do tema: "Porque é que se mudou Santo André da Borda do Campo para São Paulo de Piratininga?". Citando autores e lendo documentos inéditos, o revmo. dr. Serafim Leite chega à conclusão de que a mudança obedeceu antes a razões económicas do que às tão faladas desinteligencias entre os padres jesuitas e João Ramalho. Outro ponto, sobremodo interessante, esclarecido pelo conferencista, é o que diz respeito a João Ramalho. Uma carta inédita de Manuel da Nóbrega a Luiz Gonçalves da Câmara, escrita do sertão de São Vicente, em 31 de agosto de 1553, diz que o grande maioral da nossa gente chegou aqui por volta de 1513; que era natural de Vouze-la, vila da Beira Alta, no moderno distrito de Vizeu, em Portugal; que era parente do padre Paiva; que deixara esposa na terra, vivendo aqui em companhia de Isabel, filha do chefe indio Tibiriçá, com a qual desejava casar, uma vez que houvesse morrido a sua primeira mulher; que era muito conhecido e venerado entre os gentios, tendo filhos e filhas de uma india, filha dos maiores e mais principais da terra. Com a divulgação deste documento, sobremodo precioso, ficam desfeitas muitas lendas da nossa historia. Entre elas cumpre não esquecer a suposição de judaismo de João Ramalho, que tantos cuidados deu a Horacio de Carvalho e outros cultores do passado de São Paulo. Encerrando a sua conferencia, o revmo. dr. Serafim Leite teceu um hino à grandeza de

São Paulo. O orador foi muito aplaudido. Voltando a falar, o sr. presidente agradeceu ao distinto visitante a gentileza que tivera com o Instituto, concedendo-lhe a honra de ouvir tão valiosa exposição e concede a palavra ao socio efetivo sr. dr. Afonso de Escragolle Taunay, que fez o elogio do revmo. dr. Serafim Leite, pondo em realce o cuidado com que o mesmo trabalha e a paciência e tino que demonstra nas suas pesquisas. E, nada mais havendo a tratar, foram suspensos os trabalhos, às 23 horas e meia, sendo marcada nova reunião para o próximo dia 20, às 21 horas. E, para constar, foi lavrada a presente ata, por mim, Nicolau Duarte Silva, segundo secretario, conferida.

(aa.) José Torres de Oliveira.  
Plínio Airoso.  
N. Duarte Silva.

10a. SESSÃO REGIMENTAL EM 20 DE JUNHO DE 1934 —  
*Presidencia do dr. José Torres de Oliveira* — 1.º Secretario: dr. Plínio Marques da Silva Airoso — 2.º Secretario: sr. Nicolau Duarte Silva. — Com a presença dos socios srs. drs. José Torres de Oliveira, Nicolau Duarte Silva, Dacio Pires Correia, Amílcar Salgado dos Santos, Domingos Laurito, Leonardo Pinto, João Batista de Sousa Filho, Plínio Airoso e João Batista de Campos Aguirra, realizou o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, no dia 20 de junho de 1934, às 21 horas, em sua sede social, à rua Benjamin Constant n.º 40, a décima sessão regimental do corrente ano. Os trabalhos foram presididos pelo sr. dr. José Torres de Oliveira, presidente perpetuo do Instituto, assistido dos primeiro e segundo secretarios, respectivamente, dr. Plínio Airoso e sr. Nicolau Duarte Silva. Lida e aprovada a ata da sessão anterior, passou-se ao expediente, que constou de um telegrama do rev. dr. Serafim Leite, despedindo-se, e de um cartão da socia sra. dra. Maria Xavier da Silveira, enviando pêsames pelo falecimento da socia honoraria, D. Olivia Guedes Penteado. Foram acusadas as seguintes ofertas, destinadas às secções de Arquivo e Museu e Biblioteca e Mapoteca do Instituto: distintivo em bronze do 1.º Congresso Nacional de Aeronáutica (S. Paulo, 1934) e distintivo do escudo da "República Rio Grandense", dádivas feitas por intermedio do dr. José Torres de Oliveira; retrato, com moldura, do dr. Cesar Bierrenbach, oferta do sr. Carlos Bierrenbach Monteiro; "Christoph Colomb — Documents prouvant son origine génoise — Ville de Gênes", Edition Franco-Espagnole", 1932, oferta do governo italiano, "History of the George Washington — Bicentennial Celebration"; "Atlas Général de Géographie", de Barberet e Périgot e "Atlas do Imperio do Brasil", de Cândido Mendes de Almeida, e "La Fête de Victor Hugo — 27 de Février 1881", oferta do socio dr. Américo Brasiliense; quatro volumes de "Publicaciones del Arquivo Municipal", de Quito, remessa do governo do Equador; "Populações Paulistas", de Alfredo Elis Jr.; "Arquipélago de Fernando de Noronha", de Orlando Machado; vol. XVII, de 1933, da "Revista do Instituto Histórico de Alagoas"; "Pela Gloria de Artigas", do capitão Amílcar Salgado dos Santos, dádiva desse consocio; "O Aleijadinho de Vila Rica", de Gastão Penalva, remessa do autor; primeiro trimestre de 1934, da "Revista do Instituto Histórico e Geo-

gráfico do Rio Grande do Sul"; "Giovanni Miani" e "Notizie e documenti sulla vita della beata Camilla — Batista Varono da Camerino", de Feliciangeli, dádiva do consocio dr. Francisco Isoldi; "Catálogo Sistemático da Biblioteca Circulante dos Amigos da Boa Cultura" e "Primeiro Suplemento", idem; "Bibliografia sobre a organização internacional do trabalho"; "Relatorio" de 1933 da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo; "Relatorio 1932-1933" do Colegio Pedro II; "Boletim Oficial da Secção de São Paulo da Ordem dos Advogados do Brasil", primeiro número; "The Races of Mankind", de Henry Field; "The Tanala a hill trib of Madagascar", de Ralph Linton; "Annual Report of the director to the Board of Trustees for the year 1932" — Field Museum of Natural History; "Motif-index of folk-literature", de Stith Thompson; "The Acaxee a mountain tribe of Durango and Sinaloa", de Ralph L. Beals; "Forty-eighth Annual Report of the Bureau of American Ethnology — 1930-1931 — Smithsonian Institution Washington "Capugin Endowment for International Peace — Year Book 1933", "Annual Report of the American Historical Association for the year 1929 — Supplement — Writings on American History, 1929 — Compiled by Grace Gardner Griffin"; "A guide for the study of british caribeau history, 1763-1834, including the abolition and emancipation movements — Compiled by Lowell Joseph Ragatz"; vols. 17 e 18 de "Papers of the Michigan Academy of Science Arts and Letters"; os nos. 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 57, alem de sets fascículos de índices, do "Boletim del Instituto de Investigaciones Históricas", de Buenos Aires; os vols. 6, 7, 8, 9, 11, 12, 13 e 14, de "Documentos para la historia argentina", publicação da "Facultad de Filosofia y Letras", de Buenos Aires; "El problema de la Liga Beocia" e "Ensayo sobre Virgilio", de Clemente Ricci; "Documentos referentes a la Argentina", "El Gremio de Plateros en las Indias Occidentales", "El Archivo General de Indias de Sevilla", "Juan José de Vértiz y Salcedo" e "La Virgen de Buen Aire", de José Torres Revello, "La personalidad y la obra de Tomás Falkner" e "El padre José Quiroga", de Guillermo Furlong Cardiff; "Ensayo sobre el Rio de la Plata e la Revolución Francesa" e "Nuestros Corsarios — Brown y Bouchard en el Pacífico", de Ricardo R. Caillet-Bois; "Don Benito Maria de Moxó y de Francolí", de Ruben Vargas Ugarte; "Ensayo sobre los artifices de la plateria en el Buenos Aires colonial", de Fernando Márquez Miranda; "Genealogia de los conquistadores de Cuyo y fundadores de Mendoza", de Fernando Morales Guñazú; "Ordenanzas, actas primeras de la moderna provincia de San Augustin de Buenos Aires"; "Tucuman y Paraguay", de Fr. Domingo de Neyra (1742?) Biblioteca Argentina de Libros Raros Americanos, tomo V; "Documentos Relativos a los Antecedentes de la Independencia de la República Argentina — Asuntos Eclesiásticos" e vol. II de "Documentos para la Historia del Virreinato del Rio de la Plata" — publicação da "Facultad de Filosofia y Letras", de Buenos Aires; tomos 3, 4, 5, 6, 7, 8 e 9 da segunda serie — tomos 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10 e 11 da terceira serie e tomos 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7 e 8 da quarta serie de "Acuerdos del Extinguido Cabildo de Buenos Aires", publicação do "Archivo General de la Nación", de Buenos Aires; "Campana del Brasil — Antecedentes coloniales", tomo I; "La Bandera Nacional — Su Origen — Documentos oficiales"; "Congreso General Consti-

tuyente de las Provincias Unidas del Rio de La Plata" e "Documentos Referentes a la Guerra de la Independencia y Emancipación Política de la República Argentina", publicações do "Arquivo de la Nación Argentina", de Buenos Aires — remessa do general Agustin P. Justo, Presidente da Argentina. O sr. presidente encarece a importancia das ofertas acusadas, principalmente a que constou de publicações feitas em Buenos Aires e cujo envio se deve ao chefe do governo argentino, para declarar que não lhe constava que, desde a sua fundação, o Instituto houvesse recebido tão valiosa doação, em valor e quantidade de livros, de uma só vez. Passando-se à primeira parte dos trabalhos, o sr. dr. José Torres de Oliveira fala sobre a personalidade da socia honoraria exma. sra. d. Olivia Guedes Penteado, cujo desaparecimento constituiria "uma verdadeira calamidade para o mundo intelectual, artístico e social de São Paulo e do Brasil", pondo em destaque os dotes de coração, de intelligencia e de patriotismo da illustre dama paulista. Trata também do vulto do professor Miguel Couto, cuja morte repercutira profundamente nos meios científicos do país, para propor que fossem lançados na ata dois votos de profundo pesar pelos falecimentos em questão, o que foi aprovado unanimemente. Depois de encaminhar as propostas de novos socios que se encontravam sobre a mesa, o sr. presidente comunica o oferecimento feito pelo comendador Norberto Jorge, atualmente em Portugal, para ali se interessar pelo encontro dos despojos do veneravel padre José de Anchieta e consequente transladação do mesmo para São Paulo. Louva o interesse que pelo caso tomou esse nosso patricio e declara que o Instituto se comunicará com o mesmo, apoiando a sua iniciativa, embora existam dúvidas profundas sobre o paradeiro dos ossos do grande apóstolo do Brasil, não sendo mesmo certo que se encontrem em Portugal; trata das supostas descobertas arqueológicas nas imediações da Vila de Batalha, Municipio de Iacanga, Comarca de Pederneiras, dizendo que o Instituto não podia envolver-se no caso, visto haver ali interesses em jogo e divergencias entre dois grupos que disputavam a primazia do achado, e mesmo por tudo estar demonstrando que se tratava apenas de uma pedreira de basalto; encaminha à comissão de redação da *Revista* do Instituto um recorte de jornal contendo o manifesto de 3 de dezembro de 1870 e a carta de d. Amelia de Leuchtenberg às mães brasileiras, para que a mesma comissão oportunamente aproveitasse esses documentos, tendo ocasião de retificar um engano que cometera em tempo, dando o dr. Gabriel de Toledo Piza como um dos signatarios do referido manifesto e no que fora elucidado por essa noticia de jornal, que o consocio dr. Sinesio Rangel Pestana lhe enviara em tempo; convida os socios do Instituto para as conferencias que seriam feitas no salão nobre da sociedade por professores estrangeiros contratados para a Universidade de São Paulo, e considera inscrito para na próxima sessão ocupar a tribuna o socio efetivo capitão Amílcar Salgado dos Santos, que tratará do tema: "Quando São Paulo homenageará aos heróis da Laguna?". E, nada mais havendo a tratar, foram suspensos os trabalhos, às 23 horas, sendo marcada nova reunião para o próximo dia 5 de julho, às 21 horas. E, para constar, foi lavrada a presente ata por mim, Nicolau Duarte Silva, segundo secretario, conferida.

(aa.) José Torres de Oliveira.

Plinio Airoso.

N. Duarte Silva.



11a. SESSÃO REGIMENTAL, EM 5 DE JULHO DE 1934 —  
*Presidencia: dr. José Torres de Oliveira* — 1.º Secretario: dr. Plínio Marques da Silva Airosa — 2.º Secretario: sr. Nicolau Duarte Silva. — Com a presença dos socios srs. drs. José Torres de Oliveira, Afonso José de Carvalho, José Francisco de Queiroz Teles, Marcelo Piza, Amílcar Salgado dos Santos, Antonio Paulino de Almeida, Domingos Laurito, Dacio Pires Correia, Nicolau Duarte Silva, Cassio Egidio de Queiroz Aranha e Plínio Airosa, realizou o Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo, no dia 5 de julho de 1934, às 21 horas, em sua sede social, à rua Benjamin Constant n.º 40, a décima primeira sessão regimental do corrente ano. Os trabalhos foram presididos pelo sr. dr. José Torres de Oliveira, presidente perpetuo do Instituto, assistido dos primeiro e segundo secretarios, respectivamente, dr. Plínio Airosa e sr. Nicolau Duarte Silva. Lida e aprovada a ata da sessão anterior, passou-se ao expediente, que constou de uma carta do socio dr. Afonso de Escragnolle Taunay, justificando o seu não comparecimento, por motivo de saude, e de outra do sr. Miguel Angel Fernandez, de Havana, Cuba, pedindo publicações. Foram acusadas as seguintes ofertas: “Poliantéia Comemorativa do centenario do nascimento do senador A. J. Esteves Junior” e “Livro do Centenario da Câmara dos Deputados (1826-1926)”, em dois volumes, dádiva do socio dr. Américo Brasiliense; “A Diocese de Ribeirão Preto em homenagem grata e festiva a seu amado bispo d. Alberto José Gonçalves. Na feliz occorrença das datas jubilares do seu sacerdocio e episcopado — 1934”; “Indianer Studien in nordöstlichen Chaco”, “La Mère Commune dans la Mithologie de deux tribus sudaméricaines” e “Volksuebertiesferungen ans Paraguay. Die Geschichten von Pora und Pombero”, de Herbert Baldus, remessa do mesmo; “As primeiras escolas do Brasil”, de Serafim Leite, oferta do autor; primeiro número da “Revista do Arquivo Municipal de S. Paulo”; primeiro número do segundo ano da “Revista Numismática — Órgão da Sociedade Numismática Brasileira de S. Paulo”; e “Concepção Institucional do Direito”, de Dacio Ferraz Alvim, remessa do autor. Abrindo a primeira parte da ordem-dodia, o sr. presidente comunica que o Instituto, segundo a praxe, faria chegar às mãos do socio honorario sr. dr. Washington Luiz Pereira de Sousa um officio de condolencias, por motivo do falecimento de sua exma. esposa, a distinta dama paulista. sra. d. Sofia Pais de Barros Pereira de Sousa. Foram, a seguir, encaminhadas as propostas de novos socios, que se encontravam sobre a mesa, sendo postas em discussão e votação as que haviam merecido parecer favoravel das respectivas comissões, de que resultou serem eleitos membros do Instituto, na classe de assistentes, por unanimidade de votos, os srs. drs. Carlos da Silveira e José Paolone. Inscreveram-se, para oportunamente lerem trabalhos de sua lavra, os socios efetivos srs. drs. Antonio Paulino de Almeida e Plínio Airosa, que tratarão, respectivamente, dos seguintes assuntos: “A cidade de S. Sebastião do litoral paulista, através da historia — Da ação dos piratas nos costas da Capitania” e “Palavras de origem tupi que ingressaram no vocabulario nacional”. Passando-se à segunda parte da ordem-dodia, foi concedida a palavra ao socio efetivo, sr. capitão Amílcar Salgado dos Santos, que ventitou o tema: “Quando S. Paulo homenageará aos heróis de Laguna?” Depois de citar os nomes dos paulistas que tomaram parte no memoravel acontecimento, detendo-se na descrição da marcha das forças desde a nossa

capital até o teatro da guerra, o orador lembra que há já varios anos que entusiasticamente vinha trabalhando para que os heróis do grande feito tivessem os seus nomes perpetuados na pedra ou no bronze. Reiniciando agora essa campanha, o orador declarou esperar que a Força Pública de S. Paulo, que, então, embora sob outro nome, forneceu alguns dos elementos daquela memoravel epopéia, tambem tomaria a peito essa patriótica tarefa, ajudando a saldar essa divida de gratidão, quiçá a mais bela da nossa historia militar. Ao terminar a sua palestra, o orador foi muito aplaudido, tendo o sr. presidente declarado que o projeto sugerido pelo sr. Capitão Amilcar Salgado dos Santos era merecedor de toda a atenção, motivo por que fazia os mais ardentos votos para que o mesmo se tornasse realidade, dentro de breve espaço de tempo. E, nada mais havendo a tratar, foram encerrados os trabalhos, às 22 horas, sendo marcada nova reunião para o próximo dia 20, às 21 horas. E, para constar, foi lavrada a presente ata por mim, Nicolau Duarte Silva, segundo secretario, conferida.

(aa.) José Torres de Oliveira.  
N. Duarte Silva.  
Marcelo Piza.

12a. SESSÃO REGIMENTAL, EM 20 DE JULHO DE 1934 —  
*Presidencia:* dr. José Torres de Oliveira — 1.º Secretario: sr. Nicolau Duarte Silva — 2.º Secretario: dr. Marcelo Piza. — Com a presença dos socios srs. drs. José Torres de Oliveira, Marcelo Piza, Geraldo Rúffolo, Nicolau Duarte Silva, Antonio Paulino de Almeida, Amilcar Salgado dos Santos, José Francisco de Queiroz Teles, Frederico de Barros Brotero e João Batista de Campos Aguirra, realizou o Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo, no dia 20 de julho de 1934, às 21 horas, em sua sede social, à rua Benjamin Constant, n.º 40, a décima-segunda sessão regimental do corrente ano. Os trabalhos foram presididos pelo sr. dr. José Torres de Oliveira, presidente perpetuo do Instituto, servindo de primeiro o segundo secretario sr. Nicolau Duarte Silva e de segundo o socio efetivo dr. Marcelo Piza. Depois de justificar a ausencia do primeiro secretario, por motivo de força maior, o sr. presidente nomeou uma comissão composta dos srs. drs. Frederico de Barros Brotero, João Batista de Campos Aguirra e Geraldo Rúffolo, afim de introduzir no recinto o socio assistente dr. Carlos da Silveira, que tomou posse de sua cadeira. Dando posse ao novo socio, o sr. presidente dirigiu-lhe uma saudação, tendo oportunidade de por de manifesto os dotes de inteligencia, dedicação e operosidade do mesmo. O recipiendario respondeu, agradecendo e prometendo fazer quanto estiver ao seu alcance, para que o Instituto prosseguisse na sua tarefa. Lida e aprovada a ata da sessão anterior, passou-se ao expediente, que constou das seguintes cartas: do socio dr. Goffredo da Silva Teles, agradecendo as homenagens prestadas à memoria da socia honoraria exma. sra. d. Olivia Guedes Penteado; do padre Murilo Moutinho, agradecendo a communicação de haver sido escolhido socio assistente do Instituto; do sr. Luigi Borgogno, diretor do Instituto Medio Italo-Brasileiro "Dante Alighieri", oferecendo um exemplar do livro "Garibaldi Condottiero", publicação do Ministerio da Guerra da Italia; e do

dr. F. A. de Moura Campos, pedindo informações sobre costumes indígenas. Além do referido trabalho sobre Garibaldi, foram acusadas mais as seguintes ofertas: uma coleção de postais com vistas de São Paulo, dádiva do sr. Pedro Faber Halembech; "Os Missionários Capuchinhos no Brasil", dos freis Modesto Rezende, de Taubaté, e Fidelis Mota, de Primerio; "Itararé!... Itararé!..." de Honorio de Silos; segundo número da "Revista do Arquivo Municipal de S. Paulo"; segundo trimestre de 1934 da "Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul" e "O novo bispo de S. Carlos — Saudação a d. Gastão Liberal Pinto", pelo dr. Afonso José de Carvalho, remessa desse consocio. Abrindo a primeira parte da ordem-dia, o sr. presidente encaminhou as propostas de novos socios que se encontravam sobre a mesa, passando depois a fazer considerações sobre a nova Magna Carta do Brasil, para propor o lançamento em ata de três votos: um de regozijo, pela promulgação da Constituição; outro de louvor, para os que contribuíram para isso, já nos campos de batalha, já na tribuna ou na imprensa ou assembléia; e outro de veneração à memoria daqueles que morreram defendendo os ideais da Revolução Constitucionalista. Nas suas considerações, o sr. dr. José Torres de Oliveira referiu-se particularmente às disposições que a nova Constituição consagrou à proteção e defesa dos nossos índios, aceitando assim as sugestões em tempo feitas pelo Instituto nesse sentido. Apoiando a proposta do sr. presidente, o socio efetivo sr. Geraldo Rúffolo sugeriu que ainda constasse da ata um voto de reconhecimento aos deputados que se interessaram pela campanha do Instituto em prol dos índios, "secundando a obra dos antigos jesuitas do Brasil". Ambas as sugestões foram aprovadas por unanimidade de votos. Passando-se à segunda parte dos trabalhos, subiu à tribuna o socio efetivo sr. dr. Antonio Paulino de Almeida, que procedeu à leitura do capítulo do seu livro em preparo: "A cidade de São Sebastião, do litoral paulista, através da historia", intitulado "Da ação dos piratas nas costas da Capitania". O autor tratou do ponto com grande dedicação, apresentando varios e interessantes documentos sobre a visita de piratas às costas de S. Paulo, assim como sobre as obras de defesa levadas a efeito pelas autoridades e povo, para detê-los nos seus assaltos. Ao concluir o seu estudo, o orador foi muito aplaudido, merecendo elogios do sr. presidente. Continuam inscritos para lerem trabalhos de sua lavra os socios efetivos srs. drs. Plinio Airoso e Antonio Paulino de Almeida. A sessão foi encerrada às 23 horas, sendo marcada nova reunião para o próximo dia 6 de agosto, às 21 horas. E, para constar, foi lavrada a presente ata por mim, Nicolau Duarte Silva, segundo secretario, conferida.

(aa.) José Torres de Oliveira.  
N. Duarte Silva.  
Amilcar Salgado dos Santos.

---

13a. SESSÃO REGIMENTAL, EM 20 DE AGOSTO DE 1934  
— *Presidencia*: dr. José Torres de Oliveira — 1.º Secretario: sr. Nicolau Duarte Silva — 2.º Secretario: sr. Cap. Amilcar Salgado dos Santos. — Com a presença dos socios srs. drs. José Torres de Olivei-

ra, Nicolau Duarte Silva, Afonso José de Carvalho, Antonio Ferreira Cesarino Junior, Domingos Laurito, Amílcar Salgado dos Santos, Darcio Pires Correia, Carlos da Silveira e João Batista de Campos Aguirra, realizou o Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo, no dia 20 de agosto de 1934, às 21 horas, em sua sede social, à rua Benjamin Constant, n.º 40, a décima-terceira sessão regimental do corrente ano. Os trabalhos foram presididos pelo sr. dr. José Torres de Oliveira, presidente perpetuo do Instituto, servindo de primeiro e segundo secretario sr. Nicolau Duarte Silva e de segundo o socio efetivo sr. capitão Amílcar Salgado dos Santos. Depois de comunicar que deixou de haver sessão no p.p. dia 6 de agosto, por falta de número, o sr. presidente perpetuo justificou a ausencia do sr. primeiro secretario, por motivo de força maior. Lida e aprovada a ata da sessão anterior, passou-se ao expediente, que constou do seguinte: carta do socio efetivo sr. dr. Afonso de Freitas Junior, agradecendo as condolencias enviadas pelo Instituto, por motivo do falecimento da sua progenitora; officio do sr. Francisco Nardy Filho, pela Comissão promotora dos festejos à memoria do maestro Elias Álvares Lobo, por motivo do primeiro centenario de nascimento do artista ituano, convidando o Instituto para participar da comemoração; carta da sra. Heloise Brainerd, chefe da Secção de Cooperação Intelectual da União Pan-Americana, de Washington, — agradecendo o fornecimento de informações; e officio do sr. Angel H. Vidal, diretor do "Arquivo General de la Nacion", de Montevidéu, sobre remessa de publicações para o Instituto. Foram acusadas as seguintes ofertas, destinadas às secções de Arquivo e Museu e Biblioteca e Mapoteca do Instituto: "Bosquejo de tratado de paz entre o Imperio do Brasil e a Coroa Portuguesa", pelo desembargador Manuel da Cunha de Azeredo Coutinho Sousa Chichorro, de 1825"; "Discurso que recitou o Exmo. Sr. Vicente Tomaz Pires de Figueiredo Camargo, Presidente desta Provincia (Maranhão), na ocasião da abertura da Assembléa Legislativa Provincial no dia 3 de maio do corrente ano (1838)"; "Opúsculo sobre a questão e reunião das Duas Câmaras", do desembargador Caetano Ferraz Pinto; "A son Altesse Impériale le Prince Louis-Napoléon — L'Avénement", por Simion Pécontal; "Discours d'un Député", de Eugène Pelletau; "Discours sur les affaires de Pologne", por M. le Mis. de La Rochejaquelein; "Discurso proferido no Senado pelo conselheiro Francisco de Paula da Silveira Lobo, na sessão de 3 de setembro de 1875"; "7a. Conferencia para o tricentenario de Anchieta", do General Couto de Magalhães; "Cantata alegórica com mímica e dansas, para executar-se no Teatro de S. Pedro D'Alcântara, no dia 6 de maio (1845), para solemnizar o feliz natalicio e reconhecimento de S. A. I. o Príncipe d. Afonso Pedro", por Luiz Montani; "Defesa de Francisco Antonio Soares, oferecida ao Governo de Pernambuco, antes da anistia de S. M. I. C.", Pernambuco, 1825; "Discurso proferido na Câmara dos srs. Deputados sobre a questão bancaria", por Paulino José Soares de Sousa (1859); "Memoria Histórica dos acontecimentos notaveis da Faculdade de Direito de S. Paulo, durante o ano de 1862", por João Teodoro Xavier; "Discursos proferidos na Câmara dos Deputados, na sessão legislativa de 1848, por ocasião da discussão do voto de graças", pelo dr. Gabriel José Rodrigues dos Santos; "Defesa de Antonio Soares Pinto, ex-tesoureiro da Mesa do Consulado da Corte", Rio de Janeiro, 1839; "O Poder Moderador e o sr. Teófilo Benedito Ottoni",

S. Paulo, 1860; "A Missão Paranhos ou a Paz no Uruguai", por um ex-ministro de Estado, Rio de Janeiro, 1865; "Diário de viagem do dr. Francisco José de Lacerda e Almeida pelas Capitanias do Pará, Rio-Negro, Mato-Grosso, Cuiabá, e S. Paulo, nos anos de 1780 a 1790", S. Paulo, 1841; "Discursos proferidos na Câmara dos srs. Deputados e no Senado", pelo conselheiro F. Belisario Soares de Sousa (1886); "Exposição" do sr. Antonio Paulino Limpo de Abreu, Rio de Janeiro, 1845; "O Sistema Eleitoral no Brasil", de F. Belisario Soares de Sousa (com dedicatória do autor); "Agonia do Povo e os Funerais da República", pelo coronel Malvino Reis, Rio de Janeiro, 1899; "A Revolução de 7 de abril de 1831 e Evaristo Ferreira da Veiga", por um fluminense amante da Constituição, Rio de Janeiro, 1862; "As injurias do sr. Martinho Campos no seio da Representação Nacional", pelo Bacharel Ângelo da Mata e Andrade; "Resumo da Historia do Brasil"; "Carta aos Senhores Eleitores da Provincia de Minas Gerais", pelo deputado Bernardo Pereira de Vasconcelos, S. João d'El-Rei, 1828; "O Processo Crime formado na cidade de Pouso Alegre da Provincia de Minas Gerais contra os assassinos do senador do Imperio José Bento Leite Ferreira de Melo", S. Paulo, 1854; "Análise ao Decreto de 1 de dezembro de 1822, sobre a criação da Nova Ordem do Cruzeiro, com algumas notas. Illustração ao Brasil e ao nosso Imperador: o senhor d. Pedro I. Oferecida ao público pelo desengano", reimpresso no Rio de Janeiro, 1823; "A República Federativa no Brasil", por A. F. de Paula Sousa, S. Paulo, 1869; "Discurso proferido na Câmara dos Deputados, na sessão de 23 de maio de 1879", pelo dr. Inacio Antonio de Assiz Martins; dois folhetos sobre acontecimentos de 1842, de Nicolau Pereira de Campos Vergueiro e José Bento Leite Ferreira de Melo, Rio de Janeiro, 1843, com autógrafos do Barão de Montalegre; "Lettre du Prince Napoléon à M. le Maire d'Ajaccio" de 20 de dezembro de 1899 (impresso); "Testaments de Louis XVI et de Marie Antoinette" (impresso); "Planta da Cidade de S. Paulo", de 1893 editor Ugo Bonvicini; e "Carta da Provincia de S. Paulo — Levantada pelo engenheiro Roberto A. Habersham, 1870" (original?) — remessa feita pelo socio sr. dr. Américo Brasiliense, por intermedio do consocio sr. dr. José Torres de Oliveira; diversos documentos que pertenceram ao saudoso consocio sr. dr. Lafayette de Toledo, dádiva do sr. Ângelo Franchi, por intermedio do socio sr. João Batista de Campos Aguirra; "Os Marçais de Foscoa", de Rafael Marçal, remessa do autor, por intermedio do com.º Norberto Jorge; "Allgemeine Ethnographie", de Friedrich Mueller, oferta do sr. Rui Tibiriçá; "Arquives General de la Nación", de Montevidéu (Libros XIV y XV); "A questão de limites do Estado de S. Paulo com Minas Gerais", de Guilherme Wendel; tomo quarto da "Genealogia Paranaense", por Francisco Negrão, dádiva do autor; "João Poupino Caldas", de José de Mesquita, remessa do autor; "Poliantéia em homenagem à memoria do insigne maestro ituano Elias Álvares Lobo — Comemorando o 1.º Centenario de seu nascimento", oferta da Corporação Musical "União dos Artistas", de Itú; n.º 2 da revista "Civilização", de Campo Grande, Mato-Grosso; e ano 23, de janeiro a março de 1934, do "Boletim do Ministerio da Agricultura" do Rio de Janeiro. Passando-se à primeira parte dos trabalhos, o sr. presidente perpetuo comunica achar-se presente o sr. comendador Norberto Jorge, recentemente chegado da Europa, onde teve oportunidade de fazer algumas investiga-

ções para o encontro dos restos mortais do padre José de Anchieta, e que, a convite do Instituto, faria na próxima reunião um apanhado das suas diligências para descobrir os preciosos despojos do taumaturgo do Brasil. Foram, a seguir, encaminhadas as propostas de novos socios, que se encontravam sobre a mesa, sendo postas em discussão e votação as que tinham pareceres das respectivas comissões, de que resultou serem eleitos socios do Instituto, por unanimidade de votos, na classe dos honorarios, os srs. drs. padre Serafim Leite S. J., embaixador Pedro de Toledo, Carlos de Sousa Nazaré, padre José de Castro Neri, assim como as sras. dra. Carlota Pereira de Queiroz e d. Noemia do Nascimento Gama; e na classe dos assistentes, os srs. drs. Joaquim Canuto Mendes de Almeida e Alcebiades de Toledo Piza. O socio efetivo sr. Nicolau Duarte Silva propõe o lançamento em ata de um voto de louvor ao socio sr. João Batista de Campos Aguirra, pelo interesse pelo mesmo manifestado pelo Instituto, enriquecendo-o de valiosos donativos, feitos por pessoas de suas relações. Vinha a propósito citar a oferta de precioso lote de jornais e revistas, feita pelo sr. Luiz Carneiro, desta Capital, os quais estavam sendo recolhidos à secção de Arquivo e Museu do Instituto, e que oportunamente seriam inventariados, acusados e postos à disposição dos consocios. A proposta do sr. Duarte Silva foi aprovada. Ainda na primeira parte da ordem-do-dia, usam da palavra os socios efetivos srs. drs. Afonso José de Carvalho e capitão Amílcar Salgado dos Santos. O primeiro pediu informações ao sr. presidente perpetuo sobre o projeto de denominar-se Praça Anchieta o antigo Largo do Palacio, tendo o segundo lembrado que se desse a uma rua de S. Paulo o nome do illustre militar patricio capitão Novais. O sr. dr. José Torres de Oliveira declarou que voltaria a cuidar do assunto, dando oportunamente à casa os necessarios esclarecimentos. Nada mais havendo a tratar, foram suspensos os trabalhos, às 23 horas, sendo marcada nova reunião para o próximo dia 5 de setembro, às 21 horas, E, para constar, foi lavrada a presente ata por mim, Nicolau Duarte Silva, segundo secretario, conferida, tendo a acrescentar, entre as ofertas mencionadas, a do sr. Francisco de Paula Negrão, de um exemplar do livro de sua autoria: "Memoria Histórica Paranaense".

(aa.) José Torres de Oliveira.  
Plínio Marques da Silva Airosa.  
N. Duarte Silva.

---

14a. SESSÃO REGIMENTAL, EM 5 DE SETEMBRO DE 1934 — *Presidencia: dr. José Torres de Oliveira* — 1.º Secretario: dr. Plínio Marques da Silva Airosa — 2.º Secretario: sr. Nicolau Duarte Silva. — Com a presença dos socios srs. drs. José Torres de Oliveira, Frederico de Barros Brotero, Marcelo Piza, Domingos Laurito, Amílcar Salgado dos Santos, Nicolau Duarte Silva, Teodoro Braga, Plínio Airosa, Geraldo Rúffolo e Antonio Ferreira Cesarino Junior, realizou o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, no dia 5 de setembro de 1934, às 21 horas, em sua sede social, à rua Ben'amin Constant, n.º 40, a décima-quarta sessão regimental do corrente ano. Os trabalhos foram presididos pelo sr. dr. José Torres de Oliveira, presidente

perpetuo do Instituto, que se achava ladeado dos primeiro e segundo secretarios, respectivamente, srs. dr. Plinio Airoso e Nicolau Duarte Silva. Lida e aprovada a ata da sessão anterior, passou-se ao expediente, que constou do seguinte: cartas dos srs. drs. Carlos de Sousa Nazaré, padre J. de Castro Neri e Joaquim Canuto Mendes de Almeida, agradecendo a comunicação de haverem sido eleitos socios do Instituto. Foram acusadas as seguintes ofertas, destinadas às secções de Arquivo e Museu e Biblioteca e Mapoteca, do Instituto: uma fotografia de d. frei Vital Maria de Oliveira e diversos jornais, de 1892 e de 1924, estes referentes ao movimento revolucionario desse ano — dádiva do sr. José Bueno de Oliveira Azevedo Filho; "Galeria dos Constituintes de 1934", remessa do sr. José Torres de Oliveira Junior; três pacotes de jornais referentes à exposição realizada no Rio de Janeiro, por ocasião de comemorar-se o centenario da Independencia do Brasil, e sobre a revolução paulista de 1924 — oferecimento do sr. Manuel Lopes de Oliveira Filho; "Incidente Piza — Rio Branco", com notas autógrafas do autor — dádiva do socio Jr. Frederico de Barros Brotero; "Oração a Portugal", de Marques da Cruz, oferta do mesmo; "Leis — Sinopse. Vocabulario elucidativo dos termos e das locuções jurídicas. Definições. Coleção de aforismos latinos traduzidos em portuguez", pelo dr. Leonardo Pinto — remessa desse consocio; e "La valorisation du café au Brésil", de F. Ferreira Ramos; "Regimento interno da Bolsa de Fundos Públicos de São Paulo"; "Conferencia feita pelo dr. Viriato Correia na Federação Espirita Brasileira, a 8 de fevereiro de 1925"; "A tração elétrica entre Jundiá e Campinas", de F. de Monlevade; "Hospicio e Colonia de Juqueri", de Franco da Rocha; "Relatorio sobre a Zootécnica na Exposição de Viena em 1873", por Luiz Caminhoá; "Imposto do Selo", de Cândido de Oliveira Filho (1916); "Considerações elucidativas sobre a causa primordial da falencia da Companhia Estrada de Ferro Araraquara", por Silvio A. Penteado; "Estrada de Ferro Norte de Mato Grosso", pelo dr. Oscar Moreira; "L'Emigrazione Italiana nello Stato di S. Paulo", de Antonio Piccarolo; "Cifras e Notas", de João Lira; "As Bandeiras Paulistas", de Gentil de Assiz Moura; "O Problema Monetario no Brasil", de Silvio Álvares Penteado; "Relatorio n.º 7 da Comissão Executiva da Catedral de S. Paulo"; "Um Problema Nacional. A Esterilização dos Cereais pelo Esterilizador Imperial. Invenção Brasileira"; "Dumas", de Edmundo N. de Andrade; "A questão operaria à luz dos principios cristãos", pelo dr. Luiz Correia de Brito; "Resenha Histórica do Municipio de S. Pedro de Piracicaba", de Junio Caiubi; "Questões Florestais", de Navarro de Andrade; "Livro da Familia. Alguns apontamentos genealógicos sobre os ascendentes de Malta Cardoso originarios de Jacaréi — Estado de S. Paulo"; "Indicador Commercial — The National City Bank — 1920"; "Relatorio apresentado ao Sr. Dr. Presidente do Estado de S. Paulo pelo dr. Cesarino Mota Junior — 1893; "Guia do Estado de S. Paulo", por Antonio Fonseca e dr. J. F. de Melo Nogueira — 4a. edição; "Almanaque Literario", de 1885, de José Maria Lisboa; "Almanaque para 1916 de "O Estado de S. Paulo"; "Almanaque de Laemmert", para 1881 e 1885; "Guia Geral do Rio Grande do Sul", de 1920; Almanaque da Provincia de S. Paulo", de Jorge Seckler — volumes correspondentes aos anos de 1884, 1885, 1886, 1887 (2 exemplares), 1888 e 1890; e "Almanaque do Estado de S. Paulo para 1895", de Canuto

Thorman — oferecimento feito pelo sr. Luiz Carneiro, por intermédio do socio sr. João Batista de Campos Aguirra. Passando-se à primeira parte dos trabalhos, foram pelo sr. presidente perpetuo encaminhadas as propostas de novos socios, que se encontravam sobre a mesa. O socio efetivo sr. Nicolau Duarte Silva comunicou que a secção de Arquivo e Museu do Instituto, de que tinha a honra de ser director, estava quasi que diariamente recebendo, por intermédio do socio sr. João Batista de Campos Aguirra, valiosos pacotes de jornais e revistas, da doação feita pelo sr. Luiz Carneiro, desta Capital. Informou mais o referido consocio que a dádiva registada, do sr. Manuel Lopes de Oliveira Filho, tambem desta Capital, tinha dupla significação: primeiro pela sua propria importancia, e, em segundo lugar, por que constituia uma promessa de que o Instituto seria, oportunamente, contemplado com outras peças que o doador ainda não tivera ocasião de seleccionar, para no-las confiar, conforme declarara ao sr. Duarte Silva. A segunda parte dos trabalhos foi occupada pela exposição que, a convite do sr. presidente perpetuo do Instituto, o sr. comendador Norberto Jorge fez sobre as suas diligencias para encontrar, em Portugal, os restos mortais do veneravel José de Anchieta, com a intenção de fazê-los transportar para a nossa terra. Depois de interessante explanação histórica sobre o destino que teriam tido os preciosos despojos do taumaturgo do Brasil, o sr. comendador Norberto Jorge passou a ler a correspondencia que teve ocasião de trocar com diversas personalidades de destaque, nas letras e nas artes de Portugal, para bem desempenhar-se do seu desejo. Conseguiu, desta maneira, interessar no caso o sr. dr. Simões Rátola, bibliotecario da Biblioteca Nacional de Lisboa, o distincto historiador Marquês de Faria, o conhecido artista lusitano Jorge Colaço, os estudiosos de fatos históricos srs. Paulo Durão e padre A. Alberto Gonçalves, assim como o primeiro secretario da embaixada do Brasil, sr. A. Moreira de Abreu. Terminando a sua interessante exposição, o sr. comendador Norberto Jorge traçou o panegirico de José de Anchieta, lamentou que não lhe fosse dado ver coroada de êxito a sua iniciativa e pediu ao Instituto que mantivesse contato com as referidas pessoas de Portugal, para que a idéia se concretizasse mais dia menos dia. O orador foi muito aplaudido, tendo o sr. presidente perpetuo do Instituto, depois de agradecer a gentileza da exposição e encarecido os esforços do sr. comendador Norberto Jorge, assim como o seu interesse pela historia da nossa terra, declarado que o Instituto tudo faria para cultivar, até que se tornasse uma realidade, tão feliz quanto oportuna iniciativa. E, assim, pedia ao mesmo que confiasse à secção de Arquivo e Museu do Instituto todos os documentos sobre o assunto, no que foi atendido. Após informar que os socios efetivos srs. drs. Antonio Paulino de Almeida e Plinio Airosa continuavam inscritos, para lerem trabalhos de sua lavra, o sr. presidente perpetuo encerrou a reunião, às 23 horas, marcando nova sessão para o próximo dia 20, às 21 horas. E, para constar, foi lavrada a presente ata por mim, Nicolau Duarte Silva, segundo secretario, conferida.

(aa.) José Torres de Oliveira.  
Plinio Marques da Silva Airosa.  
N. Duarte Silva.



15a. SESSÃO REGIMENTAL, EM 20 DE SETEMBRO DE 1934 — *Presidência*: dr. José Torres de Oliveira — 1.º Secretário: dr. Plínio Marques da Silva Airosa — 2.º Secretário: sr. Nicolau Duarte Silva. — Com a presença dos socios srs. drs. José Torres de Oliveira, Frederico de Barros Brotero, Domingos Laurito, Antonio Paulino de Almeida, Amílcar Salgado dos Santos, Plínio Airosa, José da Mata Cardim, Nicolau Duarte Silva, João Batista de Campos Aguirra e Marcelo Piza, realizou o Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo, no dia 20 de setembro de 1934, às 21 horas, em sua sede social, à rua Benjamin Constant, n.º 40, a décima-quinta sessão regimental do corrente ano. Os trabalhos foram presididos pelo sr. dr. José Torres de Oliveira, presidente perpetuo do Instituto, que se achava ladeado dos primeiro e segundo secretarios, respectivamente, srs. dr. Plínio Airosa e Nicolau Duarte Silva. Abrindo a sessão, o sr. presidente nomeou uma comissão composta dos socios srs. drs. Marcelo Piza, João Batista de Campos Aguirra e Frederico de Barros Brotero, afim de introduzir no recinto o socio assistente sr. dr. José Paolone, que tomava posse da cadeira para que havia sido eleito. A seguir, o sr. dr. José Torres de Oliveira dirigiu uma saudação ao recipiendario, tendo oportunidade de acentuar o significado da sua escolha para membro do Instituto, já por se haver revelado um amigo de S. Paulo e das coisas que lhe dizem respeito, já pelo interesse demonstrado pelo estudo da nossa historia, procurando assistir às reuniões do Instituto. O sr. dr. José Paolone respondeu, agradecendo e prometendo fazer quanto estivesse ao seu alcance, para corresponder à confiança depositada na sua pessoa. Lida e aprovada a ata da sessão anterior, passou-se ao expediente, que constou do seguinte: cartas do embaixador Pedro de Toledo e padre Serafim Leite S. J., agradecendo a comunicação de haverem sido escolhidos socios honorarios do Instituto; telegrama do embaixador do Uruguai no Rio de Janeiro, agradecendo as saudações do Instituto ao presidente Gabriel Terra; telegrama do professor Hildebrando de Siqueira, comunicando que tomará posse da sua cadeira de socio correspondente na reunião do próximo dia 5 de outubro; e officios do Touring Club do Brasil, secção de S. Paulo, e Escola de Engenharia Mackenzie, convidando o Instituto, respectivamente, para a solenidade da inauguração do Marco Zero na Praça da Sé e para a conferencia que o engenheiro Agenor Machado fez sobre o tema: "Da importancia da aerofotogrametria e a sua applicação prática no levantamento do Municipio de S. Paulo". Foram acusadas as seguintes ofertas, destinadas às secções de Arquivo e Museu e Biblioteca e Mapoteca do Instituto: "Manifesto sobre a fundação de uma Universidade em S. Paulo", dádiva do sr. Manuel Lopes de Oliveira Filho, por intermedio do socio sr. Nicolau Duarte Silva; "Incidente Piza-Rio Branco", com notas manuscritas do autor, oferta do sr. Luiz Carneiro, por intermedio do socio sr. João Batista de Campos Aguirra; "Anuario da Escola Politécnica", de S. Paulo, para o ano de 1934; "Ata Final — Sétima Conferencia Internacional Americana", de Montevidéu; e n.º 5 da "Revista do Professor", desta Capital. Passando-se à primeira parte dos trabalhos, foram encaminhadas as propostas de novos socios, que se encontravam sobre a mesa, sendo postas em discussão e votação as que tinham pareceres favoraveis das respectivas comissões técnicas, de que resultou serem eleitos socios do Instituto, por unanimidade de votos, na classe dos honorarios, o rev. padre José Danti S. J.; na dos

efetivos, os srs. drs. Carlos da Silveira, que foi transferido da categoria de assistente, Herbert Baldus e Honorio de Silos; e na dos assistentes, os srs. drs. Luiz Ribeiro do Vale e João Augusto de Toledo. O sr. presidente comunica que o Instituto enviou um officio ao sr. prefeito da Capital, lembrando que se desse a uma rua de S. Paulo o nome do bravo capitão Manuel de Freitas Novais, morto gloriosamente durante a Campanha Constitucionalista; faz uma exposição sobre os entendimentos que está tendo com o governo, acerca da utilização do salão nobre do Instituto para as conferencias públicas realizadas sob os auspícios da Universidade de S. Paulo; e informa ter chegado ao seu conhecimento, por meio de corretores de negocios, que a Municipalidade voltou a cuidar do alargamento da rua Benjamin Constant, tendo, portanto, que tornar a tratar do caso da desapropriação de uma faixa de terreno da sede social. A propósito desta noticia, adiantou o sr. dr. José Torres de Oliveira que não se descuidaria, afim de defender os interesses sociais em jogo. Seguiu-se com a palavra o socio efetivo sr. dr. José da Mata Cardim, que, depois de justificar o seu não comparecimento a diversas reuniões do Instituto, por motivo de força maior, declarou que, ainda assim, não havia descurado da campanha em prol dos nossos patrios das selvas. Assim é que tivera ocasião de remeter diversos informes para a comissão elaboradora da nova Constituição do Brasil, vendo, afinal, com alegria, coroados de pleno êxito os trabalhos do Instituto nessa causa. O sr. dr. Mata Cardim prometeu fazer, oportunamente, uma exposição desses trabalhos, e entregar à secção de Arquivo e Museu do Instituto os documentos que possui sobre o assunto. O socio efetivo sr. Nicolau Duarte Silva entrega ao Instituto, em nome do sr. Manuel Lopes de Oliveira Filho, o referido manifesto sobre o projeto de fundação de uma Universidade em S. Paulo. E, a propósito desse interessante documento, informa que, não constando do mesmo qualquer referencia cronológica, havia feito algumas diligencias para identificá-lo. Supunha o doador que o fato ocorrera alguns anos após o advento da República. Entretanto, o sr. Nicolau Duarte Silva conseguiu apurar que o manifesto fora distribuido antes do dia 1.º de dezembro de 1889, quando se realizara, numa das salas do "Correio Paulistano", importante reunião, em que tomaram parte os srs. drs. Luiz Pereira Barreto, Pedro Lessa, Brasílio Machado, Brasílio dos Santôs, Antonio Carlos, Vieira de Carvalho, Piza e Almeida, Leite de Moraes, Antonio Prado, Alvaro Marcondes, Alberto Sales, Dino Bueno, Jesuino Ferreira, Bulcão, Américo de Campos, Clementino de Castro, Miranda Azevedo, Paulo Egidio, Pacheco Jordão, Elias Fausto, Queiroz Filho, Silvio Maia, Barão de Jaguará, Macedo Soares, Lopes de Oliveira e Roquette Franco, além dos seguintes representantes da imprensa: Marinho de Andrade, da "Gazeta do Povo"; Gabriel Prestes, da "Provincia de S. Paulo", e Severiano de Rezende, do "Diario Mercantil", assim como o mencionado dr. Américo de Campos, que representava o "Diario Popular". Adiantou o sr. Nicolau Duarte Silva que o dr. Pereira Barreto apresentou um programa, que constava do seguinte: ensino primario em três graus; ensino secundario, em três anos; e ensino superior (escola de agricultura e viticultura, em três anos; escola de engenharia, liceu de artes e officios e escola de medicina, esta em seis anos). Consideravam-se necessarios 800 contos de réis, tendo o dr. Vieira de Carvalho proposto que essa quantia fosse aumentada para mil contos. Essa importancia devia ser recolhida em

subscrição pública. Daí a divulgação, a maior possível, desse manifesto, em que se dizia: "Precisamos do concurso de todos os cidadãos e pedimos uma esmola a cada paulista". E, fato interessante, esquecendo as lutas das vésperas, passados apenas alguns dias do advento de um novo regime, já a gente de S. Paulo voltava a pensar na grandeza da pátria. O lado político era posto de parte, pondo-se acima de tudo o interesse da pátria. Esta asserção acha-se baseada num fato digno de registo — uma comunicação do general Couto de Magalhães, que, dias antes apeado do governo de S. Paulo, mandava um emissario declarar aos promotores da grandiosa iniciativa que, sendo ela particular, ele concorreria como pudesse para a sua realização. O referido documento, que foi recolhido à secção de Arquivo e Museu do Instituto, sendo registado sob o n.º 52.047, suscitou grande interesse entre os socios presentes à reunião, tendo o socio efetivo dr. Plinio Airosa pedido para efetuar a sua leitura, em voz alta, no que foi atendido. Falou ainda o socio efetivo dr. Antonio Paulino de Almeida, para sugerir que o Instituto se interessasse pelos sambaquis existentes em Cananéia, visto serem os mesmos de grande valor para os estudos que o Instituto se propunha realizar. O sr. presidente declarou, a propósito, que o assunto voltaria a ser examinado, para resolver-se convenientemente sobre qual-quer medida. Devido ao adiantado da hora, deixou de haver a segunda parte da ordem-do-dia, continuando inscritos, para lerem trabalhos de sua lavra, os socios efetivos srs. drs. Antonio Paulino de Almeida e Plinio Airosa. Encerrando a sessão, às 23 horas, o sr. presidente marcou nova reunião para o próximo dia 5 de outubro, às 21 horas. E, para constar, foi lavrada a presente ata por mim, Nicolau Duarte Silva, segundo secretario, conferida.

(aa.) José Torres de Oliveira.  
N. Duarte Silva.  
Marcelo Piza.

16a. SESSÃO REGIMENTAL, EM 5 DE OUTUBRO DE 1934 — *Presidência: dr. José Torres de Oliveira* — 1.º Secretario: sr. Nicolau Duarte Silva — 2.º Secretario: dr. Marcelo Piza. — Com a presença dos socios srs. drs. José Torres de Oliveira, José da Mata Cardim, Marcelo Piza, Nicolau Duarte Silva, Amilcar Salgado dos Santos, Carlos da Silveira, Maria Xavier da Silveira, Afonso José de Carvalho, e João Batista de Campos Aguirra, realizou o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, no dia 5 de outubro de 1934, às 21 horas, em sua sede social, à rua Benjamin Constant n.º 40, a décima-sexta sessão regimental do corrente ano. Os trabalhos foram presididos pelo sr. dr. José Torres de Oliveira, presidente perpetuo do Instituto, servindo de primeiro o segundo secretario sr. Nicolau Duarte Silva, e de segundo o socio efetivo dr. Marcelo Piza. Uma comissão composta dos socios srs. drs. José da Mata Cardim, Amilcar Salgado dos Santos e João Batista de Campos Aguirra introduziu no recinto o socio correspondente professor Hildebrando Siqueira, que tomou posse da sua cadeira. O recipiendario foi saudado pelo sr. presidente, que enalteceu as qualidades de espirito e a operosidade do novo socio, fazendo votos para que o mesmo prestasse ao Instituto todo o brilho da

sua intelligencia e dedicação. Recordou, ainda, o sr. presidente que a candidatura do recipiendario fora patrocinada por um dedicado socio e amigo do Instituto, infelizmente ausente por motivos de molestia, o sr. dr. José Francisco de Queiroz Teles. O professor Hildebrando Siqueira respondeu agradecendo e prometendo tudo fazer para que o Instituto prosseguisse na execução do grandioso programa que se há traçado. Ao terminar a oração com que tomou posse da sua cadeira, disse o novo socio: "Senhores: A honra que, agora, acabais de conceder-me com generosidade ilimitada, admitindo-me na vossa illustre companhia, dentro desta officina de estudos tranquilos e fecundos, há de, por certo, exercer sobre mim, como já vos disse, a força benéfica de um estímulo. E o melhor agradecimento, que eu vos possa exprimir, é a promessa de trabalhar com assiduidade na obra gigantesca que monopoliza todós os nossos esforços: a grandeza de S. Paulo — deste brasílio rincão de perspectivas amplas, que nasceu à sombra protetora da cruz do collegio de Anchieta e é guiado por outra, toda feita de estrelas, que nas noites de céu alto, desabrocha como uma benção de Deus. Ingressando a esta casa, onde pontificam, entre outros cujos nomes não me vêm à memoria de Torres de Oliveira, Afonso de Taunay, meu egregio mestre, Afonso de Carvalho, Plinio Airosa, Soares de Melo, Duarte Silva, Teodoro Braga e José Francisco de Queiroz Teles, exemplo edificante da nobreza paulista, cuja amizade, para mim, é uma honra — ingressando a esta casa, repito, estou certo de que aquí serei um dos menores. Entretanto, direi com o poeta que, "à mingua do brilho que vos não posso dar, poderei dar-vos o fervor de minha crença e a honestidade de meu labor". Lida e aprovada a ata da sessão anterior, passou-se ao expediente, que constou do seguinte: cartão do socio dr. Goffredo T. da Silva Teles, agradecendo as condolencias do Instituto por motivo da morte de pessoa da sua familia; carta do presidente da Sociedade "Biblioteca Vicentina Aranha", de S. José dos Campos, agradecendo a remessa de publicações; circular do Instituto Histórico e Geográfico Paraiibano, comunicando a constituição da sua nova diretoria e comissões permanentes; cartas da Academia Carioca de Letras, do professor Ettore Onorato e Quinto Batalhão de Caçadores, pedindo publicações; e cartas da exma. sra. dra. Carlota Pereira de Queiroz, padre José Danti S. J. e sr. Honorio de Silos, agradecendo a comunicação de haverem sido eleitos socios do Instituto. Foram acusadas as seguintes ofertas: "S. Paulo — Brasil", do socio dr. A. Pompeu; "Fiftieth Annual Report of the Bureau of American Ethnology — 1932/33", da Smithsonian Institution, de Washington; vol. IV e dois fasciculos do vol. VI da "Geological Series" — Field Museum of Natural History"; "A Forest of the Coal Age", de B. E. Dahlgren e "Annual Report of the Director to the Board of Trustees for the year 1932", do Field Museum; e "The Distribution of aboriginal tribes an languages in northwestern Mexico", de Karl Sauer. A seguir, o sr. presidente justificou o não comparecimento dos socios srs. drs. Plinio Airosa, por motivo de força maior, e José Francisco de Queiroz Teles e major Firmino de Godói, por motivo de doença; encaminhou as propostas de novos socios, que se encontravam sobre a mesa; e fez longa e fundamentada exposição sobre o entendimento que estava tendo com o governo, no sentido do mesmo continuar a aproveitar o salão nobre do Instituto para a serie de conferencias públicas realizadas pela Universidade de

S. Paulo. Nada mais havendo a tratar, o sr. presidente encerrou os trabalhos, às 23 horas, mantendo a inscrição dos socios efetivos srs. drs. Antonio Paulino de Almeida e Plinio Airoso, para lerem trabalhos de sua lavra, e marcando nova reunião para o próximo dia 20, às 21 horas. E, para constar, foi lavrada a presente ata por mim, Nicolau Duarte Silva, segundo secretario, conferida.

(aa.) José Torres de Oliveira.  
Plinio Airoso.  
N. Duarte Silva.

17a. SESSÃO REGIMENTAL, EM 20 DE OUTUBRO DE 1934  
— *Presidencia: dr. José Torres de Oliveira* — 1.º Secretario: dr. Plinio Marques da Silva Airoso — 2.º Secretario: sr. Nicolau Duarte Silva. — Com a presença dos socios srs. drs. José Torres de Oliveira, Nicolau Duarte Silva, Marcelo Piza, Plinio Airoso, João Batista de Campos Aguirra, Antonio Paulino de Almeida, Carlos da Silveira, Frederico de Barros Brotero, Amilcar Salgado dos Santos, Dacio Pires Correia, José da Mata Cardim e Domingos Laurito, realizou o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, no dia 20 de outubro de 1934, às 21 horas, em sua sede social, à rua Benjamin Constant, n.º 40, a décima-sétima sessão regimental do corrente ano. Os trabalhos foram presididos pelo sr. dr. José Torres de Oliveira, presidente perpetuo do Instituto, que se achava ladeado dos primeiro e segundo secretarios, respectivamente, dr. Plinio Airoso e sr. Nicolau Duarte Silva. Uma comissão composta dos socios srs. drs. Carlos da Silveira, Antonio Paulino de Almeida e João Batista de Campos Aguirra introduziu no recinto o socio assistente professor João Augusto de Toledo, que tomou posse de sua cadeira. Saudado pelo sr. presidente, que se referiu às qualidades morais e intellectuais do recipiendario, este respondeu agradecendo e prometendo colaborar na obra que preocupava o Instituto. Lida e aprovada a ata da sessão anterior, passou-se ao expediente, que constou de duas cartas: uma do dr. Fernando Jáuregui, de Buenos Aires, sobre permuta de publicações; e outra do dr. Artur Vasconcelos, pedindo uma audiéncia do sr. presidente. Foram acusadas as seguintes ofertas: "Dicionario Português-Brasileiro e Brasileiro-Português — Reimpressão integral da edição de 1795, seguida da 2a. parte até hoje inédita, ordenada e prefaciada por Plinio Airoso", dádiva desse socio; "Anchieta e o suplicio de Balleur", de Vicente Temudo Lessa, remessa desse socio; "La esquadrilla republicana en la Laguna Merim", de Juan Enrique Kenny, remessa do autor por intermedio do socio dr. João Penteadó Erskine Stevenson; terceiro trimestre, de 1934, da "Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul"; ns. 3 e 4, de julho a dezembro de 1931, do "Boletim do Ministerio da Educação e Saude Pública"; "Pessoa Jurídica de Direito Privado", de Amelia Duarte; ns. 1 e 2, de 1934, da "Revista Militar Brasileira"; ano 23, de abril-junho de 1934, do "Boletim do Ministerio da Agricultura"; fascículo 3.º, do volume XXX, da "Revista da Faculdade de Direito da Universidade de S. Paulo"; "Como eu vejo o problema da lepra e como o vêem os que o querem "manter", de Alice de Toledo Ribas Tibiriçá; diversos cartazes e manifestos de propaganda eleito-

ral e um jornal de 1924, oferta do socio dr. Edmundo Krug; diversos cartazes de propaganda eleitoral, oferta do sr. Hormisdas Silva por intermedio do socio sr. Nicolau Duarte Silva; e um pequeno retrato de Julio Cesar, reprodução de um desenho de Angelo Agostini, pelo sr. Raul Pederneiras, dádiva do professor José de Oliveira Orlandi, por intermedio do socio sr. Nicolau Duarte Silva. Passando-se à primeira parte dos trabalhos, o sr. presidente comunica o falecimento do socio efetivo comendador Francisco de Sales Collet e Silva, mandando que fosse consignado na ata um voto de profundo pesar por tão infausto acontecimento e que fossem dirigidos officios à familia do extinto, assim como ao consocio d. Duarte Leopoldo e Silva, arcebispo metropolitano, transmitindo as condolencias do Instituto. Justificando a sua resolução, o sr. dr. José Torres de Oliveira pôs em destaque as apreciadas qualidades do morto, especialmente os seus grandes serviços na direção do Arquivo e Museu da Curia Metropolitana, desta Capital. Encaminhadas as propostas de novos socios, que se encontravam sobre a mesa, são postas em discussão e votação as que tinham parecer favoravel das comissões respectivas, de que resultou serem eleitos socios assistentes, por unanimidade de votos, os srs. drs. Mario Rolim Teles, Manuel Hipólito do Rego e José Vicente Alvares Rubião. A seguir, o sr. presidente declara que está confirmada a noticia, em tempo levada ao conhecimento do Instituto, da provisão do consocio dr. Plinio Airosa na cadeira de tupi-guaraní da Universidade de S. Paulo. Adiantou o dr. José Torres de Oliveira que o ato do governo paulista foi recebido com gerais aplausos e que ele, pensando interpretar o sentimento dos confrades do Instituto, havia endereçado ao sr. dr. Marcio Pereira Munhoz, inventor federal interino, um telegrama nos seguintes termos: "O Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo, cheio de júbilo pelo provimento do seu digno primeiro secretario, dr. Plinio Airosa, na cadeira de tupi-guaraní, criada pela clarividencia do dr. Armando de Sales Oliveira na Universidade de S. Paulo, apresenta a v. exa. calorosas felicitações por esse ato acertado, com que são tão justamente aquilatados a atividade patriótica, o talento e a cultura geral e especializada do illustre paulista, nosso prezado consocio. Deus guarde a v. exa." Associando-se ao júbilo suscitado por essa nomeação, tambem usam da palavra os socio efetivo dr. José da Mata Cardim e assistente dr. Domingos Laurito, que pronunciam palavras carinhosas, louvando a competencia e operosidade do dr. Plinio Airosa e mostrando o acerto do ato do governo, tendo o primeiro proposto que constassem da ata dois votos de louvor: um ao dr. Armando de Sales Oliveira, pela criação da cadeira; e outro ao dr. Marcio Pereira Munhoz, pela nomeação do dr. Plinio Airosa. A sugestão foi aprovada por unanimidade de votos. Falou, ainda, o socio efetivo dr. Plinio Airosa, para agradecer ao Instituto o interesse tomado pela criação da referida cadeira e tambem a maneira como havia recebido a noticia da sua nomeação para regê-la. Declarou que a sua maior alegria não provinha tanto do fato de ser escolhido para professor de uma materia, que constituiria a preocupação de tantos espiritos de escol em nossa terra, mas, principalmente, da sua criação pelo governo, satisfazendo assim uma velha aspiração do grande Visconde de Porto Seguro, Francisco Adolfo de Varnhagen. Oferecendo o referido retrato de Julio Cesar, em nome do professor José de Oliveira Orlandi, o socio efetivo sr. Nicolau Duarte Silva informa que o mesmo fora mandado fazer para ilustrar

um trabalho sobre a historia da aviação, que o mencionado doador tinha em adiantado preparo, e que deveria aparecer dentro de pouco tempo, sob a denominação: "Vencendo o Azul". Encerrando a primeira parte da ordem-do-dia, o sr. presidente, comunicando que a próxima reunião, marcada para o dia 25 de outubro, assinala o encerramento dos trabalhos sociais de 1934, lembrou que essa sessão tinha um cunho todo especial, porque era a que precedia a comemoração da fundação do Instituto, em 1.º de novembro de 1894. Propunha, pois, que algum dos socios presentes se inscrevesse para ocupar a tribuna nesse dia. Prometeu fazê-lo o socio efetivo sr. Nicolau Duarte Silva, para discorrer sobre o tema: "40 anos de vida — Notas para a historia do Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo". Continuando com a palavra, o sr. dr. Torres de Oliveira informa que o Instituto recebera comunicação da Municipalidade de S. Paulo, declarando que aceitara a sugestão de dar a uma rua de S. Paulo a denominação de Capitão Novais, em homenagem à memoria do bravo militar morto durante a Revolução Constitucionalista. O socio efetivo capitão Amílcar Salgado dos Santos, autor da proposta, agradece a informação dada pelo sr. presidente. Passando-se à segunda parte dos trabalhos, o socio efetivo dr. Plínio Airosa declara que, chocado ainda pela noticia da morte do prezado consocio comendador Francisco de Sales Collet e Silva, cujo corpo naquele mesmo dia fora levado à sepultura, pedia dispensa de efetuar a leitura do trabalho para que se havia inscrito, consultando a casa sobre a suspensão da sessão, em homenagem ao distinto morto. A proposta foi unanimemente aprovada, tendo o socio efetivo professor Dacio Pires Correia informado que comparecera aos funerais, representando o Instituto, em companhia do consocio sr. João Batista de Campos Aguirra. Encerrando os trabalhos, às 22 horas e meia, o sr. presidente marcou nova reunião para o próximo dia 25, às 21 horas. E, para constar foi lavrada a presente ata por mim, Nicolau Duarte Silva, segundo secretario, conferida.

(aa.) José Torres de Oliveira.  
N. Duarte Silva.  
Marcelo Piza.

18a. SESSÃO REGIMENTAL, EM 25 DE OUTUBRO DE 1934  
— *Presidente*: dr. José Torres de Oliveira — 1.º Secretario: sr. Nicolau Duarte Silva — 2.º Secretario: dr. Marcelo Piza. — Com a presença dos srs. drs. José Torres de Oliveira, Nicolau Duarte Silva, Cândido de Sousa Campos, Leonardo Pinto, Domingos Laurito, Marcelo Piza, José Paolone, José da Mata Cardim, Amílcar Salgado dos Santos, Armando de Arruda Pereira, Carlos da Silveira e João Batista de Campos Aguirra, realizou o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, no dia 25 de outubro de 1934, às 21 horas, em sua sede social à rua Benjamin Constant, n.º 40, a décima-oitava sessão regimental, de encerramento dos seus trabalhos no corrente ano. O ato foi presidido pelo sr. dr. José Torres de Oliveira, presidente perpetuo do Instituto, servindo de primeiro o segundo secretario sr. Nicolau Duarte Silva, e de segundo o socio efetivo dr. Marcelo Piza. Uma comissão composta dos socios srs. drs. Armando de Arruda Pereira, José Paolone e Carlos da

Silveira introduziu no recinto o socio efetivo dr. Herbert Baldus, que tomou posse da sua cadeira, sendo saudado pelo sr. presidente, que se deteve em apreciações sobre os méritos do recipiendario. Lida e aprovada a ata da sessão anterior, passou-se ao expediente, que constou do seguinte: officio do dr. Marcelo Piza, gerente da Empresa Nacional de Imigração e Colonização Limitada, desta capital, comunicando os objetivos dessa organização e oferecendo um mapa da região do rio São Francisco; convite da Academia Paulista de Letras para a recepção do acadêmico Edmundo Navarro de Andrade; e convite da Policlínica S. Camilo, para a cerimonia do lançamento da pedra fundamental do seu edificio. Alem do referido mapa, foram acusadas mais as seguintes ofertas: "Páginas Económicas", de Mario Ferreira Barbosa; "Aspectos piracicabanos do ensino rural", de Sud Menucci; e "Oropa, França e Baía", de Jaime Adour da Câmara, remessa do autor. Abrindo a primeira parte dos trabalhos, o sr. presidente comunica que continuam a não comparecer às reuniões do Instituto, por motivo de molestia, os socios srs. drs. José Francisco de Queiroz Teles e major Firmino de Godói; encaminha as propostas de novos membros, que se encontravam sobre a mesa; e informa que a próxima sessão do dia 1.º de novembro é consagrada ao elogio dos socios falecidos durante o ano de 1934, sendo, por esse motivo, destinada a segunda parte dos trabalhos do dia à comemoração do 40.º aniversario da fundação do Instituto, que ocorre a 1.º de novembro próximo. Passando-se à segunda parte da ordem-do-dia, ocupa a tribuna o socio efetivo sr. Nicolau Duarte Silva, que discorre sobre o tema: "Quarenta anos de vida — Notas para a historia do Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo". O orador descreve a vida da prestadia instituição bandeirante, desde a sua origem, detendo-se no exame dos trabalhos referentes à edificação da sede social, na relação das suas publicações, no movimento financeiro desde 1895 a 1932 — acentuando que o patrimonio do Instituto pode ser estimado em mais de mil contos de réis, sendo constituído pelo seu edificio, sobre o qual não pesa nenhum onus, e pelas suas preciosas coleções de documentos manuscritos e impressos, jornais, medalhas, moedas, livros, mapas e quadros, com muitos milhares de exemplares, em grande parte raríssimos. Assinala que a atividade do Instituto tambem ficou demonstrada por diversos atos públicos, como por exemplo as festas centenarias de Itanhaem, Cananéia e S. Vicente, as comemorações aos primitivos historiadores paulistas Frei Gaspar da Madre de Deus e Pedro Taques, o descobrimento dos restos mortais do padre Diogo Antonio Feijó, o parecer sobre a importante questão de limites entre os Estados de S. Paulo e Minas Gerais, a transladação dos despojos do grande maioral indígena Tibiriçá e de outros paulistas illustres para a cripta da Catedral, e a inclusão de dispositivos, em favor dos nossos patricios das selvas, na nova Constituição do Brasil. Encerrando o seu estudo, o sr. Nicolau Duarte Silva, depois de apresentar uma relação das diretorias que serviram o Instituto, disse: "Concluindo aqui as minhas notas sobre o nosso querido Instituto, faço os mais ardentes votos para que, antes de dez anos, quando devemos comemorar o cinquentenario desta instituição, muitas outras obras de benemerencia nos seja dado registrar, em proveito da patria. E oxalá que, já então, estejamos instalados em nova sede social, dispondo dos recursos que os progressos do século oferecem às pesquisas históricas e geográficas — sonho acalentado pela atual diretoria da "Casa de S. Paulo".



O orador mereceu gerais aplausos, tendo o sr. presidente encarecido o valor do estudo produzido, ao passo que o socio efetivo dr. José da Mata Cardim propôs que constasse da ata um voto de louvor ao mesmo, o que foi aprovado, assim como à diretoria do Instituto, pela maneira como encaminhou os trabalhos do ano social findo, especialmente o carinho dispensado à campanha em prol dos indígenas brasileiros. O dr. José Torres de Oliveira agradece aos consocios a cooperação prestada à diretoria, permitindo que a mesma levasse a bom termo a sua tarefa, e manda consignar em ata um voto de reconhecimento à imprensa, especialmente ao "O Estado de S. Paulo", pela atenção dispensada à vida do Instituto. Nada mais havendo a tratar, o sr. presidente, encerra os trabalhos, às 23 horas, convidando os presentes para a sessão magna de 1.º de novembro, quando o orador oficial do Instituto, dr. José Soares de Melo, deve fazer o elogio histórico dos socios falecidos durante o ano social. E, para constar, foi lavrada a presente ata por mim, Nicolau Duarte Silva, segundo secretario, conferida.

(aa.) N. Duarte Silva.  
 José Carlos de Ataliba Nogueira.  
 Marcelo Piza.

SESSÃO MAGNA EM 1.º DE NOVEMBRO DE 1934 — *Presidente*: dr. José Torres de Oliveira — 1.º Secretario: dr. Plinio Marques da Silva Airosa — 2.º Secretario: sr. Nicolau Duarte Silva. — Com a presença dos socios srs. drs. José Torres de Oliveira, Carlos da Silveira, Teodoro Braga, Amilcar Salgado dos Santos, Antonio Paulino de Almeida, Edmundo Krug, José de Paula Leite de Barros, Manuel Pereira Guimarães, Herbert Baldus, Geraldo Rúffolo, Dacio Pires Correia, Nicolau Duarte Silva, Álvaro de Sales Oliveira, José Soares de Melo, Plinio Airosa, Domingos Laurito e sra. dra. Maria Xavier da Silveira, alem de outras pessoas gradas, realizou o Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo, no dia 1.º de novembro de 1934, às 21 horas, em sua sede social, à rua Benjamin Constant, n.º 40, a sessão magna correspondente ao ano social findo. O ato foi presidido pelo sr. dr. José Torres de Oliveira, presidente perpetuo do Instituto, que se achava ladeado dos primeiro e segundo secretarios, respectivamente, dr. Plinio Airosa e sr. Nicolau Duarte Silva. Tambem tomou lugar à mesa, convidado pelo sr. presidente, o socio benemérito dr. Manuel Pereira Guimarães, que há muitos anos não comparecia aos trabalhos sociais, por motivo de força maior. Depois de referir-se à comemoração do 40.º aniversario da fundação do Instituto, feita na sessão de 25 de outubro, quando o socio efetivo sr. Nicolau Duarte Silva divulgou interessantes notas, que foram publicadas na edição do dia 27 do mesmo mês de "O Estado de S. Paulo", o sr. presidente deu a palavra ao orador oficial, sr. dr. José Soares Melo, que discorreu carinhosa e brilhantemente sobre as personalidades dos socios desaparecidos durante o ano social do Instituto. O orador tratou dos vultos de João Pandiá Calógeras, João Ribeiro, comendador Francisco de Sales Collet e Silva, Álvaro de Carvalho, Olivia Guedes Penteadó, Alberto Penteadó, Antonio Álvares Lobo e Artur Vautier, detendo-se na apreciação dos serviços que cada um deles prestou às nossas letras, à sociedade,

à patria. As últimas palavras do sr. dr. José Soares de Melo foram abafadas por prolongada salva de palmas. O socio benemérito dr. Mameel Pereira Guimarães faz uma proposta, que é unanimemente aprovada, no sentido do Instituto dirigir a cada um dos socios fundadores vivos um officio, no qual manifeste o seu contentamento e desejo que a vida de cada um deles se prolongue por muitos anos. Ao fundamentar a sua proposta, esse socio menciona os seguintes nomes, como os das pessoas visadas: drs. Antonio Evaristo Bacelar, Cândido N. Nogueira da Mota, Cincinato Braga, Bento Bueno, Francisco Ferreira Ramos, Francisco Martiniano da Costa Carvalho, José de Sá-Rocha, padre José Valois de Castro, Tiburtino Mondim Pestana, José Vicente de Azevedo, Teodoro Sampaio e José Machado de Oliveira, a que se deve juntar o do proponente, que tambem pertence ao número dos fundadores do Instituto. Nada mais havendo a tratar, foram suspensos os trabalhos, às 23 horas, tendo o sr. presidente comunicado que as reuniões regimetaes voltarão a realizar-se a partir do dia 25 de janeiro do próximo ano. E, para constar, foi lavrada a presente ata por mim, Nicolau Duarte Silva, segundo secretario, conferida.

(aa.) N. Duarte Silva.  
Ataliba Nogueira.  
Marcelo Piza.

1a. SESSÃO DE REABERTURA DOS TRABALHOS SOCIAIS DE 1935 — *Presidencia: dr. José Torres de Oliveira* — 1.º Secretario: sr. Nicolau Duarte Silva -- 2.º Secretario: dr. Ataliba Nogueira. — Presentes os socios srs. drs. José Torres de Oliveira, Edmundo Krug, Ataliba Nogueira, Carlos da Silveira, Amílcar Salgado dos Santos, José Paolone, Nicolau Duarte Silva, Domingos Laurito, Afonso José de Carvalho, Herbert Baidus, Dacio Pires Correia e Geraldo Rúffolo, alem de numerozo auditorio, realizou o Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo, no dia 25 de janeiro de 1935, às 21 horas, em sua sede social, à rua Benjamin Constant, n.º 40, a sua primeira sessão de reabertura dos trabalhos sociais de 1935. O ato foi presidido pelo sr. dr. José Torres de Oliveira, presidente perpetuo do Instituto, servindo de primeiro o segundo secretario sr. Nicolau Duarte Silva, e de segundo o socio efetivo dr. Ataliba Nogueira. Depois de justificar a ausencia do sr. primeiro secretario, dr. Plinio Airosa, por motivo de força maior, o sr. presidente fala sobre o reinicio dos trabalhos do Instituto, lembrando que o fato coincide com a data da fundação de S. Paulo. Congratula-se com os consocios por motivo de ambos os acontecimentos e diz esperar que o presente ano proporcionará ao Instituto efetuar boa parte da tarefa que se há imposto, para o que contava com a cooperação material e moral dos distintos companheiros. Foi adiada a leitura das atas das duas últimas sessões, afim de não retardar os trabalhos da noite. O expediente constou de officios do diretor do expediente da Prefeitura do Municipio da Capital, comunicando ter sido aceita a sugestão do Instituto, de dar-se a denominação de "Capitão Manuel Novais" a uma rua do distrito de Santana; da presidencia da Sociedade "Biblioteca Vicentina Aranha", de S. José dos Campos, comunicando haver conferido ao presidente do Instituto

o título de socio benemérito; da Biblioteca Central e Universitaria de Zurique, do "Arquivo General de la Nación", do Uruguai, da "Biblioteca de la Facultad de Derecho y Ciencias Sociales de Buenos Aires, e do Centro de Ciencias, Letras e Artes, de Campinas, sobre permuta de publicações; e da Academia Carioca de Letras, Centro de Letras do Paraná e Sociedade dos Farmacêuticos de Santos, comunicando suas novas diretorias. Foram acusadas as seguintes ofertas, destinadas às secções de Arquivo e Museu e Biblioteca e Mapoteca do Instituto: um atestado do consul brasileiro em Hamburgo, Marcos Antonio de Araujo, de 15 de agosto de 1846, em favor de Emilio de Mester de Ravestein, e uma carta geográfica da Provincia de S. Paulo, trabalho do engenheiro E. Stevaux, de 1883, oferta do socio dr. Américo Brasiliense; "A Pesca na Amazonia", por José Veríssimo, dádiva do sr. Plínio de Barros Monteiro; "Um inventor brasileiro", de Ataliba Nogueira, remessa desse consocio; "Vencendo o Azul", de J. O. Orlandi, remessa do autor por intermedio do socio sr. Nicolau Duarte Silva; n.º 60 da "Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Baía"; n.º correspondente ao quarto trimestre de 1934 da "Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul"; n.º 2, do vol. IX do "Boletim do Museu Nacional", e vol. XXXIV dos "Arquivos do Museu Nacional", do Rio de Janeiro; "Calógeras na opinião de seus contemporaneos", oferta da Fundação "Pandiá Calógeras"; ns. 3 e 4 do segundo ano da "Revista da Academia Mato-Grossense de Letras"; "Trabalhos na Constituinte de 1934", pelo dr. Cincinato Braga, remessa desse consocio; vol. XXX, fasciculo IV, da "Revista da Faculdade de Direito da Universidade de S. Paulo" e relatório de 1932 do "Ministerio da Educação e Saude Publica". Passando-se à primeira parte dos trabalhos, o sr. presidente comunica que por motivo da ausencia do sr. primeiro secretario deixava de ser lido o relatório dos fatos ocorridos no ano social de 1934 e apresentado o balanço que faz parte desse documento. O socio efetivo sr. Nicolau Duarte Silva discorre sobre a fundação de S. Paulo, trata do desenvolvimento do nosso Estado e diz: "Mas, infelizmente, nem sempre S. Paulo dispôs dos meios necessarios ao seu desenvolvimento. Houve tempo em que as autoridades centrais temeram pelo seu progresso e tudo fizeram para detê-lo. Chegaram ao ponto de não somente fracionar o territorio paulista, mas de acabar de vez com a existencia de S. Paulo, como ocorreu em 1748, quando desapareceu dos mapas, voltando a existir novamente, embora muito diminuido em territorio, no ano de 1765. Entretanto, tudo está a dizer que, enquanto for possivel, S. Paulo tem um grande papel a desempenhar nos destinos do país. E oxalá que esse papel seja bem compreendido por todos, em beneficio de todos. Concuindo aqui estas poucas e páldas palavras sobre a magna efeméride paulista, consulto a casa no sentido de mandar consignar, na ata dos nossos trabalhos de hoje, um voto de regozijo pela visita homenageante ao nosso Estado da gloriosa Marinha de Guerra do Brasil, fato sobremodo auspicioso e penhor de uma política de melhor compreensão dos nossos destinos, que patrioticamente se vem firmando no país, de algum tempo a esta parte." A proposta foi aprovada por unanimidade de votos. Seguiu-se com a palavra o socio efetivo sr. capitão Amilcar Salgado dos Santos, que agradeceu as providencias do Instituto para que fosse dada a uma rua desta Capital a denominação de "Capitão Manuel Novais" e pedindo que o mencionado officio da Prefeitura de S. Paulo fosse transcrito na

ata, o que foi unanimemente aprovado. A segunda parte dos trabalhos foi ocupada pelo socio efetivo sr. dr. Herbert Baldus, que produziu interessante conferencia sobre os indios Kaingangs de Palmas, Guaiáqui e Chiripá, subordinada ao título: "Viagem etnológica pelo Brasil meridional e Paraguai". O autor tratou dos usos e costumes desses indios, detendo-se no exame das cerimoniaes relativas aos funerais dos seus mortos. Esse estudo, que será divulgado no próximo volume da "Revista do Museu Paulista", foi enriquecido pela projeção de muitas fotografias colhidas pelo distinto etnólogo. Ao terminar a sua conferencia, o dr. Baldus foi muito aplaudido, tendo o sr. presidente encarecido a importancia da mesma e acentuado o interesse com que o Instituto acompanhava os seus estudos. Nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão, às 23 horas e meia, sendo marcada nova reunião para o próximo dia 5 de fevereiro, às 21 horas. E, para constar, foi lavrada a presente ata por mim, Nicolau Duarte Silva, segundo secretario, conferida. — Cópia do officio n.º 36, de 9 de janeiro de 1935, do diretor do expediente da Prefeitura do Municipio de S. Paulo: "Ilm.º Sr. Dr. Plínio Airoso, Dd. 1.º Secretario do Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo. Tenho a honra de comunicar a V. S. em nome do sr. Prefeito, que s. excia., atendendo à suggestão constante de seu officio n.º 48, de 25 de setembro do ano passado e acolhendo a proposta desse ilustre sodalicio, resolveu, por Ato há pouco assinado, dar a denominação de "Capitão Manuel Novais" a uma rua ora oficializada no distrito de Santana. Prevaleço-me desta oportunidade para apresentar a V. S. os protestos de minha distinta consideração. O Diretor do Expediente, (a.) *Alvaro M. Ferreira.*"

(aa.) N. Duarte Silva.  
Ataliba Nogueira.  
Marcelo Piza.

2a. SESSÃO REGIMENTAL, EM 5 DE FEVEREIRO DE 1935  
— Presidente: sr. Nicolau Duarte Silva — 1.º Secretario: dr. José Carlos de Ataliba Nogueira — 2.º Secretario: dr. Marcelo Piza. — Presentes os socios srs. drs. José da Mata Cardim, Carlos da Silveira, cap. Amílcar Salgado dos Santos, Nicolau Duarte Silva, Marcelo Piza, João Batista de Campos Aguirra, João Batista de Sousa Filho, Ataliba Nogueira, João de Toledo, Antonio Paulino de Almeida, Domingos Laurito, Herbert Baldus, Geraldo Rúffolo e Afonso de Escraignolle Taunay, realizou o Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo, no dia 5 de fevereiro de 1935, às 21 horas, em sua sede social, à rua Benjamin Constant, n.º 40, a segunda sessão regimental do corrente ano. O ato foi presidido pelo sr. Nicolau Duarte Silva, segundo secretario do Instituto, servindo de primeiro e segundo secretarios, respectivamente, os socios efetivos srs. drs. J. C. Ataliba Nogueira e Marcelo Piza. Depois de justificar a ausencia do presidente perpetuo, dr. José Torres de Oliveira, por motivo de doença, e a do primeiro secretario dr. Plínio Airoso, por motivo de força maior, o presidente *ad hoc* manda proceder à leitura das atas das três últimas sessões, que foram aprovadas. Não houve expediente, sendo acusadas as seguintes ofertas, destinadas às secções de Arquivo e Museu e Biblioteca e Mapoteca do

Instituto: uma coleção incompleta do "Correio de Cananéia", dádiva do socio dr. Antonio Paulino de Almeida; os ns. de 9, 16, 23 e 30 de dezembro de 1934 e de 6 de janeiro de 1935 do jornal "O Casa Branca", oferta do professor José de Oliveira Orlandi; "Das Mertroudigste aus der maelerischen Reise in Brasilien", de Rugendas, edição de 1836, e "Memoires de monsieur Du Guay-Trouin", edição de Amsterdam, 1769 — oferta do dr. Galeno Martins de Almeida; vol. 3 e 13 das "Oeuvres complètes de Buffon", edição de 1839, dádiva do socio dr. Carlos da Silveira; "O Último Vice-Rei do Brasil", de Rocha Martins, e "Dicionario biográfico del Ecuador", de Perez Merchant — oferta do dr. Enzo Silveira; "Bellezze d'Italia — Piemonte", oferta da senhora Elvira de Sanctis por intermedio do socio sr. João Batista de Campos Aguirra; "A Campanha do Uruguai em 1811-1812", de Celso Schroeder, remessa do autor por intermedio do socio sr. capitão Amilcar Salgado dos Santos; "A Defesa do Brasil", de A. Pompeu, oferta desse socio; "Civilizações Americanas", de Jorge Bahlis, remessa do autor; "Imigração", de Julio de Revoredo, oferta do autor; "Os nossos Admirantes", de Henrique Boiteux, sexto volume; "Relatorio da Secretaria do Estado dos Negocios da Viação e Obras Públicas do Estado de S. Paulo — Trienio de 1930-1932", pelo dr. Francisco Machado de Campos, e "O Novo Imperio do Brasil", de Sebastião Pagano, oferta do socio dr. Ataliba Nogueira. Passando-se à primeira parte dos trabalhos, o sr. presidente *ad hoc* nomeia uma comissão composta dos socios srs. João Batista de Campos Aguirra, capitão Amilcar Salgado dos Santos, dr. Domingos Laurito, e de que ele tambem faria parte, afim de visitar o sr. dr. José Torres de Oliveira, levando ao presidente perpetuo do Instituto os votos de pronto restabelecimento. A seguir o sr. Nicolau Duarte Silva encaminha as propostas de novos socios, que se encontravam sobre a mesa, e anuncia que ainda não podia ser feita a leitura do relatorio dos fatos ocorridos no ano social de 1934, e apresentado o balanço que se acha junto ao mesmo, pelos mesmos motivos anunciados na reunião anterior. Segue-se com a palavra o socio efetivo sr. Geraldo Rúffolo, que discorre sobre a data da fundação de S. Paulo, encarece o caracter da visita homenageante da Marinha de Guerra do Brasil e trata de uma dúvida histórica sobre a denominação do nosso Estado. O caso suscita animados debates, em que tomam parte diversos socios, sendo citados diversos erros existentes em trabalhos correntes, para mostrar quanto seria util uma providencia do Instituto para sanar esse mal. Em vista da importancia do assunto, o sr. presidente *ad hoc* sugeriu que o caso fosse examinado cuidadosamente em diversas próximas reuniões do Instituto, quando poderia ser constituída uma comissão de socios que envidassem esforços para resolver tais senões existentes nos trabalhos históricos referentes à nossa patria. O socio efetivo sr. capitão Amilcar Salgado dos Santos anuncia que seria brevemente levantado em S. Paulo, na Freguesia do O', um monumento aos heróis de Laguna, e sugeria que o Instituto se fizesse representar na solenidade. Ficou resolvido que uma comissão composta dos socios drs. Afonso de Escragnolle Tounay, Domingos Laurito e capitão Amilcar Salgado dos Santos representasse o Instituto, sendo o primeiro na qualidade de relator. Falou ainda o socio efetivo dr. Marcelo Piza, para pedir que fosse consignada na ata dos trabalhos a passagem, em 2 de fevereiro, do primeiro centenario da instalação das assembléias provinciais. A proposta foi unanimemente aprovada, tendo o

sr. Nicolau Duarte Silva pedido ao dr. Marcelo Piza que escrevesse uma monografia sobre o fato, afim de ser oportunamente divulgada na *Revista* do Instituto, o que foi prometido pelo distinto consocio. Nada mais havendo a tratar, foram suspensos os trabalhos, às 23 horas e meia, sendo marcada nova reunião para o próximo dia 20, às 21 horas. E, para constar, foi lavrada a presente ata por mim, Nicolau Duarte Silva, segundo secretario, conferida.

(aa.) N. Duarte Silva.  
Ataliba Nogueira.  
A. de A. Pereira.

3a. SESSÃO REGIMENTAL, EM 20 DE FEVEREIRO DE 1935  
— *Presidente*: sr. Nicolau Duarte Silva — 1.º Secretario: dr. José Carlos de Ataliba Nogueira — 2.º Secretario: dr. Armando de Arruda Pereira. — Presentes os socios srs. drs. Nicolau Duarte Silva, José Paolone, João Batista de Campos Aguirra, Armando de Arruda Pereira, João de Toledo, Ataliba Nogueira, Carlos da Silveira, capitão Amílcar Salgado dos Santos, Domingos Laurito, A. F. Cesarino Junior e Herbert Baldus, realizou o Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo, no dia 20 de fevereiro de 1935, às 21 horas, em sua sede social, à rua Benjamin Constant, n.º 40, a terceira sessão regimental do corrente ano. Assumindo a presidencia dos trabalhos, o sr. Nicolau Duarte Silva, segundo secretario, depois de justificar a ausencia do sr. presidente perpetuo, dr. José Torres de Oliveira, por motivo de saúde, e a do sr. primeiro secretario dr. Plinio Airoso, por motivo de força maior, convidou os socios efetivos drs. Ataliba Nogueira e Armando de Arruda Pereira para ocuparem, respectivamente, os lugares de primeiro e segundo secretarios. Lida e aprovada a ata da sessão anterior, passou-se a acusar as ofertas feitas às secções de Arquivo e Museu e Biblioteca e Mapoteca do Instituto, como segue: "Memorias de José Garibaldi", de Alexandre Dumas (1907); volume 18.º de "Oeuvres complètes de Buffon", edição de 1838 — dádiva do socio dr. Carlos da Silveira; "Historia da Civilização — 1.º ano" — de A. F. Cesarino Junior e Alcindo Muniz de Sousa e "Sociedades Anônimas Estrangeiras", de A. F. Cesarino Junior, remessa desse consocio; "Industrias Basilares", "A Ordem de S. Bento e a Civilização", "Reforma Tributaria de Minas — Sugestões", "Aspectos da Economia Nacional", "O Problema Econômico do Brasil" e "Circular dirigida ao eleitorado do Segundo Distrito de Minas Gerais", de Pandiá Calógeras — oferta do dr. Antonio Gontijo de Carvalho; e 2.º trimestre de 1934 da "Revue de Géographie Commerciale", publicação da Société de Géographie Commerciale de Bordeaux. Não houve expediente. Abrindo a primeira parte dos trabalhos, o sr. Nicolau Duarte Silva comunica que teve oportunidade de visitar o sr. presidente perpetuo dr. José Torres de Oliveira, para levar-lhe os votos de pronto restabelecimento, conforme ficara resolvido na reunião anterior, tendo a informar que, felizmente, o mesmo se encontrava quasi completamente restabelecido, tudo indicando que muito breve voltaria à sua atividade. Declara, tambem, que, ainda por motivo da ausencia do sr. primeiro secretario, não podia ser feita a apresentação do relatório dos fatos ocorridos no ano social de 1934. Se-

gue-se com a palavra o socio efetivo sr. capitão Amilcar Salgado dos Santos, que agradece o interesse demonstrado pelo Instituto na solenidade de inauguração do monumento aos heróis de Laguna, monumento este levantado em S. Paulo, na Freguesia do O', no dia 10 de fevereiro do corrente. A propósito, fala tambem o socio efetivo dr. Ataliba Nogueira, para pedir que fosse consignado na ata um voto de louvor ao sr. capitão Amilcar Salgado dos Santos, promotor dessa homenagem póstuma. A sugestão foi aprovada. Na segunda parte dos trabalhos, o sr. presidente *ad hoc* dá a palavra ao socio efetivo dr. Armando de Arruda Pereira, que, depois de fazer alguns reparos a erros sobre historia patria existentes no dicionario de Webster e outras publicações estrangeiras, mostra a sua estranheza diante de uma exigencia do Banco do Brasil, obrigando as pessoas que precisam passar fundos para o estrangeiro a fazê-lo na lingua inglesa. Ainda com a palavra, o distinto consocio passa a ler interessante trabalho subordinado ao titulo: "A devolução dos troféus de guerra", em que combate com fortes argumentos o movimento que se vinha formando entre nós a respeito dessa tese. O dr. Armando de Arruda Pereira foi muito aplaudido, tendo ficado resolvido, por proposta do sr. capitão Amilcar Salgado dos Santos, que constasse da ata um voto de louvor a esse consocio. Inscreveu-se para ocupar a segunda parte dos trabalhos da próxima sessão o socio efetivo dr. J. C. de Ataliba Nogueira, para ler um seu estudo, intitulado: "O inventor brasileiro da máquina de escrever". Nada mais havendo a tratar, foi suspensa a reunião, às 22 horas e meia, sendo marcada nova sessão para o próximo dia 5 de março, às 21 horas. E, para constar, foi lavrada a presente ata, por mim, Nicolau Duarte Silva, segundo secretario, conferida.

(aa.) N. Duarte Silva.  
Ataliba Nogueira.  
Carlos da Silveira.

---

4a. SESSÃO REGIMENTAL, EM 20 de MARÇO DE 1935  
— Presidente: sr. Nicolau Duarte Silva — 1.º Secretario: dr. Ataliba Nogueira — 2.º Secretario: dr. Carlos da Silveira. — Presentes os socios srs. drs. Nicolau Duarte Silva, coronel Pedro Dias de Campos, João de Toledo, J. C. de Ataliba Nogueira, Carlos da Silveira, Domingos Laurito, cap. Amilcar Salgado dos Santos, Francisco Nardy Filho, Dacio Pires Correia, A. F. Cesarino Junior, Plinio Airoso e João Penteado E. Stevenson, realizou o Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo, com regular assistencia de visitantes, no dia 20 de março de 1935, às 21 horas, em sua sede social, à rua Benjamin Constant, n.º 40, a quarta sessão regimental do corrente ano. Assumindo a presidencia dos trabalhos, o sr. Nicolau Duarte Silva, segundo secretario, depois de justificar a ausencia do sr. presidente perpetuo dr. José Torres de Oliveira, por motivo de saude, e o não comparecimento do sr. primeiro secretario dr. Plinio Airoso, convida os socios efetivos drs. Ataliba Nogueira e Carlos da Silveira para ocuparem, respectivamente, os lugares de primeiro e segundo secretarios. Lida e aprovada a ata da sessão anterior, passou-se ao expediente, que constou de um cartão do sr. Agnello Bittencourt, presidente do Instituto Geográfico e Histórico do

Amazonas, enviando votos de prosperidade. Foram acusadas as seguintes ofertas, destinadas às secções de Arquivo e Museu e Biblioteca e Mapoteca do Instituto: três "Bonus da Independencia", integrais, da Exposição Nacional do Centenario 1822-1922; uma folha de propaganda, intitulada "The Prussian Octopus" e um manifesto, ilustrado, com o título "Jerusalem capturada: A Cidade Sagrada arrancada aos turcos" — dádiva do dr. R. W. Tibiriçá; duas fotografias de secções do Field Museum, de Chicago — oferta do dr. Plínio de Barros Monteiro; fotografia do mapa do Estado de Sergipe, de A. Ávila Lima, remessa do autor; tomo XVIII da "Revista do Museu Paulista"; "Erinnerungen an meine botschafterzeit in Russland — 1914", de Graf von Cartagena; "Studies in the administration of the indians in New Spain", de Lesley Byrd Simpson; "Terras que deu Estacio de Sá ao Colegio do Rio de Janeiro", de Serafim Leite, remessa desse consocio; "Bibliografia Missionaria"; "Herschel e a Dactiloscopia", de Ricardo Gumbleton Daunt, remessa desse consocio; separata das fls. 61 a 66 e 67 a 82 do vol. VI da "Geological Series of Field Museum of Natural History", de Chicago; "Geografia para a quarta serie secundaria", de Aroldo de Azevedo, remessa do autor por intermedio do presidente perpetuo dr. José Torres de Oliveira; ns. de 1 a 12, de 1934, do "Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa"; vols. X e suplemento ao vol. XI do "Boletim da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra"; "3 anos de administração na Imprensa Nacional" e "Programa nacional de radiodifusão", do dr. Sales Filho, remessa do autor; n.º 2, do primeiro volume, dos "Arquivos do Instituto de Biologia Vegetal", do Rio de Janeiro; n.º 4, de 1934, da "Revista Numismática", órgão da Sociedade Numismática Brasileira de S. Paulo; fascículo 3.º, volume X, de 1934, dos "Anais da Faculdade de Medicina da Universidade de S. Paulo"; n.º 284, de setembro e outubro de 1934, da "Revista de la Sociedad Filatélica Argentina" e "Indicador do Bairro da Sé — 1935", remessa dos editores. Passando-se à primeira parte dos trabalhos, o sr. presidente *ad hoc* encaminha as propostas de novos socios, que se encontravam sobre a mesa, pondo em discussão e votação as que haviam merecido parecer favoravel das comissões técnicas, de que resultou serem escolhidos socios do Instituto, na classe dos efetivos, os srs. drs. Guilherme Wendel e José Maria Marques da Cruz, e transferido da classe de assistente para efetivo o dr. Domingos Laurito. O socio efetivo coronel Pedro Das de Campos trata do livro "O Cerco da Lapa e seus Heróis", de autoria de Davi Antonio da Silva Carneiro, retificando e esclarecendo alguns pontos desse trabalho. "Embora se trate de um magnífico contributo para a historia da Revolução Federalista do Sul e tenha seu A. cuidado com carinho e fidelidade do assunto, não poude ele eximir-se do vezo generalizado em muitos escritores patricios de alem fronteira, de malsinarem os atos e coisas dos paulistas, chocando-lhes os brios, magoando-os, melindrando-os... Às vezes. há neles injustiça nos conceitos e falseamento da verdade". O sr. coronel Pedro Dias de Campos faz alguns reparos ao referido estudo, reparos esses que serão oportunamente divulgados na *Revista* do Instituto, como frisou o sr. presidente *ad hoc*, ao acentuar a oportunidade e valor da comunicação desse socio. Segue-se com a palavra o socio correspondente sr. Francisco Nardy Filho, que comunica a sua transferencia para esta Capital. O sr. Nicolau Duarte Silva agradece a comunicação, para declarar que, de conformidade com as disposições estatutarias, esse distinto conso-



cio ficará pertencendo à categoria dos socios efetivos, o que sobremodo o alegrava, especialmente por saber que o mesmo, a convite do sr. arcebispo metropolitano, se encontrava na direção do Arquivo da Curia Metropolitana de S. Paulo, onde, certamente, teria oportunidade de prestar ótimos serviços à nossa historia. O dr. Domingos Laurito, que se ausentara por ocasião de serem submetidas a votos as propostas de novos socios, de regresso ao salão, agradece a sua transferencia de socio assistente para efetivo, prometendo tudo fazer para corresponder à confiança depositada na sua pessoa. Nes'a altura dos trabalhos, comparece o primeiro secretario dr. Plinio Airoso. A segunda parte da sessão foi ocupada pelo socio efetivo dr. J. C. de Ataliba Nogueira, que discorreu sobre o tema: "O inventor brasileiro da máquina de escrever". O conferencista tratou do nascimento, educação e meio de vida do padre Francisco João de Azevedo, acentuando os apreciados dotes de intelligencia do mesmo e seus méritos indiscutíveis no descobrimento de alguns inventos uteis, especialmente no da máquina taquígráfrica e no da máquina de escrever, esta logo depois aproveitada, como tudo o demonstrava, por homens práticos dos Estados Unidos. O estudo do dr. Ataliba Nogueira foi muito apreciado pela assistencia. Nada mais havendo a tratar, foram suspensos os trabalhos, às 23 horas, sendo marcada nova reunião para o dia 5 de abril, às 21 horas. E, para constar, foi lavrada a presente ata por mim, Nicolau Duarte Silva, segundo secretario, conferida.

(aa.) N. Duarte Silva.  
Amilcar Salgado dos Santos.  
Domingos Laurito.

---

5a. SESSÃO REGIMENTAL, EM 5 DE ABRIL DE 1935 —  
*Presidente: sr. Nicolau Duarte Silva* — 1.º Secretario: cap. Amilcar Salgado dos Santos — 2.º Secretario: dr. Domingos Laurito. — Presentes os socios srs. drs. Nicolau Duarte Silva, coronel Pedro Dias de Campos, José da Mata Cardim, Dacio Pires Correia, Carlos da Silveira, Francisco Nardy Filho, Teodoro Braga, Domingos Laurito, capitão Amilcar Salgado dos Santos, Geraldo Rúffolo, A. F. Cesarino Junior e Afonso de Escragnolle Taunay, realizou o Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo, no dia 5 de abril de 1935, às 21 horas, em sua sede social, à rua Benjamin Constant, n.º 40, a quinta sessão regimental do corrente ano. Assumindo a presidencia dos trabalhos, o sr. Nicolau Duarte Silva, segundo secretario, depois de justificar a ausencia do sr. presidente perpetuo dr. José Torres de Oliveira, e o não comparecimento do sr. primeiro secretario dr. Plinio Airoso, convida os socios efetivos srs. capitão Amilcar Salgado dos Santos e dr. Domingos Laurito para ocuparem, respectivamente, os lugares de primeiro e segundo secretarios. Lida e aprovada a ata da sessão anterior, passou-se ao expediente, que constou do seguinte: carta do sr. José Bueno de Oliveira Azevedo Filho, oferecendo uma fotografia e respectiva moldura de Manuel Jorge Rodrigues de Taquarí, primeiro barão de Taquarí e marechal do Exército Brasileiro; carta do socio dr. Ricardo Gumbleton Daunt, oferecendo três volumes de relatorios financeiros da Provincia de S. Paulo, referentes aos anos de 1881, 1882 e 1886;

ofício do diretor do Ginásio do Estado em Moji das Cruzes, pedindo publicações; circular do Instituto Histórico e Geográfico do Pará, comunicando a constituição da sua diretoria para o bienio de 1935 a 1937 e conselho diretor; e cartas do Gabinete do Interventor no Estado de S. Paulo, pedindo remessa de publicações para o consulado brasileiro em Marselha e comunicando uma resolução da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro a respeito da mudança de denominações em cidades, municípios e outras localidades. Além das referidas ofertas, foram acusadas mais as seguintes, destinadas às secções de Arquivo e Museu e Biblioteca e Mapoteca do Instituto: "Descendentes de José Fernando de Almeida Barros" — Notas genealógicas organizadas por Frederico de Barros Brotero, remessa desse socio; "Gramática Portuguesa", de Julio Ribeiro — remessa do sr. Erasto Kiehl, de Itú; "Intorno al "Clement XIV" del barone von Pastor", de Guglielmo Kratz e Pietro Leturia; "Cincoentenario da Estrada de Ferro do Paraná — 1885 — 5 de fevereiro — 1935"; n.º 2, de fevereiro de 1935, do "Mensario de Estatística da Produção", publicação do Ministerio da Agricultura, do Rio de Janeiro; "Libro de Cabildos de la Ciudad de Quito — 1573-74", remessa da Legação do Equador no Brasil; e ns. 121/22, de julho e agosto de 1934, da "Revista Paulista de Contabilidade", oferta do socio sr. Geraldo Rúffolo. Passando-se à primeira parte dos trabalhos, o sr. presidente *ad hoc* procede à leitura do "Relatorio apresentado pelo 1.º secretario, em 31 de dezembro de 1934", em que estão compendiados os fatos mais importantes da vida do Instituto no ano social de 1934. Esse documento, que permanecerá à disposição dos interessados até à próxima sessão, e contém a relação dos socios do Instituto, assim como o movimento da Secretaria, Biblioteca e Mapoteca, Arquivo e Museu, e Tesouraria, sendo que esta acusa um saldo em caixa de Rs. 2:615\$500 (dois contos seiscentos e quinze mil e quinhentos réis). Segue-se com a palavra o socio efetivo sr. coronel Pedro Dias de Campos, que lê uma carta que recebeu do sr. Davi Antonio da Silva Carneiro, autor do livro "O Cerco da Lapa e seus Heróis", em que o mesmo se justifica de alguns sinões encontrados nesse trabalho e que foram comunicados ao Instituto na sessão do dia 20 de março último. Nessa missiva o sr. Davi Carneiro mostra-se simpático aos paulistas, de cuja descendencia se orgulha, e declara que os conceitos emitidos no seu livro ele os formulou à vista de informações que lhe pareceram dignas de fé, mas que está disposto a retificar os pontos criticados, numa possível segunda edição, pedindo para isso os necessarios elementos concretos. O sr. presidente *ad hoc* agradece a comunicação e felicita o consocio por haver contribuido para que fossem retificados alguns conceitos nada justos e nada agradaveis aos paulistas. Falaram ainda os socios efetivos srs. Geraldo Rúffolo e Francisco Nardy Filho. O primeiro mostrou a sua estranheza diante de uma publicação do "Jornal do Comercio", do Rio de Janeiro, de 31 de março último, em que, atendendo a um pedido do "Centre International de Documentation Ethnique", de Roma, o sr. ministro da Educação divulga uma relação de instituições culturais brasileiras, em que se mencionam nada menos de dezessete congêneres do Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo, mas onde este não figura, a-pesar-de ser um dos mais antigos, dos mais prestigiosos e de haver publicado muitos e valiosos volumes. O sr. Nicolau Duarte Silva agradece a comunicação do sr. Geraldo Rúffolo e declara que não lhe parece ser propositada a lacuna encontrada na re-

ferida relação, tanto mais que a mesma também deixa de incluir outras instituições culturais do país, igualmente dignas de todo o crédito. Assim, afim de reparar a omissão, lembra a conveniência do Instituto dirigir-se diretamente ao "Centre International de Documentation Ethnique", de Roma, pondo-o ao par da sua atividade e promovendo intercambio com o mesmo. O sr. Francisco Nardy Filho trata do primeiro centenario do nascimento da madre Maria Teodora Voiron, que durante mais de sessenta anos dirigiu o Colegio do Patrocínio, em Itú, propondo que o fato constasse da ata dos trabalhos. Tanto a sugestão do sr. Nicolau Duarte Silva como a do sr. Francisco Nardy Filho foram unanimemente aprovadas. Encerrando a primeira parte da reunião, o sr. presidente *ad hoc* se congratula com o distinto consocio dr. Afonso de Escragnoille Taunay, pelo inicio da sua atividade como professor de historia da civilização brasileira na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de S. Paulo, pedindo-lhe impressões, que o dr. Afonso Taunay promete dar oportunamente. Nada mais havendo a tratar, foram suspensos os trabalhos, às 22 horas e meia, sendo marcada nova reunião para o dia 22 de abril, às 21 horas, quando o socio efetivo sr. capitão Amílcar Salgado dos Santos discorrerá sobre o tema: "Dr. Tácito Salgado". E, para constar, foi lavrada a presente ata por mim, Nicolau Duarte Silva, segundo secretario, conferida.

(aa.) José Torres de Oliveira.  
 Plinio Airosa.  
 N. Duarte Silva.

---

6a. SESSÃO REGIMENTAL, EM 22 DE ABRIL DE 1935 —  
*Presidencia: dr. José Torres de Oliveira* — 1.º Secretario: dr. Plinio Airosa — 2.º Secretario: sr. Nicolau Duarte Silva. — Presentes os socios srs. drs. José Torres de Oliveira, Nicolau Duarte Silva, Carlos da Silveira, Antonio Paulino de Almeida, José Paolone, Marcelo Piza, Domingos Laurito, capitão Amílcar Salgado dos Santos, Geraldo Ruffolo, Plinio Airosa e Dacio Pires Correia, realizou o Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo, no dia 22 de abril de 1935, às 21 horas, em sua sede social, à rua Benjamin Constant, n.º 40, a sexta sessão regimental do corrente ano. O ato foi presidido pelo sr. dr. José Torres de Oliveira, presidente perpetuo do Instituto, que se achava ladeado dos primeiro e segundo secretarios, respectivamente, dr. Plinio Airosa e sr. Nicolau Duarte Silva. Lida e aprovada a ata da sessão anterior, passou-se ao expediente, que constou de um officio dos srs. Mario Barbosa Carneiro e Silvio Vieira Souto, do Rio de Janeiro, oferecendo o exemplar n.º 320 do valioso trabalho "Wilhelmine", de Clotilde de Vaux; e de uma circular sobre as atividades da Secção de Cooperação Intelectual da União Pan-Americana em 1933-1934. Alem da referida oferta, foram acusadas mais as seguintes: fasciculo 1.º do IV ano do "Archivum Historicum Societatis Jesu"; vols. 43-44 e 45 dos "Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro"; "O Intendente Câmara — Manuel Ferreira da Câmara Bittencourt e Sá", de Marcos Carneiro de Mendonça, remessa do autor; e o número de 14 de abril do corrente ano do "Jornal do Comercio", do Rio de Janeiro, contendo os discursos dos academicos Rodolfo Garcia e Afonso de Escragnoille Taunay,

oferta do socio sr. Geraldo Rúffolo. Passando-se à primeira parte dos trabalhos, é justificado o não comparecimento dos socios srs. coronel Pedro Dias de Campos, major Firmino de Godói e Jorge Bertoloso Stella, sendo o deste por motivo de saúde, pelo que ficou constituída uma comissão composta dos srs. dr. Plínio Airosa, Nicolau Duarte Silva e Dacio Pires Correia, afim de visitar o distinto confrade e apresentar-lhe os votos de pronto restabelecimento, do Instituto. A seguir, o sr. presidente encaminha as propostas de novos socios, que se encontravam sobre a mesa; remete à Comissão de Contas, para emitir parecer, a demonstração da receita e despesa do Instituto, no ano de 1934; preenche as vagas existentes nas Comissões Permanentes do Instituto, que ficaram assim compostas: "Regulamentos e Estatutos e de Avaliação de Ofertas e Donativos" — dr. José Carlos de Ataliba Nogueira, sr. Francisco Nardy Filho e dr. Américo Brasileiro Antunes de Moura; "Sindicância e Admissão de Socios" — drs. Afonso José de Carvalho, Ricardo Gumblerton Daunt e Antonio de Novais Mourão; "Redação da Revista" — dr. Plínio Marques da Silva Airosa, e srs. Nicolau Duarte Silva e Dacio Pires Correia; "Historia" — drs. Afonso de Escragnoille Taunay, Djalma Forjaz e José Soares de Melo; "Geografia" — drs. Ricardo Severo, Alípio Leme de Oliveira e Alfredo Elis Junior; e "Contas" — drs. Marcelo de Toledo Piza, Armando de Arruda Pereira e Carlos da Silveira. O sr. presidente propõe o lançamento em ata de dois votos: um de profundo pesar pelo falecimento do dr. Antonio de Alcântara Machado, autor de valiosos trabalhos sobre historia patria; outro de júbilo pela volta da nossa terra ao regime da lei, com a escolha do sr. dr. Armando de Sales Oliveira para presidente de S. Paulo. Ambas as sugestões foram unanimemente aprovadas, ficando resolvido que se officiasse ao dr. José de Alcântara Machado, apresentando as condolencias do Instituto, por motivo do falecimento do seu filho, e ao sr. dr. Armando de Sales Oliveira, apresentando votos de governo feliz e fecundo. Seguem-se com a palavra os socios efetivos srs. Geraldo Rúffolo e dr. Carlos da Silveira. O primeiro encarece a importancia dos discursos pronunciados pelos drs. Rodolfo Garcia e Afonso de Escragnoille Taunay, por ocasião da posse do primeiro na Academia Brasileira de Letras, e oferece o exemplar do jornal a que se fez referencia; o dr. Carlos da Silveira sugere que o Instituto, afim de incrementar os estudos históricos em geral e particularmente os da historia de S. Paulo, institua um premio para os alunos do Instituto de Educação, da Escola Normal do Braz e do Ginasio do Estado, nesta Capital, que mais se distinguirem na materia. A proposta é encaminhada para a respectiva comissão técnica, para dar parecer a respeito. A segunda parte dos trabalhos foi occupada pelo socio efetivo sr. capitão Amilcar Salgado dos Santos, que discorreu sobre a personalidade do dr. Tácito Salgado dos Santos, tendo oportunidade de traçar-lhe a biografia, relacionar as suas produções literarias, principalmente no gênero histórico, e os seus bons serviços prestados ao país, sem olvidar a grande admiração que nutria por S. Paulo. Ao terminar a sua oração, o sr. capitão Amilcar Salgado dos Santos informou que o homenageado havia entrado em contacto com o Instituto, de que muito desejaria ser socio, quando a morte o colheu, aos 12 de fevereiro de 1935. O socio efetivo dr. Plínio Airosa propõe que o Instituto envie um officio de felicitações ao socio dr. Antonio Constantino, por motivo da sua nomeação para diretor da Biblioteca da Faculdade de

Direito de S. Paulo, e outro ao socio sr. Francisco Nardy Filho, por motivo da sua escolha para dirigir o Arquivo da Curia Metropolitana de S. Paulo. Apoiando a sugestão, o socio efetivo sr. Nicolau Duarte Silva lembra que já havia felicitado este consocio, em sessão de 20 de março, o que entretanto não deveria impedir qualquer nova homenagem ao distinto confrade. E sugeria, ademais, que a lembrança fosse extensiva ao socio dr. Afonso de Escragnolle Taunay, pela sua nomeação para reger a cadeira de historia da civilização brasileira da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de S. Paulo. Todas as propostas foram unanimemente aprovadas. Encerrando a reunião, às 22 horas e meia, o sr. presidente marca nova sessão para o próximo dia 6 de maio, às 21 horas, e informa que se acham inscritos para, oportunamente, lerem trabalhos, os seguintes socios efetivos: dr. Plinio Airoso, para prosseguir no seu estudo sobre "Palavras de origem tupi que entraram para o vocabulario nacional" e "Palestras sobre etnografia brasileira"; dr. Antonio Paulino de Almeida, "Itinerario da bandeira de Pero Lobo Pinheiro"; dr. Antonio Ferreira Cesarino Junior, "A intervenção da Inglaterra na supressão do tráfico de escravos africanos para o Brasil"; e dr. Leopoldo de Freitas, "Palavras sobre o grande orador paulista Cesar Bierrenbach". E, para constar, foi lavrada a presente ata por mim, Nicolau Duarte Silva, segundo secretario, conferida.

(aa.) José Torres de Oliveira.  
Plinio Airoso.  
N. Duarte Silva.

---

7a. SESSÃO REGIMENTAL, EM 6 DE MAIO DE 1935 —  
*Presidência: dr. José Torres de Oliveira* — 1.º Secretario: dr. Plinio Airoso — 2.º Secretario: sr. Nicolau Duarte Silva. — Presentes os socios srs. drs. José Torres de Oliveira, Plinio Airoso, Frederico de Barros Brotero, Nicolau Duarte Silva, Francisco Nardy Filho, João Batista de Campos Aguirra, Domingos Laurito, cap. Amílcar Salgado dos Santos, Carlos da Silveira, Geraldo Rúffolo, Dacio Pires Correia, Antonio Ferreira Cesarino Junior, e Afonso de Escragnolle Taunay, realizou o Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo, no dia 6 de maio de 1935, às 21 horas, em sua sede social, à rua Benjamin Constant, n.º 40, a sétima sessão regimental do corrente ano. O ato foi presidido pelo sr. dr. José Torres de Oliveira, presidente perpetuo do Instituto, que se achava ladeado dos primeiro e segundo secretarios, respectivamente, srs. dr. Plinio Airoso e Nicolau Duarte Silva. Lida e aprovada a ata da sessão anterior, passou-se ao expediente, que constou das seguintes cartas: dos srs. dr. Guilherme Wendel e José Maria Marques da Cruz, agradecendo a comunicação de haverem sido eleitos socios do Instituto; do socio sr. Jorge Bertolaso Stella, agradecendo os votos de pronto restabelecimento que lhe foram apresentados por uma comissão de membros do Instituto; do sr. Norberto Jorge, agradecendo o fornecimento de publicações para a biblioteca da "Sala do Brasil" da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra; do presidente da Alliance Française, comissão de S. Paulo, agradecendo haver o Instituto cedido o seu salão para uma conferencia do professor Raeders; e

da exma. sra. d. Noemia B. Bierrenbach, oferecendo ao Instituto, por intermedio do socio sr. Campos Aguirra, um armario de livros que pertenceu ao Regente Feijó, uma declaração da secretaria da Prefeitura Municipal de Campinas a respeito, assim como diversos documentos, jornais e recortes de jornais antigos, alem de uma placa de ferro, que se achava colocada num vapor da fábrica de Bierrenbach & Irmão, de Campinas, e que se supõe ter sido o primeiro que demandou o interior de S. Paulo. Alem das referidas ofertas, foram acusadas mais as seguintes: uma moeda de 5 réis, de 1774, do Brasil (furada), dádiva de um amigo do Instituto por intermedio do sr. presidente perpetuo dr. José Torres de Oliveira; "Inocencia", do Visconde de Taunay (1a. edição? — falta folha de rosto), oferta do dr. Plinio de Barros Monteiro; e os dois primeiros números da revista "Espelho", do Rio de Janeiro, março e abril de 1935 — dádiva do sr. Tancredo de Barros Paiva. Abrindo a primeira parte da ordem-do-dia, o sr. presidente perpetuo justifica o não comparecimento dos socios srs. major Firmino de Godói e José Francisco de Queiroz Teles, sendo o deste por motivo de molestia, pelo quê ficou constituída uma comissão composta dos srs. João Batista de Campos Aguirra e drs. Frederico de Barros Brotero e Domingos Laurito, afim de visitá-lo e apresentar-lhe os votos de pronto restabelecimento em nome do Instituto; encaminha as propostas de novos socios, que se encontravam sobre a mesa, pondo em discussão e votação as que tinham pareceres favoraveis das respectivas comissões, de que resultou serem escolhidos socios do Instituto, na classe dos assistentes, o sr. Jaime Adour da Câmara, e na dos efetivos o sr. dr. Enzo Silveira; comunica estar sendo impresso o volume 30.º da *Revista* do Instituto, o que representaria um grande esforço da tesouraria, visto apenas poder lançar mão da contribuição dos socios; e anuncia ter sido transferido da classe de correspondente para efetivo, visto ter fixado residencia nesta Capital, o dr. Antonio Constantino. Seguem-se com a palavra diversos socios efetivos. O primeiro deles, o sr. Nicolau Duarte Silva, na qualidade de diretor do Arquivo e Museu do Instituto, encarece a importancia da doação da exma. sra. d. Noemia B. Bierrenbach e propõe o lançamento de um voto de louvor ao consocio sr. João Batista de Campos Aguirra, promotor do ato e a quem o Instituto já devia muitos e ótimos serviços; o sr. Geraldo Ruffolo chama a atenção da casa para o trabalho do socio honorario padre Serafim Leite, intitulado "Uma grande bandeira paulista ignorada (1613)" e divulgado no "Jornal do Comercio", do Rio de Janeiro, de 5 do corrente mês, e oferece um exemplar do mesmo; o sr. Dacio Pires Correia recorda o aniversario da morte do historiador Afonso A. de Freitas, falecido na presidencia do Instituto, em 29 de abril de 1930, propondo que fosse lançado em ata um voto de saudade e gratidão; o dr. Antonio Cesarino Junior apóia a proposta feita na reunião anterior pelo dr. Carlos da Silveira, no sentido de estimular os estudos historicos, e pede ao Instituto que se interesse para que seja restabelecida, no curso secundario, a cadeira de historia do Brasil, destacada da parte referente à América e ao Mundo; o dr. Afonso de Escragnolle Taunay agradece as felicitações que lhe foram dirigidas pelo Instituto, por motivo da sua nomeação para reger a cadeira de historia da civilização brasileira da Faculdade de Filosofia, Ciencias e Letras da Universidade de São Paulo; accentua a importancia do anunciado trabalho do consocio padre Serafim Leite e sugere que o mesmo seja aproveitado como elemento

do volume da *Revista* do Instituto, que se acha em impressão; e, depois de comunicar que o Museu Paulista, de que é diretor, tinha recebido do dr. Jerônimo Avelar Figueira de Melo copia em *fac simile*. de diversos e interessantes mapas do sul do Brasil e a incumbencia de fornecer ao Instituto uma copia fotografica dos mesmos, propunha que ao mesmo fosse enviado um officio de agradecimentos; e o capitão Amílcar Salgado dos Santos sugere o lançamento em ata de um voto de pesar pelo falecimento do coronel Teopompo de Godói Vasconcelos, que havia sido sepultado naquele mesmo dia. em S. José dos Campos. Justificando-o, o orador enaltece as qualidades do extinto, que sempre se mostrara dedicado servidor da patria, tendo tomado atitudes que o levaram ao ostracismo. Exceção feita da proposta do dr. Cesarino Junior, que ficou para ser examinada na próxima reunião, todas as demais foram aprovadas. A segunda parte dos trabalhos foi ocupada pelo socio efetivo dr. Plínio Airosa, que discorreu sobre as palavras de origem tupi que entraram para o vocabulario nacional: *inbaguá* ou *inbaquá baguá*, *bagual* — que quer dizer arisco, movediço, rápido, servindo para designar cavalos no Rio Grande do Sul e cães em Goiaz; e *carurú*, de *caaruru*, a erva grossa, úmida, mucilagínosa. O estudo do dr. Plínio Airosa despertou grande interesse, sendo o orador muito aplaudido. A reunião foi suspensa às 23 horas, sendo marcada nova sessão para o próximo dia 20, às 21 horas, quando o socio efetivo dr. Antonio Paulino de Almeida tratará do tema: "Itinerario da bandeira de Pero Lobo Pinheiro". E, para constar, foi lavrada a presente ata por mim, Nicolau Duarte Silva, segundo secretario, conferida.

(aa.) José Torres de Oliveira.  
N. Duarte Silva.  
Geraldo Rúffolo.

---

8a. SESSÃO REGIMENTAL, EM 20 DE MAIO DE 1935 —  
*Presidência*: dr. José Torres de Oliveira — 1.º Secretario: sr. Nicolau Duarte Silva — 2.º Secretario: sr. Geraldo Rúffolo. — Presentes os socios srs. drs. José Torres de Oliveira, Nicolau Duarte Silva, Carlos da Siveira, Francisco Nardy Filho, cap. Amílcar Salgado dos Santos, Geraldo Rúffolo, e Dacio Pires Correia, realizou o Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo, no dia 20 de maio de 1935, às 21 horas, em sua sede social, à rua Benjamín Constant, n.º 40, a oitava sessão regimental do corrente ano. O ato foi presidido pelo sr. dr. José Torres de Oliveira, presidente perpetuo do Instituto, servindo de primeiro o segundo secretario sr. Nicolau Duarte Silva, e de segundo o socio efetivo sr. Geraldo Rúffolo. Lida e aprovada a ata da sessão anterior, passou-se ao expediente, que constou do seguinte: cartas do Sindicato de Funcionarios Bancarios de S. Paulo, convidando o Instituto para a cerimonia de sua instalação official e pedindo publicações para a sua biblioteca; e um cartão do dr. Lino Vieira, procurador geral da Santa Casa de Misericórdia de Santos, oferecendo copia dactilografada do "Compromisso original da Santa Casa de Misericórdia de Santos, do ano de 1752, aprovado por sua majestade El Rei Dom João", assim como o primeiro volume dos "Anais do corpo clínico da Santa Casa de Misericórdia de Santos", onde esse documento foi transcrito. Alem

dessas ofertas, foram acusadas mais as seguintes: "Deutscher Verein für Wissenschaft und Kunst in S. Paulo — 3 Jahrgang der Zeitschrift 1922", do dr. Rudolf Hermann, dádiva do dr. Plínio de Barros Monteiro; primeiro número de "Geografia", publicação da Associação dos Geógrafos Brasileiros, de S. Paulo; "A Lingua do Novo Testamento", de Jorge Bertolaso Stella, remessa desse consocio; "El Chaco y los Virreyes", de Efraim Cardoso, remessa do autor; vols. 21, 22 e 23 de "Documentos Históricos", publicação da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro; "Anita Garibaldi", de Henrique Boiteux, remessa do autor; "Memorias Científicas", de Peter W. Lund; "O Sabio dr. Lund e Estudos sobre a Prehistoria Brasileira", de Anibal Matos, e "Coletanea Peter W. Lund", organizada pelo prof. Anibal Matos, remessa do autor; os três volumes de "Feriados do Brasil", de Carlos Xavier Pais Barreto; vols. 163 e 164 da "Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro"; boletim do mesmo Instituto com a conferencia de Henrique Carneiro Leão Teixeira Filho sobre o conselheiro Luiz Filipe de Sousa Leão; volume especial, ainda do mesmo Instituto, contendo as "Apostilas de História do Brasil", por Max Fleiuss; primeiro trimestre de 1935 da "Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul"; "Boletim do Ministerio da Agricultura", do Rio de Janeiro, referente a outubro e dezembro de 1934; e "Revista da Faculdade de Direito da Universidade de S. Paulo", correspondente a janeiro-março de 1935. Passando-se à primeira parte dos trabalhos, o sr. presidente perpetuo encaminha as propostas de novos socios, que se encontravam sobre a mesa, e comunica que, em vista da ausencia do interessado, a proposta do socio dr. Antonio Cesarino Junior, relativa ao restabelecimento da cadeira de História do Brasil no curso secundario, ficava para ser examinada oportunamente. Segue-se com a palavra o socio efetivo sr. Nicolau Duarte Silva, que trata da personalidade de José Alves de Cerqueira Cesar, cujo primeiro centenário de nascimento ocorre a 23 do corrente mês. O orador discorre sobre a origem do illustre varão paulista, descendente em linha reta de Amador Bueno da Ribeira, "O Aclamado"; detem-se a fazer-lhe a biografia, desde a sua passagem pela Faculdade de Direito de S. Paulo até a sua morte ocupando uma cadeira de senador no Congresso de S. Paulo, acentuando importantes passagens da sua vida politica, ao expirar do século XIX, quando fatos sobremodo graves punham em constante risco os destinos da nacionalidade. Ao terminar a sua oração, o sr. Nicolau Duarte Silva foi muito aplaudido, tendo o sr. presidente perpetuo mostrado a sua satisfação pelo trabalho produzido e lembrado a conveniencia do mesmo ser desde logo dado à publicidade. O socio efetivo sr. Geraldo Rúffolo secundou o sr. dr. José Torres de Oliveira nos seus encomios, declarou que esteve presente aos funerais de Cerqueira Cesar, que foram grandiosos, e pediu que constasse da ata o trecho do trabalho do consocio sr. Nicolau Duarte Silva, referente à situação financeira de S. Paulo em 1892 — "O Estado de S. Paulo, para pagar toda a sua dívida, precisa apenas do prazo indispensavel à contagem da quantia", que punha de manifesto o sentimento politico-econômico da gente de nossa terra. Não tendo comparecido o orador para o qual estava destinada a segunda parte dos trabalhos, dr. Antonio Paulino de Almeida, o mesmo ficou inscrito para a próxima reunião, quando deverá tratar do tema: "Itinerario da bandeira de Pero Lobo Pinheiro". A sessão foi suspensa às 23 horas, fi-



cando marcada nova reunião para o próximo dia 5 de junho, às 21 horas. E, para constar, foi lavrada a presente ata por mim, Nicolau Duarte Silva, segundo secretario, conferida.

(aa.) José Torres de Oliveira.  
N. Duarte Silva.  
A. F. Cesarino Junior.

9a. SESSÃO REGIMENTAL, EM 5 DE JUNHO DE 1935 —  
*Presidência: dr. José Torres de Oliveira* — 1.º Secretario: sr. Nicolau Duarte Silva — 2.º Secretario: dr. Antonio Ferreira Cesarino Junior. — Presentes os socios srs. drs. José Torres de Oliveira, Afonso José de Carvalho, Nicolau Duarte Silva, Teodoro Braga, José da Mata Cardim, coronel Pedro Dias de Campos, Domingos Laurito, capitão Amílcar Salgado dos Santos, Antonio Paulino de Almeida, Carlos da Silveira, João de Toledo, Ricardo Lion, Antonio Ferreira, Cesarino Junior e João Batista de Campos Aguirra, realizou o Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo, no dia 5 de junho de 1935, às 21 horas, em sua sede social, à rua Benjamin Constant, n.º 40, a nona sessão regimental do corrente ano. O ato foi presidido pelo sr. dr. José Torres de Oliveira, presidente perpetuo do Instituto, servindo de primeiro o segundo secretario sr. Nicolau Duarte Silva, e de segundo o socio efetivo sr. dr. Antonio Ferreira Cesarino Junior. Lida e aprovada a ata da reunião anterior, passou-se ao expediente, que constou do seguinte: officio do Centro de Cultura "Paulo Gonçalves", de Santos, comunicando a sua fundação e sua directoria para o bienio de 1935-1937; carta do sr. Plinio Fernandes, comunicando a fundação, nesta Capital, da Sociedade "Luiz Pereira Barreto"; e carta do socio dr. Guilherme Wendel, escusando-se de fazer uma exposição ao Instituto sobre a questão de limites entre S. Paulo e Minas Gerais. Foram acusadas as seguintes ofertas: "O Agricultor Paulista", publicação feita em Itú, em 1860 — os 23 primeiros números do primeiro volume; diversos jornais antigos de S. Paulo; "Dicionario clássico histórico-geográfico-mitológico", traduzido em português por Francisco de Paula Jacou, Lisboa 1816; "Dicionario Geográfico Histórico e descritivo do Imperio do Brasil", de Milliet de Saint-Adolphe, Paris, 1845 — em dois volumes; "Informação sobre os Limites da Provincia de S. Paulo com as suas limitrofes", por Manuel da Cunha de Azeredo Coutinho Sousa Chichorro — Rio de Janeiro, 1846; "Ensaio sobre o direito administrativo", pelo Visconde do Uruguai, Rio de Janeiro, 1862, em 2 volumes; "Les Cotes du Brésil", por Ernest Mouchez (IVE. section-Cote Nord); "Repertorio das leis e decisões do governo concernentes à 2a. Directoria da Secretaria de Estado dos Negocios da Agricultura, Comercio e Obras Públicas desde o ano de 1808", de Luiz Francisco da Veiga — Rio de Janeiro, 1865; "Dictionnaire des arts et manufactures et de l'agriculture", de Ch. Laboulaye, Paris, 1881 — em quatro volumes; e os primeiros volumes das "Lições de mecânica celeste" e das "Lições de física matemática", de Joaquim Galdino Pimentel — Rio de Janeiro, 1877; "Relatorio e trabalhos Estatísticos" da Directoria Geral de Estatistica, Rio de Janeiro, 1875; e um volume de relatorios sobre a Estrada de Ferro D. Pedro II, de 1863 a 1868 — dádiva da Exma.

sra. d. Escolástica Cintra Homem de Melo e do dr. Flavio Homem de Melo, por intermedio do socio sr. João Batista de Campos Aguirra; "Los arqueólogos franceses Emile R. y Duncan L. Wagner y la civilización chaco-santiagueña", de Mario A. Fontana Company — remessa do autor; primeiro número do terceiro ano da "Revista Numismática", órgão da Sociedade Numismática Brasileira de S. Paulo; tomos 33-34 da "Revista do Instituto Histórico de Mato-Grosso"; e "Plantas medicinais brasileiras", pelo dr. Frederico W. Freise. Abrindo a primeira parte dos trabalhos, o sr. presidente perpetuo comunica que, indo ao encontro dos desejos manifestados pelo Instituto, o "O Estado de S. Paulo" havia publicado na íntegra, na sua edição de 21 de maio último, o interessante trabalho do consocio efetivo sr. Nicolau Duarte Silva sobre a personalidade do illustre varão paulista José Alves de Cerqueira Cesar; e anuncia que o socio efetivo dr. Alipio Leme de Oliveira estava preparando uma exposição científica sobre a questão de limites entre S. Paulo e Minas Gerais, especialmente destinada ao Instituto. Essa exposição provavelmente seria apresentada em sessão pública especial, no dia 15 do corrente mês, às 20 horas e meia, sendo documentada com a exhibição de mapas da zona contestada e projeções luminosas. Segue-se com a palavra o socio efetivo dr. Cesarino Junior, que defende, com bons argumentos, o seu projeto de restabelecimento da cadeira de historia do Brasil nos cursos secundarios, destacada da parte referente às Américas e ao Mundo. O orador é apoiado pelos socios efetivos drs. Carlos da Silveira e Afonso José de Carvalho, tendo este último proposto que fosse dada à justificação da proposta do dr. Cesarino Junior a maior publicidade. A sugestão foi unanimemente aprovada, ficando resolvido que se officiasse à Câmara dos Deputados e ao governador de S. Paulo, sugerindo o restabelecimento da cadeira de historia do Brasil nos cursos secundarios, e que essa representação fosse redigida pelo autor da proposta, com todos os fundamentos levados ao conhecimento do Instituto. O socio efetivo dr. Mata Cardim propõe o lançamento em ata de um voto de profundo pesar pelo falecimento da illustre educadora Deolinda Daltro, ocorrido no Rio de Janeiro, no dia 5 de maio último. O orador refere-se à atuação da extinta no serviço de assistencia aos nossos selvícolas, principalmente junto aos indios coroados, em Serra Azul, quando os mesmos foram duramente perseguidos por trabalhadores assalariados para tal fim. A sugestão foi unanimemente aprovada. Falaram ainda os socios efetivos drs. Teodoro Braga e Domingos Laurito. O primeiro lê uma carta do consocio dr. José Augusto de Magalhães, atualmente em Marselha, na qual o mesmo recorda com saudade as relações deixadas no Instituto, ao passo que o segundo comunica ao Instituto que, desempenhando-se da comissão que lhe foi cometida, havia visitado, juntamente com os socios srs. João Batista de Campos Aguirra e dr. Frederico de Barros Brotero, o sr. José Francisco de Queiroz Teles, apresentando ao mesmo, em nome do Instituto, votos de pronto restabelecimento. A segunda parte dos trabalhos foi ocupada pelo socio efetivo inscrito, dr. Antonio Paulino de Almeida, que fez interessante palestra sobre o tema: "Itinerario da bandeira de Pero Lobo Pinheiro". O orador acha que a bandeira atravessou Cananéia, subiu o rio das Minas, atravessou a Serra das Cadeias, Serra Negra, Picada da Serra do Mar e desapareceu nas nascentes do rio Iguassú ou na foz do mesmo rio, seguindo sempre o meridiano de Cananéia. O dr. Paulino de Almeida foi muito

aplaudido. Nada mais havendo a tratar, foi suspensa a sessão, às 23 horas, sendo marcada nova reunião para o próximo dia 20, às 21 horas, quando o socio efetivo dr. Plínio Airosa deverá iniciar uma serie de palestras sobre etnografia indígena. E, para constar, foi lavrada a presente ata por mim, Nicolau Duarte Silva, segundo secretario, conferida.

(aa.) José Torres de Oliveira.  
Plínio Airosa.  
Edmundo Krug.

10a. SESSÃO REGIMENTAL, EM 21 DE JUNHO DE 1935  
— *Presidencia do dr. José Torres de Oliveira* — 1.º Secretario: dr. Plínio Airosa — 2.º Secretario: dr. Edmundo Krug. — Presentes os socios srs. drs. José Torres de Oliveira, Edmundo Krug, João Batista de Campos Aguirra, Dacio Pires Correia, Capitão Amílcar Salgado dos Santos, Teodoro Braga, José da Mata Cardim e Plínio Airosa, realizou o Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo, no dia 21 de junho de 1935, às 21 horas, em sua sede social, à rua Benjamin Constant, n.º 40, a décima sessão regimental do corrente ano. O ato foi presidido pelo sr. dr. José Torres de Oliveira, tendo como primeiro e segundo secretarios, respectivamente, os srs. drs. Plínio Airosa e Edmundo Krug, sendo este convidado *ad hoc* pelo sr. Presidente, por ter deixado de comparecer, com causa participada, o segundo secretario efetivo, sr. Nicolau Duarte Silva. Lida e aprovada a ata da sessão anterior, passou-se ao expediente, que constou do seguinte: telegrama do sr. Antonio Francisco de Ataíde, presidente do Instituto Histórico do Espírito Santo; officios do Instituto Comercial "Brigadeiro Tobias", da Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco, da Escola Normal e Ginasio de Alagoas, do Instituto Paulista de Contabilidade e da Bandeira Paulista de Alfabetização; e carta do Sr. José Otaviano Pinto Soares. Foram tambem acusadas e agradecidas as ofertas constantes do rol abaixo. Na primeira parte da ordem-do-dia, foi proclamado socio do Instituto o sr. dr. Plinio de Barros Monteiro, depois de lido e unanimemente aprovado o respectivo parecer da comissão de admissão de socios. A seguir o Sr. Presidente fundamentou uma proposta, que foi unanimemente aprovada, no sentido de se consignar em ata um voto de regozijo pela pacificação do Chaco e de congratulações com o chanceler brasileiro dr. José Carlos de Macedo Soares, pela sua *humanitaria*, brilhante e eficiente atuação para o êxito desse feliz acontecimento, devendo esta manifestação do Instituto ser levada, por officio, ao conhecimento de S. Excia. O sr. Capitão Amílcar Salgado dos Santos, depois de fazer um longo elogio da vida e méritos do major José Augusto da Costa Leite, recentemente falecido em Natal, em consequencia de molestia adquirida durante o *movimento constitucionalista* de S. Paulo, pediu e obteve que se consignasse em ata um voto de pesar por esse falecimento. A seguir o Sr. Presidente annunciou que já estava pronta a impressão do volume XXX da *Revista* do Instituto, o qual deveria ser distribuido na próxima semana. Anunciada a segunda parte da ordem-do-dia, o orador inscrito, Dr. Plínio Airosa, escusou-se de não fazer, no momento, a sua annunciada conferencia sobre Etnografia indígena, por precisar ocupar-se de assuntos de palpante

atualidade. A seguir fundamentou longamente um veemente protesto contra expedições ditas científicas que ingressam no interior do nosso país, principalmente no vale do Amazonas, e arrecadam, levando para o estrangeiro, numerosos e valiosíssimos espécimes da nossa flora, da nossa fauna e da nossa arte indígena, desfalcando, por essa forma, o nosso patrimonio etnográfico e científico. O orador focalizou notadamente a expedição Iglesias, que, recentemente, inaugurou em Madrid uma exposição constituída por 851 espécimes, levados para lá e arranjados no vale do Amazonas, estando agora se organizando uma nova expedição exploradora, para ser levada a efeito, com um vapor e um avião especialmente para esse fim construídos. Requereu o orador que o Instituto, aprovando o seu protesto, o levasse, por officio, às autoridades competentes do país, para os devidos fins, de modo a evitar-se a continuação desse desfalque do nosso patrimonio. A atitude do orador foi unanimemente aprovada pela casa, manifestando-se expressamente a favor os consocios Drs. Teodoro Braga, Mata Cardim e Edmundo Krug, lembrando este que se estendessem esse protesto a umas caçadas, que destruindo animais ferozes e realmente nocivos, também atingiam inocentes e valiosíssimos espécimes da nossa fauna. Achando-se a hora adiantada, o Sr. Presidente encerrou a sessão, marcando a seguinte para o dia 5 de julho às mesmas horas. E, para constar, foi lavrada a presente ata.

(aa.) José Torres de Oliveira.  
N. Duarte Silva.  
Carlos da Silveira.

Relação das ofertas acima mencionadas: "Leis Provinciais de São Paulo", 1835-63, 1870-80; "Anais do Senado", 1869, 1.º e 2.º volumes; "O Vinhola brasileiro", Cesar de Rainville; "Traité Élémentaire de Cosmographie", J. Pichot; "Les Fleurs de Pleine Terre", Vilmorin Andrieux; "Cours de Physique", A. Ganot; "Elementos de Economia Política", H. D. Magleod; "Select Passages"; "L' Amazone les Métis de la Savane", Émile Carrey; "Anuario publicado pelo Observatorio do Rio de Janeiro", 1898; "Annuaire des Deux Mondes", 1857-58; "Relatorio do Rio Grande do Sul, Rios e Lagoas"; "La Terre Illustrée"; "Repertorio geral ou indice alfabético das Leis Extravagantes do Reino de Portugal", Manuel Fernandes Tomaz, tomo primeiro; "Relatorio e Sinopse dos trabalhos da Câmara dos Snrs. Deputados", 1872; "Manual do Agricultor Brasileiro", C. A. Taunay; "Curso de Ciencia Hípica", Ephrem Honél; "Repertorio das Leis Promulgadas pela Assembléia Legislativa da Provincia de S. Paulo, 1835 até 1875, João Carlos da Silva Teles; "Regulamentos expedidos pelo Exmo. Governo Provincial", José Cândido de Azevedo Marques; "Corografia e Historia do Brasil, especialmente do Estado da Baía", Antonio Alexandre Borges dos Reis; "Nouveau Dictionnaire Portugais-Français" J. I. Roquette; "Fourmis, Abeilles et Guêpes", J. Lubbock, 1 e 2; "La Fabrication des Briques et des Tuiles", Bonneville, Jaime; "Ceará — Excursão Presidencial ao Norte do Estado", 1894; "Apontamentos sobre a mortalidade da cidade do Rio de Janeiro", Barão de Lavradio; "Exposição Nacional do Brasil", 1875, Augusto Zaluar; "Relatorio da Administração Central das Colonias da Provincia de S. Pedro do Rio

Grande do Sul", Carlos de Hoseritz; "Relatorio apresentado à Assembléia Legislativa Provincial do Ceará", João de Sousa Melo e Alvim; "Novissimo Vocabolario della lingua Italiana", Pietro Fanfani; "Géographie Générale", P. Foncin; "Repertorio da Guarda Nacional"; "Curso de Topografia", José Carlos de Carvalho; "Lições de Geografia", Gautier; "Compendio de Economia Política e Industrial", J. A. Rebelo da Silva; "Les Volcans et les Tremblements de Terre", H. Fuchs; "Histoire Ancienne", É. Lefranc; "Instruções de Infantaria" José de Melo Pacheco de Rezende; "Biografia e estudo de historia política contemporanea", Tito Franco de Almeida; "Elementos de Geografia e Cosmografia", P. de Abreu; "Manual do Elemento Servil", Miguel Tomaz Pessoa; "History of Rome"; "Tableau Chronologique", M. É. Lefranc; "Cours Élémentaire de Minéralogie"; "Explicação da Sintaxe", Antonio Rodrigues Dantas; "Histoire du Moien Age"; "La Construction et le Dessin des Cartes Géographiques", A. M. Perrot; "L'Histoire Ancienne", M. Lame Fleury; "Annuaire 1884"; "Dictionnaire abrégé de la Fable", Chompré; "Revista Brasileira", n.º 8 de 1935; "Anais da Escola de Minas de Ouro Preto", n.º 25, 1934; "A Penetração Geográfica da Terra pelos Portugueses", Serafim Leite; "A Poesia no Brasil", José Bonifacio de Andrada e Silva; "A Baía de Todos os Santos", Antonio Alves Câmara.

11a. SESSÃO REGIMENTAL, EM 5 DE JULHO DE 1935 —  
*Presidencia do dr. José Torres de Oliveira* — 1.º Secretario: dr. Plínio Airoso — 2.º Secretario: dr. Geraldo Rúffolo. — Com a presença dos consocios srs. drs. José Torres de Oliveira, Dacio Pires Correia, Francisco Nardy Filho, Domingos Laurito, Geraldo Rúffolo, Antonio Ferreira Cesarino Junior, Carlos da Silveira, João de Toledo, João Batista de Campos Aguirra, Plínio Airoso e Alípio Leme de Oliveira, com selta e numerosa assistencia realizou o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, no dia 5 de julho de 1935, às 21 horas, em sua sede social, à rua Benjamin Constant n.º 40, a décima-primeira sessão regimental do corrente ano. O ato foi presidido pelo sr. dr. José Torres de Oliveira, tendo como primeiro e segundo secretarios, respectivamente, os srs. drs. Plínio Airoso e Geraldo Rúffolo, sendo este convidado *ad hoc* pelo sr. presidente, por continuar ausente, em gozo de ferias, o segundo secretario efetivo sr. Nicolau Duarte Silva. Abrindo os trabalhos, o sr. presidente deu posse ao novo consocio sr. dr. Plínio de Barros Monteiro, que foi introduzido no salão com as formalidades do estilo e assinou o livro de presença. A seguir declarou que para aproveitar o tempo, que devia ser ocupado com a anunciada conferencia do consocio dr. Alípio Leme de Oliveira, adiaa para a próxima sessão a leitura do ata da sessão anterior, assim como do expediente e das ofertas. Apenas, antes de dar a palavra ao orador, declarou nomear, para representar o Instituto em todas as cerimoniaes comemorativas do próximo dia 9 de julho, 3.º aniversario do inicio da revolução constitucionalista de S. Paulo, uma comissão composta dos consocios srs. dr. Plínio Airoso, João Batista de Campos Aguirra e Cel. Pedro Dias de Campos. Dada a palavra ao orador do dia, dr. Alípio Leme de Oliveira, ocupou este a tribuna durante hora e meia, empolgando o auditorio com uma dissertação, profunda e erudita, ilustrada com mapas e projeções luminosas, sobre a

palpitante questão de limites entre S. Paulo e Minas. Ao terminar, foi o conferencista muito aplaudido, e prometeu prosseguir no desenvolvimento de seu trabalho na próxima sessão, que, conforme declarou o sr. presidente, se deverá realizar no dia 20 do corrente às mesmas horas, ficando desde logo convidados, para assistí-la, os srs. consocios e mais interessados. E, para constar, foi lavrada a presente ata.

(aa.) José Torres de Oliveira.  
N. Duarte Silva.  
Carlos da Silveira.

12a. Sessão REGIMENTAL, EM 20 DE JULHO DE 1935 —  
*Presidencia: dr. José Torres de Oliveira* — 1.º Secretario: sr. Nicolau Duarte Silva — 2.º Secretario: dr. Carlos da Silveira. — Presentes os socios srs. drs. José Torres de Oliveira, capitão Amílcar Salgado dos Santos, Plínio de Barros Monteiro, Dacio Pires Correia, João Batista de Campos Aguirra, José E. de Paula Assiz, Nicolau Duarte Silva e Carlos da Silveira, realizou o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, no dia 20 de julho de 1935, às 21 horas, em sua sede social à rua Benjamin Constant, n.º 40, a décima-segunda sessão regimental do corrente ano. O ato foi presidido pelo sr. dr. José Torres de Oliveira, presidente perpetuo do Instituto, servindo de primeiro o segundo secretario sr. Nicolau Duarte Silva, e de segundo o socio efetivo sr. dr. Carlos da Silveira. Lidas e aprovadas as atas de 21 de junho e 5 de julho, passou-se ao expediente, que constou de um telegrama do dr. José Carlos de Macedo Soares, ministro das Relações Exteriores do Brasil, agradecendo as manifestações do Instituto por motivo do armistício entre a Bolívia e o Paraguai; carta do sr. Francisco de Faria, de Jacaréi, oferecendo ao Instituto um quadro histórico; e ofício do diretor do Museu Histórico Nacional, do Rio de Janeiro, pedindo publicações. Foram acusadas as seguintes ofertas: "Recordações Patrióticas (1821-1838)" de Antonio Pereira Rebouças e "Do principio e origem dos indios do Brasil e de seus costumes, adoração e cerimoniaes", de Fernão Cardim (Rio de Janeiro, 1881) — remessa do socio dr. Americo Brasiliense, por intermedio do sr. dr. José Torres de Oliveira; "Noticia histórica, geográfica e estatística da República do Paraguai", de Pedro Torquato Xavier de Brito (Rio de Janeiro, 1865); "Dissertação sobre o actual governo da República do Paraguai", pelo dr. Antonio Correia do Couto (Rio de Janeiro, 1865); "La Guerra del Paraguay", de Jorge Thompson traducida al español por D. Lewis y A. Estrada (Buenos Aires, 1869); e "Magnum Lexicon Novissimum Latinum et Lusitanum", dadas da exma. sra. d. Escolástica Cintra Homem de Melo, por intermedio do socio sr. João Batista de Campos Aguirra; "O ensino da historia do Brasil", de A. F. Cesarino Junior, remessa desse consocio; "Relatorio de 1934 do Gabinete de Investigações de S. Paulo", de F. A. Carvalho Franco, remessa desse consocio; "Regulamento do Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas do Brasil" — dadas do socio dr. Plínio Airoso; primeiro numero do "Boletim do Museu Histórico do Estado do Ceará"; fasciculo 1.º do XI volume, de 1935, dos "Anais da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo";

n.º 8, de maio a junho de 1935 da "Revista Brasileira"; n.º 25, de 1934, dos "Anais da Escola de Minas de Ouro Preto"; e o n.º de 26 de junho de 1935 do "Diário do Poder Legislativo", contendo o discurso do socio dr. Aureliano Leite sobre a questão ortográfica, remessa do mesmo. Abrindo a primeira parte dos trabalhos, o sr. presidente perpetuo comunica que o socio capitão Amilcar Salgado dos Santos deixou de comparecer à sessão anterior, por motivo de força maior; anuncia o falecimento do socio dr. Carlos Augusto de Freitas Vilalva, mandando que seja consignado em ata um voto de profundo pesar por tão infausto acontecimento e que seja enviado um officio de pêsames à exma. viuva; comunica que havia deixado de comparecer, por motivo de força maior, o sócio efetivo dr. Alipio Leme de Oliveira, que se havia inscrito para prosseguir no seu interessante trabalho sobre a questão de limites entre S. Paulo e Minas Gerais; e informa que se acha inscrito, para oportunamente tratar de assuntos históricos, o socio efetivo dr. Francisco Isoldi. O socio efetivo dr. Carlos da Silveira propõe um voto de louvor ao sr. Dacio Pires Correia, pelos seus esforços na publicação do volume XXX da *Revista* do Instituto. Falou a respeito este consocio, que declarou que o trabalho fora da respectiva comissão de redação, e que portanto não lhe ficava bem receber essa homenagem. O socio efetivo sr. Nicolau Duarte Silva, na qualidade de membro dessa comissão, se associa à proposta do dr. Carlos da Silveira, tendo acentuado que, na parte que lhe tocava, podia dar o seu testemunho do esforço do sr. Dacio Pires Correia na publicação desse volume, no qual pouca interferencia tivera, encontrando-se até ausente desta capital, por ocasião do mesmo ser impresso. O voto foi aprovado. A reunião foi suspensa às 22 horas, sendo marcada nova para o próximo dia 5 de agosto, às 21 horas. E, para constar, foi lavrada a presente ata por mim, Nicolau Duarte Silva, segundo secretario, conferida.

(aa.) José Torres de Oliveira.  
N. Duarte Silva.  
Edmundo Krug.

---

13a. SESSÃO REGIMENTAL, EM 5 DE AGOSTO DE 1935 —  
*Presidencia do dr. José Torres de Oliveira* — 1.º Secretario: sr. Nicolau Duarte Silva — 2.º Secretario: dr. Edmundo Krug. — Presentes os socios srs. drs. José Torres de Oliveira, Nicolau Duarte Silva, Domingos Laurito, capitão Amilcar Salgado dos Santos, João Batista de Campos Aguirra, Plínio de Barros Monteiro, Armando de Arruda Pereira, Edmundo Krug, Antonio Paulino de Almeida, Alipio Leme de Oliveira, Leopoldo de Freitas e Dacio Pires Correia, realizou o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, no dia 5 de agosto de 1935, às 21 horas, em sua sede social, à rua Benjamin Constant n.º 40, a décima-terceira sessão regimental do corrente ano. O ato foi presidido pelo sr. dr. José Torres de Oliveira, presidente perpetuo do Instituto, servindo de primeiro o segundo secretario sr. Nicolau Duarte Silva, e de segundo o socio efetivo sr. dr. Edmundo Krug. Lida e aprovada a ata da sessão anterior, passou-se ao expediente, que constou de uma carta do deputado Pedro Calmon, interessando-se pelo trabalho do Instituto no sen-

tido de ser restabelecido, no curso secundario, o ensino da historia do Brasil, destacado da parte referente à América e ao Mundo. Foram acusadas as seguintes ofertas: "Sob o Cruzeiro do Sul", do príncipe D. Luiz de Orleans e Bragança, com dedicatória do autor, dádiva do socio sr. José Francisco de Queiroz Teles, por intermedio do sr. dr. José Torres de Oliveira; diversos números do "Correio Paulistano", de janeiro a junho de 1860; "Bosquejo Histórico, Político e Literario do Brasil", de José Inacio de Abreu e Lima (Niterói, 1835); "La Politique du Paraguay", de Claude de la Poëpe; e "O Primeiro Reinado estudado à luz da ciencia ou A Revolução de 7 de abril de 1831", de Luiz Francisco da Veiga — dádivas da exma. sra. d. Escolástica Cintra Homem de Melo, por intermedio do socio sr. João Batista de Campos Aguirra; "Os engenheiros de São Paulo em 1932 — Pela Lei e Pela Ordem", de Artur Morgan, remessa do autor; "Ensaio de Crítica e Estética", de Henrique de Vilhena, remessa do autor; ns. 1 e 2, do vol. IV, de 1934, da "Revista do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas"; 2.º trimestre do ano XV, da "Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul"; vol. XXXII, de 1932, da "Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico de Pernambuco"; "Planta da Cidade de São Paulo", por C. A. Bresser (1841) — oferta do socio sr. João Batista de Campos Aguirra; ns. de junho a julho de 1935 de "Berliner Monatshefte"; ns. 3 e 4, de julho a dezembro de 1934, da "Revista Militar Brasileira"; n.º 286, de janeiro e fevereiro de 1935, da "Revista de la Sociedad Filatélica Argentina"; e o segundo tomo de "Venezuela Gráfica 1930", de M. J. Gornes Mac Pherson. Na primeira parte dos trabalhos, depois de justificar o não comparecimento do socio efetivo dr. A. F. Cesarino Junior, por motivo de força maior, o sr. presidente perpetuo comunica o falecimento do socio honorario sr. dr. Pedro de Toledo, mandando que seja consignado na ata um voto do mais profundo pesar por tão infausto acontecimento e que essa resolução seja levada ao conhecimento da familia do extinto, por meio de um officio. Justificando a sua resolução, o sr. dr. José Torres de Oliveira traçou, em palavras repassadas de carinho e saudade, a biografia do illustre patricio, com quem teve a honra de conviver durante anos, pois fora seu companheiro de escritorio e compadre, tendo sempre visto no mesmo a figura de um "varão perfeito, quanto pode ser perfeita uma criatura humana". Seguiu-se com a palavra o socio efetivo sr. dr. Leopoldo de Freitas, que, depois de traçar a biografia do conselheiro Gaspar Silveira Martins, cujo primeiro centenario de nascimento ocorria naquele dia 5 de agosto, propôs que fosse lançado na ata um voto de veneração e saudade à memoria do grande tribuno. A proposta foi unanimemente aprovada. Ainda na primeira parte dos trabalhos, foi aprovada a idéia de enviar-se ao vice-presidente do Instituto, sr. dr. Afonso José de Carvalho, por motivo da sua escolha para a presidencia da Corte de Apelação, um officio de congratulações. Inscreveu-se para ocupar a tribuna, numa das próximas reuniões, o socio efetivo sr. dr. Francisco Isoldi para tratar do tema: "Horacio, último grande poeta do mundo antigo". Com esse trabalho, comemorará o Instituto o bimilenario de Horacio. A segunda parte da sessão foi ocupada pelo orador inscrito, sr. dr. Alipio Leme de Oliveira, que prosseguiu no seu interessan e estudo sobre a questão de limites entre S. Paulo e Minas Gerais. Esse socio efetivo teve oportunidade de comentar as varias sugestões desti-



nadas a resolver a velha pendencia, desde os atos de Gomes Freire de Andrade até a elaboração do laudo Villeroy, cujo exame fará na próxima reunião do Instituto, concluindo assim o seu valioso estudo que será publicado brevemente. O conferencista teve ocasião de apresentar algumas projeções luminosas, sobremodo interessantes e preparadas especialmente para o caso. Ao interromper o seu trabalho, o sr. dr. Alípio Leme de Oliveira foi muito aplaudido. A reunião foi suspensa às 23 horas, sendo marcada nova sessão para o próximo dia 20, às 21 horas. E, para constar, foi lavrada a presente ata por mim, Nicolau Duarte Silva, segundo secretario, conferida.

(aa.) José Torres de Oliveira.  
N. Duarte Silva.  
Edmundo Krug.

SESSÃO EXTRAORDINARIA, EM 14 DE AGOSTO DE 1935  
— *Presidencia do dr. José Torres de Oliveira* — 1.º Secretario: dr. Carlos da Silveira — 2.º Secretario: dr. Plínio de Barros Monteiro. — Com a presença dos consocios srs. drs. José Torres de Oliveira, René Thiollier, capitão Amilcar Salgado dos Santos, Leopoldo de Freitas, Plínio de Barros Monteiro, Carlos da Silveira, João Penteado Erskine Stevenson, Alípio Leme de Oliveira, Alfredo Elis Junior e Afonso de Freitas Junior, e numeroso auditorio, o Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo realizou no dia 14 do corrente mês, às 21 horas, em sua sede social, à rua Benjamin Constant n. 40, uma sessão extraordinaria, comemorativa do centenario da guerra dos Farrapos. O ato foi presidido pelo sr. dr. José Torres de Oliveira, presidente perpetuo do Instituto, servindo de secretaros os socios srs. drs. Carlos da Silveira e Plínio de Barros Monteiro. Depois de justificar a ausencia dos primeiro e segundo secretarios srs. dr. Plínio Airoso e Nicolau Duarte Silva, por motivo de força maior, o sr. presidente pronunciou as seguintes palavras: "A presente reunião foi especialmente convocada para se fazer a comemoração do primeiro centenario da guerra cognominada "dos Farrapos", a qual, como se sabe, teve inicio no dia 20 de setembro de 1835 e prolongou-se por 10 anos, até 1.º de março de 1845. Trata-se de um heróico movimento, armado, de reação contra as opressões e injustiças praticadas contra o povo riograndense-do-sul pelos então agentes do poder central, o presidente da Provincia dr. Manuel Rodrigues Fernandes Braga, e o comandante das armas marechal Sebastião Barreto Pereira Pinto. E' uma epopéia cheia de lances admiraveis, durante a qual os filhos e habitantes daquele Estado tiveram ocasião de mostrar seu valor, intrepidez e tenacidade na defesa de suas prerrogativas e liberdades, e no desagravo de seu pundonor, duramente conculcados por aquelas autoridades imperiais, sem que o poder central desse ouvido às suas justas queixas e reclamações. A rememoração dessas dignificantes occurencias vai ser feita hoje, sem dúvida com o brilho costumado, pela palavra erudita do conhecido e festejado homem de letras e publicista, o dr. René Thiollier. Como o illustre orador não possa estar presente nesta cidade no próximo dia 20 de setembro, tornou-se preciso antecipar de alguns dias o ato solene desta comemoração. Com isso só vai lucrar o

auditorio, que terá, assim, também antecipado o gozo intelectual de ouvir a dissertação com que o nosso ilustre e prezado confrade vai dar desempenho à sua nobre tarefa. Tem a palavra o sr. dr. René Thiollier." O socio efetivo sr. dr. René Toillier começou a sua conferencia recordando seus antigos companheiros de estudos na Faculdade de Direito de São Paulo, que tinham no sangue o ardor da gente gaucha e no coração o mais acendrado patriotismo pela terra natal. Acentuou que para um paulista daqueles tempos, nascido à beira das plagas mais tradicionais da Piratininga histórica; para um paulista que desde a infancia se habituou à historia riquíssima das bandeiras e dos varões que encham a nobiliarquia paulistana; para um paulista de formação psicológica assim, que considerava o Brasil não apenas São Paulo, mas também o último palmo de terra da mais longinqua porção do territorio patrio, difficil se tornava compreender aquele fervor exclusivista dos estudantes gauchos, seus colegas, pelo Rio Grande do Sul. Tantos e tais foram os episodios que entreteceram a historia política do Brasil nos últimos tempos; tais e tantos foram os fluxos e refluxos dos acontecimentos e das paixões que empolgaram a alma da coletividade, que hoje o orador compreende aquella mesma psicologia que anos atrás lhe parecera nebulosa. E, por compreendê-la é que, como paulista e como ex-combatente da revolução de 32, rende suas homenagens, aos homens valerosos que fizeram a guerra dos Farrapos. O orador mostrou que o caso não foi de ordem política, como ainda hoje há quem acredite, mas um caso de extensão nacional. Sua origem, os sentimentos que o insuflaram foram os mais nobres, os mais patrióticos, os que mais dignificam a alma de um povo. E o povo do Rio Grande, que conserva inatos os pruridos de liberdade até mesmo por hereditariedade, não podia sujeitar-se aos vexames, às imposições, ao viver de escravo que lhe queria impor o governo central. Evocando o quadro da política interna do Rio Grande, o dr. René Thiollier acompanha passo a passo o preparo do grande movimento, lembrando a afronta dos impostos exagerados e continuamente majorados, os atos cada vez mais abusivos do governador, as intrigas entre as facções e finalmente o inicio da guerra, que explodiu no dia 19 de setembro de 1835, caindo no dia seguinte Porto Alegre em poder dos revolucionarios. Referindo-se ao chefe do movimento, o orador tece elogios a Bento Gonçalves, que considera intrépido caudilho. Desmente que o mesmo tenha combatido seus patricios sob a bandeira de Aguirra e nega ao movimento o caracter separatista que muitos lhe querem attribuir. Concluindo a sua conferencia, o dr. René Thiollier declarou que, hoje como ontem, a felicidade da patria reside na confederação, jamais no federalismo, frisando que a guerra dos Farrapos, que devia durar dez anos, de 1835 a 1845, só terminou com a proclamação da República de Piratinim, cuja bandeira, por sinal, foi pintada por um paulista. O orador foi muito aplaudido. E, para constar, foi lavrada a presente ata por mim, Nicolau Duarte Silva, segundo secretario, conferida.

(aa.) José Torres de Oliveira.  
N. Duarte Silva.  
Edmundo Krug.

14a. SESSÃO REGIMENTAL, EM 20 DE AGOSTO DE 1935  
 — *Presidência do dr. José Torres de Oliveira* — 1.º Secretario: sr. Nicolau Duarte Silva — 2.º Secretario: dr. Edmundo Krug. — Presentes os socios srs. drs. José Torres de Oliveira, Nicolau Duarte Silva, Edmundo Krug, capitão Amilcar Salgado dos Santos, coronel Pedro Dias de Campos, Plínio de Barros Monteiro, Carlos da Silveira, João Baptista de Campos Aguirra, Geraldo Rúffolo e Plínio Airosa, realizou o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, no dia 20 de agosto de 1935, às 21 horas, em sua sede social, à rua Benjamin Constant, n. 40, a décima-quarta sessão regimental do corrente ano. O ato foi presidido pelo sr. dr. José Torres de Oliveira, presidente perpetuo do Instituto, servindo de primeiro o segundo secretario sr. Nicolau Duarte Silva, e de segundo o socio efetivo sr. dr. Edmundo Krug, em vista do sr. dr. Plínio Airosa ter alcançado apenas a última parte da reunião. Lidas e aprovadas as atas das sessões de 5 e 14 de agosto corrente, foram acusadas as seguintes ofertas: “O Selvagem”, de Couto de Magalhães, em primeira edição; “Etnologia Selvagem” — Estudo sobre a memoria “Região e Raças Selvagens do Brasil do dr. Couto de Magalhães”, de Silvio Romero (Recife, 1875), “Nobiliarquia Portuguesa”, de Antonio de Vilas Boas e Sampaio (Lisboa, 1708); e “Narrativa de Serviços no Libertar-se o Brasil da Dominação Portuguesa, prestados pelo Almirante Conde de Dundonal (Londres, 1859)” dádiva da exma. sra. d. Escolástica Cintra Homem de Melo, por intermedio do socio sr. João Baptista de Campos Aguirra; os 13 primeiros números da “Revista do Arquivo Municipal de S. Paulo”, remessa dos editores; “Os primeiros tempos de Campinas” e “Relatorio de 1934 do Gabinete de Investigações de S. Paulo”, remessa do socio dr. Ricardo Gumbleton Daunt; “Colônia Helvética no Brasil”, remessa do socio sr. José Francisco de Queiroz Teles; “O problema ortográfico no Brasil” e “Discurso sobre a questão de limites entre S. Paulo e Minas Gerais”, de Aureliano Leite, remessa desse consocio; “Concours pour l’eréction d’un phare a la mémoire de Cristoph Colomb” e “Deutschrift zur Hundertjahfeier der Aachener und Muenchener Fener Versicherungs Gesellschaft in Aachen”, dádiva do socio dr. Edmundo Krug; n. 2 de “Geografia”; fasciculo II do IV ano de “Archivum Historicum Societatis Jesu”; e o n.º 119 da “Revista Politécnica”, de S. Paulo. Abrindo a primeira parte dos trabalhos, o sr. presidente perpetuo justifica o não comparecimento dos socios srs. drs. Afonso de Escagnolle Taunay e Alipio Leme de Oliveira; anuncia o falecimento do socio correspondente conde Maurice de Périgny, mandando consignar na ata dos trabalhos um voto de pesar por tão infausto acontecimento; comunica que, em nome do Instituto, estivera no desembarque do sr. dr. José Carlos de Macedo Soares, por ocasião de sua recente vinda a S. Paulo, tendo ocasião de apresentar ao ministro das Relações Exteriores do Brasil as felicitações do Instituto pelo restabelecimento da paz entre Paraguai e Bolivia; e que havia recebido, no Instituto, a visita do deputado Pedro Calmon Muniz de Bittencourt, assim como a do professor Rebelo Gonçalves, da Universidade de São Paulo. Informado de que o professor de Filologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de S. Paulo estava interessado na formação da “Sala de Portugal” em nossa Universidade, prometeu-lhe toda a assistência possível do Instituto, pondo desde logo à sua disposição uma coleção de publicações do

mesmo. Depois de encaminhar as propostas de novos socios, que se encontravam sobre a mesa, pondo em discussão e votação as que tinham pareceres das respectivas comissões, de que resultou ser eleito socio correspondente, por unanimidade de votos, o sr. dr. Luiz Filipe Vieira Souto, o sr. dr. José Torres de Oliveira anunciou que ocorria naquele dia o centenário da morte de José da Silva Lisboa, Visconde de Cairú. A propósito da efeméride, falou o socio efetivo sr. Geraldo Rúffolo, que longamente fundamentou um voto de homenagem à memoria do ilustre brasileiro. A sugestão foi unanimemente aprovada. Deixou de haver a anunciada conferencia do socio efetivo sr. dr. Alipio Leme de Oliveira, sobre a questão de limites entre S. Paulo e Minas Gerais, devido ao não comparecimento do orador, por motivo de força maior. Entretanto, o mesmo se inscreverá oportunamente, para concluir o seu interessante estudo. Ficou inscrito para a próxima reunião o socio efetivo sr. dr. Francisco Isoldi, que desenvolverá o tema: "Horacio, último grande poeta do mundo antigo". Os trabalhos foram suspensos às 22 horas e meia, sendo marcada nova sessão para o próximo dia 5 de setembro, às 21 horas. E, para constar, foi lavrada a presente ata.

(aa.) José Torres de Oliveira.  
Plinio Airosa.  
Carlos da Silveira.

15a. SESSÃO REGIMENTAL, EM 5 DE SETEMBRO DE 1935  
— *Presidencia do dr. José Torres de Oliveira* — 1.º Secretario: dr. Plinio Airosa — 2.º Secretario: dr. Carlos da Silveira. — Presentes os socios srs. drs. José Torres de Oliveira, Carlos da Silveira, Edmundo Krug, Domingos Laurito, João Toledo, capitão Amílcar Salgado dos Santos, José da Mata Cardim, Plinio de Barros Monteiro, Frederico de Barros Brotero, Plinio Airosa e Afonso de Escragolle Taunay, realizou o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, no dia 5 de setembro de 1935, às 21 horas, a décima-quinta sessão regimental do corrente ano. O ato foi presidido pelo sr. dr. José Torres de Oliveira, presidente perpetuo do Instituto, que se achava ladeado do primeiro secretario, sr. dr. Plinio Airosa, e do socio efetivo sr. dr. Carlos da Silveira, que substituiu o segundo secretario, sr. Nicolau Duarte Silva, ausente por motivo de força maior. Lida e aprovada a ata da sessão anterior, passou-se ao expediente, que constou de um officio do socio sr. dr. Afonso José de Carvalho, agradecendo o voto de congratulações do Instituto pela sua ascensão ao cargo de presidente da Corte de Apelação. Foram acusadas as seguintes ofertas: "São Paulo", de Gustavo Koenigwald, oferta do socio dr. Frederico de Barros Brotero, com comentarios do mesmo; "Documentos Históricos", volumes 24, 25, 26, 27 e 28; vol. 165 da "Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro", "Sistema parlamentar — Historia constitucional e política", de Olimpio Ferraz de Carvalho, remessa do autor; "Um episodio da Revolução dos Farrapos", do capitão de corveta Sergio Bizarro de Andrade Pinto; "A Era de Martim Afonso — Conferencias a propósito do IV centenario da fundação de S. Vicente"; "Ato n.º 96, Institue o brasão da cidade e municipio de Moji-Mirim"; vol. 14 da "Revista do Arquivo Municipal de S. Paulo"; os dois primeiros números da "Revista do Circulo de Es-

tudos Bandeirantes”, de Curitiba, e os estatutos dessa associação; volume XXXIV, de 25 de agosto de 1935, da “Revista Militar Brasileira”, dedicado ao Duque de Caxias; n.º 8, de agosto de 1935, de “Berliner Monatshefte”; fasc. II do volume XXXI da “Revista da Faculdade de Direito da Universidade de S. Paulo”; e os dois primeiros números de “Ilustração”, de São Paulo, oferta do sr. José Bueno de Oliveira Azevedo Filho. Na primeira parte dos trabalhos, o sr. presidente perpetuo justificou o não comparecimento dos socios efetivos srs. Nicolau Duarte Silva e Dacio Pires Correia; discorreu sobre o 132.º aniversario do nascimento do Duque de Caxias, Luiz Alves de Lima e Silva; referiu-se à comemoração da data de 7 de setembro, nomeando para representar o Instituto nos festejos que se promoviam nesta capital os socios srs. drs. José da Mata Cardim e Domingos Laurito, e capitão Amilcar Salgado dos Santos; e comunicou haver recebido da familia da saudosa consocia sra. d. Olivia Guedes Penteado, uma valiosa dádiva, constituída de cento e oitenta e cinco exemplares do livro: “A Era de Martim Afonso”, contendo as conferencias pronunciadas nos salões da illustre dama paulista, pelos srs. drs. Ricardo Severo, Afonso de E. Taunay, Goffredo da Silva Teles e Guilherme de Almeida, por ocasião da passagem do quarto centenario da fundação de S. Vicente. Segue-se com a palavra o socio efetivo dr. José da Mata Cardim, que apresenta uma indicação sobre os indios brasileiros e a futura lei de educação nacional. A proposta suscitou animados debates, em que tomaram parte diversos consocios, tendo o sr. presidente deliberado que a mesma ficasse adiada para uma nova reunião, quando seria estudada com mais vagar. Esse mesmo socio efetivo comunica que teve ocasião de representar o Instituto nos festejos comemorativos da fundação de Moji das Cruzes. Encerrando os trabalhos, o sr. dr. José Torres de Oliveira comunicou haver recebido do tenente-coronel Alcio Souto, pela comissão constituída na capital do país para comemorar a data da nossa independencia, um officio pedindo a cooperação do Instituto, e tinha-o tomado na devida consideração, conforme resposta enviado para o Rio de Janeiro. Deixou de haver a anunciada conferencia do socio efetivo dr. Francisco Isoldi, sobre: “Horacio, último grande poeta do mundo antigo”, devido ao não comparecimento do orador. A reunião foi suspensa às 23 horas, sendo marcada nova sessão para o dia 20 de setembro às 21 horas. E, para constar, foi lavrada a presente ata por mim, Nicolau Duarte Silva, segundo secretario, conferida.

(aa.) José Torres de Oliveira.  
N. Duarte Silva.  
Carlos da Silveira.

---

16a. SESSÃO REGIMENTAL, EM 20 DE SETEMBRO DE 1935  
— *Presidencia do dr. José Torres de Oliveira* — 1.º Secretario: Sr. Nicolau Duarte Silva — 2.º Secretario: dr. Carlos da Silveira. — Presentes os socios srs. drs. José Torres de Oliveira, Edmundo Krug, Nicolau Duarte Silva, José da Mata Cardim, coronel Pedro Dias de Campos, Carlos da Silveira, Domingos Laurito, José de Alarcón Fernandez, capitão Amilcar Salgado dos Santos, Plínio de Barros Monteiro, Antonio Paulino de Almeida, Teodoro Braga, Herbert Baldus, João Penteado

Erskine Stevenson e Afonso de E. Taunay, além de seletos auditores, entre os quais os srs. consul geral da Alemanha, consul geral do Chile, consul do Perú, consul geral da Bolívia e consul do Uruguai, realizou o Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo, no dia 20 de setembro de 1935, às 21 horas, em sua sede social, à rua Benjamin Constant n.º 40, a décima-sexta sessão regimental do corrente ano. O ato foi presidido pelo sr. dr. José Torres de Oliveira, presidente perpetuo do Instituto, servindo de primeiro o segundo secretario sr. Nicolau Duarte Silva, e de segundo o socio efetivo sr. dr. Carlos da Silveira. Lida e aprovada a ata da sessão anterior, passou-se ao expediente, que constou de uma carta do sr. dr. Luiz Filipe Vieira Souto, agradecendo a comunicação de haver sido escolhido socio correspondente do Instituto. Foram acusadas as seguintes ofertas: dois volumes contendo os primeiros números da "Semana Ilustrada", do Rio de Janeiro; "Historia dos Estados da América Septentrional e Meridional", traduzida por Jacinto Alves Branco Muniz Barreto (1838); "Memoria sobre as Minas da Capitania de Minas Gerais", pelo dr. José Vieira Couto (1842); "Discursos pronunciados pelo Barão de São João do Rio Claro na Assembléa Provincial de S. Paulo", em 1863; "Parte marítima do projeto do Código Commercial do Imperio do Brasil", por Lourenço Westin (1838); "Inviolabilidade da Independencia, e gloria do Imperio do Brasil", por um Brasileiro (Rio de Janeiro, 1826); "Regimento de Sinais de Marinha, para o serviço público" Rio de Janeiro, 1823; "Demonstração da necessidade da abolição do celibato clerical", pelo deputado Diogo Antonio Feijó (Rio de Janeiro, 1828); "Proposta apresentada à Assembléa Geral Legislativa", pelo Duque de Caxias (1877); "Questão Constitucional — A Câmara Reformadora e o Senado"; "Exposição apresentada à Assembléa Legislativa do Imperio do Brasil", por Fulgence Chegaray, sobre navegação no rio Amazonas (Rio de Janeiro, 1826); "Decisões de Sua Alteza Real, o Príncipe Regente do Brasil, mandadas publicar pelo Excelentíssimo Governo Provisorio da Provincia de Minas Gerais" (Vila Rica, 1822); "Memoria sobre a viagem do Porto de Santos à Cidade de Cuiabá" por Luiz D'Alincourt (Rio de Janeiro, 1830) e diversos exemplares do folheto "Fragmento Histórico da Aclamação da Independencia", pelo dr. Paulo Antonio do Vale — oferta do socio dr. Américo Brasiliense, por intermedio do sr. dr. José Torres de Oliveira; "Glossaria Linguarum Brasiliensium", de Karl Friedr. Phil. von Martius (Erlangen, 1863); "Macarronea Latino-Portuguesa" (Lisboa, 1816); "Vida e feitos do dr. Semana" (Rio de Janeiro, 1870); "O Vale do Amazonas", de Torquato Tapajós; "Determinação das diferenças de latitude e de longitude entre o Imperial Observatorio Astronômico do Rio de Janeiro e a Barra do Pirai", por Manuel Pereira Reis; "Noticia geral das comarcas de Gurupá e Macapá", por Ferreira Pena; "Paraná-Exposição Provincial" (1875); "Excursões administrativas", pelo bacharel Arisides de Sousa Spínola (Baía, 1879); e "Relatorio dos Estudos Mineralógicos e Geológicos da Provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul", pelo engenheiro João Cordeiro da Graça, dádiva da exma. sra. d. Escolástica Cintra Homem de Melo; "Numismática Nacional Uruguiaia", de Francisco N. Oliveres, oferta do autor; primeiro número de "Rodriguesia", do Rio de Janeiro; e "Mojí das Cruzes", de Emilio A. Ferreira — remessa do prefeito sr. João Cardoso Pereira, além de um mapa oficial do Amazonas, oferta do socio sr. José Alarcón Fernandez. Na primeira

parte da reunião, o sr. presidente justifica o não comparecimento dos socios efetivos srs. drs. Plínio Airoso, Afonso José de Carvalho e João Batista de Campos Aguirra, e encaminha as propostas de novos socios, que se encontravam sobre a mesa, pondo em discussão e votação as que tinham parecer das respectivas comissões, de que resultou ser escolhido socio benemerito, por unanimidade de votos, o sr. Luiz Carneiro. O socio efetivo dr. José da Mata Cardim comunica que se desempenhou da comissão que lhe foi confiada pelo Instituto, de representá-lo nos festejos comemorativos do 7 de setembro, pedindo que fosse adiado o seu projeto sobre a educação dos indios. O orador foi atendido, tendo o sr. presidente perpetuo agradecido o desempenho dado à comissão, da qual tambem fizeram parte os consocios srs. capitão Amilcar Salgado dos Santos e dr. Domingos Laurito. Passando-se à segunda parte dos trabalhos, é dada a palavra ao socio assistente sr. José de Alarcón Fernandez, que discorreu sobre o tema: "Amazonas, Rio Mar — Expedições científicas que o visitaram". O orador, depois de entoar um hino a S. Paulo e de recordar a sua admissão no Instituto, trata da origem do rio Amazonas, citando diversos autores, entre os quais Henrique Santa Rosa. Descreve a viagem de Vicente Pinzon, em 1499, e o seu encontro com os caraiabas ou com os aruás, afirmando que a primeira descoberta desse rio, na sua foz, deve-se a Pinzon. Adianta que Orellana o percorreu dos Andes até à sua foz, quarenta anos depois, não esquecendo de mencionar o encontro do mesmo com as famosas amazonas, que o orador diz serem os indigenas da tribo dos naupes. Detem-se sobre a geologia, etnografia, flora e fauna amazônicas, mencionando as diversas expedições científicas que estiveram na região, para anunciar a vinda ao nosso país da expedição Iglesias, cujo programa apresenta. Concluindo a sua oração, o sr. José de Alarcón Fernandez fala da sua viagem ao Amazonas, sob o amparo oficial do governo brasileiro, e elogia a ação do general Rondon, assim como as providencias das nossas autoridades em beneficio dos indigenas. O orador foi muito aplaudido. Encerrando a reunião, às 23 horas, o sr. presidente perpetuo agradece aos presentes o seu comparecimento, convidando-os para a próxima sessão, que se efetuará no dia 5 de outubro próximo, às 21 horas, quando o socio efetivo dr. Francisco Isoldi desenvolverá o tema: "Horacio, último grande poeta do mundo antigo". E, para constar, foi lavrada a presente ata por mim, N. Duarte Silva, segundo secretario, conferida.

(aa.) José Torres de Oliveira.  
 Carlos da Silveira.  
 Amilcar Salgado dos Santos.

---

17a. SESSÃO REGIMENTAL, EM 5 DE OUTUBRO DE 1935  
 — *Presidencia do dr. José Torres de Oliveira* — 1.º Secretario: dr. Carlos da Silveira — 2.º Secretario: capitão Amilcar Salgado dos Santos.  
 — Com a presença dos socios srs. drs. José Torres de Oliveira, Carlos da Silveira, Francisco Isoldi, capitão Amilcar Salgado dos Santos, Plínio de Barros Monteiro, Afonso José de Carvalho, Lourenço Granato, José de Alarcón Fernandez, Antonio Paulino de Almeida, Herbert Baldus, João Batista de Campos Aguirra e Cândido de Sousa Campos, realizou o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, no dia 5 de ou-

tubro de 1955, às 21 horas, em sua sede, à rua Benjamin Constant n. 40, a décima-sétima sessão regimental do corrente ano. O ato foi presidido pelo sr. dr. José Torres de Oliveira, presidente perpetuo do Instituto, servindo de primeiro e segundo secretarios, respectivamente, os socios efetivos srs. drs. Carlos da Silveira e capitão Amílcar Salgado dos Santos. Lida e aprovada a ata da sessão anterior, foram acusadas as seguintes ofertas: "Dom João VI no Brasil", de Oliveira Lima, em dois volumes, oferta do socio sr. José Francisco de Queiroz Teles; três folhetos sobre a questão de limites entre S. Paulo e Minas Gerais; "Oração em homenagem ao professor dr. Luiz de Anhaia Melo", pelo dr. Leonardo Pinto, remessa desse socio; "Pleiteando a reparação de uma injustiça", de Thiers Fleming; "Resumo da Estatística geral do ensino no Brasil, em 1932", da Secretaria de Estado da Educação e Saude Pública; vol. XV da "Revista do Arquivo Municipal de S. Paulo"; "Revista Numismática", número 2.º do terceiro ano; primeiro número, de agosto de 1935, da Revista Filatélica Bandeirante"; n.º 9, de setembro de 1935, de "Berliner Monatshefte"; ns. 126-127 e 131-132 da "Revista Paulista de Contabilidade"; o número do "Diario do Poder Legislativo", de 22 de setembro de 1935, com o discurso do deputado Aureliano Leite sobre a lingua brasileira; e o "Regulamento do Gabinete de Investigações", de S. Paulo, remessa do socio dr. Ricardo Gumbleton Daunt. Na primeira parte dos trabalhos, o sr. presidente perpetuo justifica o não comparecimento dos socios srs. dr. Plínio Airoso, Nicolau Duarte Silva e Dacio Pires Correia, nomeando uma comissão, composta dos srs. drs. Carlos da Silveira, Antonio Paulino de Almeida e João Batista de Campos Aguirra, para visitar o sr. Dacio Pires Correia, que se encontra enfermo, e apresentar-lhe, em nome do Instituto, votos de pronto restabelecimento; comunica a visita do socio sr. Jorge Bertolaso Stella, que veio agradecer ao Instituto o interesse demonstrado pelo seu restabelecimento, e adia a discussão sobre a proposta do socio dr. José da Mata Cardim, sobre a educação dos indios. A segunda parte da sessão foi ocupada pelo socio efetivo dr. Francisco Isoldi, que discorreu brilhantemente sobre: "Horacio, último grande poeta do mundo antigo". O orador desenvolveu o seu trabalho tratando do assunto nos seguintes parágrafos: Duas correntes e a arte clássica; Corrente bíblica; Fusão das duas correntes; Vergilio, Dante, Shakspeare; Homero e Horacio; De Sila até Augusto; Conceito da arte; Arte nova; *O dolce stil novo*; Longa preparação; Catulo — prefacio do século de Augusto: O Dístico Latino; Um genio solitario; O canto da natureza; Proteção aos poetas; As sociedades literarias; *Ovidio il terzo...*; *Virgilio degli altri poeti onore e lume*; Sabedoria grega e juizo romano"; Horacio, cantor da lira romana; Carater da poesia horaciana; Horacio, poeta universal de Roma; Tambem a morte mostra-se amiga; Nietzsche e Carducci; e A grande voz. O orador foi muito aplaudido, tendo o sr. presidente encarecido o valor do trabalho e se interessado para que o mesmo tivesse a maior divulgação. A reunião foi suspensa às 22 horas e meia, tendo ficado marcada nova para o próximo dia 21, às 21 horas, E, para constar, foi lavrada a presente ata por mim, Nicolau Duarte Silva, segundo secretario, conferida.

(aa.) José Torres de Oliveira.  
Plínio Airoso.  
Carlos da Silveira.



18a. SESSÃO REGIMENTAL, EM 25 DE OUTUBRO DE 1935 — *Presidência: dr. José Torres de Oliveira* — 1.º Secretario: dr. Plínio Airoso — 2.º Secretario: dr. Carlos da Silveira. — Com a presença dos socios srs. drs. José Torres de Oliveira, Plínio Airoso, Carlos da Silveira, João de Toledo, Domingos Laurito, Américo Brasiliense, José da Mata Cardim, Leoncio Amaral Gurgel, capitão Amílcar Salgado dos Santos, Plínio de Barros Monteiro, João Batista de Campos Aguirra, Teodoro Braga e Dacio Pires Correia, além de numerosa assistência, realizou o Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo, no dia 25 de outubro de 1935, às 21 horas, em sua sede social, à rua Benjamin Constant, n.º 40, a sessão de encerramento dos trabalhos sociais do corrente ano. O ato foi presidido pelo sr. dr. José Torres de Oliveira, presidente perpetuo do Instituto, que se achava ladeado do primeiro secretario dr. Plínio Airoso, e do socio efetivo dr. Carlos da Silveira, que substitua o segundo secretario sr. Nicolau Duarte Silva, ausente por motivo de força maior. Abrindo os trabalhos, o sr. presidente nomeou uma comissão composta dos socios srs. capitão Amílcar Salgado dos Santos e drs. José da Mata Cardim e Domingos Laurito, para introduzir no salão o socio efetivo sr. dr. Enzo Silveira, que tomou posse da sua cadeira, sendo saudado pelo sr. dr. José Torres de Oliveira. O recipiendario respondeu em longo discurso, em que agradeceu a escolha do seu nome para membro do Instituto, prometendo tudo fazer para corresponder à expectativa dos distintos confrades. Lida e aprovada a ata da sessão anterior, foram acusadas as seguintes ofertas: "De la conquista a nuestros dias — Historia del tabaco", de M. J. Gornes Mac-Pherson; "Archivo del General Miranda", vols. 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12 e 13 — remessa da Academia Nacional de la Historia, de Caracas, Venezuela; "Contribuição para a geologia do Estado de Goiás"; de Guilherme Bastos Milward; "A ação da imprensa na primeira Constituinte", de Barbosa Lima Sobrinho; "Etnografia Americana — O exercicio da medicina entre os indígenas da América", de Edgard Roquette Pinto, dádiva do socio dr. Plínio de Barros Monteiro; "Pelos Heróis de Laguna e Dourados", do capitão Amílcar Salgado dos Santos, remessa desse socio; "Album de Araraquara", de 1915, oferta do socio sr. João Batista de Campos Aguirra; "El arqueólogo argentino architecto Hector Grelebin y su obra", de Mario A. Fontana Company; 3.º trimestre do XV ano da "Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul"; n.º 24 de setembro de 1935 da "Revista Geográfica Americana", de Buenos Aires, oferta do sr. Antonio Oliveira Junior; "Catálogo da Biblioteca da Diretoria de Publicidade Agrícola da Secretaria da Agricultura, Industria e Comercio do Estado de S. Paulo"; "Album de Serra Negra", de João Neto Caldeira; "Lingua Brasileira? Não, lingua Portuguesa", do deputado Aureliano Leite; e n.º 10, de julho de 1935, do "Mundial", de João Pessoa, Paraíba. O socio efetivo dr. Carlos da Silveira comunica haver desempenhado, juntamente com os confrades dr. Antonio Paulino de Almeida e sr. João Batista de Campos Aguirra, a incumbencia, que lhe foi attribuida pelo Instituto, de visitar o socio sr. Dacio Pires Correia, que se encontrava enfermo. O sr. presidente comunica que o Instituto recebeu, no dia 8 de outubro, a visita da socia honoraria sra. dra. Maria Renotte, que atualmente conta 84 anos de idade e está surda e quasi cega, a qual fora lembrar ao Instituto que na Vila Regente Reijó, nesta Capital, em uma cocheira, existe um carro de luxo,

com uma taboleta ao lado, indicando que o mesmo servira para transporte de Feijó e do Imperador d. Pedro II, e pedia que o Instituto se interessasse para que esse precioso objeto histórico fosse convenientemente resguardado. A dra. Maria Renotte acrescentou que esta informação lhe foi dada por uma enfermeira do Asilo Regente Feijó. A mesma consocia recordou que, agora que se pretende erigir uma estatua a d. Ana Neri, justamente cognominada "Mãe dos Brasileiros", reivindicava para o Instituto a prioridade da idéia, pois essa homenagem fora sugerida por ela, em uma conferencia ali proferida em 1923, conforme recorte da revista "Progredior", que oferecia ao arquivo do Instituto. Segue-se com a palavra o socio efetivo sr. dr. José da Mata Cardim, que propõe dois nomes para socios do Instituto, desiste das sugestões em tempo feitas sobre a proposta de educação dos nossos indios e propõe um voto de louvor à secção indigenista do VII Congresso Científico Americano, que se reuniu no México, pela idéia da criação da Sociedade Internacional de Amigos do Indio. A sugestão referente à admissão de socios ficou para ser examinada pela comissão competente, sendo aprovada a parte relativa à retirada das sugestões, assim como o voto de louvor à secção indigenista do VII Congresso Científico Americano. Em seguida o sr. dr. José Torres de Oliveira pôs em discussão a proposta do sr. dr. Mata Cardim sobre a educação dos indios, há tempos apresentada, que foi aprovada, sujeita entretanto a nova redação, que ficaria ao cuidado do sr. presidente. O socio efetivo capitão Amílcar Salgado dos Santos sugere que o Instituto interverha junto à Prefeitura de S. Paulo, a fim de que sejam dados a duas ruas desta Capital os nomes de dois heróis da revolução de 1932: Coronel Teopompo de Vasconcelos e Major Costa Leite. A proposta foi aprovada, tendo o sr. presidente declarado que a mesma era muito simpática, tanto mais que se cogitava de fazer uma revisão geral dos nomes das ruas de S. Paulo, estando nessa função alguns socios do Instituto. A segunda parte da reunião foi ocupada pelo socio sr. dr. Afonso de Escragnolle Taunay, que produziu interessante palestra, projetando numerosas fotografias de pessoas, lugares e documentos sobre a vida do padre Bartolomeu Lourenço de Gusmão, "O Voador". O orador foi muito aplaudido. A sessão foi suspensa às 23 horas e meia, tendo o sr. presidente declarado que a próxima reunião, de 1.º de novembro, era destinada ao elogio dos socios falecidos durante o ano social. E, para constar, foi lavrada a presente ata por mim, Nicolau Duarte Silva, segundo secretario, conferida.

(aa.) José Torres de Oliveira.  
Plínio Airosa.  
N. Duarte Silva.

---

SESSÃO MAGNA, EM 1.º DE NOVEMBRO DE 1935 — *Presidência: dr. José Torres de Oliveira* — 1.º Secretario: sr. Nicolau Duarte Silva — 2.º Secretario: dr. Carlos da Silveira. — Com a presença dos socios srs. drs. José Torres de Oliveira, Carlos da Silveira, Djalma Forjaz, capitão Amílcar Salgado dos Santos, Afonso José de Carvalho, Domingos Laurito, José da Mata Cardim, Plínio de Barros Monteiro, José de Paula Leite de Barros, Leonardo Pinto, Cassio Egidio de Queiroz Aranha, Nicolau Duarte Silva, Teodoro Braga, João Batista de Cam-

pos Aguirra, José Soares de Melo e Dacio Pires Correia, além de numerosa assistência, realizou o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, no dia 1.º de novembro de 1935, às 21 horas, em sua sede social, à rua Benjamin Constant n.º 40, a sessão magna correspondente ao ano social de 1935. O ato foi presidido pelo sr. dr. José Torres de Oliveira, presidente perpetuo do Instituto, servindo de primeiro o segundo secretario sr. Nicolau Duarte Silva, e de segundo o socio efetivo dr. Carlos da Silveira. Depois de explicar os objetivos daquela reunião, que era dedicada aos socios falecidos durante o ano social que se encerrava, o sr. presidente perpetuo do Instituto deu a palavra ao orador oficial, sr. dr. José Soares de Melo, que, em palavras carinhosas, discorreu sobre as figuras do conde Mauricio de Perigny, do dr. Carlos Vilalva e do governador Pedro de Toledo, respectivamente socios correspondente, efetivo e honorario. Ao fazer o elogio fúnebre desses socios do Instituto, o sr. José Soares de Melo ligou o nome do conde Mauricio de Perigny ao desenvolvimento das relações culturais entre a França e o Brasil, acentuando os esforços do extinto nesse sentido, já em publicações puramente literarias, já em trabalhos de cunho científico. A propósito da personalidade de Carlos Vilalva, o orador salientou a simplicidade, o amor à justiça e a vida honesta e modesta revelada pelo morto, assim como o seu grande amor a São Paulo, sobretudo posto à prova na defesa da magistratura paulista contra perseguições politicas. E, com respeito à veneranda figura de Pedro de Toledo, cujo nome era um símbolo para São Paulo, o orador lembrou diversos aspectos da existencia do illustre varão, principalmente durante a Revolução Constitucionalista. Ao terminar a sua oração, o sr. dr. José Soares de Melo foi muito aplaudido. Voltando a usar da palavra o sr. presidente perpetuo agradeceu aos presentes o seu comparecimento e comunicou que o Instituto entrava no seu periodo de ferias, devendo ser reiniciados os trabalhos ordinarios no dia 25 de janeiro do próximo ano, às 21 horas. E, para constar, foi lavrada a presente ata por mim, Nicolau Duarte Silva, segundo secretario, conferida.

(aa.) José Torres de Oliveira.  
Plínio Airoso.  
N. Duarte Silva.

---

1a. SESSÃO REGIMENTAL, EM 25 DE JANEIRO DE 1936 —  
*Presidencia do dr. José Torres de Oliveira* — 1.º Secretario: sr. Nicolau Duarte Silva — 2. Secretario: dr. Carlos da Silveira. — Com a presença dos socios srs. drs. José Torres de Oliveira, Nicolau Duarte Silva, Domingos Laurito, Francisco Isoldi, Carlos da Silveira, capitão Amílcar Salgado dos Santos, Geraldo Rúffolo e Dacio Pires Correia, realizou o Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo, no dia 25 de janeiro de 1936, às 21 horas, em sua sede social, à rua Benjamin Constant, n.º 40, a primeira sessão regimental, de reabertura dos trabalhos sociais. O ato foi presidido pelo sr. dr. José Torres de Oliveira, presidente perpetuo do Instituto, servindo de primeiro o segundo secretario sr. Nicolau Duarte Silva, e de segundo o socio efetivo dr. Carlos da Silveira. Depois de justificar o não comparecimento do primeiro secretario dr. Plínio Airoso e do socio efetivo major Firmino de Godói, por motivo de força maior, o sr. presidente falou sobre a data da fundação

de S. Paulo, congratulou-se com os consocios por motivo da reabertura dos trabalhos sociais, desejando-lhes um ano cheio de felicidade, e augurou ao Instituto uma nova etapa pródiga de trabalhos de valor. Ainda com a palavra, o sr. dr. José Torres de Oliveira propôs que fosse lançado em ata um voto de profundo pesar, por motivo do falecimento do socio correspondente sr. Felix Pacheco, a quem o país devia grandes serviços na diplomacia, como ministro das Relações Exteriores do Brasil, nas letras como membro da Academia Brasileira de Letras e socio de outras instituições culturais, e na imprensa, como diretor do "Jornal do Comercio", do Rio de Janeiro. A sugestão foi aprovada, por unanimidade de votos. Comunicou que o socio efetivo dr. Edmundo Krug havia sofrido um acidente, encontrando-se de cama, onde o foi encontrar o socio efetivo dr. Carlos da Silveira, que o visitou em nome do Instituto, apresentando-lhe votos de pronto restabelecimento. Afim de não retardar os trabalhos da noite, ficou resolvido adiar para a próxima reunião a leitura das duas últimas atas, o expediente, ofertas e o relatório referente ao ano social findo. A segunda parte da ordem-do-dia foi ocupada pelo socio efetivo sr. Nicolau Duarte Silva, que discorreu sobre a magna efeméride paulista. O orador lembrou que, "ao reabrir os seus trabalhos, a 25 de janeiro de cada ano, desde o de 1895, reenceta o Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo, neste dia sobremodo glorioso, mais uma etapa da sua continua e patriótica obra de amor a S. Paulo". Acentuou que "não foi por mera coincidência que os fundadores desta instituição, a que tão bem calha o nome de "Casa de S. Paulo", escolheram o dia 25 de janeiro, e não outro qualquer, para o reinicio da sua vida social, após cerca de três meses de ferias". E afirmou que o escolheram, "com grande felicidade, como o mais apropriado para o fim que se tinha em vista: estudar o passado de nossa terra, defendê-lo de reparos e críticas menos justas, desfazer odios de inimigos gratuitos e não perder oportunidade para que todo o nosso esforço fosse motivo, num continuo crescer, de amor e dedicação a S. Paulo". A seguir, o sr. Nicolau Duarte Silva mencionou os nomes dos treze religiosos, assim como os dos chefes indigenas Tibiriçá e Caiubi, fundadores de S. Paulo, detendo-se em pormenores sobre a escolha do local, assim como sobre a importancia do mesmo. Ao concluir a sua oração, o referido socio foi muito aplaudido. Nada mais havendo a tratar, foram encerrados os trabalhos às 22 horas e meia, sendo marcada nova reunião para o próximo dia 5 de fevereiro às 21 horas. E, para constar, foi lavrada a presente ata por mim, Nicolau Duarte Silva, segundo secretario, conferida.

(aa.) José Torres de Oliveira.  
Plínio Airoso.  
N. Duarte Silva.

---

2a. SESSÃO REGIMENTAL, EM 5 DE MARÇO DE 1936 —  
*Presidencia do dr. José Torres de Oliveira* — 1.º Secretario: dr. Plínio Airoso — 2.º Secretario: sr. Nicolau Duarte Silva. — Com a presença dos socios srs. drs. José Torres de Oliveira, Nicolau Duarte Silva, coronel Pedro Dias de Campos, Leoncio do Amaral Gurgel, Álvaro de Sales Oliveira, Afonso José de Carvalho, Carlos da Silveira, Plínio de Barros Monteiro, capitão Amílcar Salgado dos Santos, Edmundo

Krug, Enzo Silveira, João Batista de Campos Aguirra, Dacio Pires Correia, Frederico de Barros Brotero, Teodoro Braga, Plinio Airoso, Domingos Laurito e Vicente de Paula Vicente de Azevedo, realizou o Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo, no dia 5 de março de 1936, às 21 horas, em sua sede social, à rua Benjamin Constant n.º 40, a segunda sessão regimental do corrente ano. O ato foi presidido pelo sr. dr. José Torres de Oliveira, presidente perpetuo do Instituto, que se achava ladeado dos primeiro e segundo secretarios, respectivamente, srs. dr. Plinio Airoso e Nicolau Duarte Silva. Aprovadas as atas das reuniões de 25 de outubro e 1.º de novembro de 1935 e de 25 de janeiro de 1936, passou-se ao expediente, que constou de um telegrama do socio dr. Bernardino de Sousa, enviando um grande abraço ao Instituto, por motivo da efemeride de 25 de janeiro; de uma carta do socio dr. Teodoro Braga, convidando os socios do Instituto para visitar a exposição dos seus trabalhos de pintura e de arte decorativa, inaugurada nesta Capital, no Palacete das Arcadas, no dia 3 do corrente mês; de um officio do secretario geral da comissão promotora da comemoração do tricentenario de S. Sebastião, solicitando o concurso do Instituto para os festejos que se devem realizar a 16 de março corrente; de um cartão do Instituto Histórico de Ouro Preto, convidando o Instituto para assistir às solenidades comemorativas do anniversario do nascimento do Visconde de Ouro Preto, dr. Afonso Celso de Assiz Figueiredo; e de uma carta-circular do Centro Agrícola "Luiz de Queiroz", de Piracicaba, comunicando a constituição da sua diretoria para o periodo de 1935-1936. Foram anunciadas numerosas ofertas de livros, revistas, etc., cuja relação será oportunamente apresentada aos interessados. Entre elas figuram dois bilhetes da loteria da Santa Casa de Misericórdia da Imperial Cidade de São Paulo, referentes aos anos de 1824 e 1826 — oferta do socio sr. João Batista de Campos Aguirra; medalha de bronze, comemorativa do primeiro centenario da cidade de Campos, remessa do sr. dr. Francisco da Costa Nunes, prefeito municipal daquela cidade, e medalha de bronze, comemorativa do centenario farroupilha, mandada cunhar pelo Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul — oferta do mesmo. Seguiu-se a leitura do relatório referente à vida do Instituto no ano de 1935, que ficará à disposição dos interessados, assim como a apresentação do balanço da receita e despesa no mesmo periodo, que acusa um saldo de Rs: 4:373\$800 (quatro contos trezentos e setenta e três mil e oitocentos réis) para 1936. Este documento será encaminhado à respectiva comissão técnica, para emitir parecer a respeito. E' apresentado aos presentes um índice alfabético da *Revista* do Instituto, trabalho do socio efetivo sr. Dacio Pires Correia, sobre o qual o sr. presidente bordou comentarios elogiosos, mostrando a utilidade do mesmo nas consultas aos 30 volumes das publicações do Instituto. Afim de representar o Instituto nos festejos de S. Sebastião, é nomeada uma comissão composta dos socios srs. drs. Antonio Paulino de Almeida, Edmundo Krug e Manuel Hipólito do Rego. O sr. presidente justifica o não comparecimento, por motivo de força maior, dos socios srs. drs. Afonso de E. Taunay, Antonio Ferreira Cesarino Junior, José Francisco de Queiroz Teles e major Firmino de Godói, e manda que ao dr. Cesarino Junior sejam enviados pêsames, por motivo do falecimento do seu pai. Encaminhadas as propostas de novos socios, que se encontravam sobre a mesa, são postas em discussão as que tinham parecer das respectivas comissões, do que resultou serem eleitos socios do

Instituto, por unanimidade de votos, na classe dos efetivos, o sr. dr. Paulo Duarte; na dos correspondentes, os srs. drs. Buenaventura Caviglia e Juan E. Pivel Devoto. Também foi incluído entre os socios efetivos, por unanimidade de votos, o sr. professor João Augusto de Toledo, que até aqui era socio assistente do Instituto. A seguir foi dada a palavra ao socio efetivo sr. dr. Afonso de Carvalho, que justificou, longa e brilhantemente, uma proposta no sentido de se confiar ao governador da cidade de S. Paulo, congratulando-se com s. exa. pelas idéias emitidas na entrevista divulgada pelo *O Estado de S. Paulo* e referentes à mudança da atual denominação de Praça João Pessoa para a de Pateo do Colegio, pedindo ao mesmo tempo a s. exa. que converta logo em realidade essa "justa aspiração do povo paulistano". A proposta do sr. dr. Afonso de Carvalho foi aprovada por unanimidade de votos. Depois de uma exposição do sr. presidente, a que se seguiu uma discussão em que tomaram parte diversos socios, ficou resolvido, por unanimidade de votos, que as mensalidades do corrente ano fossem elevadas para a importancia de Rs. 10\$000 (dez mil réis), aprovando-se também uma emenda do socio efetivo dr. Frederico de Barros Brotero, no sentido de ser concedido um desconto de Rs. 20\$000 (vinte mil réis) aos socios que pagarem de uma só vez, adiantadamente, uma anuidade. Assim, os que quiserem pagar antecipadamente o total de uma anuidade terão o encargo de Rs. 100\$000 (cem mil réis), e os que quiserem pagar mensalmente dispendirão . . . Rs. 10\$000 (dez mil réis). Tratou-se a seguir do principal assunto da noite, conforme a convocação feita pela imprensa, e que se referia ao projeto de conceder ao presidente do Instituto autorização especial para praticar todos os atos que se fizessem precisos para dotar a associação de um novo predio social. Travaram-se animados debates, em que tomaram parte quasi todos os socios, tendo sido afinal aprovada, pela unanimidade de votos menos um, a seguinte proposta: "Fica o presidente do Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo autorizado a praticar todos os atos que se fizerem precisos para dotar a associação de um novo predio, visto o projetado alargamento da rua Benjamin Constant, com a desapropriação da faixa da frente do atual edificio social, tornar este imprestavel para o seu destino. Para o fim colimado fica o mesmo presidente investido, alem dos poderes de administração inerentes ao cargo, dos poderes especiais, necessarios, não só para fazer qualquer acordo e transação com os poderes municipal e estadual e com terceiros, como para alienar, por qualquer forma, no todo ou em parte, o atual edificio social, e adquirir ou construir o novo." Apenas votou contra a proposta o socio efetivo sr. dr. Vicente de Paula Vicente de Azevedo, aliás coerente com uma emenda que apresentou, no sentido de que o presidente do Instituto fosse investido tão só de plenos poderes para negociar a desapropriação da faixa da frente do atual edificio. Justificando o seu voto, o socio efetivo sr. Nicolau Duarte Silva acentuou que, na eventualidade do caso poder vir a parar em suas mãos, visto a autorização ser conferida ao presidente do Instituto em exercicio e não ao atual presidente sr. dr. José Torres de Oliveira, dava o seu voto com a restrição de que, no caso de que, como substituto legal do sr. presidente, tivesse de tratar do assunto, apenas assumiria o compromisso de trabalhar com outros dois membros efetivos do Instituto, possivelmente um juriconsulto e um engenheiro. Nada mais havendo a tratar, foram suspensos os trabalhos, às 24 horas, sendo marcada nova reunião para o próximo dia 20 de março,

às 21 horas. E, para constar, foi lavrada a presente ata por mim, Nicolau Duarte Silva, segundo secretario, subscripta. Proposta do sr. dr. Afonso José de Carvalho: "Tenho a honra de propor a meus consocios que se officie ao digno sr. prefeito da cidade, congratulando-se com s. exa. pelo seu propósito, externado em entrevista concedida ao *O Estado de S. Paulo*, de restituir à actual Praça João Pessoa a sua antiga denominação de Pateo do Colegio, e pedindo a s. exa. que atenda logo a essa justa aspiração do povo paulistano. A denominação actual resultou da revolução de 1930, quando exaltações do momento procuravam demolir tudo aquilo que ficara da situação decaída. A mudança do nome da mais importante e tradicional de nossas praças poderia compreender-se, mas nunca justificar-se, pois a designação antiga não se originava de revoluções politicas anteriores: trazia a sua razão de existencia desde a fundação da cidade. Existem, quanto a ruas e praças, em todo o orbe, denominações simples, quasi inexpressiveis, por lembrarem apenas datas e nomes sem ligação alguma com o objeto a que se applicam, e denominações necessarias, impostas pela tradição evocadora de pessoas, fatos e coisas que lhes deram origem. Neste caso estão, para não sairmos de S. Paulo, as denominações de Praça da Sé, Praça João Mendes, largo de S. Bento e S. Francisco, ruas José Bonifacio e Líbero Badaró, representativas de nomes de igrejas existentes e de personalidades illustres que outrora residiram no local. Mudar essas denominações importaria em sufocar a voz da tradição. E claro é que nas condições de denominação necessaria se encontrava a antiga designação de Pateo do Colegio, originada do primeiro abrigo civilizado que se erigiu no planalto de Piratininga. O solo do Pateo do Colegio foi, como todos sabem, cavado em 1554, para nele se construir a primeira choupana dos padres jesuítas que catequizaram os guaianás do cacique Tibiriçá, antepassado da familia paulista. Aí se fundou o primeiro colegio; aí viveram os primeiros mestres dos aborígenes; aí lecionou Anchieta, o taumaturgo da América; aí ressoou a primeira campana que chamava à oração e à disciplina os soletradores da Artinha do Apóstolo admiravel. E bem se pode dizer que o referido largo é o proprio coração da cidade, o mais sagrado da História de S. Paulo, o local para onde convergiram sempre todo o carinho e todo o amor dos paulistas investigadores do passado. Si as coisas falassem e se revolvesse um dia a area do local privilegiado, cada torrão posto a descoberto pediria cuidado aos operarios, alegando a honra que lhe coube de pertencer ao solo augusto em cuja superficie passariam as alpercatas de um santo, que foi o guia dos incolas e que abençoou S. Paulo, preparando, com seu exemplo de energia, o advento do trabalho fecundo de que resultou a metrópole maravilhosa do presente. Assim, quando todas as denominações antigas ruissem por quaisquer motivos, um nome deveria sempre respeitar-se: o que lembra a escola catequista onde os nossos guaianás aprenderam o "a b c"; entretanto é a essa jóia da cidade, a esse largo tradicional, a esse coração sempre palpitante das recordações de nossa historia regional, que se arrancou a denominação antiga para substituí-la pelo nome de João Pessoa. Com que curiosidade perguntará o forasteiro, ao ouvir falar na gloria dos fundadores da cidade, qual o papel representado por João Pessoa na gênese de S. Paulo. E seria forçoso responder-lhe que João Pessoa não era paulista e que mal conhecera São Paulo, nada havendo feito privativamente por S. Paulo. Fora sem dúvida um político eminente da Paraíba do Norte, um administrador enérgico e sa-

gaz no governo de sua terra natal até ao dia de 1930, em que tombou vitimado pelo odio de seus inimigos, deixando em luto o povo paraibano, que tanto o amava e venerava. Mas esse illustre varão era estranho a S. Paulo, ao passo que a denominação substituída era todo São Paulo a glorificar os seus fundadores. Dai a razão desta proposta. O Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo, guarda das tradições veneráveis de sua terra, não pode deixar de regozijar-se pelas boas disposições do sr. prefeito e de pedir-lhe que apresse a realização de sua idéia, que se ajusta à mais santa das reivindicações paulistanas."

(aa.) José Torres de Oliveira.  
N. Duarte Silva.  
Carlos da Silveira.

3a. SESSÃO REGIMENTAL, EM 20 DE MARÇO DE 1936 —  
*Presidência do dr. José Torres de Oliveira* — 1.º Secretario: sr. Nicolau Duarte Silva — 2.º Secretario: dr. Carlos da Silveira. — Com a presença dos socios srs. drs. José Torres de Oliveira, Edmundo Krug, João de Toledo, Carlos da Silveira, Nicolau Duarte Silva, capitão Amílcar Salgado dos Santos, Plínio de Barros Monteiro, Afonso José de Carvalho, Leoncio do Amaral Gurgel, Herbert Baldus, Marcelo Piza, Antonio Paulino de Almeida e Dacio Pires Correia, realizou o Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo, no dia 20 de março de 1936, às 21 horas, em sua sede social, à rua Benjamin Constant n.º 40, a terceira sessão regimental do corrente ano. O ato foi presidido pelo sr. dr. José Torres de Oliveira, presidente perpetuo do Instituto, servindo de primeiro o segundo secretario sr. Nicolau Duarte Silva, e de segundo o socio efetivo sr. dr. Carlos da Silveira. Uma comissão composta dos srs. drs. Marcelo Piza, João de Toledo e Edmundo Krug introduziu no recinto o novo socio efetivo sr. dr. Paulo Duarte, que tomou posse da sua cadeira, sendo saudado pelo sr. presidente, que, depois de referir-se à simplicidade com que o Instituto se habituara a receber os seus membros, enalteceu os dotes de intelligencia, dedicação e patriotismo do sr. dr. Paulo Duarte, de quem o Instituto muito esperava para efetivar o seu programa. O recipiendario respondeu, agradecendo a lembrança que o Instituto teve de chamá-lo para o seu seio e prometeu trabalhar pela obra que o mesmo se havia traçado. Disse o sr. dr. Paulo Duarte que o momento não comportava palavras, sinão ações, e que, portanto, esperava corresponder às esperanças dos seus novos companheiros por meio de ações. O orador foi muito aplaudido. Lida e aprovada a ata da sessão anterior, passou-se ao expediente, que constou de um telegrama do sr. Edmur de Sousa Queiroz, que, em nome da diretoria e socios do Clube Piratininga, aplaude a proposta do Instituto no sentido de restituir ao Largo do Palacio o nome tradicional de Pateo do Colegio; e de um officio do Clube Português, convidando o Instituto para o sarau literario-musical, que se efetuou em 12 do corrente mês. Foram acusadas numerosas ofertas de livros e revistas, cuja relação se encontra ao pé desta ata. Na primeira parte da ordem-do-dia, o sr. presidente comunica o falecimento do pai do socio efetivo sr. dr. Domingos Laurito, mandando que o Instituto envie ao mesmo um officio de pêsames; encaminha as propostas de novos socios, que se encontravam sobre a mesa; e anuncia que



no próximo dia 24 se inaugurará em S. Paulo, sob os auspícios da Sociedade Numismática Brasileira, o Primeiro Congresso de Numismática Brasileira, para o qual, chama a atenção dos confrades, prontificando-se a fornecer convites para os que se interessarem pelo ato. Seguiu-se a discussão do parecer e balancete referentes ao exercício de 1935, que foram aprovados por unanimidade de votos. Nada mais havendo a tratar, foram suspensos os trabalhos, às 22 horas e meia, sendo marcada nova reunião para o próximo dia 6 de abril, às 21 horas. E, para constar, foi lavrada a presente ata por mim, N. Duarte Silva, segundo secretário, conferida. Relação das ofertas: "El hallazgo en el Uruguay de maclas múltiples de aragonito, silificadas, afines al tipo Molina — Bastennes", K. Walther; "La Estructura Geológica de los Alredores de Montevideo" — Kal Walther; "La Composición Química", Juan Schroeder; "Boletín del Cuerpo de Ingenieros de Minas del Perú" — Germán D. Zevallos, 110 e 111; "Venezuela Gráfica", 1929, primer tomo — Caracas, M. J. Gornes Mac-Pherson; "Mi Deslumbramiento en el Amazonas", Gaston Figueira; "Padre José Manuel da Conceição", Vicente Temudo Lessa; "Porque é que sou Integralista", A. Pompeu; "Os Africanos no Brasil", Nina Rodrigues; "Album de Tatuí e Itapira", João Neto Caldeira; "Luro", Vicente Temudo Lessa; "O Regime das Sociedades Anônimas no Brasil", A. F. Cesarino Junior; "Elogio do Médico", Santos Silva; "Aspectos da Política Económica Nacional", Roberto Simonsen; "A influencia africana no português do Brasil", Renato Mendonça; "Medalhas e Condecorações Brasileiras", por Lauro Lago; "Revista do Arquivo de S. Paulo", vols. 18 e 19; "Boletim do Museu Nacional, Roquete Pinto, vol. IX n.º 3-4; "Revista do Museu Paulista", tomo XIX; "Boletim da Sociedade Filatélica Paulista", n.º 22; "Boletim da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro"; "Relatorio da Irmandade da Santa Casa de Misericordia de S. Paulo"; "Revista Numismática", n.º 3-4; "Arquivo do Instituto de Biologia Vegetal", vol. I, n.º 3, vol. II, n.º 1; "Arquivos do Museu Nacional", vol. XXXV, 1933; "Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia", n.º 61, 1935; "Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul", 1935; "Revista da Faculdade de Direito de S. Paulo", vol. XXXI, fasc. III.

(aa.) José Torres de Oliveira.  
 Plínio Airosa.  
 N. Duarte Silva.

4a. SESSÃO REGIMENTAL, EM 6 DE ABRIL DE 1936 —  
*Presidencia do dr. José Torres de Oliveira* — 1.º Secretário: dr. Plínio Airosa — 2.º Secretário: sr. Nicolau Duarte Silva. — Com a presença dos socios srs. drs. José Torres de Oliveira, Carlos da Silveira, João de Toledo, José da Mata Cardim, Domingos Laurito, Plínio de Barros Monteiro, João Batista de Campos Aguirra, Edmundo Krug, Nicolau Duarte Silva, Plínio Airosa, Paulo Duarte, Afonso José de Carvalho, capitão Amílcar Salgado dos Santos e Herbert Baldus, realizou o Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo, no dia 6 de abril de 1936, às 21 horas, em sua sede social, à rua Benjamin Constant n.º 40, a quarta sessão regimental do corrente ano. O ato foi presidido pelo sr. dr. José Torres

de Oliveira, presidente perpetuo do Instituto, que se achava ladeado dos primeiro e segundo secretarios, respectivamente, srs. dr. Plínio Airoso e Nicolau Duarte Silva. Lida e aprovada a ata da sessão anterior, passou-se ao expediente, que constou do seguinte: cartas dos socios srs. drs. Domingos Laurito e Antonio Ferreira Cesarino Junior, agradecendo as condolencias do Instituto, por motivo do falecimento dos seus pais; carta do diretor do Arquivo, Biblioteca e Mapoteca do Ministerio das Relações Exteriores do Brasil, capeando informações sobre a Sociedad Colombista Pan-Americana, de Havana; circulares da Diretoria Geral de Informações, Estatística e Divulgação, do Rio de Janeiro, sobre Congresso Internacional de Numismática, a realizar-se em Londres, e sobre o XIV congresso Internacional de Historia da Arte, na Suíça; officio da Associação dos Officiaes Reformados da Força Pública do Estado de S. Paulo, convidando o Instituto para a sessão cívica que se efetuou no dia 1.º de abril, comemorativa do 30.º anniversario da investidura da Missão Militar Francesa, instrutora da Força Pública, no exercicio do seu encargo; e carta do Ginasio do Estado em Jaboticabal, pedindo publicações. Foram acusadas, entre outras ofertas, cuja relação se encontra ao pé desta, mais as seguintes: autógrafo do cônego João Batista Correia Neri, depois bispo do Espírito Santo, Pouso Alegre e Campinas, do sermão proferido em 1888, no *Te Deum* pela Abolição da escravidão no Brasil — oferta do socio padre João Batista de Carvalho, que foi o último secretario particular de s. exa. revma.; medalha de bronze do barão do Rio Branco, Rio de Janeiro, 1910 — oferta do sr. Francisco Marques dos Santos; Mapa, em duas partes, do Estado de Santa Catarina, de 1930 — remessa do Centro do Professorado Paulista; “Derrota de Mauricio de Nassau no cerco da Baía — relação diaria, inédita” — pelo padre Serafim Leite, remessa desse socio; “Os Portos, Traços de união entre a geomorfologia e a antropogeografia” — de Luiz Schwalbach, e “Falsa tendencia para subalternizar a zoogeografia nos estudos geográficos”, do mesmo autor — remessa do mesmo; “Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul” — contribuição do Ministerio das Relações Exteriores ao Primeiro Congresso de Numismática Brasileira; “Anuario da Diocese de Sorocaba”, de 1925 a 1934, em cinco volumes — dádiva do socio sr. João Batista de Campos Aguirra; os três primeiros números da revista “S. Paulo”; “Berliner Monatshefte”, de março de 1936; “Relatorio” de 1934 da Irmandade da Santa Casa de Misericordia de S. Paulo; fascículos 2.º e 3.º, de 1936, dos “Anais da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo”; e fasc. IV, de 1935, da “Revista da Faculdade de Direito da Universidade de S. Paulo”. O socio efetivo sr. Nicolau Duarte Silva, diretor da secção de Arquivo e Museu do Instituto, comunica que o referido autógrafo de d. João Batista Correia Neri lhe havia sido entregue recentemente pelo sr. Dacio Aranha Arruda Campos, que fora o portador dessa dádiva ao Instituto. Na primeira parte da ordem-do-dia, o sr. presidente encaminha as propostas de novos socios, que se encontravam sobre a mesa, pondo em discussão e votação as que haviam merecido parecer das respectivas comissões técnicas, de que resultou serem eleitos socios do Instituto, por unanimidade de votos, na classe dos correspondentes, o sr. Celso Schroeder, do Rio Grande do Sul; e na dos assistentes os srs. Aristides Monteiro de Carvalho e Silva e Roberto Thut. Propõe um voto de regozijo ao sr. prefeito da Capital, por motivo do restabelecimento da denominação de Pa-

teo do Colegio ao antigo Largo do Palacio, sugerindo tambem que seja enviado ao mesmo um officio de agradecimentos pela acolhida dispensada ao pedido do Instituto nesse sentido — o que foi unanimemente aprovado; e inscreve os socios srs. drs. Afonso José de Carvalho e Plinio Airoso, para oportunamente lerem trabalhos de sua lavra. O primeiro deles deverá tratar do tema "Reminiscencias paulistanas — 1875 a 1885", devendo o segundo prosseguir nos seus estudos sobre "Palavras de origem tupi que entraram para o vocabulario nacional". Seguiu-se com a palavra o socio efetivo sr. dr. José da Mata Cardim, que, depois de comunicar que a projetada missão Iglesias ao Brasil fora dissolvida, propõe e justifica um voto de louvor às crianças que, com o seu protesto, contribuíram, segundo pensa, para esse desfecho em beneficio dos nossos museus. Travam-se animados debates, em que tomam parte muitos socios, especialmente aos srs. drs. Plinio Airoso e Paulo Duarte, ficando finalmente esclarecido que a iniciativa de chamar a atenção das nossas autoridades para a maneira como estava sendo preparada a missão Iglesias cabia ao Instituto, não tendo mais do que carater de repercussão o que depois surgiu aqui e em outros Estados do Brasil, Durante esses debates o sr. presidente deu conhecimento à casa de um officio datado de 29 de outubro do ano próximo findo, o qual lhe veio às mãos no periodo das ferias sociais, expedido pelo Ministerio da Agricultura, em resposta a anterior officio seu, versando ambos a materia em discussão. Foi então aprovado um substitutivo apresentado pelo socio efetivo dr. Paulo Duarte, no sentido de enviar um officio ao Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil, mostrando a satisfação do Instituto pelos esforços desse departamento em beneficio do nosso patrimonio científico, remetendo tambem copia do mesmo ao Ministerio das Relações Exteriores, em vista do interesse manifestado pelo assunto. Os trabalhos foram suspensos às 23 horas, sendo marcada nova reunião para o próximo dia 20, às 21 horas. E, para constar, foi lavrada a presente ata por mim, Nicolau Duarte Silva, segundo secretario, conferida. Officio a que se fez referencia acima: "Ministerio da Agricultura, Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil. Rio de Janeiro, 29 de outubro de 1935. N.º 245. Exmo. Sr. Doutor José Torres de Oliveira, Dd. Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo. Em resposta ao officio n.º 11 de 28 de junho de 1935, no qual Vossa Excelencia transmite o protesto fundamentado em sessão do Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo, pelo Doutor Plinio Airoso, contra as "expedições ditas científicas que ingressam no interior do nosso país, principalmente no vale do Amazonas, e arrecadam, levando para o estrangeiro, numerosos e valiosísimos espécimes da nossa flora, da nossa fauna e da nossa arte indígena, desfalcando, por essa forma, o nosso patrimonio etnográfico e científico", e mais, que o Doutor Plinio Airoso havia citado a expedição Iglesias, que, recentemente, em 12 de março do corrente ano, inaugurou, em Madrid, uma exposição constituída por 851 espécimes, levados para lá, e arranjados no vale do Amazonas, tenho a honra de informar a Vossa Excelencia o seguinte: O projeto da expedição Iglesias é anterior de mais de 2 anos à lei 22.698 de 11 de maio de 1933 que criou o Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil. Em abril de 1931 o Ministro do Brasil em Madrid foi procurado pelo Senhor Francisco Iglesias, que pedia o apoio do Governo brasileiro a uma expedição científica que projetava

organizar, para operar na Amazonia. Consultados os Ministerios da Marinha e da Guerra, nada opuseram ao plano, ficando de apontar, em tempo oportuno as zonas proibidas para navegação aerea. Em 25 de novembro de 1932, foi feita pelo Ministro das Relações Exteriores comunicação de que o Governo brasileiro consentia na realização dessa viagem. A 11 de maio de 1933, criava-se então o Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil. Como a Imprensa em março de 1934 transcrevesse telegramas referentes à viagem Iglesias e tecesse comentarios a respeito, providenciou o Presidente do Conselho de Fiscalização para que se officiasse ao Senhor Ministro das Relações Exteriores podendo comunicar ao Governo espanhol as novas condições para expedicionarios, resultantes do decreto 22.698 de 11 de maio de 1933. Por essa ocasião esteve no Brasil o Capitão Iglesias, de volta de Leticia, aonde foi como representante da Liga das Nações junto à Comissão encarregada de dirimir a questão existente entre o Perú e a Colombia. A 22 de abril, a bordo do "Aquidabã", que se encontrava no Amazonas, o General Horta Barbosa telegrafava ao Presidente do Conselho, solicitando instruções sobre as condições em que se encontrava o Capitão Iglesias perante a lei 22.698. Foi informado o General Horta Barbosa, pelo Presidente do Conselho de Fiscalização, de que esse official da Marinha espanhola não podia operar em territorio brasileiro, porquanto não havia solicitado permissão para tal. Em janeiro de 1935 o Capitão Iglesias fazia conferencias em Sevilha e expunha objetos etnográficos indígenas colecionados na Amazonia. Tudo leva a crer que o Capitão Iglesias não operou em territorio brasileiro, durante essa sua permanencia na América. Não só a atitude assumida pelas autoridades do pais fala nesse sentido, como tambem a propria distribuição geográfica dos grupos indígenas referidos pelos jornais e revistas que noticiam e divulgam dados referentes tanto às conferencias de Iglesias como à exposição etnográfica por ele organizada. Assim, os Ticuna e Kubena se estendem em zona de fronteira com muito maior expansão em territorio estrangeiro do que em brasileiro. Os seus costumes primitivos, vestes, festejos religiosos, se conservam mais fora do Brasil do que em nossas terras, onde os missionarios se vêm empenhando cada vez mais em fazê-los desaparecer (C. F. Koch Gruenberg-Zwei Jahre unter den Indianern Now. Brasilieno, Relatorio ainda inédito do Major Boanerge — Inspeção das fronteiras). (Guenther Tesunann — Menschen ohne Golt). Os Chama, de que a exposição apresenta numerosas peças, vivem em grupos separados ao longo do Ucaiali (Tesunann Guenther Die Indianern Nordest Perus). Em 27 de julho de 1934, o Ministerio das Relações Exteriores transmitiu ao Senhor Embaixador do Brasil na Espanha a comunicação recebida do Presidente da Expedição Iglesias, informando que, tão logo estivessem estabelecidos com a devida exatidão os itinerários e designado o pessoal, apressar-se-ia em solicitar a necessaria autorização do Ministerio da Agricultura, cumprindo as exigencias do decreto do Governo brasileiro de 11 de maio de 1933. O capitão Iglesias virá, certamente, ao Brasil realizar a projetada expedição, mas terá que cumprir a lei e só assim é que lhe será permitido realizar os fins colimados, na Amazonia. Outrossim, devo informar a Vossa Excelencia que varias têm sido as expedições cujos propósitos o Conselho vetou ou moderou, já, mau grado a sua existencia, de ontem, por assim dizer. Diversas foram as que, por trazerem finalidades suspeitas, mal esboçadas, o Conselho evitou penetrassem em territorio nacional. Algu-

mas têm sido impedidas e as que obtiveram permissão do Conselho muito contribuíram para enriquecimento das coleções científicas oficiais, obrigadas que são a deixar uma duplicata do que levam para o exterior ou a recolherem aos nossos Museus os objetos não existentes. Cumpre portanto, assinalar que o Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil vive empenhado em alargar, estender, em infiltrar por todo o Brasil a sua atuação decisiva na defesa das suas riquezas, do seu património científico, artístico e histórico. Aproveito o ensejo para apresentar a Vossa Excelencia os meus protestos da minha alta estima e mais distinta consideração. (a) *Odilon Braga*. Relação das ofertas: "A Guerra da Tríplice Aliança", 1.º 2.º e 3.º fascículos do 3.º Vol. e 4.º fascículo do 4.º vol., por L. Schneider; "Revista Nova", vols. ns. 1 a 8, por Paulo Prado e Antonio de Alcântara Machado; "Crónica de la Expedición Iglesias al Amazonas", fascículos de novembro e dezembro de 1932 e janeiro de 1933; Exposición Iglesias de Etnografía, fascículo de março de 1935; "Finanças dos Estados do Brasil", vols. 1.º, 2.º e 3.º, 1.a e 2.a partes, por Valentim F. Bouças; "Listas Officiais de Preços de Moedas Brasileiras", prata, níquel, liga cobre-bronze; "Boletim do Museu Histórico do Estado do Ceará", 2.º trimestre de 1935; "Centro Paulista — Comemoração do 382.º aniversario da fundação de S. Paulo"; "Sociologia general; la Interdependencia", por Agustin Venturino; "Artur de Oliveira — Dispersos" e Bibliografía "Artur de Oliveira", por Luiz Filipe Vieira Souto; "Itarana", por Jorge Hurley; "Homenagem a Martins Sarmento", por Guimarães, 1933; "Memorias de um revolucionario — A Revolução de 1930", por Aureliano Leite; "Goiaz das Wahre Herz Brasiliens", por Herman Kruse; "Heróinas Baianas", por Bernardino de Sousa; "A Profissão e o Comercio da Farmacia no Brasil", por Cândido Fontoura; "Socialização Nacional", por Celso Vieira; "Um grande vulto da Historia de S. Paulo", publicação de "O Estado de S. Paulo"; "O centenario do Municipio de Uberaba", por José Mendonça; "Adeus à Corte!", por A. J. C.; "As Caixas Económicas e o Problema das Habitações Proletarias"; "El Imperio del Brasil ante la Democracia de América", por Juan Bautista Alberdi; "Índice Alfabético e Remissivo da Constituição Estadual", por José Fernandes Moreno; "Escola Agrícola da Baía", 1934; "O Caderno da Lingua de Fr. Arnonches", vocabulario português-tupi, por Plínio Airoso; "Farrapos", por B. Caviglia (Hijo) 1835-1935; "La Difusion del Bovino"; "Pro-Patria", "Drake", por B. Caviglia (Hijo); "Sombras que Vivem" por João de Toledo; "O Rio Grande do Sul e a Cisplatina", por Rubio Brasileiro; "Algunos Poemas", por Paul Fort; "Mirim — Rapsodia Romântica", Federico Giraldi, por B. Caviglia (Hijo); "La Etimología del Nombre Montevideo", por Buenaventura Caviglia (Hijo); "Mitteilungen der Geographischer Gesellschaft in Hamburg", por Rudolf Luetgens; "A Campanha do Uruguai", por Celso Schroeder; "Anuario da Diocese de Sorocaba", 1925 a 1934; "Proyecto de Constitución Artiguista", 1813.

(aa.) José Torres de Oliveira.  
 Carlos da Silveira.  
 João Toledo.

5a. SESSÃO REGIMENTAL, EM 20 DE ABRIL DE 1936 —  
*Presidência do dr. José Torres de Oliveira* — 1.º Secretário: dr. Carlos da Silveira — 2.º Secretário: prof. João Augusto de Toledo. — Com a presença dos socios srs. drs. José Torres de Oliveira, J. da Mata Cardim, Plínio de Barros Monteiro, Carlos da Silveira, Afonso José de Carvalho, Domingos Laurito, Armando de Arruda Pereira, Antonio Paulino de Almeida, coronel Pedro Dias de Campos, João de Toledo, Francisco Isoldi, Edmundo Krug, Teodoro Braga, Geraldo Rúffolo e Herbert Baldus, realizou o Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo, no dia 20 de abril de 1936, às 21 horas, em sua sede social, à rua Benjamin Constant n.º 40, a quinta sessão regimental do corrente ano. O ato foi presidido pelo sr. dr. José Torres de Oliveira, presidente perpetuo do Instituto, que, depois de justificar a ausencia do segundo secretario sr. Nicolau Duarte Silva, e de constatar o não comparecimento do primeiro, dr. Plínio Airoso, convidou para servirem de primeiro e segundo secretarios, *ad hoc*, respectivamente, os srs. drs. Carlos da Silveira e prof. João de Toledo. Lida e aprovada a ata da sessão anterior, passou-se ao expediente, que constou dos seguintes papéis: officio do Instituto de Estudos Genealógicos de S. Paulo, felicitando o Instituto Histórico e Geográfico pela iniciativa que tomou de sugerir ao sr. Prefeito Municipal o restabelecimento da antiga denominação de Pateo do Colegio ao Largo do Palacio; officio da Sociedade Numismática Brasileira, agradecendo ao Instituto o inestimavel apoio e auxilio que lhe dispensou para o feliz êxito do Primeiro Congresso de Numismática Brasileira, reunido nesta capital; e officio da Comissão Organizadora da Exposição Filatélica Nacional do Centenario de Carlos Gomes, transmitindo instruções referentes à mesma Exposição. Em seguida foram acusadas as seguintes ofertas: "Diario de Viagem de S. Paulo ao Belem do Pará, descendo o Araguaia", opúsculo acompanhado de um grande mapa, oferta do consocio dr. Armando de Arruda Pereira; "O Romance de Carlos Gomes", de Hermes Vieira; "Corografia do Estado de S. Paulo", por Sud Mennucci; "Revista Acadêmica da Faculdade de Direito de Recife", ano XLIII; "Rodriguesia", Revista do Instituto de Biologia Vegetal do Rio de Janeiro, ano 1, n.º 3; "Revista do Arquivo Municipal de São Paulo", n. XX; "Anuario de 1935 da Faculdade de Direito de Recife"; "Arquivo do Instituto de Biologia Vegetal", do Rio de Janeiro, vol. 2.º, n.º 2, e "Index" vol. 1.º; "Recenseamento Demográfico, Escolar e Agrícola Zootécnico do Estado de S. Paulo (20 de setembro de 1934), publicação da Secretaria da Agricultura; "Defendamos o Futuro", publicação do Departamento Nacional de Propaganda; "S. Paulo", n.º 4; e "Documento da Regencia", de 3 de abril de 1835, oferta do sr. dr. João da Cruz Abreu, por intermedio do consocio dr. Julio Cesar de Faria. Anunciada a primeira parte da ordem-do-ia, são lidas e encaminhadas às respectivas comissões, propostas dos novos consocios, para os fins regimentais. Pede a palavra o sr. Geraldo Rúffolo e justifica suas faltas a varias sessões; apresenta pêsames ao dr. Domingos Laurito pelo falecimento de seu pai. Refere-se, depois, à volta do Conde de Afonso Celso às atividades de Presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e propõe que a esse Instituto se envie officio de congratulações pelo restabelecimento da saude de seu Presidente, e por haver este reiniciado as suas funções na egregia corporação. O dr. Mata Cardim, agora com a palavra, lembra uma proposta sua, feita no ano p. passado, para que o

Instituto representasse ao Ministro da Educação no sentido de serem os índios brasileiros incluídos entre os beneficiados pelo plano de educação, ora em estudo. Acentua a feição humanitária de sua proposta, desiste de algumas regalias que antes solicitara para eles, e mantém a parte essencial, que é de proteção a essa gente desvalida, que hoje vegeta meio em abandono, à margem da civilização brasileira. O presidente informa que a mesa havia tomado na devida conta a proposta feita; minutara o officio a respeito, mas não o havia remetido ao seu destino, pois que desejava, antes disso, sujeitá-lo à apreciação do ilustre consocio proponente. Falou então o prof. João de Toledo, esclarecendo tópicos do seu discurso proferido, quando a referida proposta foi apresentada. Fala de novo o dr. Mata Cardim, reafirmando os seus pontos-de-vista. O dr. Armando de Arruda Pereira lê, então, trechos de um trabalho seu, relativos à viagem que fez pelo rio Araguaia, e nos quais os pontos-de-vista do prof. João de Toledo eram confirmados. Trava-se vivo debate entre o dr. Armando de Arruda Pereira e o dr. Mata Cardim. Findo este, foi ele resumido pelo sr. presidente, que conciliou, em uma fórmula feliz e conveniente, as opiniões emitidas pelos diversos oradores. Não tendo comparecido o consocio inscrito, dr. Plínio Airosa, ficou adiada a continuação da leitura de seu trabalho sobre "Palavras da Língua Tupi que ingressaram no vocabulário nacional". A sessão foi encerrada às 23 horas e meia, ficando designada para a próxima reunião o dia 5 de maio p. futuro, às 21 horas. E, para constar, foi lavrada a presente ata por mim, Nicolau Duarte Silva, segundo secretario, conferida.

(aa.) José Torres de Oliveira.  
Plínio Airosa.  
N. Duarte Silva.

---

6a. SESSÃO REGIMENTAL, EM 5 DE MAIO DE 1936 —  
*Presidência do dr. José Torres de Oliveira* — 1.º Secretario: dr. Plínio Airosa — 2.º Secretario: sr. Nicolau Duarte Silva. — Com a presença dos socios srs. drs. José Torres de Oliveira, Plínio Airosa, Nicolau Duarte Silva, João de Toledo, Domingos Laurito, coronel Pedro Dias de Campos, José da Mata Cardim, Carlos da Silveira, capitão Amílcar Salgado dos Santos, Plínio de Barros Monteiro, Herbert Baldus e Geraldo Rúffolo, realizou o Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo, no dia 5 de maio de 1936, às 21 horas, em sua sede social, à rua Benjamin Constant n.º 40, a sexta sessão regimental do corrente ano. O ato foi presidido pelo sr. dr. José Torres de Oliveira, presidente perpetuo do Instituto, que se achava ladeado dos primeiro e segundo secretarios, respectivamente, srs. dr. Plínio Airosa e Nicolau Duarte Silva. Lida e aprovada a ata da sessão anterior, passou-se ao expediente, que constou do seguinte: officio do dr. Felix Guisard Filho, comunicando a instalação do Museu Histórico de Taubaté, do qual esse consocio é presidente; officio do dr. Honorio de Silos, comunicando haver assumido a presidência da Associação Paulista de Imprensa; carta da direção da Biblioteca Museu América da Universidade de Santiago, de Buenos Aires, promovendo intercambio com o Instituto; e carta do socio correspondente dr. B. Caviglia Filho, de Montevideu, agradecendo a comunicação de haver sido eleito membro do Instituto. Foram acusadas as seguintes ofertas: pri-

meiro número da "Revista da Sociedade Cearense de Geografia e Historia"; sétimo volume de "Os nossos almirantes", de Henrique Boiteux, remessa desse consocio; n.º 4, de abril de 1936, de Berliner Monastshfte"; "Mamíferos del Uruguay", de Garibaldi J. Devinoenzi; vol. 6 de "Arquivos do Instituto Biológico"; primeiro número de "Rationalis", do Instituto da Ordem dos Contabilistas do Estado de S. Paulo; regulamento da Exposição Filatélica Nacional do Centenario de Carlos Gomes; "Homenagem prestada pelo culto povo pelotense ao seu Poder Judiciario de 1835"; e os cinco primeiros números da "Revista da Baía", remessa esta feita pelo socio dr. Arquimedes Pereira Guimarães. Passando-se à primeira parte da ordem-do-dia, é dado conhecimento à casa do texto dos officios dirigidos ao sr. Conde de Afonso Celso e ao sr. ministro da Educação e Saude Pública, tratando de assumos aprovados na sessão anterior. São justificadas as ausencias dos socios srs. drs. Afonso de Carvalho, Ataliba Nogueira, José Francisco de Queiroz Teles e major Firmino de Godói. Após algumas considerações do sr. presidente, sobre os preceitos estatutarios com respeito às votações no Instituto, são sujeitas à apreciação da casa algumas propostas de novos socios, tendo sido eleitos para a classe dos assistentes os srs. drs. José Aires Neto, por oito votos e duas abstenções; Antonio de Mendonça, por nove votos e duas abstenções; Persio Pereira Mendes, por oito votos, duas abstenções e um voto contrario; Paulo Barbosa de Campos Filho, por sete votos, três abstenções e um voto contrario; e Henrique Baima, por oito votos, duas abstenções e um voto contrario. Afim de não retardar os trabalhos da noite, privando eventualmente o auditorio de ouvir a anunciada palestra do dr. Plinio Airoso, o socio efetivo professor João de Toledo sugere que outras propostas de novos socios, que se encontravam sobre a mesa, fossem examinadas na próxima reunião, no que foi atendido. Ao iniciar a segunda parte dos trabalhos, o sr. presidente convida o dr. Alarico Silveira a tomar lugar à mesa, dando a palavra ao socio efetivo dr. Plinio Airoso, que prosseguiu no seu interessante estudo sobre: "Palavras de origem tupi que entraram para o vocabulario nacional", discorrendo sobre "capoeira". O orador foi muito aplaudido, continuando inscrito para prosseguir no seu trabalho, oportunamente. A reunião foi suspensa às 23 horas e um quarto, ficando marcada nova sessão para o próximo dia 20, às 21 horas. E, para constar, foi lavrada a presente ata.

(aa.) José Torres de Oliveira.  
Plinio Airoso.  
João Toledo.

---

7a. SESSÃO REGIMENTAL, EM 20 DE MAIO DE 1936 —  
*Presidencia do dr. José Torres de Oliveira* — 1.º Secretario: dr. Plinio Airoso — 2.º Secretario: sr. prof. João de Toledo. — Com a presença dos socios srs. drs. José Torres de Oliveira, Plinio Airoso, Domingos Laurito, capitão Amílcar Salgado dos Santos, drs. Teodoro Braga, Herbert Baldus, Francisco Isoldi, João de Toledo, Geraldo Rúffolo e Dacio Pires Correia, realizou o Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo, no dia 20 de maio de 1936, às 21 horas, em sua sede social à rua Benjamin Constant n.º 40, a sétima sessão regimental do corrente ano. O



ato foi presidido pelo sr. dr. José Torres de Oliveira, presidente perpetuo do Instituto, ladeado pelos primeiro e segundo secretarios, respectivamente, dr. Plinio Airosa e prof. João de Toledo sendo este convidado *ad hoc*, pelo sr. presidente, por não ter comparecido, com causa participada, o segundo secretario efetivo, sr. Nicolau Duarte Silva. Lida a ata da sessão anterior, posta em discussão, e ninguém fazendo observações a respeito, foi ela aprovada. Passou-se ao expediente, que constou do seguinte: officio do sr. diretor do Departamento do Expediente e do Pessoal da Prefeitura de S. Paulo agradecendo, em nome do sr. prefeito, os dizes do officio do Instituto, relativo à nova denominação Pateo do Colegio, dada a uma das praças da capital; officio do sr. Edmur de Sousa Queiroz agradecendo o haver o Instituto cedido seu salão às comissões promotoras dos festejos comemorativos do "9 de julho"; trabalho do sr. Hildebrando Siqueira oferecendo um autógrafo de Rodrigues de Abreu, e em que estuda a personalidade do grande e infeliz moço paulista. O sr. presidente, acabada a leitura, fez justas e sentidas considerações acerca do inditoso poeta, tão cedo levado para o além. Na mesma ordem de considerações, o sr. presidente comunica o falecimento do cel. Lacerda Franco, fazendo seu necrologio em termos precisos e elevados. Disse de suas iniciativas e de sua atividade, lembrando sua ação na Escola Álvares Penteado, no Conservatorio Dramático e Musical, na presidencia da Companhia Paulista de Estradas de Ferro e como socio do Instituto Histórico e Geográfico, do qual foi sempre amigo dedicado e sincero. Seu desaparecimento a todos deve sensibilizar. Pelos merecimentos do illustre extinto, fará constar da ata da presente sessão um voto de pesar e fará cientificar deste fato a familia enlutada. A seguir foram acusadas as seguintes ofertas: "Imortalidade", Arnaldo Damasceno Vieira, oferta do mesmo; "Glorias Brasileiras", A. de C. de Mendonça Furtado, oferta do consocio dr. Plinio de Barros Monteiro; "Revista do Instituto Histórico do Rio Grande do Sul", ano XVI, 1.º trimestre; "O Bandeirante", Manuel Vitor, oferta do autor. Na primeira parte da ordem-do-dia, o sr. secretario leu uma proposta para socio efetivo, a qual o sr. presidente mandou às comissões respectivas para os necessários pareceres. Passou-se em seguida à discussão e à votação, em escrutinio secreto, das propostas seguintes, com pareceres favoraveis, para socios assistentes: 1) dr. Antonio Carlos Pacheco e Silva, recolhidas 9 cédulas, 8 sim e 1 não; 2) dr. Cantidio de Moura Campos, 9 cédulas, todas a favor; 3) dr. Francisco Mesquita, 9 cédulas, 7 sim, 1 não e 1 em branco; 4) dr. Nicolau Teixeira Miranda, 9 cédulas, 7 sim, 1 não e 1 em branco; 5) dr. Amador Florence Sobrinho, 9 cédulas, 7 sim, 1 não e 1 em branco. Em face das votações obtidas, o sr. presidente proclamou socios assistentes do Instituto os cinco propostos cujos nomes foram acima declinados. A seguir o sr. dr. Geraldo Rúffolo pede a palavra e refere-se à oferta de um volume, de autoria do conhecido magistrado dr. Furtado de Mendonça, sobre a guerra do Paraguai. Diz que deseja prestar esclarecimentos sobre esse livro: — o autor, descontente com a má impressão da obra, eivada de erros tipográficos, não a pôs a venda; distribuiu, entretanto, alguns exemplares, entre amigos seus. Os demais volumes perderam-se. Estes esclarecimentos, que o sr. dr. Geraldo Rúffolo trasmitia à casa, lhe foram dados pelo sr. Olimpio Mendonça, filho do autor e residente nesta capital. Transmitindo-os, lembra o orador que a obra é preciosa e hoje rara.

O capitão Amilcar Salgado dos Santos faz uso da palavra para reiterar pedido, há tempos feito, no sentido de apelar-se ao sr. prefeito municipal para que, em memoria dos saudosos cel. Teopompo Vasconcelos e major Costa Leite, desse os nomes destes valentes e briosos militares a ruas ou praças desta capital. O dr. Plínio Airosa informa, então, que faz parte da comissão encarregada de rever as denominações de ruas e praças desta cidade e de propor novas ou substituições que forem aconselháveis; e que, desejando a comissão ver esses nomes dados a ruas centrais, incluiu-os na lista respectiva, juntamente com os de outros varões ilustres que se têm notabilizado em nossa terra. O capitão Amilcar Salgado deu-se por satisfeito com a informação recebida. Encerrou-se a primeira parte da ordem-do-dia e abriu-se a segunda, dando-se a palavra ao sr. dr. Plínio Airosa, 1.º secretario, para continuar a leitura de seu trabalho sobre "palavras da lingua tupi, que entraram no vocabulario português". A palavra *capão* foi focalizada hoje com maestria invulgar, merecendo francos aplausos da assistencia. Continua o dr. Plínio Airosa inscrito para proseguimento da leitura em curso. Nesse momento entrou na sala o socio sr. Dacio Pires Correia, que assim, mais uma vez, reafirmou sua estima à casa, comparecendo, embora tarde, depois de serviço urgente inadiavel que teve. Encerrando a sessão, o sr. presidente comunicou aos consocios presentes que o sr. dr. Afonso de Carvalho, apromorado cultor da historia paulista, tem pronto um estudo sobre "S. Paulo antigo" e que, provavelmente, o lerá na próxima sessão, marcada para o dia 5 de junho vindouro, às 21 horas. E, para constar, foi lavrada a presente ata por mim, Nicolau Duarte Silva, segundo secretario, subscrita.

(aa.) José Torres de Oliveira.  
Plínio Airosa.  
N. Duarte Silva.

8a. SESSÃO REGIMENTAL, EM 5 DE JUNHO DE 1936 —  
*Presidencia do dr. José Torres de Oliveira* — 1.º Secretario: dr. Enzo Silveira — 2.º Secretario: dr. Domingos Laurito. — Com a presença dos socios srs. drs. José Torres de Oliveira, Américo Brasiense, Domingos Laurito, Afonso José de Carvalho, capitão Amilcar Salgado dos Santos, drs. Plínio de Barros Monteiro, Frederico de Barros Brotero, Enzo Silveira, Plínio Airosa, Geraldo Rúffolo, Carlos da Silveira, Bento Bueno, João de Toledo e João Batista de Campos Aguirra, com numerosa e seleta assistencia, na qual se viam muitas senhoras, o representante do sr. secretario da Justiça, varios desembargadores da nossa Corte de Apelação, juizes, advogados e homens de letras, realizou o Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo, no dia 5 de junho de 1936, a oitava sessão regimental do corrente ano. O ato foi presidido pelo dr. José Torres de Oliveira, presidente perpetuo do Instituto, que, verificando a ausencia, no momento, dos srs. 1.º e 2.º secretarios efetivos, convidou para servirem *ad hoc*, respectivamente, os srs. drs. Enzo Silveira e Domingos Laurito. Ao abrir a sessão declarou o sr. presidente que, por achar-se em convalescença de recente enfermidade e para que o auditorio pudesse, sem demora, ouvir a palavra, sempre erudita e brilhante, do conferencista inscrito, adiaava para a próxima sessão a leitura da ata da reunião anterior, o expediente, ofertas, e mais atos da primeira parte da

ordem-do-ia, e dava a palavra ao socio sr. desembargador Afonso José de Carvalho. O orador, que subiu à tribuna sob uma salva de palmas, proferiu o seu exordio contando o motivo pelo qual escolheu para sua palestra a fase de 1875 a 1880, correspondente ao tempo de sua meninice. Combinava as reminiscencias de sua infancia com as leituras posteriores de crônicas e jornais do tempo. Estabeleceu como principio que o inicio do progresso paulistano teve lugar com a administração de Teodoro Xavier, o presidente dinámico, a quem S. Paulo muito deve. Descreveu a capital antes de João Teodoro e demonstrou a influencia desse administrador bandeirante sobre a nova era que se abriu. Repintou a nossa *urbs* em 1875, os seus costumes, as suas occupações. Demonstrou a onipotencia da imprensa daquele tempo, sua influencia, a que nada resistia, exceto a pompa do catolicismo. Descreveu a hostilidade da época anticlerical, devido a numerosos fatores e a luta entre a tradição religiosa e seus inimigos, que lançavam mão do lapis e da pena, zombando do clero a pretexto dos menores incidentes da vida social cotidiana. Mostrou de seguida a resistencia dos sentimentos da população media, e descreveu a pompa das festividades religiosas. Ocupou-se depois com as diversões profanas. Retraçou as loucuras do Entrudo e do Carnaval, assinalou o gosto do paulistano por coisas de teatro, pelo lírico, pelo dramalhão pesado, pelas zarzuelas, pelos circos de cavallinho no largo de S. Bento. Passou-se em seguida a demonstrar a influencia da mocidade académica sobre todos os movimentos da vida social paulistana. Examinou as letras de S. Paulo, provou a influencia nas classes populares, nas iniciativas do Almanaque de José Maria Lisboa, classificou a atividade dos estudantes da Faculdade, seus variados gostos, a prosa e a poesia dos intellectuais da época; descreveu as diversões particulares, os saraus, os terriveis recitativos compassados em tom de mazorca, os passeios, a indumentaria feminina, o vicio do rapé nos velhos, os tipos populares, as alcunhas, as criticas brejeiras do "Polichinelo" e de outros periódicos humoristicos do tempo. Depois provou o interesse dos dirigentes no melhorar a cidade, a campanha da imprensa em prol da instrução pública, examinou a oratoria, a ação de Luiz Gama na crítica dos homens e das coisas. Todos esses pontos do exame do conferencista foram intermeados de episodios interessantes, que provocaram constantemente a hilaridade da assistencia. Afinal, perorando, o orador disse que si, por um milagre, um paulistano de 1875 houvesse adormecido e só acordasse sessenta anos depois, no alto do predio Martinelli, e si um anjo do Senhor lhe dissesse que ele tinha diante de si o S. Paulo do tempo em que adormecera, ele, nos primeiros momentos, não acharia um ponto qualquer de referencia para confirmar-se do que lhe diziam. Mas, si se voltasse para as bandas do nordeste, encontraria a montanha do Jaraguá como um leopardo gigantesco, eterno guarda dos limites da cidade e testemunha dos primeiros surtos bandeirantes para o sertão desconhecido. E o orador concluiu dizendo que esse paulistano reconheceria, enfim, S. Paulo, não pelas referencias de uma ou outra reliquia porventura escapa das picaretas demolidoras, mas pelo testemunho daquela montanha, que lhe falava, sem voz, de tempos bem mais remotos, quando os filhos de S. Paulo, em vez de construir monumentos de engenharia e da arquitetura modernas, galgavam os arranha-céus das cordilheiras imensas e desbravavam por toda a parte a floresta brava, conquistando territorios para a patria e agitando aos ventos da historia a bandeira ideal de nossa

terra, de nossa gente. O orador foi muito aplaudido. Ao terminar a sessão o sr. presidente teceu elogiosos comentários ao trabalho produzido e agradeceu ao auditorio a honra e o conforto do seu comparecimento. A reunião foi suspensa às 22 horas e meia, sendo marcada nova sessão para o próximo dia 20, às 21 horas. E, para constar, foi lavrada a presente ata por mim, Nicolau Duarte Silva, segundo secretario, subscrita.

(aa.) José Torres de Oliveira.  
Plínio Airoso.  
N. Duarte Silva.

9a. SESSÃO REGIMENTAL, EM 20 DE JUNHO DE 1936 —  
*Presidencia do dr. José Torres de Oliveira* — 1.º Secretario: dr. Plínio Airoso — 2.º Secretario: sr. Nicolau Duarte Silva. — Com a presença dos socios srs. drs. José Torres de Oliveira, Herbert Baldus, Nicolau Duarte Silva, capitão Amílcar Salgado dos Santos, Dacio Pires Correia, Antonio Paulino de Almeida, Geraldo Rúffolo e Plínio Airoso, realizou o Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo, no dia 20 de junho de 1936, às 21 horas, em sua sede social, à rua Benjamin Constant n.º 40, a nona sessão regimental do corrente ano. O ato foi presidido pelo sr. dr. José Torres de Oliveira, presidente perpetuo do Instituto, que se achava ladeado pelos primeiro e segundo secretarios, respectivamente, srs. dr. Plínio Airoso e Nicolau Duarte Silva. Lida e aprovada a ata da sessão anterior, passou-se ao expediente, que constou do seguinte: officio do ministro da Educação, dr. Gustavo Capanema, a propósito de uma sugestão do Instituto em beneficio dos nossos indios; officios dos srs. drs. Cantidio de Moura Campos e Amador Florence, agradecendo a comunicação sobre as suas escolhas como socios do Instituto; carta da Irmandade da Santa Casa de Misericordia de Santos, sobre a comemoração do 114.º aniversario da sua emancipação e primeiro centenario da sua instalação no local onde se encontra; e carta da Bibliotheca Calisto Nóbrega, de João Pessoa, pedindo publicações. Foram acusadas as seguintes ofertas: "Dialeto Indo-Português de Damão" e "Dialeto Indo-Português de Goa", de Rodolfo Dalgado, oferta do socio sr. dr. Plínio de Barros Monteiro; ns. 21, 22 e 23 da "Revista do Arquivo Municipal", de S. Paulo; "Índice das Constituições Federal e do Estado de S. Paulo", de Sergio Milliet e J. F. Moreno; "Traços Cabanos", de Jorge Hurley, remessa desse socio; "Amazonenses esquecidos em sua terra" e "Pelos Heróis de Laguna e Dourados" (2.a edição), do capitão Amílcar Salgado dos Santos, oferta desse socio; "Etnografia de la Antigua Provincia del Uruguay", de Antonio Serrano, oferta do autor; "Rincão de Heróis — Invasão de S. Paulo em 1562", de Armando Caiubí, oferta do autor; "Carlos Brandão", de Gonçalo de Ataide Pereira, remessa do autor; "Psiquis Nacional", de E. Villegas Arevalo, remessa do autor; "Arquivos de Policia e Identificação", primeiro numero, remessa do socio dr. Ricardo Gumbleton Daunt; "Gobernantes del Nuevo Reino de Granada durante el siglo XVIII", de Ernesto Restrepo Tirado; "La cultura y su enemigo de ayer, de hoy y de siempre", por Clemente Ricci; "Las teorías políticas de Bartolomé de las Casas" por Lewis Hanke, e ns. 61 a 63 do "Boletín del Instituto de Investigaciones Históricas", de Buenos Aires, remessa do mes-

mo; "Academia de Letras da Faculdade de Direito de S. Paulo"; n.º 5, de maio de 1936, de "Berliner Monatshefte"; n.º 6 da revista "S. Paulo"; vol. 3, de março de 1936, da "Revista de Industria animal" e nos. 42 e 43 de "A Propriedade Urbana", de S. Paulo. Na primeira parte dos trabalhos, o sr. presidente encaminha as propostas de novos socios, que se encontravam sobre a mesa; justifica o não comparecimento dos socios srs. drs. José da Mata Cardim, Afonso José de Carvalho, Vicente de Paula Vicente de Azevedo e Armando de Arruda Pereira, por motivo de força maior; manda enviar uma carta de pêsames ao socio sr. dr. Carlos da Silveira, por motivo do falecimento da sua progenitora; comunica haver o Instituto recebido a visita do antigo socio dr. Teodoro Sampaio, que, de passagem por esta Capital, nos veio trazer os seus cumprimentos, mantendo com a diretoria do Instituto interessante palestra sobre assuntos históricos; comunica o desejo do socio correspondente dr. Luiz Filipe Vieira Souto de visitar a capital paulista, aqui permanecendo os dias 1, 2 e 3 de julho, aproveitando a oportunidade para fazer uma conferencia no Instituto; esclarece não haver ainda recebido os questionarios sobre a educação dos selvícolas, a que faz referencia o officio do sr. ministro Gustavo Capanema, cujo assunto merece a atenção do Instituto; e, afim de não retardar os trabalhos, resolve adiar a votação de diversas propostas de novos socios. O socio efetivo sr. dr. Geraldo Ruffolo faz algumas considerações sobre diversos assuntos, declarando que desejava esclarecê-los oportunamente numa das próximas reuniões. Lembrando a passagem do 90.º aniversario natalicio do socio dr. Ramiz Galvão, sugeriu que fosse enviado ao mesmo um officio de felicitações. A propósito, o sr. primeiro secretario comunicou que o Instituto não se esquecera do fato, tendo em tempo enviado ao aniversariante um telegrama de congratulações. Passando-se à segunda parte dos trabalhos, usou da palavra o socio efetivo sr. dr. Herbert Baldus, que discorreu sobre o tema: "Reação de um indio bororo à influencia da nossa civilização". O orador examinou interessante caso que teve ocasião de observar nas suas viagens etnológicas pelo interior do Brasil — o do professor Tiago Marques, civilizado pelos padres salesianos e educado na Europa, e que mais tarde voltou para junto dos seus irmãos das selvas, voltando a ser o caçador bororo Aipobureu. Depois de descrever interessantes observações sobre esse caso, as quais davam ao auditorio a impressão de que a civilização leva o indio à corrupção moral e física, o orador procedeu à leitura de duas lendas, redigidas em português pelo proprio indio. Ao terminar a sua comunicação o sr. dr. Herebrt Baldus foi muito aplaudido. Nada mais havendo a tratar, foi suspensa a reunião, às 23 horas, sendo marcada nova sessão para o dia 6 de julho, às 21 horas. E, para constar, foi lavrada a presente ata por mim, Nicolau Duarte Silva, segundo secretario, subscrita.

(aa.) José Torres de Oliveira.  
Plínio Airosa.  
N. Duarte Silva.

---

10a SESSÃO REGIMENTAL, EM 6 DE JULHO DE 1936 —  
Presidencia do dr. José Torres de Oliveira — 1.º Secretario: dr. Plínio Airosa — 2.º Secretario: sr. Nicolau Duarte Silva. — Com a presença dos socios srs. drs. José Torres de Oliveira, Plínio Airosa, Nicolau

Duarte Silva, Dacio Pires Correia, João de Toledo, Edmundo Krug, Plínio de Barros Monteiro, capitão Amílcar Salgado dos Santos, Afonso José de Carvalho, Domingos Laurito, Antonio Paulino de Almeida, A. de Freitas Junior, Frederico de Barros Brotero e Herbert Baldus, realizou o Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo, no dia 6 de julho de 1936, à 21 horas, em sua sede social, à rua Benjamin Constant n.º 40, a décima sessão regimental do corrente ano. O ato foi presidido pelo sr. dr. José Torres de Oliveira, presidente perpetuo do Instituto, que se achava ladeado dos primeiro e segundo secretarios, respectivamente, srs. dr. Plínio Airoso e Nicolau Duarte Silva. Lida e aprovada a ata da reunião anterior, passou-se ao expediente, que constou do seguinte: officio de agradecimento da Comissão das Comemorações de 9 de julho; convite da Comissão Organizadora e Executiva da Exposição Filatélica Nacional do Centenario de Carlos Gomes; e cartão da familia do saudoso consocio coronel Antonio de Lacerda Franco, agradecendo as condolencias do Instituto. Foram acusadas as seguintes ofertas: medalha de bronze, comemorativa do Primeiro Congresso de Numismática Brasileira; oferta da Sociedade Numismática Brasileira; os dois primeiros volumes da "Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro", referentes ao Instituto Pan-Americano de Geografia e Historia, assim como o primeiro, relativo ao Segundo Congresso de Historia Nacional; os volumes 29 e 30 dos "Documentos Históricos" e os de nos. 46 e 47 dos "Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro"; "Descendentes do ouvidor tenente Fernando Pais de Barros", de Frederico de Barros Brotero, oferta desse socio; "Revista do Instituto Histórico de Alagoas", vol. 18.º, de 1935; "Anais do Arquivo Público da Baía", volume 24; "Um episodio da Revolução dos Farrapos", de Sergio Bizarro de Andrade Pinto; ns. 3, 4, 5 e 6 do primeiro volume dos "Arquivos de Angola"; "O Sol e a Lua", de Catulo da Paixão Cearense; ns. 1 e 2, do ano IV, da "Revista Numismática — Órgão da Sociedade Numismática Brasileira, de S. Paulo; "Indicador Alfabético dos Atos Officiais Gerais referentes ao Ministerio da Guerra"; e "Projeto de Union Ibero-Americana"; de Miguel Ramos Sucre, remessa do autor. Na primeira parte da ordem-do-dia, o sr. presidente encaminha as propostas de novos socios, que se encontravam sobre a mesa, e convida os presentes a comparecer à solenidade da inauguração da placa do Pateo do Colegio, no próximo dia 9, quando usará da palavra o socio sr. dr. Afonso José de Carvalho. Passando-se à segunda parte dos trabalhos, o socio efetivo sr. dr. Plínio Airoso discorre sobre o tema: "Palavras de origem tupi que entraram para o vocabulario nacional". O orador mostra que a palavra "bubuia" em geral é empregada na locução adverbial "de bubuia". Cita numerosos exemplos em que aparecem as expressões: "ficar de bubuia", "estar de bubuia", "andar de bubuia", todas com o significado de andar, ficar e estar à flor das aguas, boiando, descendo a corrente ao léu. Fala sobre varias passagens das obras de Teschauer em que, não só o sentido do termo não é bem esclarecido, como também a sua etnologia não está exata. Acha o orador que "bubuia" é apenas vernaculização da expressão onomatopaica "bu-bu". Mostra, finalmente, que se não deve confundir "bubuia" com "burbuia", forma acaipirada de borbulha, termo português. Ao terminar a leitura do seu interessante trabalho, foi o sr. Plínio Airoso muito aplaudido. Nada mais havendo a tratar, foi suspensa a reunião, às 22 horas e meia, sendo mar-

cada nova sessão para o próximo dia 20, às 21 horas. E, para constar, foi lavrada a presente ata por mim, Nicolau Duarte Silva, segundo secretario, subscripta.

(aa.) José Torres de Oliveira.  
N. Duarte Silva.  
Carlos da Silveira.

11a. SESSÃO REGIMENTAL, EM 20 DE JULHO DE 1936 — *Presidência do dr. José Torres de Oliveira* — 1.º Secretario: sr. Nicolau Duarte Silva — 2.º Secretario: dr. Carlos da Silveira. — Com a presença dos socios srs. drs. José Torres de Oliveira, capitão Amílcar Salgado dos Santos, Carlos da Silveira, Domingos Laurito, Américo de Moura, Afonso José de Carvalho, Plínio de Barros Monteiro, João Toledo, Nicolau Duarte Silva e Herbert Baldus, realizou o Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo, no dia 20 de julho de 1936, às 21 horas, em sua sede social, à rua Benjamin Constant n.º 40, a décima-primeira sessão regimental do corrente ano. O ato foi presidido pelo sr. dr. José Torres de Oliveira, presidente perpetuo do Instituto, servindo de primeiro o segundo secretario sr. Nicolau Duarte Silva, e de segundo o socio efetivo sr. dr. Carlos da Silveira. Lida e aprovada a ata da reunião anterior, foram acusadas as seguintes ofertas: “Os Jesuitas na Vila de S. Paulo — Seculo XVI”, do padre Serafim Leite, remessa desse socio; “Oração do Paraninfo dr. Leonardo Pinto — Contadores da Escola de Contabilidade “Carlos de Carvalho”, remessa desse socio; “Docas de Santos — Suas origens, lutas e realizações”, de Helio Lobo, oferta do autor; “Trânsito”, de José Maria de Barros, remessa do autor; “Boletim do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro — Plano Nacional de Educação”; “Industrias Pecuarias na Baía”, do professor Pedro Batista Peres; e “Revista da Baía”, n.º 6, de junho de 1935. Passando-se à primeira parte dos trabalhos, o sr. presidente justifica o não comparecimento, por motivo de força maior, dos socios srs. drs. Plínio Airosa, Teodoro Braga, Edmundo Krug, José Francisco de Queiroz Teles e major Firmino de Godói; nomeia os socios srs. drs. Carlos da Silveira e João de Toledo para, como membros *ad hoc*, completarem a comissão técnica que deve dar parecer sobre diversos trabalhos de historia; e discorre sobre as efemérides de 9 de julho, aniversario da Revolução Constitucionalista, e de 11 de julho, centenario do nascimento de Carlos Gomes, propondo que fossem consignados na ata dos trabalhos dois votos: um de admiração e de saudade pelos que contribuíram para o grande movimento cívico, ou perderam a vida nos campos de batalha; e outro de grande e profunda admiração ao grande artista e grande patriota Carlos Gomes, que havia chamado para o Brasil a atenção do mundo todo. Ambas as propostas foram unanimemente aprovadas. A propósito dos festejos pela data da Revolução Constitucionalista, o sr. dr. José Torres de Oliveira faz referencias elogiosas ao discurso pronunciado pelo socio sr. dr. Afonso José de Carvalho, a convite da Comissão dos festejos de 9 de julho, quando da inauguração da placa do Pateo do Colegio, antigo Largo do Palacio, declarando que o Instituto não havia tomado parte nas mesmas, visto estarem no seu programa comemorações apenas na sua sede social. O sr. presidente ainda comunica haver o Instituto recebido

diversos folhetos e publicações antigas do socio sr. dr. Américo Brasileiro, cujo exame estava sendo feito e que oportunamente seriam postos à disposição dos interessados. Nada mais havendo a tratar, foram suspensos os trabalhos, às 22 horas, sendo marcada nova reunião para o dia 5 de agosto, às 21 horas. Deixou de haver a anunciada apresentação do trabalho do sr. dr. Plínio Airosa, sobre "Palavras de origem tupi que entraram para o vocabulário nacional", em vista de não haver comparecido o seu autor. E, para constar, foi lavrada a presente ata por mim, Nicolau Duarte Silva, segundo secretario, subscrita.

(aa.) José Torres de Oliveira.  
Plínio Airosa.  
N. Duarte Silva.

12a. SESSÃO REGIMENTAL, EM 5 DE AGOSTO DE 1936 —  
*Presidencia do dr. José Torres de Oliveira* — 1.º Secretario: dr. Plínio Airosa — 2.º Secretario: sr. Nicolau Duarte Silva. — Com a presença dos socios srs. drs. José Torres de Oliveira, Plínio Airosa, capitão Amílcar Salgado dos Santos, Carlos da Silveira, Domingos Laurito, Plínio de Barros Monteiro, Nicolau Duarte Silva, Herbert Baldus e Dácio Pires Correia, realizou o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, no dia 5 de agosto de 1936, às 21 horas, em sua sede social, à rua Benjamin Constant n.º 40, a décima-segunda sessão regimental do corrente ano. O ato foi presidido pelo sr. dr. José Torres de Oliveira, presidente perpetuo do Instituto, que se achava ladeado dos primeiro e segundo secretarios, respectivamente, srs. dr. Plínio Airosa e Nicolau Duarte Silva. Lida e aprovada a ata da reunião anterior, foram acusadas as seguintes ofertas: bandeira paulista que cobria a placa do Pateo do Colegio, inaugurada no dia 9 de julho último, com autógrafo do orador da solemnidade, sr. dr. Afonso José de Carvalho, oferta do socio sr. dr. Plínio Airosa; "Historia da Civilização", de A. F. Cesarino Junior, oferta desse socio; "Historia da Civilização", de Alcindo Muniz de Sousa, remessa do autor; vol. 24 da "Revista do Arquivo Municipal de S. Paulo"; "Através da Baía", de Pirajá da Silva e Paulo Wolf, oferta dos autores; "Real Gabinete Português de Leitura", do Rio de Janeiro-Resumo histórico; "Jazida de minério sulfurado do morro do Bule, Hargreavos, Ouro Preto", de Djalma Guimarães; "La bandera de America", de Julio F. Aris; "Revista da Academia Riograndense de Letras", primeiro número; nos. 11, 12 e 13 do "Boletim da Biblioteca America de la Universidad de Santiago de Compostela"; e n.º 7, de julho de 1936, de "Berliner Monatshefte Zeitschrift zur Vorgeschichte und Geschichte des Weltkrieges"; além das seguintes publicações enviadas pelo socio sr. dr. Américo Brasileiro: "Oração fúnebre proferida pelo cônego Ezequias Galvão da Fontoura", em homenagem à memoria de d. Antonio Joaquim de Melo (S. Paulo 1879); "Projeto de emendas para a primeira parte do Código Commercial do Imperio do Brasil" (Rio de Janeiro, 1836); idem para a segunda parte (Rio de Janeiro, 1837); idem para a terceira parte (Rio de Janeiro, 1838); "Análise do Código Commercial Brasileiro", por E. A. de Carvalho e Menezes (Recife, 1854); "O Rio Tapajós", de R. L. Tavares; e "Memorias para servir à historia do Reino do Brasil", pelo P. Luiz Gonçalves



dos Santos, em dois volumes (Lisboa, 1825). Passando-se à primeira parte dos trabalhos, o sr. presidente encaminha as propostas de novos socios, que se encontravam sobre a mesa, pondo em discussão e votação as que tinham parecer favoravel das respectivas comissões técnicas, de que resultou serem eleitos socios efetivos do Instituto, por unanimidade de votos, os srs. drs. Armando de Sales Oliveira, Clovis Ribeiro, Fabio da Silva Prado, Antonio de Almeida Prado, Rubens Borba Alves de Moraes, Sergio Millet da Costa e Silva e Mario de Andrade, e por sete votos contra um o sr. dr. Manuel Vitor de Azevedo. O socio efetivo sr. capitão Amílcar Salgado dos Santos propõe que seja lançado em ata um voto de saudade à memoria de Pedro de Toledo, por motivo da passagem do primeiro aniversario da sua morte. A sugestão foi unanimemente aprovada. O sr. presidente comunica que, a convite do Instituto, o sr. dr. Alberto J. Robe fará, na sede social, a partir do próximo dia 20 de agosto, uma ou mais conferencias sobre Carlos Gomes, ventilando a figura do grande maestro patricio, cujo primeiro centenario de nascimento se está comemorando. Na segunda parte da ordem-do-dia, o socio efetivo sr. dr. Plinio Airoso prosseguiu no seu interessante estudo sobre: "Palavras de origem tupi que entraram para o vocabulario nacional", discorrendo sobre o vocábulo "aracaty", denominação de um vento e de uma brisa do Ceará. O orador mostrou não ser razoavel a origem "aracatú", lembrada por alguns estudiosos, e sim "aracaty", palavra composta de "ara" e "caty", isto é, vento carregado de maresia, que sopra na região do Jaguaribe. A palavra "aracatú", emprestada ao vento, quando passa pela região do Icó, no interior do Ceará, não pode ser a origem da denominação geral "aracaty", porque o "u" acentuado final de "catú", na vernaculização, jamais se transformou em "y", sendo até comum o caso inverso. Conclue o orador que o vento que sopra na região do Jaguaribe é o mesmo que passa pela cidade de Icó, apenas com uma feição diversa. Na primeira se caracteriza pela violencia e pelo mau cheiro, ao passo que na segunda é brando e saudavel. Ao concluir o seu estudo o sr. dr. Plinio Airoso foi muito aplaudido. Nada mais havendo a tratar, foram suspensos os trabalhos, à 23 horas, sendo marcada nova sessão para o próximo dia 20 de agosto, às 21 horas. E, para constar, foi lavrada a presente ata por mim, Nicolau Duarte Silva, segundo secretario, subscripta.

(aa.) José Torres de Oliveira.  
Plinio Airoso.  
N. Duarte Silva.

13a. SESSÃO REGIMENTAL, EM 20 DE AGOSTO DE 1936 —  
*Presidencia do dr. José Torres de Oliveira* — 1.º Secretario; dr. Plinio Airoso — 2.º Secretario: sr. Nicolau Duarte Silva. — Com a presença dos socios srs. drs. José Torres de Oliveira, Afonso José de Carvalho, Carlos da Silveira, Plinio de Barros Monteiro, João de Toledo, Domingos Laurito, capitão Amílcar Salgado dos Santos, coronel Pedro Dias de Campos, Nicolau Duarte Silva, João Batista de Campos Aguirra, Dacio Pires Correia, Afonso de E. Taunay e Plinio Airoso, realizou o Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo, no dia 20 de agosto de 1936, às 21 horas, em sua sede social, à rua Benjamin Constant n.º 40, a dé-

cima-terceira sessão regimental do corrente ano. Ao ato, que foi presidido pelo sr. dr. José Torres de Oliveira, presidente perpetuo do Instituto, que se achava ladeado dos primeiro e segundo secretarios, respectivamente, srs. dr. Plínio Airosa e Nicolau Duarte Silva, compareceu seleta assistencia, em que se viam senhoras e senhoritas. Lida e aprovada a ata da reunião anterior, foram acusadas as seguintes ofertas, destinadas às secções de Arquivo e Museu e de Biblioteca e Mapoteca do Instituto: "Memoria jurídica", por José Paulo Figueiroa Nabuco Araujo (Rio de Janeiro, 1826); "Sofismas anárquicos", por Mr. Bentham, tradução de R. P. B. (Rio de Janeiro, 1823); "Extrato da tática das Assembléas Legislativas", por M. Bentham (Rio de Janeiro, 1823); "Constituição moral e deveres do cidadão, Com exposição da moral pública conforme o espirito da Constituição do Imperio", por José da Silva Lisboa, em três volumes (Rio de Janeiro, 1824 e 1825); "O investigador Português em Inglaterra ou Jornal Literario, Político, etc.", fascículo de março de 1814, de maio de 1815 e de setembro, outubro, novembro e dezembro de 1817; "O Padre Amaro", de Londres, fascículos de novembro e dezembro de 1824, e de fevereiro, março, abril, maio, junho e julho de 1825, além de um apêndice referente a novembro e dezembro de 1829 e janeiro de 1830 — remessa do socio dr. Américo Brasiiliense; "Revista da Academia Matogrossense de Letras", números 7 e 8, de 1936; "Exposição Preparatoria, Industrial e Histórica, Farroupilha", organizada pelo Clube Caixeiral, de Pelotas; "Revista da Baía", de julho de 1935; os dois primeiros fascículos do segundo volume do "Journal of Geology", da Ukrainian Academy of Sciences; "O testamento do Com. Gil Pinheiro", remessa do comendador Norberto Jorge; "Revista da Faculdade de Direito da Universidade de S. Paulo", de janeiro a abril de 1936 e Índice geral das publicações do vol. XXXI da mesma. Depois de justificar o não comparecimento do socio efetivo sr. dr. Herbert Balduz, por motivo de força maior, o sr. presidente fez a apresentação do sr. dr. Alberto J. Robbe ao auditorio, tendo oportunidade de elogiar o amor e dedicação pelo mesmo revelados no estudo da personalidade do grande maestro brasileiro Carlos Gomes. E, afim de não retardar demasiado os trabalhos da noite, resolveu suprimir a primeira parte da reunião, dando desde logo a palavra ao conferencista. O sr. dr. Alberto J. Robbe, desenvolvendo o tema: "Traços gerais da vida de Carlos Gomes — 1a. parte (1836-1870)", refere-se, preliminarmente, à personalidade do músico Manuel José Gomes, vulgo "Maneco Músico", que se estabeleceu em Campinas, em principios do século passado; narra, à luz de documentos dos arquivos, a sua origem e os seus casamentos, e concieue ser difficil, si não impossivel, demonstrar com provas seguras a afirmativa de que ele descenda de uma nobre familia de Pamplona. Passando a tratar particularmente da união de Manuel Gomes com Fabiana Maria Cardoso e das divergencias entre os biógrafos, quanto à data do nascimento do maestro Antonio Carlos Gomes, expõe o resultado de suas pesquisas nos arquivos de Campinas, chegando à conclusão de que, não obstante a dúvida que surge dos assentamentos paroquiais, concorrem varias provas subsidiarias, bastantes para que se identifique o maestro com o menino Antonio, batizado a 19 de julho de 1836, cuja paternidade e cuja data de nascimento (11 de julho de 1836) só appareceu pela primeira vez em um novo registo, efetuado a 15 de maio de 1871, isto é, muito depois da morte de Fabiana e de Manuel Gomes. Narra a infancia de Carlos Gomes; as revelações de seu talento precoce; as etapas de sua mocida-

de; os progressos no Conservatorio do Rio de Janeiro; a execução de suas composições na Corte, entre as quais as óperas "Noite do Castelo" e "Joana de Flandres"; a ida do maestro à Italia, como pensionista do governo brasileiro; os seus estudos em Milão e os exames prestados no Conservatorio daquela cidade, para a obtenção do diploma de "maestro compositore"; lembra os triunfos alcançados pelo illustre campineiro, com as revistas "Se sa minga" e "Nella luna"; e passando à ópera "Il Guarany", lê trechos de duas cartas de Carlos Gomes a Francisco Manuel (existentes no arquivo do Centro de Ciências, Letras e Artes, de Campinas), dos quais se verifica que poucos meses após a chegada a Milão (1864), o jovem maestro já encomendara o libreto daquela ópera. Conta, a seguir, as dificuldades e obstáculos que surgiram, até à estréia da ópera no Scala, em a noite de 19 de março de 1870, e a vitoria esplêndida que coroou o genio e os esforços do artista imortal. Depois de referir o episodio da cessão dos direitos sobre o "Guaraní", por uma importancia ínfima, o orador assim termina: "Mas, naquela noite feliz, que lhe importava o dia de amanhã, si o seu coração fruiu, num só momento, todas as bem-aventuranças de uma eternidade? Que lhe importava a fortuna, si ele achara o seu melhor tesouro na aureola de gloria que circundava o nome do seu Brasil querido? Que mais poderia ambicionar? Pagara generosamente os aplausos e incentivos dos compatriotas, a proteção do imperador, a modesta pensão do governo. Ofecera em troca as melodias suavíssimas em que derramara toda a sua infinita saudade do torrão natal. Reduzira a um poema de harmonias estupendas a primitiva luta, feroz e gigantesca, daquelas duas raças que se haviam fundido, afinal, num amplexo de perdão e de amor, para construir uma nova nação, bela, altiva e pujante. Cantara um hino imortal aos misterios insondaveis, às maravilhas sem par, à formosura deslumbrante e aos encantos celestiais da natureza brasílica. Oh! não! ele nada mais poderia desejar naquele instante supremo, em que, certamente, murmuraria, entre risos e lágrimas de contentamento, aquela frase imensamente magnânima que ele proferiria bem alto, meses depois, já no regaço da Patria: "A gratidão é a maior virtude da alma. Eu a sinto, e, portanto, julgo-me feliz!" Ao concluir a sua conferencia, o sr. dr. Alberto J. Robbe foi muito aplaudido, tendo o sr. presidente declarado que oportunamente seriam anunciadas as demais, com que o Instituto se associava às comemorações à memoria do grande patricio Carlos Gomes. Os trabalhos foram suspensos às 23 horas, sendo marcada nova reunião regimental para o próximo dia 5 de setembro, às 21 horas. E, para constar, foi lavrada a presente ata por mim, Nicolau Duarte Silva, segundo secretario, subscripta.

(aa.) Afonso José de Carvalho.  
N. Duarte Silva.  
Domingos Laurito.

---

SESSÃO EXTRAORDINARIA, EM 1.º DE SETEMBRO DE 1936 — *Presidencia do dr. José Torres de Oliveira* — 1.º Secretario: dr. Domingos Laurito — 2.º Secretario: capitão Amílcar Salgado dos Santos. — Com a presença de seleta assistencia, em que se viam diversos socios, senhoras e senhoritas, realizou o Instituto Histórico e Geográfico

de S. Paulo, no dia 1.º de setembro de 1936, às 21 horas, em sua sede social, uma reunião extraordinária, dedicada às comemorações do centenário do nascimento de Carlos Gomes. O ato foi presidido pelo sr. dr. José Torres de Oliveira, presidente perpetuo do Instituto, servindo de primeiro e segundo secretários, respectivamente, os socios efetivos srs. dr. Domingos Laurito e capitão Amílcar Salgado dos Santos. O sr. dr. Alberto J. Robbe *prosseguiu nas suas conferencias sobre o tema: "Traços gerais da vida de Carlos Gomes"*, tendo tido ocasião, nesta segunda palestra, de examinar o periodo de 1870 a 1879. O orador, que na primeira conferencia tratara da vida de Carlos Gomes, até a estréia do "Guaraní" em Milão (19 de março de 1870), narra a viagem do maestro ao Brasil, no mesmo ano, as manifestações que recebeu de seus patrios, a estréia do "Guaraní" no Rio de Janeiro, a 2 de dezembro, e as outras representações da ópera. Rebate a afirmativa de que Carlos Gomes se obstinou naquela ocasião em não ir à Alemanha, como lhe aconselhava d. Pedro II, e mostra a situação precária em que se achava o maestro, que, com os poucos recursos de que dispunha, não poderia tentar aquele passo. Alude aos esforços inuteis de André Rebouças, no sentido de obter uma pensão para Antonio Carlos Gomes. Depois de narrar o casamento do maestro com Adelina Peri, em Milão, estuda os trabalhos e as lutas do artista brasileiro e as suas óperas "Fosca", "Salvador Rosa" e "Maria Tudor", representadas pela primeira vez em 1873, 1874 e 1879. Mostra a dedicação de André Rebouças pelo maestro, quando o illustre engenheiro esteve em Milão, em fevereiro, março e principios de abril de 1873. Assinala o erro de alguns escritores contemporaneos, que atribuem a Alfredo de Escragnolle Taunay (Visconde de Taunay) atos e afirmativas de Rebouças, julgando fossem da autoria do primeiro as "Efemérides de Carlos Gomes.", publicadas juntamente com as cartas do maestro a Alfredo de Taunay. Prova que este se não achava na Italia na época em que Rebouças visitou Turim e Milão (dezembro de 1872 a abril de 1873) e sim no Rio de Janeiro, onde então exercia as funções de deputado. Estuda o projeto apresentado à Câmara dos Deputados por Alfredo de Taunay, em abril de 1873, e as oposições e dificuldades que seu autor teve de vencer, até vê-lo convertido no decreto n.º 2310, de 10 de julho do mesmo ano, que concedia a Carlos Gomes uma subvenção de 4:800\$000 por ano, durante 5 anos. Alude à amizade íntima que vinculou os corações de Taunay e de Carlos Gomes, à execução de trechos do "Guaraní" em Paris, por ocasião da Exposição Universal de 1878, em que ali se achava Alfredo de Taunay, e ao encontro dos dois amigos em Milão, em novembro daquele ano. Depois de narrar a tumultuosa estréia da ópera "Maria Tudor", as rivalidades dos editores e dos artistas e as maquinações dos inimigos gratuitos do maestro brasileiro, e de fazer referencia aos amigos que o confortaram, o orador, que baseou o seu estudo nas noticias e apreciações da imprensa, na correspondência de Carlos Gomes e em outros documentos da época, assim termina: "Contemplemos, por um momento, o combate formidável do artista genial contra os golpes cruéis do destino e as baixezas e miserias humanas. Volvamos os olhos para aqueles vultos venerandos, que fizeram jus à gratidão da Patria, porque ampararam na tremenda luta uma das mais fulgentes glorias nacionais. A esses devotados amigos de Carlos Gomes e, acima de todos, a André Rebouças e a Alfredo de Escragnolle Taunay, elevemos em nossos corações um hino de

louvor e de reconhecimento, neste augusto cenáculo do Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo, que é um dos mais fiéis zeladores das tradições nacionais e do culto ardente aos grandes homens do Brasil; um templo austero de saber, justiça e patriotismo; um possante fanal a derramar ondas de luz cintilante e de energias perenes, na noite densa e gélida do esquecimento e do indiferentismo das multidões!" Ao terminar a sua oração, o sr. dr. Alberto J. Robbe foi muito aplaudido. Oportunamente será anunciada a terceira conferencia da serie com que o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo se associou à comemoração do centenario de Carlos Gomes, e para cujo desempenho convidou o sr. dr. Alberto J. Robbe, E, para constar, foi lavrada a presente ata por mim, Nicolau Duarte Silva, segundo secretario, subscripta.

(aa.) Afonso José de Carvalho.  
Plinio Airosa.  
N. Duarte Silva.

14a. SESSÃO REGIMENTAL, EM 5 DE SETEMBRO DE 1936 — *Presidencia do dr. Afonso José de Carvalho* — 1.º Secretario: sr. Nicolau Duarte Silva — 2.º Secretario: dr. Domingos Laurito. — Com a presença dos socios srs. drs. Afonso José de Carvalho, Nicolau Duarte Silva, Leoncio do Amaral Gurgel, Antonio Paulino de Almeida, capitão Amílcar Salgado dos Santos, Carlos da Silveira e Domingos Laurito, realizou o Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo, no dia 5 de setembro de 1936, às 21 horas, em sua sede social, à rua Benjamin Constant n.º 40, a décima-quarta sessão regimental do corrente ano. Na ausencia do sr. dr. José Torres de Oliveira, presidente perpetuo do Instituto, que faltou por motivo de força maior, assumiu a presidencia dos trabalhos o vice-presidente sr. dr. Afonso José de Carvalho, servindo de primeiro o segundo secretario sr. Nicolau Duarte Silva, e de segundo o socio efetivo sr. dr. Domingos Laurito. Lida e aprovada a ata da reunião anterior, passou-se ao expediente, que constou de cartas dos srs. drs. Rubens Borba Alves de Moraes e Mario de Andrade, agradecendo a comunicação de haverem sido eleitos socios do Instituto; e de um telegrama do professor Bueno de Azevedo Filho, comunicando haver desempenhado a missão de que havia sido incumbido junto ao Paço Municipal de Tambaú, no ato da inauguração do retrato do dr. Alfredo Guedes. Foram acusadas as seguintes ofertas, destinadas às secções de Arquivo e Museu e Biblioteca e Mapoteca do Instituto: uma valiosa tampa de urna funeraria dos nossos indigenas, oferta do dr. Guilherme Guinle por intermedio do socio sr. dr. Álvaro de Sales Oliveira; um exemplar de cada uma das moedas de \$500, 1\$000 e 2\$000 da cunhagem de 1936 do Brasil, oferta do socio efetivo sr. dr. Álvaro de Sales Oliveira; "Correio Brasileiro", de setembro, novembro e dezembro de 1822 e "O Bom Senso", de janeiro, março, abril e junho de 1823, oferta do socio sr. dr. Américo Brasileiro; "Ensaio Quinhentistas — Estudos Históricos", de L. Amaral Gurgel, remessa desse socio; "Informe Anual de la Subsección de Historia Antigua de América — Institución Carnegie de Washington"; nos. 1 e 2 do volume XI do "Boletim" e vol. XXXVI dos "Arquivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro"; vol. XXV da "Revista do Arquivo

Municipal de S. Paulo" e n.º 8, de agosto de 1936, de "Berliner Monatshefte". Na primeira parte da ordem-do-dia, o socio efetivo sr. Nicolau Duarte Silva, diretor da secção de Arquivo e Museu do Instituto, encarece o valor da doação feita pelo sr. dr. Guilherme Guinle, acentuando que as tampas de urnas funerarias geralmente são encontradas partidas ou são partidas no momento de serem encontradas, durante as excavações, e daí o valor do exemplar oferecido ao Instituto, que se acha em bom estado de conservação. O sr. Duarte Silva tambem se refere à atenção que o caso mereceu da parte do socio efetivo sr. dr. Alvaro de Sales Oliveira, que não só promoveu essa valiosa aquisição, sinão tambem teve a gentileza de ser o portador da peça, do Rio de Janeiro, onde a mesma se encontrava, para esta Capital. O vice-presidente em exercicio encaminha as propostas de novos socios, que se encontravam sobre a mesa, pondo em discussão e votação as que tinham pareceres favoraveis das respectivas comissões, de que resultou serem eleitos socios do Instituto, na classe dos efetivos, os srs. Haroldo Renato Áscoli, por seis votos contra um; professor José de Oliveira Orlandi, Hermes Pio Vieira, dr. Armando Franco Soares Caiubi e professor Alcindo Muniz de Sousa, por unanimidade de votos. Nada mais havendo a tratar, foram suspensos os trabalhos, às 22 horas, sendo marcada nova reunião para o dia 21 de setembro, às 21 horas. E, para constar, foi lavrada a presente ata por mim, Nicolau Duarte Silva, segundo secretario, subscripta.

(aa.) Afonso José de Carvalho.  
Plínio Airosa.  
N. Duarte Silva.

15a. SESSÃO REGIMENTAL, EM 21 DE SETEMBRO DE 1936 — *Presidencia do dr. Afonso José de Carvalho* — 1.º Secretario: dr. Plínio Airosa — 2.º Secretario: sr. Nicolau Duarte Silva. — Com a presença dos socios srs. drs. Afonso José de Carvalho, Plínio Airosa, Carlos da Silveira, Domingos Laurito, capitão Amílcar Salgado dos Santos, João Toledo, Antonio Paulino de Almeida, José de Paula Leite de Barros, Geraldo Rúffolo, Paulo Duarte, Nicolau Duarte Silva e Afonso de E. Taunay, realizou o Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo, no dia 21 de setembro de 1936, às 21 horas, em sua sede social, à rua Benjamin Constant n.º 40, a décima-quinta sessão regimental do corrente ano. Justificando a ausencia do sr. dr. José Torres de Oliveira, presidente perpetuo do Instituto, assumiu a presidencia dos trabalhos o vice-presidente sr. dr. Afonso José de Carvalho, que se achava ladeado dos primeiro e segundo secretarios, respectivamente, srs. dr. Plínio Airosa e Nicolau Duarte Silva. Lida e aprovada a ata da reunião anterior, assim como da extraordinaria de 1.º de setembro, dedicada à memoria de Carlos Gomes — sobre aquela falou o sr. dr. Plínio Airosa, para esclarecer que as opiniões divergem acerca da denominação de tampas de urnas funerarias, dada à peça que recobre tais urnas, parecendo antes tratar-se de um objeto destinado a outros fins. O expediente constou de um telegrama do sr. dr. Clovis Ribeiro, agradecendo a comunicação de haver sido eleito socio do Instituto. Foram acusadas as seguintes ofertas, destinadas às secções de Arquivo e Museu e Biblioteca e Mapoteca do Instituto: cartas autógrafas de Jorge Tibiriçá, Paula Sousa, B. A. Ga-

vião Peixoto, Rodrigo Augusto da Silva e Francisco Glicerio (deste último, onze), nove fotografias sobre assuntos ferroviários, dois volumes do trabalho "Notas genealógicas da família Paula Leite (ramo localizado em Itú)", "Homenagem da Companhia Paulista de Estradas de Ferro ao seu fundador conselheiro Joaquim Saldanha Marinho", "Produção e consumo de café no mundo", de Joaquim Franco de Lacerda, relatórios ns. 85 e 86 da Companhia Paulista de Estradas-de-Ferro, relatório da Câmara Municipal de Araras, referente ao ano de 1912, e "Opiniões notáveis sobre a União Cooperativa Humanitaria do Brasil", oferta do socio sr. dr. José de Paula Leite de Barros; "El processo de Bouchard, de Teodoró Caillet Bois, remessa do Instituto de Investigaciones Históricas, de Buenos Aires; "Estudos Socio-Criminais", de Eduardo Santos Maia; boletim da "Sociedade de Geografia de Lisboa", de maio a dezembro de 1934 e de janeiro a junho de 1935; nos. 27, 28 e 29 de "Narodna Starina"; seis volumes de publicações da "Indiana University Studies", de nos. 101 a 107 inclusive; e vol. XXVI da "Revista do Arquivo Municipal", de S. Paulo. Afim de não retardar a realização da anunciada conferência do sr. dr. Alberto J. Robbe, e visto a primeira parte da ordem-do-dia ter de ser ocupada com assuntos de caracter reservado, foi deliberado inverter a ordem dos trabalhos, passando-se desde logo à conferencia sobre Carlos Gomes, ficando os demais assuntos para o fim da reunião. O orador estuda o reinício da luta do artista, por haver cessado a pensão obtida do Parlamento brasileiro; o profundo abatimento de Carlos Gomes pela morte do filhinho Mario; as homenagens prestadas ao maestro na Baía, em 1879, a primeira representação do "Guarani" na capital baiana, a récita de beneficio, dada por iniciativa do presidente da provincia, dr. Antonio A. Aragão Bulcão, e cujo produto constituiu um auxilio oportuno ao infeliz compositor. Conta episodios interessantes da viagem de Carlos Gomes ao Brasil, em 1880, e de sua estada na Baía, no Rio de Janeiro e em S. Paulo. Lê os reparos da imprensa à falta de entusiasmo do público paulistano, por ocasião do beneficio do maestro, assinalando que a admoestação produziu efeito, pois, na primeira representação da "Fosca", as aclamações foram tais que o maestro dissera ter sentido "o desejo de fotografar aquella noite, para ele de grande valia, porque era a sincera consagração do seu mais acurado trabalho ante o parecer de sua provincia". Passa a tratar das adversidades que novamente assaltaram o imortal maestro, após o regresso a Italia, e do longo periodo de lutas e sofrimentos que teve de passar, até levar à cena, no Brasil, a sua ópera nacional "Lo Schiavo". Depois de historiar as dificuldades para a encenação da ópera, o conferencista descreve as representações na Corte e nesta capital. Conta, incidentemente, a visita de Carlos Gomes à Faculdade de Direito de S. Paulo, para assistir à formatura do dr. Otavio Mendes, seu parente, e lê as seguintes quadrinhas, publicadas na secção "Pipocas" da "Provincia de S. Paulo" (hoje "O Estado de S. Paulo"), como crítica a outro jornal, que por engano affirmara ser o dr. Otavio Mendes neto de Carlos Gomes:

"O Mendes, já doutor feito,  
Viu ontem, com desconforto,  
Que a formatura em direito  
Grangeou-lhe um avó-torto!

Quanto ao maestro, esse achou  
A historia muito embrulhada;

Não lhe faltava mais nada:  
Ter netos — sem ser avô!

Referindo-se aos académicos que conheceram a Carlos Gomes naquele ano de 1889, o orador, prestando homenagem ao presidente perpetuo do Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo, sr. dr. José Torres de Oliveira, lê a dedicatória, reproduzida fotograficamente, de um retrato enviado pelo maestro, meses depois: "Ao muito simpático animador da arte brasileira, Dr. J. C. D. Torres de Oliveira — Lembrança do artista e patricio A. Carlos Gomes — Milano, 8-2-90". Descreve em seguida a imensa dor causada ao maestro pela queda da monarchia e pelo banimento da familia imperial; a situação precaria a que se viu reduzido; os esforços inuteis de alguns amigos para lhe obterem uma pensão do governo provisório; a nobre recusa da quantia de 20 contos, oferecida por este, para a composição do hino da República; o triumpho alcançado em Milão e no Rio, com a ópera "Côndor", em 1891; a execução do "Colombo", em 1892; a nomeação de Carlos Gomes para membro da comissão brasileira na Exposição de Chicago e o estranho papel representado então pelo governo do Brasil; os padecimentos físicos e morais do grande compositor; as suas tentativas para voltar definitivamente ao Brasil; a sua nomeação, pelo dr. Lauro Sodré, para o cargo de director do Conservatorio do Pará; a elaboração da lei paulista que concedeu um auxilio tardio ao maestro; e, finalmente, a agonia e a morte deste, em Belem, a 16 de setembro de 1896. Ao terminar a sua conferencia, declara o sr. dr. Alberto J. Robbe não ter ainda concluído a tarefa que lhe confiou o Instituto Histórico, ao qual não sabe como exprimir os seus agradecimentos. Resta-lhe estudar mais de perto a personalidade singular do genial compositor, ou seja, traçar o perfil do "homem" e examinar a obra do "artista". É o que tentará fazer nas suas últimas conferencias: "Retrato moral de Carlos Gomes" e "A música de Carlos Gomes". O orador foi muito aplaudido, tendo o sr. vice-presidente em exercicio agradecido em nome do Instituto ao sr. dr. Alberto J. Robbe os agradaveis momentos que proporcionou à assistencia. Seguiu-se a primeira parte dos trabalhos, que havia sido adiada, sendo pelo sr. dr. Afonso José de Carvalho encaminhadas as propostas de novos socios, que se encontravam sobre a mesa, pondo em discussão e votação as que tinham pareceres das respectivas comissões técnicas, do que resultou serem eleitos, para a classe dos efetivos, os srs. dr. Antonio Batista Pereira, por oito votos contra três; dr. Carlos Cirilo Junior, por dez votos contra um; dr. Fernando de Azevedo, por nove votos contra dois; tenente-coronel Salvador de Moya, por nove votos contra dois; dr. Omar Simões Magro, por oito votos contra dois; e por oito votos contra dois, na classe dos correspondentes, o sr. professor Celso Ferraz de Camargo. Depois de proclamar os novos socios, o sr. vice-presidente em exercicio suspendeu os trabalhos, às 24 horas, marcando nova reunião para o dia 5 de outubro, às 21 horas. E, para constar, foi lavrada a presente ata por mim, Nicolau Duarte Silva, segundo secretario, conferida.

(aa.) Afonso José de Carvalho.  
Plinio Airosa.  
N. Duarte Silva.



16a. SESSÃO REGIMENTAL, EM 5 DE OUTUBRO DE 1936 — *Presidência do dr. Afonso José de Carvalho* — 1.º Secretario: dr. Plínio Airoso — 2.º Secretario: sr. Nicolau Duarte Silva. — Com a presença dos socios srs. drs. Afonso José de Carvalho, capitão Amílcar Salgado dos Santos, Paulo Duarte, Carlos da Silveira, Domingos Laurito, Antonio Paulino de Almeida, Nicolau Duarte Silva, Plínio Airoso, Julio de Mesquita Filho e Raul de Frias Sá Pinto, realizou o Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo, no dia 5 de outubro de 1936, às 21 horas, em sua sede social, à rua Benjamin Constant n.º 40, a décima-sexta sessão regimental do corrente ano. Justificando a ausencia do sr. dr. José Torres de Oliveira, presidente perpetuo do Instituto, assumiu a presidencia dos trabalhos o vice-presidente sr. dr. Afonso José de Carvalho, que se achava ladeado dos primeiro e segundo secretarios, respectivamente, srs. dr. Plínio Airoso e Nicolau Duarte Silva. Achando-se na ante-sala os novos socios srs. drs. Rubens Borba de Moraes, Mario de Andrade, Antonio Batista Pereira, Fernando de Azevedo e Hermes Vieira, o sr. vice-presidente em exercicio nomeia uma comissão composta dos socios srs. drs. Domingos Laurito e Carlos da Silveira para introduzi-los no recinto, designando o socio sr. dr. Paulo Duarte para saudá-los. Os recipiendarios tomaram posse das cadeiras, para que haviam sido eleitos, sob uma salva de palmas, tendo o sr. dr. Paulo Duarte dirigido uma saudação aos mesmos, em que, acentuando a atividade que haviam demonstrado lá fora, justificar a alegria com que o Instituto os recebia em seu seio. Lida e aprovada a ata da reunião anterior, passou-se ao expediente que constou do seguinte: carta do sr. dr. Antonio de Almeida Prado, agradecendo a comunicação de haver sido eleito socio do Instituto; officio da secretaria do Clube Piratininga, de S. Paulo, comunicando a posse da nova diretoria; e carta do enviado extraordinario e ministro plenipotenciario do Brasil na Bolivia, annunciando haver indicado o nome do Instituto para manter intercambio com a Sociedade Geográfica de La Paz. Foram acusadas as seguintes ofertas: "Travaux de L'Association Internationale de Géodésie", tomo II, fascículo 3; "Historia de Entre Rios — Época Colonial (1520-1810)", tomo I, por Cesar B. Peres Colman; "La dérivation de la verticale au Japon", por K. Atumi; ns. 7, 8, 9 e 10, de 1936, dos "Arquivos de Angola"; n.º 4 de "Geografia", publicação da Associação dos Geógrafos Brasileiros, de S. Paulo; tomo sétimo dos "Anais do Museu Paulista"; "Marília", de Baltasar de Godói Moreira e Alcides Lages de Magalhães, remessa dos autores; n.º 5, do Inverno de 1936, de "Rodriguesia"; vol. XI do "Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra"; "Relatorio do Ministerio das Relações Exteriores do Brasil", de 1932, em três volumes; "Revista do Arquivo Municipal", de S. Paulo, n.º XXIV-bis — índice dos vinte e quatro primeiros volumes; "Divisão Judiciaria e Administrativa do Estado de S. Paulo", de 1935, remessa da Repartição de Estatística e Arquivo do Estado; primeiro número dos "Arquivos de Higiene e Saude Pública", de S. Paulo; n.º 2 de "Rationalia"; e n.º 9, de setembro de 1936, de "Berliner Monatshefte". Como foi estabelecido para a sessão anterior, inverteu-se a ordem dos trabalhos, dando-se inicio à segunda parte, para a qual estava inscrito, a convite da diretoria, o sr. dr. Alberto J. Robbe, para prosseguir nas suas interessantes conferencias comemorativas do centenario do nascimento de Carlos Gomes. Discorrendo sobre o tema: "Retrato moral de Carlos Gomes", o orador

começa evocando a figura imponente e simpática do maestro, em que se refletiam as suas belas qualidades intelectuais e morais. Lembra o qualificativo que lhe davam os italianos, "testa di leone", e a pergunta do compositor e pianista Rubinstein, ao ver um retrato do grande artista brasileiro: "De qui est cette belle tête?" Assinala, entre outros dotes, a natureza simples de Carlos Gomes, a sua generosidade, seus nobres sentimentos, a sua extrema boa fé, que levava um de seus amigos a dizer que ele era uma "criança de cabelos brancos". Alude às distrações do maestro, às suas predileções gastronômicas, à sua paixão pela natureza, principalmente a do Brasil, ao seu altruísmo e à gratidão, jamais desmentida, pelos mínimos favores que recebia. Cita em apoio diversos fatos interessantes. Refere-se em seguida ao espírito de Carlos Gomes, às expressões pitorescas, aos ditos chistosos e às ironias leves que surgiam a cada passo, em sua conversa e na volumosa correspondência com os amigos e parentes. Conta numerosos episódios e anedotas, que provocam a hilaridade do auditorio. Um dos mais interessantes é o seguinte. Em 1895, achava-se Carlos Gomes no Pará, quando soube que o Ministério da Guerra da Itália exigia que André Gomes, o filho do maestro, se apresentasse para o serviço militar, embora o rapaz estivesse registado no consulado brasileiro. Com grande prejuizo e sacrificio, o pobre pai regressou imediatamente à Itália, tendo antes disso apelado para a intervenção de varios amigos, no sentido de livrar o moço "das garras do ministro". Depois de muito trabalho, Carlos Gomes teve ganho de causa, pela seguinte razão: quando Carlos André nascera, o pai ainda não completara o prazo legal de residencia na Itália. Fosse, porem, qual fosse a solução do caso, o maestro brasileiro já partira com o seu plano formado, conforme comunicara a Manuel Augusto Marques, em carta escrita da Baía, a 17 de agosto de 1895: "O bom projeto é o de colocar o meu rapaz na fronteira francesa, em Nice, por exemplo, até que seja liquidada a questão; *mas o Carlos Gomes Junior não bota a farda, nem que o ministro da Guerra chore macarrão!*" A seguir, o conferencista, recapitulando, em síntese, a vida do grande maestro, narra os sofrimentos morais que quasi sempre o acabrunharam, mesmo nas épocas de seus esplêndidos triunfos; as rivalidades e explorações de que foi vítima; as acusações injustas dos proprios conterraneos; a penuria em que passou a maior parte de sua existencia; a enfermidade cruel que lhe minou o organismo; o descaso da maioria dos seus patricios e dos poderes públicos; a aceitação do cargo de diretor do Conservatorio de Música de Belem, único meio de satisfazer o seu último desejo: morrer no Brasil. O orador assim termina: "Não faremos comentarios aos diversos matizes da maldade e da çegueira humana, que vitimaram o genial maestro paulista, nem ao esquecimento em que permaneceram quasi todas as suas composições, neste longo periodo de quarenta anos após a sua morte. Um dia, quasi desvairado pelos padecimentos de todo gênero, mas conservando viva a chama do patriotismo e a esperança na justiça da posteridade ele traçou estas linhas impressionantes, em carta ao velho e fiel amigo Alfredo de Taunay: "Viva o Brasil! Viva a Nação Brasileira! Mataram o homem, mas não hão de ter o gosto de fazer desaparecer as obras do artista!" Pois bem: queremos apenas formular um voto, em que resumimos toda a dor que nos causa o seu martirio e toda a nossa veneração pela memoria do glorioso patricio. Oxalá a Nação Brasileira possa dizer dentro em breve, e em toda conciencia: "Si a incom-

preensão do meio em que viveu Antonio Carlos Gomes o saturou de angustias e lhe abreviou a existencia, os brasileiros de hoje e principalmente os paulistas lhe salvaram a obra grandiosa que não perecerá jamais!" O orador foi muito aplaudido, tendo o sr. vice-presidente em exercicio agradecido em nome do Instituto ao sr. dr. Alberto J. Robbe os agradaveis momentos proporcionados à assistencia, em que se viam diversas senhoras e senhoritas. Passando-se à primeira parte dos trabalhos, é lida uma proposta assinada pelos socios srs. drs. Paulo Duarte, Plinio Airoso, Julio de Mesquita Filho, Fabio da Silva Prado, Antonio Paulino de Almeida, João Batista de Campos Aguirra, Rubens Borba de Moraes, Alfredo Elis Junior, Afonso José de Carvalho (este com a declaração: "sem entrar ainda no mérito de alguns dos motivos"), Bento A. Sampaio Vidal, Antonio Constantino, Alvaro de Sales Oliveira, capitão Amílcar Salgado dos Santos, Afonso de E. Taunay e Fernando de Azevedo, propondo uma reforma dos Estatutos. Posta em discussão, a proposta suscitou animados debates, tendo o socio sr. Nicolau Duarte Silva declarado que, em vista da importancia do assunto e em face dos preceitos estatutarios, achava que o caso devia antes ser amplamente noticiado, afim de que todos os interessados pudessem tomar parte nos debates. Os socios srs. drs. Paulo Duarte e Fernando de Azevedo criticaram alguns artigos dos Estatutos em vigor, tais como o da classificação dos socios, colaboração para a *Revista* e frequencia às secções de Arquivo e Museu e Biblioteca e Mapoteca do Instituto, sobre os quais falou o sr. Nicolau Duarte Silva, esclarecendo passagens julgadas prejudiciais ao desenvolvimento da instituição. Posta a votos, a sugestão foi aprovada por grande maioria, seguindo-se-lhe a apresentação de outra proposta, assinada pelos socios srs. drs. Paulo Duarte, Plinio Airoso, Rubens Borba de Moraes, Antonio Paulino de Almeida e Fernando de Azevedo, requerendo que, "à vista da reforma dos estatutos, cujos trabalhos se acham em andamento e à vista do encerramento do ano social", etc., fosse convocada uma sessão extraordinaria. Tambem esse requerimento foi aprovado, tendo o sr. vice-presidente em exercicio indicado o dia 14 do corrente mês, às 21 horas, para tal reunião. Para elaborar o projeto de reforma dos Estatutos foi escolhida uma comissão composta dos socios srs. drs. Paulo Duarte, Afonso de E. Taunay e João Batista de Campos Aguirra. A seguir o sr. vice-presidente em exercicio encaminha as propostas de novos socios, que se encontravam sobre a mesa, pondo em discussão e votação as que tinham pareceres favoraveis das respectivas comissões técnicas, de que resultou serem eleitos socios assistentes do Instituto, por unanimidade de votos, os srs. drs. Luciano Gualberto, Mario Meireles Reis, J. Cardoso de Melo Neto e Martinho da Silva Prado. Tambem foi eleito socio, na classe dos efectivos, por treze votos contra um e uma abstenção, o sr. Paulo Ribeiro de Magalhães. Nada mais havendo a tratar, foram suspensos os trabalhos, às 24 horas, sendo marcada nova sessão regimental para o dia 20 de outubro, às 21 horas, sem prejuizo da extraordinaria, marcada para o dia 14, às mesmas horas. E, para constar, foi lavrada a presente ata por mim, N. Duarte Silva, segundo secretario, subscrita.

(aa.) José Torres de Oliveira.  
 Plinio Airoso.  
 N. Duarte Silva.

SESSÃO EXTRAORDINARIA, EM 14 DE OUTUBRO DE 1936  
 — *Presidencia do dr. José Torres de Oliveira* — 1.º Secretario: dr. Plinio Airoso — 2.º Secretario: sr. Nicolau Duarte Silva. — Com a presença dos socios srs. drs. José Torres de Oliveira, Paulo Duarte, Carlos da Silveira, Mario de Andrade, Plinio Airoso, Rubens Borba de Moraes, Sergio Milliet, Afonso José de Carvalho, Domingos Laurito, Teodoro Braga, João Toledo, Nicolau Duarte Silva, João Batista de Campos Aguirra, Geraldo Rúffolo, Marcelo Piza, Raul de Frias Sá Pinto, Batista Pereira, Afonso de E. Taunay e Herbert Baldus, realizou o Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo, às 21 horas do dia 14 de outubro de 1936, em sua sede social, à rua Benjamin Constant n.º 40, uma sessão extraordinaria para tratar da reforma dos seus estatutos. O ato foi presidido pelo sr. dr. José Torres de Oliveira, presidente perpetuo do Instituto, que se achava ladeado dos primeiro e segundo secretarios, respectivamente, srs. dr. Plinio Airoso e Nicolau Duarte Silva. O sr. presidente, depois de referir-se aos motivos que determinaram aquela convocação extraordinaria, dá a palavra ao socio sr. dr. Paulo Duarte, relator da comissão designada para preparar o projeto de reforma dos estatutos, que apresenta o trabalho por ele elaborado juntamente com os consocios srs. dr. Afonso de E. Taunay e João Batista de Campos Aguirra. A casa toma conhecimento do projeto, resolvendo que o mesmo ficasse sobre a mesa, para receber emendas e sugestões até o dia 19 do corrente mês, afim de voltar a ser examinado e eventualmente aprovado na reunião regimental do dia 20. Para facilidade dos trabalhos, o projeto em questão seria publicado pela imprensa, como de fato o foi, na íntegra, pelo "O Estado de S. Paulo", na sua edição de 15 do corrente mês. O socio efetivo sr. professor João Toledo sugere que o Instituto se interesse pela publicação de um trabalho, destinado a divulgar a nossa historia entre os estudantes do curso secundario. O projeto deu motivo a que falassem diversos socios, na sua maioria unânimes sobre a necessidade de tal publicação. Ficou entretanto resolvido que o assunto fosse melhor debatido na próxima reunião. Justificada a ausencia do socio sr. Dacio Pires Correia, por motivo de molestia, foram encerrados os trabalhos, às 22 horas e meia, sendo marcada nova reunião para o próximo dia 20 de outubro, às 21 horas. E, para constar, foi lavrada a presente ata por mim, N. Duarte Silva, segundo secretario, subscripta.

(aa.) José Torres de Oliveira.  
 Plinio Airoso.  
 N. Duarte Silva.

17.a SESSÃO REGIMENTAL, EM 20 DE OUTUBRO DE 1936.  
 — *Presidente do dr. José Torres de Oliveira* — 1.º Secretario: dr. Plinio Airoso — 2.º Secretario: sr. Nicolau Duarte Silva. — Com a presença dos socios srs. dr. José Torres de Oliveira, Afonso José de Carvalho, coronel Pedro Dias de Campos, Domingos Laurito, Enzo Silveira, Francisco Isoldi, Julio de Mesquita Filho, Rubens Borba de Moraes, Sergio Milliet, capitão Amílcar Salgado dos Santos, Raul de Frias Sá Pinto, Hermes Vieira, Paulo Duarte, João Batista de Campos Aguirra, Herbert Baldus, Afonso de E. Taunay, Geraldo Rúffolo, Nicolau Duarte Silva, Plinio Airoso, Frederico de Barros Brotero, Mario de Andrade.

Carlos da Silveira, Antonio Paulino de Almeida e Leonardo Pinto, realizou o Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo, no dia 20 de outubro de 1936, às 21 horas, em sua sede social, à rua Benjamin Constant n.º 40, a décima-sétima sessão regimental do corrente ano. O ato foi presidido pelo sr. dr. José Torres de Oliveira, presidente perpetuo do Instituto, que se achava ladeado dos primeiro e segundo secretarios, respectivamente, srs. dr. Plínio Airoso e Nicolau Duarte Silva. Achando-se na ante-sala os novos socios srs. dr. Omar Simões Magro, dr. Manuel Vitor de Azevedo e Paulo de Magalhães, o sr. presidente nomeia uma comissão composta dos srs. drs. Afonso José de Carvalho, Domingos Laurito e coronel Pedro Dias de Campos para introduzi-los no recinto, dando-lhes posse e saudando-os em nome do Instituto. Respondeu, agradecendo e prometendo a cooperação dos recipiendarios o sr. dr. Manuel Vitor de Azevedo. Lidas e aprovadas as atas das sessões de 5 e de 14 do corrente mês, passou-se ao expediente, que constou do seguinte: carta da diretoria do clube Piratininga, de S. Paulo, pedindo informações sobre cronologia paulista; cartas dos srs. drs. Manuel Vitor e Omar Simões Magro, agradecendo a comunicação de haverem sido eleitos socios do Instituto; e circular do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, solicitando a adesão do congênere de S. Paulo para o 2.º Congresso de Historia e Geografia Sul-Riograndense, a realizar-se de 19 a 24 de fevereiro de 1937, na cidade, do Rio Grande. Foram acusadas as seguintes ofertas: "An Historical Legend of the Zapotecs", de Paul Radin; "Aboriginal Population of Northwestern Mexico", de Kari Sauer; ns. 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13 e 14 da "Geological Series of Field Museum of Natural History", de Chicago; "Annual Report of the Director to the Board of Trustees for the year 1934" do referido Field Museum; vol. IV das "Anthropology, Memoirs", do referido Field Museum; "Fifth first Annual Report of the Bureau of American Ethnology" e "Fifth second", idem, da Smithsonian Institution, Washington; "Carnegie Endowment for International Peace-Year Book, 1934"; "Reminiscencias da Campanha de 1827", Carteira de notas de A. A. F. de Sewelok, tradução do general Bertoldo Klinger e remessa do mesmo; "Revista Militar Brasileira", de 25 de agosto de 1936, dedicada ao duque de Caxias; tomo XX da "Revista do Museu Paulista"; vol. XXVII da "Revista do Arquivo Municipal", de S. Paulo; "Historia do Direito Brasileiro", volume 1, época colonial, de Cesar Trípoli, remessa do autor; "Terra e povo do Ceará", de Silvio Julio, oferta do socio sr. dr. Plínio de Barros Monteiro; anuario de 1934-1935 da "Sociedade Brasileira de Direito Internacional"; e fascículo 1.º, XII volume, dos "Anais da Faculdade de Medicina da Universidade de S. Paulo". Foi justificado o não comparecimento dos socios efetivos srs. professores João Toledo e Dacio Pires Correia. Passando-se à primeira parte da reunião, o sr. presidente faz uma exposição sobre o projeto de reforma dos Estatutos, convidando a comissão encarregada de elaborá-lo, que ficou composta dos socios srs. drs. Afonso de E. Taunay, João Batista de Campos Aguirra e Paulo Duarte, de apresentar o seu trabalho. O socio sr. dr. Paulo Duarte, apresentou o relatório da comissão, sendo proposto que se pusesse em discussão o projeto, com exclusão das emendas, que seriam discutidas uma por uma. Aprovada pela assembléia a proposta e depois o projeto, iniciou-se a discussão das emendas, travando-se animados debates, em que tomaram parte os socios srs. Geraldo Rúffolo, Nicolau Duarte Silva, Plínio Airoso, Paulo Duarte e Rubens Borba de Moraes, sendo fi-

nalmente aprovados os novos Estatutos, transcritos ao pé da ata. Afim de elaborar o ante-projeto do regimento interno, foi escolhida a seguinte comissão: srs. José Torres de Oliveira, Afonso de E. Taunay, João Batista de Campos Aguirra, Batista Pereira, Rubens Borba de Moraes, Paulo Duarte e Plínio Airoso, que deverá apresentar o seu trabalho numa reunião que será convocada. O socio sr. dr. Afonso José de Carvalho propõe um voto de louvor à comissão elaboradora dos novos Estatutos, o qual é aprovado. Nada mais havendo a tratar, foram suspensos os trabalhos, às 24 horas, devendo o Instituto reunir-se no próximo dia 1.º de novembro, às 21 horas, em sessão magna, quando será feito o elogio histórico dos socios falecidos durante o ano, srs. Felix Pacheco, Antonio de Lacerda Franco e Junio Soares Caiubi. E, para constar, foi lavrada a presente ata por mim, N. Duarte Silva, segundo secretario, subscrita.

Novos Estatutos aprovados em 20 de outubro de 1936.

Art. 1.º — O Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo, com sede na Capital do Estado e nesta fundado em 1.º de novembro de 1894, tem por fim promover estudos e investigações e difundir cultura de historia, geografia e ciencias correlatas, especialmente de S. Paulo, e funcionará de acordo com as normas estabelecidas por estes estatutos e por seu regimento interno.

Art. 2.º — Sem prejuizo de outros meios para a consecução de seus fins, o Instituto: a) manterá e desenvolverá biblioteca, arquivo histórico e museu; b) patrocinará ou subsidiará investigações cujas finalidades coincidam com as suas; c) conferirá, quando ju'gar oportuno, premios a trabalhos especializados de reconhecido valor; d) editará, periodicamente, a sua revista e outras publicações especializadas; e) manterá correspondencia com entidades científicas e artísticas, empresas editoras, assim nacionais como estrangeiras, com elas permutando publicações e duplicatas.

Art. 3.º — Os membros do Instituto distribuem-se pelas seguintes categorias: Beneméritos, Honorarios, Deliberantes e Correspondentes. Parágrafo 1.º — São Membros Beneméritos os assim qualificados, em virtude de serviços notaveis prestados ao Instituto e por isso aceitos, mediante proposta fundamentada de, no mínimo, 20 membros deliberantes; Parágrafo 2.º — São membros honorarios os assim qualificados, em virtude de trabalho notavel sobre historia, geografia ou ciencias correlatas sobre São Paulo, e por isso aceitos mediante proposta fundamentada de, no mínimo, 20 membros deliberantes; Parágrafo 3.º — São membros deliberantes os sujeitos a jóia e mensalidade ou anuidade; Parágrafo 4.º — São membros correspondentes pessoas de projeção intelectual especializadas em estudos atinentes aos fins do Instituto, residentes fora do Estado de S. Paulo, aceitos mediante proposta fundamentada de, no mínimo, 10 membros deliberantes.

Art. 4.º — Os membros deliberantes serão admitidos mediante proposta de, pelo menos, cinco membros quites, da mesma categoria e na qual se declarem o nome por extenso do candidato, naturalidade, residencia, profissão e s'umula dos trabalhos que o recomendem. Parágrafo único — A proposta será sempre acompanhada de um trabalho, pelo menos, publicado ou não, sobre historia, geografia ou ciencias correlatas, principalmente de S. Paulo, requisito sem o qual, em caso algum, será encaminhada.

Art. 5.º — Os Beneméritos, Honorarios e Correspondentes não pa-

garão jóia nem mensalidade ou anuidade, os Deliberantes, as que forem estabelecidas pelo regimento interno.

Art. 6.º — Somente os membros Deliberantes poderão exercer cargos de administração e tomar parte nas deliberações do Instituto. Parágrafo 1.º — Os membros Beneméritos e Honorários, para gozarem das prerrogativas estabelecidas neste artigo, deverão ter satisfeito as exigências do parágrafo único do artigo 4.º. Parágrafo 2.º — Os atuais socios assistentes poderão passar à categoria de membros Deliberantes, uma vez satisfeitas as exigências do parágrafo único do art. 4.º, sem que, para tanto, fiquem obrigados a nova jóia.

Art. 7.º — Todos os membros do Instituto poderão assistir a qualquer de suas reuniões, ler trabalhos, apresentar teses, discuti-las, bem como usar dos respectivos títulos, declinando sempre a que categoria pertençam.

Art. 8.º — Os membros não responderão, direta ou subsidiariamente, por quaisquer compromissos do Instituto.

Art. 9.º — O membro que, pelo espaço de seis meses, sem motivo justificado, não tomar posse ou deixar de pagar suas contribuições, ficará automaticamente eliminado.

Art. 10.º — Os candidatos rejeitados ou eliminados só poderão ser propostos novamente um ano depois.

Art. 11.º — A administração do Instituto, exercida gratuitamente, competirá a uma diretoria, composta de um presidente, um vice-presidente, um secretario-geral, um 1.º secretario, um 2.º secretario e um tesoureiro.

Parágrafo 1.º — O mandato da diretoria será bienal, admitindo-se a reeleição. Parágrafo 2.º — As eleições serão realizadas na última sessão ordinária do ano em que terminar o mandato da diretoria em exercício e processada por escrutínio secreto e simples maioria de votos dos socios deliberantes a ela presente.

Art. 12.º — À diretoria compete cumprir e fazer cumprir as deliberações do Instituto: admitir, suspender e dispensar empregados, marcando-lhes vencimentos, atribuições e deveres; autorizar despesas e apresentar, anualmente, na sessão de abertura dos trabalhos, o relatório circunstanciado das atividades do Instituto e do seu movimento económico e financeiro do ano anterior, sugerindo medidas que julgar acertadas para o seu desenvolvimento e prosperidade.

Art. 13.º — Compete ao presidente dirigir os trabalhos do Instituto, representá-lo em juízo e nas suas relações com terceiros.

Art. 14.º — O vice-presidente substitue o presidente em suas faltas e impedimentos.

Art. 15.º — Ao secretario-geral compete superintender a todos os serviços administrativos e aos de expediente e correspondência.

Art. 16.º — Ao 1.º secretario compete encaminhar ao secretario geral, depois de devidamente despachado, todo o expediente das sessões, policiá-las e ter sob sua guarda e responsabilidade os arquivos administrativos do Instituto.

Art. 17.º — As funções do 2.º secretario serão discriminadas no regimento.

Art. 18.º — Incumbe ao tesoureiro a guarda e administração de bens e fundos sociais, de acordo com os outros membros da diretoria.

Art. 19.º — As sessões do Instituto serão ordinárias, extraordinárias e solenes. Parágrafo 1.º — As sessões ordinárias realizar-se-ão pelo pe-

lo menos uma vez por mês, mediante convocação do presidente e com a presença mínima de cinco membros deliberantes, quites, além dos componentes da mesa. Parágrafo 2.º — As sessões extraordinárias serão realizadas sempre que as convocar o presidente, ex-officio, ou mediante pedido de cinco membros deliberantes, quites. Parágrafo 3.º — As sessões solenes obedecerão ao que for disposto no regimento.

Art. 20.º — As deliberações do Instituto ou de sua diretoria serão tomadas por maioria de votos dos membros deliberantes ou diretores presentes.

Art. 21.º — Os fundos sociais serão provenientes de jóias, mensalidades, anuidades, donativos, aquisições, produto da venda da *Revista*, publicações e edições, e de subvenções e auxílios, podendo o Instituto aceitar legados ou doações, mesmo que por disposições testamentárias, cumprindo à diretoria promover os meios para entrar na posse dos mesmos.

Art. 22.º — Os fundos do Instituto serão aplicados exclusivamente em operações necessárias ou convenientes aos fins sociais, devendo os respectivos saldos ser recolhidos em estabelecimentos de crédito, sempre que excedam de quinhentos mil réis em dinheiro, fazendo-se qualquer retirada mediante cheque assinado pelo tesoureiro e pelo secretario-geral e visado pelo presidente.

Art. 23.º — O Instituto terá uma comissão técnica, eleita juntamente com a diretoria, e constituída de cinco membros deliberantes, no gozo de seus direitos sociais, tanto quanto possível especializados em história, geografia ou ciencias correlatas e contabilidade, competindo-lhe emitir parecer fundamentado sobre os trabalhos a que se referem o art. 3.º e parágrafo único do art. 4.º, e sobre o relatório anual da diretoria (art. 12.º).

Art. 24.º — No caso de extinção do Instituto, liquidado o passivo, reverterá o seu patrimonio liquido em beneficio do Museu Paulista.

Art. 25.º — A reforma dos presentes estatutos só poderá ser feita por proposta assinada por trinta membros deliberantes, quites, e aprovada por dois terços, no mínimo, dos membros dessa categoria, presentes às sessões extraordinárias em que for discutida.

Art. 26.º — As presentes disposições se completarão pelas do Regimento Interno e os casos omissos serão resolvidos pela assembléa.

Art. 27.º — O Regimento interno será elaborado, dentro de 30 dias, por uma comissão escolhida na sessão em que forem aprovados os presentes estatutos, devendo ser discutido e aprovado pela assembléa.

Art. 28.º — Os atuais socios efetivos passam a denominar-se deliberantes.

Art. 29.º — Ficam mantidos os direitos até hoje outorgados aos diversos membros do Instituto, inclusive assistentes, cuja classe ora se extingue.

Art. 30.º — Fica mantido o título de presidente perpetuo ao atual presidente do Instituto.

Art. 31.º — Fica prorrogado o mandato da atual diretoria até à primeira assembléa, que deverá realizar-se dentro de dez dias depois de aprovado o regimento interno. Nessa assembléa, especialmente convocada, será eleita a nova diretoria.

Art. 32.º — Estes estatutos entrarão em vigor na data de sua aprovação, revogadas as disposições em contrario.

Antes de encerrar os trabalhos, de acordo com o art. 27.º dos novos estatutos, foi nomeada a seguinte comissão, para estudar o regimento interno: drs. Torres de Oliveira, Afonso de Taunay, Plinio Airoso, Antonio



Batista Pereira, Rubens Borba de Moraes, J. B. de Campos Aguirra e Paulo Duarte.

Uma vez elaborado o ante-projeto do regimento interno, a comissão solicitará ao presidente do Instituto seja convocada uma sessão extraordinária para a sua apresentação.

(aa.) José Torres de Oliveira.  
Plínio Airoso.  
N. Duarte Silva.

SESSÃO MAGNA EM 1.º DE NOVEMBRO DE 1936 — *Presidência do dr. José Torres de Oliveira* — 1.º Secretário: sr. Nicolau Duarte Silva — 2.º Secretário: sr. Geraldo Rúffolo. — Com a presença dos membros srs. drs. José Torres de Oliveira, Edmundo Krug, Carlos da Silveira, José Carlos de Ataliba Nogueira, Antonio Paulino de Almeida, Geraldo Rúffolo, Nicolau Duarte Silva, Domingos Laurito, João Batista de Campos Aguirra e Plínio de Barros de Barros Monteiro, realizou o Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo, às 21 horas do dia 1.º de novembro de 1936, em sua sede social, à rua Benjamin Constant n.º 40, a sessão magna comemorativa do 42.º aniversário da sua fundação, destinada ao elogio histórico dos membros falecidos durante o ano social. O ato foi presidido pelo sr. dr. José Torres de Oliveira, presidente perpetuo do Instituto, servindo de primeiro o segundo secretario sr. Nicolau Duarte Silva, e de segundo o membro deliberante sr. Geraldo Rúffolo. Depois de expor os motivos da reunião, feita por sugestão e a pedido de antigos membros, visto como os novos Estatutos não cogitam desta solenidade, o sr. presidente declara que, por motivos de força maior, a casa não poderia ouvir, como nos anos anteriores, a palavra brilhante do orador oficial sr. dr. José Soares de Melo. Convidava entretanto outro brilhante orador, o sr. dr. José Carlos de Ataliba Nogueira, para se desempenhar da tarefa. O membro deliberante sr. dr. Ataliba Nogueira inicia a sua oração com um estudo sobre o culto dos mortos, na historia e antes da historia, já sob o aspecto material, já sob o aspecto espiritual. Após uma serie de interessantes considerações sobre os costumes dos homens primitivos em face dos hábitos dos indígenas do Novo Mundo, mostra a conveniencia do culto aos antepassados, como uma necessidade para a nossa existencia, que se prende aos mesmos pelas tradições, pelos exemplos, etc. Passa depois a estudar a figura do dr. Junio Soares Caiubi, falecido em Campinas, em setembro deste ano. "Filho de importante familia paulista, foi notavel magistrado, aposentando-se, após longos anos de infatigavel trabalho, como juiz de direito de Rio Claro. De sua operosidade e dedicacão à ardua carreira que abraçou, dignificando a sua toga impoluta, ficaram numerosas sentenças verdadeiramente notaveis pelo elevado senso de justiça do seu prolator. Do valor de jurista, dá-nos prova, ainda, o excelente manual, cuja epigrafe tem o sabor classico das letras forenses: "Primeiras linhas do processo criminal". Pela primeira vez foram tratados então, em compendio doutrinario patrio, os institutos penais por esse tempo regulamentados: o livramento condicional e a condenação condicional." Depois de citar outras publicações do dr. Junio Soares Caiubi, entre as quais a "Resenha histórica de S. Pedro de Piracicaba", o orador diz: "No homenageado de hoje havia um traço de relevo, que é impossivel esquecer, neste momento: o zeloso e exemplar chefe de familia. Dentre os numerosos filhos, que honram a

memória paterna e são os continuadores de suas virtudes, salientamos as suas três filhas, que abraçaram três religiões diferentes. Essas três vocações religiosas representam uma bênção de Deus sobre o lar cristão, em que vicejaram as vocações. Três freiras, numa só família, nos dias de hoje, é bem o culto à tradição da família brasileira. O nosso pranteado socio correspondente foi digno dos seus antepassados e é merecedor da nossa estima, pelos dotes numerosos de coração, de inteligência e grandeza de alma." Trata a seguir, o orador, do coronel Antonio de Lacerda Franco, nascido no dia do Santo que lhe deu o nome, no meio do século passado, na cidade de Itatiba. "Filho dos barões de Araras, irmão da baronesa de Arará, irmão da mais tarde condessa de Álvares Penteado, esse vulto da política, da agricultura, da indústria, do comércio, dos transportes, mecenas das letras e das artes, que todos conhecemos e admiramos, pagou o seu tributo às idéias do século, convertendo-se em ardoroso republicano, um dos fundadores do Partido Republicano Paulista, em cujas hostes sempre se salientou, como político ativo, operoso, inteligente, tanto na propaganda como depois do 15 de novembro de 1889." Enumerando os seus serviços, o orador cita o seu papel na campanha abolicionista, na presidência da Comissão Diretora do P. R. P. até pouco antes de 1930, no Senado estadual, na imprensa, na Escola de Comercio Álvares Penteado, no Conservatorio Dramático e Musical, na Santa Casa de Misericórdia, na Companhia Paulista de Estradas de Ferro. Foi um precursor do cooperativismo no Brasil, falecendo aos 80 anos de uma vida que foi um modelo de operosidade. Finalmente, refere-se o sr. dr. Ataliba Nogueira à figura de José Felix Alves Pacheco, falecido aos 6 de dezembro de 1935, com 56 anos de idade. Discorrendo sobre a vida do saudoso diretor do "Jornal do Comercio" do Rio de Janeiro, o orador acentou que o mesmo teve uma vida intensa, era um nome nacional, e na atividade a que se dedicasse, logo galgava as culminancias. Foi diretor do Gabinete de Identificações e Estatística, durante 6 anos, tendo introduzido no país o sistema dactiloscópico de impressões digitais, conhecido pelo nome de Vuotich. Como político, foi deputado e senador, assim como ministro das Relações Exteriores do Brasil. Jornalista, após rápida passagem pelo "O Debate", entrou para o "Jornal do Comercio", galgando diversos postos, até o de diretor, onde a morte o foi colher. Foi ainda literato, historiador e bibliófilo, membro da Academia Brasileira de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, autor de numerosos trabalhos, entre os quais "O publicista da regencia Evaristo da Veiga e a "Aurora Fluminense", Periplo de Hannon" e "Duas charadas bibliográficas". A sua biblioteca, valiosa, teve a sorte de ser adquirida pela Prefeitura de S. Paulo, vindo assim enriquecer o nosso patrimonio cultural. Ao concluir a sua oração, o sr. dr. Ataliba Nogueira foi muito aplaudido, tendo o sr. presidente agradecido ao mesmo os agradáveis momentos que proporcionou aos presentes. Encerrando a reunião, às 22 horas e meia, o sr. dr. José Torres de Oliveira declarou que a mesma encerrava uma fase da vida do Instituto e fez votos para que a nova, caso não fosse mais brilhante, fosse pelo menos igual às anteriores. E, para constar, foi lavrada a presente ata por mim, N. Duarte Silva, segundo secretario, subscripta.

(aa.) José Torres de Oliveira.  
Plinio Airoso.  
N. Duarte Silva.

# ÍNDICE

	Págs.
BACHARÉIS DE 1889 — <i>Discursos comemorativos</i> . . . . .	5
UMA VIAGEM A GOIAZ EM 1867 — <i>Frederico de Barros Brotero</i> . . . . .	21
APONTAMENTOS HISTÓRICOS — <i>Hildebrando Siqueira</i> . . . . .	53
ENSAIO GENEALÓGICO — <i>Aureliano Leite</i> . . . . .	59
VEREADORES TIETEENSES — <i>Benedito Pires de Almeida</i> . . . . .	85
SILVA LEME É O POVOAMENTO DO BRASIL CENTRAL PELOS PAULISTAS — <i>Afonso de E. Taunay</i> . . . . .	145
ADDENDA À "GENEALOGIA PAULISTANA" DE SILVA LEME — <i>Idem</i> . . . . .	167
UM CASO DE IMPROBIDADE CIENTÍFICA — <i>Idem</i> . . . . .	181
INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SÃO PAULO	
Relatório do ano social de 1939 . . . . .	205
Cadastro social . . . . .	211
Atas das sessões realizadas no período de Janeiro de 1934 a Novembro de 1936 . . . . .	217